

BRASILIANA

5.ª SÉRIE DA

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

Sob a direção de Fernando de Azevedo

VOLUMES PUBLICADOS :

ANTROPOLOGIA E DEMOGRAFIA

- 4 — OLIVEIRA VIANA: **Raça e Assimilação** — 3.ª edição aumentada.
8 — OLIVEIRA VIANA: **Populações Meridionais do Brasil** — 4.ª edição.
9 — NINA RODRIGUES: **Os Africanos no Brasil** — (Revisão e prefácio de Homero Pires). Profusamente ilustrado - 2.ª edição.
22 — E. ROQUETTE-PINTO: **Ensaio de Antropologia Brasileira**.
27 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: **Populações Paulistas**.
59 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: **Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano**.

ARQUEOLOGIA E PREHISTÓRIA

- 34 — ANGIONE COSTA: **Introdução à Arqueologia Brasileira** — Ed. ilustrada 2.ª edição.
137 — ANÍBAL MATOS: **Prehistória Brasileira** — Vários Estudos — Edição ilustrada.
148 — ANÍBAL MATOS: **Peter Wilhelm Lund no Brasil** — Problemas de Paleontologia Brasileira. Edição ilustrada.

BIOGRAFIA

- 2 — PANDIÁ CALÓGERAS: **O Marquês de Barbacena** — 2.ª edição.
11 — LUIS DA CÂMARA CASCUDO: **O Conde d'Eu** — Vol. ilustrado.
107 — LUIS DA CÂMARA CASCUDO: **O Marquês de Olinda e seu tempo (1793-1870)** — Ed. ilustrada.
18 — VISCONDE DE TAUNAY: **Pedro II** — 2.ª edição.
20 — ALBERTO DE FARIA: **Mauá** (com tres ilustrações fóra do texto).
54 — ANTÔNIO GONTIJO DE CARVALHO: **Calógeras**.

65 — JOÃO DORNAS FILHO: **Silva Jardim**.

73 — LÚCIA MIGUEL-PEREIRA: **Machado de Assis** — (Estudo Crítico-Biográfico) — Ed. ilustrada.

79 — CRAVEIRO COSTA: **O Visconde de Sinimbuú** — Sua vida e sua atuação na política nacional — 1840-1889.

81 — LEMOS BRITO: **A Gloriosa Sotaina do Primeiro Império** — Frei Caneca — Ed. ilustrada.

85 — WANDERLEY PINHO: **Cotegipe e seu Tempo** — Ed. ilustrada.

88 — HELIO LOBO: **Um Varão da República**: Fernando Lobo.

114 — CARLOS SÜSEKIND DE MENDONÇA: **Silvio Romero** — Sua Formação Intelectual — 1851-1880 — Com uma introdução bibliográfica — Ed. ilustrada.

119 — SUD MENUCCI: **O Precursor do Abolicionismo**: Lutz Gama — Ed. ilustrada.

120 — PEDRO CALMON: **O Rei Filósofo** — Vida de D. Pedro II — Ed. ilustrada 2.ª edição.

133 — HEITOR LIRA: **História de Dom Pedro II** — 1825-1891. 1.º Vol.: "Ascensão" — 1825-1870 — Ed. ilustrada.

133-A — HEITOR LYRA: **História de Dom Pedro II** — 1825-1891. 2.º Volume: "Fastígio"; 1870-1880 — Ed. ilustrada.

135 — ALBERTO PIZARRO JACOBINA: **Dias Carneiro** (O Conservador) — Ed. il.

136 — CARLOS PONTES: **Tavares Bastos** (Aureliano Cândido) 1839-1875.

140 — HERMES LIMA: **Tobias Barreto** — A Época e o Homem — Ed. ilustrada.

143 — BRUNO DE ALMEIDA MACALHÃES: **O Visconde de Abaeté** — Ed. ilustrada.

144 — V. CORRÊA FILHO: **Alexandre Rodrigues Ferreira** — Vida e Obra do Grande Naturalista Brasileiro — Ed. il.

153 — MÁRIO MATOS: **Machado de Assis**. (O Homem e a Obra. Os personagens explicam o autor) — Ed. ilustrada.

83 — PEDRO CALMON: **História Social do Brasil** — 2.º Tomo — **Espírito da Sociedade Imperial** — Ed. ilustrada.

15 — PANDIÁ CALÓGERAS: **Da Regência à queda de Rozas** — 3.º volume (da série "Relações Exteriores do Brasil").

42 — PANDIÁ CALÓGERAS: **Formação Histórica do Brasil** — 3.ª edição (com 3 mapas fóra do texto).

23 — EVARISTO DE MORAIS: **A escravidão africana no Brasil**.

36 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: **O Bandeirismo Paulista e o Recife do Meridiano** — 2.ª edição.

37 — J. F. DE ALMEIDA PRADO: **Primeiros Povoadores do Brasil** — 2.ª Ed. ilustrada.

47 — MANOEL BOMFIM: **O Brasil** — Com uma nota explicativa de Carlos Maul.

48 — URBINO VIANA: **Bandeiras e sertanistas baianos**.

49 — GUSTAVO BARROSO: **História Militar do Brasil** — 2.ª Edição ilustrada com 50 gravuras e mapas.

76 — GUSTAVO BARROSO: **História Secreta do Brasil** — 1.ª parte: "Do descobrimento à abdicação de Pedro I" — Edição ilustrada — 3.ª edição.

64 — GILBERTO FREIRE: **Sobrados e Mucambos** — Decadências patriarcal e rural no Brasil — Edição ilustrada.

69 — PRADO MAIA: **Através da História Naval Brasileira**.

89 — CORONEL A. LOURIVAL DE MOURA: **As Forças Armadas e o Destino Histórico do Brasil**.

93 — SERAFIM LEITE: **Páginas da História do Brasil**.

94 — SALOMÃO DE VASCONCELOS: **O Fico** — Minas e os Mineiros da Independência — Edição ilustrada.

108 — PADRE ANTÔNIO VIEIRA: **Por Brasil e Portugal** — Sermões comentados por Pedro Calmon.

111 — WASHINGTON LUIZ: **Capitania de São Paulo** — Governo de Rodrigo Cesar de Menezes — 2.ª edição.

117 — GABRIEL SOARES DE SOUSA: **Tratado descritivo do Brasil em 1587** — Comentários de Francisco Adolfo de Varnhagen — 3.ª edição.

123 — HERMANN WATJEN: **O Domínio Colonial Holandês no Brasil** — Um Captulo da História Colonial do Século XVII — Tradução de Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.

124 — LUIZ NORTÓN: **A Corte de Portugal no Brasil** — Notas, documentos

diplomáticos e cartas da Imperatriz Leopoldina — Edição ilustrada.

125 — JOÃO DORNAS, FILHO: **O Padroado e a Igreja Brasileira**.

127 — ERNESTO ENNES: **As Guerras nos Palmares** (Subsídios para sua história) 1.º Vol. Domingos Jorge Velho e a "Tróia Negra" — Prefácio de Afonso de E. Taunay.

128 e 128-A — ALMIRANTE CUSTÓDIO JOSÉ DE MELO: **O Governo Provisório e a Revolução de 1893** — 1.º Volume, em 2 tomos.

132 — SEBASTIÃO PACANO: **O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817** — Edição ilustrada.

146 — AURELIO PIRES: **Homens e fatos do meu tempo**.

149 — ALFREDO VALLADÃO: **Da Admissão à Maioridade, 1822-1840** — 2.ª edição.

158 — WALTER SPALDING: **A Revolução Farrroupilha** (História popular do grande decênio) — 1835-1845 — Ed. il.

159 — CARLOS SEIDLER: **Historia das Guerras e Revoluções do Brasil de 1825-1835** — Trad. de Alfredo de Carvalho — Prefacio de Silvio Cravo.

MEDICINA E HIGIENE

29 — JOSUÉ DE CASTRO: **O problema da alimentação no Brasil** — Prefácio do prof. Pedro Escudero. 2.ª edição.

51 — OTÁVIO DE FREITAS: **Doenças Africanas no Brasil**.

129 — AFRÂNIO PEIXOTO: **Clima e Saúde** — Introdução bio-geográfica à Civilização Brasileira.

POLÍTICA

3 — ALCIDES GENTIL: **As idéias de Alberto Torres** (Síntese com índice remissivo) — 2.ª edição.

7 — BATISTA PEREIRA: **Diretrizes de Rui Barbosa** — (Segundo textos escolhidos) — 2.ª edição.

21 — BATISTA PEREIRA: **Pelo Brasil Maior**.

16 — ALBERTO TORRES: **O Problema Nacional Brasileiro**. 2.ª edição.

17 — ALBERTO TORRES: **A Organização Nacional**. 2.ª edição.

24 — PANDIÁ CALÓGERAS: **Problemas de Administração** — 2.ª edição.

67 — PANDIÁ CALÓGERAS: **Problemas de Governo** — 2.ª edição.

157 — OTAVIO TARQUINO DE SOUZA: **Evaristo da Veiga** — 1.º vol. da serie "Homens da Regencia".

BOTANICA E ZOOLOGIA

71 — F. C. HOEHNÉ: **Botânica e Agricultura no Brasil no Século XVI** — (Pesquisas e contribuições).

77 — C. DE MELO-LEITÃO: **Zoologia do Brasil** — Ed. ilustrada.

99 — C. DE MELO-LEITÃO: **A Biologia no Brasil.**

CARTAS

12 — WANDERLEY PINHO: **Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotejipe** — Ed. ilustrada.

38 — RUI BARBOSA: **Mocidade e Exílio** (Cartas ineditas. Prefaciadas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe) — Ed. ilustrada.

61 — CONDE D'EU: **Viagem Militar ao Rio Grande do Sul** (prefácio e 19 cartas do Príncipe d'Orléans comentadas por Max Fleiuss) — Edição ilustrada.

109 — GEORGES RAEDERS: **D. Pedro II e o Conde de Gobineau** (Correspondência inedita).

142 — FRANCISCO VENÂNCIO FILHO: **Euclides da Cunha e seus Amigos** — Ed. ilustrada.

DIREITO

110 — NINA RODRIGUES: **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil** — Com um estudo do Prof. Afrânio Peixoto.

ECONOMIA

90 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: **Evolução da Economia Paulista e suas causas** — Ed. ilustrada.

100 e 100-A — ROBERTO SIMONSEN: **História Econômica do Brasil** — Ed. ilustrada — em 2 tomos.

152 — J. F. NORMANO: **Evolução Econômica do Brasil** — Tradução de T. Quartim Barbosa, P. Peake Rodrigues e L. Brandão Teixeira.

155 — LEMOS BRITO: **Pontos de partida para a História Econômica do Brasil.**

160 — LUIZ AMARAL: **História Geral da Agricultura Brasileira** — Na triplice aspecto Politico-Social e Economico: 1.º volume.

162 — BERNARDINO JOSÉ DE SOUZA: **O Pau-Brasil na Historia Nacional** — Ed. Illustrada — com um Capitulo de Artur Neiva e Parecer de Oliveira Viana.

EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO

66 — PRIMITIVO MOACIR: **A Instrução e o Império** (Subsídios para a história da educação no Brasil) — 1.º volume — 1823-1853

87 — PRIMITIVO MOACIR: **A Instrução e o Império** — (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 2.º volume — Reformas do ensino — 1854-1888.

121 — PRIMITIVO MOACIR: **A Instrução e o Império** (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 3.º volume — 1854-1889.

147 — PRIMITIVO MOACIR: **A Instrução e as Províncias** (Subsídios para a História da Educação no Brasil) 1835-1889 — 1.º volume: Das Amazonas ás Alagoas.

147-A — PRIMITIVO MOACIR: **A Instrução e as Províncias** (Subsídios para a Historia da Educação no Brasil) 1835-1889. 2.º Volume: Sergipe, Baía, Rio de Janeiro e São Paulo.

98 — FERNANDO DE AZEVEDO: **A Educação Pública em São Paulo** — Problemas e discussões (Inquérito para "O Estado de S. Paulo" em 1926).

ENSAIOS

1 — BATISTA PERPIRA: **Figuras do Império e outros ensaios** — 2.ª edição.

6 — BATISTA PEREIRA: **Vultos e episódios do Brasil** — 2.ª edição.

26 — ALBERTO RANGEL: **Rumos e Perspectivas.**

41 — JOSÉ-MARIA BELO: **A intelligencia do Brasil** — 3.ª edição.

43 — A. SABOIA LIMA: **Alberto Torres e sua obra.**

56 — CHARLES EXPILLY: **Mulheres e Costumes do Brasil** — Tradução, prefácio e notas de Gastão Penalva.

70 — AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO: **Conceito de Civilização Brasileira.**

82 — C. DE MELO-LEITÃO: **O Brasil visto pelos Ingleses.**

105 — A. C. TAVARES BASTOS: **A Província** — 2.ª edição.

151 — A. C. TAVARES BASTOS: **Os Males do Presente e as Esperanças do Futuro** — (Estudos Brasileiros) — Prefácio e notas de Cassiano Tavares Bastos.

116 — ACENOR AUGUSTO DE MIRANDA: **Estudos Piauienses** — Ed. ilustrada.
150 — ROY NASH: **A Conquista do Brasil** — Tradução de Moacir N. Vasconcelos — Edição ilustrada.

ETNOLOGIA

- 39 — E. ROQUETTE-PINTO: **Rondônia** — 3.ª edição (aumentada e ilustrada).
44 — ESTEVÃO PINTO: **Os Indígenas do Nordeste** (com 15 gravuras e mapas) — 1.º Tomo.
112 — ESTEVÃO PINTO: **Os Indígenas do Nordeste** — 2.º Tomo (Organização e estrutura social dos indígenas do nordeste brasileiro) — Ed. ilustrada.
52 — GENERAL COUTO DE MAGALHÃES: **O Selvagem** — 3.ª edição completa, com parte original Tupi-guaraní.
60 — EMILIO RIVASSEAU: **A vida dos Índios Gualcurús** — Ed. ilustrada.
75 — AFONSO A. DE FREITAS: **Vocabulário Nheengatú** (vernaculizado pelo português falado em São Paulo) — Língua Tupi-guaraní (com 3 ilustrações fora do texto).
92 — ALMIRANTE ANTÔNIO ALVES CÂMARA: **Ensaio Sobre as Construções Navais Indígenas do Brasil** — 2.ª edição ilustrada.
101 — HERBERT BALDUS: **Ensaio de Etnologia Brasileira** — Prefácio de Afonso de E. Taunay — Ed. ilustrada.
139 — ANCIENE COSTA: **Migrações e Cultura Indígena** — Ensaio de arqueologia e etnologia do Brasil — Ed. ilustrada.
154 — CARLOS FR. PHILL VON MARTIUS: **Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros** (1844). Trad. Prefácio e notas de Pirajá da Silva — Ed. ilustrada.
163 — MAJOR LIMA FIGUEIREDO: **Índios do Brasil** — Prefácio do General Rondon. Ed. ilustrada.

FILOLOGIA

- 25 — MÁRIO MARROQUIM: **A língua do Nordeste**.
46 — RENATO MENDONÇA: **A Influência Africana no Português do Brasil** — Ed. ilustrada.

FOLCLORE

- 57 — FLAUSINO RODRIGUES VALE: **Elementos do Folclore Musical Brasileiro**.
103 — SOUSA CARNEIRO: **Mitos Africanos no Brasil** — Ed. ilustrada.

GEOGRAFIA

- 30 — CAP. FREDERICO A. RONDON: **Pelo Brasil Central** — Ed. ilustrada, 2.ª edição.
33 — J. DE SAMPAIO FERREZ: **Meteorologia Brasileira**.
35 — A. J. SAMPAIO: **Fitogeografia do Brasil** — Ed. ilustrada — 2.ª edição.
53 — A. J. DE SAMPAIO: **Biogeografia dinâmica** — Ed. ilustrada.
45 — BASÍLIO DE MAGALHÃES: **Expansão Geográfica do Brasil Colonial**.
63 — RAIMUNDO MORAIS: **Na Planície Amazônica** — 4.ª edição.
80 — OSVALDO R. CABRAL: **Santa Catarina** — Ed. ilustrada.
86 — AURÉLIO PINHEIRO: **A Margem do Amazonas** — Ed. ilustrada.
104 — ARAUJO LIMA: **Amazônia — A Terra e o Homem** — (Introdução à Antropogeografia).
106 — A. C. TAVARES BASTOS: **O Vale do Amazonas** — 2.ª edição.
91 — ORLANDO M. CARVALHO: **O Rio da União Nacional: O São Francisco** — Ed. ilustrada.
97 — LIMA FIGUEIREDO: **Oeste Paranaense** — Ed. ilustrada.
138 — GUSTAVO DODT: **Descrição dos Rios Parnaíba e Gurupí** — Prefácio e notas de Gustavo Barroso. Ed. il.

GEOLOGIA

- 102 — S. FRÓES ABREU: **A riqueza mineral do Brasil** — Ed. ilustrada.
134 — PANDIÁ CALÓGERAS: **Geologia Econômica do Brasil** — (As minas do Brasil e sua Legislação) — Tomo 3.º, Distribuição geográfica dos depósitos auríferos. Edição refundida e atualizada por Djalma Guimarães.

HISTÓRIA

- 10 — OLIVEIRA VIANA: **Evolução do Povo Brasileiro** — 3.ª edição (ilustrada).
13 — VICENTE LICÍNIO CARDOSO: **A margem da História do Brasil** — 2.ª edição.
14 — PEDRO CALMON: **História da Civilização Brasileira** — 3.ª edição.
40 — PEDRO CALMON: **História Social do Brasil** — 1.º Tomo — **Espírito da Sociedade Colonial** — 2.ª edição, ilustrada com 13 gravuras.

74 — PANDIÁ CALÓGERAS: **Estudos Históricos e Políticos** — (Res Nostra...) — 2.ª edição.

31 — AZEVEDO AMARAL: **O Brasil na crise atual.**

50 — MÁRIO TRAVASSOS: **Projeção Continental do Brasil** — Prefácio de Pandiá Calógeras — 3.ª edição ampliada.

55 — HILDEBRANDO ACCIOLY: **O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da América.**

131 — HILDEBRANDO ACCIOLY: **Limites do Brasil** — A fronteira com o Paraguai — Edição ilustrada com 8 mapas fora do texto.

84 — ORLANDO M. CARVALHO: **Problemas Fundamentais do Município** — Ed. ilustrada.

96 — OSÓRIO DA ROCHA DINIZ: **A Política que convém ao Brasil.**

115 — A. C. TAVARES BASTOS: **Cartas do Solitário** — 3.ª edição.

122 — FERNANDO SBOIA DE MEDEIROS: **A Liberdade de Navegação do Amazonas** — Relações entre o Império e os Estados Unidos da América.

141 — OLIVEIRA VIANA: **O Idealismo da Constituição** — 2.ª edição aumentada.

VIAGENS

5 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: **Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822)** — Trad. e pref. de Afonso de E. Taunay — 2.ª edição.

58 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: **Viagem à Província de Santa Catarina (1820)** — Tradução de Carlos da Costa Pereira

68 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: **Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás** — 1.º tomo — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.

78 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: **Viagem às nascentes do Rio São Fran-**

cisco e pela Província de Goiás — 2.º tomo — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.

72 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: **Segunda Viagem ao Interior do Brasil** — "Espírito Santo" — Trad. de Carlos Madeira.

126 e 126-A — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: **Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas-Gerais** — Em dois tomos — Edição ilustrada — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.

19 — AFONSO DE E. TAUNAY: **Visitantes do Brasil Colonial (Séc.XVI-XVIII)**, 2.ª edição.

28 — GENERAL COUTO DE MAGALHÃES: **Viagem ao Araguaia** — 4.ª edição.

32 — C. DE MELO-LEITÃO: **Visitantes do Primeiro Império** — Ed. ilustrada (com 19 figuras).

62 — AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA: **O Rio São Francisco** — Edição ilustrada.

95 — LUIZ AGASSIZ e ELIZABETH CARY AGASSIZ: **Viagem ao Brasil** — 1865-1866 — Trad. de Edgard Sússekind de Mendonça — Ed. ilustrada.

113 — GASTÃO CRULS: **A Amazônia que Eu Vi** — Obidos — Tumuc-Humac — Prefácio de Roquette Pinto — Ilustrado — 2.ª edição.

118 — VON SPIX e VON MARTIUS: **Através da Bafa** — Excertos de "Reise in Brasilien" — Tradução e notas de Pirajá da Silva e Paulo Wolf.

130 — MAJOR FREDERICO RONDON: **Na Rondônia Ocidental** — Ed. ilustrada.

145 — SILVEIRA NETO: **Do Guairá aos Saltos do Iguassú** — Ed. ilustrada.

156 — ALFRED RUSSEL WALLACE: **Viagens pelo Amazonas e Rio Negro** — Tradução de Orlando Torres e Prefácio de Basílio de Magalhães.

161 — REZENDE RUBIM: **Reservas de Brasilidade** — Ed. ilustrada.

ADVERTENCIA: Os numeros referem-se aos volumes por ordem cronologica de publicação.

Edições da
COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 118/140. — São Paulo

A
CONQUISTA DO BRASIL



Serie 5.ª

BRASILIANA
BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

Vol. 150

ROY NASH

A
CONQUISTA DO BRASIL

EDIÇÃO ILUSTRADA

★

Tradução de
MOACYR N. VASCONCELLOS

FAC. N. FILOSOFIA — BIBLIOTÉCA



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE — PORTO-ALGORE

1939

DO ORIGINAL NORTE-AMERICANO:
THE CONQUEST OF BRAZIL

★



Copyright de Harcourt, Brace & Company Inc. — 1926.
Nova York, Estados Unidos.
Direitos em língua Portuguesa, propriedade do Tradutor.

A

BERTHA LUTZ

GENTIL APOSTOLO DA CULTURA
BRASILEIRA E TRAÇO DE UNIÃO
ENTRE AS AMERICAS

SAUDAÇÃO

BRASIL — imenso, fantástico, verde, sêco e pardacento. Florestas onde o silencio é sepulcral. Uma campina florida, uma tropa que passa, uma viola que geme.... Cidades gárrulas onde o modernismo se expande; cidades que gritam pelos apitos das caldeiras. “Gaiolas” singrando rios vagarosos, imensos; álas de cafeeiros que se perdem no horizonte. Ouro no cascalho, ouro no cacauero, ouro na frondosa cópa do ipê. Por tudo um tom melancólico. E, depois, a marcha contínua de legiões de homens contra as fôrças hostís da natureza.

Quando Cabral tocou a fimbria das suas praias, em 1500, tudo éra mata virgem, cerrada: hoje, três quartos do Brasil são ainda sertão. Mas, no decorrer desses quatro seculos o homem deixou vestígios indeléveis da sua passagem pelas brenhas indomitas. A prôa audaz da sua canôa singrou rios até então desconhecidos. O seu corcel fozoso deixou rastos duradouros nas planicies sem limites. Os seus rebanhos, pastando, vieram dos Pampas do Sul até o Planalto Central. Na sua mão incansavel o ferro desbravador desenterrou de seu tumulo milenário, poeiras de ouro e brilhantes sem conta. O fogo, precursor

da agricultura, até hoje devora a fimbria das florestas. Ninguém pôde dizer onde a civilização acaba e o sertão começa. Quando a gente se aproxima e tenta delinear um limite, êle se esváe como miragem do deserto; mas, a velocidade com que o mato se afasta e o processo pelo qual o homem vai conquistando o sertão brasileiro não são difíceis de se avaliar.

E' esta a tarefa a que nos propômos: uma narrativa da influência que mutuamente se exercem a terra e o homem; extensão demasiada de território e população diminuta; as pégadas humanas sobre o chão e a impressão causada pela campina, pela montanha e pelo planalto sobre o homem que os habita. Não se trata de um livro de viagem comquanto, para a sua confecção tenhamos viajado através de todos os Estados da União Brasileira, com exceção de Piauí e Goiaz, tendo igualmente visitado Portugal para inquerir a antiga metropole da maior das repúblicas sul-americanas.

Nem pretendemos que *A Conquista do Brasil* seja de fidelidade fotográfica ou que tenhamos nêle exaurido o assunto; para que nos fosse possível apanhar na sua totalidade uma cena que ha quatro seculos se vem desenrolando no palco de um continente inteiro e depois reproduzi-la em sintese num restrito campo visual, foi-nos necessário observar essa cópia imensa de fatos históricos através de uma lente de redução tão poderosa que fizesse desaparecer os pormenores de importância secundária, deixando apenas à vista os fatos sociais que mais se destacam contra o fundo do quadro. Um esboço impressionista, é verdade, mas, baseado na melhor ciência do nosso tempo. Quando o maior imperio do pla-

neta declinava no seu ocaso de seculos, o Brasil herdava dos seus pais já decrépitos um dos melhores tratos de terra que o mundo possui; território ainda maior que o dos Estados Unidos. Como esse herdeiro administrou a sua herança? Desenvolveu-a? Amanhou e cultivou a terra? Ou teria preferido levar uma vida de dissídios e disputas? E os seus inquilinos, são eles felizes, vigorosos, instruidos e laboriosos? Ou os opprime o senhorio talvez até em seu próprio detrimento? Os senhores de terras e os homens que governam o país não passam de cinco milhões: o resto da população, a parte do povo que está em contato dirêto com o sólo, eleva-se a trinta e cinco. O nosso óculo de campanha está focalizado sobre o homem do campo. Estamos apenas interessado em conhecer a influência que a natureza exerceu sobre esse homem. Se nos referimos ao clima, às florestas e à conformação da terra, é porque esses elementos condicionam o desenvolvimento do homem. Com outras cousas não nos preocuparemos na composição deste trabalho. Não entraremos no campo das letras e nem no das indagações de belezas afim de deixarmos espaço suficiênte para o estudo de capítulos tais como o anquilostomo e o analfabetismo das massas. O mundo todo já conhece de sóbra esse povo interessante que habita a Guanabara: conhece bem o Rio — a cidade maravilhosa — São Paulo — o centro industrial. Quem lêr este livro aprenderá também alguma cousa sobre o homem que vive na choupana de barro; sobre o gaúcho que tange o gado no Rio Grande; sobre o matuto que abre a sua clareira à borda da floresta; sobre o sertanejo, produto das sêcas e da fome que lavram as áridas zonas

nordestinas e sobre o seringueiro que colhe a goma elastica nas vastas planícies alagadas do anfiteatro amazonico.

Se o astrónomo deseja determinar a róta de um cometa e o tempo gasto no seu percurso, méde a velocidade do astro, examina a sua órbita e tira as suas conclusões. Se o lavrador quer saber para onde vai o manhoso carro de bois do seu visinho, desce à beira da estrada e indaga do carreiro. O Brasil não é um comêta e nem um carro de bois, mas, examinando-se-lhe a róta desde quando passou a constar das cartas geográficas e indagando-se dos seus atuais dirigentes sobre o que pretendem fazer, póde-se ter idéa aproximada da direção em que se processa a marcha da sua evolução.

ROY NASH.

6 de Abril de 1926.

AGRADECIMENTO

A crítica de um livro ainda em manuscrito é trabalho tão penoso e maçante como o preparo da caça que outra pessoa abateu. Sentimo-nos pehorados para com os que se deram ao incomodo de lêr em parte o nosso trabalho: Dr. Clark Wissler, Curador de Antropologia do Museu Americano de História Natural; Dr. W. E. B. Du Bois, a maior autoridade americana em assuntos atinentes ao negro; Dr. Isaiah Bowman, Diretor da Sociedade Geografica Americana; Dr. Lewis Wendell Hackett, que durante seis anos foi, no Brasil, Diretor Regional do Conselho Internacional de Saúde Pública; Sr. Murdo Mackenzie, antigo diretor da Brazilian Land, Cattle, & Packing Company; Dr. Wilson Popenoe, Pesquisador Agrícola, Bureau da Indústria Agrícola, do Departamento Americano de Agricultura e a dois de nossos colegas do Serviço Florestal das Filipinas que também se fizeram mestres com relação às florestas brasileiras, Dr. H. N. Whitford, Professor de Silvicultura Tropical na Escola Florestal de Yale e Chefe do Serviço de Pesquisa sobre Borracha Crúa, do Departamento de Comércio Americano e Sr. Hugh Curran, gerente residente da Colonia do Congogi, no Estado da

Baía. O fato de termos tentado polir o nosso trabalho ao esmeril de seus conhecimentos especializados, não deve ser interpretado como desejo de acobertar as nossas heresias sob o manto de sua aprovação. Acoitaram-nos no santuário de de sua bondade ; nós, porém, somos os únicos responsáveis pelo crime.

INDICE

LIVRO I COLONIZAÇÃO

CAP.		PAG.
I.	ANNO DOMINI 1500	25
II.	A SEMENTE	28
§	1. O Aborigene Brasileiro	28
§	2. O Negro na Africa	54
§	3. O Português na Europa	62
III.	A TERRA	70
§	1. Topografia	72
§	2. Clima	84
§	3. Florestas	96
§	4. Pastagens Naturais	108
§	5. Fôrça	113
§	6. Fauna	116
IV.	A SEMEADURA	127
§	1. O primeiro Seculo	127
§	2. O Contingente Holandês	133
§	3. Contacto entre a Civilização e a Barbarie	137
§	4. O Brasil pelas Cercanias de 1700	172
§	5. Ouro !	178
§	6. A Chegada da Côrte	190
§	7. 7 de Setembro de 1822	190
§	8. Imigração de 1820 a 1920	202
§	9. A Contribuição do Negro	206
§	10. População Resultante	215
V.	ANNO DOMINI 1926	221

LIVRO II

PONTOS ESSENCIAIS DE ANTROPOGEOGRAFIA

CAP.	PAG.
VI. Habitações do Brasil Rural.	227
VII. TRANSPORTES POR VIAS AQUATICAS E TERRESTRES.	247
§ 1. Portos.	247
§ 2. Cursos Interiores	276
§ 3. Caminhos Velhos	281
§ 4. Estradas de Ferro	290
§ 5. Estradas de Rodagem.	296
§ 6. Trilhos	301
VIII. CAMPOS DE CULTURA.	305
IX. ZOOTECCIA.	323
§ 1. Bovinos	325
§ 2. Cavalares.	355
§ 3. Asininos e Muares	362
§ 4. Suinos.	364
§ 5. Lanigeros e Caprinos	366
§ 6. Os Camelos do Ceará.	366
X. EXPLORAÇÃO MINERAL	368
XI. A DESTRUIÇÃO DA VIDA	370
§ 1. Devastação das Matas.	372
§ 2. Destruição Animal.	377

LIVRO III

ALGUNS DOS FATORES ESSENCIAIS
Á FELICIDADE HUMANA

XII. LIBERDADE DE COMÉRCIO.	383
XIII. RELAÇÕES DOMESTICAS	394
XIV. EDUCAÇÃO.	404
XV. COOPERAÇÃO.	415
XVI. SAÚDE.	423
XVII. O CERRAR DA CORTINA.	451

LIVRO IV
COM VISTAS AO FUTURO

CAP.		PAG.
XVIII.	RODOVIAS	459
XIX.	POLITICA FLORESTAL	462
XX.	PODE A AMAZONIA SER CONQUISTADA?	485
XXI.	POSSIBILIDADES DEMOGRAFICAS	496

LIVRO I

COLONIZAÇÃO

CAPÍTULO I

ANNO DOMINI 1500

FELIZES para o Papa foram os albôres do seculo XVI. Por essa época, Copernico, olhos fitos no firmamento, observava os astros, mas, ainda não havia abalado a teoria de que a terra era o centro do Universo para reduzi-la à posição secundária de méro satélite do Sol. Lutero, o monge apostata, delineava já o seu plano traídor, mas, ainda não havia aberto a luta. A éra das grandes Cruzadas já havia passado, é verdade, mas o seu espírito ainda não havia desaparecido de todo. A Sagrada Inquisição estava em franco desenvolvimento e nas Espanhaas, um menino genial crescia já, que deveria mais tarde levar a cruz de Cristo aos povos da Asia e aos gentíós cuja existência nem ao menos éra suspeitada, — St. Inácio de Loiola.

Éra magnífico ser Rei no primeiro dia do seculo XVI ; e, os dois soberanos que então reinavam na Peninsula Ibérica, tinham motivos de sobra para estarem satisfeitos com os seus tronos. O Rei das Espanhaas, havia ha pouco recebido o continente Norte Americano como modesto presente de um navegante genovês de nome Colombo ; e, apenas três mēses antes, um tal Vasco da Gama, de volta de Calicut, trouxera para o Rei de Portugal a Africa e a Asia como lembranças da sua excursão. Na peninsula mais próxima um Florentino illustre de nome Machiavelli ocupava-se em reunir material para a confecção de manuais que haviam de dar grande impulso à complicada técnica de apro-

veitar tais oportunidades ; Leonardo de Vinci, Rafael e Miquelangelo adornavam a civilização da época, e, cômquanto a Confederação Suissa já tivesse proclamado a Republica, constituía ainda um tão pequeno oasis no deserto imenso da monarquia absoluta, que qualquer rei da Europa poderia considerar-se no melhor dos mundos com o cétro que Deus lhe deu.

Isto principalmente com respeito ao Rei de Portugal que justamente no dia de Ano Bom extreava o novo título com que havia sido agraciado : SENHOR DA CONQUISTA, NAVEGAÇÃO E COMÉRCIO DA ETIOPIA, ARABIA, PERSIA E INDIA. Um dos seus mais fieis vassallos, Pedro Alvares Cabral, municiaava já as suas náus com bolachas, vinhos do Porto e polvora, em preparação para o descobrimento do Brasil na viagem cujo fim principal seria o de conquistar para a Corôa portugueza o monopólio do maior dos empórios do mundo conhecido — o comércio Asiático. Lisbôa estava para se tornar tão importante no comércio mundial como Londres no seculo XIX e Nova York no seculo XX. O rei de Portugal seria o Cresco da sua geração.

Para uma certa parte da costa da Africa, porém, o dia de Ano Novo de 1500 não marcou éra igualmente feliz. Havia já cincoenta anos que, quando os seus filhos tismados ateavam fogo ao mato em preparação da grande caçada anual, apareceram ao longo da praia oito grandes passaros de brancas azas. Os negros afluíram à borda do mar para contemplá-los. As azas dos passaros fecharam-se e, de baixo delas, vieram para a praia uns homens exquisitos, de péle branca e que usavam roupas. Foram êsses homens que levaram nos passaros brancos, a caminho do desconhecido, 200 filhos das selvas africanas. Os negros não haviam compreendido ainda que os queriam para serviço do Papa, nos domínios da Ordem de Cristo, no Algarves. A única cousa que ficaram sabendo é que dos duzentos que

foram, nenhum jamais voltou. Depois dêsse dia fatal, as visitas se tornaram cada vez mais frequentes. Os brancos, em cujas cadeias aqueles corpos negros em vão se retorciam, vinham do Norte, surgiam do mar para roubar seus filhos, suas filhas, chefes, sacerdotes e os seus mais valentes guerreiros. E iam sob ferros a caminho do mistério. Ninguém voltava nunca. A calamidade assolava, portanto, os habitantes da costa da África ocidental no dia do Ano Bom do seculo que nascia.

Mas, do outro lado do mar, na margem oposta do grande oceano azul que se estendia para o poente, outros selvagens gentís reclinados em suas rêdes, ao longo do anfiteatro amazonico, inteiramente despídos, fumavam descuidadamente o seu tabaco, pois, ainda tinham três longos mêses para ensaiarem a cêna do descobrimento e, dentre êsse povo de herêges não haveria um só talvez, que dêsse um méro fruto pôdre em tróca de todas as bençãos que os povos cristãos pretendiam lhes oferecer. Essas almas simples nem ao menos suspeitavam que 1500, o ano da sua condenação, já surgia nos horizontes da história.

Portuguêses, Negros e Indios.

São êsses os personagens que hão de representar o drama a que vamos assistir. Como, porém, todos têm línguas diferentes e nenhum dêles fala o inglêz, talvez uma palavra de apresentação, antes que surjam no palco da história, torne mais claro o desempenho do seu papel.

CAPÍTULO II

A SEMENTE

§ 1. O ABORIGENE BRASILEIRO

PARA que se compreenda o Brasil, o conhecimento da sua população aborigene é ainda mais importante que para a compreensão dos Estados Unidos. Aqui, essa parte da humanidade tem sido, tanto quanto possível, isolada da civilização, vivendo em suas próprias reservas territoriais onde toma parte da nossa vida quotidiana da mesma fôrma que os doentes de um isolamento. O Brasil promoveu a adaptação, em grande escala, das populações selvagens ao novo ambiente e hoje em dia o elemento selvicola tem, no sangue e na cultura do povo, influência quasi tão acentuada como a do português.

Cumpre, entretanto, confessar de início que, a respeito do selvicola brasileiro sabe-se ainda menos que sobre os aborígenes de qualquer outra região das Américas. De fato, no Amazonas, por exemplo, existem tribus que só agora, em pleno século vinte, é que estão tendo os seus primeiros contatos com o branco. O que realmente se conhece do assunto, foi, — para gaudios dos que a êle se dedicam, — ultimamente reunido no esplendido trabalho do Dr. Clark Wissler, que constitue o primeiro livro em que se compendiarão os resultados de investigações científicas procedidas em ambos os continentes. (1).

(1) CLARK WISSLER, *The American Indian* (O Ameríndio) (2.ª Ed. Nova York, 1922).

Para os antropologistas, não ha mais dúvida quanto à origem asiática do amerindio. Por muito tempo a ciência vinha mantendo-o na dolorosa situação de enjeitado, vagando pelas Americas sem parentesco definido com o resto da humanidade; falando um sem número de línguas barbaras, derivadas de cento e sessenta e nove troncos diferentes, nenhum dos quais havia sido até então identificado como idioma Européu ou Asiático. Hoje já se conseguiram descobrir pégadas suas que se vão perder entre as hordas Mongoloide-vermelhas, das quais descendem os Mongóes; encontraram-se também na Asia antepassados seus que lhe vieram minorar a solidão em que se achava, já no rapido ocaso de sua existência. O amerindio derivou para cá através do Alaska de envolta com as manadas de mamíferos que de lá vieram rasteando a trilha já batida pelos primates que os precederam e provavelmente tangidos pelas mesmas necessidades. (2).

O que se não sabe ao certo, porém, é em que estágio do desenvolvimento racial foi que o amerindio se desgarrou do tronco de onde veio. Até hoje ainda não se conseguiu descobrir indício algum da sua presença nas Americas antes da última québra do gelo polar. Também, a grande dissemelhança de língua e de cultura entre a America e a Asia talvez seja prova de uma separação muitissimo remota. Franz Boas, notabilissimo antropologista, acha que o homem veio para a America do Norte durante o período interglacial; Wissler concorda ser provavel que algumas correntes humanas tivessem atingido a America mais ou menos no mesmo período pré-histórico em que chegaram à Europa, tendo o gelo constituido a barreira que separou o ameri-

(2) WILLIAM B. SCOTT, *A History of Land Mammals in the Werstern Hemisphere*, p. 588 (Historia dos mamíferos terrestres no Hemisferio Occidental).

cano dos seus antepassados, forçando cada ramo a seguir destino diferente. Aqui, porém, tocamos em terreno de controversias.

Mas, o que já não mais padece dúvida é a sua origem alienígena, a sua ascendência asiática e a sua marcha secular através da Sibéria e do Alaska, derivando pelo continente setentrional, atingindo as Antilhas e chegando finalmente às paragens onde focalizamos o nosso interesse atual. Essa afirmativa não exclúe a hipótese de canôas errantes, vindas da Polinesia, terem aprofado às praias ocidentais do continente, mas, vai ao encontro da tése que assevera ter o homem americano vindo originalmente através das ilhas do Pacífico.

Nem tão pouco ha mais razão para que se discuta a grande semelhança existente na estrutura física dos aborígenes de ambos os continentes. O cabelo do ameríndio era liso, preto e rarefeito no corpo. Os olhos, castanho-escuros. A côr da péle variava do amarelo até o tom do chocolate. O rosto era consideravelmente largo em proporção às dimensões craneanas. E, mais de noventa por cento dos selvícolas tinham os dentes incisivos em fórmula de pá, concavos, particularidade raríssima entre europeus ou negros.

Com êsses mesmos característicos, tanto no Brasil como nos Estados Unidos encontram-se soberbos Apolos. Encerra profunda verdade a primeira descrição do selvícola brasileiro, que registra a história. Encontra-se ela na carta que a primeiro de Maio Pero Vaz Caminha dirigiu ao Rei de Portugal, D. Manoel "O Venturoso" (e por sobre o ombro do missivista Cabral acenava concordando): "... e uma vez que Deus lhes deu bons corpos e fisionomias boas como as de homens bons e depois para aqui nos trouxe, creio que não foi sem razão".

Pouco se sabe do amerindio do planalto ou dos Pampas, antes do advento da civilização, mas, pôde-se afirmar sem receio de se afastar em muito da verdade que, entre os nativos da bacia amazonica, bem como entre os da costa meridional do Brasil, antes dos dias do descobrimento, havia belos exemplares de plasticidade humana. (3)

Embóra não estejamos convictos da importância que muitos antropologistas emprestam à craneometria, não podemos deixar de registrar aqui o fato de serem encontradas entre os selvagens da America, alguns dos mais elevados indices cefalicos da espécie humana; quer isso dizer, de acôrdo com tal escola antropologica, (4) que a evolução dessas tribus se processou em éras posteriores á dos tipos Nordico e Mediterrâneo.

Além de um bom físico, que outras condições trazia o selvícola, para o bom desempenho do seu papel de homem, quando se desgarrou dos seus maiores asiáticos e veio ter às Americas à fôrça dos seus próprios recursos?

O fato de se encontrar disseminado por todos os recantos do continente, da Patagonia a Pernambuco e da Groenlandia ao Alaska, o arco — arma predileta do selvagem — constitúe indício seguro de uma introdução assaz remota. Entre os traços de cultura cuja universal predominância é também de molde a convencer os antropologistas do seu remoto advento ao continente, citam-se: o cão, o “atira-lanças”, os adornos labiais, o páu de fogo, a arte de tecer cestos e fazer cordas, a pedra lascada, e, finalmente, os abrigos que construíam

(3) ALFRED RUSSEL WALLACE, *Viagens ao Amazonas e ao Rio Negro* (Londres 1853), pag. 478. Vide também Príncipe ALBERTO DA PRUSSIA, *Viagens no Xingú*, II, pag. 251.

(4) Vide GRIFFITH TAYLOR *A Evolução e a Distribuição das Raças, da Cultura e da Língua*. *Rev. Geogr.* (Nova York) Jan. 1921.

à guiza de moradia. Os cereais, o gado, a r̄óda e o arado — êsses traços que tão de perto nos falam da cultura asiática — nenhum dêles foi lá ter. A existência de primitivos caçadores, na Patagonia, permite-nos conjecturar a figura do primeiro homem atravessando o golfo de Darien, a caminho da America do Sul trazendo sobre os seus ombros bronzeados apenas um saco de quinilharias.

Antes do homem, porém, já existia a mandioca. E, foi de tal monta o papel que o destino reservou a essa raiz, na história do Brasil, que o dos reis e o dos conquistadores, o dos sacerdotes e o dos políticos, perante o dela empalidecem.

Em tupí, “mandi” quer dizer pão e “óca”, a casa; daí a palavra “mandioca”. Essa planta, que nasce de uma haste fincada ao acaso em qualquer chão de clareira, sem preparo ou adubação, é uma espécie de irmã mais velha da batata e os seus colossais tuberculos, que atingem a sessenta ou mais centímetros de comprimento, estão prontos para a colheita entre cinco e nove mêses; mas, pôdem pacientemente esperar até um ano sem deteriorar, antes que se os desenterrem. Os pratos que com ela se preparam, tão variados nas suas fôrmas quão numerosas as variedades da planta, constituem a fôrça do cardápio selvícola. As qualidades não venenosas pôdem ser ingeridas ao natural, caso não haja cozinha; os porcos, o gado, principalmente o cavalari, apreciam-na tanto quanto ao milho. Coza-se, porém, a raiz, e ter-se-á um alimento que não difere em muito da batata-dôce. Mergulhe-se nágua o tuberculo até que, macerado, êle possa ser fâcilmente partido, à mão, depois, torrem-se os fragmentos e ter-se-á a “farinha dágua” que condensa em si todas as propriedades do vegetal. Rale-se a polpa das de outras variedades, comprima-se-a para que perca o sumo venenoso, torrem-se os lindos flócos alvacentos que dessa opera-

ção resultam e se terá produzido uma farinha da mesma consistência que a de trigo em bruto, e que, apesar de já ter perdido, de envolta com o caldo venenoso, uma parte do seu polvilho, terá adquirido em gráu superlativo as duas qualidades primordiais que qualquer alimento possa ter i. e., durabilidade e solidez para transporte. A farinha de mandioca, dura pelo menos quinze ou vinte dias até mesmo no clima quente e húmido do baixio amazônico. Acondicionada, porém, em latas de querozene, de 20 litros, soldadas, os técnicos do nosso Departamento de Indústria Agrícola constataram poder durar diversos anos (5). Está sempre pronta para ser usada sem mais preparo.

A natureza jamais concedeu a qualquer de seus filhos prediletos, presente de maior utilidade. Segundo a lenda indígena, a mandioca nasceu das carnes de Atiolo, a moça Parecis, enterrada viva, para que o seu corpo alimentasse toda a tribo. Qual mão de fada bemfazeja a virgem feita vegetal, acompanhou o homem através da sua infinita perigração pelo continente até que descobrisse, à borda da mata, as manadas de guanaco nativo, pastando nos pampas. E, quando tinha fome, ela, da sua abundancia, fornecia-lhe alimentação. Mais para o norte, por todo o arquipelago das Antilhas tornou-se o principal genero alimentício do selvícola e, depois da descoberta da America, atravessou o Atlantico para constituir o pão de cada dia das grandes populações negras da Africa (6). Aquela que em vida foi espelhada e assassinada, depois de morta, tornou-se grande e valiosa: a maior das dadas com que o continente sulino haveria de presentear o adventício que, ainda ha pouco, vimos atravessar o Golfo de Darien.

(5) Comunicação, por carta pessoal do Sr. Wilson Popenoe, do Ministerio da Agricultura de Washington.

(6) Vide JEAN BRUNHES. *Geografia Humana*, pág. 274.

Qualquer tentativa de relato da sua dispersão pelo continente, daí em diante, além de ser destituída de importância, redundará em mero conjectura. E' de se supôr que três fossem os caminhos mais fáceis que no Panamá se lhe deparassem: o primeiro, a orla marítima oriental. O segundo através dos vales e dos altiplanos andinos: caminho livre de florestas impenetráveis, de clima temperado e convidativo ao homem que trazia ainda em seu protoplasma memórias vivas das regiões setentrionais. Esse corredor continental que conduz às vastas pastagens da bacia Platina, tornou-se a estrada pela qual se difundiu a única civilização que floresceu na America do Sul: a dos Incas, no Perú. O terceiro caminho encontrou-o, provavelmente o imigrante asiático na mais formidável rêde fluvial de que o mundo tem conhecimento: para cima de 60.000 quilômetros de rios navegáveis que, partindo dos Andes, regam todos os recantos da planície infundável que se estende da Venezuela e da Colombia, ao Brasil, Paraguay, Uruguay e à Argentina. Se o homem logo de início lançou-se nêsse império aquático, não temos elementos para dizê-lo. O que nos interessa porém, é que o aborigene se dispersou por todos os recantos da America do Sul muito antes do Descobrimento, — época que escolhemos como ponto culminante, onde pudéssemos parar um momento para contemplar o panorama histórico, antes de descerrar o pano de boca que ainda pesa sobre o drama do Brasil moderno.

Se já não é fácil a tarefa de se retratar um povo, é ainda mais custosa a de se descrever a gente de outras éras. E, supômos nós, talvez seja tão difícil a um homem civilizado penetrar com simpatia na alma de um índio nú, quão será a um rico entrar no Reino de Deus. Muita cousa se poderia dizer do índio brasileiro que pintaria a realidade com a mesma imprecisão com

que o artista primevo gravou no interior das cavernas de Altamira e Alter do Chão a figura do mammoth.

E, como iremos nós, em penadas quasi ilegíveis, fazer que o leitor compreenda o homem das selvas; êle cujos ouvidos já de ha muito se habituaram ao ritmo metálico da civilização industrial. A nota aguda da araponga na profundeza do mato sôa de maneira tão diversa do tinir da bigorna na atmosfera quente da officina! O alarido dos simios na floresta faz vibrar dentro em nós córda mais íntima e gráve que a prosopopeia vazia dos políticos da cidade ou as canções sem vida de uma prima-dona barata. Um índio nú, em pleno mato é alguma cousa mais viva e palpitante que essas figuras que vêm catalogadas em tratados de antropologia. Será mais fácil darmos uma vista dólhos nas três moradias caraterísticas dos aborigenes. Se tiver estomago, alivie-se o leitor de tudo quanto não fôr os remanescentes selvagens que ainda se encontram na alma do mais civilizado cidadão e empreenda connosco uma viagem retrospectiva no tempo.

Para isso teremos que tomar uma canôa em Belém, onde o Amazonas se despeja no oceano até o ponto onde se dá o conúbio das águas pretas do Rio Negro que vem do Norte, com a corrente Amazonica. Depois, impulsionaremos a montaria, óra a remo, óra a varejão ao longo das barrancas do Negro até ao amago dêsse inferno verde onde o tormento do inseto é constante e já tão longe da civilização que não mais haverá esperança de escaparmos às mandíbulas ciclopicas que êsse fecundo monstro telurico vai fechando por trás de nós de maneira tanto mais impressionante quanto mais nos embarafustamos pelo sertão a dentro e ganhamos o Uaupés no extremo Noroeste Brasileiro. E, quando três mil quilometros de corrente serpeante, ladeados por seis mil quilometros de mato verdejante, tiverem deixado, já, em nossas almas, profunda impressão, abando-

naremos o quasi reboliço dessa longa via aquatica para penetrarmos em um "fúro" de canôas onde a mataria compacta fôrma verdadeira cupola sobre as nossas cabeças. De repente, uma fôrma escura e descomunal desenha-se por entre cortina de chuva que encharca a floresta. E' u'a *maloca* — comprida habitação coletiva dos selvagens; chegamos ao termo da nossa viagem.

O chefe, à beira da corrente, com silenciosa dignidade, saúda-nos como a amigos seus que vêm de longe e de quem nada tem que temer. Do cimo da nossa superioridade cultural lançamos um olhar à construção rustica que lhe serve de abrigo da mesma fôrma que um Califa da Hespanha Mourisca teria olhado para as habitações senhoriais da Europa medieval, "Sem chaminé, sem janelas e com um furo no tétó para dar saída à fumaça, como na choça de certos indigenas" (7).

Mais devagar, porém!

Um melhor exame nos revelará muito de que nos admirarmos. Os esteios mestres são escolhidos dentre as madeiras mais duraveis da floresta. As traves e os caibros são pedaços de páu lisos, direitos, bonitos e caprichosamente atados com embira; tão bem atados, de fato, que lembram o cuidado do marinheiro ao amarrar o cordame do mastaréu. Do lado de fóra, os beirais são baixos e a cumieira bastante elevada, de maneira que chuva alguma, por mais torrencial que seja, poderá varar a coberta da choça. E, são tão habilmente entrelaçadas as folhas de pâlmeira, em fôrma de abano, que as paredes com elas formadas nem as flechas e nem os projetís antigos atravessam. Somos conduzidos ao apartamento do chefe onde nos oferecem lugar para pendurar nossas rêdes. A tarde já vai caíndo e os nossos olhos deshabituaados levam algum tempo para se acomodo-

(7) JOHN W. DRAPER, *O Desenvolvimento Intelectual da Europa* (ed. revista, N. York, 1875), II 31.

darem à atmosfera fumarenta e escura que paira sob o tecto enegrecido pela fuligem ; aos poucos, porém, sentimos o conforto do aquecimento e do abrigo que a maloca nos proporciona contra a chuva que lá fóra se despeja em torrentes. Não conseguimos, porém, ainda distinguir na penumbra, as divisões internas. Achamo-nos em um vasto saguão com cêrca de 30 metros de comprimento, por 22 de largura e 10 na parte mais alta. Ha uma divisão de folhas entrelaçadas que separa do resto da malóca o compartimento destinado ao chefe, suas quatro esposas e filhos. No centro da casa abre-se um largo corredor de oito a dez metros de largura, ladeado pelas colunas que sustentam o tecto e que serve de salão para as danças rituais. A partir desta passagem comum e ligando o tapume às paredes externas, vêm-se diversas fileiras de esteios mais finos, entrelaçados de folhas, de maneira a formar dez ou doze dependencias distintas que servem, cada uma, para uma família inteira. A semelhança dessa disposição com a dos compartimentos reservados dos cafés modernos, põe-nos imediatamente à vontade. Mas, nenhum cabaré de Nova York ou de Paris nos proporcionaria as sensações comuns a êsses festins periódicos do índio amazonense : a festa anual das frutas, a cerimônia da depilação das crianças ou o rito da puberdade das donzelas. (8)

Na dependencia de cada família, vêm-se utensílios de cozinha, tamborettes lindamente entalhados em sólidos blócos de madeira, cestos habilmente tecidos, vasilhame de cerâmica modelada, zarabatanas de mais de dois metros, arcos e flechas de fino acabamento — algumas das quais de tal fôrma ervanadas, que o menor arranhão por elas produzido, representa, para a vítima, uma viagem para o além — esteiras, fogão e rê-

(8) H. W. BATES, *O Naturalista no Amazonas*.

des que são ao mesmo tempo cadeiras e leitos. Não a rêde barata de algodão que se encontra nos Es. Us., mas, rêdes de três metros de largura, tecidas com fibra de tucum, tão macia como a melhor que se empregue nos chapéus do Panamá, com desenhos negros feitos ao tecer — peças essas de grande beleza e que constituem uma das melhores espécies de cama que o homem inventou para o clima canicular dos Trópicos. Toda essa variedade de objetos, além das araras, papagaios, mutuns e macacos que se dependuram de todos os pontos imagináveis de cada divisão, constitúe a propriedade particular dos seus ocupantes. Tudo o mais é de uso e propriedade comuns. Os fórnos para a tórra da farinha de mandioca, a prensa para extração do caldo, utensílios de cozinha, vazilhas de barro para o fabrico de bebidas, etc., tudo isso acha-se em uma cozinha comum de que todos se podem servir.

No momento em que entramos, cêrca de uma duzia de mulheres lidam ao fogo. Alguns velhos: um, tecendo uma cesta, outro reparando uma rêde de pescar, outros, ainda, acorados ou reclinados em suas rêdes. As mulheres estão quasi completamente núas; apenas trazem uma liga apertada, que na infancia lhe é posta na barriga da perna para distender os musculos. Todos os pêlos do corpo e a sobancelha, cuidadosamente arrancados. Os cabelos "a la garçone", quasi curtos. Os ornamentos constituem privilegio masculino nessa região do Uaupés. A cabeleira negra dos homens é cuidadosamente partida ao meio, repuxada para traz, sobre as orelhas e arrebanhada em um rabicho que lhe atinge os quadris, atado com fio de pêlo de macaco. Usam um pente ornamental feito de espinho de palmeira e penas de tucano e trazem na orelha uma palhinha para manter aberto o furo feito no lobulo. Entre as pernas passam bandas d'alguma fibra vegetal macia e atada, nas extremidades, por fios que se alongam pelo

peito. Todos usam ligas. Também, aí está toda a indumentaria do selvícola. Quando o índio veio do Norte e mergulhou nos trópicos despiu-se inteiramente como homem sensível que éra.

Com o corpo coberto pelo escudo* de guerra, fácil é compreender-se porque os tomaram os antigos exploradores pelas lendárias Amazonas, êsses guerreiros com apparencias feminis.

Quando a noite cæe, as mulheres voltam da plantação de mandioca, na floresta, trazendo cestos de raízes que serão transformadas em pão na manhã seguinte. Os homens voltam da pesca. Um dêles traz um macaco abatido que é imediatamente atirado para dentro de uma vazilha com pimenta — esse ingrediente tão disseminado nas zonas tropicais para condimentar as carnes sem sabôr. Contamos cêrca de uma centena de criaturas de todas as idades na malóca, à noite, ao ser fechada a porta principal. Turba feliz apezar de taciturna, a exceção de uma menina de cêrca de doze anos que chora num sotão enfumarado, passando a mandioca e água ha quasi um mez, em preparação para a tunda ritual que lhe demarcará o advento das alegrias e privilegios feminis, e de três ou quatro que tíritam e gemem ao redor do fogo, jungidos pela febre.

Ao alvorecer, quando o som da alvorada resôa das flautas selvaticas, todos : homens, mulheres e crianças, em turbilhão, acorrem ao banho matinal, pois, um índio do mato faz tanta questão do seu banho quotidiano quanto o faz um refinado cavalheiro inglês.

Não ha pressa de trabalhar logo depois da primeira refeição, entretanto, êsse povo está longe de ser vadio. As mulheres têm suas plantações a cuidar : batatas de diversas qualidades, inhame, milho, pimentas, frutas de diversas espécies para as quais não ha nome em inglês, plantas para extração de fibras e tintas, o tabaco e finalmente, a mandioca. Têm também que

fazer pão todos os dias, na zona do Uaupés. Têm que distilar veneno para as flechas e para pescaria; serviço êste tão perigoso que ás vezes a mortalidade feminina é nêlle ainda maior do que a dos homens que na guerra são vitimas dos pontacos ervanados. Os bebês famintos vão sugando avidamente os seios das mãis. Não, as mulheres dos selvícolas não são totalmente ociosas. De fato, uma bôa esposa constitúe a mais valiosa propriedade que um homem pôde adquirir; se tiver duas ou três, considera-se rico.

Agóra, o fato de não ter sido êsse povo inteiramente independente do ponto de vista econômico, não deve predispôr contra êle a mentalidade do homem moderno. Derrubam o mato quando têm de plantar; e a faina de abater os gigantes do Amazonas com machados de pedra e cunhas de madeira, não constitúe de fórma alguma passa-tempo agradável. Constróem pirogas de quasi quatorze metros de comprimento por um e tanto de largura e suficientemente fortes para suportar o atrito das pedras, nas corredeiras. Fabricam belas armas: a zarabatana arma ainda melhor que o rifle para abater um passaro do cimo de um colosso botânico da amazonia. Se, sobre os ombros da mulher pesa todo o trabalho agrícola, ao homem cabem as funções de pescador, caçador e guerreiro. Diante de sua técnica de pescar com anzóes feitos de espinho de palmeira, rêdes, armadilhas de diversas qualidades, cesto pendurados sobre as cachoeiras para apanhar os peixes que tentam galgar o fio d'água, e ainda a pescaria por meio de toxicos — sem que nada se diga da audacia com que mergulham e agarram à mão livre o peixe em seu elemento natural — pouco terão que aprender com os sportistas modernos. Conhecem os bancos de areia onde a tartaruga deposita seus ovos e as árvores onde as abelhas distilam o mel; pois, tanto o

ovo da tartaruga como o mel de abelha constituem além de generos alimenticios, meios de tróca.

No dia de nossa visita porém, ninguem se ocupa dês- ses trabalhos corriqueiros porque à noite ecoará a musica do Jurupari. Todos preparam-se para a dança que ha de durar emquanto houver cauim. Por isso enchem-se até à borda os grandes pótes decorados. Traz-se o vinho de bacaba, de patauí e de assaí. Traz-se a excelente bebida fermentada de cereais, de batata dôce, de inhame ou de mandioca ! Pois, hoje à noite o cauim ha de correr como água e os filhos das selvas sentir-se-ão felizes. Mas, . . . que cheiro sordido é esse ? Que é que estão torrando naquele forno ? Qual sórdido qual nada, estrangeiro de outras terras ! . . . são as carnes de um herói enterrado apenas ha um mês no chão batido sobre que se vai hoje dansar. Esses fragmentos carbonizados que serão reduzidos a pó para depois serem adicionados ao vinho — da mesma fórmula que se mistura assucar ao clarete tinto — encerram todas as virtudes do amigo que já se foi.

A noite caiu já e as toilettes estão prontas. Dos “furos” de canôas afluíram os convidados de longe. Quatrocentas pessôas acham-se reunidas sob o tétô da malóca. Uma reunião assim, com tanta beleza e tão rara ornamentação, nem talvez um salão de baile da antiga Babilonia pudesse congregar. Cêrca de vinte homens dançam no espaço aberto, cada um tocando com a mão no ombro do fronteiro : belos rapazes bronzeados, alguns dos quais com quasi um metro e oitenta de altura. Na cabeça uma corôa de penas vermelhas e amarelas ; colorações essas obtidas na plumagem do papagaio, ainda em vida, por meio da inoculação do leite de certa espécie de sapo. No cabelo, pentes donde caem plumas de garça real : as “egrets” da moderna chapelaria feminina. Alguns trazem também, as penas inferiores da cauda da aguia. Cordões de pêlo de macaco, caindo pelas

costas, terminam em verdadeiras joias trabalhadas em penas que a um Tiffany ou a um Cartier causariam inveja. No lóbulo das orelhas, um dêles usa uma pena de côr viva, outro, um molho de pequeninas flechas, e, um terceiro, deixa pender do labio inferior três fiadas de alguma semente leve. Do pescoço, atado a uma cadeia negra, pende um cilindro polido de quartzo translucido. Ornamento simples, sem dúvida, mas, aquele que lá pende sobre o peito do chefe, com bom palmo de comprimento e furado de lado a lado, representa o labor de duas vidas a poli-lo com areia molhada e com o broto de determinado vegetal nativo: ornamento real, por certo. No peito dêesses valentes guerreiros, balançam colares de dentes de onça. Na testa, um pequeno circulo de contas brancas e levemente rosadas que sorriem como madre-perola: são olhos de pescada. Nos tornozelos, fios de sementes polidas que tilitam ao ritmo da dança.

As mulheres exibem ornamentos mais simples, como convêm ao seu sexo. Todas trazem ligas e, como os homens, estão pintadas de preto e vermelho, obedecendo a desenhos regulares. As que tomam parte na dança vestem uma espécie de avental de contas ou de casca de árvore, batida, ninharia de um palmo quadrado que é imediatamente posta de lado tão logo termine o baile.

De repente as mulheres desaparecem em panico. Cessa a dança. Todos os ouvidos se apuram. No silencio obumbrado da malóca resôam trombetas e flautas selvagens. Quanto mais se aproxima tanto mais penetrante se torna o som plangente do Jurupari. Se qualquer mulher olhar para êsses instrumentos sagrados, quer seja deliberadamente, ou por méro acaso, estará vendo a morte certa, por envenenamento, em geral; e, de boa vontade o pai entrega a filha ou o marido a esposa se tão grave crime cometer. Nem mesmo êsses moços nervosos pôdem ser iniciados nos mistérios do

Jurupari antes da surra sagrada que acompanha o cerimonial da puberdade.

Quando à memoria nos ocorrem essas cênas e as loucuras que praticam depois de excitados pelo vinho, pelo ritmo da dança e pelos terríveis estimulantes que ingerem, sentimos vontade de reler as paginas animadas da literatura indigena ; ou melhor, de retornarmos ao Amazonas antes que tudo isso tenha irremissivelmente mergulhado no esquecimento. Pois, quem ainda hoje penetrar no sertão amazonense poderá assistir a cerimoniais estranhos, mas, talvez não esteja longe o dia em que tudo isso passe a existir apenas na tradição selvagem.

Nas linhas acima, tentamos apenas dar idéia de um povo que, tendo adquirido em alto grau os conhecimentos necessários para conseguir abundantes reservas alimenticias e relativo conforto no descanso e ainda mais, para produzir objetos artisticos e proceder à sua adaptação ao meio que os cercava, soube também tirar da vida um pouco de prazer, — de maneira selvagem é verdade, que de outra não seria capaz — desses elementos que também para o mundo civilizado constituem motivo de deleite : o vinho, a musica e o belo sexo.

Deixemo-lo porém, pois que o Brasil é grande e lá longe, no Rio Grande, no extremo sul do país, uma família existe, que, em sua rude tenda de couro, merece também um pouco de reparo. Aí está o lar do caçador primitivo da mesma fórma que, na malóca, vemos o berço do agricultor ancestral. A geada e a neve, são conhecidas íntimas dessa gente e por isso o índio pampeiro usa abrigos grosseiros de onde descende diretamente o poncho de nossos dias ; não obstante o clima, porém, quando em guerra, o seu traje não é maior que o de seu irmão equatorial. Toda a sua cultura gira em torno das manadas de guanaco e dos bandos de ema (o avestruz

sul-americano) que erram pelas campinas sem fim daquelas latitudes, da mesma fôrma que o índio norte-americano construiu a sua civilização sobre o bufalo. Sua habilidade consiste em atirar as bolas — três esferas cobertas de couro crú que descrevem no ar o vôo de ave selvagem e enrolam a correia que as prende no que quer que se lhes depare na trajetória, — enlaçando os pernaltas ligeiros da mesma fôrma que os seus antepassados peiavam a lhama.

E' êste o ascendente do gaúcho, o homem mais pitoresco do Brasil atual; mas, teria êle que sofrer revolução tão radical em sua cultura, com o advento do boi e do cavalo, que preferimos adiar o tributo que a êle famos prestar até que da Europa lhes venham êsses quadrupedes.

Emquanto o governo brasileiro não fizer um levantamento etnológico das tribus existentes, os padrões de cultura primitiva que hão de prevalecer com maior evidencia serão: o Rio Amazonas e as manadas de guanaco. O primeiro domina toda a floresta que cobre a planície onde correm o seu leito e o do Orinoco; o outro não abrange apenas o Rio Grande do Sul, mas, ainda o Uruguay, o Paraguay, os Pampas da Argentina o Chaco, e, em éras passadas, deve ter incluído também sob o seu império, os campos gerais de Matto Grosso.

Entretanto, o altiplano oriental do Brasil difere tanto dessas duas regiões que sem dúvida o desenvolvimento do povo que o habitou em tempos idos deve ter sido bem diverso em mais de um aspecto; isso principalmente com relação à região que se estende por entre as montanhas nús de Minas Gerais e ao longo das planuras que daí se vão perder na Baía, em Pernambuco, no Maranhão e no Ceará. Parte deriva da floresta perene que domina o sul da região, e a que se projéta para o Norte é apenas coberta daquela vegetação raquítica que no Brasil se denomina caatinga. Em vez das

chuvas torrenciais do Amazonas, temos aí a sêca periódica que afugenta a vida animal de grandes tratos. Para o estudo do homem primitivo, é a região menos interessante do Brasil.

Temos porém indícios do que deve ter sido a sua vida. O tronco Tapuia espalhava-se por toda essa região e muitos povos de línguas daí derivadas parecem ter sido caçadores, levando vida inteiramente nômade, plantando pouco ou nada e sem morada definitiva. Certo escritor quinhentista afirma que não sabiam nadar e que, para atravessar os rios ladeavam-nos durante leguas à procura de váu (9).

Os Botucudos, encontradiços ainda ao Sul da Baía e ao Norte do Espírito Santo, viveram sempre em pequenas hordas vagabundas, alimentando-se exclusivamente da caça e de frutos silvestres. Erudito sacerdote, do início do seculo passado, diz que as tribus do árido sertão ao Norte do São Francisco, desconheciam qualquer fôrma de agricultura e nem a caça sabiam preparar com apuro. (10).

Também John Mawe sentiu náuseas ao ver uma índia devorar um papagaio mal assado espetado num páu, com as penas sapecadas e as entranhas penduradas. A poligamia — instituição que se encontra onde o alimento é abundante — era aí desconhecida.

Parece ser ponto mais ou menos pacífico que as regiões elevadas serviram de refugio a uma civilização bem diferente da que se desenvolveu no Amazonas. Esta foi essencialmente agrícola; a do planalto viveu da caça. O índio do Amazonas nunca se afastava muito

(9) GABRIEL SOARES DE SOUZA, citado por Faith Hunter Dodge, *O Selvícola do litoral Brasileiro nos Tempos Coloniais* — publicado na revista *Brazilian-American* a 8 de Julho de 1922.

(10) JAMES HENDERSON, *História do Brasil* (Londres 1821) baseada na portugueza publicada pelo Padre Manuel Aires de Casal.

da sua igrarité, o vagabundo do deserto nem sabia construir uma canôa, e, mesmo que soubesse, poucos rios tinha em que faze-la singrar. O primeiro éra quasi anfíbio; o ultimo nem sabia nadar. Os amazonenses éram bons cozinheiros, os planaltinos comiam papagaios sem ao menos depeiná-los. De feito, não ha próva de que em parte alguma do planalto fosse conhecida a cerâmica ou a arte de fabricar cestos impermeaveis; pouco ou nada conheciam a respeito de tecelagem; nem se sabe de que tenham jamais trabalhado uma pedra!

Insistimos nêste ponto, porque a cultura amazonica, de estágio superior, não se estendeu apenas pelas margens do rio-mar, mas, ainda para o Sul, ao longo da ór-la marítima até onde a pôde levar a fragil ubá do selvícola; e foi a civilização que o portugûes encontrou disseminada na America. A língua Tupí divulgou a cultura de seu povo por milhares de quilometros, da fóz do Madeira ao Pará e daí, pela costa, até o Rio Grande do Sul; tornou-se a Língua Geral. Dos cruzamentos entre índios e portugueses, nove, talvez, em cada dezena, se processassem com mulheres dêsse extraordinário povo agrícola.

Infelizmente, porém, o espaço nos impede de mais nos alongarmos no interessante estudo da cultura aborigene. Basta que se lembre o leitor de que os agricultores e pescadores das florestas alagadiças da Amazonia differiam em muito das hordas planaltinas e dos perseguidores de guanaco, ao Sul do país, para que não estabeleça confusão entre cousas que adiante possamos dizer com respeito ao indigena brasileiro em geral.

Quando o Portugûes appareceu, em 1500, evoluíam ainda em plena Idade da Pedra. Com exceção, talvez, dos povos que mantinham contacto fugidio com a ór-la da civilização incásica, desconhecia-se em Santa Cruz, a fundição dos metais. A escultura ou gravação em pedra, éra extremamente rara e nem ao menos se sabe

da exploração de pedreiras, á quem dos Andes. Toda a comunicação do índio se processava a pé ou ao impulso dos remos e o trilho que deixava na mata representava o máximo da sua capacidade construtora de estradas. Não havia selvicola em canto algum do continente que tivesse idéa da chaminé apesar de que todos fumavam o seu cigarro na bacia amazonica e cachimbo no resto do país. Parece impossível que a um homem, que fumasse pito o dia inteiro, a vida inteira, não ocorresse a invenção da chaminé! Com respeito à indumentaria, a moda corria pelo figurino do Paraíso. Não apascentavam rebanhos e o único animal domestico que conheciam éra o cão, de origem asiática. Nem os narcoticos, nem as bebidas tóxicas encerravam mistério para o selvagem brasileiro, que, como os nossos antepassados das florestas Nórdicas, poderiam ser classificados de bons beberrões. Não sendo de agricultores as hordas que vagueavam pelo árido planalto central, desconheceu-se no Brasil précolonial a arte da irrigação, tão altamente desenvolvida entre os Incas. E, pensar-se na importância que isso teria, justamente ágora que no Ceará se constroem reservatórios enormes contra o flagelo das sêcas.

Um traço fundamental, porém, existe que liga todos os povos ameríndios, quer tenham sido êles agricultores ou caçadores quer se tenham chamado Incas ou Tupís — traço êsse que constantes perturbações têm acarretado nas fronteiras: a concepção comunista da propriedade. Havia a propriedade pessoal sobre as armas, sobre os animais ou sobre os ornamentos e às vezes, até mesmo sobre as safras, mas a posse particular da terra éra inteiramente desconhecida. Isso nunca deve ser esquecido por aqueles que têm de se haver com ocupantes intrusos de terras mal vigiadas. Muitas das tribus do Amazonas viviam em habitações coletivas do tipo que atrás descrevemos; mas, nem todas, pois a

malôca existiu como instituição, desde a Colombia até o Rio de Janeiro, São Paulo e Paraguay. Em certas tribus os caçadores, servindo em rodizio, mantinham uma reserva comum de alimento de que todos indistintamente se podiam valer. Eram totalmente comunistas.

Pelas Americas havia milhares de línguas diferentes, mas, de quatro troncos principais derivava o linguajar da maioria do selvícola brasileiro: Tupi, Tapuia, Arauak e Cariba.

Quanto ao casamento, a monogâmia ou a poligâmia nesses povos, parece ter dependido mais do recheio da despensa que de habito social enraizado — e nisto não difere muito dos costumes que modernamente imperam em muitos paizes civilizados. A maioria dos varões se contentava com uma única esposa; os chefes, porém, e os curandeiros tinham-nas em maior número. Não havia preconceito algum que impedisse um homem de se aliar a tantas mulheres quantas conseguisse engajar entre as que para êle trabalhavam. A poliândria, porém, esse produto da miseria primitiva, éra desconhecida em Santa Cruz. A castidade pré-nupcial não tinha aí tanta importância, mas, também, não éra assunto de cogitação séria porque as meninas se casavam apenas entradas na puberdade. E o rito da pubescência constituia, em muitas tribus, cerimônia barbara. Depois de passar a jovem um mês a farinha de mandiôca e água, reuniam-se os membros da familia e seus amigos, munidos já de caniços flexíveis e o corpo nú da donzela sofria tão impiedoso açoite, quatro vezes repetido em seis horas, que em geral desmaia-va e não raramente sucumbia. (11)

Sem dúvida, a vida da mulher, nas tribus brasileiras, reduzia-se a uma interminavel agonia de trabalho.

(11) WALLACE, *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*, pág. 345.

Eram vários os costumes, mas, podemos sintetizá-los mais ou menos assim: durante a primeira infância éra sujeita a regime alimentar inferior ao dos meninos. Depois do cerimonial selvagem da puberdade, casava-se aos 10 ou 12 anos com um jovem de 15 a 18 de quem orgulhosamente se tornava escrava. Quando a tribo largava as vélas e as impelia o vento da sua nômade fantasia, éra ela quem suportava o pêso da bagagem. Na caça, apanhava as vitimas que o seu companheiro ia abatendo. Aos primeiros sintômas de gravidez o marido se afastava de sua companhia e éra então submetida a uma rigorosa diêta na qual não entrava espécie alguma de carne. Quando sentia próximo o momento do parto, ia só, para o mato, rebentava ou cortava ao dente o cordão umbelical e procurava imediatamente água onde pudesse banhar-se e lavar o recém-nascido; depois, ia para o serviço e o marido, tomava o filho em seus braços até que secasse e caísse o umbigo. O Brasil é um dos muitos paizes em que, entre os selvagens, prevalecia a crença de que tão íntima éra a união entre o pai e o filho que o primeiro deveria cercar-se de todo o cuidado para que o filho não viesse a sofrer. Se a mulher olhasse para as mascaras sagradas, ou para os instrumentos do Juruparí, éra executada. Se cometia adultério, o castigo éra o tacape ou uma cutilada, emquanto que o sedutor éra considerado inteiramente inocente. Quando não estava tecendo uma rêde, tinha o campo de mandioca a cuidar. Aos vinte e cinco anos, velha já, com os peitos pendentes e feia de rosto, nada mais lhe restava que servir as esposas mais novas que iam usurpar-lhe o afêto conjugal. Assim, a polígâmia tornava-se uma fôrma bem aceita de partilhar essas dubias honrarias. Nada encontramos na situação social da mulher primitiva que com-

pensasse os seus inúmeros sacrificios. Viviam melhor os macacos e papagaios da tribu. (12).

O curandeiro Pagé, como éra chamado, éra instituição carateristica dos clans amerindios, tanto nos Estados Unidos como no Brasil. Em geral, assambarcava as funções de charlatão e de feiticeiro; éra uma das posições mais rendosas da comunidade. A ninguem jamais correu a sorte tão favoravelmente como a esses barbaros mistificadôres. Fazendo passar o seu poder como sendo de origem extra-terrena, capaz de conversar com os animais e com os passaros ou de se transformar em jaguar de um momento para outro, ou ainda de sugar a causa das enfermidades por meio de um canudinho e fazer os mais extraordinarios milagres, de enfeitigar o inimigo responsavel pela morte de uma esposa ou de um irmão, de fazer o peixe sair d'água — é fácil de se imaginar quão frequentemente éra êle consultado por todos que na tribu se viam em dificuldade ou nas garras da tristeza. A sua habilidade em insinuar e soprar a chama da suspeita, constituia o fio que urdia a interminavel trama de envenenamentos e brigas sangrentas cujo contingente macábri era considerado perfeitamente natural ao longo do Amazonas. E os feiticeiros nunca exerciam tais poderes sem se fazerem pagar bem, a cada volta da manivela mágica.

Os selvícolas, tanto do baixio amazônico como da zona planaltina, foram acusados do mais desenfreado canibalismo. Algumas tribus conservavam as cabeças dos inimigos abatidos em combate, tão habilmente defumadas que o troféu constituia perfeita miniatura da vítima; cientistas de nomeada, nos dão conta da defumação de carne humana como meio de conservá-la. Isso exerce tão dominador fascínio sobre certas mentalidades, que o fato adquire, na história, relevância exa-

(12) SPIX E MARTIUS, *Viagens, etc.*, (Tradução Inglesa) II 246.

gerada. A carne humana não poderia constituir parte importante do cardápio de um povo que cultivava mandioca, batata, feijão, amendoim, abóbora, cereais e cacáu. Era antes um rito, uma superstição semelhante a que os levava a ingerir, com a bebida, as cinzas do amigo defunto, para assimilar-lhe as qualidades. Parece bastante significativo o fato do General Rondon, — que mais que qualquer outro tem mantido íntimo contacto com as hordas selvagens do Brasil, — afirmar que nunca viu o menor indício de antropofagia entre as tribus de Mato-Grosso, apesar de estar sempre de atalaia (13).

Quanto à população indigena do Brasil em 1500, não podemos dar nem ao menos uma estimativa aproximada. A sua densidade éra talvez tão insignificante que um aviador voando a 300 metros do sólo não conseguiria perceber maiores indícios da existência humana, que pequenas clareiras na floresta e o fumo de fôgos esparsos. (Dizendo-se, entretanto que o tipo de cultura Amazonense não existiu senão nas margens dos rios e na órla marítima, não nos devemos esquecer, de que na Amazonia o número dos cursos fluviais, excede à toda a imaginação humana). A população de qualquer sociedade primitiva que vivesse da caça, como a que se apoiava no guanaco, foi sempre esparsa. O Nordeste é flagelado pelas sêcas periódicas que escorraçam as populações atuais e devastam toda a zona que do São Francisco se estende para o Norte. Muitos outros fatores além da alimentação, impediam o rápido aumento da população indigena: o aborto voluntário éra, em certas tribus, permitido para as mulheres de menos de trinta anos; as mães amamentavam os filhos até quatro e cinco anos; em certas zonas do vale, éra ha-

(13) CANDIDO MARIANO DA SILVA RONDON, *Etnografia*.

bito enterrar a creança com a mãe que morria de parto, a menos que outra mulher se oferecesse para criá-la. E' sempre grande a mortalidade infantil entre povos primitivos. A antropofagia existia de fáto, mas não tinha a importância que se lhe quer emprestar, e a guerra entre tribus éra forma corrente de relação entre elas. Ao índio, certamente, faltava a tremenda fertilidade do negro.

Faltava-lhe ainda uma outra qualidade que possuía aquele e que constitúe fator essencial para que a humanidade possa construir algo de valôr: a cooperação. O espírito de clan, achava-se, no índio, reduzido a proporções microscópicas. Sua idéia de solidariedade social não excedia os estreitos ambitos da tribu. Era frequente haver no mesmo rio diversas hordas de selvagens impedidas de se comunicarem, pois que entre elas existia cordialidade igual à com que se tratam Franceses e Alemães. E' fóra de dúvida que, em 1500, o índio brasileiro estivesse totalmente afastado da concepção de uma humanidade universal, ponto para o qual evoluem agóra os póvos mais esclarecidos.

Qualquer idéia que se fizesse da alma indígena talvez fosse ainda mais destituida de fundamento que a estimativa de seu numero em Santa Cruz, no ano do descobrimento. Os cientistas modernos não classificam os traços raciais com a mesma leviana facilidade com que o faziam os de ha duas gerações. A diferença entre um selvagem e um civilizado, reputa-se hoje tão insignificante, que difficilmente se poderiam atirar pedradas contra um índio sem correr o risco de atingir a cabeça pejada d'algum sabio.

Bates viveu entre as tribus do Amazonas de 1848 a 1859 e chegou a conclusão de que a raça éra um tanto fleugmatica, triste e pouco imaginosa.

O Professor Orton diz :

A preguiça é o seu característico principal. Certo cavalheiro ofereceu uma vez a um selvagem que passava pela sua porta, vinte e cinco centavos para que lhe trouxesse um púcaro d'água, do rio que corria a alguns metros de distância. O índio recusou-se. "Dou-lhe cincoenta" disse-lhe o cavalheiro. O índio então, altivo respondeu : "Pago-lhe um dólar para que me traga água". Darwin encontrou exemplo idêntico na Banda Oriental : "Perguntei a dois homens porque não trabalhavam. Um respondeu-me que os dias são muito compridos : O outro disse-me que era pobre demais. (14).

Essas passagens, porém, foram até ha pouco consideradas pelos nossos mais avançados cientistas, como sendo o traço fundamental de uma raça que orçava por milhões.

Bates, a julgar pelos seus escritos, depois de 11 anos na Amazonia, via o mundo através de uma névoa melancolia. Nos outros dois casos citados, os índios, com um fino senso humorístico divertiam-se à custa dos sabios de longas barbas.

Sobre um ponto importante, porém, convem ouvir novamente a opinião de Bates :

"Já me referi à diferença de influência que o clima exerce sobre o índio e sobre o negro. Ninguém poderia viver por muito tempo entre os selvícolas do Amazonas sem se deixar influenciar pela sua constitucional aversão ao calor. O europeu, sem dúvida, suporta melhor que os nativos a canícula do país; eu mesmo notei que podia suportar o sol ou o calor tão bem como os incolos, comquanto não seja favorecido pela natureza, para tanto. A pele deles é sempre quente ao tacto, mas, suam pouco... Banham-se diversas vezes ao dia, mas não mergulham n'água; apenas tomam uma espécie de banho de assento como se vêm os cães fazer nos climas quentes, para refrescar a parte inferior do corpo... Nos dias caniculares e bonitos, elles se mostram tão inquietos e descontentes, quão alegres e garrulos nos dias fríos em que a chuva escorre livremente pelos seus dorsos nús... Que diferença do negro, o verdadeiro

(14) JAMES ORTON, *Os Andes e o Amazonas*, pág. 243.

filho dos climas tropicais! Aos poucos fui formando a Impressão de que o selvagem vermelho, vive como estranho ou Imigrante, nestas cálidas regiões a cujo clima a sua constituição original não é adáptada — nem até agora se adaptou perfeitamente”.

Imigrante estrangeiro, em país estranho, é o ameríndio! E o selvagem brasileiro fez tão pouco progresso na conquista da natureza brutal, dentro do espaço de tempo que lhe foi permitido fruí-la, que, quando o eterno relógio do tempo bateu 1.500, o Criador perdeu a paciência e decidiu entregá-la a outro povo, que melhor pudesse dominá-la.

Antes que surjam os conquistadores, porém, passemos em revista “o verdadeiro filho dos climas tropicais”.

§ 2. O NEGRO NA AFRICA

Se é difícil ao civilizado penetrar com simpatia na alma do índio nú, é quasi impossível contemplar o negro senão através de uma teia de preconceitos que lhe destorce a figura e altera as verdades mais patentes a seu respeito. Entretanto, já não está longe o dia em que todos serão forçados, pela evidencia dos fatos e pelos progressos da ciência, a reconhecer essa verdade simples: de uma única espécie deriva toda a humanidade — do Homo Sapiens — e que não ha raça alguma que não tenha prestado o seu contingente de contribuições para a civilização.

Quando subir o pano de boca sobre o drama brasileiro, vamos assistir ao recrutamento, na Africa, de um verdadeiro exército de trabalhadores e seu apressado transporte através do Atlantico para render as forças que se empenhavam na ingente batalha contra a natureza, ao longo de um “front” que serpeava desde o Pará até Montevidéo; êsse movimento, comparavel em im-

portância, foi, porém, de proporções ainda maiores que a conscrição feita nos Es. Us. durante o primeiro quartel do século XX, e sua apressada remessa em sentido oposto, para render as forças entrincheiradas entre a Mancha e os Alpes. A zona em que se processou este último recrutamento ia de Halifax ao Hawaii e da Baía de Hudson ao Golfo do México; no recrutamento africano, a zona não era menor. Os negros vinham da Angola e do Congo; de Dahomé, dos Grandes Lagos, do Velho Calabar e do Rio Bonny; da Guiné Portuguesa e de Gambôa. O braço do sargento recrutador português foi além do Lago de Stanley; foi mais longe ainda, foi a Moçambique e à região banhada pelo rio Kanene, na costa Oriental. Prêou sobre as tribus de Yoruba, Egba e Sobo. Sobre os Mandingos e Batekes sobre os Hottentotes e Buchimas da mesma forma que sobre os habitantes das selvas caiu a férrea mão do escravagista. Mahometanos e pagãos eram classificados como braço de primeira, na tabéla dos traficantes estabelecidos em Wydah, que embarcavam verdadeiras coórtes negras rumo ao Brasil. (1).

Para os que quizerem observar essas legiões tismadas à luz da ciência, o Dr. W. E. B. du Bois, prestou serviços tão relevantes como o Dr. Wissler com relação ao amerindio. (2).

O que se segue não passa de rápido escôrço histórico :

Quando os nossos antepassados surgiram da sua milenária morádia na Asia Central, um rapagão taciturno e de cabelos lisos, enveredou para o Norte e outro de cabelos cacheados e dotado de incorrigível bom humor, encaminhou-se para Sudoeste. Queimou os pés nas areias escaldantes da Arábia, refrescou-os novamente no Mar Vermelho e seguiu para longe — até atingir

(1) Sir HARRY H. JOHNSTON, *O Negro do Novo Mundo*.

(2) DU BOIS, *O Negro*, (Nova York, 1915).

a beira do rio que corre para o Norte "como um pensamento gráve e poderoso que se transformasse em sonho". O Nilo mostrou-lhe a direção do Sul e revelou-lhe os seus segredos: Os Grandes Lagos escondidos no coração do Planalto Africano e os parques magníficos que o cercam e ainda hoje constituem o paraíso dos esportistas. O palpar de um oceano distante atraíu-o irresistivelmente ao longo da fimbria dourada do deserto, até que viu o sol se aninhar no ocaso e depois, mergulhar no mar sem fim do ocidente. Parou então para um descanso, depois da longa caminhada pelas profundezas frias das florestas do Congo.

"Que belo país", resmungou êle, "vou ficar". No ôco de um páu construiu um tambôr e com êle anunciou ao mundo: "Um Continente para o Negro!"

Com sua fertilidade prodigiosa, a multidão que o seguiu povoou a Africa com população tão densa como a que tinha a America do Norte nos primórdios do século XX. Depois dos anões avermelhados que se agruparam no emaranhado mais inacessível da floresta e dos Negros de tez amarelo-clara, com os Buchimas e os Hottentotes de Sudoeste, viêram (ou desenvolveram-se, a nós pouco nos interessa que verbo aplicar com mais propriedade) os nilóticos pernaltas do Sudão Oriental e os atlétas de ébano que se apossaram, da costa ocidental, desde a Gambia até o Congo, das densas florestas da bacia do rio de igual nome e do delta do Niger. Ao que parece não houve barreira de gelo que lhe cortasse a sua comunicação com a Asia, como provavelmente aconteceu com o amerindio e seus ancestrais. O homem Mediterrâneo, — a raça Ibérica, — seguiu-lhe as pégadas e ocupou as regiões setentrionais do Sahara. A terra dos negros, própria dita, ficou então sendo a parte da Africa que demóra além do cálido deserto. Do caldeamento do Negro Nilótico com o tipo Ibérico surgiu o egipcio (de acôrdo com Du Bois);

e, do cruzamento dos Negros da floresta com os Ibéricos nasceram produtos híbridos tais como o Songahi, o Mandingo, o Fula e o Nyamnyam (Johnston). Mais tarde, outros representantes do tipo Mediterrâneo começaram a estabelecer contacto com o País dos Negros. Os Assírios de língua semítica, os Fenícios, os Arabes, os Cartagineses e, depois dêles, os Gregos e Romanos, de origem Ariana, todos tiveram relações comerciais com os pretos e todos se beneficiaram da sua cultura da mesma fô ma que para ela contribuíram.

Qual o estágio cultural dos Negros? Aí está uma importante questão. John Stuart Mill estabelece uma regra bastante simples para se avaliarem os homens: "O princípio que modernamente orienta a moral e a política é o de que a conduta, e sòmente ela, é digna de respeito, i. e., não o que os homens são, mas, o seu modo de agir é que faz jús à deferencia". Qual o merecimento do Negro, de acôrdo com essa regra?

Nas imediações do Sahara e do Kalahari, ostentam-se as pastagens naturais da Africa e essas duas regiões são ligadas pelas elevações que assoberbam a zona dos Grandes Lagos. Nêsses campos o Negro soltou o seu gado e tornou-se um dos maiores criadores do mundo. Entre as tribus do Sudão Oriental e os Bantus, ao Sul, eram comuns as vilas cuja população bovina fa de 10 a 12.000 cabeças. Os kafirs, sempre foram criadores notáveis. A estabulagem para engorda é praticada em Kilimanjaro. Mesmo na bacia do Congo, o carneiro, a cabra e o gado vacum eram encontradiços. De feito, é difícil achar-se lugar na Africa onde as carnes de carneiro, de cabrito e de galinha não fossem comuns no regime alimentar do negro.

Se é bom campeiro, ainda é melhor agricultor. Friedrich Ratzel disse que entre os grandes grupos "naturais" da humanidade, os Negros eram os melhores

e os mais inteligentes lavradores". (3) Entre êles, como nas tribus indígenas, o trabalho agrícola se enfeixava principalmente em mãos femininas; em muitas regiões africanas, porém, os negros eram de tal fôrma absortos no trabalho agrícola que toda a vida da tribu girava em tôrno das atividades campestres. A adubação e a irrigação, constituíam em certos logares, parte corriqueira da sua técnica.

Como artista, possuía notável desenvolvimento na arte de fazer cestos, na da tecelagem e na tinturaria. Já no Seculo XI éra êle conhecido como fabricante de tecidos de algodão. As canôas por êle fabricadas eram tão boas quanto as dos índios brasileiros. Suas casas características, de barróte, cobertas de palha, eram quasi tão confortáveis como as do camponês europeu da Idade Média. De roupas, tinham pouca necessidade; entretanto, tribus havia que produziam belas peças de vestuário. Curtiam couro tão bem como qualquer europeu e trabalhavam o produto em fôrma de roupas, escudos, sandalias e vasilhame para água e óleo.

Nem ao menos as belas artes escaparam às tentativas do Negro. Como tal devem ser classificados os seus trabalhos em marfim e em dente de hipopotamo (na caixa Guiné). Inventou diversos instrumentos musicais. O Ashanti, na Costa Douro, fazia tapetes, cravava pedras preciosas e trabalhava em ouro. Não somente encontravam-se trabalhos de madeira esculpida nas igrejas de Yoruba, mas, êsse povo modelava também o quartzo e o granito; fazia imagens de terra-cota que divertem o olhar do crítico moderno; fabricavam vidro!

O ponto, porém, em que a nossa admiração se transfôrma em assombro é quando contemplamos o trabalho do Negro em metais. A não ser que a arqueologia ain-

(3) *A History of Mankind*, II, 380.

da nos venha desvendar novos segredos, nada ha por enquanto que possa arrancar ao Negro a gloria de ter sido o inventor da fundição do ferro, a chave da moderna civilização industrial e dádiva de tal monta à espécie humana, que equivale em importância, à descoberta do fogo ou a da linguagem escrita. Os Norte-americanos de Pittsburgo deveriam ir em romarias ao coração da Africa como os Mahometanos vão a Méca. Do ferro, o negro fabricava machados, enxadas, facas, alfanges e outros instrumentos caprichosamente acabados. Pelo tempo das Cruzadas já exportava êsses artigos para a India. Era igualmente habil no manuseio do cobre, da prata e do ouro. Em Benin e em Yoruba, pelo menos, a fundição do bronze e do latão eram já conhecidas. Os Kafirs e os Zulus estiravam arame de cobre.

Apezar de que mesmo no Congo, antes das invasões Arabe e Européa, havia já cidades com 20.000 e 30.000 habitantes (4) o agrupamento característico da cultura negra éra, porém, o de vilarejos e pequenas tribus. Interessantissima éra a divisão do trabalho entre aldeias, que se encontrava no baixo Congo; os habitantes de uma vila dedicavam-se exclusivamente à pesca; os de outra especializavam-se no fabrico de vinho de palmeira e uma terceira negociava por todas elas. Em verdade, o comunismo na Africa, como na America, éra concepção fundamental, principalmente quanto à 'posse comum do sólo.

A religião não passava de fetichismo, não muito diferente do que praticava o selvícola brasileiro. A linhagem materna era a geralmente adotada; a poligâmia, comum; e a antropofagia ocupava na vida do Negro logar idêntico ao que tinha na do amerindio. De todos os característicos sociais, porém, o mais importante para o Brasil era o fâto de ter o negro atingido estágio

(4) FROBENIUS, *A voz da Africa*, I, 14-15

muito mais desenvolvido na sua capacidade de contratar, cooperar e organizar grandes unidades políticas, estágio êsse a que jamais chegariam os selvícolas, e que se aproximava já do raiar da história escrita.

Ah! O raiar da história escrita! Como era bela e simples a geografia daqueles tempos: "Ao Norte ficava o delicioso país dos póvos hiperboreos, longe dos rigores hibernais; ao Poente, os jardins das Hesperides onde sazonavam maçãs de ouro; a Leste os bosques e as campinas em que brincava o fulvo Sol; ao Sul o país dos etíopes inocentes frequentado pelos Deuses".

Tanto o sangue como os princípios culturais dêsses etíopes "sem mácula" derramaram-se em torrentes por sobre a antiga civilização egípcia. A meia idade do império, as regiões que demoram à jusante da segunda catarata viram florescer a civilização mais genuinamente negra da Etiópia. Ha cêrca de 2.700 anos, êsse reino negro teve poderío suficiente para conquistar o Egípto e sobre êle imperar pelo espaço de um seculo: foi a 25a. dinastia. (5)

A única linguagem escrita que já produziu a África, proveio dêsses dois centros de civilização, e dêles, como é natural, as hordas que beiravam o Sudão, muito receberam. Tambem lhes deram muito.

Em éras posteriores, os mercadores trouxeram de regiões situadas além do deserto, indícios e fragmentos do Cristianismo como antes de Cristo tinham já trazido noticias de Cartago, da Grecia e de Roma. Depois, no seculo XVII, a pálida sombra da cruz ofuscou-se de todo, pois que ao Norte surgia no horizonte o Crescente prateado. Desceu então a comporta que por mil anos separou a Europa da Terra dos negros. Caiu a

(5) Vide WELLS, *Esboço da História*, (Outline of History) I, 200.

cunha de uma fé militante que os impeliu para além do Islam, para longe do pálio sagrado do Cristianismo.

Quando as hordas Arabes cortaram a fimbria ocidental do Sahara e se derramaram por sobre o continente negro, no seculo X, a primeira nação com que tiveram contacto foi o reino de Ghana, que existiu mais ou menos ao tempo em que o Faraó Néco, da 26.^a dinastia, despachava a expedição fenícia que circumnavegou a Africa. Os Mandingos agiram como elemento de ligação, nêsse remóto contacto, entre a cultura indigena dos negros do Benin e de Yoruba e a dos mouros invasores. Como na Hespanha e em Portugal, a civilização Mahometana exerceu poderosa influencia vitalizante, e, foi da miscegenação dessas duas correntes etnográficas que surgiram diversas nações negras, dentre as quais o Reino dos Melestinos (1235) — o berço remóto de muito baiano de mais tarde.

A séde do império Sudanez passou no início do Seculo XVI para Songahi, o maior e o mais famoso de todos os impérios negros. Situado na grande curva do rio Niger, foi também a origem de muitos futuros brasileiros. Durou cêrca de mil anos ao todo. Sob o domínio de Muahmmad Askia, que reinava pelo tempo em que Cabral descobriu o Brasil, estendia-se do Atlantico ao Lago Chad e das salinas de Tegazza, ao Norte, a cêrca de 10.^o de latitude Norte, na direção do Sul. A universidade de Sankore, que mantinha intercambio cultural com os centros didáticos do Egíto e do Norte da Africa, lecionava direito, literatura, gramática, geografia e cirurgia a uma legião de estudantes negros sudanêses.

Assim o Arabe tornou-se a linguagem escrita do Sudão e o Mahometanismo a religião dominante em uma grande faixa de território africano compreendida desde acima do 10.^o paralelo até 5 gráus para o Sul. Foi assim que, quando Vasco da Gama, acompanhando a cos-

ta, atingiu Melinde, encontrou pilôtos negros Mahometanos que lhe indicaram a róta através do Oceano Indico, para Calicut. E é assim que ainda em pleno seculo XX encontramos a escrita arabe e o Mahometanismo no interior da Baía, no Brasil longínquo.

Tal é, em rápido escôrço, a história da cultura negra na Africa. Tivemos que esboçar muito ligeiramente o contôrno dos séculos afim de dar uma idéa aproximada do todo, mas, quem quer que seja, que, dotado de regular senso de justiça, esmiuce a literatura e examine as coleções expostas em diversos museus europeus (não temos nos Es. Us. mostruários ricos em material Africano), jamais poderá fugir à conclusão a que chegou Franz Boas :

“Os carateristicos da cultura Africana, observados em seu nascedouro, i. e., no “habitat” aborigene do negro, são os de um saudavel povo primitivo dotado de grande iniciativa pessoal, talento organizador, notavel poder de imaginação técnica e habilidade. Nem lhes falta o espírito guerreiro como ficou provado quando os conquistadores de ébano derrubaram nações e levantaram impérios. Também ficou patente o entusiasmo com que atendiam ao apêlo dos seus generais. Nada ha que possa provar que a licenciocidade, a preguiça e a falta de iniciativa sejam carateristicos fundamentais dessa raça. (6).

§ 3. O PORTUGUÊS NA EUROPA

Isso quanto ao Indio e quanto ao Negro. Agóra tratemos do branco que a ambos deveria dar uma nova língua e emprestar uma civilização antiga. Quem eram, então, os Portuguezes que descobriram e se fixaram no Brasil?

Méro acidente histórico. O resultado dáquela mesma tendencia separatista que, mais tarde, como os balins de

(6) BOAS, *A Mentalidade do Homem Primitivo* (Nova York, 1922), pág. 271.

um "shrapnel" dividiria a America Latina em um sem número de Repúblicas. Desde o ano de 1.140 quando dois aventureiros francêses dos rumorosos tempos das cruzadas decidiram ao acaso da sorte, por assim dizer — no torneio de Valdevez — que o Conde de Portugal não mais seria um feudatário da Galicia, a história das províncias de Sudoeste não se distingue em muito da do resto da Península Ibérica. E, do ponto de vista racial, de acôrdo com Ripley — a Península é mais homogênea que qualquer outra região da Europa, de iguais dimensões, apesar de que isso pouco nos diz. A diferença de língua nada tem que ver com a diferença do tipo étnico; mesmo nêsse ponto, porém, é mais fácil a um camponês de Castela compreender o Português que o Catalão. (1).

Os primitivos iberos — dos quais todos os três descendem, — daqueles tempos em que um machado de pedra polida significava para o homem de então o mesmo que para o de hoje representa um receptor de rádio, — não se achavam disseminados apenas pela Península Ibérica, mas ainda, pela Inglaterra, Irlanda, França e por todas as terras banhadas pelo Mediterrâneo; e os antropologistas nos dizem ainda que certas pistas que vão seguindo, parecem indicar que o domínio da raça ibera distanciava-se bastante do Mediterraneo. Os seus descendentes, porém, que no momento nos interessam, são de tipo quasi pequeno, construção franzina, esguio e agil; cabelos e olhos muito escuros, quasi pretos e a pele de uma linda côr branco-oliva. Esse tipo predomina nos povos situados ao Sul dos Pirineus, ao longo do litoral sulino da França, ao Sul da Italia, na Sardenha e na Sicília, e, segundo Ripley, está antropológicamente ligado a todos os povos que habitam a Afri-

(1) W. Z. RIPLEY, *Raças Europeas*, pág. 19.

ca acima do Saára, desde o Mar Vermelho até o Atlântico.

Pela sua posição, a Península Ibérica constituiu a estrada que pelo Ocidente ligava a Europa à Africa, e, como tal foi invadida e conquistada por ondas e mais ondas de humanidade ávida de aventuras. Uma das primeiras de que temos noticia foi a dos povos de língua Celta, vinda do Norte. Estes, porém, provavelmente não constituíram mais que uma aristocrácia dominante.

Por via marítima, muito mais tarde, viéram os Gregos que estabeleceram entrepósitos comerciais nas montanhas de Tagus, Douro, e Minho e ofereceram aos Portuguezes o inestimável presente do seu alfabeto. Os Cartaginêses tiveram também colonias e entrepósitos comerciais por toda a Península Ibérica, mas, nunca exerceram influência por demais pronunciada sobre as províncias mais atrasadas do Ocidente. Os Romanos conquistaram a Península aos Cartaginêses depois da segunda Guerra Púnica e conservaram-na durante seiscentos anos, desde 201, antes de Cristo, até o começo do seculo V. Esse predomínio foi suficientemente longo para que os íberos adotassem a língua latina, suas instituições governamentais e a religião católica. Os três invasores, porém, Gregos, Cartaginêses e Romanos — eram do mesmo tipo étnico Mediterrâneo que os habitantes da Península; nenhum dêles tinha população assás numerosa; de maneira que não puderam modificar mais que a cultura e a língua do povo dominado. Novo e importante elemento étnico, foi, porém, introduzido quando o imperador Adriano (no ano 117 da éra cristã) transplantou para a Hespanha cincoenta mil famílias de Judéus.

A onda de conquistadores que se seguiu foi do tipo nórdico: homens loiros, de olhos azues e cabelos sedosos. Por cêrca do ano 425 da nossa éra, os Visigodos

derivaram pelos Pirineus, seguindo as pégadas dos Vandalos, como passaros polares no bojo da tormenta. Fixaram-se na Península enquanto os primeiros seguiram mais além, conquistando o Norte da Africa no sentido físico da palavra, i. é., expulsando os senhores romanos, guindando-se aos postos de mando e formando com os de sua grei a aristocracia da terra. Por seu turno, porém, foram êles conquistados pela língua e pela civilização romana que já se achava enraizada no país. Roderico, o último dos reis Góticos afogou-se no Cudalquivir quando tentava barrar a invasão dos mouros que vinham da Africa, via Gibraltar, lá pelas éras de 711.

Esses ventos quentes do deserto que bafejaram a Península eram bastante diferentes das rajadas frígidas que os barbaros sopraram do Norte. Os nómades do deserto que, em seus ginetes fogosos, talavam desde o Ganges até o Loire implantando o Maometanismo traziam as mãos pejudas de dádivas: sabedoria, tolerância e hígene.

Durante quasi trezentos anos Portugal, sob o jugo dos seus dominadores asiáticos experimentou uma prosperidade ainda maior que sob o império dos Visigodos. E então pelo espaço de mais de dois seculos (até as proximidades de 1250) para os cavaleiros da Cruz, constituiu negócio vantajoso o assalto, a pilhagem das fortalezas mouriscas e a ocupação dos seus campos. Ha cidades portuguezas que devem ter corrido de mão pelo menos uma duzia de vezes e assim foi que o camponês, a bem de seus próprios interesses, colocou-se em posição da mais absoluta neutralidade, pois, era-lhe impossivel saber qual o senhor feudal, Cristão ou Sarraceno, que na manhã seguinte estaria ocupando o castêlo do seu feudo.

Até que ponto modificaram os mouros o aspêto físico da Espanha e de Portugal? Os únicos traços que

distinguiam o invasor do oprimido talvez fossem uma pigmentação mais carregada da epiderme e alguns anéis a mais nos cabelos. Tinha vivido sob o sol ardente do deserto árabe e do Setentrião Africano, sofrendo a influência de cruzamentos negroides. Afirma Ripley que os mouros eram de tipo tão semelhante ao do nativo que se tornava impossível identificar-lhes os descendentes; essa miscegenação, portanto, não lhes modificou a estatura e nem lhes deformou a conformação craneana.

Da história da dominação mourisca em Portugal, três pontos precisam ser destacados, pois que interessam de perto o observador do Brasil hodierno. O primeiro é o que respeita à subtil diferença entre o moreno e o pardo. O norte-americano, em geral, devota verdadeiro horror às uniões entre negros e brancos, tão comuns na America do Sul. E' preciso, porém, que se note que o primeiro contacto que tiveram os Portuguêses e Espanhóes com povos de outra côr, foi o dos conquistados com seus conquistadores tismados; e o mais escuro era o mais civilizado, o mais culto, o mais artista. Vivia nos castelos e ocupava as cidades. Era quem dispunha do ouro e os Portuguêses tornaram-se servos seus em sua própria pátria. Em tais circunstâncias, é fóra de dúvida que seria honra para o branco aliar-se, pelo casamento, à raça dominante e não o inverso como é costume considerar-se. Nem eram sòmente os camponóes luzos que misturavam seu sangue ao dos mouros: Afonso VI que unificou Castela, Leon e a Galicia em 1073 — para citarmos apenas um dos muitos exemplos que regista a história — escolheu uma princesa sarracena, a filha do Emir de Sevilha, para ser a mãe de seu filho Sancho.

O segundo ponto é que o esporte favorito da época — a pilhagem da propriedade mourisca — deu origem a um dos mais aberrantes males que se prendem

à distribuição da terra no Brasil. Quando um senhor feudal se via em apertos com o infiel, congregava a cavalaria andante da Europa de então e aos que atendiam o seu apelo retribuía com generosas doações de terras usurpadas aos mouros. Ao doador nada custava o presente enquanto que ao novo feudatário cabia a obrigação de defender sua fronteira contra os cavaleiros bronzeados da outra banda do rio.

Em terceiro lugar as Cruzadas peninsulares resultaram na intromissão de quasi todos povos do Norte da Europa, no sangue Português. Depois que o Papa decretou que as Cruzadas na Peninsula tinham, perante Deus, o mesmo valôr que a libertação da Terra Santa, tornou-se habito entre os cavaleiros de Inglaterra, de Flandres, da Dinamarca e da Normandia, que viajavam por mar, fazerem, de passagem pelo Porto ou por Lisbôa, uma rápida incursão sobre os mouros, a guisa de desentorpecer os seus corseis e quebrar a monotonia da viagem.

O resultado remoto dessa prática foi ter o elemento português que se fixou no Brasil, de mistura em suas veias, o sangue do Ibero, do Celta, do Grego, do Fenício, do Romano, do Visigodo, do Judeu, do Arabe, do Francês, do Inglês, do Flamengo e do Espanhól. E isso nos impele a uma disgressão importante.

Wells, depois de frisar como se diferenciaram diversas variedades do *Homo Sapiens* nas éras em que tudo tendia a isolar grandes grupos humanos por longuissimos períodos, passa a uma afirmativa que tem a magnificência da verdade :

“Na éra atual é possível que a espécie humana não esteja sofrendo diferenciação alguma. O homem, do ponto de vista biológico é uma espécie em estado estacionário e, possivelmente, de involução. A humanidade caldea-se cada vez mais. A involução constitue,

no momento atual fôrça muito mais poderosa que a diferenciação". (2)

Se, ás raças cruzadas pelas constantes migrações que passaram por sobre a Península Ibérica, adicionarmos o sangue do amerindio (primo-irmão do mongol) e o do negro, vindo da Africa, teremos um tipo de homem que é mais ou menos a média, ou a síntese da humanidade inteira e êste, com bem mais aproximação que qualquer outro que possa ter existido antes de iniciada a diferenciação. No campo da biologia o drama brasileiro desenvolve têmea de grande importância para a espécie.

Continuando, porém, devemos distinguir, em Portugal, três classes sociais. Em nível superior, pairava a dos valentes guerreiros e senhores feudaes cujos membros jamais se entregavam a qualquer outra fórmula de trabalho que não o de governar. Abrangia também o alto cléro, mas, seria melhor simbolizada pela silhueta do fidalgo. E, uma vez que a alvura dos seus punhos era incompatível com a lida pouco asseada do comércio e ao fidalgo parecia mais fácil e nobre fazer dinheiro a ponta de espada que a golpes de picareta, o poderío econômico nacional foi, cada vez mais, gravitando para as ávidas mãos dos inúmeros descendentes das cinquenta mil famílias israelitas que Adriano transplantou para a Península. Até poucos anos antes do descobrimento do Brasil formavam êstes uma classe rica e eficiente de homens de negócio e comerciantes. Trocando entre ambos, como um "coolie" saltitando sob o pêso de duas cestas de legumes, equilibradas em uma haste flexível, labutava a massa laboriosa da população, um proletariado vigoroso e dotado de certa delicadeza e inteligência a despeito de sua monumental ignorância.

(2) WELLS, *Esboço da História*, (Outline of History) I, 140.

Foi o fidalgo português quem organizou e manteve o grande império comercial do século XVI. O descobrimento da Índia patenteia a capacidade dessa elite governamental em empreendimentos de ordem científica bem como a sua constância na aplicação prática dos resultados obtidos, só comparável à investigação petrolífera que atualmente se processa em toda a América do Sul, por geólogos de nomeada a soldo das companhias de gasolina. Se quiser o leitor avaliar quão esplêndidas foram as qualidades que entraram na formação do brasileiro, examine as cartas da África e da Ásia e acompanhe a rota dos emulos de Henrique, o Navegador, dilatando a geografia da época, desde o descobrimento da Ilha da Madeira, em 1419, até que Vasco da Gama tocasse em Calicut, com a esquadra que depois levou a Nova Zembla para provar que era impraticável a rota por via Setentrional. O fato de ter sido, essa formidável façanha, executada apenas oitenta anos depois do Príncipe Henrique ter-se estabelecido no trampolim da Europa (Sagres) com o fim especial de desenvolver a arte de marear, é muito mais significativo que se tivesse sido ela executada de chofre. Nem com essa conquista colossal cessou o período das explorações.

Logo que a Lisboa chegou Vasco da Gama, arcado sob o peso de sua glória, foi Cabral despachado para a Índia com uma esquadra de 13 navios e instruções para organizar as cousas de maneira que a riqueza da Ásia continuasse a fluir para a velha Metrópole. Impelidos para longe de sua rota, pelo sopro do destino, em Abril de 1500, as lusas prôas tocaram a órla do litoral Tupi.

CAPÍTULO III

A T E R R A

SE a semente de um pinheiro fôr lançada à sombra dos seus maiores, no chão profundo de uma cova resguardada, onde a humedeça o orvalho matutino e o sereno da noite a refrigere, os homens de amanhã poderão contemplar a majestade estática de um rei vegetal, de porte ereto, ostentando orgulhoso a corôa de uma côpa verdejante. Se, porém, uma haste do mesmo pinheiro garboso agarrar-se à fina camada de terra de um penhasco à beira mar, longe dos seus iguais, onde o vento frio do Norte a sopra, maltrate e dilacere, a arvore do futuro será um monstro carcomido, retorcido e resequido; a ramagem desgrehnada balançando às soltas e os galhos nodózos, macabros, apontando a direção do vento que assim os fez.

Ninguém, nêsses dois irmãos, reconhecerá a origem comum. A terra e a situação respondem pela diferença.

O meio ambiente em que evoluem as sociedades humanas produz efeito igualmente profundo. Não basta conhecer-se a qualidade da semente. A natureza do sólo em que foi plantada tem identica importância. Toda a vida do universo agita-se nervosamente por entre uma estreita faixa situada entre um leve lençol de rocha ou de água sobre o exterior do globo terraqueo e uma tenue camada de ar formando o fundo da atmosfera; e nessa balburdia, o homem. Mas, a facilidade com que se move, se alimenta e se aquêce o Rei da Creação, ou os artificios e os esforços de que se tem de va-

ler para a conservação da vida, tudo isso depende do clima, da vegetação que veste o sólo e da abundancia da caça ao seu alcance. No Brasil, êsses elementos de tal fórma condicionam a vida humana, que se torna impossível compreender o passado ou devassar o futuro do seu povo sem se fixar a atenção, ao menos por um momento, sobre êsses capitais factores do destino.

Tomamos da pena para tentar a descrição da natureza assoberbante dessas terras, com a mesma sensação, talvez, com que o homem pré-histórico, brandindo um machado de silex, acercava-se de um mammoth para xarqueá-lo. A região sulina do hemisferio ocidental é a mais desconhecida do globo. A ciência apenas vagamente tem abordado o estudo dessa zona imensa que se precipita dos Andes para mergulhar no Atlantico. Nos logares onde a mão do homem subjugou a natureza, difficilmente encontram-se limites naturais: raramente existe uma aresta viva que determine o ponto exato em que a montanha se eleva da chapada. No Brasil é impossível determinar limites ainda mesmo aproximados em certas regiões do sertão quer sejam cobertas de mata secular ou de campos naturais — porque os estudos e levantamentos essenciaes ainda não foram feitos. Regiões enormes jazem ainda envoltas no mistério e os seus mapas nada mais são que puros trabalhos de imaginação.

De que elementos dispômos nós então para estudar essa parte da crosta terrestre de vastidão ainda maior que os Estados Unidos? Dos 197 $\frac{1}{2}$ milhões de quilometros quadrados de superficie terraquea que emerge dos mares, as Americas ocupam 55- $\frac{1}{2}$. (1) Desta área, os Portuguezes vindos com Cabral deveriam demarcar como propriedade da Corôa lusa 8- $\frac{1}{2}$ milhões de Kms.2,

(1) BRUNHES, *Antropogeografia*, pág. 70 Salibury, *Fisiografia*, pág. 6, dá a superficie total de terra no globo, como sendo 185-1/2 milhões de quilómetros quadrados.

área que excede em 250.000 kms.2 o território compreendido entre o Mexico e o Canadá. As únicas extensões continentais que se lhe pódem comparar em amplitude são: o Canadá, a China, a Australia, a Russia e os Estados Unidos.

Atualmente todo o mundo sabe que o Brasil é grande; entretanto, o Norte-Americano do povo não se dá ao trabalho de pensar que vastidão implica em diversidade.

“Qual é o clima do Brasil?” perguntam frequentemente pessôas que bem sabem quão diferente é a climatologia do Maine da de Florida e que entre a zona extremamente chuvosa do Oregon e a medianamente irrigada do Illinois, pairam áridos desertos.

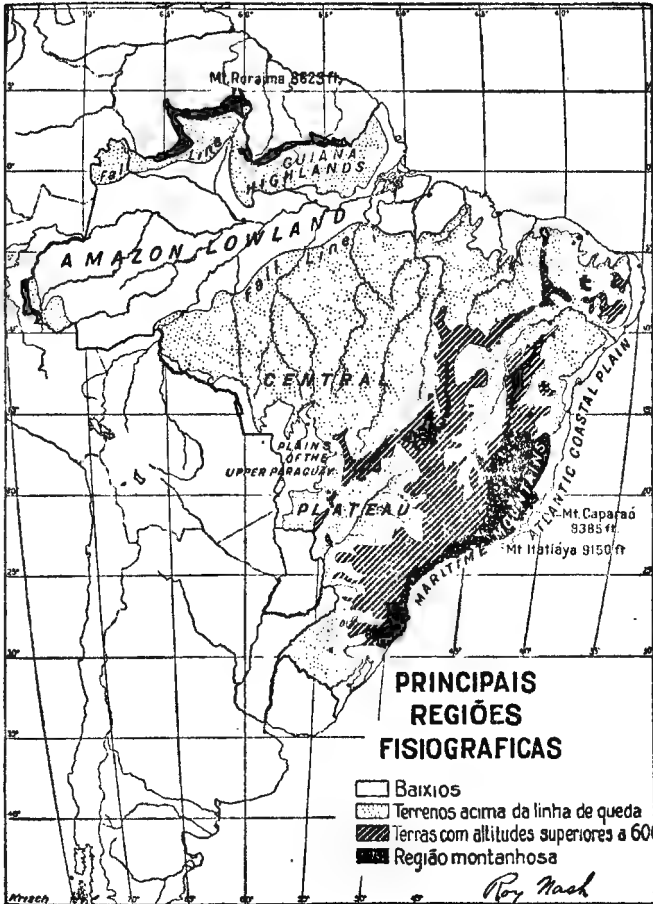
“Que madeiras encontram-se lá?” perguntam êles com relação a florestas que produzem mais de duas mil espécies comerciáveis.

“Pesca-se bem no Brasil?” indagam os esportistas do nosso país com relação a uma rêde hidrográfica onde vive maior número de variedades ictiológicas que em todo o Oceano Atlantico.

Sòmente a ignorancia dêsses conterraneos nossos é que nos dá coragem para tentar a descrição retrospectiva dos principais elementos modificadores da vida que turbilhonava nêsse enorme palco de cortinas verdes, pela risonha manhã de 1500 em que Cabral aportou à Baía. Ninguem, entretanto, melhor que nós mesmos, conhece a imprecisão que o nosso trabalho encerra, no exame a que vamos proceder.

§ 1. TOPOGRAFIA

Planaltos, montanhas e planícies. São êsses os principais acidentes que pontilham a crosta dos continentes. Sò êles nos ocuparão a atenção. Scis são as províncias



fisiográficas distintas que devemos ter em mente : os Altiplanos Guianêses, o baixio Amazonico, as Planícies Litorâneas, as do Alto Paraguai, a Cordilheira Marítima e o Planalto Central.

Os Altiplanos Guianêses

A linha divisória que na direção Nascente-Poente separa o Brasil das Guianas constitúe o "divortium aquarum" entre os rios que vêm ter à bacia Amazônica e os que se despejam no Atlantico. A cadeia a Oeste do Rio Corentine denomina-se Serra Acaraí, a de Leste, Serra Tumucumaque. O Dr. Farabee que ainda recentemente explorou os limites da Guiana Inglesa informa que pelo lado do Norte, essa rêde orográfica é bastante ingreme emquanto que, para o Sul, o declíve é mais suave. A montanha mais alta de todo o conjunto tem apenas setecentos metros acima do nível do mar ; e a elevação do divisor das águas entre o Corentine e o Amazonas, a partir do ponto navegavel em canôa, de ambos os lados, não excede de 100 metros. (1)

E, provavelmente, esse divisor jamais exceda a 400 metros de altitude.

Em direção ao Poente os limites entre o Brasil e a Venezuela são bem mais montanhosos. O Roraima eleva a sua fronde a cêrca de 2.650 mts. ; o Machiati tem quasi a mesma altura e entre êles corre a Serra Paracaima. A cadeia que desse monte se dirige para Sudoeste, denomina-se Serra Parima e do seu flanco ocidental nasce o Orinoco.

Descendo-se qualquer um dos rios brasileiros que drenam a fralda sulina dessas cadeias, depois de contornar inúmeras cachoeiras e percorrer vários quilometros

(1) WILLIAM CURTYS FARABEE, *Um Pioneiro no Amazonas*, Boletim da Soc. Geográfica de Filadelfia XV (1917), pág. 84, 95.

de corredeiras, chega-se ao ponto em que finalmente a corrente se precipita na calha amazônica, e, daí em diante corre tranquila levando em seu dorso os "gaiolas" ofegantes que nelas não correm maior perigo que de um rápido encalhe nalgum banco de areia. Essa parte do território brasileiro, situada entre o Rio Oiapoc à Leste e a Colombia a Oeste, é que constitue os altiplanos guianêses; zona destituída de importância do nosso ponto de vista. Ainda é sertão bruto, e, fóra do leito dos rios, essa região inexplorada continúa sendo o refúgio de hordas aborígenes e de descendentes de antigos escravos fugitivos.

A Planície Amazonica

Ao Sul do Sistema Parima estende-se a vasta Planície Amazonica: imensa calha onde vêm desaguar os beirais cinzandinos, os dos Altiplanos Guianêses e os do Planalto Central do Brasil.

Quem sóbe o Amazonas, do Atlantico para Tabatinga onde o Brasil e o Perú se limitam, ganha em altitude apenas uma centena de metros, sem vencer corredeira alguma ou desviar de qualquer cachoeira, comquanto demorem êsses dois pontos cêrca de 2.600 quilometros um do outro. Subam-se, porém, seus afluentes, Tocantins, Xingú, Madeira, Gi-Paraná e encontrar-se-ão quedas sem conta barranto a navegação. Aí está a beirada sulina do vale do rio-mar. Assim, dentro de limites definidos, o baixio amazônico lembra a fórmula de gamela ciclopica, com cêrca de 3.300 quilometros do Atlantico ao contra-forte andino e cujo fundo é tão baixo e plano como qualquer outro ponto do globo que possa também ser plano e baixo. A planície é quasi tão chata como o oceano de cujo fundo fez parte ainda em éras geológicas recentes.

Por motivos de que em breve nos ocuparemos, essa região desempenhou papel secundário durante os quatro primeiros séculos da história do Brasil. Mais para o fim dêste livro trataremos das possibilidades econômicas da Amazonia.

O Planalto Central

Ao Sul da baixada Amazônica alteia-se o planalto central do Brasil, que remarcada influencia exerce sobre o destino da nação: mesa colossal medindo cêrca de 3.100 quilometros de Norte a Sul e 3.700 de Leste a Oeste em sua maior dimensão. Sua área abrange quasi metade do Brasil. Nos países de clima temperado, como os da Europa e os Estados Unidos, o trabalho do homem se rarefaz com a altitude; o grosso da população tende a congregar-se nas baixadas. Nas zonas quentes, porém, o planalto oferece vantagens de clima e de drenagem que convidam a população a galgá-lo. Na Abissinia, a zona populosa está toda ela acima de 2.000 metros. Para as populações do Mexico e do Perú o planalto exerceu sempre poderoso fascínio. No Brasil, examinando-se a sua história, percebe-se a atração do planalto central sobre o colono inicialmente instalado à borda do Atlantico, até que, afinal, o advento da éra aurífera, deslocou para o alto os maiores núcleos de população como se vêem em São Paulo e Minas, ainda hoje.

A beirada do planalto define-se com clareza ao viajor que sóbe qualquer dos grandes cursos que nascem lá em cima. No São Francisco, por exemplo, a navegação vae até a magestosa cachoeira de Paulo Afonso; e essa quéda de quasi oitenta metros assínala, sem dúvida, a margem do altiplano. Subindo-se o Paraná, de Buenos Aires, o vapor singra livremente até perto das Sête Quedas, as Cachoeiras de Guaira, a 24.º de lati-


tude Sul. Acima dêsses degráus os navios fluviaes percorrem novamente centenas de quilometros em águas tranquilas. Mas, a zona de onde derivam os afluentes dêsses grandes rios, em Minas e em Goiaz, paira a mais de 1.000 mts. de elevação, e, portanto, o curso superior dessas correntes está repleto de corredeiras. O último salto dêsses dois gigantes potâmicos dá-se, portanto, mesmo da bórda do planalto.

Com o Roosevelt, o Tapajós, o Xingú e o Tocantins, porém, não-se dá a mesma cousa: a última quéda não é a maior. O Roosevelt, descreve o Salto Belo de um desnível de 40 ou 50 metros e a quéda de Utiariti com o dobro dessa altura está justamente nas nascentes do Tapajóz; as peores corredeiras que encontrou a expedição Roosevelt-Rondon estão situadas ao Sul do 11.º paralelo. Será erro, porém, localizar-se a margem do planalto nessas corredeiras superiores? Parece que a linha de quéda dêsses tributários sulinos do rio-mar deveria constituir facies fisiográfico tão acentuado como a linha do Planalto de Piedmont e a das planuras marginaes do Atlantico, nos Estados Unidos.

A margem oriental do altiplano, a partir da cidade de São Paulo, até o Norte do Estado do Rio Grande do Sul é muito melhor demarcada que a beirada setentrional de onde se precipitam os tributários da bacia amazonica. Viajando-se do Poente para o Nascente, sobre qualquer paralelo ao Sul do Capricórnio, galga-se altitude cada vez maior até que finalmente, em plena Serra do Mar, avista-se o Atlantico marulhando quasi ao sopé da montanha, a mil metros de desnível. Ao Sul do Vale do Jacuí, porém, as coxilhas que contemplam o oceano são baixas e humildes em comparação à majestade agreste da Serra Paranapiacaba. Comtudo, formam nítida divisa entre as terras elevadas e as planuras que se vão perder além da fronteira uruguaia. Assim também a beirada ocidental do Planalto Central, desde

o Paraguai até as cachoeiras do Madeira, é nítida e clara, exprimindo-se às vezes por escarpas a prumo. Só a vimos no ponto em que a Estrada de Ferro desce para ganhar as planícies do Alto Paraguai. Aí, perto da Estação de Aquidauana, pôde-se distinguir a olho nú e a perder de vista, o talude do altiplano. Nas imediações da nascente do Paraguai a rampa se revela íngreme, quasi vertical, assoberbando a baixada com uma cadeia de 600 metros de altura a que lhe dão os nomes de Planalto ou Serra dos Parecís. Esse altiplano defronta todo o curso do Guaporé — afluente do Madeira — esfarelado-se aos poucos até que, depois de ocasionar as quedas dêste ultimo, suas fraldas confundem-se com a planura Amazônica que lhe demora aos pés. (2).

Não é igualmente fácil, porém, definir-se a margem nordestina do planalto, nem tão pouco as partes que defrontam as serras do Norte de São Paulo. Até que existam cartas fixando os limites fisiográficos dessa região, tudo o que se possa dela dizer, jamais passará de méra conjectura. Mesmo assim, porém, existem pontos bastante definidos para que se possa, com segurança, avaliar as suas maiores dimensões.

Como é natural, tamanha vastidão territorial ha de encerrar consideravel diversidade nos pormenores de importância secundária e o observador que se occupasse principalmente da topografia, teria que tomar conhecimento de pequenos accidentes de que não nos occuparemos neste trabalho. O planalto Central, porém, não ostenta diversidade tão grande quanto se nos afigura ao examinarmos qualquer carta geográfica da região.  Percebem-se centenas de serras percorrendo o

(2) Vide CHURCH, *America do Sul*; *Esboço de Geografia Física*, *Revista Geográfica*, Londres, Abril de 1901, pág. 317; ORVILLE DERBY *Facies Físicas e Geológicas do Brasil*, Anuario brasileiro de 1909; RECLUS, *Estados Unidos do Brasil*, capitulo sobre Mato-Grosso.

altiplano em todas as direções do quadrante. Na sua maioria, são elas o produto da erosão e como tal, apresentam uma face abruta, escarpada, enquanto que a outra vae lentamente descendo até confundir-se com o nível geral da região; muitas têm o topo achatado, em fórma de mesas desmedidas. A grande maioria dessas serras, porém, consta dos mapas pela simples suposição de que todo o divisor de águas deve ser um espinhaço.

As Cordilheiras Maritimas

.....
 Tumultuando, o chão corre ás soltas, sem rumo;
 Trepá agóra alcantis por escarpas a prumo,
 Errica-se em calháus, bruscos como arrepios;
 Mais repousado, além levemente se enruga
 Na crespá ondulação de cômoros macios;
 Resvala num declive; e logo, como em fuga
 Precipite, através da escuridão noturna,
 Despenha-se de chofre ao vácuo de uma fuma.

VICENTE DE CARVALHO — *Fugindo ao
 Cativeiro* — (N. do Tr).

Além das que deixamos na fronteira setentrional, as verdadeiras cordilheiras brasileiras agrupam-se ao longo de um eixo que se projeta de Nordeste para Sudoeste correndo paralelamente ao litoral. Para quem chega ao Brasil por via marítima, em qualquer ponto da Costa, desde o Rio de Janeiro até o Norte do Estado do Rio Grande do Sul, o talude oriental do planalto apresenta-se dominando a paisagem, qual muralha imensa que debruasse o litoral, defendendo o interior. Aquí êle nasce a prumo do fundo do oceano; além, um babado aluviano interpõe-se entre as ondas e o sopé do espinhaço, mas, essa faixa arenosa nunca excede de alguns qui-

lometros de largura. De cima do planalto a cordilheira parece uma fiada de cômoros sem importância; do lado do oceano porém, as escarpas verticais do maciço central, justificam plenamente o nome de Serra do Mar. A elevação média dos seus visos orça por 1.500 metros sobre o oceano, mas, os gigantes que se lhe sobreelevam, atingem, às vezes a mais de 2.000 metros e os seus desfiladeiros imensos, afundam-se a menos de 1.000. Ao Sul de Santos a Serra do Mar precipita-se a prumo para o mar e descêe suavemente para o interior. Ao Norte daquele porto, porém, os vales do Paraíba e mais além, o do Rio Dôce, proporcionam à cordilheira duas faces igualmente escarpadas. Nos lindes mineiros a 20.º 30' de latitude Sul a ramificação oriental da Cordilheira Maritima atinge à consideravel elevação de 2.860 metros no Pico da Bandeira (Monte Caparaó) o ponto mais alto da America do Sul à direita dos Andes. (3)

Ao Norte da cidade de São Paulo, e separada da Serra do Mar pelo vale do Paraíba, corre, em angulo réto, na fronteira de Minas, a Serra da Mantiqueira. A altitude média do seu espigão é de 1.900 metros. Seu mais elevado cume, o Itatiáia, que marca precisamente o ponto onde se convergem as linhas divisórias dos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Essa montanha altaneira é apenas meia centena de metros mais baixa que o Caparaó e até ha poucos anos ainda, era tida como a mais alta do Brasil. Perto de Barbacena, no Estado de Minas, o dorso principal do elemento orográfico ocidental ruma para o Norte e passa entre as bacias do Rio das Velhas e do Rio Dôce, formando-lhe o divisor de águas. Mais para o Norte ainda, sob a denominação de Serra do Espinhaço cons-

(3) Vide NASH, "Sobre o tétto do Brasil, "A Ascensão do Monte Caparaó, *The Brazilian-American*, 17 de Dez., 1921.

titúe a borda oriental da bacia do São Francisco. Esse caudal poderoso, cavou profundo vale seccionando ao meio o sistema orográfico. As montanhas que lhe ficam ao Norte são insignificantes em comparação com a Mantiqueira e a Serra do Mar; quando, porém, já se acham quasi à vista do oceano essas duas partes novamente se unem para, juntas, despedirem-se das baixadas, e, na Serra Grande, já nas divisas do Ceará com o Piauí o seu dorso altaneiro eleva-se a mais de 1.000 metros.

Mencionando-se assim, pelo nome, três ou quatro cadeias apenas, ao Norte de São Paulo, não se consegue dar idéa precisa do sistema orográfico que se denomina Cordilheiras Maritimas. A região desenvolve-se em um maciço rochoso da mais antiga formação geológica que, a Leste de Minas, por quasi todo o Estado do Rio e a Oeste do Espírito Santo explode-se em ramificações orientadas em todas as direcções concebíveis. Comquanto os seus pincaros não sejam tão altos comparados ao estalão andino, os declives são fortes e ninguém que habite as suas fraldas poderá se olvidar de que mora em região montanhosa.

As Planícies do Alto Paraguai

A Oeste do Planalto Central, no Estado de Mato Grosso, extendem-se as planícies do Alto Paraguai, prolongamento setentrional das planuras da Argentina e do Gran Chaco. Para se avaliar o insignificante desnível da calha fluvial que fórma o limite ocidental do Brasil ao Norte do Paraguai, basta dizer-se que Corumbá, situada no 19.º paralelo tem apenas 150 metros de altitude sobre o mar e está a quasi 2.000 quilometros do Estuário do Prata onde as águas daquele rio se lançam no oceano. As planícies que lhe ficam à Leste, em Aqui-

dauana são apenas 26 metros mais altas e São Luiz de Cáceres, bem para o Norte dessa zona fisiográfica, tem uma altitude de apenas 181 metros sobre o mar. A superfície terrestre quasi nunca é tão plana assim. A razão para tanto reside no fato de ter sido essa zona, parte do fundo do Mar dos Pampas, que no último período glacial cobriu essa região americana.

As Planícies Litorâneas

Em continuação ao baixio Amazônico serpeia ao longo do litoral, em direção ao Sul até o Estado do Rio de Janeiro uma faixa plana que do sopé do contraforte planaltino vae perder-se no Atlantico, duas ou três vêzes, apenas, interrompida por accidentes orográficos. Varia em muito a largura dessa faixa, mas, do Sul do Rio até o Estado de Rio Grande do Sul, nem se lhe pôde reconhecer a existência, tão estreita se torna; e, pontos existem, em que a Serra emerge a prumo do seio das águas. Essa fita litorânea, mesmo em sua largura máxima, jamais excede a uns pares de quilometros.

Os profundos portos da Baía e do Sul do país foram formados por movimentos teluricos que corroeram a costa muito abaixo do nível do mar. Esse fenômeno foi secundado por outra convulsão mais recente que novamente alteou o fundo do oceano, de maneira que, em certos logares nota-se uma fimbria aluviana guarnecendo o interior dos portos, por mais abrutadas que sejam as escarpas à beira d'água.

No Rio Grande, dunas arenosas recobrem essa margem continental. Atrás dela, insinua-se uma sequênciã de lagos d'água doce. Encontram-se também dunas margeando a costa do Sergipe ao Ceará.

Os recifes corallineos surgem pela primeira vez no Arquipelago dos Abrolhos a 18.º de latitude Sul e daí

para o Norte são encontradiços até o estuário do Amazonas, mas o volume d'água doce que lançam no oceano o rio-mar e o São Francisco impede a formação coralinea em suas barras. Também, acima do Espírito Santo encontram-se numerosos escolhos formados pela conglomeração de seixos. Sua importância econômica será estudada no capítulo que dedicamos aos portos brasileiros.

* * *

Eis a descrição sucinta dos seis maiores facies fisiográficos do país e que ainda se poderiam sintetizar: um planalto cujo núcleo é montanhoso, cercado por um oceano de planícies sem limites. O altiplano e a faixa litorânea são o que mais nos importa. Se as planuras restantes estivessem até agora submersas, a história do Brasil nesses quatro séculos, teria sido essencialmente a mesma.

Podemos ainda dizer algo de ordem geral sobre o país. Comquanto de São Paulo para o Sul sejam evidentes os sinais da presença do gelo pré-histórico, é fóra de dúvida que parte alguma de suas terras tenha sido atingida pelas geleiras Pleistocenes (4). Louis Agassiz errou quando afirmou o contrário, como ficou provado por trabalhos geológicos posteriores). Não ha, portanto em parte alguma do país regiões onde se encontrem grandes lagos como a que nos Estados Unidos proveio do degelo. Nem existe vulcão algum em atividade e nem consta que tenham êles desempenhado papel de relevância na formação orográfica do Brasil, segundo Branner (5). O solo brasileiro talvez seja menos arrepiado pelos terremotos que qualquer outra re-

(4) J. WOODWORTH, "Expedição geológica ao Brasil e ao Chile" *Boletim do Museu de Zoologia comparada*, Universidade de Harvard, 1912.

(5) JOHN C. BRANNER, *Geologia Elementar*, Rio, 1915.

gião do globo, de iguais dimensões. A humanidade revelou sempre acentuada predileção pelos terrenos mais ou menos planos. Visto de conjunto o Planalto Central do Brasil nada tem de plano. A erosão talhou fundo em seu dorso e não ha ponto em que se possam encontrar grandes planícies como no interior dos Estados Unidos.

Isso com respeito ao esqueleto do monstro e à péle rugosa que o cobre. Deixemos agora que sobre êle soprem os ventos e as águas lhe banhem os flancos.

§ 2. CLIMA

Três fôrças titânicas atúam sobre o Brasil com uma constância que só encontram simile no beneficio que produzem: a Corrente Equatorial, os Aliseos e a Luz Solar. Da Costa d'África a Corrente Equatorial, bonachona, quente e protetora, deriva por sobre o gordo ventre da terra. Contra o ponto mais Oriental da costa brasileira ela bi-parte-se. Um ramo desce pela costa em direção ao Sul, até encontrar os ventos do Poente e ouvi-los ciciar sobre as pastagens dos pampas; o outro recurva-se para Noroeste, e, depois de contemplar deslumbrado as belezas das Antilhas, vae emprestar seu calôr à corrente que impede a Inglaterra de succumbir sob o gelo. Sua temperatura à tona d'água é de cêrca de 26.º C. Assim é em Junho ou Janeiro, de dia ou à noite; a variação máxima durante 24 horas é de 2 a 3.º; mesmo a 2.000 quilometros ao Norte ou ao Sul do Equador a média anual da temperatura à tona, nunca excede de 6 a 7 gráus. Constitúe assim um termostato que regula a temperatura do lar de cada brasileiro ao longo da costa. Foi cavalgando o dorso dessa corrente maternal que Cabral lá chegou em 1500 e mais adiante ve-

remos como constituiu ela elemento divisor entre os governos do Norte e os das Capitánias do Sul, nos tempos coloniais.

O sol atinge o zenith duas vêzes por ano em todos os pontos situados entre a fronteira da Venezuela e a do Paraguai. Daí a igualdade relativa dos dias e das noites através do ano; a duração da luz nunca é menor que 10 horas e meia entre Cancer e Capricórnio. O sol a pino trás calôr. Mas, isso não implica em que o clima brasileiro seja — como alguns patricios nossos imaginam — igual ao do inferno. Devido à diferença que existe na proporção de terra e de água entre os hemisférios, o Equador térmico e o geográfico nem sempre coincidem; na America do Sul o térmico fica bem ao Norte do ponto mais setentrional do território brasileiro. As mais elevadas temperaturas de que se tem noticia, jamais se encontram sob a faixa das grandes chuvas. A aridez é companheira inseparável da canícula. Como veremos a seguir, o Brasil é extraordinariamente bem irrigado e não possui desertos de calôr abrasador como o Saara, como certas regiões da India e o Norte da Austrália. Nem conhece o brasileiro as pavorosas temperaturas que anualmente sufocam largas zonas do território americano. A elevação das Cordilheiras Maritimas e a do Planalto Central são suficientes para amenizar bastante o rigôr do Verão.

Ao mesmo tempo que a Corrente Equatorial biparte-se de encontro ao litoral brasileiro, duas outras forças gentis se convergem para exercer sobre a terra a sua ação bemfazeja. Muito da climatologia brasileira depende dêsses ventos constantes a que os marinheiros de outras eras denominaram Aliseos — e que lembram legião infinda de mulheres palradoras vindo da fonte com bilhas cheias d'água, balançando sobre rodilhas.

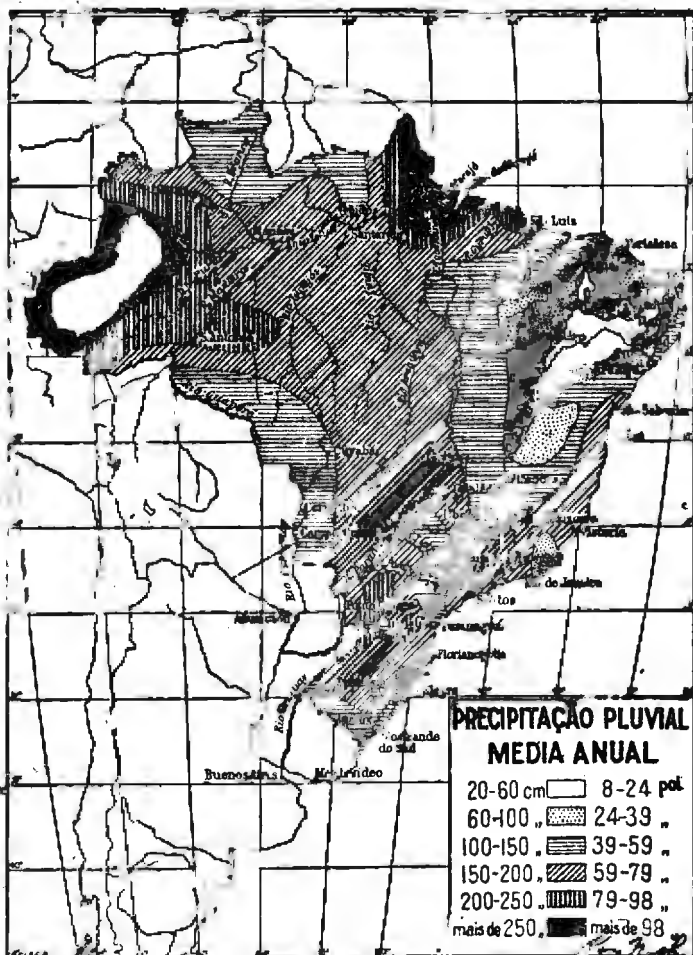
Os Poços de Cancer, onde os ventos de Nordeste encharcam-se de água, ficam lá pelas profundezas misteriosas do Atlantico Norte. Distendida a propósito por algum Deus brincalhão, para servir de tropeço às aguadeiras caçadas, estende-se do Cabo São Roque ao Norte da Colombia a fimbria arrepiada da costa sul-americana, trancando a passagem. Muita água preciosa derramam elas no litoral, entre o Amazonas e o Orinoco. Depois, tropeçando de novo ao poente da Roraima, entornam sobre seu flanco marítimo, verdadeiros delúvios; mais adiante, à vista dos formidáveis taludes e bastiões que lhes apresentam os Andes, já desanimadas, largam o resto da carga, e, com as bilhas sêcas, mas, falando ainda, chegam finalmente em suas casas lá para os lados onde o Sol se esconde. As fontes onde os ventos de Sueste saturam-se de humidade ficam entre 30 e 35.º de latitude Sul. Grande parte da linha litorânea entre Recife e Porto Alegre é alta e difficil de se vencer. Pela face marítima das Serras do Mar e da Mantiqueira êles derramam uma chuva constante que se condensa em torrentes sem conta. As terras elevadas de Goiaz e de Mato Grosso e a sêde insaciavel dos Andes sugam-lhe o resto. Em nenhum outro recanto da terra existe um regime torrencial que se lhe possa comparar. De todas as grandes áreas territoriais do mundo a do Brasil é, sem duvida a mais irrigada. (1)

(1) De dois fatores climatéricos, unicamente, nos ocuparemos: da temperatura e das precipitações pluviais. Antes de 1908 não havia grande número de estações meteorológicas estabelecidas; depois disso, as que foram creadas, tiveram tal distribuição que o serviço informativo que prestavam era deficiente com relação a certas zonas do interior. Em 1921, o Governo Federal reorganizou o serviço meteorológico, procedendo a uma melhor distribuição das estações. Dentro de 10 anos, portanto, o quadro climatérico será bem mais completo. Os dados mais antigos foram habilmente compilados pelo sr. C. M. DELGADO DE CARVALHO (*Météorologie du*

Um rápido exame do mapa pluviométrico, entretanto, faz logo resaltar a desigualdade do regime torrencial. Ao Norte, páira uma região suficientemente sêca para impedir a expansão da floresta tropical e dar logar a trinta ou quarenta mil quilometros quadrados de campo. Diz Farabee que a precipitação aquôsa, na parte oriental das caatingas, é de cêrca de 150 cms. por ano, emquanto que para o lado do poente, apenas atinge a 108. (2) A estação chuvosa desenvolve-se em período igual ao do hemisferio Setentrional, de Maio a Agosto, i. e., em época oposta à do ciclo amazonense. Deixando a região relativamente sêca dos altiplanos guianêses, o americano que viesse de zona situada acima do Rio Grande ver-se-ia forçado a reformar a sua concepção de precipitação pluvial. Á parte uma pequena zona no Estado de Washington que recebe mais de 300 cms. de chuva por ano, a média da precipitação pluvial nos Estados Unidos oscila entre 155 e 175 cms. A costa dos Estados, de Mississipi e Alabama, no Golfo do Mexico, a ponta extrema da Florida, uma certa área dos Apalaquians e a Costa dos Estados de Oregon e Washington, são tarjadas do negro mais profundo. Assim mesmo, porém, as zonas onde é maior a precipitação aquosa, nos Estados Unidos, seriam classificadas, na bacia amazonica, como as mais sêcas. A' margem do Amazonas, a região menos favorecida pelas chuvas vae

Brésil; Londres, 1917). Dêsse trabalho tiramos as informações relativas à temperatura. A nossa carta pluvial segue a mesma trilha do trabalho recentemente feito pelo sr. CARVALHO, nas áridas zonas nordestinas: *Dados pluviométricos relativos ao nordeste do Brasil* (1922). Quanto ao resto do Brasil, valemo-nos do trabalho do Sr. HENRIQUE MORIZE *Contribuição ao estudo do clima do Brasil*, (1922). Vide *Revista Geográfica* (Nova York), Janeiro de 1924 (pp. 127-135).

(2) *Boletim da Soc. Geográfica de Filadelfica*, XV. (1917). 63.



Segundo a carta elaborada por H. Morize e C. M. D. de Carvalho, em 1922.

desde acima de Manáos até próximo a Óbidos, sendo que a maioria da precipitação dá-se entre Dezembro e Maio. Quando se desce o Amazonas, de Óbidos em direção ao mar as nuvens se abrem e os trópicos justificam a sua fama. Belém recebe 240 cms. de chuva, por ano. O período de Janeiro a Maio constitúe a fôrça da estação chuvosa, mas, em nenhuma época do ano precisam, os paraenses, pedir chuva. Outros pontos do estuário do rio-mar são humedecidos com mais de 3 metros de chuva. Sabemos, por uma longa série de dados, que em Caiena também a precipitação anual é de cerca de 3 metros, de maneira que pôde-se afirmar, sem receio de errar que toda a zona marítima que lhes fica de permeio é anualmente inundada com mais de 2 metros e meio de chuva. E' curiosa a regularidade com que chove diariamente no Pará. Durante muitos mêses marcam-se encontros para "depois da chuva" da mesma fôrma que um nova-iorquino combina para "depois do almoço".

A Oeste de Manáos a atmosfera é também bastante humida. Chegando-se a Coarí (63.ºW) entra-se novamente em zona chuvosa, com mais de 2 metros anuais e assim continúa até a Cordilheira. Se fôr exata a interpretação que deu o Dr. Morize aos dados meteorológicos que examinou, a zona de 150 a 200 cms. estende-se do coração do Amazonas, em direção ao Sul, pelo centro do Brasil e abrange quasi toda a órla marítima desde São Salvador até o Norte do Estado do Rio Grande do Sul. A Oeste dessa faixa, em Mato-Grosso, ao Sul, no Rio Grande e a Leste, para o lado das regiões semi-áridas, existem zonas que recebem de 100 a 150 cms. Dentro dêsses limites pluviométricos estão compreendidos, nos Estados Unidos, os Estados de Louisiana, Mississippi, Alabama, Tennessee, Kentucky e toda a costa Atlantica, desde a Florida até o Maine.

O dorso da Serra do Mar, no Estado de São Paulo, acusa, porém, as maiores alturas pluviométricas de que se tem noticia no Brasil. Comparada à Cordilheira Maritima, Manáos é um deserto árido, em Belém já chove um pouco e mesmo a máxima fenomenal observada em Recife, torna-se insignificante. No Alto da Serra chove continuamente. A São Paulo Railway dispõe de dados pluviométricos desde 1870. No ponto onde começam os planos inclinados e os trilhos descambam pela beirada do planalto, a precipitação pluvial atinge uma média anual de 3.696 milímetros, sendo que em 1872 chegou a 5.562. Se achamos prodígio a nossa Costa do Pacífico acusar 3 metros de chuva por ano, que diremos de cinco metros e meio?

Quem reclama contra a monotonia dos climas inter-tropicais que corra toda a gama pluviométrica brasileira, desde a média anual de 3,696 milímetros até a aridez completa do Ceará. Em lugar da policromia luxuriante da vegetação serrana, os seus olhos pousarão sobre a paisagem resequida do Nordeste, em que os esqueletos de arbustos raquiticos, nati-mortos, elevam-se parcamente sobre o capim torrado pela canicula. Em vez do aroma agreste do mato verdejante e do cheiro fecundo que se desprende de um sólo bem humificado, suas narinas se contrairão ao sentir o fedôr putrido da carniça: bovinos, caprinos e cavalaes apodrecendo ao relento, na planura. Em lugar de homens apressados, de guarda-chuva aberto, em demanda do almoço, verá uma legião de esqueletos, arrastando uns restos de humanidade, em direção ao mar. No mapa pluviométrico que organizamos, a zona nordestina parece um rosto requeimado e marcado por pavorosa cicatriz; estigmatizado por molestia horrenda que parece ir e vir com os ciclones da superfície solar. Nos Estados Unidos achamos que 50 cms. de precipitação anual são su-

ficientes para certas culturas da sêca. Pois no Nordeste brasileiro, a média anual excede essa cifra. No Ceará, em certas épocas do ano, os rios sóbem 6 metros em uma só noite! Ha períodos, porém, — que se repetem através dos seculos, numa incidencia rítmica de sistole e diastole — em que as chuvas desaparecem completamente por um, dois e às vezes três anos sucessivos. Páira então sobre o reino da sêca u'a maldição escaldante, de que a orgia aquatica do Amazonas se comprás em escarnecer.

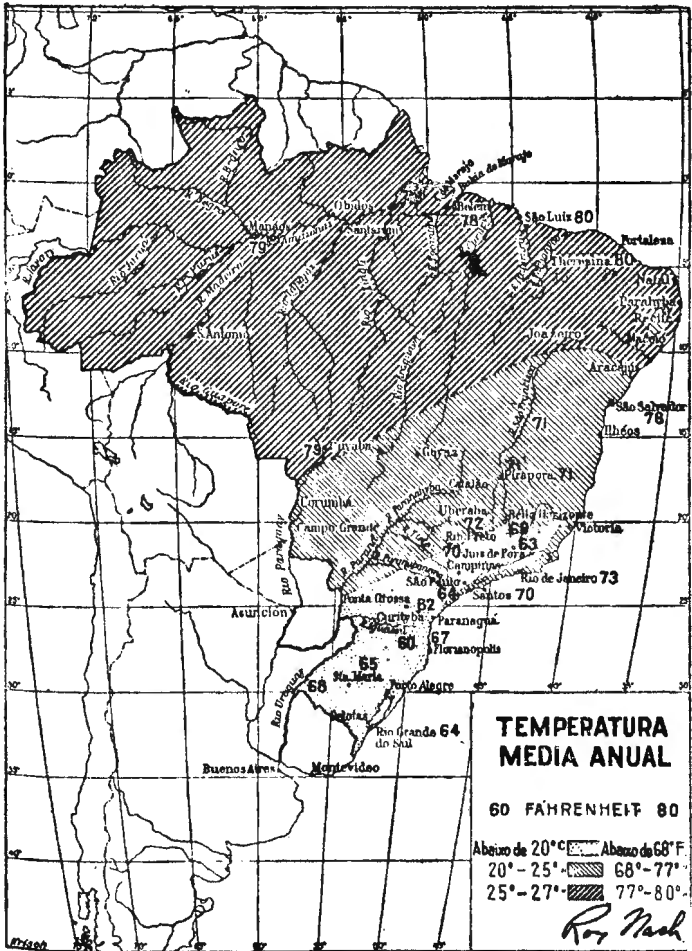
Os contrastes da temperatura, não são, no Brasil, tão demarcados. Também não são pequenos. Entre um dia de inverno em Curitiba, em que a temperatura desce abaixo de 0° e uma tarde de verão em Uruguaiana, na fronteira Argentina, onde o mercúrio ascende a 44°C — a mais elevada temperatura registrada no Brasil — ha lugar para todo o genero de atividade humana. O extremo Sul do País, com uma média anual de temperatura que oscila entre 15 e 20° C., difere bastante do Norte onde ela orça pelas cercânias de 26° C. O mineiro, que tiritando de frio, levanta-se nas manhãs de Junho para retirar de seu balde a camada de gelo que sobre a água se condensa, experimenta sensação bem diferente da do seringueiro amazonense. O vento sul que sópra sobre os pampas do Rio Grande córta como as prezas afiadas de um cão raivoso, mas, a brisa levantina que ventila o Rio Grande do Norte tem a levesa e a maciez de uma caricia feminina. E, aos que imaginam que o Brasil é um país onde impera exclusivamente o clima tropical, devemos lembrar ainda que a sua zona temperada é tão vasta como os territórios francês e inglês reunidos.

Deante desta afirmativa, vemo-nos forçados a definir o que entendemos por zona tropical e zona temperada. A zona tropical tem sido diversamente definida

como "sendo" a "que se estende entre os Tropicos de Cancer e Capricórnio; como a região abrangida pelas mais amplas distenções dos Aliseos; e finalmente, pela faixa de terra onde a temperatura média anual gira pelas circunvisinhanças de 20°C, zona essa que coincide com o habitat das palmeiras. Esta última definição, ajusta-se melhor à realidade. Por ela, a maior área que se nos depara, ao examinarmos a nossa carta de médias anuais, é a temperada — tão temperada como a que nos Estados Unidos, demora ao Sul as linhas de Mason e Dixon. Essa zona abrange as montanhas sulinas de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo e a área total dos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A altitude, porém, desloca a margem boreal dessa região térmica para perto de 19° do Equador, i. e., bem acima do Capricórnio, e, no extremo Oriental de Pernambuco, o planalto leva um halito frigido até o coração dos trópicos, lá pelas cercânias do 8° paralelo.

Bem no centro do Brasil, perto da área reservada à futura Capital do país, em Catalão, Estado de Goiaz, a uma elevação de 890 metros acima do nivel do mar, a temperatura média anual é de 20°, sendo que 32° e 8,8°C representam respectivamente a maxima e a mínima. Todo o espigão que fórma o divisor de águas entre as bacias do Amazonas e do Paraná, é igualmente fresco e delicioso.

Poucos serão os cientistas — com exceção de Ellsworth Rutington — que afirmarão existir, no clima da zona temperada brasileira e nos planaltos de Minas, Baía, Goiaz e Mato Grosso, algo que impessa até mesmo as loiras raças nordicas, de manter, durante gerações e gerações, a sua produtividade máxima e toda a plenitude das suas qualidades.



QUADRO DA TEMPERATURA NA CORDILHEIRA
MARITIMA

ESTAÇÃO METEOROLOGICA	LATI- TUDE SUL	ALTI- TUDE METROS	MÉDIA ANUAL	TEMPER. ABSOLUTA	
				maxi- ma	minima
(*) Petropolis, Rio	22°31'	883	18°	31°	3
(*) Alto do Itatiaia, Rio	22°27'	2.390	11°	21°	5° abx. 0
Nova Friburgo, Rio	22°27'	915	17°	32°	0,2°
Caxambú, Minas	22°12'	979	17°	32°	3° abx. 0
Juiz de Fôra, Minas	21°45'	736	20°	38°	1°
Barbacena, Minas	21°15'	1.180	17°	31°	0,2°
(*) Ouro Preto, Minas	20°23'	1.210	17°	31°	2°
Montes Claros, Minas	16°43'	665	22°	38°	1°
Catité, Baía	14°03'	974	22°	35°	10°
Morro do Chapéu, Baía	11°33'	1.169	20°	33°	9°
(*) Garanhuns, Pernambuco	8°57'	920	20°	34°	14°

TEMPERATURA DAS ZONAS TORRIDAS

ESTAÇÃO METEOROLOGIA	ANUAL	MÊS MAIS QUENTE	MÊS MAIS FRIO	TEMPERATURA ABSOLUTA	
				maxima	minima
Manáos, Amazonas	26°	<i>Novembro</i> 27°	<i>Abril</i> 25,5°	37,2°	18,8°
Quixadá, Ceará	26,5°	<i>Dezembro</i> <i>e Janeiro</i> 28,8°	<i>Junho</i> 25°	36,1°	20,5°
Cuiabá, Mato Grosso	26°	<i>Outubro</i> 27°	<i>Julho</i> 23,3°	37,7°	7,2

(*) dados para 1920 apenas.

A cinta negra do nosso mapa térmico, encerra problema de natureza bem diferente. Sobre essa área enorme a temperatura média anual varia apenas um grau e pouco — de 25° a 26,6°C. Aí é o reino da monotonia: uma constante igualdade no desenrolar das estações que dificilmente pôderá deixar de nos impressionar.

Os dados são quasi os mesmos ainda que se refiram êles a logares bem distantes como Manáos, lá para o Norte alagadiço do Amazonas ou Quixadá, no Nordeste semi-árido ou ainda Cuiabá, nas planícies do Alto-Paraguai. O mês mais frio tem apenas 4,4°C a menos que o mais quente do ano. Sem que nunca exceda de 37,7°, a temperatura jamais desce abaixo de 7,2 em Cuiabá e 18,8 em Manáos. Cumpre-nos, entretanto, frisar um fator peculiar que vem quebrar em muito a monotonia termica dessa região. São as noites equatoriais. Em vários pontos, sob o Equador, experimentam-se todas as temperaturas do ano no decurso de 24 horas. E, pôde-se mesmo afirmar sem receio de errar, que é maior o número de índios nús, sofrendo frio à noite no Amazonas, que de esquimós no Alaska.

Em síntese, pôde-se dizer que a maioria do Brasil é quente e humida. Mas, a razão de se ter, grande parte da população, aglomerado, durante os quatro primeiros seculos, de preferencia nos logares mais sêcos e frescos, não se prende sòmente à sua aversão ao calôr e à humidade. Também pesa na balança o fáto das matas virgens — êsse produto dirêto do calôr e da humidade — constituirem, para o agricultor primitivo, obstáculo por demais sério a vencer.

§ 3. FLORESTAS (1)

Sejam quais forem os seus efeitos sobre o homem, o fato é que o calôr e a humidade destacam-se como os orgulhosos genitores da prôle mais vigorosa do mundo botânico: as bastas florestas perenes da Amazonia. Cada fase da Conquista do Brasil resume-se, afinal de contas, em mais uma batalha contra a exuberancia da mataria. No centro do país, onde durante êsses quatrocentos anos que nos separam do dia do descobrimento, a presença do europeu vem constituindo raridade, o exercito vegetal, renovado sempre e desfraldando ao vento a sua imensa bandeira verde, ocupa as mesmas posições em que se achava já em 1500. Será êle por ventura invencível? Penetremos um pouco para atraz das linhas dessas fôrças compactas, dessas coôrtes vegetais que ao raiar do seculo XVI defendiam toda a costa brasileira, sem um ponto fraco sequer desde o Cabo São Roque até o Rio Grande do Sul e desde São Luiz do Maranhão até as Guianas.

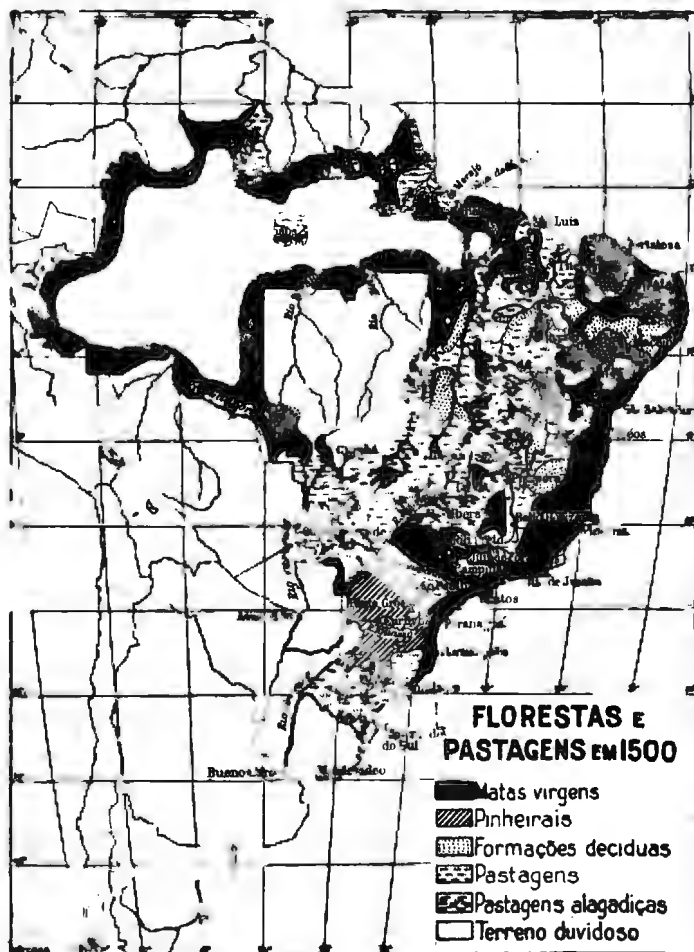
Para cada homem, conforme a sua situação, a floresta apresenta beneficio inestimavel ou inferno abominavel. Para o gentío, oferece agasalho e conforto. Ao degredado, nela lançado pelo português primitivo, o tormento a cada passo, a morte de tocaia atraz de cada tronco. Para Hudson êsse emaranhado de verdura constituia a "Mansão Verde" de infinitos deleites. Para Roosevelt, quasi foi-lhe o tumulo. Para dois grandes genios da humanidade, as florestas virgens do Bra-

(1) Quando compunhamos êste capítulo, tivemos a ventura de compulsar, por especial deferencia do autor, o manuscrito da obra *Florestas Brasileiras*, que o Dr. H. N. WHITFORD, Professor de Florestamento tropical da Escola Florestal de Yale e Chefe da Secção de Pesquisas sobre borracha crúa do Departamento de Comércio dos Es. Us. — vae brevemente publicar.

sil acalentaram no berço, a prodigiosa multidão de idéas que havia de iluminar a ciência do século XIX. Alfred Russel Wallace, o pae da doutrina da seleção natural, viveu quatro anos nas florestas do Amazonas. Aí, milhões de vozes proclamavam diariamente: "A luta é a única lei da vida". E a percepção atilada da sua intelligencia privilegiada, distinguiu o brado e compreendeu-o. Também Darwin — é preciso que nos lembremos — contemplou pela primeira vez o vigor da mata tropical nas adjacencias da velha São Salvador; e foi no Brasil, depois dos fertilissimos anos que viveu no Pacifico, que lançou o seu último olhar sobre a exuberancia da natureza, antes de desposar a teoria de que a luta pela existênciã é a lei do mundo.

Para o silvicultor, o mato apresenta interêsse diferente do que oferece ao selvagem, ao desbravador, ao caçador ou ao naturalista. O primeiro está mais proximo dos naturalistas da velha escola, que dos cientistas super-especializados de hoje. Para êle a vida das aves e a dos animais encerra menos segredos que a dos homens; às vezes, por necessidade, abate uma caça; jamais se esquece, porém, de que o mundo animal lhe serve de guia. Sobre uma tela de milhares de leguas, desenha êle padrões de beleza e de utilidade que necessitam de seculos para a sua minuciosa execução. Às vezes, o meio ambiente assoberba-o e êle retorna à selvageria. Antes de tudo, porém, e acima de tudo, o silvicultor é um cientista que olha o mato do ponto de vista social. A necessidade humana, não sòmente a imediata, mas a dos seculos porvindouros, é a escala por que mede os valores que compulsa.

Abordando uma região desconhecida, o especialista procura primeiramente observar o tapete vegetal como um todo único. Quais os contôrnos dos maciços principais? Onde colocou a natureza a sombra dos gigantes da floresta? Onde e o porque das claras tintas



que exibem as pastagens naturais? Qual a porção do litoral bordada pela rasteira vegetação do mangue? Do estudo da selva atualmente existente e da estimativa das modificações feitas pela mão do homem durante quatro seculos, resultou a confecção de uma carta florestal aproximada, para o ano de 1500. (2) De apenas três espécies de florestas fizemos distinção: a mata-virgem, perene, os bosques de pinho do Paraná e as florestas deciduas.

A mata virgem é filha dos climas quentes. As suas manifestações mais luxuriantes, encontram-se atapetando todo o Vale Amazônico e revestindo a Cordilheira Marítima onde a precipitação pluvial excede a 150 cms. por ano. A parte que recobre a chapada do rio-mar e o debrum que assinala a órta das terras elevadas das Guianas e a do Planalto Central do Brasil, constituem — com exceção talvez das matas de coniferos na Russia e na Siberia — as mais vastas extensões florestais contínuas em todo o Universo. Como indica o seu nome, em nenhuma época do ano está ela despida de folhas, comquanto em seu seio encontrem-se algumas espécies caducas. Nessas duas regiões super-húmidas, pelo menos metade da população vegetal ostenta a sua rica aboboda de folhagem até mesmo na estação mais sêca. (Certas zonas existem no planalto em que, durante o tempo da sêca, as árvores só conservam cêrca de 1/10 da sua folhagem; também a composição do mato difere um pouco quanto às espécies; mas, para simplificar, agrupamos sob uma classificação única as florestas perenes e semi-perenes).

Da mesma fôrma que a simplicidade constitue a principal virtude dos pinheirais do sul, a complexidade

(2) Baseada no *Mapa Florestal*, do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, 1911.

caracteriza o matagal emaranhado da Amazonia. Corra-se o olhar pela mata e difficilmente se encontrarão juntos, dois indivíduos da mesma espécie. O Dr. Huber, ex-diretor do Museu Goeldi, de Belém, calculou em 10.000 as variedades vegetais do anfiteatro, sendo que dessas, pelo menos 2.500 eram árvores de certo porte. Dr. Whitford acredita que, incluindo-se neste último grupo os arbustos menores, o número de espécies arbóreas não será inferior a 8.000 i. é., dez vezes o número das classificadas em todos os Estados Unidos. Adicione-se a essa multidão vegetal uma enorme profusão de lianas, vistosas orquídeas, trepadeiras, bambús, palmeiras e se terá composto um quadro de tal fôrma variegado que por fôrça arrancará ao Americano comum uma exclamação delirante: "Que cáos maravilhoso".

Se um lenhador Americano ou Canadense entrasse nessa floresta tropical de machado ao ombro, acostumado como está a abater o pinho, o cedro e o carvalho, por certo praguejaria em sua linguagem rebarbativa ao sentir que o machado, depois de cortar um tronco, resvalava em outro sem ao menos ferí-lo: "O danado é de ferro". Olharia em redor e não encontraria dois páus iguais para derrubar. Mas, não vamos tão depressa. Existe uma razão histórica para que o homem da rua considere a mata virgem como sendo apenas uma reserva de variegadas espécies de madeira para as quais no comércio não ha procura. O que não existe, porém, é motivo plausível para que o madeireiro bem informado mantenha-se apegado a essa superstição. As qualidades que geralmente se exigem de u'a madeira são: a leveza, a pouca resistência ao córte e a facilidade com que se deixa trabalhar. As primeiras madeiras tropicais apresentadas aos mercados europeus possuíam qualidades opostas a essas. Muito antes dos portugueses en-

contrarem o caminho das Indias, os arabes já possuíam frota poderosa. A madeira usada na sua construção era a teca e o boio dos seus navios vinha recheado de sandalo, páu-marfim, ébano e outras madeiras para os mercados do Mediterrâneo. A essas variedades, certos príncipes que desejavam monopolizar-lhe o lucrativo comércio, denominaram "madeiras nobres" (3). As outras sete mil novecentas e noventa espécies, nivelaram sob a classificação simplista de "madeiras". Depois veio o domínio inglês sobre a India. "Teca para a armada britânica" era a frase mágica que fazia a Inglaterra voltar o seu interesse para as florestas tropicais. A teca tornou-se então a madeira "nobre" do inglês; as restantes, também elles chamavam "madeiras". Assim foi que a Europa, e, mais tarde, a America imaginaram que nas florestas tropicais havia apenas três espécies de madeiras: a teca, outras madeiras mais ou menos como o quebracho ou o "lignum vitae", que parece ferro e madeiras para marcenaria como o páu-rosa e o sandalo, que são tão raras como pepitas de ouro. Essa concepção persistiu até mesmo depois de terem os silvicultores alemães organizado o Serviço Florestal da India e começado a revelar a verdadeira natureza da mata-virgem.

O silvicultor americano é produto da geração atual; e nenhum d'elles tinha ainda contemplado uma floresta tropical antes das Filipinas. Lá, durante a primeira década do século XX, deram novo golpe na superstição corrente quanto às florestas tropicais. Verificaram então que o mato desprezível de Burma e da Península de Malaca, comquanto exhibisse enorme variedade de espécies, ostentava uma homogeneidade fundamental, pois, quasi setenta e cinco por cento das árvores pertenciam

(3) STEBBING, *As florestas da India*, I, 34.

a famílias congeneres, principalmente os Dipterocarpos que eram bem moles e possuíam outras propriedades físicas que os habilitavam a concorrer nos mercados mundiais, com os coníferos que ainda hoje são as madeiras mais usadas em construções.

Nós, americanos, nos jatamos de uma qualidade que até os nossos inimigos concordam em no-la atribuir. Como carniceiros do mato, somos dez vezes mais eficientes que os de qualquer outra nacionalidade, que se entreguem ao barbaro mistér de desfigurar a face da terra. Não somos nada sentimentais. Para pôr em prática as suas idéas, os silvicultores filipinos induziram os madeireiros da Costa do Pacífico a instalarem engenhos a tração animal e serrarias capazes de trabalhar todas as qualidades de madeiras. Esses comerciantes invertaram seus capitais, pesaram na balança do comércio internacional as madeiras mais comuns das Filipinas e demonstraram que a mata-virgem contém, em sua maioria, páus para os quais o mundo tem aplicação diária. Na produção das serrarias filipinas, as madeiras excessivamente duras e as especiais para marcenaria, constituem gota d'água no oceano.

Mas, que têm que ver as matas das Filipinas, do Borneu e da Península de Malaca com as do Brasil? Simplesmente isto: os Inglêses e Americanos puzeram à prova, nessas paragens, o valor da mata-virgem tropical. Dois dos mais competentes silvicultores que estiveram nas Filipinas, Sr. Hugh Curran e o Dr. H. N. Whitford, são justamente os dois americanos que mais conhecem as florestas brasileiras. Ambos afirmam com respeito à mataria do Brasil o mesmo que dizem das florestas de Malaca, i. é., que a mata virgem dos Trópicos encerra, em grande quantidade, as madeiras pelas quais o mundo mais alto clama.

Nos Estados Unidos, neste primeiro quartel do século XX, o nosso côrte de madeiras consiste especialmente de carvalho, faia, vidoeiro cicômoro, freixo, nogueira, álamo amarelo e tilia. No Brasil ha um substituto para cada um dêsses páus. Nas florestas marítimas da Baía, por exemplo, atrás de Ilhós onde vagámos por muitos mêses, o Sr. Curran verificou que a maioria dos exemplares se agrupava em dez espécies, das quais, quarenta por cento eram moles e correspondiam ao álamo amarelo em caracteres físicos; trinta por cento mais ou menos como o cicômoro, o freixo e o carvalho; e apenas trinta por cento de madeiras mais resistentes que o carvalho branco. Condições semelhantes são as que se encontram em grande parte da floresta amazônica. (4) Não se trata de uma estimativa superficial, mas, de judiciosa conclusão a que chegaram especialistas de nomeada, depois de anos de estudo "in loco", de experiências mecânicas no laboratório da Escola Florestal de Yale, e no Laboratório de Produtos Florestais, de Wisconsin; de experiências de fabricação feitas pela Associação dos Madeireiros, pela Motor Wheel Company, de Michigan e pelos fabricantes de "parquetes" para pavimentação, de Memphis. Insistimos neste ponto, porque dêle depende a exequibilidade da política florestal que sugerimos no Livro IV e também porque somos de parecer que a conquista final da Amazonia está intimamente ligada ao problema da exploração florestal.

Além da mais inconcebível variedade de madeiras, as matas brasileiras contêm uma quantidade surpreendente de vegetais de menor importância: castanhas e cabaças em que transporta-las; côcos de que se extráe óleo para mesa ou para o fabrico de finos sabone-

(4) ZON E SPARHAK, *Recursos florestais do Mundo*, II, 717.

tes ; meia duzia de árvores e cipós que retribuem com borracha a mão que os golpea ; uma multidão de fibras para todas as applicações imaginaveis, desde o chapéu tipo Panamá até a rêde de tucum, ou às vassouras das rotativas para limpeza pública ; vegetais para costume ; vime e cana da India ; baunilha, tonca, rezinas e cêra vegetal ; lenha e madeira para carvão ; sem se falar da ipecacuanha, do guaraná e do ucuhuhu. A riqueza da mata virgem só se pôde comparar por antítese à aridez do Saara ; sua hospitalidade para com todas as fórmas de vida, à hostilidade da Groenlandia ; e, finalmente encerra ela em seu seio tão abundantes promessas, quantas são as estrêlas do planisfério austral. Ao homem primitivo ela prestou o inestimavel serviço de facilitar-lhe a tarefa de conquista-la ; ao cientista oferece uma abundancia sem par. Emfim nenhum tesouro — tirante os das “Mil e uma noites” — encerra riquezas comparaveis aos seus repositórios de maravilhas.

Tipo bem diferente de vegetação reveste o planalto na parte em que se denomina Paraná e Santa Catarina : o chamado pinho do Paraná. (Cientificamente não é um pinheiro, mas, uma araucaria). Aí o homem do Norte sente-se bem mais à vontade que no mato-grosso de outras paragens brasileiras. A vegetação que viça sob os seus ramos é tão espessa como a que se vê na zona Nordeste dos Es. Us. Projetando-se a alturas que variam de 30 a 40 metros os troncos retílineos e torneados da araucaria sustentam a ramaria, como benção generosa sobre os habitantes mais humildes da floresta. Têm o orgulho de ser o único conifero comerciavel do Brasil. Quando se desenvolve em extensos pinheirais, ou quando fórma ilhotas de vegetação em meio do mar ondulante de graminaceas, essas árvores elegantes pintam paisagens magnificas ; outras vezes, plantadas no

tôpo de cômoros verdejantes, lembram a fôrma protetora de colossais umbelas orientais. Essa espécie esparrama-se pelo Sul de São Paulo e daí até o Norte do Rio Grande do Sul; para o Poente é encontradica até a barranca do Paraná onde repentinamente desaparece. Sob a sua ramagem maternal cresce um arbusto cuja folhagem é industrializada — a Herva Mate — e consumida em larga escala, de manhã à noite; por todo o Sul do Brasil, Uruguai, Paraguai e Norte da Argentina.

A outra modalidade de vegetação que indicamos em nosso mapa é a caduca — a caatinga e o carrascal do brasileiro. O que mais se lhe aproxima nos Estados Unidos é o "chaparral" de Sudoeste. Da mesma fôrma que a mata virgem é o produto da humidade, assim essa vegetação decidua e raquitica é filha da sêca. Aí encontram-se todos os expedientes de que a natureza lança mão para conservação da humidade no vegetal: as folhas orladas de cêrdas, os espinhos e os póros desses arbustos encarquilhados, camelos vegetais que têm de viver um ou dois anos sem uma gota d'água ou então sucumbir. Em todos êles a ramagem tem uma conformação arredondada e sua altura nunca excede a 8 ou 10 metros como as macieiras selvagens que se encontram nos campos de Nova Inglaterra. Durante as prolongadas sêcas que maltratam essas regiões e nos anos em que a chuva nem sequer dá sinal de si, as caatingas e os carrascais ficam tão despidos de folhagem como aquela região norte-americana. Essa "vegetação franzina, apenas fornece ao homem lenha de qualidade inferior e algumas cascas aproveitáveis. De resto o seu valor econômico reside no pasto que oferece ao gado vacum e ao caprino. Desde o Sul do Estado de Mato-Grosso, pela zona que palpita em torno do caudal do São Francisco, até o litoral do Ceará, em sua parte setentrional, essa formação vegetal alterna-se regularmente com grandes campos abertos.

De permeio com êsses três tipos de vegetação que classificamos, filhos da temperatura e da precipitação pluvial, crescem e tumultuam todas as variedades botânicas originadas e estimuladas pela carência de chão, pela abundancia de água, pelo contínuo vai e vem dos grandes cursos fluviais e por tantos outros fatores que a natureza sabe tirar da sua eterna cornucopia. A humidade que da calha dos rios se propaga pelo sub-solo convida lindas faixas de florestas perenes a se projetarem, como flechas, para dentro do árido reino da estia-gem. Tivemos ocasião de navegar parte dos cursos do São Francisco e do Paracatú, em Minas, onde, a julgar pela densidade da vegetação que guarnece a barranca dos rios, tínhamos a impressão de que nos achavamos em plena floresta amazônica; deixando-se a margem, porém, a um quilometro apenas, entrava-se na caatinga (5) padrão expressivo da aridez regional.

Esses tipos secundários de vegetação, inclusive o mangue que cobre o pantanal, não pôdem sobresair em um mapa de escala reduzida. (6).

A meticulosa estimativa feita em 1911 pelo Serviço Geológico brasileiro, da provavel superficie florestal existente no Brasil antes que os descobridores começassem a modificar-lhe o aspecto, acusa uma porcentagem de 59% para a área coberta de matas, ou seja cêrca de 1,235,172,000 acres. Essa avaliação inclúe, sob a denominação de florestas, as nossas duas classificações: matas-virgens e pinheirais; não abrange as caatingas.

(5) Sir RICHARD BURTON dá, para a palavra "caatinga" a seguinte etimologia "cama", mato, folha, capim; "tinga" branco.

(6) Os interessados em maiores esclarecimentos poderão consultar o livro do Dr. WHITFORD, quando for publicado; trata-se da primeira descrição bem feita, jamais tentada por especialista competente.

FLORESTAS E CAMPOS BRASILEIROS EM 1500

(Do mapa florestal elaborado pelo Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, 1911).

ESTADO	AREA EM kms. 2	PORCENTAGEM	
		MATAS VIRGENS E PINHEIRAIS	CAMPOS CAATINGAS E OUTRAS FORMAÇÕES
Território do Acre	191.836	100	..
Amazonas	1.831.022	92	8
Pará	1.219.104	76	24
Maranhão	340.049	43	57
Ceará	157.533	43	57
Piauí	230.928	27	73
Rio Grande do Norte	56.178	25	75
Paraíba	52.166	37	63
Pernambuco	95.141	34	66
Alagoas	30.419	28	72
Sergipe	21.746	41	59
Baía	587.028	37	63
Goias	640.101	28	72
Mato-Grosso	1.553.070	39	61
Minas Geraes	607.481	46	54
Rio Grande do Sul	283.094	31	69
Espírito Santo	39.092	77	23
Rio de Janeiro	44.270	81	19
São Paulo	249.827	65	35
Paraná	180.186	83	17
Santa Catarina	110.027	79	21
TOTAL	8.520.655	58,6	44,4

Nenhuma cifra, por maior que seja ela, quer exprima a área de chão revestida de mato, quer se refira à cubagem da madeira existente, poderá, entretanto, dar idéa aproximada da vastidão original das florestas brasileiras. Se se pudesse vagar sobre o Vale Amazônico na cestinha de uma aeronave, talvez assim fosse mais precisa a observação. A imensidade nos impressionaria o espirito, como no-lo impressiona a vastidão do mar quando o atravessamos. E só assim poderíamos contemplar uma das maiores belezas que êsse imenso palio vegetal avaramente subtráe à vista humana : o lençol florido que estende ao beijo cáldido do sol. Entretanto, só mesmo depois de uma longa permanencia nêsse reino do silencio, torna-se-nos possível formar idéa do vigor e do ritmo acelerado com que se sucedem as imagens de vida e morte, nêsse mundo à parte dentro do mundo e da fecundidade turbilhonante que faz de cada herói vegetal — emergindo vitorioso da luta ingente pela conquista do ar e da luz, — um ramalhete, um horto, um jardim suspenso de trepadeiras e de orquideas multicôres, vicejando sobre a galharia vigorosa do gigante.

§ 4. PASTAGENS NATURAIS

Tão sombrias e tristes são as florestas brasileiras quão alegres e ensolaradas as campinas. Dentro do mato o horizonte está sempre ao alcance do braço. Vá para onde se quizer e as barras verticais da prisão verde estão sempre a interceptar a luz solar ; mas o campo, alegre, sem fim e sem estôrvo, convida o olhar a espriar-se livremente até onde a terra se encurva, lá para os arrozais da China ou para os areais dourados do Saara ou ainda para os gelos eternos dos pólos. Aí o sol esbate a humidade do mato ; a infinita monotonia de verde, transforma-se em ouro, na estação propícia e,

pela encosta dos outeiros, ondula a roxa floração das gramináceas. Mal contemos o desejo de soltar nessas campinas as manadas plangentes de bovinos e as tropas relinchantes dos equinos que mais tarde haveriam de calcar a relva macia sob os seus cascos velozes, quando o conquistador surgisse sobre o cenário. Toda a poesia cantante dos tempos coloniais foi composta nos campos e até hoje, ao pé do fogo, a viola plange aos dedos calosos do vaqueiro. Passemos, porém, à descrição dessas pastagens.

Em nosso mapa florestal, tudo o que não é mato vai sob o rotulo de campinas. Póde ser que isso pareça mais literatura que ciência, mas o fato é que nunca vimos no Brasil terra alguma — a não ser o cume das montanhas e as areias de beira mar — que não recebesse humidade suficiente para alimentar alguma forma de vegetação: nenhuma região arenosa como o Norte da Africa, nenhuma zona tão despida de verdura, como Arizona e Nevada; nenhum trato de terra, nem mesmo entre as caatingas do Nordeste, incapaz de produzir alguma verdura onde pastem caprinos em certas épocas do ano. As peores nesgas, como pastagens são de fato bem ruins, como adeante veremos; assim mesmo, porém, são ainda pastos e como tal prestam serviço aos rebanhos nómades do sertão. E' preciso, entretanto que façamos distinção entre as pastagens do pantanal, os campos limpos do planalto e diversas outras variedades de pastos naturais.

Em certas épocas do ano os pantanaes do Brasil poderão provavelmente alimentar número igual de cabeças, por quilometro quadrado, a quaisquer outras pastagens nativas do universo. São planícies alagadiças que durante a estação chuvosa desaparecem sob um tenue lençól de água. E' essa, em sua maioria, a espécie de terreno que cobre as chapadas do Alto Paraguai, até onde ainda em época recente o Mar dos Pampas

atirava os seus furiosos vagalhões. São pouco mais elevadas que a calha dos rios lodosos que as drenam e formam-nas, depósitos aluvionicos recentes. No tempo das chuvas, o Rio Paraguai eleva o seu dorso de 4 a 6 metros sobre nível mínimo, aumentando, proporcionalmente o dos seus tributários. Áreas desmedidas são assim convertidas em lagôas sem profundidade. E é aí que residem, tanto a fôrça como a fraqueza dessas pastagens, pois que, durante a enchente os campos ficam extraordinariamente reduzidos. As partes mais elevadas do terreno formam pequenas ilhas coroadas de vegetação; aí, porém, a humidade estimula o desenvolvimento de pequenos arvoredos impróprios para alimentação do gado. Só as margens são orladas de graminaceas e nessas estreitas faixas, entre o capão e o banhado, o gado tem que procurar terreno sólido onde pisar.

As maiores extensões de pantanal que existem do lado brasileiro margeam o rio Paraguai e seus afluentes, o São Lourenço, o Cuiabá, o Pequerí, o Taquarí, o Negro e o Aquidauana. Abaixo do 20º paralelo, porém, ha muito, pouco brêjo. Outra área, menor que a primeira, porém, bastante grande, é a que se encontra ao longo do Guaporé e dos seus afluentes o Cautario, o Cautarinho, o São Miguel, o São Simão, o Rio Branco do São Simão e o Colorado do Mequens. Também os Rios Paraná e Araguaia, são frequentemente marginados por essas pastagens alagadiças. O Delta do rio Dôce, no Espírito Santo dilúe-se, também, num pantanal. Cêca de metade da Ilha de Marajó, na fóz do Amazonas (esta ilha tem área igual à do Estado de Nova York) cobre-se também de campos pantanosos. Acompanhando as margens do mar dôce, perto de seu desaguedouro, correm, por detrás da fita estreita de mato que lhe garante a margem, grandes faixas de brejo resultante das cheias periódicas do caudal. Bôa parte das pastagens naturais que a floresta amazônica encerra em seu

interior, como sejam os Campos de Puciarí ao Norte de Santo Antonio, no Madeira, os Campos Tirene, na desembocadura do Rio Acre e os Campos Esperança, no Território a que este rio empresta o nome, desaparece sob o delúvio anual da Amazonia.

Os campos do planalto constituem pastagens das que estamos acostumados a ver nos Estados Unidos. Os pampas do Rio Grande são comparáveis aos do Sul do Illinois e do Missouri, levando-lhes vantagem, porém, em serem mais quentes. Na parte oriental do Estado o terreno é mais descampado que no Illinois; ao Poente de Santa Maria começa a perder as suaves ondulações que o agitavam, para ir-se aplainando gradativamente, até tornar-se tão bem nivelado como os prados argentinos. Irrigação perfeita — muito melhor que a da parte ocidental de La Plata — e, sem invernos rigorosos que o maltratam, atapetado de pastagens luxuriantes, o Rio Grande do Sul constitúe uma das regiões mais propícias do mundo, para o desenvolvimento da pecuária.

Além das coxilhas rio-grandenses é difficil encontrar-se no Brasil grandes áreas onde o terreno seja sêco e a pastagem abundante. E' verdade, que, somadas umas às outras, as campinas que se abrem dentro dos pinheirais paranaenses e além das florestas de Minas, Mato Grosso, Goiaz e Baía, constituiriam enormes áreas, mas, numa tirada única, não existem, fóra do Rio Grande do Sul, pastagens que se possam comparar aos pampas argentinos e às Grandes Planícies norte-americanas, inteiramente livres da presença de arvoredos. E' característico das terras brasileiras, serem os prados pontilhados de capões. Os campos limpos são interpolados com outras formações vegetativas, de fórmula tal que se torna impossível constar de um mapa reduzido, ainda mesmo que para isso dispuzessemos de informações pormenorizadas.

Várias são as designações que se dão no Brasil a essas formações e para as quais não existe um perfeito correspondente em inglês; campos cerrados, campos agrestes, etc. A melhor fórmula de fazermos idéa do que sejam elas é imaginarmos uma escala de vegetação que tenha, numa extremidade os pampas descampados e na outra o carrascal onde a vegetação é ainda mais raiquitica que nas caatingas, oscilando entre 1 e 2 metros de altura, densa e sem vida como a do chaparral. Entre êsses extremos fica a caatinga, onde a vegetação ta-canha fórmula floresta de segunda ordem; depois, vêm os campos onde existem árvores esparsas até que de novo temos os campos limpos. Em todas essas pastagens mais ou menos limpas, a vegetação é suficientemente aberta para deixar que a luz do sol lhe penetre a ramaria e vá dar vida à grama que viceja entre os troncos. Ao contacto mágico das chuvas, as caatingas explodem-se em flôres e a grama tenra e nutritiva, bróta com exuberancia extraordinária. O sertanejo que nelas penetra facilmente, imagina-se no paraíso do vaqueiro. Na sêca, porém, a maioria das caatingas, nem exhibe sequer vestígio de vegetação herbacea. Apenas o solo vermelho adusto e nu, recoberto de pedregulho. O capim, simplesmente desapareceu. Sòmente uma árvore perene — o joazeiro — espécie grotesca de cactus gigante e uns raros arbustos ao longo dos parques filetes d'água, como leves pinceladas de verde, quebram um pouco a secura estéril da paisagem agonizante.

Da mesma fórmula que a grama sóme sob o lençol d'água, durante as cheias, assim também falha durante as sêcas, nas caatingas do Piauí, Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Norte da Baía. Entre êsses dois extremos contam-se as pastagens que demoram sobre o planalto que abrangem o Sul da Baía, o Norte de Minas, Goiaz, e Mato-Grosso, entremeadas de catingueiro e campos largos, que fornecem forragem as

boiadas durante os trezentos e sessenta e cinco dias do ano, comquanto, lá pelo fim da sêca já os morros exibam sua cabeleira bem amarelada.

Finalmente, temos a última série de pastagens a descrever: é a que fica ao norte do Amazonas, nas terras elevadas das Guianas, especialmente na parte superior do curso do Rio Branco. Com as informações de que atualmente dispomos, ainda não nos é possível traçar com segurança os seus limites; ao que parece, porém, o que por lá domina é o catingueiro.

Da capacidade dessas diversas regiões, trataremos mais tarde, no capítulo em que pretendemos estudar os rebanhos. Sem dúvida, varia muito. Diversos dos campos brasileiros são tão bons como os melhores; muitas das áridas zonas do Nordeste são quasi destituidas de utilidade. O que é fora de dúvida, porém, é que é tão grande a area onde se desenvolvem as pastagens naturais que ao tempo do descobrimento, o Brasil deveria possuir forragem nativa em quantidade sufficiente para manter pecuaria tão desenvolvida quanto as maiores que os Estados Unidos alimentaram.

§ 5. FORÇA

Para uma civilização agrícola e pastoril, nada mais é necessário que terra fértil, clima amêno, florestas e pastagens. Para uma civilização industrial são ainda precisos o ferro e a fôrça. No capítulo que dedicamos à exploração mineral, veremos que o Brasil dispõe de magnificas reservas de minerio de ferro. Nêste, tentaremos mostrar que o país não é assim tão mal provido de fôrça hidraulica.

Atualmente, as civilizações industriais dependem de duas fontes de energia: o carvão e a cachoeira. Quanto à primeira, as jazidas até aquí descobertas no Brasil,

não são de boa qualidade. Os últimos aperfeiçoamentos introduzidos na transmissão da força elétrica a grandes distâncias, produziram, entretanto, verdadeiras revoluções industriais em países tais como a Califórnia, a Suíça e a Noruega, onde não existem jazidas carboníferas. A força hidro-elétrica será a rainha do futuro e cachoeiras é o que não falta no Brasil. (1)

As estimativas de Lindeman dão para os Estados Unidos, 54,000,000 de H. P. (2) para o Brasil 50,000,000 e para o Canadá 26.000.000. Sem dúvida muito menos se sabe a respeito da força hidráulica brasileira que sobre a dos países Norte-Americanos, e, portanto, é bem provável que o Brasil possua muito mais força que qualquer outro país do mundo. Isso provém da enorme extensão do planalto central e dos altiplanos guianeses. Os rios, que vêm de cima, não conseguem atingir a planície, sem se despeñarem em múltiplas cachoeiras. Os que descem das terras menos elevadas das Guianas, desabam em quedas mais moderadas, como a do Rio Negro, encimada pelo Equador e a do Rio Branco no segundo paralelo ao Norte; entretanto, todos os menores afluentes do Amazonas sempre podem produzir alguma força.

São, porém, os grandes rios do planalto que produzem o pão que alimenta a moderna civilização. Na fronteira Argentina onde o Iguassú dá um salto de 70 metros, a força hidráulica foi avaliada em 7.000.000 de cavalos de força, só do lado do Brasil. Subindo o Paraná, temos, na divisa do Paraguai, as Sete Quedas com uma possibilidade de 8.000.000 de cavalos. O Cuiabá, o Se-

(1) Os dados que se seguem foram tirados do artigo escrito pelo Sr. F. LINDEMAN, sob o título de "Força hidro-elétrica do Brasil", para o número de aniversário do *Brazilian-American*, de 8 de Abril de 1922.

(2) HUNTINGTON E CUSHING *Antropogeografia*, pág. 220, dão 100.000.000.

potuba e todos os outros tributários orientais do Paraguai, despenham igualmente do talude do planalto, mas as suas quedas estão situadas muito perto das respectivas cabeceiras para lhes permitir fôrça apreciavel. A queda que barra a navegação do rio Madeira, trezentos quilometros acima de Santo Antonio, poderá desenvolver uma fôrça prodigiosa e da mesma fôrma todos os rios que correm para o Amazonas, desde o Madeira até o Tocantins, deixam o planalto em grandes cachoeiras; o Gi-Paraná, o Roosevelt, o Tapajóz, o Xingú, o Tocantins e seus irmãos menores, são impetuosissimos, em diversos pontos de seus cursos. Ao longo da costa maritima, não existe cachoeira grande entre o Tocantins e o São Francisco. A de Paulo Afonso, porém, compensa a deficiência. Precipita-se de 80 metros de altura e tem um potencial de 3.000.000 de cavalos de fôrça. Cada rio que desce a serra, de São Salvador ao Rio de Janeiro, é um manancial de fôrça: o Rio Paraguassú; o Rio das Contas; o Salto Grande do Jequitinhonha com um desnível de 44 metros; três cachoeiras no Rio Dôce e muitas outras nos rios que correm mais ao Sul.

Apesar de já termos enumerado as formidaveis quedas do Iguassú, Sete Quedas e Paulo Afonso, em nosso rápido bordejar pelo planalto, nada mais fizemos que apenas iniciar a citação das grande cachoeiras, pois quasi todos os grandes rios descem do planalto por uma série de saltos situados a certa distância, um do outro. Quem quizer ter uma idéa nítida da estrutura dos afluentes meridionais do Amazonas poderá passear "Através do Sertão Brasileiro" com Theodore Roosevelt:

"Depois de seis horas de marcha chegamos à desembocadura do Rio Sacre onde despenha a linda queda d'água, com tanta propriedade chamada Salto Belo... O salto é vertical e órça entre 40 e 50 metros, com uma largura duas ou três vezes maior; e é grande o volume d'água... Foram apenas duas horas de viagem pelo Papagaio até as Quedas de Utariatí... Por mais lindo que

seja o Salto Belo, estas ainda lhe excedem em muito a beleza e a majestade. Têm o dobro da altura e o dobro da largura. Duvido que — excetuando, naturalmente o Niagára — exista na America do Norte outra que seja maior e mais bela”.

Agora, essas duas grandes cachoeiras estão mesmo nas nascentes do Tapajóz! Entre o salto Utiarití e os últimos degráus que êsse rio desce, para ganhar a planície, entre o 4.º e o 5.º paralelos, existem duzias de cachoeiras soletrando a palavra “Fôrça”. A série de quedas e corredeiras do rio Roosevelt que por pouco não fizeram sossobrar a Comissão Roosevelt-Rondon, caracterizam o leito de todos os grandes rios que vêm do planalto.

Só no Estado de São Paulo existem mais de cem cachoeiras, cada uma capaz de produzir mais de 10.000 cavalos de fôrça. A Cachoeira do Marimbondo, no Rio Grande, poderá produzir 600.000 HP. e o Salto dos Patos, bem próximo da primeira, mais 120.000 H. P.

Para quem quer que examine a estrutura telurica do Brasil e leve em linha de conta o regime torrencial, não pôde haver dúvida de que a estimativa que dá ao país uma fôrça hidraulica igual ao potencial Norte-Americano, é baseada em fatos reais.

§ 6. FAUNA

A fôrça mecânica tinha pouca ou nenhuma importância para os desbravadores dos primeiros seculos e para as suas tentativas de conquista. Desde o momento, porém, em que a prôa das suas embarcações tocaram as areias alienigenas, despertou o seu interêsse pela caça e pela pesca que das águas e das matas pudessem ser transferidas para as suas despensas; pelas fêras bravias e pelos reptís venenosos que poderiam se esgueirar pela

órta do mato ; pelos insetos que haviam de roubar-lhe o sono, até que um mais virulento lhes injetasse o microbio que lhes havia de derrubar definitivamente sobre os olhos a cortina da morte.

Tratemos em primeiro lugar dos perigos. Não existe capítulo algum, em que mais trabalhe a imaginação do Americano caseiro que o relativo aos perigos das selvas. Basta que um Nova-iorquino anuncie estar de partida para Bornéu, para o Centro da Africa ou para o Amazonas e imediatamente a família e os amigos começam a imaginá-lo escapando por milagre dos aneis constritores de um gigantesco ofídio ; correndo o risco de ser devorado pelos felinos notivagos ou perecendo entre as mandíbulas de um crocodilo que lhe virasse a canôa. Se uma mentalidade primitiva imaginasse os perigos que oferece a travessia da Broadway, não poderia talvez inventar história que mais se distanciasse da realidade. De maneira que, durante a leitura do que se segue, não deve o leitor esquecer-se de que o mesmo principio quimico que, concentrado é veneno, diluido, pôde nada mais ser que suave estimulante. Os perigos que aquí descrevemos concentrados em alguns parágrafos, na natureza, estão diluidos por milhões e milhões de quilometros quadrados.

Os animais selvagens, no Brasil, não constituem ameaça ao homem. O jaguar (*Felis onça*) é o único que, por um esforço de linguagem, pôde ser taxado de agressor do homem. O grande felino tem coragem bastante para atacar e matar cabeças de gado nos campos de Mato-Grosso e deram-se mesmo alguns casos autenticos de pessoas descuidadas serem apanhadas durante o sono (1). Esses casos, porém, são tão raros que não hesitamos em afirmar que é maior em um ano, o número de vaqueiros feridos pelos chifres do gado que tangem, no interior

(1) Vide ROOSEVELT, *Através do Sertão Brasileiro*, pág. 31.

do Brasil que o de pessoas atacadas por onças, em um século. O selvícola nú, armado apenas de uma lança e de uma forquilha, arrancava-lhe os dentes para fazer colar e esticava-lhe o couro malhado para com êle construir sua cama. Nenhum dos outros carnívoros ataca o homem a não ser que, como qualquer outro animal, torne-se agressivo quando acuado. Nem constituem ameaça séria, as grandes serpentes que, desde a expulsão de Adão e Eva do Paraíso, vivem a meter medo à humanidade. A anaconda brasileira (provavelmente a *Sucurí*. — N. do T.) que vive na água, não parece exceder a dimensão de qualquer outro gigante de sua espécie: Bates cita exemplares de 14 metros. Daí em diante, entra em jogo a imaginação do selvícola criando a lenda do "Espírito das Águas", serpente de proporções ciclopicas. De fato, cobras de mais de 6 metros de comprimento e 60 cms. de circunferência, são comuns. Nem parece que os ofídios terrestres sofram por falta de alimentação. É significativo, porém, o fato de ter Bates palmilhado a Amazonia durante 11 anos, encontrando em toda a sua peregrinação, apenas dois desses gigantes, como também o de mencionar êle um único caso de ataque de cobra e assim mesmo contra uma criança que se banhava no rio. As espécies constrictoras são tão raras que não chegam a constituir ameaça, apesar de que às vezes, a mera lembrança dêsse risco tira o prazer de um mergulho em águas turvas.

As venenosas constituem bem maior perigo. É constante a quem anda muito pelo mato. Essas espécies são representadas por uma boa dúzia de ofídios virulentos, principalmente a cascavel e o gigante do mato, a jararaca, cuja mordida equivalia a uma sentença de morte, antes de ter a ciência moderna descoberto o sêrum anti-ofídico. Todas elas são dotadas de presas tão agudas e penetrantes como agulhas hipodermicas e de resistência bastante para penetrar através de tudo que

não tenha a resistencia da sóla. Os caboclos descalços tornam-se cuidadosos observadores dêsses aneis malhadados. A pequena coral (venenosa) tem presas menores, mas o veneno que inocula é terrível. Todo cuidado é pouco quando se estiver procedendo à limpeza de um terreno. Contou-nos um amigo que quando destocava certa área de alguns acres apenas, onde havia derrubado o mato, perto do Rio Gongogi, na Baía, matou vinte e seis cobras venenosas. Não ha como negar êsse perigo ao homem e aos animais domesticos; devemos entretanto, observar que desaparece quasi completamente, com o cultivo da terra e que em grandes regiões brasileiras as cobras venenosas quasi nem existem.

Ao atravessar-se, porém, um rio do Brasil tropical, quer seja a nado ou a váu, ha dois ou três perigos menores contra os quais temos de nos precaver, da mesma fórma que se precisa observar o trafego da 5.^a Avenida, antes de cortá-la. A piranha é um peixe carnívoro pequeno mas de dentes extraordinariamente afiados. Anda sempre em cardumes e ataca tanto os animais como o homem, de preferencia, porém, os que tiverem ferida aberta. Em certos rios, é comum uma espécie de raia dotada de agudo ferrão. A sua arma é uma lamina de 6 a 7 centímetros, com gumes irregulares, localizada ao lado de uma longa cáuda carnuda. A raia não mata, mas, paraliza quasi. Pessoas fortes têm ficado mancas, durante mêses, devido a uma única picada. (2) Os jacarés inspiram muito pouco respeito; nem merecem muita confiança. Os grandes exemplares, durante a sêca, procuram as águas mais frequentadas pelo homem, onde ficam espreitando, de olho vivo, a espera que lhe caia na guêla um cachorro, um carneiro, um porco, uma creança ou um índio bebedo, para se banquetear. Entretanto, a presença de piranhas ou de ja-

(2) H. H. SMITH, *A Amazonia e a Cõsta*, pág. 304.

carés, jamais impediu alguém de banhar-se. E' comum verem-se homens, réptis e peixes carnívoros na mesma lagôa brincando de péga-péga ; quando um bicho grande lhe aparece por baixo, o nadador escapa do lado do barranco com gritinhos nervosos e ditos malcreados e, é grande o divertimento dos circunstantes, quando algum d'êles sâe arranhado. Raramente, porém, pagam com a vida êsse divertimento.

Em resumo, de todos os animais selvagens, comprehendidos nas espécies reptís, ictiológicas, ornitológicas e mamíferas, o único inimigo do homem, que exige vigilância constante, é o ofídio venenoso. De fôrma alguma, porém, constitúe êle ameaça mais séria que os que se encontram às duzias nos canaviais e nos banhados do Texas e da Carolina.

Como sêde, porém, do mundo dos insetos, a primasia tem de ser concedida aos trópicos. Onças, cobras, jacarés, raias e piranhas reunidos desaparecem por insignificantes como inimigos do homem, quando comparados à praga do inséto. De fato, atacando a pessoa, suas culturas e seus rebanhos, este é sem dúvida o mais sério obstaculo à conquista das regiões tropicais. Ninguém, nada escapa. Durante os seculos que precederam o advento do mosquito e ainda hoje, para os que d'êle não se provêm, as horas destinadas ao descanso do sono, são horas de horrível vigília e grande parte da atividade diuturna, é sacrificada pelo tormento da ferroada.

E' incrível a exuberância do inséto na Amazonia. Em toda a Europa, por exemplo, existem cêrca de trezentas e vinte e uma espécies de borboletas : Bates apanhou setecentas e setenta, diferentes, sòmente nas cêrcanias de Belem ! A mesma riqueza observa-se com relação às ordens menos vistosas.

A quantidade de indivíduos de certas espécies pôde ser avaliada por uma cêna comum ao longo dos rios amazônicos : uma fita escura, de três a cinco centí-

metros de espessura, por outros tantos de largura e que se estende, sem interrupção, por quilometros e quilometros pela beirada do rio. Exame mais detido nos revela, para espanto nosso, que nada mais é essa tarja sem fim, que milhões e milhões de cadáveres de formigas-fôgo abatidas em vôo por algum traiçoeiro golpe de vento, e afogadas no caudal.

Para o americano abonado que, no conforto de seu lar, lêr êste livro ao pé da lareira onde, doirada e irriquieta, crepita a chama, devorando aos poucos o caule aromatico de u'a macieira, a idéa da formiga não lhe causará espanto. Nós, entretanto, que a conhecemos de perto, podemos afirmar que uma pintada das grandes e uma sucurí de engolir novilhos, nada mais são que animaisinhos domesticos inofensivos, perto da calamidade que aquele inséto representa. Quando a formiga-fôgo ataca inesperadamente, vilas inteiras tem que se pendurar nos esteios das casas, juntamente com seus haveres, roupas e comestiveis, defendendo-se ao mesmo tempo com balsamo de copaúba e espantando-as a toque de lata (3). Póde ser que a vida em tais condições seja agradável para certas pessôas; nós, porém, se tivéssemos que ficar pendurados dessa fórma, mil vezes preferiríamos uma bôa corda que nos ligasse o pescoço a um caibro bem forte. A única atenuante que se encontra para êsse flagélo é que a zona por êle infestada é geralmente pequena e que, se hoje está aqui, no próximo ano poderá já ter-se mudado. Outras pragas agem em areas ainda mais limitadas. O mesmo naturalista descreve um inséto pardo da família das "Tabanidae", dotado de ferrão de quasi dois centímetros e mais agudo que a agulha mais fina. Perfura com facilidade a rou-

(3) BATES, *O Naturalista no Amazonas*, (N. do T.) RAYMUNDO DE MORAIS, *Na Planicie Amazonica*, pág. 156. 2.^a ed. descreve minuciosamente a ferocidade da formiga-fôgo".

pagem comum e faz qualquer pessoa gritar de dôr; felizmente, porém, encontrou-o apenas em uma certa mata, num raio de cêrca de um quilometro, e nunca mais o viu no Amazonas.

Outros, entretanto, infestam largas zonas. Onde quer que haja uma praia barrenta, em todo o curso superior do Amazonas, existe o piúm, uma mosca minuscua que, ao sair do sol, vem render a guarda apavorante do pernilongo, com pontualidade militar. Às vezes vê-se uma canôa deixando atraz de si um rolo de fumo, sem levar motor. E' que o canoeiro vae envolto em uma nuvem de piuns e à medida que se fartam de sangue, tornam-se mais pesados e atrazam-se no vôo, formando o aparente rolo de fumo. Durante a sucção, a vítima nada sente, mas, depois que o insêto retira seu ferrão invisível, a dôr começa. Cresce então no lugar uma bolha vermelha, circular e dolorida. Pôde-se aplacar o sofrimento espremendo-se o sangue fica em redor da picada; mas, um trabalho dêsse em centenas de ferroadas diarias, só o pôde ter o rico desocupado.

Outra praga alada é a motúca que também exercê a sua nefasta influencia sobre grandes regiões. E' u'a mosca dotada de arma tão eficiente que, da ferida que produz, o sangue escorre em filetes. O Sr. Agassiz celebrou ainda uma outra espécie terrível: "Os pernilongos incomodam, o piúm é mortificante, mas, para que seja completo o tormento, ainda falta o mucuim". E' um carrapato minuscua, quasi microscopico, que infesta o mato rasteiro. Quando nêle se roça ao passar, pega na roupa e produz um verdadeiro suplício de coceira.

A maioria dos insêtos a que acabamos de fazer referencia, está circunscrita a certas regiões do Amazonas. Daí não se pôde concluir, porém, que o resto do Brasil dêles esteja isento. Um passeio pelo campo nos logares mais sêcos do país, será suficiente para que se volte

carregado de carrapatos. Póde-se então passar uma boa meia hora, à tarde, catando-os e passando pinga com fumo no local. Os animais, porém, quando atacados nada podem fazer senão deixar que os insetos se encham de sangue até caírem; fica então no local uma pequena ulcera que facilmente se inflama. As pulgas vivem por toda parte. Ha também um inséto (*Pulex penetrans*) que se insinúa por baixo das unhas e aí depositam seus ovos produzindo um ferimento bastante incomodativo se não fôr logo removida a "panela" e desinfetado o logar.

Por mais negro porém, que seja o quadro que atrás deixamos esboçado, os principais inimigos do homem no mundo dos inséto não foram ainda mencionados, pois, afinal de contas, os que descrevemos acima apenas torturam a péle; mas, os mosquitos transmissores da febre-amarela (*stegomia*), da malária (*anofeles*), o "barbeiro" que produz a terrível ulcera incuravel que se denomina molestia de Chagas e as pulgas que transmitem a peste, convertem a carne mais sadia em putrida carniça, da mesma fórma que uma legião de inséto daninhos reduzem, numa noite, a mais luxuriante plantação a um escarneo de cultura. Dêstes porém, trataremos nos capítulos relativos à agricultura e às condições sanitárias.

Talvez tenhamos deixado já bem claro que a praga do inséto constitúe problema bastante palpavel!

"Exagero!" dirá o crítico brasileiro. "O autor dilata a realidade condensando em poucas linhas o perigo que se distende em ambito muito mais vasto, fazendo-o atuar simultaneamente, no mesmo ponto". Daí a observação que de início fizemos, dizendo que ao perulstrar os paragrâfos relativos aos perigos naturais, o leitor deve sempre ter em mente que, na realidade, são êles diluidos por milhões e milhões de quilometros quadrados.

Quem não estiver familiarizado com os trópicos não deve procurar lêr mais do que acima ficou dito e nem

deixar que a sua imaginação se engolfe em excessivos pormenores sobre o assunto. O que ha de máu, da mesma fôrma que o que ha de bom, em qualquer lugar, é sempre esporádico, nunca permanente ; poucas são as localidades atormentadas por um conjunto de pragas e no taboleiro que se estende ao Sul da chapada amazônica elas não constituem problema maior que no Sul dos Estados Unidos. O Norte-Americano não precisa sair de seu próprio país para encontrar bastante carrapatos, pulgas e anofeles e duvidamos mesmo que possam os trópicos proporcionar-lhes tormento mais atréz que as moscas negras e os mosquitos que em Junho de cada ano escorraçam até o ultimo índio e o último francês de certas regiões da província de Quebec.

A compensação, fornecem-na as próprias fôrças que geram tão horriveis pragas, pois, com igual exuberancia criam outras formas de vida altamente uteis à espécie humana. No mesmo meio onde pululam êsses insétozinhos, vôam inúmeros passaros que dêles se alimentam. Tão variegadas e brilhantes são as fôrmas de que se reveste a ornitologia sul-americana que Hudson, em algum dos seus trabalhos chama "o continente das aves". Entre as miriades de famílias diferentes acham-se as carnes mais saborosas que se poderiam encontrar nas mais seleccionadas e fartas das granjas. As lagôas do Rio Grande do Sul, os pantanais de Mato-Grosso e os bréjos do interior do país, estão orlados, coalhados, cobertos de patos selvagens e de uma variedade infinita de aves aquaticas ; o verdadeiro paraíso do caçador. Perdizes e várias outras espécies de galinaceos campeiros abundam em todos os prados do planalto ; o mutím proporciona iguária tão fina e delicada como o perú selvagem. Este é o capítulo que interessa ao desbravador.

Comparado com a Africa, o Brasil parece ser mal servido de caça graúda, de pêlo, pois a anta, que é o seu

maior mamífero, mede apenas 1,60 mts., de altura. Tem, entretanto, grande número de animais de menor porte. Que haverá de mais delicioso que um catetú ou uma gorda páca? O veado campeiro é pequeno, mas, tem uma carne magnífica. Além dêsses ha ainda macacos e felinos que, comquanto não constem das classicas listas de iguárias, proporcionam ao faminto, alimentação bem aceitavel. A caça torna-se difficil na floresta densa, entretanto, um bom atirador jamais se aperta, nem no mato e nem nos campos abertos. A pesca, porém, é tão fácil e abundante que o viajante raramente tem de se valer da bala. Tanto a costa maritima como a rêde potamica, estão coalhadas de deliciosos peixes. Cientificamente, o peixe excitou a imaginação de Agassiz da mesma fôrma que o simeo atçou o genio de Darwin. Depois de viver um ano nas malhas da rêde hídrica da Amazonia, Agassiz redigiu para o Imperador do Brasil, uma sintese das suas impressões, onde se encontram as seguintes passagens :

Não voltarei a referir-me à variedade surpreendente de espécies ictiológicas que a bacia encerra, comquanto a mim se me torne difficil acomodar à idéa de que o Amazonas agasalha quasi duas vezes o número de variedades que vivem no Mediterrâneo e cifra ainda maior que as que o Atlantico alimenta, de um Pólo ao outro. Nem poderei jamais dizer com precisão qual o número das espécies que lá encontrei... Entretanto, avalio o número das que de fato possuo, em 1.800, cifra essa que talvez possa chegar a 2.000. Outro aspecto, talvez o mais curioso, é a intensidade com que a vida se manifesta nessas águas. Todos os rios da Europa, do Tagus ao Volga, não comprehendem talvez cento e cincoenta espécies ictiológicas da água doce; entretanto, só em um pequeno lago próximo de Manáus, denominado Lagoa Januari, cuja superficie não excede de quatrocentos ou quinhentos metros quadrados, descobri mais de duzentas espécies diferentes, a maioria das quais não havia ainda sido observada em qualquer outro ponto do globo. (4)

(4) Mr. e Mrs. AGASSIZ, *Uma Viagem ao Brasil*, pág. 383, (Ed. Inglesa).

Comquanto tivesse êle levado para Harvard, mais de 80.000 specimens, será desnecessário frisar que, em apenas um ano, a sua expedição não poderia ter apanhado representantes de todas as espécies amazônicas ; além disso, no resto do Brasil, êsse capítulo da ciência tem sido apenas levemente abordado.

Apesar de ter Agassiz achado que a fauna aquatica da Amazonia difere, em sua constituição, de um lugar para outro e de uma estação do ano para a próxima, certas espécies foram encontradas disseminadas por toda a bacia. Uma delas é o gigantesco pirarucú cuja carne é para os habitantes ribeirinhos, o que a de vaca é para os do interior e do Sul do Brasil. Outros alimentos correntes na chapada são, a tartaruga e seus ovos. Um viveiro bem suprido de chelonios é, em toda a região, cousa tão comum quanto o curral nos pampas.

Assim é que o próprio ambiente onde proliferam os peores insetos que flagelam o homem, fornece a compensação, tornando-lhe a vida tão fácil a ponto de pouco mais precisar fazer que combater as pragas aladas.

* * *

O palco está pronto. Suas dimensões : as de meio continente. Sobre êle, a pino, pende o globo luminoso do sol e os aliseos que vêm do Norte sopram preches de chuvas bemfazejas. Em sua maior parte, o tablado dêse palco desmedido desenvolve-se num imenso altiplano donde as águas se despenham em abundancia ; depois, o chão precipita-se na planície para, em seguida, galgar o cume das montanhas onde o gelo é perpetuo. Florestas de luxuriante beleza, pastagens interminaveis, campos de fertilidade perene ; uma fecundidade de vida, uma pletóra de fôrça, uma riqueza mineral que jamais foram por Deus concedidas a povo algum para com tanto material de primeira e com tanta abundancia de fôrça, construir a sua passageira morada na terra.

CAPÍTULO IV

A SEMEADURA

§ 1. O PRIMEIRO SEculo.

Já vimos, em rapido esborço o que foi a semente e qual era o solo. Agora a sementeura !

Durante o seculo XVI (como ainda hoje) voavam soltas as azas da humana fantasia à procura de riqueza fácil, e, portanto, não é difícil imaginar-se qual tenha sido a opinião do português com relação ao Brasil, durante as primeiras décadas que se seguiram ao seu descobrimento. Ao aventureiro que em '49 largava rumo à California, atraído pelo fascínio do ouro, não interessavam as belezas do "Vale da Morte". Os primeiros que para lá foram só se referiam, em suas crônicas, a campos sem fim, mata virgem cerrada, selvagens nus, mas, nada de minas para lavrar nem cidades ricas que saquear. De outro lado, porém, os navegantes que voltavam da India descreviam verdadeiras metropoles dentro das selvas, pejudas de tesouros seculares, comercio prospero e rico que arrancar às mãos infieis para a gloria de Deus. Ninguem, que tivesse noção dos valores pensaria em se aventurar no Brasil. Era a mesma coisa que convidar um diplomata a escolher entre o esplendor da Corte de St. James e a simplicidade da de São.

Alguns portugueses, entretanto, deixavam a patria com destino ao Brasil, aos quais não lhes era dado opinar sobre o seu destino, da mesma forma que mais tarde a Inglaterra despejaria condenados e vagabundos

contumazes das costas de Maryland, Virginia e Carolina para se desobrigar de seu sustento. Quando os portugueses tinham dúvida sobre a hospitalidade dos habitantes de alguma terra desconhecida, faziam desembarcar um degredado — em geral, banido por qualquer motivo futil. Se fosse bem recebido, tanto melhor: um passo à frente na conquista e um futuro interprete da língua; se fosse assado em fogo lento: paciência, um degredado a menos. Por um bom quarto de seculo, quasi tudo quanto Portugal fez pelo Brasil, foi enviar cerca de duas caravelas por ano a vomitar em seu litoral êsses resíduos indesejaveis da sociedade e receber carregamentos de páu brasil, papagaios, macacos e índios como curiosidades e como escravos. (1)

Expedições subsequentes fizeram o reconhecimento de toda a costa, até o Rio da Prata, tendo até mesmo galgado o planalto. Uma delas, despachada da Hespanha em 1527 para explorar aquele rio encontrou o principal navegador do paiz — o mesmo Sebastião Caboto, velho conhecido dos alunos primários nos Es. Us. — descendo o Rio Paraguai com punhados de ouro e prata nas mãos. Para que tenhamos idéa da insaciavel sêde de metais preciosos que devorava os primeiros descobridores, basta-nos lembrar da furia com que os americanos se lançaram à California e ao Alasca no seculo XIX. Os hespanhóes nada mais procuravam; chegavam a olhar com desprezo à Florida porque não dispunha de minas. Não foi para lavrar a terra e nem porque o solo pátrio lhes fosse hostil que deixaram os seus lares. A noticia da descoberta de Caboto, teve, sobre a indiferença européa, o mesmo efeito que tem o sol sobre a neblina.

(1) ROBERT SOUTHEY *História do Brasil* I, 38. ANDREW GRANT *História do Brasil* (Londres 1869 pp. 3,4. H. MORSE STEPHENS, *Portugal* (Nova York, 1891) p. 224.

Portugal notou logo que os francêses voltavam suas vistas à costa brasileira com mais carinho que os seus verdadeiros proprietários e que William Hawkins, de Plymouth (o pai de Sir John) já conhecia o paladar da mandioca. Hawkins foi apenas um dos muitos aventureiros européus que, a partir de 1530, andaram a prêar ao longo da America equatorial sonhando com o El Dorado. Os hespanhóes, Cortez à frente, tinham descoberto ouro sem conta no Mexico; Caboto tinha voltado do Paraguai com pepitas — porque não haveriam êles de descobri-lo no Brasil? Foi então que Portugal compreendeu que para evitar que a colonia fosse vítima dêses piratas a quem pouco se lhes dava que tivesse o Papa Alexandre VI dividido todas as terras ainda por descobrir entre os dois filhos prediletos da Igreja, era necessário coloniza-la imediatamente. A metropole, porém, já estava por demais ocupada com seus problemas asiaticos. Nessa emergencia, lançou mão do sistema feudal de sesmarias do qual com dificuldade já se havia libertado, e, em 1532, dividiu a costa brasileira entre doze favoritos da côrte, conferindo-lhes títulos hereditarios e poderes soberanos ao mesmo tempo que incitando-os a não perderem tempo na defesa das suas novas concessões, contra os corsários francêses. Essas primitivas capitâneas brasileiras diferiam das concedidas pela Inglaterra aos seus vassalos — Maryland, Carolina, Nova Jersey, Pennsylvania e Nova York depois da sua conquista aos holandêses — apenas em que o poderío do donatário norte-americano era limitado pela obrigação de legislar “com o consenso dos homens livres” (2) e também porque as brasileiras eram cem anos mais velhas.

(2) JOHN SPENCER BASSET *Sumula histórica dos Estados Unidos* (Nova York, 1919) pág. 82.

Onde iriam os donatários portuguezes obter braços para o trabalho das novas Capitâneas? O minuscuro Portugal tinha uma população de menos de três milhões e a Asia já estava para lá drenando boa parte dos homens brancos. Não havia sóbra de colonos e tanto os fidalgos como o cléro, estavam jungidos à idéa do trabalho escravo. O comércio escravagista era, portanto, a única fonte a que um capitalista portuguez poderia recorrer em tais conjunturas. Assim foi que, quando em 1532, veio da Ilha da Madeira para Santos (São Vicente) a cana de assucar — fadada a tornar-se em breve a maior fonte de riqueza da colonia — vieram da Costa da Guiné escravos negros para cultivá-la (3); todo o sistema de exploração agrícola extensiva, juntamente com a escravatura negra que já era instituição corrente nas vastas propriedades da Ordem de Cristo e em outras organizações religiosas e militares do Algarves, no Alemtejo e no Arquipelago, foi transferido para o Brasil logo no início de sua colonização. Em vista da confusão que sobre este ponto paira na literatura inglesa, é preciso que se diga que isto se deu bem antes de qualquer tentativa feita por gente competente e bem armada, para reduzir ao cativo o índio brasileiro. O Brasil, belo e selvagem nascia já escravo porque o seu velho pae na Europa também o era. Quando os primeiros negros foram vendidos na Virginia em 1619, as pesadas correntes da escravatura pendiam ha mais de um seculo sobre o colo gentil do filho de Portugal que, ao Sul do Amazonas sonhava já com a liberdade.

O fidalgo precisava, naturalmente de auxiliares para feitorar o trabalho escravo, e, para esse mysterio, havia grande procura de rapazes ambiciosos, da classe proletaria, dotados de bom físico e destituídos de ligações

(3) JOÃO RIBEIRO, *História do Brasil*, 9.^a edição (Rio de Janeiro, 1920), pág. 70.

domesticas ; essa mesma classe de indivíduos era também procurada para constituir o exército que haveria de defender as novas povoações. A carencia de capital e de administração foi simultaneamente resolvida por aquele monarca fanatico que, debruçado sobre as ruinas de seu próprio reino, introduziu, em 1536, a inquisição em Portugal e pôz-se a perseguir os mais habéis comerciantes do Imperio, por não serem cristãos. Muitas dessas famílias judaicas, ricas e influentes, acossadas pela perseguição e atraídas pela possibilidade de enriquecer facilmente, liquidaram com prejuizo os seus haveres e emigraram para o Brasil onde logo deveriam encontrar amigos seus, expatriados por D. Manoel.

E assim, o fidalgo e o campônio portuguez, o judeu e o negro, invadiram o continente Americano mais ou menos no mesmo período histórico. O jesuita não surgiu senão com o primeiro Governador Geral que foi consolidar o poder da corôa sobre as Capitânias independentes, em 1549, com uma armada de seis navios,

“abórdo dos quaes vinham 320 pessôas a soldo do Rei, 400 degredados e colonos, que perfaziam o total de mil homens... Outra frôta chegou depois de tres anos, em cujo bojo a Rainha enviou diversas orfãs de famílias nobres, educadas nos conventos ; deveriam ser dadas em casamento a officiais e levavam dotes constituidos por negros, gado e éguas reprodutoras do estábulo real. Vieram também orfãos para serem educados pelos jesuitas. Remessas semelhantes eram feitas anualmente” (4).

Em 1570, outro Navio de Orphãos, levou moças cujos pais haviam morrido durante a epidemia; e não foi senão durante o governo inépto do Cardial D. Henrique, quando Portugal começou a regredir, que essas remessas anuais de colonos sadios foram interrompidas; depois, a Metropole, ingressando em seus “Sessenta Anos de

(4) SOUTHEY, I, 213, 216, 311.

Cativeiro" perdeu completamente o interesse pela sorte das suas colonias.

Assim, foi a sementeira de uma grande nação, lançada em sólo fértil, exactamente um século antes de ter a Inglaterra conseguido plantar a sua, em chão muito mais pobre (Jamestown, 1607; Mayflower e Plymouth, em 1620; a Baía de Massachusetts, em 1630; Maryland em 1634). Para dar idéa das idades, nêsse Continente a que chamamos Novo Mundo, será bastante frisarmos que Santos, Rio de Janeiro, Vitoria, São Salvador e Recife eram já cidades velhas enquanto Jamestown, Nova York ou Boston dormiam ainda na imaginação dos seus fundadores.

Antevendo as dificuldades que para o comércio adviriam do estabelecimento do colôno no interior do país, a ruína social e o afrouxamento da lealdade, o governo daqueles idos tempos, tudo fez para restringir à costa a colonização, e, nisso foi em grande parte auxiliado pelos interesses comerciais, durante cêrca de duzentos anos; mas, como passaremos a demonstrar, Portugal tinha já atirado ao vento sementes que não poderia prevêr onde iriam germinar.

Quanto ao número de colonos, certa missão official realisada em 1614, afirmava que "não se pôde dizer que o Brasil esteja desocupado, pois tem mais de três mil portuguezes" (SOUTHEY I, 423). Seja qual fôr a cifra exacta, o facto é que seria sempre insignificante. O que importa, porém, é que durante o primerio século, todo branco que aportasse ao Brasil, com exceção do jesuita, tinha que prestar o juramento do parasita: "Juro que não farei nenhum trabalho manual enquanto conseguir um só escravo que trabalhe para mim, com a graça de Deus e do Rei de Portugal!"

Sob êsse regime, deveria haver pelo menos dez escravos negros e índios para cada branco e para muitos dos mestiços, mesmo depois de ter o Brasil, ha um século,

ingressado no cenario da política mundial; e não se afastam muito da realidade as histórias que andam por aí, de colonos portuguezes sem posição nem importância social, tangendo 25 ou trinta "peças" e ainda mais, 50 ou 1.000

§ 2. O CONTINGENTE HOLANDÊS

A proporção entre escravos e senhores resalta da riqueza que encontraram os holandêses quando começaram a prêar sobre os aldeamentos brasileiros durante o primeiro quartel do seculo XVII. (Deixamos de lado a tentativa frustrada dos Huguenotes francêses, por não ter tido importância alguma do ponto de vista demográfico — os holandêses dispunham da única organização protestante dotada de energia suficiente para conseguir alguma coisa nessa Costa Católica). Quando, em 1581, o Brasil tornou-se possessão hespanhola passou a ser preza cobiçada por todos os inimigos de Castela; e, é preciso que se diga, esta casa real tinha a mais variegada coleção de desafetos em toda a Europa de então. Com a anexação de Portugal, a Hespanha entrou na posse de tudo quanto desejavam as outras potencias maritimas, Inglaterra, Holanda e França. Existe mais que méra suspeita de que a Hespanha desejasse o enfraquecimento da Corôa luza. O Brasil, como possessão de Portugal, o amigo da Inglaterra, tinha até então sido verdadeiro tabú; mas, como parcela indefesa do odiado imperio de Castela, nada mais era que timido cordeiro em meio da procela, e, não foram precisos muitos anos para que os lobos famintos comessem a se arremeter contra o tenro petisco. Drake, Cavendish e James Lancaster (Pernambuco, 1595) deixaram o sinal de suas garras em varios pontos da costa brasileira. Os francoeses fundaram São Luiz, em 1612 e os holandê-

ses já estavam estabelecidos ao Norte do Amazonas, quando Belém foi fundada, em 1715, e, talvez mesmo quando Henry Hudson andava ainda explorando as cercânias de Nova York (1609).

O latido do cão mestre da matilha, Raleigh, — quanto estivesse à procura do El-Dorado em trilha errada, — foi suficiente para atrair os Ingleses às praias da Guiana; os franceses foram desalojados; mas, por muito tempo ainda, parecia que os holandêses tinham se instalado definitivamente em Pernambuco, como em Nova York.

Em 1594, Felipe II da Hespanha fechou aos batavos o porto de Lisboa e a guerra estalou. Naqueles tempos, porém, os flamengos podiam abater, de uma só punhada, qualquer inimigo de seu porte: em pouco tempo arrebataram aos portuguezes o comércio asiatico, e, logo depois, o Brasil. Para êste e outros fins semelhantes, foi fundada a Companhia das Indias Ocidentais em 1621. No que respeita as atividades dessa emprêsa no Brasil, foi pirataria na sua fôrma mais honesta, organizada e perfeita; a Companhia não tentou o mais leve simulacro de colonização; os holandeses eram homens decididos, operosos e francamente associados para fins criminosos da mesma fôrma que os contrabandistas e "gansters" do seculo XX. Sem hesitação alguma conferir-lhes-iamos a fita azul da honestidade se não tivessem atrapalhado a sua obra com a mesma arenga sobre salvação das almas que mascarou a ambição e a avaréza introduzidas na America do Sul, sob o palio do Cristianismo.

O saque de São Salvador proporcionou aos Diretores da Companhia a distribuição de um gordo dividendo, e entre 1626 e 1637 (época em que as Colonias da Virgínia estavam ainda no berço) o produto da pilhagem era religiosamente canalizado para a Holanda e dividido entre os acionistas. Tendo Recife por quar-

tel general, os batavos estenderam o seu domínio sobre toda a costa Nordeste, de Sergipe ao Maranhão. Os dividendos da Companhia nunca eram inferiores a 20% e não raramente atingiam a 50%. (1)

Os flamengos eram hereges mais ou menos tolerantes, e, como tais impediam o menos possível a prática religiosa dos portugueses no Brasil; em 1645, porém, descobriram que os confessores dos holandeses católicos e dos franceses a seu serviço, haviam negado absolvição aos penitentes que tinham combatido os cristãos — que era como se denominavam os portugueses. Deram então 30 dias para que todos os membros das ordens monasticas abandonassem as possessões holandesas, depois reuniram todos na Ilha de Itamaracá onde foram despojados de seus habitos e em seguida, abandonados em ceroulas, em pontos diferentes da costa sob o domínio espanhol. (2) Esse áto, entretanto foi bem menos cruel que a entrega de 25 portuguezes aos antropofagos, no Ceará, e o embarque, para Barbados, de outros 50 para serem vendidos como escravos. (Os Ingêleses restituíram-lhes, porém, a liberdade).

Deram-se, por essa época, acontecimentos tragi-comicos. E' divertida a cêna de Mauricio de Nassau empenhado em conferencia solene com o marquez de Montalvão, para limitação dos armamentos, numa terra abandonada por Deus e em plena época de ateísmo. Observada de maneira geral, porém, a aventura holandesa no Brasil teve na história do imperialismo português, a mesma influencia que tem o sarampo no desenvolvimento da criança: a de um ligeiro hiato, sem maiores consequências. O ponto, porém, de interêsse capital para o Brasil, é que o sangue batavo — aliás de pri-

(1) ANDREW GRANT, *História do Brasil* (Londres, 1909). pp. 52, 60.

(2) SOUTHEY II, 65.

meira qualidade — foi o único que, em parcela considerável aliou-se aos três elementos básicos de sua raça antes da onda imigratoria do seculo XIV. Engenheiros das obras contra a sêca, nos sertões do Ceará e de Pernambuco mostraram-nos crianças de cabelos louros e finos, olhos azues e traços inconfundivelmente holandeses, vivas lembranças dos seus arrogantes avós que no seculo XVII arrecadavam tributos nas Capitânias do Norte.

Foi êsse um seculo em que se deram acontecimentos espantosos: Recife servindo de base de operações aos ataques contra o Chile, na Costa Ocidental da America do Sul e contra Angola na Costa Ocidental da Africa. Um seculo que dá que pensar; o em que ocorreu o fâto sem precedentes na história do mundo: duzentos índios brasileiros combaterem contra os negros, na Africa, afim de determinar se seriam os portugueses ou os holandeses que haveriam de escravizá-los a ambos!

A rapacidade dos diretores da Companhia das Indias Ocidentais, depois da partida de Nassau, levou os pernambucanos à guerra de expulsão e finalmente acarretou a ruina da empresa; além disso, acontecimentos longínquos, embora, tiveram não pequena influencia na retirada dos holandeses do Brasil, principalmente a hostilidade de Cromwell e a tomada do Ceylão pelos batavos.

Portugal não conseguiu reaver êsses núcleos nordestinos, senão 20 anos depois de ter reconquistado à Hespanha sua soberania mutilada e, pelo tratado de 1661, teve que pagar à Holanda quatro milhões de cruzados (mais ou menos £ 400.000) a título do resgate. De maneira que os flamengos foram em parte expulsos e em parte indenizados para sair do Brasil, da mesma fôrma que alguns anos mais tarde tiveram que deixar Nova York (1664); e assim foi o destino das maiores colonias das Americas, definitivamente confiado aos

Portugueses e aos Ingleses. Em 1661, a bandeira de Portugal panejava desde a Guiana até o Rio da Prata; quatro anos depois a inglesa tremulava da Florida ao Maine. De então até o tempo das correrias Napoleonicas, o sangue da metropole portuguesa nunca mais cessou de alimentar o embrião de gigante que se desenvolvia nas calidas entranhas da America tropical.

§ 3. CONTACTO ENTRE A CIVILIZAÇÃO E A BARBARIE

A metamorfose do caçador de guanaco

Esses tenues filetes migratorios de lusos e batavos convergiam, entretanto, para uma cuba imensa onde turbilhonavam (ninguem sabe quantos) milhões de seres humanos. Vejamos o que se passava na zona onde se dava o contacto entre a civilização e a barbarie e acompanhemos essas fronteiras oscilantes, até podermos tirar uma conclusão palpavel, ao envés de dispendermos mais tempo na órla maritima vendo os grandes passaros de brancas azas vomitarem na areia os seus carregamentos de européus e africanos.

Da mesma fôrma que a migração do ganço selvatico, em direção ao Sul marca, nos Estados Unidos, a aproximação da invernía, assim tambem a presença das aves domesticas indicava ao selvagem que o branco andava perto. Os galinacios e os palmipedes introduzidos pelos portugueses, espalharam-se pelas tribus indigenas muito antes do contacto do europeu, e, depois de cincoenta anos, já faziam parte do regime domestico da maioria do selvicola.

Fenômeno mais extraordinário ainda, passava-se nas planuras do Sul. Dissemos no Capítulo III, que a area atualmente compreendida pelo Rio Grande do Sul,

Uruguai, pelos pampas da Argentina, Gran Chaco, Paraguai e Sul de Mato-Grosso constitúe talvez a melhor pastagem natural do mundo. Ai os espanhóes soltaram cavalos andaluzes, em 1534 (1). Reconhecendo que a mobilidade da sua cavalaria lhes era tão importante quanto as armas de fogo, para a manutenção da sua supremacia militar sobre o incola e antevendo os inconvenientes que lhes adviriam, se os índios se tornassem cavaleiros, o governo proibiu, sob pena capital, a venda de montarias ao selvícola. Não ha lei, porém, que possa impedir um macho fogoso de franquear de um salto uma cerca mal feita e, num relincho, convidar as éguas que o sigam. Uma vez livres, o mundo era dêles; e assim começou a Idade de Ouro para o cavalo, na America do Sul, da mesma fórmula que nas grandes planícies Norte-Americanas. Tornou-se selvagem e povoou os campos com sua próle. Um seculo depois, Falkner, um jesuita inglês, contava que em uma das suas viagens pela planura, êle e seus companheiros foram várias vezes, em quinze dias, cercados por tropas colossais de milhares e milhares de cabeças que por êles passavam a galope, durante horas a fio, pondo-os em risco de serem pisados. O cavalo ficou tão desvalorizado que quando queriam amolecer uma pele de carneiro matavam diversos equinos para tirar-lhes a gordura; as éguas reprodutoras eram mutiladas pelo seccionamento de um tendão, na pata trazeira, afim de impedi-las de se unirem às manadas selvagens que não cessavam de relinchar, chamando os companheiros presos nos curros.

O gado *vacum* foi introduzido em Santos, na mesma época em que o cavalari apareceu no Sul. Dr. Zebalos afirma que o início das manadas pampeanas foi um

(1) SOUTHEY I, 58.

lôte de sete vacas e um touro que os irmãos Góes tangeram de Santa Catarina ao Paraguai, em 1553. (2) Duvidamos que tivesse sido tão tarde. Seja como fôr, porém, o fáto é que também se tornaram selvagens, e reproduziram tanto que em 1580 partiu de Buenos Aires o primeiro carregamento de couros. Consta ainda que durante a primeira década do século XVII, o gado, de Santa Fé, foi encaminhado para o Perú. Essa disseminação selvagem foi-se processando tão rapidamente no Rio Grande do Sul e na Banda Oriental, como nas chapadas de La Plata e Tucuman. Por toda parte havia centenas de cabeças selvagens para um único, exemplar em estado semi-domestico.

A não ser o inglês quando sáe para fazer exercício, pouca gente no mundo prefere andar a pé, tendo algum animal em que montar. O índio pedestre, que ha dez mil anos vinha perseguindo penosamente a sua caça arisca, olhou para a figura equestre do europeu e, sem perda de tempo, desfraldou a bandeira vermelha — a revolução, como chama, lavrou então pelos pampas! Uma vez descoberto que um corcel roubado podia transportar um caçador de guanaco, tão bem quanto a um branco, tribus inteiras tornaram-se equestres. O entusiasmo do índio pelo cavalo foi tão grande quanto o do Americano de hoje pelo automovel. Comiam carne de cavalo; bebiam sua gordura derretida; friccionavam os cabelos com sangue equino imaginando tornarem-se fortes. Faziam cordas de crina. Do couro da pata deanteira, faziam perneira. Da pele, faziam leitos, roupas, tendas, arreios e calçados. Os nervos do cavalo serviam-lhe de amarelho. E, quando um índio morria, o seu ginete era coberto de guizos, contas de vidro e pe-

(2) Anales de la Sociedad Argentina, Vol. XXXV, citado por Santos *A História dos Herefords*, pág. 972.

nas de ema e depois levado em procissão solene ao redor da tenda do falecido ; findo o cerimonial era sacrificado e plantado sobre o tumulo com lanças de onde pendiam ornamentos de variegadas côres. (3)

A equitação tornou-se o desporto favorito dos homens fortes ; arte em que os garotos deveriam ser iniciados tão logo déssem os primeiros passos. O estribo não era de uso corrente entre os selvagens equestres : de pé ao lado da montaria, a mão direita nas rédeas e a esquerda firme em sua longa lança de madeira, o índio galgava a sela de um salto e depois, as emas, os veados e as queixadas viam-se em palpos de aranha. Pois, o cavaleiro das selvas tinha-se tornado tão ligeiro quanto a caça sobre que preava. Não é pois, de se admirar que no Rio Grande do Sul, o cavalo tenha adquirido fôros de divindade. O gado ocupou logo, na vida do selvícola, o segundo logar depois do cavalo. Para quem a custo vinha obtendo uma alimentação precária proveniente da caça do guanaco prudente e da ema arisca, uma ponta de gado selvagem representava tão grande reserva de carne que em geral adiavam o prazer da xarqueada. Essa metamorfose de cacadores em campeiros, tornou o aborigene tão carnívoro quanto possível para quem vivia largamente de frutas. A mudança operada no selvícola em contacto com a órla das criações dos brancos, foi revolucionaria, radical, rápida e benéfica. Pena é que se não possa dizer o mesmo de todas as modificações posteriormente sofridas pelo selvagem quando entrou em franco contacto com os que lhes haviam trazido de além-mar êsses inestimaveis benefícios.

(3) DOBRIZHOFFER, *Noticias dos Abípones*, (Londres 1822) I, 131-33.

Qual era o Selvagem?

Quando um branco se acha em meio duma comunidade pigmentada e em situação de absoluta inferioridade numerica, torna-se o melhor camarada possível e pode-se com segurança presumir que os primeiros colonos atirados às costas brasileiras esforçaram-se o mais que puderam para agradar o nativo selvagem. Um dos nossos colegas do Serviço Florestal das Filipinas caminhava, certa vez, distanciado de seus companheiros, em um mato do Mindoro, quando, de repente, deu de cara com dois Negritos, caçadores de javali. Imediatamente, duas flechas partiram em direção à sua cabeça, como reflexo instintivo da surpresa e do medo que se apoderou dos negros. O nosso amigo — que já por natureza é pessoa muitissimo agradável, — talvez, nunca, em sua vida tenha se esforçado tanto para agradar alguém, como dessa vez aos selvagens. Falou-lhes em duas línguas diferentes sem conseguir fazer-se entender; sorriu, gesticulou e poz a sua pessoa e os seus haveres à disposição dos negros, com tantas mesuras, que dentro de dez minutos tinha retribuido com sua bolsa de tabaco as duas flechas que lhe fuzilaram pelo craneo. Por aí pode-se imaginar quão delicados teriam sido para os selvagens os primeiros brancos que com elles tiveram contacto, no início do seculo XVI.

A verdade é que, a menos que se enfureça, um selvícola sanguinario é muito mais comum em ficção que na realidade. E' frequente encontrar-se nas crônicas antigas o relato de degredados, naufragos e colonos portuguezes expulsos das povoações, que foram bem recebidos entre os selvagens, ganharam esposas e até galgaram posições de destaque. A presunção original do índio era que o colono portuguez constituía para elles "objeto" tão util como a vaca que comsigo trouxe,

e o fato é que nove vezes em dez, os incidentes ocorridos com os selvagens, eram provocados pelos portugueses para, quem, entretanto, o gentio era bastante bondoso e de uma lealdade simples. Do mesmo modo que Squanto ensinou os Peregrinos de Plymouth a cultura do milho e a adubação do solo com peixe, o gentio brasileiro ensinou o português a cultivar e preparar a mandioca que até hoje ocupa lugar de destaque entre os generos alimentícios, no Brasil; ensinou também as holandesas e portuguesas a criarem seus filhos. A princípio as alienígenas não conseguiam criar nem uma criança em três; depois, quando as índias lhes ensinaram a pôr de lado a montanha de roupa com que sufocavam os bebês e a habitua-los ao contacto do ar e da água, a curva da mortalidade infantil caiu verticalmente. As amas selvagens eram tão comuns nas famílias portuguesas como doce de côco em cantina de soldado e a língua materna (i. é., a que se administra com o leite) era mais frequente ser um dialeto tupí que a língua de Camões. Nos primórdios da colonização, essa relação de boa vizinhança iluminou o contacto do branco e do selvagem da mesma forma que o luar prateia, no campo de batalha, os ossos desnudos dos heróis, pois, quando os fidalgos foram assumir o governo das suas capitâneas, outra modalidade de trato iniciou-se, infelizmente. Já então corria o ano de 1532. Os nobres que iam explorar o Brasil levavam, já no bojo das suas caravelas, o negro cativo, mas, foi tão grande o número de baixas entre êsses infelizes, que a cotação CIF Brasil das "peças" selvagens subiu a cifras tremendas. As matas pululavam de gentios. "Agarrem-nos e façam-n'os trabalhar" ordenaram os fidalgos. Começou então o ataque contra mulheres, crianças e homens nús, armados apenas da zarabatana, do arco e flecha e taca-pe, pelo colôno já provido de arcabuzes, mosquetões, punhais e espadas. Cativavam às centenas, não por que

houvesse superioridade racial, mas, simplesmente pela das suas armas, da mesma fôrma que um alemão, na retranca de uma bôa metralhadora, vale por centenas de fuzileiros francêses, inglêses e americanos. Os colônos procuravam braço para a cultura da cana, do tabaco e da mandioca, mas, o que não era possível penetrar no bestunto do portugûes, era que nas tribus selvagens era a mulher e não o homem, que se ocupava da agricultura. Os índios acreditavam que a semente plantada por mão masculina não germinava. "Pai", explicou um selvagem ao Padre Gumilla quando êste o admoestou por obrigar as mulheres a trabalharem no campo, "o Senhor não compreende a razão do nosso costume, e por isso o condena. As mulheres sabem gestar, nós não o sabemos. Quando elas plantam, o milho dá duas ou três espigas e a mandioca, outras tantas cestas cheias. Tudo multiplica em suas mãos. Porque? porque as mulheres sabem procrear e fazer que as sementes e as raizes também aumentem". Os portugûeses, porém, queriam as índias para todos os mistêres domesticos e, para obrigarem os homens ao trabalho, tinham que lanha-los a chicote. Se quatro mil toneladas de borracha, no Rio Putumayo custaram a vida a trinta mil índios, calcule-se quantas não se esvairam para alvejar mil toneladas de açúcar mascavo?

Da mesma fôrma que o trabalho agrícola representava um contínuo derramar de sangue indigena, assim também a concubinagem era responsavel pela absorção de parcela talvez maior. Por muito tempo, a imigração portugûesa para o Brasil era essencialmente masculina, como o foi a recente imigração grega para os Estados Unidos. Durante cincoenta anos êsses aventureiros, em sua maioria soldados e maritimos, lançaram-se em um país onde não havia ainda o mais leve indicio de religião ou de governo. Aportavam em praias habitadas pelo mais belo tipo de selvicola, onde passeava-

vam mulheres núas, habituadas à promiscuidade, e inteiramente despidas de qualquer noção de pudor ou castidade. O resultado foi um abastardamento da poligamia selvagem pois, se o índio tomava tantas espôsas quantas concordassem em trabalhar para si, o branco tomava tantas quantas conseguia escravizar e não hesitava um único segundo em vender, pela manhã, a índia que passou a noite em seus braços, se um bom negócio lhe aparecesse. Nem todas, porém, eram apanhadas à fôrça; muitas consideravam honra insigne entregar-se ao conquistador. Lastimavel, porém, era a sorte dessas escravas de cama e cozinha; sua aliança com o branco não passava de precarissimo concubinato. Illustrando a situação da época, veio até nós a noticia de uma escaramuça de fronteira, ocorrida em 1536, em que o branco vitorioso, exigiu, entre as condições de capitulação, 6 bois e sete raparigas, para si e duas mulheres para cada um de seus soldados. O lamento do sacerdote é bem sugestivo: "Ante o perigo de agressão pelos índios, mandam-nos soldados da cidade para defenderem a colonia nascente; tememos, porém, ainda mais os defensores, porque com sua licenciosidade causam maiores males às mulheres que os índios com suas armas a toda a colônia". Logo que houve mais sacerdotes no país, os colonos pensaram eximir-se do peccado batizando as suas mulheres. Surgiu então, para os casuisticos, um sério dilema: libertar essas índias e deixal-as voltar à horda ateísta de onde tinham vindo, seria menosprezo ao sacramento do batismo; se as deixassem, ambas as partes estariam incorrendo em peccado mortal. Ficaram, porém, e deram à colonia nascente milhares de moreninhos robustos.

Dessa união entre o português e as melhores e mais belas raparigas do indio agricultor, surgiu uma nova raça de homens dotados de excepcionais qualidades: atividade infatigavel, valentia, rudeza, resistencia e o

que é ainda mais, fisicamente adaptados ao ambiente rustico em que tinham de evoluir. A despeito das severas ordens metropolitanas que mandavam fossem os aldeamentos restritos à orla marítima, logo que alguns aventureiros mais arrojados galgaram o planalto e viram descortinar diante de seus olhos deslumbrados, os lindos campos de Piratininga, — livres do tormento da malária, sem comunicação com as outras cidades, longe do alcance do braço opressor da Metropole e dotado de inúmeras vantagens naturais, — desertores e foragidos da justiça lançaram-se a êles para aí fundarem o aldeamento que mais tarde daria origem à futura cidade de São Paulo. Os mestiços tornaram-se os perseguidores môres dos ascendentes maternos. Ante êles estendia-se um vasto continente onde imperava uma civilização dissoluta que para o seu arrojado nativo, constituía irresistivel tentação; de todos os lados o desconhecido acenava a êsses homens em cujo sangue existiam ainda fortes vestígios do instinto migratório dos mouros e visigodos. Imbuídos da idéa de descobrir metais preciosos e tendo garantida a retribuição dos seus esforços, pelo comércio de escravos, — da mesma fôrma que no Sul os cavalos se enamoraram das pastagens pampeanas, — cêdo começaram a partir da nova cidade planaltina bandos organizados (bandeiras) para exploração do interior e escravização do selvícola, expedições essas que vieram em tudo e por tudo contrariar os esforços até então desenvolvidos pelos colonos litorâneos. Aconteceu para essa gente, a mesma cousa que no Sul sucedeu ao cavalo e ao gado, i. e., o homem, de civilizado que era, tornou-se selvagem. Qualquer chefe audacioso, rude, valente e decidido, punha-se à frente de cem ou duzentos capangas de qualidades semelhantes e penetrava no desconhecido. Intitulavam-se “mamalucos”, êsses mestiços de portuguezes e índios que constituíam os esteios das “bandeiras” onde

seguiam também algumas mulheres e, em geral grande quantidade de gado vacum, cavalari e suino. O apelido de mamaluco ficou logo ligado ao mestiço do português com o índio, da mesma forma que ao cruzamento do português com o negro chamaram "mulato".

A vida nas bandeiras resumia-se em um longo picnic que durava meses e, em geral, anos. Logo que começavam a minguar as poucas reservas alimentícias que transportavam, voltavam as vistas para a natureza. Se as matas que atravessavam eram pobres e se não encontravam culturas indígenas que saquear tinham que acampar por alguns meses. Plantavam cereais, e, enquanto esperavam pela safra, exploravam a região. Não havia pressa: nada tinham deixado atrás que os fizesse apressar a volta, e, provavelmente, nem mesmo as sentinelas da justiça notavam muito a sua ausência. A falta inicial de mulheres era remediada logo que a bandeira se punha em contacto com a primeira horda indígena; daí em diante, com escravos para prover sua alimentação, mulheres para cantar ao pé do fogo, enquanto um tropeiro caboclo pontilhava uma viola e escravas gentis para lhes fazerem companhia ao leito, logo que as brasas se desfaziam em cinza, nada mais pediam da vida.

O esforço prodigioso dispendido por esses descendentes de europeus, em suas tropelias pelo sertão, provou que tinham energia de sobra para levar vida descuidada, mesmo em um clima como o do planalto. Algumas vezes voltavam para São Paulo com poucas centenas de escravos; não raramente, porém, traziam milhares. Isso principalmente depois de terem os jesuitas estabelecido as suas "Reduções" no território que hoje constitui a parte ocidental do Paraná. Por meios suasórios, a que faremos menção no próximo capítulo, os jesuitas conseguiam que tribus inteiras abandonassem a sua

vida nomade para se agruparem sob a sua tutela magnanima.

“Tanto melhor para nós” resmungaram os bandeirantes. “Encurralem o gado de arco e flexa e quebrem-lhes os chifres!”

Em 1629 começou o ataque às missões. Às supplicas dos jesuitas, os mateiros empedernidos respondiam que os índios haviam sido batizados e acreditavam ganhar o céu. Ainda mais, — e o que é peor — lançaram essa coisa temível, o boato de que os jesuitas congregavam o gado humano das florestas para que os colonos pudessem mais fàcilmente reduzi-los ao cativoiro.

Tão famosos tornaram-se os mamalucos paulistas como mateiros e escravagistas que quando as outras capitánias se viam em dificuldade, apelavam para êles. Em 1670, um distinto cidadão baiano foi assassinado pelos índios Guerens. Pediram então o auxílio de João Amaro e seus comparsas, que fizeram uma limpeza até as margens do Rio São Francisco e tão grande foi o numero de índios que mandaram, escravizados, para a capital que o preço das “peças” caiu para cerca de 20 shillings. Implantou o paulista de tal fórma o terror no sertão da Baía que, durante cincoenta anos, não se falou mais de incursões selvagens por aquelas bandas; depois João Amaro acampou, para tornar-se o senhor e fundador da cidade de Santo Amaro. (4)

O raio de ação dos bandeirantes paulistas era incrível. Quando se tratou de explorar o Piauí, do lado de Pernambuco, por volta de 1673, já lá encontraram paulistas. Uma bandeira penetrou até Quito, no planalto do Equador, — viagem essa feita através de sertões absolutamente inexplorados, numa extensão de cêrca de três mil milhas. Em 1696, encontramo-los nas cabeceiras do Rio Paraguai, no extremo ocidental de

(4) SOUTHEY II, 565

Mato-Grosso, com 1.500 escravos sob seu jugo, onde foram rudemente atacados por uma tribo de índios equestres. Como teria sido isso possível? Por causa da pequenez das tribus indígenas e também por falta de solidariedade, ao selvícola faltava a ideia da colaboração; em hipótese alguma uma tribo cooperava com outra. Os bandeirantes, como os bolsheviki, constituíam a minoria que enfeixava em suas mãos o poder.

Se o leitor quizer ter idéa das barbaridades inerentes a êsse esporte da caça ao índio, deverá compulsar "O Paraíso do Diabo". (5)

Costumavam trazer de volta dessas incursões fiadas de orelhas humanas como testemunho das suas proezas no extermínio dos índios Goia em Goiaz (6); e por aí pode-se ver que a cena desenrolada nas margens do Putumayo e que tanta impressão causou durante a primeira década do século XX nada mais foi que uma ligeira amostra do estado de cousas que vinha imperando ha quatro seculos, pelo país todo, com a aprovação tacita da opinião publica e que só nos seculos XIX e XX é que se tornaram "atrocidades" próprias das profundidades sombrias das florestas amazônicas.

Assim, tanto o índio como o português, já nos princípios do século XVI começaram a desaparecer como raças distintas, pelo duplo processo de extermínio dos homens, tanto na guerra como na escravatura e da miscigenação entre portugueses e mulheres selvagens escolhidas, na mais desenfreada concubinação. Essa seleção sexual precisa ser frisada. Havia grande quantidade de mulheres entre as quais o conquistador por-

(5) W. E. HARDENBURG, *O Putumayo, O Paraíso do Diabo* (London 1913) publicado por C. Reginald Enock, F. R. G. S. Contem uma sumula do Relatório do Consul Geral.

(6) SOUTHEY III, 835

tuguês podia escolher sua amasia e é fóra de dúvida que já fazia distinção entre as das tribus agrícolas e as de caçadores primitivos, como se vê pela seguinte passagem: “Os índios em Goiaz são de tal fórma tidos como de raça inferior, que nenhum dêsses casamentos lá se dão” (7).

E' incrível que a simples idéa de ter quem lhes fizesse o trabalho de todos os dias avassalasse tão completamente homens fortes, energicos e capazes. O Papa Urbano VIII decretou, em 1639, a mais severa sanção da Igreja contra quem quer que escravizasse um índio, convertido ou não. Quando a Bula de Excomunhão foi lida no Rio de Janeiro, o povo derrubou as grades do Colégio dos Jesuitas e teria assassinado os missionários paraguaios se não fosse a intervenção do Governador ; em Santos, derrubaram o Vigario Geral quando lia a Bula episaram-no juntamente com o documento; em São Paulo os jesuitas foram expulsos da cidade (8). Quando um povo de católicos fervorosos desafia assim tão abertamente o Sumo Pontífice, pode-se ter a certeza de que foi profundamente atinjido em sua emotividade.

Os Jesuitas, Defensores da Fé

— Porque essa animosidade contra os jesuitas?

— Porque êles levaram a sério a sua elevada missão.

Com a mesma magnanimidade com que um Sumo Pontífice havia partilhado entre os dois Soberanos da Península Ibérica as terras ainda não descobertas, um outro confiou aos jesuitas o enorme rebanho gentío, tanto da Asia como das Americas, para ser por êles apascentado. O tráfico africano já se tinha tornado

(7) SOUTHEY III, 675.

(8) SOUTHEY II, 326

negócio por demais lucrativo para que fosse politicamente conveniente ao Vaticano incluir os negros em sua lista de prováveis cristãos ; mas, quando Loyola organizou o seu corpo de voluntários internacionalistas, os escravizadores do índio não tinham ainda influência bastante em Lisbôa, nem em Madrid e nem em Roma. E assim começou a surda batalha entre o escravagista que só queria o corpo do índio e o jesuita que lhe pretendia a alma ; e nessa luta sem treguas, o pobre selvagem estava destinado a perder ambas as cousas.

A Companhia de Jesus nasceu em 1539. Dez anos depois, seis jesuitas aportaram ao Brasil, juntamente com o primeiro Governador Geral ; o Padre Manoel da Nobrega, português de família nobre, era o chefe da missão. “Não ha figura a cujo talento o Brasil tanto deva”, escrevia Southey ha cem anos, “e deve ser êle considerado como o fundador do sistêma que com tanto sucesso foi pelos jesuitas aplicado no Paraguai”. Que sistêma era êsse ?

Sua pedra angular era a educação : em primeiro lugar e acima de tudo é preciso que se diga que o jesuita foi sempre dotado de solido preparo e que entre êles havia muitos intellectuais. Eram também homens extraordinariamente práticos. O portico através do qual ingressavam na Companhia era o de uma sólida fê. Esses homens criam ! Quando renunciavam o mundo, essa renúncia significava de fâto alguma cousa ; estavam de tal fôrma compenetrados do valor da sua missão que se entregavam à morte por ela se preciso fosse ; muitos até desejavam o martírio. O soldado que vae para o campo da luta disposto a morrer, tem maiores probabilidades de infligir sério castigo ao inimigo antes que a morte faça tombar o seu braço, inerte. Os jesuitas eram soldados da Cruz e estavam sempre prontos a sacrificarem-se na luta pela salvação da alma do selvagem. Homens assim atingem sempre o objetivo visado, pois

sabem manter constante a inteireza do espírito, por menos acertado que seja o ideal que os norteia; mas, o desideratum que iluminava o pensar e o agir dessa pleiade de heróis, atingia os paramos da mais transcendental sublimidade a que chegaram os expoentes máximos da Fé Católica.

Seu primeiro passo foi a fundação de um colégio em São Salvador, a velha capital do Brasil. O segundo foi uma incursão pelas cercanias da vila onde os selvagens preparavam ruidosa festa canibalesca. Surgiram no teatro do festim justamente no momento em que o corpo do prisioneiro, esmigalhado o crâneo, era pelas velhas arrastado para dentro dos enormes caldeirões; mas, antes que os gentios pudessem refazer-se do espanto que o seu gesto inesperado produziu, já tinham escamoteado o selvatico banquete e dado sepultura ao morto, devidamente encomendado. O Governador Geral teve que mobilizar toda a fôrça militar da época, à orla da capital nascente, para livra-los do odio dos convivas decepcionados. Foi então que os colonos declararam guerra aos jesuitas.

“Esses fanaticos nos levam todos às garras dos índios” diziam êles e não sem alguma dose de razão, naqueles barbaros tempos.

Destemidos, inflexíveis na sua humildade, voltaram os jesuitas a procurar contacto com o gentio tentando fazerem-se compreender por mimica antes de terem conseguido completo domínio da língua. Começaram por conquistar o coração das crianças com as quais aprenderam algumas palavras de tupí da mesma forma que elas também foram aprendendo português e de tal maneira que, dentro de algum tempo, puderam valer-se delas como interpretes. Daí por diante as difficuldades de expressão desvaneceram-se. Tornaram-se mestres do linguajar selvagem e para maior facilidade, escolheram uma das línguas mais faladas (o Tupí, como

já tivemos ocasião de referir) para servir de "Lingoa Geral"; aperfeiçoaram-na, compilaram-lhe a gramática, para ela traduziram o catecismo e as orações litúrgicas, elegeram-na, enfim, em língua oficial das suas missões desde o Amazonas até o Prata. Como resultado, a "Lingoa Geral", foi, durante os dois primeiros seculos, mais falada que o Português.

Habilitado a entender-se correntemente com o selvícola, vemos Aspilcoeta Navarro identificar-se ao ambiente selvagem a ponto de adotar a mimica do pagé, cantando hinos religiosos e dançando em volta dos ouvintes batendo com os pés no chão, gesticulando à moda dêles, substituindo o demonio pe'lo anhangá selvagem, e finalmente imitando em tudo, até na tonalidade da voz e na gesticulação, os curandeiros indigenas que assim haviam habituado o gentio a ver apresentadas as cousas sagradas. O jesuita, porém, tinha um aparato cerimonial com o qual o pagé não podia concorrer. No Colégio de São Salvador, Nobrega ensinou às crianças mamelucas, não somente a leitura, a escrita e a aritmetica, mas também ensinou-as cantar e acolitar.

A musica! Que arma poderosa para a conquista das almas! Jamais esqueceremos o espetáculo que nos aso-berbou os sentidos certa manhã, nas Filipinas, quando ao sairmos de espessa floresta, em direção à povoação, deparamos com um grupo de 20 ou mais crianças que, sob a regencia de um paroco, entoavam um hino gregoriano, em língua tagala. Pagãos como somos, assim mesmo, sentimos impeto de adorar o Deus dos cantores. E os índios foram logo arrebatados pela arte musical do jesuita.

Quando Nobrega partia para as suas sortidas catequistas, levava sempre em sua companhia quatro ou cinco dêsses cantores mestiços; e, ao aproximarem-se de algum aldeamento selvagem, uma das crianças levava o crucifixo à frente e as outras seguiam-na em

procissão entoando litanias. Até as viboras da floresta sabiam já que êsses apóstolos de estamemha, desarmados sempre, pertenciam a uma casta diferente da dos escravizadores de índios.

Dos problemas difíceis que a catequese apresentou à argúcia do jesuita, nenhum exigiu tanto tacto e diplomacia como o da antropofagia. Um dêsses heróis da Fé conseguiu estirpar o barbaro ritual de uma tribo, flagelando-se desesperadamente ante o olhar esgazeadado do gentío, até banhar o corpo em sangue; em outras tabas, porém, onde a ferocidade do íncola opunha obstaculo intransponivel à argúcia maneirosa do jesuita, contentavam-se em poder batizar a vítima e instruí-la nos mistérios da Fé antes que o tacape lhe esfacelasse o crâneo e o seu corpo fosse espostejado pelas ávidas megêras. Depois, quando algum índio mais atilado apregoou que o “molho” do batismo estragava o paladar da vianda, êsses missionarios ousados tinham que escamotear um lenço molhado ou humedecer a manga da batina, na confusão da orgia que precedia o sacrificio, para depois espremê-la sôbre a cabeça da vítima, satisfazendo assim o ritual do batismo. (SOUTHEY, I, 254).

“Vocês notaram” dizia o manhoso pagé cuja lucrativa profissão sucumbia ante a concorrência dêsses curandeiros europeus “vocês notaram que todas as vezes que êsses corvos sinistros respingam água envenenada sobre os recém-nascidos, êles logo morrem?” (Os jesuitas esforçavam-se por batizar o mais breve possível as crianças inviáveis). “Trazem a peste em suas mãos!”

Foi a partir de então que se viram cênas patéticas de hordas inteiras fugindo espavoridas ante a aproximação dos soldados de Cristo, queimando pimenta para conjurar o poder maligno da Cruz — que o meigo Jesus lavou com seu sangue sagrado — e barrando o caminho que Ele indicou aos missionarios com sua mão

salvadora. Às vezes, raras vezes, porém, um jesuita saía-se mal da sua piedosa ousadia e pagava com a vida a falha involuntaria. Novo galardão para aquele pugilo de abnegados e daí por diante, redobrado o seu ardor, multiplicada a sua ousadia, não havia tribu que lhe resistisse o piedoso embate.

A idéa começou avassalar o sertão, e, como as tropas selvagens dos pampas, seguia na vanguarda da estamenha; a tal ponto que, ao estabelecer contacto com uma nação encafuada no amago do sertão, encontraram a cruz do branco tatuada na testa do selvagem; mais adiante, toparam com novo clan onde o cacique havia substituído o apelido de todos os varões pelo nome de JESUS e o de todas as mulheres pelo de MARIA. Quando o selvícola aceitava o Catolicismo, não o fazia de maneira individual mas sim toda a tribu coletivamente. Dessa fôrma era bem possível que o sacerdote, se visse, de um momento para outro sem uma só das suas ovelhas e dias mais tarde um milheiro de homens, mulheres e crianças dêle se acercasse dizendo "Somos Cristãos. Que ides fazer de nós?".

A resposta de Nobrega encerrava a mais nobre das intensões, mas, infelizmente, produzia o mais funesto dos resultados. Escolhia o jesuita um belo trato de terra, dos que o Brasil possuía em abundancia, nêle plantava uma Igreja, erigia uma escola, semeava palhoças, fecundava os campos, e depois proclamava: "Terminou o vosso nomadismo; vamos nos estabelecer". Ensinava-os a ler e prometia-lhes "Seremos como Deus; saberemos distinguir o bem do mal"; e via brotar na alma do gentío bruto o desejo de atingir êsse estado ideal de perfeição. Se nos pedissem um padrão de nobreza d'alma, apontariamos a figura franzina de Anchieta tiritando em sua choça de barrote na Casa de São Paulo e escrevendo, à calada da noite, uma lição em cada folha de papel para os seus numerosos alunos mamalu-

cos, porque ainda não havia livros numa língua cuja gramática apenas havia sido amoldada pela tenacidade do seu esforço e o primeiro vocabulário, organizado com a sua paciência evangelica. Lecionava Latim, ensinava orações traduzidas em tupí, ministrava rudimentos das artes manuais; atacava enfim o problema de recambiar o selvícola para o seio da civilização, com a mesma tenacidade com que Tuskegee se lançou à tarefa de conquistar as crianças dos peles-vermelha, no Sul dos Estados Unidos. Fizeram do íncola, carpinteiros, tecelões, ferreiros, tudo, afinal que se tornava necessário para organizar uma comunidade completa, em moldes europeus. E, para melhor instruir os seus discípulos, os jesuitas fizeram-se mestres em todos êsses ofícios. “Sirvo de medico e barbeiro” escrevia o infatigável Anchieta. “Além dêsses mistéres, aprendi a fazer alpargatas; sou agora habil nêste officio e já tenho feito muitas para os irmãos, pois não é possível viajar-se com sapatos de couro por êstes sertões”.

E, como lutavam e sofriam êsses homens sinceros, tentando resolver os problemas sem solução que colidiam com a sua fé! Não se deve derramar sangue, diz a religião, e, muitas vezes tinham êles, desempenhando as funções de medico, que proceder à sangria que constituia o principal recurso da sua rudimentar terapêutica.

“Estenda a caridade sobre tudo” disse o prático Loyola e assim resolveu suas dúvidas.

A poligamia era nó bem mais difficil de desatar. De acôrdo com a Igreja, cada índio só podia ter uma espôsa: como dizer qual era a legitima dentre as muitas que com êle haviam coabitado; qual a verdadeira aos olhos de Deus?

“A primeira mulher que tomou deve ser sua espôsa” argumentava um.

“Então, nenhuma das outras é espôsa?” protestava outro.

“O homem deve optar pela que lhe convier” aconselhava um terceiro.

Jamais usavam, porém, de violencia na solução dêsses problemas e o que não podiam corrigir, toleravam até que surgisse uma nova geração que pudesse ser moldada com mais justeza ao ideal que traziam na alma. No trabalho, distribuiam tarefas bem fáceis, de maneira a permitir um longo descanso, a êsses homens que não estavam acostumados a um esfôrço contínuo, e a proporcionar-lhes oportunidade de fazer longos passeios pelas selvas que suas almas, pelas azas da saudade, visitavam mais amiudadamente que os corpos, ora circunscritos ao aldeamento.

A aprovação do Governo para as “Reduções” dos Jesuitas, não se fez tardar, como também não demorou constituirem elas alvo da raiva do escravagista despojado de sua presa.

“O Amerindio não deve ser escravizado” decretavam os reis de Portugal e da Hespanha em leis e mais leis.

“Para o diabo com essas leis sentimentais!” responderam os bandeirantes paulistas. “Nós somos a lei do sertão”.

“Se não fôr o índio, quem nos irá buscar água, quem nos fará a farinha de mandioca? Os negros são tão caros!” resmungavam os colonos da costa.

Difícilmente se encontra uma única fase da luta entre a avareza e a decencia em que o íncola não tivesse sido derrotado em favor, tanto dos seus inimigos, como dos seus amigos. Antonio Rapozo está prestes a atacar uma das “reduções”. O Padre Mola, prevendo a carga, prepara-se para recebê-lo, batizando o rebanho durante sete horas a fio, e, quando já não tinha mais fôrça para levantar o braço, arranjou quem o segurasse, imobili-

zando o gesto. Antonio Raposo e seus bandeirantes atiram-se contra a "Redução", massacram todos os que oferecem resistencia e arrebanham cêrca de dois mil índios para a escravidão.

Os portugêses conseguiram do Rei permissão para escravisar os prisioneiros feitos em "guerras justas" e os "salvos da corda", isto é, os que eram roubados aos canibais antes de começar o festim. Esses prisioneiros de guerra entre os índios, o fenômeno mais raro do Brasil de então, tornaram-se mais comuns que mangas selvagens e castanha do Pará, quando os tribunais portugueses se propuzeram a investigar a situação legal do selvagem. Eram tais as relações entre colonos e índios que quando não estavam em luta aberta os primêiros estavam pelo menos incitando a animosidade entre tribus. E nisso eram estimulados pela filosofia do clêro secular que abominava os Defensores da Fé — êsses Jesuitas abjetos que chegam a dizer missa e celebrar todas as cerimônias do culto, gratuitamente!

Um dos mais remarcados caraterísticos da espécie humana, é a facilidade com que explica e justifica o objeto dos seus desejos, principalmente se êstes se traduzem em vantagens pecuniárias.

"Se, (escrevia Manoel Guedes Aranha no Seculo XVII) os nobres, nos países civilizados são tidos em alta estima, com mais razão devem ser os brancos estimados numa terra de ateus, pois que foram alimentados com o leite da Igreja e da Fé Catolica. Além disso varia a serventia dos indivíduos; nós temos por missão introduzir a religião entre êles e êles são para nos servir, caçando, pescando e trabalhando para nós" (10).

Assim, continuou o lombo do íncola a ser lanhado pelos rebenques de couro de anta, brandidos, pelos que tinham sido amamentados com o leite da Igreja. No iní-

(10) SOUTHEY II, 637.

cio do século XVI, aqueles cuja "missão era introduzir a religião" entre os índios tinham de tal forma varrido o litoral da sua presença que era necessário embrenhar-se leguas e leguas para o interior afim de conseguir "quem os servisse". Da mesma forma que legiões e legiões de franceses e ingleses desapareceram nas fauces apocalípticas do Marne, assim também o regime cruel do século XVII consumiu nações inteiras de aborígenes; pois, no cativeiro o homem selvático fenecia como tomba a mocidade de hoje nos campos de batalha. Nas "Reduções" (palavra fatal) dos Jesuítas, as populações selvagens não sofriam menos o efeito devastante das molestias.

As epidemias, como a electricidade, precisam de contacto para se propagarem. Enquanto as tribus viviam isoladas, as molestias não tinham facilidade de propagação, e, portanto, nunca atingiam as proporções epidémicas. Por outro lado a biologia do selvagem, através de milénios, havia já desenvolvido a defesa natural contra as molestias que o ameaçavam de perto. O europeu, porém, trouxe consigo uma nova coleção de doenças contra as quais o índio não tinha defesa orgânica estabelecida; além disso os seus melhores amigos, os Jesuítas, insistiam em vestir com roupas molhadas e sujas os seus corpos que por milhares de anos estavam expostos à carícia da luz, dos ventos e das chuvas e reunir em povoações onde se acotovelavam milhares de indivíduos, hordas nómades que jamais excediam a poucas centenas, de maneira que a bexiga, o sarampo (ambos fatais ao selvagem) a tuberculose e toda a legião de molestias da civilização, tinham sobre essas populações das selvas o mesmo efeito que tem sobre a neve, as chuvas de Abril.

E, neste ponto, para que tenha o leitor oportunidade de avaliar por si próprio o que foi esse atrito entre o selvagem e o civilizado, entrego a pena a Martin Do-

brizhoffer, Jesuita de Gratz, que esteve em missão entre os índios, pelos meados do século XVIII e cujo trabalho "História dos Abipones" (traduzido do latim por Sara Coleridge) é o melhor que existe sobre os índios equestres das planuras sulinas. Alguns espanhóis que andavam à procura de mate, encontraram indícios da presença de índios, e, aterrorizados, pediram aos Jesuitas que os "reduzissem" e conduzissem para a povoação.

"Atirei-me ao trabalho sem desfalecimentos, no dia de S. João Evangelista e comecei as minhas incursões seguido de quarenta selvagens... descobrindo finalmente ao terceiro dia, no chão a impressão recente de pés humanos que rastejamos até darmos à porta de uma choupana onde ha muitos anos viviam uma velha, seu filho de vinte anos e sua filha de quinze... todo o resto da tribo que habitava as circunvisinhanças, havia succumbido à variola. Exortei a velha a ir o mais depressa possível para a vila, prometendo-lhe que tanto ela como seus filhos teriam melhores instalações. Para dar idéa da pobreza em que viviam, mais fácil será descrever-lhes o vestuario. O rapaz usava uma camisola tecida de fibra de caraguatá que dos ombros lhe pendia até os joelhos, atada à cintura por um cordão rustico de onde balançava um saquinho de tabaco que mascava continuamente. Uma rede ainda mais grosseira era o de que se servia a velha para dormir à noite e cobrir sua nudez, à luz do dia. Identica era a indumentaria da moça. E, como fosse por demais transparente, dei-lhe uma toalha de algodão com que se pudesse compôr melhor. A rapariga tomou-a e, dobrando-a varias vezes, pô-la sobre a cabeça para defender-se do calor solar. Os índios, porém, insistiram e ela então enrolou-se na toalha. Também ao rapaz dei-lhe alguns panos que durante a viagem havia usado para defender meu rosto contra as picadas de insetos. Tendo que apanhar alimentação para as suas criações, subiu às mais altas arvores, mas os panos lhes tolhiam os movimentos como peias. Foi assim que os encontrei, nessa penuria extrema, sofrendo os rigores a que se submetiam os antigos anacoretas, mas, sem se mostrarem aborrecidos ou vexados, e, perfeitamente sadios.

A mãe e o filho eram altos e de boa apparencia, mas, a moça era tão linda e elegante que um poeta te-la-ia tomado por uma dríade dos bosques e qualquer europeu considera-la-ia verdadeiro tipo de beleza. Reunia em si uma alegria discreta e uma grande delicadeza, e de fôrma alguma mostrou-se alarmada com a nossa presença, antes pelo contrário, pareceu animar-se.

Não tinha visto em toda a sua vida outra mulher senão sua mãe e nenhum outro homem que não fosse seu irmão pois seu pai havia sido estraçalhado por uma onça antes de ter ela nascido. Para colher as frutas que sazonavam na relva ou nos arvoredos frondosos, a virgem selvagem saltitava com destreza por entre o emaranhado da floresta, mas os espinhos, as arestas e os seixos tinham danificado lamentavelmente os seus pés. Para não andar só, levava sempre um papagaio ao hembro e um macaquinho ao braço, sem que lhe intimidassem os urros dos felinos que infestavam aquelas paragens. Os novos proselitos foram logo vestidos, conduzidos à povoação e alimentados antes de se recolherem para o descanso. Não me descuidei de proporcionar-lhes frequentes excursões pelas matas dos arredores para poderem êles gozar da sombra e do ar puro a que estavam acostumados, pois a experiência nos ensinou que os índios, quando removidos para a cidade, muitas vezes fenecem pela mudança de alimentação e do ar ambiente bem como pelo calor do sol que facilmente afeta a sua estrutura, visto estarem acostumados desde a infancia à friagem, à humidade e à sombra do mato. Foi isso que aconteceu com a velha, com o rapaz e com a moça que trouxemos. Poucas semanas depois sentiam-se sem fôrças, atacados de reumatismo e logo mais de dor nos olhos e nos ouvidos ao que, em curto intervalo seguiu-se a surdez. Depois, o abatimento e o fastio consumiram de tal forma as suas fôrças que caíram em estado de miseria física : sobreveio a tuberculose. Após um lento fenecer de diversos mêses a velha, já instruída nos artigos da Fé Cristã e devidamente batizada passou-se tão calmamente e com tamanha resignação à vontade divina que nem ousou duvidar da sua eterna bemaventurança. A moça que tinha vindo para a cidade cheia de vigor e de beleza, perdeu logo toda a apparencia de si mesma. Enfraquecida, murchando por partes, como flôr agreste, sem que os seus ossos pudessem mais suste-la, foi logo reunir-se à mãe na sepultura, e se não me engano muito, também no céu. O irmão que a ambas sobreviveu estava já atacado da mesma molestia, mas, sendo de constituição mais forte, curou-se. O sarampo, que causou terrivel mortandade na povoação, deixou-o de tal forma confirmado em saúde que parecia nada mais far-lhe-ia frente. Era alegre e bem disposto, ia sempre à igreja, aprendeu a doutrina catolica com diligencia, era amavel e complacente para com todos e em tudo descobria uma utilidade futura. Apezar disso, para pôr à prova a sua perseverança, achei melhor adiar um pouco o seu batismo. Foi então que um índio cristão, homem bom e rico em terras e que a meu pedido tinha recebido êsse catecumenismo em sua casa, veio a mim e disse-me : "Meu pae, o nosso índio está em perfeito estado de saúde, mas, parece um pouco transtornado do jui-

zo : nada reclama mas diz que não pode dormir porque sua mãe e sua irmã aparecem-lhe todas as noites, em fôrma de visão para dizer-lhe em tom carinhoso "Sofra com paciencia, eu te peço, até que seja batizado. Voltaremos buscar-te quando menos esperares". A visão, diz êle, tira-lhe o sono" — Diga-lhe, respondi-lhê "que não se impressione porque a saudade de sua mãe e de sua irmã, com as quais viveu toda a sua vida, são a provavel causa de seus sonhos, mas elas já estão no céu e nada mais têm que vêr com este mundo". Dias depois o índio cristão veio repetir-me a mesma história reafirmando a sua desconfiança de que o índio delirava. Receioso de alguma novidade, dirigi-me à sua casa onde encontrei-o sentado. Perguntando-lhe como ia, ' "Bem", respondeu êle "sem dôr alguma"; mas, acrescentou que não podia dormir à noite por que sua irmã e sua mãe vinham aconselha-lo a que abreviasse o batismo e ameaça-lo de leva-lo inesperadamente. Disse-me então com a prolixidade peculiar ao selvagem, que isso o impedia de desfrutar o mínimo descanso. Achei que essas aparições nada mais eram que méros sonhos e, portanto, não dei maior importancia ao caso. Lembrando-me, porém, de que Deus tem-se servido várias vêzes de sonhos para dar a conhecer os seus desígnios, como consta das Sagradas Escrituras, pareceu-me conveniente, nessa emergência consultar tanto a segurança como a tranquilidade do catecumeo. Assegurado já da sua constancia e do seu conhecimento dos principais dogmas da Fé, apressei-me em batizá-lo com o nome de Luiz. Isso deu-se no dia 23 de Junho, vespera de São João, cerca de 10 horas da manhã. À tarde do mesmo dia, sem nenhum sintoma de molestia ou de apoplexia, expirou suavemente.

Esse acontecimento, bastante conhecido de toda a vila, sobre cuja veracidade estou pronto a jurar, assombrou a todos. Deixo ao leitor a liberdade de formar opinião a respeito, mas, no meu espirito nunca pude conceber que essas circunstâncias fossem meramente accidentais. À infinita compaixão do Todo-Poderoso, attribuo o fato de terem sido êsses três índios por mim descobertos no recesso misterioso da floresta, bem como o de terem tão prontamente ouvido as minhas exortações no sentido de se recolherem à povoação e abraçarem o Cristianismo e de só terem falecido depois de batizados. A reminiscencia da minha expedição ao Rio Empalado, apesar de rodeada de tantos trabalhos e perigos, é ainda preciosa ao meu coração, por ter sido de tão felizes resultados para os três gentios e tão proveitosa para os hespanhóes. Estes afirmaram-me então, que nas vastissimas extensões florestais por êles percorridas em torno do sítio mencionado, não havia sequer vestígio

de selvagens, tanto assim que puderam, durante três anos colher centenas de toneladas de herva mate de cujo comércio conseguiram obter magnífico lucro (11).

O escarneio era a arma usada pelos “descedores” de índios para induzir o selvícola “reduzido” a abandonar os Jesuitas. “A covardia” — sopravam os mamalucos entre os seus parentes maternos — “foi que os levou a procurarem abrigo à sombra da Cruz! Com medo de enfrentarem os seus inimigos no campo da luta vocês se entregaram a essa cambada de vagabundos expulsos de sua terra!” Espicaçados por essas pechas astutas e mordazes, índios valentes largavam o povoado, de arco e flecha para serem miseravelmente escravizados pelos “descedores” armados de bacamarte.

Á astúcia recorriam aqueles malvados para enganar os gentios que se não deixavam mover pelo escarneio. Para atrair o índio incáuto, colonos sem escrupulo vestiam a sotaina do jesuita conquistavam a confiança daquela pobre gente e levavam tribus inteiras para o cativoiro.

Do sofisma lançavam mão para justificar a ação do índio que se vendia como escravo. Certa vez a variola varreu três quartos da população indígena instalada nas circunvisinhanças da velha Capital da Baía. Á peste, seguiu-se a fome. Ora, para tais casos de emergência o português consciencioso havia instituído em Lisboa um tribunal denominado *Tribunal da Mesa da Consciencia*, parecido com os que ainda hoje, em pleno século XX, temos em Nova York para vigiar a moral do povo. “Podem êsses índios famintos venderem-se como escravos por um punhado de farinha de mandioca?” perguntaram os colonos ao Tribunal? E suponha o leitor qual tenha sido a resposta! (12).

(11) DOBRIZHOFFER, *História dos Abípones*, I, 87-96.

(12) SOUTHEY I, 29 /5.

Á traição, era como escravizavam os aliados militares. Quando foi de um ataque dos Aymorés à Baía, o Governo solicitou de Pernambuco a remessa de uma fôrça de Potiguaras. Ninguém senão um Jesuita poderia congregar a fôrça necessária. Mediante o juramento de um dos sacerdotes a quem veneravam e em quem depositavam inteira confiança, de que logo que terminasse a luta êles poderiam voltar a Pernambuco, oitocentos índios reuniram seus guerreiros e puzeram-se com suas famílias à disposição do jesuita que os encaminhou aos funcionários do Governo Colonial Português. Quando essa fôrça chegou a São Salvador, o perigo tinha passado. Que fez então o Governo da Colônia? Pagou êsse pugilo de bravos e facultou-lhes a volta para a sua terra distante? Não. Declarou-os solemnemente rebeldes e como tais atacou-os e reduziu-os à escravidão!

Pombal

O homem que assinou a abolição da escravatura indígena e finalmente pôz fóra da lei — se não as extinguiu totalmente — todas as modalidades de cativo que pesavam sobre o incola, nasceu para alimentar a chama da esperança aos desherdados da fortuna. Ainda como universitário, serviu voluntariamente no exército português antes de se tornar arruaceiro famoso nas abandonadas vielas da velha Lisbôa e de conquistar os favores da nobreza (e de que maneira estranha!) raptando uma das suas filhas mais belas. Sua primeira posição política, conseguiu-a aos 40 anos; aos 50 tornou-se primeiro ministro e enfeixou em suas mãos todo o Governo de Portugal durante o terceiro quartel do seculo XVIII. Foi êsse homem de energia invulgar que, com seus pulsos de ferro subjugou a Inquisição, sujeitando

os seus tribunais às normas comuns de processo e à publicidade; secularizou a instrução em Portugal; suspendeu a incapacidade civil dos judeus e dos mahometanos; varreu das perigosas ruas de Lisbôa a malta de aventureiros que as infestava, tornando-as tão calmas e seguras como as de qualquer metropole européa; procedeu à mudança da capital do Brasil de São Salvador para o Rio de Janeiro, e, finalmente, aboliu a escravatura em sua patria no mesmo ano em que aniquilou a Companhia de Jesus. Pombal foi, sem dúvida, o estadista mais liberal dos de sua geração.

Nasceu dêle a idéa de reduzir ao nível comum da mais absoluta igualdade política, todas as castas e todas as pigmentações que se agitavam no vasto cadinho brasileiro.

Com relação ao selvagem declarou com grande acerto e desassombro que, dilatando exageradamente os casos em que a lei permitia a sujeição do incola, continuava sendo êle escravizado pela avareza e poderío dos seus algozes, devido à fraqueza e à ignorancia do índio indefeso; por êsse motivo derogava todas as leis que sob qualquer pretexto permitissem o cativeiro do amerindio. Sua Proclamação foi publicada no Pará e no Maranhão em 1756, se não nos enganamos, e logo depois estendeu-se por todo o Brasil. Foi claro e explícito declarando que daí por deante, o selvagem brasileiro estava inteiramente livre de qualquer sujeição temporal que não fosse a das leis que o Rei de Portugal decretava para todos os seus subditos indistintamente. Havia, porém, nêsse decreto, um artigo notável que rezava: "Os filhos das negras escravas estão excetuados desta Emancipação até segunda ordem" (13). Isso indicava que Pombal já tinha idéa da gradual

(13) SOUTHEY, III, 513-14.

abolição da escravatura no Brasil e deu-se cêrca de 17 anos antes da emancipação dos cativos em Portugal, que teve lugar em 1773.

E' evidente que o desejo de Pombal era revigorar o moribundo Império portugûes, aniquilando, num esforço Herculeo, os inimigos internos que lhe devoravam as entranhas, da mesma fôrma que a verminose alimenta-se dos globulos vermelhos de sua vítima; visava aumentar o número dos homens livres e diminuir o dos escravos que constituíam a parte putrefacta da nação; e, com relação ao Brasil, queria colocar o índio em pé de igualdade, tanto política como social, com os outros brasileiros que se blasonavam de possuir em suas veias maior ou menor parcela de sangue europeu. Proibiu os colonos de chamar os índios de "negros"; fazia questão que os novos cidadãos portugûeses, até então chamados por apelidos pejorativos usassem nome e sobrenome portugûeses; que tivessem roupas e casas separadas, para maior recato, em vez da promiscua maloca; e, finalmente a língua portugûesa teve que substituir o tupí. Combateu as odiosas distinções entre brancos e índios e baixou instruções aos administradores da colônia no sentido de estimularem o casamento entre indivíduos das diferentes raças, fazendo sentir à mulher branca que o homem nativo não mais era inferior ao portugûes; que também podia conquistar honras e posições políticas e comunicar as vantagens dessas situações às suas consortes.

Do abismo que separa uma proclamação qualquer, de sua prática, a atual geração de americanos que assiste aos primeiros passos da "proibição" (lei sêca), pode perfeitamente fazer uma idéa. Pombal estava em guerra franca contra os inimigos do Trono Portugûes: a nobreza e o clero. A Inquisição exercia grande fôrça política na Europa de então, por isso, aniquilou-a. Os

Jesuitas tinham adquirido poderío econômico só comparavel ao dos judeus no mundo financeiro atual, portanto, esmagou-os. Usamos de propósito o verbo “aniquilar”: êsses sacerdotes cujas excelsas qualidades nos esforçamos em salientar, foram conduzidos para Portugal no porão das caravelas, da mesma forma brutal e deshumana por que transportavam através do Atlântico as hordas negras vindas da Africa. A política européa induziu Pombal a expulsar do Brasil justamente os únicos homens que poderiam ter tido algum interesse na execução do seu programa de reabilitação do selvagem.

E o processo de emancipação iniciou-se com a ereção de um sinistro simbolo de autoridade nos vinte e oito núcleos jesuitas do Norte, a que o irmão de Pombal converteu em cidades e vilas, dando-lhes um nome novo e levantando na praça do mercado um “pelourinho” êsse padrão da arquitetura portugueza antiga — espécie de coluna que servia ao mesmo tempo de poste de flagelação e de cadafalso para execuções, por enforcamento decapitação e estrangulamento — e que aos cidadãos analfabetos daquelas remotas épocas, lembrava que o governador tinha autoridade suficiente para manter a liberdade dentro dos limites do decoro. A regulamentação, entretanto, era bôa. Os administradores nomeados para os aldeamentos indigenas, tinham por obrigação estimular os ao amanho da terra e proporcionar-lhes conselho e assistência em suas novas responsabilidades cívicas. Os índios recentemente congregados, estavam isentos de impostos até dez anos e tinham direito de receber um certo número de facas, anzós e machados; (14). Havia ainda determinação expressa no sentido de que os cargos administrativos

(14) SPIX E MARTIUS, *Viagens, etc.*, II, 217 (Tradução inglesa).

locais fossem preenchidos por naturais do país de preferência aos brancos.

No que respeita, porém, ao trabalho compulsório, os colonos conseguiram tudo quanto pretendiam. "Para que os índios adquiram hábitos de trabalho e fruam seus benefícios, e também para que possam os colonos conseguir braço" foi decretado que o salário seria determinado pelo Governador e pelas autoridades judiciárias, pelo mesmo sistema vigente em Lisboa onde, se o operário podia viver com um "tostão", por dia, o salário do trabalhador comum seria de \$200 e dos artesãos \$300. Dessa forma todos os índios sadios entre 13 e 60 anos de idade eram registrados na diretoria da povoação; metade deles devia estar sempre em casa e outra metade era distribuída entre os habitantes do lugar. Pombal tentou regular a situação, fazendo recomendações sobre o salário, mas, dadas as condições existentes no Brasil onde muito pouca gente era simpática à sua legislação revolucionária, o sistema adotado, dentro em pouco se degenerou num servilismo tal que, em muitos casos, não se podia distinguir das peores modalidades de escravatura.

Servilismo

Que nem mesmo a igualdade perante a lei ficou estabelecida pelos decretos de Pombal, evidencia o procedimento da Comissão de Limites de que fazia parte o próprio homem que publicou o edito. O trabalho de demarcação das fronteiras dilatou-se desde a época do Tratado de Limites até que a Espanha e Portugal envolveram-se nas guerras Napoleônicas, e, para esses serviços os índios do Pará eram sempre obrigatoriamente levados. Os poucos coitados que dele conseguiam voltar com vida, tinham que tiritar de febre pelo resto de suas miseráveis vidas.

Que a igualdade perante a lei, jamais foi definitivamente estabelecida, prova a asseveração de Alfred Russel Wallace, (15) no sentido de que antes de sua viagem ao Amazonas, em 1849, era habito recrutar, para o Exercito brasileiro, índios do Pará, sequestrando-os quando vinham negociar na cidade.

Que não havia igualdade maior nos tempos imperiais que na era colonial, afirma o professor Agassiz que esteve no Amazonas em 1865 (16).

Que não havia igualdade mais perfeita naqueles idos tempos que nos dias da República em que vivemos, prova-o o esperto garoto que costumava agarrar nossa mão para saltar à garupa da mula, cada vez que passavamos pela propriedade de determinado fazendeiro, no Rio das Contas, — roubado numa festa de São João, em 1920 aos índios que erravam pelo Sul da Baía — um dos três que tivemos ocasião de conhecer pessoalmente e que foram raptados aos seus pais selvagens para serem enviados a políticos, na Capital da Baía como curiosidades, mascotes, e, provavelmente, como creados baratos.

No Brasil hodierno, o rapto de crianças selvagens e outros vestígios de escravatura, vão-se tornando cada vez mais raros, mas, não se pode dizer o mesmo do sistema que se seguiu à escravatura e que constituiu a norma corrente de comércio entre a civilização e a barbarie, durante o seculo XIX. No Brasil, como no Sul dos Estados Unidos, o servilismo consiste em fazer que uma pessoa trabalhe para outra, em pagamento de divida, sujeitando-a às condições impostas pelo credor e a diversas formas de restrições. Muitos publicistas

(15) WALLACE, *Viagens no Amazonas e no Rio Negro* (Edição de 1889) pág. 32.

(16) AGASSIZ, *Uma viagem ao Brasil* (Boston, 1879, pp. 193, 227, 247, 267, 269, 290, 332.

brasileiros já se insurgiram contra essa praxe condenável, remarcadamente Euclýdes da Cunha.

Então, porque revolver as cinzas de uma época que se foi?

Exatamente porque, em pleno sculo XX, as labaredas crepitam vivas, cauterizando a alma do mesmo selvagem nú que descuidadamente fumava o seu cachimbo reclinado em sua rêde, quando 1500 surgia ainda nos horizontes da história. Para que não paire dúvida sobre a nossa afirmativa e para que depois não nos surjam pela frente contendores mal informados a refutar-nos, rubros de indignação, apresentamos ao julgamento da posteridade o depoimento de três testemunhas insuspeitas. Em relatório oficial apresentado ao Governo Peruano em 1905, Jorge von Hassel, engenheiro a serviço do governo, diz textualmente : (17)

“Aproveito-me desta oportunidade para protestar perante o mundo civilizado contra os abusos que se cometem e o desnecessário extermínio d’esses sêres primitivos que a rapacidade do homem civilizado coloca nos mercados Amazonenses como simples mercadoria negociável ; pois, todo o mundo sabe que o escravo nativo é cotado da mesma fôrma que qualquer outra mercadoria. No seio das regiões florestais sob o domínio do Perú, da Colombia, da Bolivia e do Brasil, o incola está exposto ao ataque impiedoso do branco que o caça e persegue como a simples animais, medindo o seu valor, exclusivamente pela importância que sua venda produz e sem que sobre êsses pobres infelizes paire a mínima proteção da lei”.

Passemos agora ao testemunho de Sir Roger Casement, entregue a Sir Edward Grey, em 1911 : (18)

“Ao longo da maior parte da Amazonia, onde floresce a indústria da borracha, prevalece um sistema de comércio que não é tolerado nos meios civilizados. “Servilismo” é como se pode classificar

(17) Referido por W. F. HARDENBURG, “*The Putumayo*”, pág. 22.

(18) “Relatorios do Ministerio Exterior (Inglaterra), *Miscelanea* - N. 8, 1912.

ficar essa fôrma de contratação de serviços... A completa ausência da ação governamental que não acompanha o desenvolvimento dessas rendosas comunidades, deixa os seus membros mais indefesos inteiramente expostos à ambição implacável dos mais fortes. Os crimes do Putumayo, horríveis como sejam, têm os seus correspondentes — segundo me afirmam — em outras zonas remotas da mesma floresta sem lei — possivelmente, porém, em proporção diversa”.

O Dr. Isaiah Bowman, Diretor da Sociedade Geográfica Americana, ainda em 1916, escreveu: (19)

“Desde os tempos da escravatura até os nossos dias, vem prevalecendo na America do Sul um sistema de trabalho ainda mais insidioso que o cativoiro que, sem ser menos revoltante, é ainda mais difficil de ser extirpado. Floresce na Bolivia, no Perú e no Brasil, agora como sempre, no solo fertil das localidades do interior onde as palavras Lei e Ordem são destituidas de significação e onde a escassez de operarios leva os homens à prática da escravatura, quando não conseguem assalariá-los... O servilismo tem produzido tenebrosas cicatrizes no país. Em alguns logares os índios são fugidios, fazem as suas pequenas culturas no recesso da floresta e só visitam-n’as à noite, depois de cuidadoso reconhecimento pela circunvisinhança. Mudam frequentemente de alojamento e fazem-no através de caminhos secretos, ora passando uma noite cu duas em um banco de areia, sob um abrigo de palmeira, ora escondendo-se no amago quasi impenetravel da floresta. A experiência convenceu-os de que o branco só é bom depois de morto... e que mesmo quando vêm a êles em missão pacífica, costuma deixar atrás de si um rastro de sífilis e de outras molestias venereas pouco menos mortais que suas balas”.

Tal é o processo que tem sempre caracterizado o “modus-vivendi” do sertão. Ninguém mais que nós admira o esplendido trabalho do General Rondon e as iniciativas do Governo Brasileiro em pról do incola; entretanto, a despeito dêsse notável esfôrço, a espécie de relações que predomina na zona de contacto cada vez

(19) ISAIAS BOWMAN “*The Andes of Southern Perú*” (New York) - 1916, pags. 25-28.

mais reduzida, entre a civilização e a barbarie, é, em 1926, tão pouco diferente da de 1532 que, ainda hoje a única fórmula de liberdade que resta ao selvagem é a morte e para sua mulher a concubinação. Quando essa situação tiver atingido o fim, i. e., quando o último índio genuíno tiver desaparecido, esse desfecho patético, — aliás de grande significação biológica — só terá repercussão dentro de minguada zona sertaneja. Assim se processou a fusão da Europa com a America-Asiática. Foi assim que o sangue do brasileiro absorveu do ameríndio a coragem, a robustez física, a resistência à dôr e a adaptação ao meio ambiente. O fato de terem essas qualidades penetrado na corrente etnológica pela escusa porta da bastardia, não tem significação do ponto de vista eugênico; mas o de serem muitos dos povoadores que costumavam agir nessa zona oscilante que separa a civilização da selvageria, homens que não poderiam viver em sociedade sem que sobre eles pesasse a mão punitiva da justiça — isso sim, poderá ser motivo de pesar tanto para os que se simpatizam com o índio que se vai tão tragicamente extinguindo como para o brasileiro, de cujas veias o sangue selvagem jamais desaparecerá. O direito do brasileiro levar a termo esse processo de assimilação, até que o último chefe indígena, com um sorriso de escarneo sobre os lábios altivos, seja precipitado de um penhasco e a última escrava de sua raça tenha cruzado a soleira do serralho d'algum seringueiro sífilítico — esse direito do brasileiro, dizíamos, não ha como ser negado. E' essa a trágica significação da palavra Soberania.

O Brasil, porém, como todo o resto do mundo, terá, provavelmente, dentro de um ou dois séculos, de pôr-se em contacto muito mais íntimo com outros povos, e então, os representantes da Espécie Humana, reunidos em algum centro onde impere a mais apurada civilização, poderão pedir contas ao brasileiro, de tal sis-

têma administrativo. Quando a taça tiver passado de mão em mão e chegar a sua vez de usar da palavra, êle talvez nem possa explicar com clareza a obra destruidora de seus antepassados dos primeiros cinco seculos — história essa que a posteridade poderá julgar de maneira diversa dos nossos contemporâneos — a menos que alguma cousa se faça imediatamente no sentido de aclarar e conservar, em pról da raça, a verdadeira história da cultura aborigene no Brasil. Tanto em benefício da humanidade como de sua própria raça, o Brasil está no dever de organizar um Departamento de Etnologia, orientado por Antropologistas competentes, que prosigam e intensifiquem as investigações etnográficas até que um dia, cem milhões de brasileiros, orgulhosos e compungidos; reunam-se para assistir os últimos momentos do último representante de uma raça que se foi.

§ 4. O BRASIL PELAS CERCANIAS DE 1700

Tendo já acompanhado a evolução do incola através dos seculos, até um fim de ato em que não houve fechar de cortina, voltemos à orla do mar para fixar novo ponto na curva do progresso brasileiro, que vimos seguindo. Comquanto Belém já tivesse iniciado a cultura do cacáu em seus arredores, o Ceará a do algodão e o Maranhão já se tivesse tornado conhecido no comércio internacional, o açúcar imperava ainda no seculo XVII da mesma fórmula que havia reinado durante o decimo sexto. Um grande engenho, deveria ter sete a oito milhas quadradas de terreno dividido entre pastagens matãs e canaviais; de cinquenta a cem negros escravos e número igual de gado vacum e cavalari. Cada um desses núcleos constituia uma comunidade patriarcal independente, congregando em redor da casa-grande, ferreiros, carpinteiros e tantos outros artífices quan-

tos fossem necessários para atender às multiplas necessidades do engenho.

Nêsses tempos, anteriores ao navio a vapor, o impeto das correntes oceanicas e os ventos que sopravam regularmente, em determinada época do ano, do Sudoeste para Noroeste separavam as colonias do Maranhão e do Pará, da de Pernambuco e do litoral sulino. Na primeira, muitos engenhos ruíam devido a carestia do escravo africano. Tendo feito o juramento do parasita, o colono português preferia morrer à mingua que provêr sua própria alimentação, e isso justamente numa região onde qualquer esforço por pequeno que seja, frutifica em abundancia. Entre os vários planos sugeridos ao governo para o reerguimento dessa provincia, recomendou-se uma importação de nobres; mas, ao que parece, não havia, no Brasil, carencia nem dêles e nem de frades.

“A legião de agregados famintos que costuma acompanhar os Governadores talvez seja ainda mais perniciososa à comunidade que êsses degredados (escrevia Vieira transido de indignação). Os “pilôtos” (*) “devem ter aprendido a sua comoda fôrma de vida com os Portuguezes quando êstes puzeram-se a cruzar os mares, porque cada vice-Rei ou Governador que embarca para as colonias vae rodeado de tais pingentes” (1).

A situação, era, porém, por demais séria para com ela fazer-se humorismo. Em recompensa dos serviços prestados durante a expulsão dos holandêses do Cabo Norte e de São Luiz, o Rei D. João IV concedeu ao Maranhão e ao Pará os mesmos privilegios outorgados às cidades do Porto e de Lisbôa exceto o direito de cavalgar muares; os habitantes do Maranhão e do Pará

(1) SOUTHEY II, 680.

(*) Peixe que vive agarrado ao tubarão e alimenta-se das suas presas. (Nota do Trad.).

jamais deveriam ser submetidos a torturas a não ser nos casos em que até os fidalgos eram passíveis dessa penalidade ; não eram obrigados ao serviço militar e nem podiam ter confiscados os seus animais ou propriedades. Como os “Infanções” e os “Ricos Omes” de antigamente essa gente gosava de um estatuto cívico privilegiado ; era de fâto bom ser nobre naquele tempo. E, essas vantagens eram também conferidas aos que prestavam serviços na milícia, nem que fosse por alguns meses apenas. Em São Luiz, chegaram até à dissolução da Irmandade da Misericordia — constituida por mecanicos e operarios de toda a espécie — porque todos êles tinham, por essa fôrma, conquistado os privilegios da nobreza !

Que não havia também carência de religiosos no Brasil, indica-o o fâto de Belém, com uma população de 500 almas em fins do seculo XVI possuir uma igreja Matriz, um colégio de Jesuitas, três conventos : um Franciscano, um Carmelita e um Mercenario ; duas outras igrejas e uma capela. Não é, portanto, de se admirar que quasi percessem à mingua as cincoenta famílias para lá transportadas em 1676, da Ilha de Faial, arrasada por uma erupção vulcanica.

Também, por todo o litoral proliferavam instituições religiosas ; e, São Salvador, então como agora, era de todas a mais rica em igrejas. Foi Gomes Freire, o grande governador português encarregado de abafar a insurreição no Pará e no Maranhão, em 1686, que se referiu “à conduta vil de alguns membros do clero que, esquecidos dos seus deveres religiosos e de sua elevada missão, ante a premencia da necessidade, tinham-se transformado em mercadores sendo os primeiros a incitarem o descontentamento, a sedição e a rebelião”. O estado do povo, dizia êle, era deploravel ; as usinas de açúcar, desfaziavam-se em ruinas.

A situação no Norte era sem dúvida má; em Pernambuco e na Baía, porém, já era melhor. São Salvador era então a capital do Brasil colonial, exceto dos dois núcleos setentrionais a que acabamos de nos referir. Era tão grande a população negra nessas paragens que, dizem os viajantes da época, podia-se facilmente supor que se estava na África; Frezier calculava que a proporção entre pretos e brancos fosse de 20 por 1; Vieira diz que somente na cidade de São Salvador, vinte e cinco mil negros foram catequisados e instruídos na língua de Angola, além de um número muito maior fóra da cidade. Pode-se com segurança afirmar que em 1700, havia na Baía 10 vezes mais escravos negros que na Virgínia. Dampier diz que em fins do século XVII havia em São Salvador, duas mil casas solidamente construídas, com dois e três andares e com as paredes cobertas de azulejos. A sua indústria da pesca de baleias era então a mais florescente do mundo. Muitos outros índices havia ainda, de luxo e de riqueza.

Um deles é a pinturesca história dos "dandís" que proliferavam na antiga capital do Brasil pelas eras de 1700. Em vez do elevador Fairbank-Morse atualmente empregado para o transporte de transeuntes entre a cidade alta e a baixa, os cavalheiros daqueles idos tempos, reclinados em deliciosas almofadas, faziam-se transportar em suas rédes, escada acima, por possantes escravos. Ao lado do parasita perfumado, ia um etiope reluzente protegendo-o com um guarda sol; as senhoras, entretanto, tinham sobre a réde um docel que não somente as protegia dos rigores do astro-rei como dos olhares impertinentes dos "almofadinhas".

A mais superficial comparação entre as colônias inglesas e as portuguesas nos revela porque, já naquelas priscas eras, as primeiras prosperavam a olhos vistos enquanto que as segundas mostravam sinais inequívocos de senilidade precoce. Em alguns pontos era iden-

tica a situação : em parte devido à legislação relativa ao transporte marítimo e em parte devido à super-produção de tabaco — o principal esteio da sua economia — os agricultores da Virginia estavam tão sobre-cargados de dividas em Londres, como os do Maranhão com relação ao comércio de Lisbóa (BASSETT, *Historia dos Estados Unidos*, pag., 89); a escravatura estava menos enraizada nas colonias inglêsas do Sul, apenas porque a sua instituição era um seculo mais nova; o fanatismo e a intolerancia do cléro no Brasil não eram em nada maiores que o fanatismo e a intolerancia dos Puritanos na Nova Inglaterra — onde, em 1692, sòmente em Salem, foram executadas dezenove pessôas por “bruxaria”.

E, ao frisarmos que em todo o Brasil não havia um único prêlo, não devemos nos esquecer de que se referiu ao povo da Virginia o Governador Berkeley, quando disse :

“Graças a Deus não temos escolas livres, nem imprensa, e espero que não as tenhamos dentro dos próximos cem anos, pois a instrução trouxe desobediencia e heresia ao mundo e a imprensa divulgou-as assim como a libelos contra os melhores governos. Deus nos livre de ambas”.

Não será desmoralização afirmar-se que a filosofia de Berkeley imperava também no Brasil lá pelo ano de 1700; na America do Norte, porém, um ideal mais elevado já começava a produzir os seus frutos. As colonias portuguêsas eram católicas e, portanto, proibidas de lêr a Biblia; as inglêsas, com excepção dos poucos católicos de Maryland, eram habitadas por discordantes de todos os matizes. Havia os Puritanos e os devotos da Igreja Anglicana, na Nova Inglaterra; os batavos, em Nova York, os suécos em Delaware; emfim “é menor o número de feras em Africa que o de seitas na Pensylvannia”, apostrofou alguém; além disso os

Huguenotes começaram a se derramar sobre a Carolina depois da revogação do edito de Nantes, em 1685. a faculdade de lêr a Bíblia era requisito essencial a todos êsses Protestantes. Já em 1647 Massachusetts tinha-se constituído “a Mãe da nossa legislação escolar,” determinando que cada vila com 50 famílias mantivesse uma escola primaria e as de cem sustentassem um curso secundário, sob pena de multa”. O Colégio de Harvard foi fundado em 1636, o de Guilherme e Maria em 1693, o de Yale em 1701 ; e, comquanto, ao findar do seculo XVII nenhum dêsses passasse de um bom curso de preparatórios, à feição dos de hoje, já estava lançada a semente de grandes empreendimentos. Nem será exagero dizer-se que a educação pública nas colonias inglêsas era tão desenvolvida em 1700, como no Brasil em 1926, como teremos ocasião de demonstrar em capítulo seguinte.

Quando, em 1689 a Inglaterra ofereceu sua corôa a Guilherme e Maria, divorciou-se de vez do ideal dos Stuarts — a origem divina do poder — e, com o Parlamento, entronizou a supremacia popular ; daí por deante, nas suas colonias — das quais apenas metade ainda estava jungida à escravatura — foi cada vez maior a tendencia para aumentar a ingerência popular nos seus próprios destinos: o jury, a liberdade de consciencia e a democracia. Nas colonias portugûesas, onde o ideal escravagista jugulava quasi todos os indivíduos e todas as formas de trabalho individual estavam em em franco processo de atrofiamento, por falta de função, o poder divino dos seus soberanos decadentes e a aristocracia, como ideal, constituíam dogmas intangíveis. Assim é que vemos o eloquente Antonio Vieira (que foi morrer em São Salvador onde passou a sua juventude) pessimista pela experiência da idade, — pintar o Brasil como a imagem viva da metropole! preparando-se para a guerra sem homens nem tesouros, lavrado de

vícios, sem um poder coercitivo que os cercasse; sem dinheiro, no esplendor do luxo, e em todos os paradoxos possíveis ao espirito humano.

“Assim, não é que tudo esteja fadado à ruína, mas, já está quasi arruinado; êste Brasil que é tudo quanto possuímos, só o teremos enquanto alguém não se decidir occupá-lo; e, portanto, não lamento que o Imperio esteja destituído de herdeiros, pois que, se os tivesse, nada haviam de herdar. Nesta emergencia a prudencia nos aconselha a vestirmos algodão, alimentarmos-nos de mandioca e voltarmos ao arco e flecha por falta de outras armas, afim de que possamos em breve retornar ao estado selvagem e tornarmos-nos brasileiros em vez de portuguezes”.

Era a êsse estado que se achava reduzido o Brasil quando ecôou pelo país a noticia pela qual a nobreza escravocrata esperava, havia duzentos longos anos: “DESCOBRIU-SE OURO NO BRASIL!”

§ 5. OURO!

A história do Brasil no seculo XVIII cifra-se na deposição do açúcar e na entronização do ouro e das pedras preciosas, como fatores econômicos predominantes. Em época que não se pode com precisão determinar, mas, que orça pelas cercânias de 1530 ou 1540, dizem as velhas crônicas que o primeiro Capitão-Mór de São Vicente tentou uma expedição para o interior, em direção ao Sul, a procura de minas de ouro, tentativa essa que custou a vida a oitenta homens e o mais completo fracasso. Daí em diante os portuguezes muito prudentemente estabeleceram-se nas planícies litorâneas e dedicaram-se à agricultura, da mesma fórmula que os colonos ingleses confinaram as suas atividades à orla marítima que vae da Florida à Nova Inglaterra. Sòmente de quando em vez partia uma expedição para o interior; mais

tarde, porém, a procura do ouro foi proseguida com intensidade pelos bandeirantes ("homens que, num sentimento de util e meritório patriotismo ocupavam-se em fazer descobrimentos"). No último ano do século XVI alguém enviou a Felipe III um rosario feito de ouro brasileiro; mas, o ouro escondia-se ainda no seio da terra e a pequena quantidade que conseguiam apanhar nas bateias ou arrancar às orelhas dos índios Goya, era apenas suficiente para manter viva, entre os pesquisadores, a chama da esperança. Assim foi até fins do século XVII quando, finalmente o solo mineiro revelou os seus tesouros. Imediatamente um correio partiu em canôa, Rio Doce abaixo, levar a noticia a Vitoria; outro correu para o Rio de Janeiro e despejou pepitas de ouro nas mãos do Governador. O emissario foi imediatamente nomeado Capitão Mór de Taubaté e teve ordem de estabelcer aí a primeira fundição de ouro. Foi o mesmo que anunciar ao mundo que as lendas correntes com relação às riquezas minerais brasileiras haviam-se transformado em realidade e a noticia agiu, no império português, como se fosse um convite do Governo "Vinde rumo ao Poente! Vinde gosar das delicias do jardim das Hesperides onde sazonom maçãs de ouro!"

Com que indomita galhardia atende sempre o homem à ordem de "enriquecer de pressa". Um obus de 155 m/m bem colocado no centro de um batalhão em formação compacta, não o espalharia sobre a região, da mesma fórma que a palavra magica OURO! dispersou pelo imenso território brasileiro, o português prudentemente instalado à orla maritima. A explosão atirou senhores e escravos, das plantações de cacáu, no Pará, até as lavras de Mato-Grosso e Cuiabá; partiam de São Luiz, de Santos e de todos os portos de permeio; os canaviais sonolentos da velha Baía acordaram de subito, ao tropel dos desertores dos campos que os atra-

vessavam atabalhoadamente, em sua marcha para as minas; o Governador deixou o seu palácio no Rio e não voltou enquanto seus bolsos não se encheram até derramar, com a areia amarela pela qual os homens vendem a alma: o nobre metal com que se medem os indivíduos da civilização atual. Se a primeira remessa de ouro fundido fosse transformada em corrente para enforçar todo aquele que esgravatasse a terra à procura desse maldito metal, o Brasil teria sido mais feliz!

Si quizermos que o fogo brilhe, em nosso fogão de inverno, é necessário que arrumemos a lenha bem juntinha. O tronco retilíneo dos gigantes da floresta é o resultado da concorrência com que lutam para a conquista da luz, no emaranhado da folhagem; a árvore que cresce ao largo, é sempre tortuosa e sua cópa exuberante desenvolve-se em enorme para-sól, em cuja sombra refrigerante é delicioso deitar-se à tarde, mas, como madeira, é destituida de valor. A civilização também, para que se desenvolva normalmente, requer uma certa pressão social. Deus sabe que a humanidade não precisa de pressão tão grande quanto a que proporcionam as grandes cidades hodiernas, mas, a corrida do ouro, no Brasil, resultou no extremo oposto: uma população esparsa que poderia ter-se desenvolvido aos poucos até que fosse gradativamente dilatando as suas fronteiras, como aconteceu nos Estados Unidos, foi por esse cataclismo social arremessada em estilhaços e fragmentos de um extremo a outro dessa vastíssima area continental. Parcelas tão diminutas que cada povoação do interior não passava de um aldeamento de fronteira; particulas tão insignificantes, dotadas de tão pouca solidariedade humana que, passados duzentos anos muitas delas ainda não conseguiram energia suficiente para construir um simples caminho de carroça que as ligasse às localidades mais próximas, igualmente isoladas. Todo

o interior do Brasil, como a árvore solitaria, tornou-se por demais esgalhado e irregular.

Foi justamente no momento em que a escravatura começou a exhibir no Norte as suas falacias patéticas; quando a aristocracia baiana afeminou-se de tal fôrma, que se tornou necessário um corretivo energico; quando a monarquia absoluta de Portugal falta de recursos pela sua própria inepecia, vacilava já á beira de um bem merecido tumulto, que surgiu o ouro para dar novo e vigoroso alento ao degenerado triumvirato. (1)

Tendo surgido no ocaso do seculo XVII, o descobrimento do precioso metal constituiu para o Brasil a maior de todas as calamidades que lhe poderiam pesar sobre o destino e a principal razão pela qual o seu desenvolvimento se processou de maneira tão diversa ao dos Estados Unidos.

Á parte, porém, essas consequências de ordem social, e considerada como fenômeno independente, espicaçando o arrojo de um povo, a cata do ouro e a supressão das distâncias constituíram epopéia extraordinária. Logo que em Minas os "estrangeiros" começaram a exeder os paulistas em número, o espírito intolerante e insofrido do bandeirante começou a voltar-se para zonas menos congestionadas. Foi então que um dêles descobriu as minas de Cuiabá (a atual capital de Mato-Grosso), onde estabeleceu-se em 1721. O fáto assim exposto ou observado em um mapa de escala reduzida carece de importância. Outra, porém, será, a nossa impressão se nos dermos ao trabalho de lêr a escala e medir a distância que medeia entre São Paulo e Cuiabá — quasi mil e trezentos quilometros em linha rêta — lembrando-nos de

(1) O Brasil, com seu ouro, comquanto tenha motivado o cerceamento de todas as liberalidades democráticas em Portugal, talvez tenha evitado a tempo uma segunda perda de independencia (da Metropole)." George Young, *O Velho e o Novo Portugal* (Oxford, 1917), pág. 182.

que por aquelas remotas éras não havia em todo esse trajecto incrível, uma única povoação, nem o menor núcleo de civilização; pelo contrário proliferavam aldeamentos indígenas onde era corrente a concepção de que o branco nada mais era que uma víbora serpeando pelo mato.

Goiaz foi a terceira região aurífera de importância que se descobriu no Brasil. Em 1670 o famoso bandeirante a que os índios apelidaram Anhangüera, embarfustou-se pelos afluentes do rio Araguaya e, tendo notado que os índios Goya usavam, atravessadas nas orelhas, pepitas de ouro com a mesma naturalidade com que usariam qualquer pedrinha bonita que achassem no leito dos riachos; cortou algumas orelhas de selvagens para poder levar consigo documentação mais eloquente. Em 1726, o Governador de São Paulo enviou o filho dêsse sertanista (que então contava já mais de 60 anos) para tentar a localização dessa região, segundo as suas reminiscencias da meninice. Na segunda tentativa o moço conseguiu o seu intento. Se adicionarmos a essas três regiões auríferas uma zona diamantífera que se estende do Triangulo Mineiro até Diamantina e do Grão Mongol a Lençóes, na Baía, teremos todo o núcleo principal do Planalto Central compreendido nessa exploração apaixonada e prematura. Em um só ano, mais de mil e quinhentas pessoas transitaram de Goyaz para Mato Grosso, tangendo manadas de gado vacum e tropas de muares, e entretanto, apenas dois decênios antes, não existia na região, mineiro algum e nem único exemplar dessas espécies domesticas.

Nós, norte-americanos com razão consideramos a arrancada de Lewis e Clark em direção ao Pacífico, em 1805, como o exemplo clássico de actividade exploradora. Entretanto, centenas de brasileiros, durante todo o seculo anterior produziram feitos igualmente notáveis: subiram o Rio Negro até conseguirem es-

tabelecer ligação com o Orinoco, pelo Canal Cassiquiare; toda a extensão do Amazonas tornou-se para elles estrada batida; esmiuçaram o curso de quasi todos os seus afluentes sulinos até próximo de suas cabeceiras, no Planalto, e, em 1749 fizeram tão arrojada viagem de canôa que todas as outras, quando a esta comparadas, não passam de simples passeios de bote pelo Tamisa. Um punhado de mercadores foi do Pará até a cidade de Mato-Grosso via Amazonas-Madeira-Guaporé. A distância, levando-se em consideração a sinuosidade dos cursos, talvez não seja muito maior que a de Nova York a São Francisco, mas, o que torna extraordinário o feito são as duzentas milhas de corredeiras do Madeira!

Se se quizer ter idéa dêsse trecho terrível, leiam-se as "Reminiscencias de u'a malfadada expedição" de Neville Craig e ver-se-á porque falharam logo à sua primeira tentativa, os melhores construtores de estradas de ferro de seu tempo, na construção da ferrovia Madeira-Mamoré. "Desde aquella época tem sido intensa a navegação entre Mato-Grosso e Pará, apesar da distância, das dificuldades e dos riscos. Verificou-se que Mato-Grosso poderia receber, via Pará, com mais rapidez e menor dispendio as mercadorias européas que costumava receber por via do Rio de Janeiro e que a viagem pelo Norte era muito menos perigosa que o caminho de São Paulo, onde os Guaicurús e os Paia-guás assolavam os rios".

Ninguém que conheça essas dificuldades, poderá as-sacar ao brasileiro a pecha de "inatividade inerente".

As importâncias em dinheiro geralmente empregadas nessas emprêsas parecem-nos por demais pequenas para terem produzido resultados tão formidaveis. A única medida de que dispomos são os "quintos" da Corôa: era do rei, um quinto de todo o ouro fundido no país e nenhuma espôsa manifestou jamais tanto interesse pelos rendimentos do marido, como o rei de Portugal

pelo ouro de seus suditos; a força ou o desterro na África eram as penalidades que aguardavam aqueles que fossem considerados culpados do crime de sonegação dos quintos reais. Uma arroba é igual a 15 kilos (231,483 grãos) e, portanto, equivale a quasi \$10.000 Americanos (\$9,969) de 23,22 grãos de ouro puro. Em 1714, quando a produção estava apenas no início, os mineradores da Província de Minas Gerais ofereceram ao Rei e êste aceitou 30 arrobas de ouro (\$300.000) em lugar dos quintos reais; em 1753, a parte da Corôa, rendeu em Minas 118 arrobas (\$1.108.000) e nos anos que se seguiram, durante 15 ou 16, excedeu de 100 (1.000.000); depois, segundo Southey começou a declinar. (2) Mawe, em 1809, calculou que o quinto real rendia em Minas, nada menos de 150 arrobas, e êste autor deveria ter certeza do que dizia, porque era mineralogista. Spix diz que até 1812, o total dos quintos arrecadados em Minas Gerais atingiu a 6.695 arrobas, ou sejam \$68.950.000 que dariam uma média anual de \$700.000, durante um seculo. (3)

O rei recebia ainda, em certos anos, tanto como 40 arrobas de ouro de Goyaz, i. e., mais de \$400.000; não dispomos de dados com relação ao rendimento do quinto real em Mato-Grosso, mas, no apogêu da produção, deve ter sido igual ou maior que em Goyaz. Assim sendo, quando as cousas corriam bem o rei de Portugal recebia do Brasil uma renda em ouro equivalente a cêrca de dois milhões de dolares por ano.

Um rendimento de dois milhões anuais representa 5% sobre \$40.000.000. Apesar de que, comparada às fortunas Norte-Americanas do seculo XX, essa cifra não causaria espanto, aos pobres reis de Portugal que

(2) SOUTHEY, III, 593.

(3) SPIX E MARTIUS, *Viagens pelo Brasil entre 1817 e 1820*. (Tradução Inglesa) II, 194.

viviam a vida simples de Lisbôa no seculo XVIII, representava riqueza tremenda. Naquelas remotas éras um dolar de ouro em pó não constituia insignificancia que se dêsse desdenhosamente de gorgeta a qualquer lacaio ; representava, pelo contrário, tal soma de poder granulado que, por sua causa, os ministros realizavam reuniões clandestinas afim de determinar com que porção dessa poeira dourada poderiam empôar as suas enormes perucas sem que o soberano notasse os fios de ouro entremeados aos cabelos brancos dos seus fieis vassalos. Era fortuna sufficiente para permitir que o Rei saldasse os seus compromissos com maior regularidade que no seculo XVII e para negar à plébe Portuguêsa todas as liberalidades democraticas, por não mais necessitar de seus favores ; era ainda, dinheiro bastante para emprender obras de vulto, como a do aqueducto de Lisbôa e do Convento de Mafra, além de contribuir fartamente para a manutenção do Papado.

E' verdade que o ouro brasileiro constituía a maior fonte de renda do velho Portugal ; não nos devemos esquecer, porém, das pedras preciosas e dos impostos usuais sobre o comércio. Os diamantes brasileiros eram de monopólio da corôa e as zonas mais ricas, como a de Diamantina, em Minas, eram cercadas, como reservas reais. Escolhendo apenas os de mais de 17 quilates, do carregamento que anualmente lhe chegava do Brasil, o Rei de Portugal conseguiu uma coleção que Mawe declarou, nos primórdios do seculo XIX, ser maior que a de qualquer outro potentado do mundo. A estimativa de seu valor, porém, era de apenas £3.000.000 e os proventos da corôa, relativos aos diamantes enviados para as lapidações da Holanda, eram relativamente insignificantes quando comparados aos que lhes advinham do ouro.

Peza-nos dizer porque o quinto real não constituía indice da quantidade de ouro produzido no Brasil ; é

porque não era um quinto. Pelo que deixam transparecer as crônicas da época, com exceção de duas ou três personalidades de destaque, quasi todos que lidavam com o precioso metal, surripiavam o quanto podiam. Quando Antonio de Albuquerque foi enviado a Minas, lá pelas cercânias de 1711, com a missão de impôr a autoridade real áquelas paragens sem lei, levou ordem de banir todos os padres e religiosos que não estivessem exercendo funções paroquiaes, pois, ao que parece, havia monges apostatas e leigos sem escrupulos, que tomavam estado apenas para escapar à ação punitiva da lei e que se viam exercendo naquelas zonas infernais, onde campeavam infrene a licença e a jogatina, todas as funções mundanas, menos as que convinham à sotaína. Entre a lealdade a Roma e a lealdade à Fazenda, o Rei não hesitava; de feito, Roma aconselhava os bispos do Rio e da Baía que auxiliassem seu filho favorito a varrer de seus domínios a roubalheira. Mas que a emprêsa era difícil, indica-o a repetição dessas mesmas instruções em 1723 (4).

Ainda assim não o conseguiu. Quando Mawe, o mineralogista inglês, foi para Diamantina como técnico das minas da Corôa, em 1810, disse que, a julgar pela onda de indignação que se via avolumar de todos os lados, contra a roubalheira, não esperava ver um único diamante a não ser dentro das arcas do tesouro.

“Logo que comecei a familiarizar-me com a cidade, convenci-me de que era novato, pois, quando em visita a algumas das pessoas para as quais levava apresentação, notei que trocavam-se diamantes por tudo; chegava a correr mais livremente que a propria moeda. Até as indulgencias da igreja, compravam-se com êles; e, certamente que ninguem haveria de suspeitar que os vendedores das bulas de Sua Santidade chegariam ao ponto de provar o fruto proibido do Tejuco”.

(4) SOUTHEY III, 147.

Se era essa a atitude do cléro, pode-se fãcilmente avaliar o que seria a do resto da comunidade. Os prevariadores eram atirados para o fundo das masmorras pelo resto de suas vidas ou exilados para Angola e os seus bens confiscados, sem que isso, entretanto, conseguisse convencer uma só pessoa no Brasil de que os exploradores que com grande dispendio de energias abriam essas minas, eram obrigados a entregar um quinto de sua produção aurifera e toda sua safra de diamantes, aos parasitas de uma Córte distante e pela qual os brasileiros natos não tinham maior estima que pelos corteãos da lua.

Com que esfôrço fantastico foi essa riqueza desenterrada ! Mawe informou o Principe Regente, — depois de por mais de um seculo, ter sido a mineração a principal indústria brasileira, — que não havia em Minas Gerais um único veículo, um só carrinho de mão, em uso ; que o “cassoon” (não temos idéa do que possa ser isto) era o único maquinismo hidraulico conhecido, e que as únicas ferramentas de que se valiam os mineiros eram a alavanca de ferro e a enxada. Entre as sugestões que apresentava como capazes de revolucionar os trabalhos de mineração no Brasil, citava a introdução da picareta comum, dos mineiros, bem como das peneiras manuais ; a adoção de marretas para partir matrizes em substituição ao processo de abri-las a pedradas “que é o único sistêma atualmente adotado” ; e, finalmente a instalação de bombas hidraulicas ! Sabiam conduzir água às escavações, por meio de canaletas, e, para tirar a que minava nas galerias profundas, havia uma roda desageitada — almanjarra tão pesada que, para deslocala de um lugar para outro, empregavam cincoenta ou mais homens durante um dia inteiro ; Assim mesmo, ainda era o único aparelho inventado pelo homem para aliviar o trabalho de seus braços. Note-se que isso foi em pleno seculo do ouro, depois que uma longa expe-

riência aperfeiçoou a técnica da mineração, porque de início, à mingua de conhecimentos, de habilidade e de ferramentas, arranhavam a terra com pontacos de madeira e o cascalho era lavado em gamelas.

O poetico desejo dos portugueses de manterem as maçãs de Hesperides virgem do contacto de mãos estrangeiras, levou-os a expulsar de Minas Gerais todos os alienigenas exceto os Ingêleses e os batavos dos quais os tratados anteriores tornava difícil de se descartarem. A lei de 1730 apertou muito mais essas exigências e restrições sobre o comércio e a imigração; não sómente era proibida a entrada de estrangeiros no país mas ainda, ninguém podia embarcar com destino ao Brasil a menos que tivesse sido nomeado para algum cargo determinado; só podia levar consigo certo número de servos considerados indispensaveis, e, assim mesmo, todos êles deveriam ser de nacionalidade portugêsa (5).

O passaporte portugês era documento indispensavel e as espôsas que acompanhavam seus maridos eram as únicas mulheres que podiam sair da colonia sem a permissão especial do Rei. Foi êsse estado de coisas que Alexandre Humboldt encontrou quando atingiu o território brasileiro pela fronteira da Venezuela e que o forçou a retroceder logo que soube haver já uma ordem de prisão contra si.

Sem dúvida, nenhum outro soberano, na história do mundo, poderia concorrer com os Reis de Portugal em matéria de ineptia administrativa, no campo econômico. Pelos fins do seculo XVII o Brasil já era o principal fornecedor de açúcar dos mercados europeus. Os senhores de engenho, porém, não podiam pagar pelos escravos de que tinham necessidade, os mesmos altos preços que ofereciam os mineiros; daí a decadencia da produção açucareira que terminou com deixar passar

(5) SOUTHEY, III, 254.

para as mãos dos inglêses e francêses a hegemonia desse comércio, da mesma fôrma que os holandêses já haviam antes usurpado aos portuguezes o comércio asiatico das especiarias e os inglêses, num futuro ainda então muito distante, aniquilariam a indústria brasileira da borra-cha.

Quando o seculo XVIII atingia o seu ocaso, também a era do ouro e das pedrarias brasileiras, aproximava-se de um epilogo patetico, e os garimpeiros passavam, ex-abrupto, da mais faustosa opulência à mais degradante miseria. Durante uma longa centena de anos, êsse povo que havia iniciado o seculo com o juramento do parasita, "Juro que não farei nenhum trabalho manual enquanto conseguir um só escravo que trabalhe para mim, com a graça de Deus e do Rei de Portugal", por um acaso mineralógico não só tinha podido manter a sua ridicula filosofia, como ainda, entregar-se a toda a sorte de loucuras, orgias e jogatinas sem limites.

"Experimentei o pomo da loucura e achei-o saboroso!" disse o garimpeiro; e não houve quem pudesse convencê-lo do contrario, até que ficou reduzido à miseria, morrendo à mingua sobre um solo fertilissimo, sem que à mente lhe ocorresse que, mesmo depois de haver extraído todo o diamante de seu seio, a terra ainda é capaz de produzir por milhões de anos.

Por essa altura da história (1807) Napoleão escoltou a Côrte Portugueza até o topo da escadaria pela qual teria que abandonar o continente. Lá em baixo, ao pé do último degráu, aguardava-a a frota de Sir Sidney Smith; e, sob a proteção da Inglaterra, prestes a substituir a soberania Portugueza no Continente, desabou toda uma sucia de parasitas sobre a Colonia de cuja abundancia havia-se alimentado durante o seculo de ouro cujas eternas portas ainda ha pouco se fecharam para sempre.

§ 6. A CHEGADA DA CÔRTE

A chegada da Côrte Portuguêsa ao Brasil não constitúe acontecimento merecedor de mais que uma ligeira referencia, em esbôço histórico cujo escôpo principal seja — como o deste — mostrar a origem e formação de seu povo. George Young descreveu bem o bando de desertores, ao partir da Europa: “O obeso e abobalhado João — os cortesãos e clérigos satisfeitos por terem salvo as suas ricas peles — a rainha louca Maria Francisca, compreendendo perfeitamente a situação e protestando em altos brados — a virago espanhola Carlota Joaquina transida de desgosto”. (1) Se julgarmos o cardume de sangue-sugas que acompanhou essa Côrte degenerada, por qualquer estalão da actualidade, forçosamente concluiremos que a casa real levou para o Brasil a mais indesejavel das maltas de degradados que poderia ter sido lançada em suas praias pelas luzas caravelas. Seu mais avisado gesto, a abertura dos portos brasileiros ao comércio mundial, obedeceu integralmente à inspiração da Inglaterra que se prontificou a salvar o país cujos governantes fugiram, como ladrões dentro da noite, logo que o Marechal Junot fez-se anunciar em Abrantes.

§ 7. 7 DE SETEMBRO DE 1822

A Independencia do Brasil data do dia em que um filho dêsse Rei de Portugal, após entendimentos com seu corpulento genitor, desembainhou a espada na collina do Ipiranga e proclamou “Independencia ou Morte!” Na realidade, porém, o país tornou-se independen-

(1) GEORGE YOUNG, *O Novo e o Velho Portugal*, p. 209.

te da metropole desde o dia (em 1808) em que a Côrte fugitiva tocou na Baía e sancionou a Carta Regia abrindo os portos às nações amigas. Não havia, porém, nessa época, motivo que justificasse comemorações, pois, no porto ainda estava ancorada a frota inglêsa que transportára os parasitas, e, em Portugal, todos os que estavam em condições de fugir já se aprestavam para seguir o exemplo e o destino da Côrte. E' sabido que a Inglaterra aconselhou inúmeras vêses D. João VI a voltar para o seu acanhado e desconfortavel trono, muito tempo antes de seu regresso. O Rio era tão agradável para aquele ocioso gorducho, que hesitava em trocar a mesa farta do Trópico pelo seu cantinho acanhado e desprotegido, naquelas paragens varridas de guerras muito embora Napoleão já estivesse cuidadosamente enjaulado. Apesar de tudo, porém, um belo dia a Côrte partiu, sem deixar saudades.

E, mal tinha o seu Augusto Pai voltado as costas, já D. Pedro proclamava o Brasil Império independente. A 7 de Setembro, o país trocou um Rei por um Imperador ; o analfabetismo ganhou mais um seculo de ignorancia e a concessão da escravatura foi renovada por mais 60 anos.

Essa data, entretanto, no estudo a que procedemos, serve para demarcar novo ponto na curva do progresso brasileiro. E' ótima para um inventário porque, uma das maiores vantagens que resultou da presença da Côrte na Colonia, foi a permissão de entrada a sabios estrangeiros, e, portanto, torna-se perfeitamente possível conhecer-se com precisão a situação social do Brasil em 1822, pelo depoimento imparcial de observadores capazes. John Mawe "homem devotado a pesquisas minerais", viajou por terra, em 1807, de Santa Catharina ao Rio de Janeiro, passando por São Paulo, e, com passaporte real percorreu o Estado de Minas Gerais para inspeccionar as lavras diamantíferas e sobre elas

emitir parecer. Uma viagem dessas, nenhum inglês tinha feito até então. O casamento da princesa Leopoldina, Arquiduquesa d'Austria, com o príncipe herdeiro, proporcionou oportunidade para a ida de vários cientistas austriacos e alemães ao Brasil. O Rei da Bavaria para lá despachou dois eminentes membros da Academia de Ciências de Munich — Spix e Martius. A obra conjunta desses dois sábios "Reise in Brasilien in den Jahren 1817 bis 1820" transporta o leitor em lombo de burro pelos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Goiaz, Baía, Pernambuco, Ceará, Piauí e Maranhão; por mar, de São Luiz a Belém e daí pelo Amazonas a dentro. Spix e Martius foram precedidos por Von Eschwege. Sua Alteza Serena, o Príncipe de Neuwid, por êsse tempo, percorria a costa brasileira entre o Rio de Janeiro e a Baía; Koster já tinha publicado os resultados de sua viagem; e, finalmente, August Saint Hilaire regressava ao Rio de sua famosa viagem a Goiaz, quando os dois professores germânicos partiam para as suas incursões. Portanto, o retrato do Brasil em 1822 poderá ser falsamente reconstituído por erro de interpretação, mas, nunca por falta de elementos seguros.

Quanto ao território, o Brasil, nos primeiros tempos de sua independencia extendia-se, como ainda hoje, até os lindes das colonias espanholas, pois as suas fronteiras já haviam sido demarcadas pelo segundo tratado de limites, em 1777. O Acre, adquirido posteriormente, foi a única expansão territorial de importância e a Banda Oriental (Uruguai) a única perda sensível.

A partir de 1700, porém, grandes levas de imigrantes lá foram ter. Durante a primeira metade do século XVII, o desejo egoísta de monopolizar os lucros provenientes da mineração, levou a Corôa Portuguesa a restringir o mais possível a entrada de estrangeiros no Brasil. Pombal, porém, com sua visão de estadista, inverteu essa

política tacanha : concebeu então a necessidade de construir, revigorar a população da Colonia para servir de bastião que escorasse as muralhas oscilantes do edificio português, na Europa. Das Ilhas, o Ministro removeu a plêbe mais esquisita que o Brasil poderia ter recebido tanto como vinte mil ilhéus (1). Quando, em 1766, caiu a cidade portuguesa de Mazagão, em Marrocos, Pombal removeu toda a população lusa, cêrca de 1.800 pessoas, para o Estado do Pará; a cidade de Mazaganopolis (Mazagão) situada à margem setentrional da fôz do Amazonas, lembra êsse feito. "O Ministro gostaria bem de ter sob as suas ordens, maior número de colonos dessa espêcie ; não podendo, porém, Portugal, tirá-los de sua diminuta população, Pombal, arrebanhou os que conseguiu : abriu as portas das prisões, uniu os criminosos e os vagabundos às prostitutas de Lisbôa e embarcou-os para o Rio de Janeiro e daí para Mato-Grosso onde era maior a carencia de braço". (2) Depois da fuga da Côrte, tentou-se introduzir o chá no Brasil, e, para o seu cultivo, importaram-se chinêses ; más, êsses negociantes inveterados, passaram logo de agricultores a mascates, oferecendo à venda artigos de algodão e fogos de artifícios ; não passou de ligeira névoa oriental que logo se dissipou ao sol da capital. Outra pinturesca franja etnográfica cujos característicos permaneceram inalterados até nossos dias, constituíram-na os ciganos que se fixaram primeiramente em Pernambuco onde continuaram a vida nômade da Europa, barganhando e negociando em animais. Mas, a maior corrente migratória que foi ter às plagas brasileiras durante o seculo XVIII, — ondas tsnadas como as águas pretas que o Rio Negro mistura ao cau-

(1) RIBEIRO, *História do Brasil*, (9.^a ed., 1920), p. 329.

(2) SOUTHEY, III, 589, 591.

dal barento do Amazonas, -- foi a proveniente do recrutamento africano.

Para nos aprofundarmos ainda mais na descrição da população brasileira e da interessante experiência lá efetuada em épocas históricas, no campo da miscegenação, será necessário, primeiramente definir os termos.

Em 1822, a palavra Negro indicava o tipo africano legítimo. Um índio puro sangue ainda era um índio, mas, um branco, era muitas vezes diferente dos puros descendentes de europeus.

Durante trezentos anos processou-se sem interrupção a fusão de Portugêses e batavos de um lado e o aborigine de outro; havia indivíduos, entre os mais pigmentados representantes da raça mediterrânea, que eram ainda mais escuros que os selvagens mais claros; portanto, da amalgama entre índios e portugêses não resultou diferença assaz pronunciada na coloração epidérmica. Entre os Portugêses, não havia preconceito de raça, e, portanto, todos aqueles que não eram rigorosamente negros ou selvícolas, eram muito naturalmente classificados como brancos. E não pode ser outra a interpretação a dar-se aos dados estatísticos da época. O censo da Cidade de São Paulo, datado de 1811 e o levantamento paroquial de toda a província, feito em 1813, classificam a população por sexo, estado civil e côr, "Branços, Negros e Mulatos", comquanto em nenhum outro Estado brasileiro fosse mais completa que em São Paulo a fusão entre o índio e o homem mediterrâneo, de onde originou o "Mamaluco". Esse poético apelido não teria caído de todo em desuso, se não tivesse a noção do cruzamento que êle indica, de ha muito se desvanecido do espírito das gentes. (3) "Mulato"

(3) "Aqui todos, principalmente os fôrros que não são negros, são "brancos"; e é comuni encontrarem-se pessoas que, comquanto oficialmente brancas, são quasi negras. A praxe é diametral-

indicava o cruzamento entre brancos e negros onde eram patentes os característicos negroides, tanto na pigmentação, como na cabeleira.

Dois outros apelidos indicavam a fusão entre índios e brancos: Mamaluco e Cariboca. (4).

Finalmente, para o produto resultante da união do índio e do negro havia a designação de "Cafuz".

Qual seria a proporção relativa entre êsses seis tipos básicos do brasileiro, em 1822?

— Pretender contar os índios não "reduzidos", seria o mesmo que tentar avaliar o numero de passaros nos ares. Por essa época já tinham êles sido enxotados para os recessos mais inacessíveis de três grandes núcleos florestais: a Amazonia, a faixa litoranea situada entre o Rio Doce e o Rio das Contas, na Baía e o Planalto onde hoje assentam-se os Estados do Paraná e de Santa Catarina.

Pode-se, entretanto afirmar com segurança que a população aborigene era já por essas éras bem menor que em 1500.

Nem existem dados relativos ao Cafuz. Essa resultante do cruzamento entre negros e índios só era sensível nos ínvios sertões de Mato-Grosso e na zona regada pelo São Francisco, regiões essas que, fóra do alcance da lei, serviam de coito aos escravos egressos.

Quanto aos outros elementos etnicos, porém, existem estatísticas paroquiais que revelam indícios de terem sido confeccionadas com grande apuro. Levando em linha de conta os dados disponíveis, conseguimos avaliar a população total do Brasil em 1822, — fóra os selvícolas — em 3-½ milhões de almas. A população negra

mente oposta à que se adota nos Estados Unidos onde quem não fôr branco puro, é negro" — Sir RICHARD F. BURTON, *O Interior do Brasil* (Londres, 1869), I, 393.

(4) Quanto à grafia da palavra "Mamaluco", vide EUCLIDES DA CUNHA, *Os Sertões* (5.^a Ed., 1914), pág. 68.

não seria inferior a um milhão ; a de mulatos, orçaria pelas mesmas cifras e os brancos somariam quando muito milhão e meio, sem nos esquecermos de que a rubrica "brancos" abrangia os caribocas e os mulatos fôrros de têz mais clara. (5)

De igual significação ao número de negros existentes no Brasil por aquele tempo, era a sua distribuição de Pernambuco ao Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro a Mato-Grosso. Pernambuco, Baía, Rio de Janeiro e Minas Gerais eram as províncias mais pigmentadas.

As únicas regiões do Brasil civilizado que não contavam com elevada proporção de negros, eram Santa Catarina e Paraná, no Sul ; ao Norte as atrasadas províncias do Espírito Santo e Sergipe, e à margem do Atlantico, a parte compreendida entre o Rio Grande do Norte e o Vale Amazonico. E' provavel que o Cariboca tenha sido o elemento preponderante em todas essas zonas.

Isso com respeito à proporção dos elementos etnicos com que o Brasil iniciou a sua vida de nação independente, em 1822. Na rarefação, entretanto, residia a sua principal fraqueza. Só duas cidades tinham mais de 100.000 almas : Rio de Janeiro e São Salvador. Recife não dispunha de mais que uma quarta parte e São Paulo menos de 10.000. A corrida para o sertão, em busca do ouro, não foi o único fator responsavel por essa dispersão. A indústria pastoril teve influencia igualmente forte. Piauí, por exemplo era dividido em invernadas de 27.000 acres (sesmarias de 3 leguas quadradas) havendo entre elas um espaço livre de uma legua quadrada para evitar a super-população. Dez ou doze homens bastavam para cuidar de tão reduzida

(5) Em 1825, Alexander von Humboldt avaliou a população de todo o Brasil em 4.000.000 ; dêsse número, êle calculou que 920.000 seriam brancos ; 1.960.000 negros e 1.120.000 mestiços e índios.

propriedade. Em princípios do Séclo XIX, a parte pastoril do Estado do Rio Grande do Sul era de propriedade de apenas 539 senhores; suas fazendas oscilavam entre 18.000 e 90.000 acres (de 2 a 10 leguas quadradas, ou mais). (6) Essa grande difusão da população produziu no Brasil, como no "Far West" americano, uma excessiva liberdade individual com consequente afrouxamento da coesão social. A única lei que prevalecia nos sertões, era a da força; e os indivíduos, muito naturalmente, agrupavam-se em torno dos "poderosos", à maneira feudal, emprestando-lhes lealdade até a morte, em troca de proteção. Ainda hoje ha indivíduos no sertão da Baía capazes de congregar, de um momento para outro, quinhentos homens armados e, em caso de necessidade, até dez vezes esse número como verificou o proprio Governo Federal, por ocasião das eleições presidenciais, em 1919. E isso, como é fácil de se imaginar, era ainda mais comum em 1822. Aborrecidos pela monotonia da vida, era comum reviverem, nessas paragens abandonadas pela lei, um costume que a certa época era corrente em Portugal e na Hespanha; saíam à noite mascarados e envoltos em longas capas, à cata de aventuras e prontos para perpetrarem qualquer crueldade ou excesso que lhes ditasse a fantasia: o rapto, o roubo, a tunda ou a arruaça. Outra malta que se intitulava de valentões, ou "bravos", gostava de brincar de rei. Postados nalguma encruzilhada deserta, divertiam-se em obrigar os cavaleiros a apearem e, de chapéu na mão, puxarem a montaria até perder de vista. Outras vezes punham-se a provocar brigas sem outro motivo que a sêde de aventura. Dificil seria exagerar-se a barbaridade da vida no sertão quasi deshabitado do Brasil, pela época da Independencia mas o fato é que por peor que fosse ela,

(6) SOUTHEY, III, 864.

ainda assim seria mais sadia e segura que em Minas onde a população era mais densa. Acontece, porém, que o mal, por sua natureza, evidencia-se rapidamente, enquanto que o bem modestamente se esconde. Não houve período na história e nem recanto do globo em que a maioria dos habitantes de determinada comunidade não fosse constituída por indivíduos dignos, simples e sinceros ; diremos mais que se tivéssemos que descrever a flôr da sociedade em centros abastados do interior, tais como Diamantina, Ouro Preto e São Paulo, fariamos apenas justiça attribuindo-lhes bastante cultura, encanto e cordialidade.

Chegando-se ao Rio de Janeiro, encontrava-se, naquella época, bastante desenvolvimento intelectual mas, então como agora, a cultura carioca era mais européa que brasileira. Em 1822 já existia a Escola de Belas Artes, fundada pelo Conde da Barca que convidou, para dirigi-la, diversos artistas francêses de renome ; dentre êles, o mais proeminente foi sem dúvida, Lebreton que já tinha sido Secretário da Escola de Belas Artes de Paris. A opera italiana, — atamancada, é verdade — já era corrente na Capital nascente ; e um dos discípulos prediletos de Haydn, Chevalier Neukomm, tinha sido convidado para compositor da Capela Real. Os livros francêses eram avidamente procurados ; todas as pessoas educadas, falavam francês tão bem como o português e os conceitos filosóficos de Paris andavam em vóga desde os dias dos enciclopedistas (7). Toda essa cultura, porém, era alienígena.

Como poderia ter sido de outra fôrma se o uso do prélo era proibido no Brasil até a chegada da Corte?! Dez anos depois, quando Spix lá esteve, o Brasil inteiro possuía apenas dois periódicos : "A Gazeta do Rio de Janeiro e, em São Salvador, um jornal com o

(7) SPIX E MARTIUS, I, 154.

título "Idade de Ouro do Brasil". A maior parte das populações do interior satisfazia-se perfeitamente com saber das novidades uma vez por ano, pela volta da trópa do litoral. Havia um serviço de correio entre o Rio de Janeiro e São Paulo cujo percurso era de duas semanas; outro, ia de São Paulo a Montevidéu, mas, já constituía inovação da Côrte. Quinze anos após a éra que descrevemos — segundo Gardner — tirante o Rio de Janeiro, São Salvador e uma ou duas cidades de Minas, não se encontrava um único hotel em todo o Brasil.

Neste ponto ocorre-nos uma comparação entre a curva do progresso dos Estados Unidos e a do Império Brasileiro, em 1822. E' ela por demais instrutiva para que a deixemos de lado, muito embora corramos o risco de ser mal compreendidos. As colonias inglêsas tiveram, sobre as portuguezas, uma precedência de cêrca de 40 anos na quebra dos vínculos que as ligavam às respectivas metropoles; os Estados Unidos conseguiram a sua independencia pela fôrça das armas; o Brasil conseguiu-a sem luta, como consequencia remota das guerras napoleonicas.

Sobre os alicerces regados com o sangue de seus filhos, os Estados Unidos construíram a mais democratica fôrma de governo então existente sobre a face da terra; o Brasil estabeleceu um Império em cujo trôno figurava um membro de familia reinante européa.

Nos Estados Unidos, a luta contra a escravatura já tinha sido vitoriosa em todos os Estados do Norte (com exceção de Delaware) e no território que demora à margem Setentrional do Rio Ohio; a nação Brasileira era ainda totalmente escravagista.

A verminose, introduzida em ambos os países pelo elemento africano, tinha-se limitado, nos Estados Unidos — por fôrça do clima, é verdade — às regiões meridionais; no Brasil, desconhecida a sua ação nefasta, ia minando livremente as energias da população inteira.

A Nova Inglaterra revelava já a sua tendencia industrial ; o Brasil ainda era totalmente agrícola e pastoril.

Comquanto êste último levasse uma vantagem secular na colonização, os Estados Unidos já tinham, em 1822, população de quasi 7 milhões, i. e., bem o dôbro da brasileira (em ambos os casos, desprezado, o elemento indigena) e já se achava em funcionamento regular o seu sistêma censitario decenal, cujos resultados eram, por aquela época, tão exatos como os que o Brasil só conseguiria no recenseamento de 1920.

Os lindes Norte-Americanos iam da ponta meridional do Lago Michigan até à margem ocidental do Rio Mississippi, nos Estados de Missouri, Arkansas e Luisiana ; as fronteiras brasileiras tinham já, em 1822, a mesma amplitude que ainda hoje conservam. Os norte-americanos iam, aos poucos, estabelecendo aldeamentos compactos, no sertão, cada vez mais distanciados das primitivas povoações litorâneas ; no Império Sul-Americano a sua população tinha-se espalhado como os bagos de chumbo de um cartucho de caça.

O Canal Erie dentro de três anos estaria pronto e a construção de estradas de rodagem na parte colonizada do território Norte-Americano evidenciava maior progresso em 1822 que no Brasil em 1926.

Resta-nos, porém, frisar ainda duas diferenças importantes. Em 1785, o Congresso Americano mandou proceder a um levantamento aproximado das terras devolutas no "Far West" e dividi-las em municípios de 36 secções. Em 1800, podia-se comprar à União pequenos lotes de terra de 320 acres cada um, a dois dolares o acre e quatro anos de praso ; em 1820 o preço mínimo foi reduzido para \$1,25 por acre, podendo-se comprar, a dinheiro, lotes até de 80 acres. Isso facultava a qualquer trabalhador sem capital, provido de um bom par de braços e energia sufficiente para economizar a ninharia de \$100, tornar-se um pequeno sitian-

te independente, em terras devolutas cujos títulos eram garantidos pelo Governo Federal (8). Os Americanos dos Estados do Norte construíam assim uma nação de pequenos agricultores. No Brasil, prevalecia ainda o sistema adotado em nossos estados Sulinos, i. e., o de grandes latifúndios presos às mãos de uma reduzida aristocracia e trabalhados por escravos — e tanto o Sul dos Estados Unidos como o Brasil pagaram o mesmo doloroso tributo pela sua preferéncia. Em 1822, raramente um senhor de terras, brasileiro, punha a mão em algum instrumento agrícola se não para com êle partir a cabeça de um escravo; nos Estados Unidos, — pelo menos em metade de seu território — a enxada, a pá e o arado eram brandidos pelas mãos vigorosas de pioneiros energicos que de ninguém recebiam ordens e que tinham a consciéncia de que cada golpe de seu machado reflectia em benefício de seus proprios interésses. Em segundo lugar, cumpre-nos salientar que de cada 16 secções de terra, uma era reservada à manutenção da instrução pública Americana; havia, na República nascente, verdadeira paixão pelos rudimentos educacionais, movimento êsse que só começaria a manifestar-se no Brasil, a partir da segunda década do século XX.

De fôrma que, ao avaliarmos o progresso brasileiro durante o seu primeiro século de independéncia, não nos devemos esquecer dos precalços com que o iniciou. O regime colonial português creou pouquissimos valores sociais duradouros. Em 1822 o Brasil libertou-se de uma metropole que para êle poderia ser tudo, menos motivo de orgulho, sobrecarregado de doenças, ignorancia, escravatura e dominado por uma aristocracia escravocrata.

(8) Esta lei não foi senão a precursora do chamado "Homestead Act", de 1862 que permitia a doação pura e simples de terras a quem se compromettesse a nelas se instalar.

§ 8. IMIGRAÇÃO DE 1820 A 1920

Posta de sobre-aviso pelas considerações acima alinhadas e afugentada pela fama de que o Brasil era um antro de febre amarela, a corrente principal da imigração européa orientou-se em direção à parte setentrional da America. Enquanto o Brasil, durante o primeiro seculo que se seguiu à sua independencia, recebia apenas 3.647.000 imigrantes europeus, os Estados Unidos recebiam 33 milhões, sendo que só em três anos e meio a partir de 1905, a União Norte-Americana recebeu mais imigrantes que o Brasil nos cem anos anteriores.

Pelas cercanias de 1850, a espécie de hospedes que o Brasil vinha recebendo, modificou-se bruscamente. Apesar de ter o Brasil em 1830 — acompanhando a trilha da velha metropole — declarado o trafico negreiro como pirataria, foi precisamente durante o segundo quartel do seculo XIX que recrudescceu a importação de negros: cêrca de 1.300.000, segundo Sir Harry Johnston. Em representação feita à Camara dos Comuns, a 19 de Julho de 1853, aparecem os seguintes dados relativos ao desembarque anual de negros nas praias brasileiras destinados a renovar o contingente de braço escravo: (1)

1847	56.172
1848	60.000
1849	54.000

Baseados nessas cifras, avaliamos o movimento total do trafico escravagista entre 1821 e 1850 em cêrca de um milhão e meio mais ou menos. Por essa ocasião a opinião pública reclamou uma política mais democratica com relação às terras do governo e sua colonização

(1) BURTON, *Interior do Brasil*, (Londres 1869), I, 5.

por homens livres e o Brasil, dentro de poucos anos, extinguiu o desprezível comércio. Apenas esporadicamente chegava-lhe um carregamento de escravos, transportado, em geral, por Norte Americanos, mas, a partir de 1850, até a abolição, o número de negros entrados no país foi insignificante.

Foi então que a imigração européa assumiu maiores proporções. O Serviço de Imigração só possui dados exatos a partir de 1908, mas o *Diario Oficial* de 13 de Janeiro de 1921, publicou dados relativos ao período compreendido entre 1820 e 1919, compilados das melhores fontes disponíveis, e, apesar de que — pela sua própria natureza — essas cifras estejam longe de exatas, é também verdade que nunca teremos outras mais próximas da realidade; foi com elas, agrupadas em decênios, que compilamos o quadro que se segue. Os dois pontos que mais claramente se evidenciam, ao examinarmos êsses dados são: em primeiro lugar o fato de 59% dos imigrantes recebidos pelo Brasil, durante o primeiro seculo de sua independencia, serem provenientes de povos Mediterrâneos, irmãos consanguineos dos portuguezes, capazes de aprender a língua em poucos meses e misturarem-se completamente com o povo brasileiro logo à primeira geração; e em segundo lugar que somente 7% dos seus imigrantes vieram do Meio-dia e do Norte da Europa, povos êsses que tendem a se agrupar, oferecendo assim certa dificuldade de assimilação. Os alienigenas classificados sob a rubrica “Turco-arabes” são os provenientes do Levante, principalmente sírios que, mascateando, penetraram aos mais íntimos recessos do interior, antes de se estabelecerem. Sob a classificação de “Russos” incluímos os polacos — cujos pinturescos carroções toldados emprestam um que de europeu às paizagens do Paraná — bem como muitos judeus da Bessarabia, instalados no Rio Grande do Sul.

IMIGRANTES RECEBIDOS PELO BRASIL DURANTE

Decada	AFRICANOS	POVOS DO MEDITERRANEO				
	Negros	Italianos	Portuguêses	Espanhães	Turco-Arabes (principalmente Sírios)	Francêses
1821/30	450.000
1831/40	500.000	180	467
1841/50	550.000	5	463	132	273
1851/60	24	68.918	59	141
1861/70	4.923	50.162	671	2.566
1871/80	60.029	75.282	5.177	52	4.437
1881/90	295.063	117.763	39.799	103	5.460
1891/90	678.761	202.429	157.119	4.326	4.964
1901/10	215.891	218.173	137.613	19.704	4.795
1911/20	134.017	321.510	170.244	34.788	7.867
SECULO	1.500.000	1.388.893	1.055.167	510.814	58.973	30.503
	1.500.000 29%	3.044.350 59%				

Sem destaque especial, esbatidos na memoria das gentes, agrupam-se na coluna "Diversos" quatro ou cinco mil imigrantes cuja história desperta interesse todo particular ao Americano do Norte. Quando Burton partiu para as suas incursões pelo interior do Brasil, em 1867, encontrou lenhando na estrada, entre Juiz de Fôra e Barbacena um magote de imigrantes que se dirigia para os lados do Rio São Francisco, da mesma fôrma que outros grupos, guiados por fazendeiros paramentados com longas sobre-casacas e mascando tabaco, lenhavam nos flancos meridionais da "Grande

O SEU PRIMEIRO SECULO DE INDEPENDENCIA

CENTRO-EUROPEUS					ASIA- TICOS	Diversos	TOTAL
Alemães	Russos inclus. Polacos	Aus- triacos	Inglê- ses	Suis- sos	Japo- nêses		
1.894	5.439	457.423
270	1.921	502.838
2.719	292	338	2.573	556.795
18.920	2.395	31.290	121.747
12.772	104	2.925	833	22.615	97.571
17.006	8.501	7.782	3.042	1.739	35.990	219.128
21.628	28.337	6.557	1.180	1.008	14.008	530.906
12.489	14.440	38.330	2.784	825	27.435	1.143.902
17.533	17.221	15.990	3.818	1.126	46.295	698.159
26.120	36.771	11.206	5.414	1.834	27.497	40.963	818.231
131.441	105.270	80.509	19.456	10.098	27.497	228.529	5.146.700
346.324 7%							

Planície", nos Estados Unidos. Eram Norte-americanos "Sulinos" que, desgostosos com o desfecho da Guerra Civil, abandonavam a Patria onde o cativo acabava de ser abolido e partiam em busca de outras paragens em que ainda florescesse o seu sistema favorito de exploração econômica. Durante a primeira decada que se seguiu ao termino da Guerra de Secessão, encontravam-se grupos desses rebeldes insubmissos nas proximidades de Curitiba, em Campinas, no Rio das Velhas, sertão de Minas, na parte inferior do Rio Doce, na Baía, em Pernambuco e até mesmo no Pará, próxi-

mo de Santarém, às margens do Amazonas. Pouco influíram êles na vida nacional, mas, sem dúvida, o Brasil imprimiu também sobre êsses imigrantes e seus descendentes o cunho de sua nacionalidade. Tinham batido em porta errada. Também aí, a escravatura já entrava em agonia, mas, ainda mesmo em seus melhores dias, não havia lugar no Brasil para o odio racial que êsses fugitivos do Mississippi, do Missouri e de Louisiana, agasalhavam em seus corações rancorosos.

§ 9. A CONTRIBUIÇÃO DO NEGRO

E' tempo de falarmos dêsse povo tisonado, antes que a sua identidade desapareça dentro da denominação mais ampla que o tempo vae, de ano em ano, entornando para dentro do cadinho onde lentamente se funde o verdadeiro significado da palavra BRASILEIRO. Considerando-a como fato social isolado, a escravatura assoberbou, pela sua importância, a história do Brasil nos seculos, XVI, XVII, XVIII e XIX. E, a maneira pela qual conseguiu a grande República sacudir o jugo do cativo, sem que em seu povo ficasse um rasto de odio racial, constitúe talvez o capítulo mais brilhante de sua história.

As grandes idéas tem o seu período de vóga, da mesma fôrma que a caprichosa indumentaria feminina. A "Democracia Política" viveu a sua idade de ouro mais ou menos pela mesma época em que as palavras "liberdade", "igualdade" e "fraternidade" flamejavam como bandeiras da França revolucionaria. Para emprestar a êsse palavreado um sentido mais real, o mundo contemporâneo tem voltado as suas vistas de preferencia às questões econômicas; vemos então a Russia ver-

melha tentando pôr em moda a teoria de que sòmente os que trabalham é que têm direito à alimentação. Á medida que o seculo XX vae desenrolando o pergaminho do tempo, o TRABALHO adquire uma dignidade de que jamais gosou na história de nossa espécie. Da mesma fôrma que a gravidade — graças a Galileu — veio substituir a crença medieval de que os corpos caíam porque tinham mêdo do vácuo, assim também o preconceito que antigamente vogava, de que o trabalho agrícola era aviltante e as artes manuais eram occupações que só convinham a escravos, deu lugar à convicção de que só pelo esfôrço e pela persistencia é que se consegue construir algo de utilidade e que a cousa mais honrosa dêste mundo é o trabalho honesto ; e poucos são aqueles que marchando à vanguarda do progresso ainda consideram o trabalho uma condenação. Tanto é honroso o trabalho creador de Leonardo de Vinci, ou de Goethe, como o trabalho humilde de João da Providencia, tirando água ao poço ou indo ao mato lenhar. Só o parasitismo é objeto de desprezo do homem hodierno. Ao invés de render obediencia ao preguiçoso que jura “não executar nenhum trabalho manual emquanto conseguir um escravo que trabalhe para si, o mundo de hoje atira sobre êle o mais completo desdêm. O que parece fôra de dúvida é que o castigo mais severo do cativeiro não recaiu sobre o cativo e sim sobre a classe que o oprimia.

Essa verdade é dolorosamente sensível no Sul dos Estados Unidos. No Brasil a escravidão era menos cruel mas, a incidencia da pena foi a mesma em ambos os países. Esta nossa afirmativa assumirá maior relevo na segunda e na terceira partes dêste livro ; reservamos êste fim de capítulo para mostrar porque a escravatura negra era menos odiosa no Brasil que nos Estados Unidos.

Os portugueses são mais daltonicos que qualquer outro povo europeu. De fato, é tão acentuado o seu daltonismo que, quando um lusitano olha para um homem de côr, vê apenas o homem. E' verdade que o mesmo defeito visual encontra-se nos francêses, espanhóis, italianos, judeus e sírios; mas, no portuguêsês esse defeito visual assume proporções notáveis.

A Igreja Catolica é muito mais catolica que qualquer outra igreja cristã. Mas, comquanto lhe tivesse faltado a coragem de afirmar que, se o cativo do índio era um erro, também era crime qualquer outra fórmula de escravatura, pelo menos no Brasil, teve a coragem de dizer que um negro fôrro era um ser humano, livre, que podia atingir, na hierarquia católica, todos os postos a que o seu talento fizesse jús.

O homem do Mediterrâneo é mais displicente que o do Meio-dia ou do Norte da Europa; faz a vida mais fácil, brinca com ela ao invés de carregá-la com a gravidade melancólica com que o faz um Puritano. Os Holandêses, os inglêsés e seus descendentes coloniais, são muito mais exigentes quanto ao trabalho e muito mais crueis para o escravo, que os espanhóis e portuguêsés.

No regime da escravidão, a duração do dia de trabalho era determinada pela da luz do sol. Durante a maior parte do ano agrícola, os dias são sensivelmente mais curtos a 15.º de latitude Sul que a 35º de latitude Norte. Na Virginia, em Junho, às 3-½ da madrugada já é dia e às 21 horas da noite, ainda é dia; em Minas e na Baía, mesmo no verão, antes das 6 da manhã ainda não ha luz suficiente para se iniciarem as atividades agrícolas e, às 19 horas, já é noite.

Esse país de dias e noites iguais, dominado pelo Português daltonico, displicente e católico, precisava de braços. Segundo a filosofia dominante nos seculos XVI

e XVII, trabalho e escravidão eram sinonimos, mas, já se fazia distinção entre o bom e o máu trabalhador; o índio era classificado como máu braço, o Negro era bom. As mulheres, tanto do índio como do Negro, eram igualmente desejaveis aos olhos do português e do caribóca, mas, para fazer dinheiro preferiam o preto. Sendo, porém, muito caros, tanto a concubina como o trabalhador negros, só poude o Brasil entregar-se completamente a êsses luxos, no seculo XVIII, quando o solo de Minas desvendou os seus tesouros auríferos. Antes dessa época, porém, as regras do jogo já tinham sido postas em fórmula escrita e faziam parte dos usos e costumes do povo.

Afim de que o escravo pudesse provêr a sua alimentação, tinha livres os sabados, os domingos e os dias santificados, dos quais havia cêrca de 30 no ano. Quando Portugal reduziu o número de feriados para permitir que o povo se dedicasse melhor às suas occupaões, a medida não atingiu o Brasil para não prejudicar os cativos. A lei (e não era letra morta) dispunha ainda mais, que um escravo poderia pleitear a sua alforria uma vez que pudesse devolver ao senhor o preço por que foi comprado ou importância que fosse considerada razoavel de acôrdo com as cotações do momento. Nos portos, onde os escravos desempenhavam mistêres de ca-traieiros e carregadores, entregando aos respectivos senhores uma certa quantia semanal, tornava-se facil aos mais energicos alforriarem-se em dez anos. Da mesma fórmula que é tradicional, em todos os povos, a festa nupcial, assim também fazia parte das tradições brasileiras o costume de libertar um certo número de escravos por ocasião da morte de algum senhor que desejava fosse a sua memoria venerada como a de homem liberal. Havia ainda um piedoso costume entre os católicos, segundo o qual, qualquer pessoa que entrasse

na igreja no momento em que um filho de escravo era batizado e fizesse um donativo de vinte mil réis, o senhor era obrigado a libertar o recém-nascido. Assim, os latinos magnanimos, não raramente libertavam do cativeiro os bastardos de suas concubinas favoritas. Em verdade, pode-se afirmar que o tratamento que recebiam os filhos ilegítimos dos portugueses formava a mais completa antítese com o desprezo que a esses renegados votavam os Ingleses e Americanos; os lusos, em regra geral, davam-lhes a liberdade; educavam-nos da mesma forma que aos seus filhos legítimos e não creavam obstáculo algum à sua completa igualdade social.

De maneira que, no Brasil, temos que distinguir, desde os primeiros tempos, uma corrente negra fluindo para a cuba imensa da escravatura e uma outra, já não tão escura, extravazando, celere, para unir-se às águas encachoeiradas que corriam em direção à liberdade.

Longe de nós a idéa de diminuir os horrores que mortalhavam essa raça infeliz, mesmo nas melhores condições de então. Cada feixe de ossos coberto de péle, que conseguia chegar vivo ao Brasil, tinha visto morrer pelo menos quatro (em média) de seus iguais durante a tenebrosa travessia, antes que os seus olhos quasi apagados pudessem pousar sobre a majestatica beleza do Rio de Janeiro, ou que o seu magro costado fosse dar à Baía de Todos os Santos: o primeiro havia succumbido quando os apanharam, nas florestas africanas; outro tombara à margem do caminho que das selvas tinham que trilhar até à costa; a peste fizera a terceira vítima nos sordidos currais onde esperavam o embarque; finalmente a sede e a fome levaram o quarto, em meio da indescritivel agonia da viagem. Nunca a humanidade foi submetida a seleção física mais rigorosa; o escravo negro que pudesse deixar o navio por suas

próprias pernas, já dava, com isso, provas da mais extraordinária resistencia. A escravatura foi a mais aviltante das instituições que até então tinha conseguido congregar o entusiasmo e a aprovação de grandes massas humanas. Não obstante tudo isso, o cativo do africano não era no Brasil tão barbaro como na Guiana Holandêsa, nas Indias Orientais Inglesas e nos Estados Unidos. O exercito negro que atendeu ao apelo do sargento recrutador portuguez, occupou posições que não eram de todo perdidas.

Nos dois seculos em que reinou o açúcar como soberano econômico, o negro dividiu com o índio as fadigas da cultura. Quando, porém, surgiu o ouro na arena da economia brasileira, foi o preto que arcou com todo o pêso do trabalho. Cada cesto de terra de que se ia separar o ouro, cada ganga onde brilhava um diamante e todos os milhões de toneladas de terra de que nada se extraiu, foram transportados sobre as cabeças altivas dos africanos. Suportaram, sobre os seus dorsos musculosos, todo o pêso do Império portuguez durante o seculo XVIII, da mesma fórma que por metade do seculo XIX aguentaram a carga do Império Brasileiro.

E tão grandes serviços eram prestados com tamanha lealdade aos seus senhores, que êstes chegavam até a pôr-lhes armas nas mãos! Quando os francêses atacaram o Rio de Janeiro, em 1711, o Governador de Minas acudiu com 1500 cavaleiros e, apenas dois dias depois seguiram-nos, seis mil negros armados (1).

Em 1763, quando os animos entre portuguezes e espanhóes estiveram a ponto de explodir, resa a história que toda a fôrça de Conceição somava 244 homens, dos quais 114 eram escravos negros, armados.

(1) SOUTHEY, III, 123.

Sem dúvida o preto possuía elevadas qualidades para o ambiente brasileiro. Além de um ótimo físico e da pigmentação de sua pele, que o habilitava a trabalhar sem grande sacrifício sob o sol causticante do Trópico, os seus conhecimentos de pecuária eram tais que, provavelmente deu lições ao português. Revelou ainda, — em todas as oficinas de ferreiro da zona aurífera, tanto de Minas como de Mato Grosso, — sua habilidade no trabalho de metais, técnica essa de que o índio nem tinha idéia, antes do advento do africano. Mais uma forte razão para que os brasileiros apreciassem os vigorosos atletas de ebano que lhes extraíam ouro das minas. E porque lhes tinham afeição, designavam um pedaço de terra, nas lavras, de onde, aos domingos, podiam os negros retirar a poeira amarela com que um dia talvez pudessem comprar sua liberdade.

A libertação dos escravos, porém, — como o demonstrou a história americana — não pôde ser consumada por méro ato legislativo, quando a classe dominante de um povo mantém-se na firme disposição de negá-la. Houve tempo em que a idéia de castas foi bem acentuada, no Brasil. Portugal, porém, não tinha população suficiente para adotar o dispendioso regime espanhol, em que tudo se fazia para manter o descendente de castelhano nascido na America (O Creiulo), bem como o mestiço de índio e europeu, em posição de inferioridade com relação ao Europeu legítimo. Muito pouco, porém, havia nas leis portuguesas e menos ainda no sentimento do brasileiro, que concorresse para diminuir o caribóca, o mulato ou o negro fôrro. No começo do século XVIII era vedado aos indivíduos de côr o acesso aos cargos públicos, mas, antes de findar êsse mesmo século, encontravam-se já, no Brasil, padres de côr e até mesmo bispos.

PROPORÇÃO APROXIMADA ENTRE HOMENS LIVRES E ESCRAVOS,
NOS PRIMORDIOS DO SECULO XIX

ANO	PROVINCIA	HOMENS LIVRES			ESCRAVOS		
		Negros	Mulatos	Total	Negros	Mulatos	Total
1813	São Paulo	3.951	44.053	48.004	37.602	10.648	48.250
1804	Goiáz	7.963	15.645	23.608	19.889
1812	Santa Catarina	665	7.578
1812	Paraíba	8.000	28.000	36.000	17.000
				108.277			92.717

A situação de um clérigo em país católico é de tão elevada preeminência que não se pode ordenar um preto sem conferir à sua raça uma certa dignidade.

Pelo início do século XIX, a quantidade de negros fôrros no Brasil orçava mais ou menos pela mesma cifra que a população escrava, e, por ocasião da abolição, a primeira já era muito maior. Quanto à amplitude máxima a que atingiu a escravidão no Brasil, só nos chegaram às mãos avaliações aproximadas e "estimativas oficiais" que são frequentemente adulteradas a propósito. Johnston afirma que em 1835 o número de escravos, no Brasil, era de 2.100.000 (2); Adamson, porém, que foi Consul Americano em Pernambuco, dá, para 1864, uma população negra de apenas 1.707.000 (3). Em 1884, a população cativa era oficialmente avaliada em 3.000.000; como, porém, a idéa da abolição já se achava gravada em largos caracteres no firmamento político do Brasil, é possível que os homens de então tivessem, muito de indústria, exagerado os dados.

Em 1888 a Princesa Izabel, por decreto imperial, aboliu a escravatura e só por êsse ato o seu nome ilustre merece ser entronizado no coração de todos os amantes da liberdade ao lado dos de Lincoln e de Pombal. Da mesma fôrma que as excelsas qualidades do Libertador americano custaram-lhe a vida, assim também a magnanimidade de Izabel custou o trôno brasileiro à casa de Bragança; pois a 15 de Novembro de 1889, a República rompeu a crisalida imperial e pelas azas azues da liberdade, vôou suavemente até ao jardim onde floresciam as primeiras conquistas liberais da humanidade.

A gravidade da molestia extirpada pelas mãos da Princesa Izabel, pôde ser avaliada, pela dura experiência

(2) SIR HARRY JOHNSON, *The Negro in the New World*, (O negro do Novo Mundo), p. 98.

(3) FLETCHER & KIDDER *Brazil and the Brazilians*, (O Brasil e os brasileiros), Apêndice F.

americana. Lincoln libertou 4 milhões de negros, cifra essa bem menor, relativamente à população dos Estados Unidos que os 2 milhões de escravos brasileiros em relação à população do Império. No hemisfério norte o curso da molestia desenvolveu-se em 240 anos; no Brasil levou ela três séculos e meio minando a saúde da grande nação.

Quem conhece os nossos Estados sulinos, sabe que nenhum país se restabelece de uma enfermidade dessa ordem, antes de uma ou duas gerações. Mas, a convalescença que se processa abaixo do Equador é muito mais suave que a do Norte. Nos Estados Unidos o doente conserva ainda um odio surdo ao descendente do escravo; no Brasil o que se nota é o esquecimento do cativo. No primeiro caso o negro continúa sendo um estrepe fincado nas carnes de um povo que lincha, queima e expulsa de seu seio o antigo escravo, tudo fazendo por conservar sempre sangrando, o cancro social do cativo; o acolhimento que ao escravo liberto proporcionou o Brasil em seu meio social, tornou-se, em uma única geração, total sincero, magnifico! Hoje, em 1926, os únicos escravos que ainda existem no país são os lacaios indígenas do sertão, mas, entre os civilizados, o número é ainda grande dos que se mantêm jungidos à idéa de que o trabalho avilta.

§ 10. A POPULAÇÃO RESULTANTE

Tal tem sido até agora o processo de colonização dos continentes. Através da America Latina, o ibero caldeou livremente o seu sangue com o do índio, mas, ao Norte do Mexico, os colonos foram enxotando o aborigene para longe, até que ficasse encurralado de vez em suas reservas territoriais. Com exceção da Argentina e do Urugual, onde a população é nitidamente branca, o

grosso da população hispano-americana é de mestiços de iberos e indígenas. Na America portugueza, o negro constitui corrente etnológica de importância igual às outras duas. No Brasil, a miscigenação do europeu com o asiatico-americano processa-se ha mais de quatrocentos anos, mas a fusão de ambos com o africano, desenvolveu-se principalmente nos dois últimos seculos.

O caldeamento não foi tão completo no Brasil a ponto de não mais se encontrarem quantidades apreciaveis de portuguezes, índios e negros sem mescla e também de se terem dissipado completamente os preconceitos de cor e de casta ; a rapidez, porém, com que se verifica a mestiçagem é tal que se pode prever o seu termino para daqui a cinco ou seis gerações. Esse mesmo período de tempo será suficiente para que se dê a assimilação completa dos povos Mediterrâneos que por tão grandes parcelas ultrapassaram o elemento portuguez, na imigração do seculo XIX, pois, hoje em dia, a não ser do ponto de vista linguistico, já constitui impropriedade referir-se ao Brasil como sendo a America portugueza.

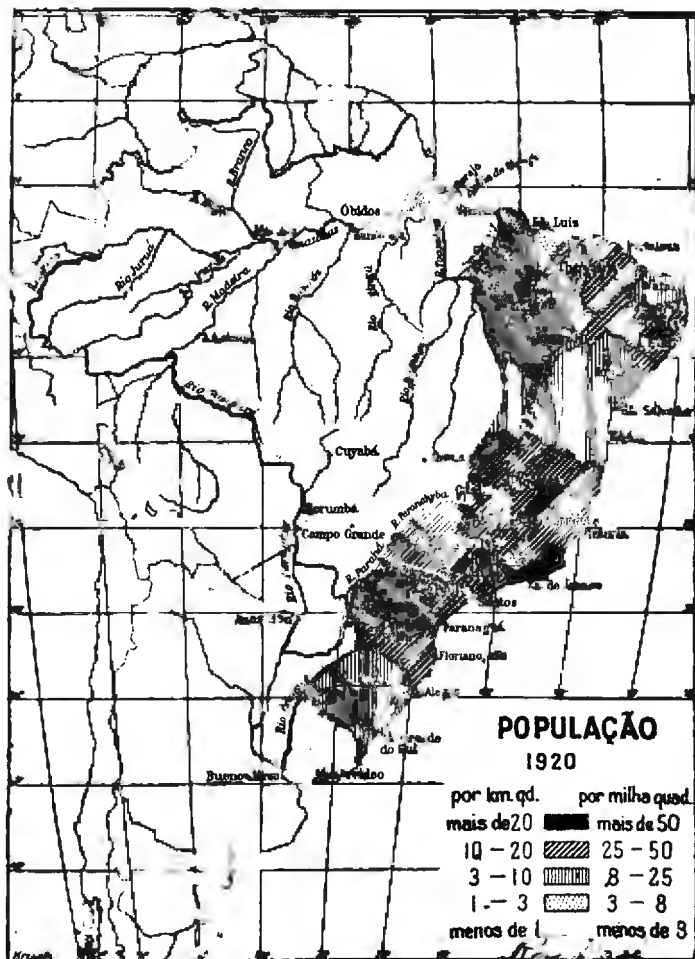
Como cadinho de fusão, o Brasil atinge a temperaturas ainda mais elevadas que os Estados Unidos. Os únicos elementos que ainda não estão completamente assimilados são os núcleos europeus estabelecidos fóra do alcance das labaredas nacionalizadoras de seu povo e os japonêses, cuja imigração é por demais recente para que já tenha exercido qualquer influencia racial no país. Numericamente, porém, como já tivemos ocasião de demonstrar, os Europeus do meio-dia, os Inglêses e os Asiaticos, cujo ponto de fusão talvez seja mais elevado que o de outras raças, constituiram apenas 7% da imigração do seculo XIX e estão longe de constituir ameaça à unidade social da nação. E agora podemos, sem receio, dizer um adeus aos elementos etnicos que passamos em revista e saudar a nova "raça" de brasileiros em que se amalgamaram.

POPULAÇÃO BRASILEIRA EM 1920

ESTADOS	POPULAÇÃO	AREA em Kms2	DENSIDADE por Km2
Distrito Federal. . .	1.157.873	1.167	922,10
Rio de Janeiro. . . .	1.559.371	42.404	36,77
Pernambuco.	2.154.835	99.254	21,71
Alagoas.	978.748	28.571	34,25
São Paulo.	4.592.188	247.239	18,57
Santa Catarina	668.743	94.998	7,03
Parafba do Norte . . .	961.106	55.920	17,18
Ceará	1.319.228	148.591	8,87
Sergipe	477.064	21.552	22,13
Minas Gerais	5.888.174	593.810	9,91
Espírito Santo	457.328	44.684	10,23
R. Grande do Norte	537.135	52.411	10,24
Rio Grande do Sul.	2.182.713	285.289	7,65
Baía	3.334.465	529.379	6,29
Paraná	685.711	199.897	3,43
Piauí	698.003	245.582	2,84
Maranhão	874.337	346.217	2,52
Pará	983.507	1.362.966	0,72
Goiaz.	511.919	660.193	0,77
Territorio do Acre	92.379	148.027	0,62
Amazonas.	363.166	1.825.997	0,19
Mato Grosso	246.612	1.477.041	0,17
	30.635.605 (*)	8.511.189 (*)	3,59

(*) Os dados acima foram extraídos do Anuário Estatístico do Brasil, de 1937. (Nota do Trd.).

O Brasil tentou quatro recenseamentos de sua população que acusaram: em 1872, 10.000.000, em 1890, 14.000.000, em 1900 17.000.000 e em 1920, 30.000.000. O diretor do recenseamento de 1920 declarou que êsse foi o primeiro executado com alguma exatidão — aviso



êste que os estudiosos devem sempre levar em linha de conta (1). Na época em que escrevemos, os únicos resultados publicados são os que constam da brevíssima sinopse publicada em Abril de 1922, mas, dentro em pouco tempo teremos estatísticas demográficas completas. E' de esperar-se que daqui por deante estabeleçam-se recenseamentos decenais, pois enquanto não se publicarem diversas estatísticas exatas, pouco poderão os sociólogos dizer com relação aos fenômenos, sem dúvida interessantes, que o estudo da população brasileira ha de revelar.

Nada ha de mais desigual que a distribuição da humanidade sobre a crosta terrestre. Brunhes calculou o total da população do globo, em 1910, em 1.665 milhões de almas. Os 30 milhões do Brasil constituem ainda menos de 2% daque'a cifra, enquanto que a sua area monta a 5,5% da superficie terraquea que se eleva acima dos mares. A densidade de sua população é a perfeita antitese da que se encontra na India e na China, essas "massas humanas cimentadas pe'o tempo, contra as quais se aniquila o embate das guerras, das epidemias e da fome" (2).

Se puzermos de lado os Estados em que impera quasi que exclusivamente o sertão — Mato Grosso, Amazonas, Acre, Goiaz e Pará, onde a média de população por kilometro quadrado é inferior a uma pessoa; e os Estados de Maranhão, Piauí e Paraná, onde essa cifra é inferior a 3 — o Brasil civilizado ficará reduzido à orla que descortina o azul do Atlantico. Si, do Sul

(1) O recenseamento de 1920 foi, não só o que obteve melhor exito, mas ainda o único que, de fato, registrou, com a possível exatidão, a totalidade dos habitantes existentes no vasto território do Brasil — BULHÕES CARVALHO, *Sinopse do Recenseamento Realizado em 1 de Setembro de 1920*.

(2) JEAN BRUNHES, *Human Geography* (Antropogeografia) pp. 64, 70.

do Ceará se tirasse uma linha paralela à Costa e dela distante cêrca de 300 milhas, em direção austral, essa faixa abrangeria a maioria da população brasileira. Aí a densidade melhorou bastante após a dispersão em busca do ouro, porque a imigração do seculo XIX instalou-se, de preferencia nos Estados litorâneos e em Minas. Nessa zona é que todo o mundo espera sejam organizadas as fôrças que no futuro hão de conquistar e civilizar o sertão.

CAPÍTULO V

ANNO DOMINI 1926

AINDA é magnífico ser Papa no [ano 1926 de Nosso Senhor Jesus Cristo,

- comquanto ninguém mais considere a terra como o centro do Universo ;
- apesar de Darwin e Wallace, os imaginosos infieis, terem arrancado a árvore genealógica da humanidade que vicejava e florescia nos jardins do Eden ;
- não obstante terem sido as Cruzadas estigmatizadas pela história, como incursões rapaces dos cristãos contra os filhos do Islam ;
- a despeito de passar a Inquisição a ser execrada como qualquer outra instituição atentatoria da integridade humana ;
- muito embora tenham sido castigados os Jesuitas pelo crime de confundirem o poder espiritual com o temporal ;
- posto que mais de metade do mundo cristão se tenha agrupado ao lado de Lutero, o monge dissidente ;
- e ainda que a efígie da Cruz não tenha conseguido implantar a Fé no coração da Asia.

A monarquia, porém, foi inteiramente despida de seu esplendor original e solapada em sua segurança. O Rei

das Espanhas é um dos poucos que ainda restam na Europa ; apesar de jovem, viu ruirem as corôas reais da Alemanha, da Austria, da Russia, da Turquia, e da Grecia. O Rei de Portugal... ah! não ha mais rei em Portugal. A origem divina do poder foi posta de lado para sempre, mas, a Confederação Suissa que no princípio de nossa narrativa tinha ha pouco adotado a fôrma republicana, continúa sendo ainda hoje, a cidadela inexpugnável dos postulados democráticos.

O espostejamento da Etiópia foi consumado. Mãos brancas em cujas garras corpos negros em vão se retorciam, agarraram cem milhões de africanos e repartiram seu continente entre as potencias europeas.

Em 1926, os índios nus que antigamente, reclinados em suas rêdes, ao longo do anfiteatro amazônico, podiam fumar calmamente o seu cachimbo, sabem já, por durissima experiência que 1500 foi o ano de sua condenação.

Portuguêses, Negros e Índios, além dos povos Mediterrâneos e do meio dia da Europa e da Asia que alcançaram o Brasil durante o seculo XIX, fundiram-se, caldearam-se, cruzaram-se, amalgamaram-se, formando a Nação Brasileira com 30 milhões de habitantes. Realizou-se o ideal pombalino de um povo que pairasse acima do odio racial e do preconceito das castas. Com exceção das colonias portugêsas na Africa, o Brasil é o único país do mundo onde a miscegenação entre europeus e africanos vae-se processando livremente sem o empecilho das leis e sem as barreiras dos costumes. Mais que em qualquer outra nação do globo, a amalgama entre as mais variadas famílias humanas vae ali elaborando o significado real da palavra "igualdade" da França Revolucionária e da "solidariedade humana" das classes proletárias e dos filosofos de antanho. O destino erigiu no Brasil um vasto laboratório social que ha-de um dia revelar ao mundo o verdadeiro

sentido da palavra “raça” e confirmar ou desmentir de vez a superstição de que a fusão de correntes humanas apartadas por grandes diferenças étnicas implica em degenerescência da espécie.

Se falhar a experiência brasileira, os que se alarmam ante a “maré enchente da côr” e vêem o “perigo amarelo” avolumar-se no Oriente, tomarão tal fracasso como poderoso voto de confiança em favor de sua têsese. Se, pelo contrário, o Brasil conseguir edificar a civilização mais apurada que jamais tenha florescido em clima quente, civilização que lhe permita ombrear com as melhores das zonas temperadas que agora arrogam-se em senhoras do universo, uma crescente convicção ha-de, com o tempo, apoderar-se do espírito humano de que o cruzamento entre os ramos mais dispares da humanidade, não produz efeito mais desastroso que a mistura dos vários cursos que formam os grandes caudais. Aguas barrentas, cursos sombrios, linfa clara e transparente, casam-se, fundem-se, misturam-se para formar o Amazonas majestoso ; e todos os rios da terra despejam o poderío de suas águas no azul profundo do oceano.

LIVRO II

PONTOS ESSENCIAIS
DE
ANTROPOGEOGRAFIA

CAPÍTULO VI

HABITAÇÕES DO BRASIL RURAL

QUE probabilidades tem o brasileiro de ultimar essa conquista de si próprio, ao meio que o cerca?

A primeira etapa que teremos a vencer antes de tentarmos responder à interrogação acima, será o exame de seu estado atual. Existem fórmulas estabelecidas de se confeccionarem amostras de café e de cacáu, mas, não sabemos de nenhuma que nos proporcione a de uma nação. Si se medisse a civilização da antiga Grecia pela sua produção artistica, ter-se-ia que lhe dar uma classificação por demais elevada; se tomássemos como referencia a condição de seu povo, cairíamos em exagero oposto. Póde o país dispôr de um banheiro em cada casa, como os Estados Unidos, e ser inferior nas qualidades espirituais e no "savoir vivre" que caracterizam alguns povos latinos. O conjunto de pontos que Jean Brunhes assinalou como essenciais, na antropogeografia, demarca, todavia, com certa precisão os sinais mais evidentes da conquista a que nos referimos. Será êsse o paradigma que teremos em mira na descrição a que vamos proceder, antes de examinarmos alguns indícios menos evidentes da civilização e do bem-estar do povo brasileiro.

E' a seguinte a fórmula pela qual Brunhes observa o campo a estudar. (1) Supondo que o observador se ele-

(1) *Human Geography* (Antropogeografia) por JEAN BRUNHES (trad. T. C. le Compte, ed. Isaiah Browman e R. E. Dodge; Chicago, 1929), pp. 46-52.

vasse em um balão sobre determinada região, quais os indícios da obra humana que mais de pronto lhe impressionariam a retina ou a chapa fotográfica? Em primeiro lugar, indivíduos movimentando-se como formigas sobre a crosta terrestre, agrupando-se nas cidades, espalhando-se pelo campo, desaparecendo dentro das matas. Foi sobre o homem que focalizamos o nosso interesse no decurso do LIVRO I. Ainda que êle estivesse inteiramente fóra do alcance visual do observador haveria sinais inequívocos de sua presença. Mais distintamente que os homens que as construíram, nos impressionariam à vista as suas moradias de telhado vermelho ou tétó pardacento. De uma casa à outra correm sulcos de terra, batidos pelos pés descalços: são caminhos. Além, linhas paralelas cavadas pelos cascos dos animais de tiro: as estradas. Depois, fios de aço, reluzentes: as ferrovias. A vastidão marinha; longos trechos de rios navegáveis; canais; portos, cáis e comportas que facultam o completo domínio das estradas líquidas. Casas e estradas; essas são as principais aplicações improdutivas do solo, sacrifícios de area que o homem faz ao transporte e à moradia. Á margem das estradas ou no fim dos caminhos, cercados pelo mato, outros indícios da atividade humana nos impressionariam à vista ou se fariam imprimir sobre o negativo fotográfico. Nos suburbios do Rio, verseiam retângulos simétricos atapetando as baixadas. Sobre o planalto paulista, fileiras sem fim de árvores alinhadas e sobre elas o véu nupcial da florada ou o manto vermelho das cerejas maduras. Nas florestas da Baía e do Pará, o amarelo dourado do cacáu contra o fundo vermelho escuro das folhas novas. Nos vales Mineiros, a cabeleira fulva dos milharais maduros; sobre as planícies litoraneas a macia ondulação dos canaviais; nas Colonias germanicas, longos sulcos recentes de arado; na órla das matas, a faixa negra das últimas

queimadas. Jardins, plantações, pequenas culturas. Marcos do domínio humano sobre o mundo vegetal.

Mais além, as culturas cedem lugar às manadas, aos rebanhos e às varas de suínos que pastam na planície. Em Minas, Goiás e Mato-Grosso, movem-se grandes boiadas de longos chifres que se destinam às invernadas de São Paulo. Sobre os pampas do Rio Grande do Sul, bandos de éguas reprodutoras, manadas de "Hereford" e "Red Polled", alvos rebanhos de lanígeros. No pantanal, ao longo do Paraguai, vaqueiros descalços perseguem furiosamente, de laço em punho, a rez que foge como corsa assustada. Em cada pequena povoação desembocam fileiras de cargueiros, transportando a produção dos campos. Pelas caatingas do Ceará, os caprinos vorazes vão tozando o broto à vegetação rasteira. Nas pastagens alagadiças de Marajó, um boi puxa displícemente uma canôa atada à cauda. População animal muito mais numerosa que a humana mas, como a agricultura, subordinada à sua vontade. Animais domésticos e campos lavrados; a conquista do homem sobre os reinos vegetal e animal. Aplicações produtivas do solo.

Agora a economia destrutiva. Especialmente em Minas Gerais, o nosso olhar esbarra em grandes cicatrizes na lombada dos morros; longos sulcos serpeando pela encosta; largas zonas onde a terra e o cascalho foram revolvidos e remexidos, lavados e separados pela ganancia do homem à procura de ouro e diamantes. perto de Itabira do Mato-Dentro vêem-se inúmeros engenheiros estrangeiros colhendo amostras do minério ferruginoso das montanhas. Próximo a Carangola, notam-se escavações de onde se retira incessantemente a mica. Em Santa Catarina, outras feridas de onde se extrai o carvão. "Devastação econômica", o que os alemães chamam "Raubwirtschaft". De um mesmo lugar po-

dem-se colher cebolas através dos meses e dos anos ; mas, ouro e carvão só de extráem uma única vez do sub-solo.

Por último restam certos atos cuja impressão sobre a chapa fotográfica seria insignificante, mas cujo efeito visto de conjunto torna-se sensível e profundo. Atos violentos, rapidos e pinturescos. A queimada da floresta, a colheita do latex, o lançar das rêdes, a apanha dos ovos de tartaruga ou do mel selvagem e a caça à egret. Átos aliados à conquista do mundo botânico e do mundo animal mas de efeito oposto aos primeiros. Não a produção ou a reprodução, mas a destruição da vida, pura e simples.

Brunhes considera essenciais êsses seis pontos da antropogeografía : casas e caminhos ; campos lavrados e animais domesticos ; à exploração mineral e a devastação da vida tanto no reino vegetal como no animal. O aproveitamento improdutivo do solo, a conquista do mundo vegetal e da vida animal, e, finalmente a economia destrutiva. Em seu conjunto, êsses fatores talvez retratem perfeitamenté a civilização material brasileira, cem anos após ter conquistado à metropole sua independencia politica.

HABITAÇÕES DO BRASIL RURAL (I)

Sobre o selvagem como sobre o estadista, sobre o viandante sem têtó, nos confins do interior, como sobre a criança, em berço de sêda, sobre o cocheiro londrino como sobre o tropeiro brasileiro, Morfeu, o deus do sono, abre indistintamente as suas azas tiranicas.

(1) Este capitulo foi publicado em primeira mão na *Revista Geografica* (Nova York), Julho de 1923.

Apesar da guerra que no Congo lhe movem com a castanha da kola, ou nos casinos dos grandes centros, por meio do café, da musica e do jogo, ainda assim, incapaz de fugir completamente do seu poderoso domínio, o homem, em todas as latitudes, vê-se forçado a procurar proteção para sua vida e saúde contra os rigores do tempo ou a sanha de seus inimigos, emquanto o sono lhe cerra as palpebras, como um longo mergulho na morte.

Os geógrafos aplicam a palavra "habitação" para designar as varias fórmias de moradia do homem; como, porém, sòmente as casas da zona rural e as habitações isoladas são as construidas com os materiais que lhes faculta o meio, e, portanto, as que melhor evidenciam a dependencia em que se acha o homem, das condições geográficas que o envolvem, abster-me-ei neste capítulo, de tratar das cidades brasileiras. Todos os que viajam pela America do Sul conhecem bem o Rio de Janeiro, a Baía, Santos e São Paulo; poucos são, porém, os que conhecem o interior.

Palhoças de Folhas de palmeira

Mergulhemos por um momento nas bastas matas virgens da foz do Amazonas e visitemos uma das muitas choupanas feitas de fôlhas de palmeiras que margeiam o Furo de Brèves. Algumas estacas que elevam o piso acima do charco, três paredes de palmas entretecidas e um ligeiro tétio de palha; entretanto, para o seu morador isso é o seu lar. Apenas um abrigo contra as intemperies fustigantes daquelas latitudes bravias. Um logar onde guardar os seus miseraveis tesouros; lanças, rêdes, facas etc. Aí mesmo, porém, oferece hospedagem ao amigo que passa em sua montaria ao lon-

go do caudal. Num rustico fogão crepita a chama vivaz onde prepara o café aromático e aloira o peixe quasi vivo, de tão fresco. E' aí que sua companheira o espera ao pôr do sol; aí nasceram os seus pimpolhos morenos e aprenderam sorrir; é aí que na hora triste do crepusculo plange o violão aos seus dedos calosos. E' a palhoça que o vela enquanto êle dorme.

E' êsse o tipo corrente de moradia no vale amazônico, anualmente alagado pelo amplexo hídrico do gigante potamico: méros esqueletos erguidos sobre estacadas e rodeado de uma espécie de esteira tecida com folhas de ubussú ou assaí. A parte externa do tronco desta última tem a consistencia do chifre, e, por isso, cortada em longas tiras é usada, ao longo do Tocantins, à guisa de parede e de assoalho.

Lá pelas cabeceiras do Amazonas, os índios constróem "malócas", grandes habitações coletivas onde se abriga toda a tribu coletivamente, como já tivemos ocasião de descrever em capítulo anterior. (2) Em tempos pretéritos encontravam-se construções semelhantes desde a Colombia até o Paraguai e ao Poente do Rio de Janeiro. As malócas das cabeceiras do Amazonas representam a amplitude máxima a que atingem as palhoças do interior brasileiro. No outro extremo da escala apparecem os abrigos temporarios que se encontram em Mato Grosso. Quando o matuto tem que acampar no mato para uma breve estada, como o fazem os seringueiros durante boa parte do ano, levantam pequenos abrigos que podem ser construidos no curto espaço de uma hora mas que duram vários menses.

Era a palhoça nas suas mais variegadas fórmãs que existia no Brasil antes da invasão Portuguêsa.

(2) Fotografias e plantas da malóca do alto Amazonas, constam, por exemplo, do trabalho de THOMAS WHIFFEN'S *O Nordeste amazonense*.

A choupana de barrote

A grande maioria das habitações do Brasil rural, é construída de barrote; o gaúcho que tange o gado no Rio Grande do Sul, o matuto que abre as suas rôças nas zonas florestais do Planalto Central e ao longo do litoral, o sertanejo que luta contra o clima hostil da região que se estende do Norte de Minas até à costa do Maranhão e do Ceará e mesmo o caboclo que se agrupa nos vilarejos esparsos da bacia amazônica, todos constróem o mesmo tipo de casa. "Refúgios construídos do mesmo barro triste das montanhas" são tão próprios do Brasil como do baixo Egíto.

É possível que, de uma fórmula ou de outra a choupana de barrote já fosse conhecida e adotada pelos aborígenes, antes do advento do Português. Existia em certas partes da América. A armação de caniços coberta de argamassa, por exemplo, era característica da zona onde dominava a cultura Chibcha. Apesar disso, porém, o tipo atual de cabana, parece ser filho da civilização portuguesa. Choças de barro foram sempre encontradas na Península Ibérica e às margens do Mediterrâneo (3).

(3) Também era comum na Inglaterra medieval: "As choupanas dos camponeses são construídas de junco ou de caniços recobertos com barro. Seu fogão não tem chaminé" (DRAPER, *Desenvolvimento intelectual da Europa*, II, 230). A mais remota referência à choupana de barrote, que conseguimos encontrar foi em uma carta escrita a Loiola pelo grande jesuíta Anchieta, em Agosto de 1554:

"De Janeiro até o presente tempo permanecemos, algumas vezes mais de vinte, em uma pobre casinha feita de barro e paus, coberta de palhas, tendo quatorze passos de comprimento e apenas dez de largura, onde estão ao mesmo tempo a escola, a enfermaria, o dormitório, o refeitório, a cozinha, a dispensa; todavia, não invejamos as espaçosas habitações, de que gozam em outras partes os nossos Irmãos, pois N. S. Jesus Cristo se colocou em mais estreito lugar, e dignou-se nascer em pobre mangedoura entre dois brutos animais e morrer em altíssima cruz por nós".

Pode parecer estranho que uma construção tão efêmera como a choupana de barro tenha conseguido manter os mesmos característicos gerais através dos séculos, em um país onde existe maior quantidade de madeiras para construção que em qualquer outra região do globo. Ao felah do Delta do Nilo falta tudo quanto é necessário para a construção de uma sólida moradia; mas, o brasileiro tem em abundância, pedra, madeira, cal e combustível com que queimar tijolos. Qual será, portanto o motivo, senão a tremenda força da tradição?

Uma razão é evidente. Ainda hoje, só dois, em todo o Brasil, são os estabelecimentos que poderiam ser classificados por um madeireiro norte-americano como serrarias modernas. As taboas que se consomem no interior do país, são, em sua maioria, serradas à mão, com serra-chicote, como ha séculos passados. E a madeira assim preparada torna-se caríssima, pela mão-de-obra.

Por outro lado, nada é mais fácil de construir que uma choupana de barro. Fincam no chão quatro esteios principais e mais dois para sustentar a cumieira, depois assentam os caibros. Se não podem usar prégos por serem caros, o mato está cheio de cascas flexíveis, embiras e cipós que constituem bons amarrilhos. A floresta fornece ainda as longas varas que p'antam em posição vertical, do chão até a altura do tétó, a um palmo de distância uma da outra, bem como as mais alongadas que se vão entrelaçando às verticais de maneira a formar uma espécie de xadrez com quadros de cinco a seis polegadas. Essa armação é então cheia com barro de boa qualidade, de maneira a formar uma parede que, depois de bem sêca, adquire consideravel resistencia.

A cobertura da casa constitúe problema bem mais delicado e difícil. O felah de Luxor, pode passar sem tétó em sua casa; mas, até o sertanejo do Ceará, que

vive em uma zona martirizada por tremendas secas, têm que se precaver contra os aguaceiros periódicos. Os tétos de folhas de palmeira ou de palha, que vimos no Amazonas, encontram-se nos tipos mais rudes de choupanas de barro, pelas circunvizinhanças de quasi todas as cidades e habitações isoladas do sertão; o caboclo brasileiro, porém, que se dedica a trabalhos agrícolas, já constrói teto melhor. Toma o barro, amolda-o no ôco de um tronco, queima-o em um forno primitivo e cobre sua casa com telhas em forma de calhas. Estas, da mesma forma que o barro das paredes, são sustentadas por uma armação de madeira. Os telhados, no interior do Brasil têm geralmente duas águas e pouco declive, mas, encontram-se também telhados com quatro águas.

Soque-se bem a terra sobre que está assente essa estrutura e ter-se-á uma construção ideal para uma tartaruga: em baixo, barro socado, aos lados, argamassa de barro, por cima, barro queimado. E, nem foi necessário ferramenta alguma para a construção dessa casa a não ser o facão que todo o caboclo trás pendurado à cinta. Encontram-se às vezes povoações inteiras onde as casas são tão miseráveis como as que descrevemos e assim ficam indefinidamente, sem acabamento.

Essas casas rusticas, do interior têm, em geral, um só comodo, uma unica porta e só uma janela. E' comum, porém, terem divisões internas constituindo pelo menos três comodos; em quasi todas, excéto as mais miseráveis, as paredes são alisadas emquanto humidas. Uma cousa tão simples: uma superficie lisa e dura em lugar de uma parede rustica, cheia de rachaduras. Entretanto a diferença entre ambas pode ser a que vae entre a vida e a morte, como veremos logo adiante.

À medida que crescem os recursos econômicos do proprietario, êle vae aos poucos procurando embelezar e melhorar a sua vivenda. Em primeiro lugar trata de

pinta-la de azul, rosa, verde ou, em geral, de branco. Depois vem uma varanda, por estreita que seja, aumentar o conforto e quebrar um pouco a aparência de caixa que em geral têm essas casinhas; e, quando o proprietário consegue dinheiro para lançar o assoalho, tem quasi atingido o seu ideal

A sua aspiração máxima, porém, só a consegue atingir com o emprego de azulejos revestindo o exterior das paredes. E não ha como saber porque êsse sistema de acabamento é mais comum justamente de Maceió até São Luiz do Maranhão, i. e., na região em tempos ocupada pelos holandêses. Trata-se evidentemente de um legado mouro à Península Iberica. Os azulejos, como acabamento e como decoração, foram especialmente empregados nos países de civilização arabe — regiões aridas onde o barro sêco constituia o principal material de construção.

"De fato pode-se afirmar que os trabalhos em azulejo constituem o mais remarcado caracteristico da construção portugueza... Pelos fins do seculo XVIII parece que o azul tornou-se a côr predileta de todas as decorações e assim é que, principalmente no Porto, adotaram-se azulejos para recobrir as paredes de alvenaria nua, das igrejas e predios residenciais, atingindo ás vezes até às cupulas e os zimbórios" (4) Esses azulejos portuguezes são largamente usados nas construções da região Nordeste brasileira.

Além disso, o amontoado de abacaxis dourados, bolas de vidro colorido, repuxos exóticos, passaros fantasticos feitos de barro ou de gesso e colocados nos cantos ou nas cumieiras das casas, constitue um verdadeiro horror. No seu caráter efemero, tais habitações têm a sua principal virtude e de fato, não é pena que êsses aleijões arquitetônicos não durem tanto quan-

(4) W. C. WATSON, *Arquitetura Portugueza* (Londres 1908) pp. 22 e 28.

to as moradias de pedra do camponês bretão. Acreditamos que uma casa de cinquenta anos, nas povoações do interior, constitua verdadeira raridade.

Ha porém outro tipo de construção de barro que predominou ha cêrca de cem anos e cuja durabilidade, em alguns casos excedeu de dois seculos. E' feita por sistema inteiramente diferente e torna-se muito mais resistente que o barrote. Constroem-se formas de madeiras, iguais as que se adotam nas modernas construções de cimento armado, onde se vae socando a terra humedecida, em camadas, até atingir a altura desejada — algumas vezes dois e três andares. Depois das paredes estarem perfeitamente sêcas, são elas alisadas e pintadas da mesma fôrma que as das choupanas de barrote. Encontram-se ainda hoje no Brasil, mosteiros e igrejas de taipa construidas em fins do seculo XVII.

Como termo médio entre a choupana de um comodo único e paredes rusticas e os conventos de paredes grossas construidas da mesma fôrma que o aterro de um açude, a primeira com duração de dois a três anos e o segundo de igual número de seculos, continúa a cabana de barrote, renovada sempre, mas, sempre fiel ac seu padrão original, amoldada à tradição e ao meio ambiente, a servir de têtto e agasalho a, pelo menos, vinte milhões de brasileiros humildes. E' essa a construção que se encontra desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul e desde Pernambuco até os lindes bolivianos.

Natureza anti-higienica da parede rustica de barrote

Se descrevemos a choupana de barrote de fôrma pouco lisongeira, nisso não vae nenhuma falta de respeito aos seus moradores, de cuja hospitalidade simples

e generosa, por diversas vezes nos valem. Existem, porém, razões fortes para se condenar êsse tipo de construção adotado nos lares de milhões de brasileiros, pois, é aí nêle que se aninha o celebre "barbeiro", — inséto domestico que prolifera nas trincas do barro resequido que fórma as paredes dessas habitações primitivas e na casca da burití — e que produz o terrível flagelo a que se denomina molestia de Chagas. Falando das três peores molestias endêmicas do Brasil o Dr. Belisario Pena, atual chefe do Serviço de Profilaxia Rural (do Departamento da Saúde Pública) assim se exprime :

"De todas a mais grave por ser incuravel, contraída na infancia, responsável por elevada mortalidade e por numerosos casos de invalidéz permanente, a molestia de Chagas, a doença do barbeiro, flagela a população de mais de setenta municípios do Estado de Minas Gerais. Calculo que 25% da população do Estado (Minas) seja afligida ou esteja mesmo impossibilitada de trabalhar por causa dessa molestia. E' encontrada através de Goiaz, em vastas regiões do Maranhão, Piauí, Baía, Mato Grosso, em alguns pontos do Estado de São Paulo... E' grande o número de obitos de causa cardiaca, nas zonas infectadas; indivíduos que morrem de colapso em todas as idades, mesmo em plena mocidade. A fórma nervosa da molestia de Chagas, constitue outro aspecto de extraordinária importância social. Abrange dezenas de milhares de monstros, físicos e mentais disseminados pelo interior do país...

Curral d'el Rey, depois do advento do flagelo, tornou-se um povoado de papudos, coxos e idiotas onde se encontravam focos de barbeiros em todos "cavodás" e trincas das velhas casas de barrote. Uma vez destruidas estas e substituidas por habitações higienicas tanto o inseto como a tripanosomiasis americana, desapareceram completamente, em todas as suas fórmas...

Ide a Sete Lagoas e Curvelo. Nas residencias dos mais abastados, que vivem em prédios cobertos de telhas e bem caiados, não se encontram nem o barbeiro e nem a molestia. Ambos são, porém, encontrados nos suburbios onde abundam as cafúas, casas sem roboco nas paredes" (5)

(5) Conferencias (Rio de Janeiro, 1919) pp. 78-83.

O mundo científico deve ao Dr. Carlos Chagas, o atual chefe do Departamento da Saúde Pública, a identificação da molestia e sua etiologia (6)

Casas de Pedra

Que alívio quando se chega a uma localidade cujos recursos naturais facultaram aos seus habitantes a substituição do barro pela pedra, como material de construção! Diamantina, o centro da zona diamantífera de Minas, repousa sobre uma região montanhosa quasi inteiramente desprovida de madeiras de construção, a tal ponto, que, por cêrca de 12 leguas em redor, torna-se difícil encontrar até mesmo os finos caibros que geralmente se empregam no barrote. Em compensação existe grande quantidade de pedra pelas circunvizinhanças, e, por essa razão toda peculiar ao local, quasi todas as casas velhas da localidade foram construídas com êsse material. Muitos predios de dois e três andares, velhos remanescentes de mais de um seculo, emprestam ainda ao logar um aspecto pinturesco cujo encanto aumenta com o perpassar dos anos. Infelizmente,

(6) A molestia é causada por um tripanosoma — *Schizotripanum Cruzi* — de que é portador o *Triatoma megista* (da família dos Reduviidae) vulgarmente conhecido pelo apelido de Barbeiro. A molestia parece desenvolver-se em condições peculiares e a sua distribuição geográfica é mais ou menos restrita. Fóra do Brasil foi ela encontrada em duas localidades da Venezuela, em S. Salvador e nas florestas orientais do Perú, junto à fronteira brasileira. As primeiras observações do Dr. Chagas foram feitas durante os trabalhos de profilaxia da malária, na Central do Brasil, em 1907, chefiados pelo Dr. Oswaldo Cruz, nome assaz conhecido pelos seus trabalhos referentes à febre amarela. Vide M. NEVEU-LEMAIRE; *Notas de geografia médica*, capítulo relativo à molestia de Chagas ou schizotripanose americana, *La Géographie*, Vol. 35 (1921), pp. 27/35.

porém desde a construção da estrada de ferro, vem-se notando o gradual desprezo da pedra.

¶ Penedo, situado à margem do Rio São Francisco, no Estado de Alagoas é outra cidade de pedra, construída sobre terreno de areia amarela e fina. Deve haver ainda algumas raras construções de pedra espalhadas por esse vasto país — e de fato encontramos um abrigo provisório feito desse material, à orla da floresta, na Serra Caparaó, linha limítrofe entre Minas e Espírito Santo. A grande maioria do agricultor brasileiro, porém, como o norte-americano, evita o material durável em suas construções, como quem foge de peste.

Paredes de esteira

Às vezes até mesmo caniços tecidos em forma de esteira, servem de parede para abrigos temporários como os que se erguem à beira dos grandes campos de construção, americanos, no Ceará. Apesar de ser esse tipo de moradia mais conveniente para um clima quente e seco que a cabana de barro, numa zona, porém, de severo regime torrencial, oferece abrigo por demais precário aos seus ocupantes. Este tipo de construção de paredes de esteiras, coberta com palha, encontra-se nos mais variados sítios, mas, numericamente, não é importante.

Casas de turfa

Da mesma forma que as estepes russas deram origem à *ibsa*, feita de turfa, e as Grandes Planícies Norte-Americanas à construção feita de torrões, assim também os pampas do Rio Grande do Sul produziram tipo semelhante de cabanas. Espalhados pela fronteira uruguaia onde a madeira é escassa, encontram-se abrigos

de gaúchos construídos com o empilhamento de blocos de turfa apanhados nos campos. Em nenhum outro lugar do Brasil pudemos ver essa espécie de construção, e, mesmo no Rio Grande do Sul, não se pode dizer que seja comum.

Casas de madeira

Um pouco além de Passo Fundo, quem viaja do Rio Grande, em direção ao Norte, penetra nas grandes florestas de pinho do Paraná (Araucária) que revestem o planalto de Santa Catarina e Paraná. Essa é a região da casa de madeira; do mesmo modo que, ao longo dos cursos fluviais, a mata virgem projeta-se ainda mais para o Sul, assim também a floresta projetou as casas de madeira pelas planícies do Rio Grande. A vista do primeiro rancho de gaúcho feito de pranchas de madeira e coberto com troncos abertos ao meio, faz o Norte Americano que vem dos pinheirais dos Grandes Lagos, suspirar de saudades. Tosco, desgracioso, sem nenhuma beleza de fôrma ou de côr, o rancho desperta, entretanto, mais interêsse que um palácio, em meio à monotonia de barro a que já se vem habituando o viajor; pois indica que nos aproximamos de povos que estão começando a se utilizar dos recursos que lhe fornece o meio. Vamos chegando à região das serrarias, onde existem inúmeras casas de madeira já aparelhada, com portas e batentes, vidraça na janelas, escadas e varandas também de madeira, têto de troncos e às vezes u'a mão de pintura. Se nelas entrássemos certamente pisariamos sobre assoalho. O nosso entusiasmo nos leva quasi a elogiar os adôrnos de madeira trabalhada que se usam tanto no Brasil como na America do Norte.

Sem dúvida o grito estridente que se desprende de uma longa tóra impulsionada pela carreta contra uma

serra veloz, constitúe um dos mais gratos ruidos que se pode ouvir num país densamente coberto de florestas como o Brasil. Se um decimo apenas da madeira queimada para abertura das lavouras de café, em São Paulo e de cacáu, na Baía, tivesse sido aparelhada ainda que toscamente teria sido possível substituir todas as choupanas de barro, por higienicos chalets de madeira livres dos insetos perigosos que infestam as primeiras.

Não sòmente nas regiões florestais de Santa Catarina e do Paraná encontram-se casas de madeira, mas, também nas circunvizinhanças das serrarias instaladas à margem do Rio Doce, no Estado do Espírito Santo. Paredes de madeira enegrecidas pelo tempo é o que correntemente se vê por lá, como em inúmeras povoações idênticas, na America do Norte. E' também frequente encontrarem-se no vale daquele rio, casas cujas paredes são feitas de achas curtas de madeira em bruto, arrancadas ao tronco à mão e arrumadas uma ao lado da outra, em posição vertical. Em Mato Grosso alinham moirões, um junto do outro para a construção de abrigos mais ligeiros.

Durante os três anos, porém, que vagamos pelo interior do Brasil não encontramos um único exemplar das mais simples construções de madeira como as que se encontram na Europa e nos Estados Unidos, feitas pela superposição de tóros retilineos encaixados nos cantos, arrumação essa que parece ser inerente aos caracteres físicos do material. Tendo sido o Brasil colonizado por Portuguezes e não por povos do Norte da Europa, habituados à vida da floresta, não lhes ocorreu aos seus cerebros pejados de tradições de outra natureza, essa rudimentar aplicação das árvores tombadas. E' provável que se encontrem casas assim, nas colonias polacas e alemãs do Sul do país, assim mesmo, porém, constituirão fenômeno bastante raro nas re-

giões florestais brasileiras. Esta raridade, porém, nos surpreende menos que o descaso a que o brasileiro relega o bambú, considerado por todos os povos asiáticos, — de Yokoama a Singapura e às ilhas dos mares do Sul, — como dádiva celeste para construções. Os troncos de arvore, em geral são pesados e o caboclo isolado no sertão, jamais poderia com êles fazer sua moradia, nem mesmo com auxilio da mulher e dos filhos; o bambú, porém, é o mais leve dos materiais de construção. O filipino apenas com auxilio de seu facão, constróe uma casa de bambú, com armação, assoalho, paredes e tétó, tão rapidamente quanto o brasileiro a sua choupana de barrote. O primeiro, porém, faz uma construção artistica, isolada do solo, fresca, sêca, com piso feito de tiras de meia polegada e que pode ser lustrado com casca de banana; o caboclo brasileiro levanta um antro imundo onde logo irá com êle partilhar da sua miseravel existência, uma legião de insétos mortíferos. O bambú cresce profusamente em quasi toda a parte no Brasil, e, entretanto, nem mesmo como vára de pescar é êle utilizado em certos logares.

Casas de tijolos

Antes de nos lançarmos à apologia da casa de tijolos, precisamos frisar que existem tijolos e tijolos. Os que comumente se usam no Brasil, moles, côr de barro, com arestas irregulares e superficie rustica, são muito pouco melhores que o barro atirado contra a armação, que fórma o barrote e é sêco na própria construção. Da mesma fórma que a parede de adobe, êsses tijolos têm sempre que ser recoberto de uma camada de barro, argamassa ou ladrilhos que os esconda; e é fácil confundir as casas assim construidas com as de taipa igualmente revestidas.

Quando o viajor entra na zona das colônias germânicas de Santa Catarina, têm a impressão de se ter transportado para outro país. Como são diferentes os padrões de uma civilização mais apurada! Esses camponeses industriais, do Norte da Europa, trabalham com os mesmos materiais que entram na construção da choupana brasileira — madeira e barro — mas, o que lhes dá das mãos nem de leve se pôde comparar à casinha de sapé. Nos florescentes municípios de Joinville e Blumenau a madeira é trabalhada em desenhos geométricos, interessantes, que revelam habilidade e resistência ao mesmo tempo que adornam o exterior do prédio; o barro foi amoldado e queimado, nada mais. Entretanto esse processo simples emprestou uma magnífica tonalidade vermelha aliada a uma durabilidade e uma resistência que nenhum barbeiro jamais conseguirá vencer.

As telhas de que são cobertas as casas têm formato achatado e são fabricadas sob pressão, proporcionando um dos melhores tetos do mundo. Uma chaminé para aspirar o fumo da cozinha, pintura escura nas nervuras do madeiramento, côres vivas nas esquadrias das janelas e das portas — quando plantadas em meio de um jardimzinho bem cuidado, essas construções rurais proporcionam os mesmos pinturescos cenários que tão à miude se encontram pelo interior da Europa. Não conheço nenhuma zona agrícola nos Estados Unidos em que as casas sejam tão uniformemente atraentes e nem tão apropriadas à região, como nessa parte meridional do Brasil.

O brasileiro não mais terá que procurar a solução para o problema da habitação rural. O material necessário, encontra-se em qualquer lugar e esses laboriosos brasileiros de Blumenau mostraram de maneira esplendida como trabalhá-los. De fato as cidades brasileiras poderiam aproveitar-se da lição que lhes oferece o campo

de Santa Catarina. As casas de tijolo mole que ainda hoje se constróem, protegidas por uma camada de argamassa, por mais atraentes que sejam emquanto novas, dentro de 50 anos não poderão sofrer, a mais leve comparação com os edificios de Blumenau.

Ficam aí rapidamente descritos os diversos tipos de habitações rurais, do Brasil. Dois outros, porém, bastante comuns em certas partes do mundo, são quasi desconhecidos por lá; não ha cavernas habitadas e, com exceção de alguns ciganos vagabundos e vaqueiros em transito com pontas de gado, jamais se empregam tendas como moradias.

Povoações do Interior

A precariedade das povoações do Brasil Rural, foi o que mais impressionou Spix e Martius quando ha um seculo, terminaram a sua primeira incursão pelo interior do país. E, é interessante frisar, que a descrição que fazem das povoações daquela época representa a realidade ainda hoje, em 1926. Nelas não se encontra a idéa de conforto nem a solidez calculada para longa duração, que caracterizam as construções européas.

E as povoações têm as mesmas feições que as casas. Se a habitação humana fôr fragil e tacanha, a povoação não poderá exhibir outro aspecto que não o dê um agrupamento efemêro e acanhado. O habito de ligar uma casa à outra de ambos os lados, em longos correres, margeando ruas estreitas, aumenta em muito o máu aspecto geral. Porque se hão de encontrar semelhantes aglomerações de casas justamente no interior, do país que mais dispõe de espaço? Trata-se, sem dúvida, de um dos característicos da povoação mediterrânea, conforme a descrição de Brunhes :

“Quasi todos os povos eminentemente “urbanos”, do mediterrâneo, agruparam-se em povoações cujas construções são tão uni-

das umas às outras que dão a aparência de pequenas cidades quando não passam de vilarejos. Quando a vida concentra-se em torno de uma praça pública, . . . em torno de um bastião ou de fortaleza, de um templo ou de uma igreja, traz como consequência o amontoamento das casas, umas coladas às outras". (7)

Ainda aqui a tradição é estimulada pelo meio ambiente. A população do Brasil ainda é tão diminuta, o indivíduo passa tão longos períodos na solidão, — já atravessando campos quasi deshabitados e caatingas intermináveis, já impulsionando a sua canôa ao longo de verdadeiras galerias, dentro do mato, onde o sôl raramente penetra, — que, para iludi-la e quebrar o silêncio, vae cantando em vóz alta ao compasso do remo, à cadencia da marcha ou ao tróte indolente do pangaré. As povoações foram portanto construídas com a idea da companhia, visando a solidariedade humana.

“Porque fazer minha casa num jardim, quando posso te-la tão perto da do compadre João que podemos conversar sobre o gado e a colheita sem me levantar da rêde?”

“Porque recuar minha casa da rua onde passam as tropas com seus cincerros e a cantiga do vaqueiro precede o trovejar dos cascos da boiada?”

“Deus sabe como são longos o silêncio e a solidão no sertão!”

(7) BRUNHES, *Antropogeografia*, pág. 503.

CAPÍTULO VII

TRANSPORTES POR VIAS AQUATICAS E TERRESTRES

A vastidão é o orgulho do Brasil, mas, nela também reside a sua fraqueza. A fôrça da sociedade é fruto do encurtamento das distâncias, nunca de sua dilatação. O isolamento e a deficiência de comunicações resultam em estagnação, isolamento e morte. O transporte, marítimo ou terrestre, impulsiona a vida. O movimento de homens ousados, curiosos, insofridos; o intercambio com outros países; facilidade, modicidade e regularidade de transporte — são êsses os elementos que encurtam distâncias e constroem nacionalidades. A facilidade com que se deslocam de um logar para outro, homens e mercadorias, constitúe indice seguro do ponto a que já atingiu o domínio do homem sobre o meio.

§ 1. PORTOS

Sob qualquer ponto de vista que se considerem as vias de comunicação ao longo das quais se movimentam no Brasil o homem e seus produtos, os sete mil quilometros de costa e os setenta mil quilometros de rios navegaveis constituem a principal rêde de transporte do país. A atração que o litoral sempre ofereceu aos nossos ancestrais, avalia-se ainda hoje pelos despojos culinarios encontradiços nos “mounds” de todo o mundo. No tempo de Platão, o filosofo comparou os povos

agrupados em torno do Mediterrâneo “a rãs em volta de uma lagôa”. E, foi justamente o maior povo de navegantes dos aureos tempos dos descobrimentos, que primeiro tocou em terras brasileiras. Como era natural os primeiros povoados portugueses agruparam-se ao longo do litoral e à margem da grande estrada reluzente e silenciosa, sem curvas nem declíves, que se estende de Porto Alegre a Manáos.

Como na Australia, é tal a rusticidade da natureza, no interior brasileiro, que os Estados, por muito tempo, foram obrigados a se comunicarem quasi que exclusivamente por mar. Hoje já se pode ir por estrada de ferro da fronteira uruguaia até Vitória, ou seja uma distância de mais de dois mil quilometros. Daí em diante, até Manáos, quasi cinco mil e quinhentos quilometros ao Norte, e, da capital do Amazonas, até a fronteira do Perú, por mais mil e seiscentos quilometros, o único caminho que liga o Sul ao Norte continúa sendo, em 1926, como nos idos tempos de Vasco da Gama, o velho oceano e o gigantesco aranhól potâmico do hinterland.

Se nos lembrarmos de que nos Estados Unidos, as 20 maiores cidades têm transporte aquatico, não nos surpreenderá saber que no Brasil, das seis cidades cuja população excede a 100.000 almas, cinco — Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Salvador, Recife e Belém — assentam-se à beira dessa principal arteria de tráfego e transporte. Das grandes cidades brasileiras, sòmente São Paulo — que assim mesmo tem em Santos o seu porto de mar, — eleva-se sobre planalto e contempla, esbatendo-se na distância, florestas, boiadas e cafezais, enquanto as suas outras cinco irmãs, acocoradas na praia, namoram o mar e aguçam os ouvidos à tagarelíce das frotas mercantís. Quatorze das vinte e uma capitais dos Estados brasileiros demoram à margem da estrada líquida a que em breve nos lançaremos.

Dessas, sòmente duas — Rio de Janeiro, a maravilha do tropico e seu subúrbio Niterói, a capital do Estado do Rio — são as mais visitadas pelo turista que se dispõe a um rapido cruzeiro pela America do Sul. Pois, à medida que os navios se tornam maiores e mais velozes, menor é o número de portos em que fazem escala. Os grandes barcos da “United States Shipping Board” que foram designados para a linha da America do Sul depois da Grande Guerra, — da mesma fórma que a fróta da Lamport & Holt, de mais recente organização, vão directamente de Nova York ao Rio, sem escala e daí para Montevideo. Só na volta é que tocam em Santos para receber café. De maneira que quem quizer conhecer os numerosos portos da vastissima costa brasileira, deverá, no Rio de Janeiro, tomar um navio nacional que faça a navegação costeira. (A viagem que passamos a descrever data de 1921).

Portos Setentrionais

Depois de termo-nos fartado de admirar as belezas da mais linda cidade dentre as banhadas, pelos sete mares do universo, tomamos passagem em um vaporsinho da Companhia de Navegação Costeira, com destino ao Sul. Com a linha de flutuação determinada pela pouca profundidade da Lagoa dos Patos os vapores da “Ita” constituem surpresa para o viajante acostumado à estabilidade dos grandes transatlanticos. Pois a quilha, — êsse orgão vital dos grandes barcos — simplesmente não existe nêsses naviosinhos para poderem melhor franquear as razas barras e as largas ondas do mais calmo dos mares põe-nos a jogar de maneira incomoda. Por isso é com indisível agrado que penetramos as águas tranquilas do canal santista, vinte e quatro horas mais tarde.

Depois do Rio de Janeiro, Santos é o porto de maior movimento do Brasil. Em 1921, cêrca de 8.770.000 sacas de café desceram pelos planos inclinados da São Paulo Railway para serem despejadas pelas "dalas" dentro dos porões dos navios, como água caindo por enormes encanamentos. As instalações portuarias que no ano anterior à grande guerra movimentaram, além do comércio de cabotagem, dois milhões de toneladas de mercadoria, são o que ha de mais moderno. Santos constitúe um entreposto a serviço de vastíssima zona interior e a sua maior importância advêm do fato de ser o porto de mar que serve a Capital do Estado, situada no planalto, e, a tão curta distância, que muitos comerciantes residentes em São Paulo descem diariamente àque'a cidade.

Dispondo de mais tempo que êles, procuramos descanso para as fadigas da viagem, no Grande Hotel de la Plage, no Guarujá, uma das poucas estações de repouso, à beira-mar, que se encontram no Brasil. O estabelecimento funciona sob a direção do Ritz, que explora o do Casino.

As três horas da tarde, deixavamos novamente o canal. Com uma diferença, porém. O fato de termos ido à terra e embarcado de novo, deu-nos a sensação de que estávamos voltando para nossa casa. Hontem, o pequeno barco, nada mais era para nós, que um dos muitos vapores da "Ita", sem nenhuma estabilidade e com um cheiro incomodo a exalar do refeitório. Hoje, já é o "Itajubá", um barco à parte entre os seus irmãos, a que nós, por nossa livre e expontanea vontade, ligamos o nosso destino, e, — maravilha, — já não o achamos de todo máu ! O capitão alemão, — descobrimo-lo mais tarde — falava perfeitamente o inglês ; e, tendo a bordo um chefe de maquinas escossês, naturalmente tudo tinha que correr bem.

E as fisionomias vulgares dos nossos companheiros de viagem!... Aos, poucos, porém, depois de alguma convivência, foram, adquirindo personalidade distinta. Cada um tinha um caso seu a contar com relação aos portos em que iam fazendo escala ou a respeito desse gral enorme cuja borda motanhosa vamos visitando por via marítima. Aquele cavalheiro alto e esguio, era um ministro australiano que vinha de Melbourne, via Cidade do Cabo e Londres, pregar aos luteranos do católico Estado do Rio Grande do Sul. Vinha também a bordo um alemão que se dirigia a Santa Catarina onde ia dirigir a exploração de uma jazida carbonífera depois de um estágio em Pittsburg; outro, mais avantajado em dimensões, voltava para a sua mercearia em Blumenau. Além do funcionário inglês, onipresente: havia um jovem canadense consignado ao Frigorífico Swift; algumas senhoras brasileiras incomodadas com o balanço do vapor; meia dúzia de ruídosos caixeiros viajantes portugueses; um importante latifundiário brasileiro que reconduzia orgulhosamente para Curitiba seu filho recentemente formado em engenharia civil pela Universidade de Illinois; dois funcionários da fundação Rockefeller destacados para algum novo campo de combate à verminose; um violinista cujo nome já havia brilhado nos cartazes dos grandes salões europeus e achava-se então reduzido a simples músico de interior; uma francesa; um punhado de colegiais; e, finalmente, um engenheiro inglês, com sua família, que ia inspecionar algum porto do Sul. Sem dúvida uma coleção de passageiros essencialmente cosmopolita, característica de uma região onde grande quantidade de imigrantes europeus procura instalar-se, mas, bastante diferente da que mais tarde iremos encontrar no Norte, e, principalmente, no Amazonas. Ao raiar da aurora, penetramos num Brasil bem diverso do que vimos nos dois grandes portos que atrás deixamos.

Durante cêrca de meia hora vamos serpeando por entre ilhotas como que a procura das docas. Paranaguá, porém, não as tem. E' um insignificante povoado salpicado de branco, rosa e azul, com movimento apenas suficiente para evitar que o mato cresça pelas ruas e que serve Curitiba, serra acima, da mesma fôrma que Santos serve São Paulo. Cêrca de metade da exportação de madeiras do Brasil sâe via Paranaguá principalmente o pinho do Paraná; mas, o seu nome ficará para sempre ligado em nossa memoria ao de uma outra bebida, da mesma fôrma que quando se fala em Santos lembramo-nos de café. Sul do Brasil, certas partes da Argentina, do Uruguai e do Paraguai, são tão apegados ao mate como a China ao chá; e só o porto de Paranaguá exportou em 1921, 40 mil toneladas da preciosa folha, cifra que também representa mais de metade da exportação brasileira dêsse artigo.

A nossa partida de Paranaguá foi prevista de maneira a chegarmos a Florianopolis bem cêdo, pela manhã seguinte. Esta cidade é construida em uma ilha, próxima ao continente, e, no canal que lhes fica de permeio, os vapores de pequeno calado encontram porto seguro. Levantamos ferro e partimos às 10 horas, sem saudades.

Durante todo o dia a cadeia de montanhas que tão de perto nos vem acompanhando por terra, desde o Rio de Janeiro, mostra o seu viso altaneiro e a faixa de terra firme que se interpõe entre o marulhar das ondas o eterno manto verde que cobre o dorso do espinhaço, vae se estreitando cada vez mais para o lado do Sul. Essa cordilheira enorme constitue, para o comércio, barreira mais difícil de vencer que a Cadeia Maritima que separa São Francisco do Rio Columbia. Deixamos para trás o seu ponto extremo e, no dia seguinte surgem à vista as intermináveis dunas arenosas que bordam a órla maritima do Rio Grande do Sul. Na segunda noite após nossa partida de Florianopolis, entramos no por-

to do Rio Grande, mas, não conseguimos permissão para desembarcar senão pela manhã seguinte.

Debruçados sobre a amurada do navio e com a visão barrada pela linha interrompida que oferecem os armazens do Frigorífico Swift, maldizemos o rigor dos funcionários portuarios; depois de uma hora em terra, porém, esquecemo-nos da demora. Rio Grande é uma cidade esqualida, pousada sobre uma planície arenosa. Logar onde ainda existem sargetas e fossas e onde não parece que haja o desejo de remover nem o lixo e nem a água estagnada. Duas horas são tempo escasso para vermos alguma cousa de interessante, e, por isso tomamos o trem para Pelotas, anciosos por deixarmos Rio Grande.

Ah! mas Pelotas é bem diferente! Tem uma população urbana de cêrca de 50.000 almas possuidas do desejo de dotar a cidade de tudo quanto ha de melhor e mais moderno no mundo. Aí encontram-se bondes chegadinhos de novo dos Estados Unidos e nos quais as funções do condutor e do motorneiro são combinadas de fôrma a forçar tanto o passageiro que entra como o que sae a passar pelos olhos de uma única "autoridade". Indaga-nos então o nosso cicrone se ha cousa melhor em Nova York. Somos forçados a confessar que quando o nova-iorkino sobe num electrico, dois empregados logo lhe gritam — sem nenhuma cortezia — "suba depressa". A cidade abriga ainda um cine-palácio para 1.000 pessoas e no Club Comercial, (mobiliado pelo Maple, de Londres) vê-se pela primeira e última vez, no Brasil, essa cousa que tanto maravilha o americano: um predio com aquecimento central. O nosso tempo é curto, mas, basta para nos convencermos de que Pelotas bem merece o título de "Rainha do Sul!"

Fortificamos a nossa boa impressão com um magnifico pato selvagem e um vinho delicioso e, a uma hora

da tarde, largavá-nos para a última etapa dessa nossa rápida peregrinação pelo Sul.

Desde a saída da barra o "Itajubá" ia navegando pelas águas razas da Lagoa dos Patos; e, ao passarmos por entre os arrozais que debrúam o estreito canal, ao Norte de Pelotas, descobrimos a origem do nome da Lagoa, num bando de patos negros que, em formação irrepreensível, atravessava em direção a Leste. Á medida que navegávamos para o Norte, novos bandos de patos selvagens levantavam vôo das lagôas, e, como numerosas flotilhas de minúsculos hidro-aviões iam amerizar mais adiante; alvas garças reais, imóveis como passaros empalhados fincados na lagôa, contemplavam o navio; um bando de colhereiros alçou vôo ruidosamente e, ao longe, uma ema — o avestruz Sul-Americano — trotava displicentemente pelo campo. Sem dúvida, essas cenas desenrolam-se bem longe dos movimentados portos do Rio de Janeiro e de Santos.

Contemplando o lodo que a hélice faz volver à tona d'água, compreendemos a razão de ser do pequeno calado do barco e a vantagem do fundo chato que o permite franquear fàcilmente essas barras sem profundidade. Tão estreito é o canal que atravessamos que, quando caiu a neblina, durante a noite o capitão ancorou e só manobrou para atracar às docas de Porto Alegre às 10 da manhã seguinte. A única razão que existe para êsse porto se sobresaír sobre os demais, é ser êle o maior escoadouro brasileiro de banha. Como grande porto, porém, Porto Alegre está condenado. Oito pés é o calado máximo com que podem contar os barcos que o procuram, além de estar distante do mar, para mais de duzentos quilometros, em água doce.

Gastamos seis dias para vencer mil e oitocentos kilometros e temos ainda pela frente viagem três vêzes mais longa. Voltemos, pois, logo para o Rio afim de em-

preendermos rápida excursão pela costa setentrional, antes de voltarmos a certas considerações de ordem geral com relação a êsses portos, em geral.

Portos do Norte

A volta por estrada de ferro é apenas um dia mais curta que por via marítima, mas, chegámos sujos, da viagem. Nos escritórios do Lloyd Brasileiro, soubemos que o próximo vapor para o Norte era o “João Alfredo”.

— “Mas, é um dos mais velhos e o menor da linha!”
— protestamos.

— “Não. Ainda existe outro menor” respondeu-nos o impertigado funcionário. E, por ser velho, não se segue que esteja infestado de baratas. Eu sou velho e não sou sujo!”

Para argumentos dessa ordem não ha resposta, e, por isso, compramos imediatamente passagem para Manãos. Antes de embarcarmos, porém, valendo-nos da experiência da viagem ao sul, munimo-nos de cadeiras preguiçosas para o tombadilho. Saindo do Rio, o “João Alfredo” rumou para o Cabo Frio cuja praia lembra enorme taboleiro de xadrez onde se acumulam aivos montículos de sal que os raios benignos do sól extráem das águas do mar. O Rio passa então a ser apenas uma recordação feliz.

Aqui talvez seja interessante uma ligeira explicação sobre a fórmula peculiar por que os brasileiros costumam referir-se aos logares que vamos encontrar. As capitais dos vários dos Estados do Norte são frequentemente designadas pelo nome do Estado, tanto pelos estrangeiros como por muitos brasileiros. Quasi todos dizem Baía, referindo-se a São Salvador. A Recife, chamam Pernambuco. Fortaleza é Ceará. São Luiz e Maranhão, são uma e a mesma cousa. E, a Belém — Nossa Senho-

ra de Belém do Grão Pará, nas ocasiões solenes — o mundo comercial chama Pará, a tradução de “rio”, em tupí. E’ a mesma cousa que dizer-se Massachusetts, referindo-nos a Boston. Em nossa narrativa, usaremos, porém, os nomes exátos ainda que sejam êles os menos comuns.

Depois de vinte e cinco horas de navegação entramos no pinturesco porto em miniatura, onde se aninha Vitória, a capital do Espírito Santo. Subindo o canal o vapor passa a trinta metros de verdadeiras muralhas de granito natural. Procuo a linha pela qual Hartt determinou a recente elevação desta parte da costa, mas não consigo desviar o olhar do mosteiro empoleirado lá no alto de uma montanha, como gaivota no mastro de um navio.

Em Vitória o vapor recebe algumas tóras de páu-rosa e um pouco de café para os mercados do Norte. O porto tem 30 pés de água mas, a ancoragem é acanhada até mesmo para navios mercantes. E’ o último porto a que atinge a rêde ferroviaria do Sul. Quem quizer ver os dois terços do continente que ficam para o Norte de Vitória, terá que nos acompanhar por mar ou gastar mêses no lombo de um burro ou no fundo de uma canôa. Quatro horas de trabalho são suficientes para que o “João Alfredo” se ponha de novo em marcha para vencer os oitocentos e cinquenta quilometros que ainda nos separam de São Salvador, a maior distância entre portos antes de penetrarmos no Amazonas.

E’ boa a ocasião para inspecionarmos o nosso barco. A falta de comunicação por terra, faz com que todos êses naviosinhos que vão para São Salvador, viagem sempre super-lotados. O tombadilho inferior onde se acha a segunda classe, é uma verdadeira teia de rêdes penduradas em todas as posições e alturas concebíveis; pois, é preciso não nos esquecermos de que vamos entrar na zona em que cada um carrega a sua rêde — que

faz as vezes da cama e suas cobertas — e onde um “quarto mobiliado” nada mais tem que dois ganchos para pendurá-la. Como o navio não é provido de camara frigorifica, o gado destinado a alimentar essa aglomeração de famintos é transportado ainda vivo, perto das rêdes da segunda classe, e, cada dois dias, os passageiros assistem, desinteressadamente, à morte e ao postejamento de uma rez ou à limpeza e peladura de um porco. O viveiro das galinhas, patos e perús destinados aos petiscos da primeira classe, está situado na parte deanteira do tombadilho superior e é uma delicia acordar-se pe'a manhã com o cacarejar e o grasnar dessa verdadeira chacara à bordo. (Se acharem que a nossa descrição lembra a de um jardim zoologico flutuante, diremos que isso nada é em comparação à volta do Amazonas, com mais de cincoenta macacos a bordo, uma duzia de garças, três de papagaios das mais variadas espécies, diversos jacamins, jacús e algumas gaiolas onde viajam recolhidas, tartarugas mudas).

A carga humana é bem diferente da que nos acompanhou na viagem ao Sul; muito menos cosmopolita e mais tipicamente brasileira. Além dos brancos e dos pardos, indivíduos de cabelo liso que denunciam a sua ascendencia selvagem, viajam a bordo numerosos negros retintos e diversos mulatos; pois, o negro ainda constitue parte ponderavel da população da Baía e de Pernambuco. Nada méde melhor a distância que nos separa da America do Sul, que essa mistura de todas as tonalidades possíveis entre o preto e o branco, em pé da mais perfeita igualdade. Um homem é um homem ao sul do Equador, seja qual fôr a côr de sua pele.

Se algo do que ficou acima dito causar espécie ao leitor, façamos desvanecer de pronto essa impressão, afirmando que o “João Alfredo” foi sempre mantido escrupulosamente limpo, que era um vapor bastante estável e que foi conduzido por uma officialidade extre-

mamente cortez, toda ela composta de brasileiros; e, finalmente que, enriquecida pelas mangas, laranjas, abacaxis e peras d'água adquiridas por ninharias nos portos do Norte, a mesa, já repleta de viandas de todas as espécies, como sóem ser as mesas brasileiras esteve sempre em condições de satisfazer o apetite de quem quer que se desse ao capricho de se desviar dos boulevards e cafês das grandes capitais.

Agora vê-se a terra pela prôa e a nossa atenção é atraída pela barra que estamos prestes a franquear: a Baía de Todos os Santos. Em vão os nossos olhos procuram a velha amiga e companheira — a cordilheira enorme que nos vinha acompanhando desde o Rio Grande do Sul e que ainda, em Vitória, mostrou-se coberta de verdura. Lá pelo Sul da Baía esboroou-se em cômodos insignificantes e depois confundiu-se às leves ondulações da planície litorânea.

A cidade de São Salvador, a terceira do Brasil, depois do Rio e de São Paulo, foi, nos tempos coloniais, a capital do país e ainda hoje é a sua capital religiosa onde são batizados os navios de guerra antes de se aventurarem ao mar. A configuração que lhe deu a natureza fez da Baía o melhor porto da America do Sul, com exceção do Rio, o incomparavel. Os vapores menores atracam ao longo de docas modernas para o lado de dentro do quebra-mar onde o porto é constantemente dragado à profundidade de 26 pés; os grandes barcos, porém, das linhas Européas e Americanas, que em geral param algumas horas na Baía, ancoram pelo lado de fóra do molhe em trinta e seis pés de água ou mais e recebem seus carregamentos por meio de balsas.

Da mesma fôrma que o café embalsama o ar em Santos e o mate em Paranaguá, o cacáu empresta colorido à vida comercial de São Salvador. De seiscentas a novecentas mil sacas são atualmente exportadas para a Europa e para os Estados Unidos, i. e., mais que qual-

quer outro porto exportador do produto, com exceção de Acrá, na costa Oriental da Africa.

As seis horas de parada em São Salvador proporcionam-nos oportunidade de darmos uma ligeira vista dólhos pela cidade, visitando a parte baixa onde está localizado o grosso do comércio local, os bairros residenciais encarapitados pelo morro e finalmente o mercado que é típico das cidades do Norte do Brasil e onde encontra-se uma louca profusão de côres. Por segurança, fazemos uma provisão de um ou dois centos da melhor laranja do mundo, muito maior e mais doce que a de umbigo, da California, cujas mudas originais foram levadas da Baía. Compramos também charutos para a viagem. Se não fosse estarmos apenas no início de uma longa travessia, teríamos incluído à nossa bagagem uma linda arara toda azul desde a cabeça, amarelo vivo, até a ponta da sua longa cauda pendente. Sem dúvida, vamos ingressando nos Tropicos! Não tivéssemos nós idéa de percorrer no menor tempo possível o enorme trajeto que se nos deparava e certamente sentiríamos desejo de passar uns bons quinze dias em certas cidades interessantes do Norte, mas, amanhã, pelo alvorecer, devemos estar em Maceió; temos portanto que nos aviar.

Molhes de recifes

Ao lançarmos ferro ao largo da Capital de Alagôas notamos imediatamente que penetramos em uma zona costeira diversa. De São Salvador para o Sul, os portos apresentam as anfractuosidades que, ao nosso ver, prendem-se ao desmoronamento da costa. Foi um rebaiamento brusco do fundo do mar que atirou as suas vagas pelos vales a dentro, até a fralda da Serra do Mar, dotando o sul do país de portos tão profundos que a

mais recente elevação de 7 a 10 pés não conseguiu inutiliza-los. (1) Mas, de Maceió para o Norte, a natureza pouco fez para facilitar a navegação. Ancoramos a quasi um quilometro da praia, em um ponto que será pouco melhor que um ancoradouro aberto. A cêrca de quilometro e meio da beira mar, corre uma linha irregular de recifes que, de Maceió se projeta por muitas milhas ao Norte. Na maré vasante a sua crista serrilhada emerge d'água, e, na enchente, quebrando a furia dos vagalhões, cobre-se toda de um véu rendilhado de espumas. Esses molhes naturais abrigam um pouco o porto contra os ventos de Nordeste, mas, quando fustigam-no as tempestades do Sul, Maceió passa os mesmos apertos que uma criança num banheiro. Além disso o porto está sendo continuamente entupido de areia que se vae amontoando contra a muralha de coral.

O sol ia-se pondo por de trás da franja vertical dos coqueiros, quando de sob suas palmas oscilantes saiu uma flotilha de canôas. Sob os ávidos olhares dos gulosos que se enfileiravam à amurada, aproximou-se do navio um escalér com provisões: porcos, patos, galinhas, lindos peixes frescos e frutas.

Ciganos ruidosos desembarcam em grande comoção. Um batel de devotos vem da cidade para beijar o anel do Bispo. A noite cae rapidamente, forçando-nos a adiar para a volta a nossa visita, convictos de que deixamos para trás o porto mais pinturesco do Brasil.

Recife, o nome da capital de Pernambuco, vem dos escolhos que se encontram na costa, desde o sul do Rio Doce até o Ceará. A água doce de terra, infiltrando-se pela areia das praias, precipitou a cal que solidificou

(1) J. B. WOODWORTH "Expedição Geologica ao Brasil e Chile". *Boletim do Museu de Zoologia comparada*, Harvard, Vol. LVI, N.º 1, p. 114; CH. FRED. HART, *Geologia e Geografia Física do Brasil* (Boston, 1870), pp. 72, 213, 425; BRANNER, *Geologia Elementar*, p. 164.

esses molhes naturais. São êsses abrólhos que protegem as barras de Recife, Natal, Porto Seguro e tantos outros ancoradouros de menor importância. O recife de Pernambuco varia entre 30 e 70 metros de largura. Sua superfície jamais excede o nível da maré alta, apesar de que a extração de pedra para construção e pavimentação ameaça reduzi-la, mas, essa modalidade de cortar do lado do tronco o galho em que se está sentado, foi ultimamente proibida.

Pernambuco é o Estado mais rico do Norte e, apesar de ter-lhe sido parca a natureza, o homem construiu o porto reforçando com um quebra-mar os recifes naturais e dragando um canal capaz de receber navios com vinte e cinco pés de calado. O desembarque de passageiros ao largo, sobre balsas, dos poucos vapores que não atracam, tornar-se-à dentro em pouco reminiscencia do passado.

Como anteriormente dissemos, três portos do Sul exportam as três bebidas prediletas da humanidade. Pernambuco produz o açúcar com que adoça-las. Sua exportação de 1921, foi de 110.000 toneladas metricas. Com a superficialidade, porém, de excursionistas em país estranho, pouca atenção daremos aos produtos commerciaveis a não ser o delicioso abacaxi que podemos comprar com 10 centávovs e as mangas rosadas, que num arroubo, levam a nossa imaginação para o Oriente, de onde são originárias.

Em Recife toma o vapor um grupo de engenheiros ingleses que se fizeram famosos no Egíto e na India e a conversa volta-se para os grandes diques que firmas britanicas e americanas estão construindo para o Governo Federal na zona Nordestina, flagelada pelas sêcas.

Tendo partido de Recife logo depois da meia-noite, chegamos a Cabedelo antes de 12 horas do mesmo dia. E' o único porto do Estado de Paraíba, e, sua ligação com a Capital processa-se por meio de uma minúscula

estrada de ferro inglêsa cujos carros liliputianos lembram os coches que transportavam passageiros de Versailles a Paris, ha quasi um seculo passado. Uma cidade esqualida sobre a areia, quente e morta, com uma população de apenas algumas centenas de pessoas! Aí desenrolou-se encarniçada batalha contra os holandêses concentrados no velho forte, no seculo XVII! Cabedelo não é uma cidade inteiramente despida de atractivos, mas, por outro lado não se parece com nenhuma das outras povoações brasileiras ricas de colorido rosa, vermelho, verde e azul. Como porto, porém, Cabedelo é destituído de importância.

Natal, a Capital do Rio Grande do Norte, é como Cabedelo, um porto fluvial; e sua barra, por entre os abrólhos, é tão estreita que requer a maior pericia possível da parte do piloto. Do ponto de vista do comércio internacional, se Cabedelo com 23.000 toneladas não tem importância, que diremos de Natal com 13.000. Vamos, tocando, porém, em portos de gente paradoxal; e nesta cidade sonolenta encontramos a mais ultra-moderna e util das escolas para moças, de todo o litoral brasileiro: a Escola Domestica.

Ao chegarmos a Fortaleza, a Capital do Ceará, vinte e quatro horas além de Natal, encontramos um cenário movimentadissimo. Aí nada existe que quebre o impeto do oceano, por isso, lançamos ferro em uma enseada aberta onde brilha uma interminavel faixa de areia branca. O ancoradouro, porém, está coalhado de navios e na praia, vêm-se em todas as direções, guindastes, guinchos, locomotivas, armazens e barracões, todas as mil e uma cousas emfim, de que necessita uma grande construção. E' por Fortaleza que entra o material necessário à construção dos dez diques do sertão. Existe um projeto de quebra-mar que talvez seja executado, com o correr do tempo. Á medida que o nosso escalér vae saltitando pela crista das ondas, vamos dando gra-

ças por não terem vindo ao nosso encontro dezenas de jangadas, como por ocasião do desembarque de Herbert Smith que foi ao Nordeste estudar a terrível sêca de 1877/79.

Comquanto não se possa dizer que seja importante o comércio exterior do Ceará, com quarenta e oito mil toneladas de exportação (em 1921), é interessante notar que parte dêsses embarques foi constituída pelo melhor algodão de fibra longa que o mundo produz, e entretanto, isso é apenas uma pequena amostra das suas possibilidades agrícolas, depois de terminadas as obras contra a sêca. Em 1920, Fortaleza foi, dos portos brasileiros, o que mais exportou peles de caprinos e cêra de carnaúba. A totalidade da venda dêsses dois artigos foi para Nova York. O algodão, em geral, vae para a França e para a Inglaterra.

Tutóia, vinte e quatro horas depois de Fortaleza, é um portosinho fluvial situado no Maranhão, mas que serve o Estado de Paiuí. E' o menos importante de toda a órla atlantica, e, por isso mesmo, aí gastamos mais tempo que nos outros. Tendo chegado quasi ao pôr do sol, o vapor não conseguiu práctico da barra para o mesmo dia; pernoitamos ancorados ao largo, consolando-nos com a idéa de que, se estivessemos mais próximos da praia, seríamos literalmente devorados pelos mosquitos. Comquanto a carga que tínhamos de apañhar neste buraco da floresta, fosse trabalho para apenas uma hora, fomos forçados a esperar até à tarde pela maré alta.

Mais 15 horas de navegação nos põe em São Luiz, a Capital do Maranhão, cidade fundada pelos francêses em 1612. Como Florianopolis, também está situada em uma ilha, mas, é muito mais pinturesca, muito mais rica em colorido. Atráe-nos tanto a cidade que, nem mesmo sabendo de alguns casos de peste bubonica, nos furtarmos a um passeio pelos seus lindos parques sombrios.

Desde que deixamos o Rio esta é a primeira cidade que mostra conhecer a utilidade dos arvoredos para ensombrar os lugares batidos pela soalheira. Dizem que qualquer navio, por maior que seja o calado, poderá entrar em seu estuário, mas, talvez não pudesse aproximar-se muito. Sendo a contribuição de S. Luiz para o comércio mundial, de apenas algumas toneladas de carôço de algodão e um pouco de arroz, preferimos frisar a produção de lindas rêdes de algodão e de linho, tecidas a mão.

Este é o mais setentrional dos portos de escala na costa do Atlantico. Mais trinta horas de viagem nos levarão ao largo de Bragança, na mandíbula monstruosa da Baía de Marajó, à entrada de um mundo diferente.

Portos do Baixo Amazonas

Belém, fundada pelos portugueses em 1615, está para o Amazonas, na mesma relação que Nova Orleans para o Mississippi, comquanto não esteja aquela situada à margem do Mar-Doce, como Nova Orleans na desembocadura do grande rio americano. Neste ponto ha muita confusão geográfica, mesmo nas melhores cartas. As antigas denominavam "Baía de Marajó" à enorme vastidão de água a Oeste de Belém e "Rio Pará" ao seu prolongamento até o mar. Atualmente, tudo isso constitúe o delta do Tocantins e o Pará deixou de ser um rio à parte. Os mais modernos mapas brasileiros dão, para o estuário de trinta milhas de largura que separa Belém do mar, o nome de Baía do Marajó.

Seja qual fôr a denominação que se lhes dê, os estuários do Tocantins e do Amazonas confundem-se num emaranhado de "furos" e canais onde a maré enche e vasa sendo perfeitamente possível que a descarga do Amazonas seja, mesmo aí, ainda maior que a do Tocantins. Todo o volume, porém, que ambos vomitam de conjun-

to pela Baía do Marajó, nada é em comparação ao jacto brutal que o Amazonas atira contra o oceano ao Norte da grande ilha, alterando a coloração das águas marinhas por uma extensão de quasi mil quilometros. Pois o Amazonas sózinho — pasmese o leitor — despeja no oceano maior volume d'água que o Mississippi e o Nilo juntos. Seu desaguadouro principal, mede cêrca de 60 milhas de largura mas, é muito interrompido por ilhas; de maneira que o canal, principal, abaixo de Macapá, não tem mais que 10 ou 12 milhas. Esta passagem é sériamente obstruída por bancos movediços e de Macapá até perto do Cabo do Norte, cêrca de cem milhas de distância, encontra-se um terrível obstáculo à entrada do grande Rio, — a pororóca. Quando duas fôrças encontram-se frente a frente, uma delas tem de ceder. A maré oceanica encontra, na do Amazonas, terrível inimigo. Quando a fôrça da lua dobra os joelhos, mesmo aos mais poderosos gigantes potamicos, o oceano pula sobre o dorso do seu inimigo secular, prostrado e avança por sobre a água doce numa enorme onda que rugue como se fôra o tropel de um regimento de artilharia em carga cerrada. Nas marés da Primavera essa onda bravia atinge de 4 a 6 metros de altura. Por êsse motivo, é bem provável que ainda por algum tempo, a entrada do Amazonas se processe via Belém.

Qual a importância de seu comércio internacional? Durante o último ano que precedeu a Grande Guerra, 1913, Belém importou 218.000 toneladas metricas de mercadorias e exportou 22.000. Os principais artigos com que se apresentou no mercado mundial, em 1921 foram 13.000 toneladas de madeiras, 11.000 toneladas de castanhas do Pará e a insignificancia de 7.000 toneladas de borracha. Mas, nem a mão escanifrada do operario Oriental, barato, nem o cáos comercial que causou o colapso do cambio brasileiro, poderão roubar às ruas de Belém a beleza que lhe emprestam as alas de

mangueiras com sua sombra magnifica e seus deliciosissimos frutos.

Partimos de Belém à meia-noite. A aurora surpreende-nos atravessando o grande lençol líquido, mais largo ainda que o próprio Amazonas, onde o Tocantins se vem lançar. Às duas da tarde penetramos no labirinto hídrico ao Poente de Marajó a que chamam Furos de Bréves (*). Durante as dez horas em que o vapor vae procurando passagem por entre êsses meandros debruados de palmeiras e que muitas vezes não chegam a duzentos metros de largura, descortinamos paisagens de rara beleza, pois êsse trecho é de fato a parte mais interessante da viagem entre Belém e Manáos. Sentimos que a nossa entrada nas águas Amazônicas se tenha dado justamente durante a noite.

Uma vez, porém, no dorso do caudal, inicia-se uma das viagens mais monótonas do planeta. Vastissima corrente de águas barrentas ; de um lado as praias baixas e quasi deshabitadas das planícies alagadiças guarne-cendo a calha fluvial, numa incessante monotonia de verde ; do outro, o vago contórno de alguma ilha meio submersa. Do tombadilho de um transatlantico, não se pode ter idéa dos encantos que a Amazonia oferece ao viajor de outras plagas ; nem mesmo a solidão carate-

(*) RAYMUNDO DE MORAIS, no seu magnifico trabalho *O Meu Dicionário de Cousas da Amazonia*, dá a seguinte explicação ao termo regional "Furo".

"Braço de rio que liga dois caudais ; às vezes um lago a outro lago ; muitas vezes um furo a outro furo ; ou um afluente, pelo montante da foz, ao curso em que desagua. O melhor documento desta classificação hidrografica são os Furos de Bréves, labirinto de canais verdejantes de florestas nas margens, que se comunicam, se ramificam, se anastomosam, se cruzam, se repartem numa orgia de ramos e galhos fluviaes. Certos furos no Amazonas imprimem a ilusão, principalmente nas cheias, de que alguns afluentes têm duas, três, quatro e cinco bocas, daí os erros de muitos especialistas, que afirmam ter êste ou aquele rio muitos desaguadouros". (N. do Trd.).

ristica dessas paragens, pôde atingir quem viaja em numerosa companhia.

Á meia noite, depois de dois dias de viagem de Belém, lançamos ancora ao largo de Santarém, desembocadura do Tapajós onde, — como diz a inscrição ao pé da imagem de Cristo, em tamanho natural, que von Martius mandou da Europa, — foi o grande sabio, em 1819, “salvo pela Divina Providencia da furia das aguas Amazônicas”. Aí ao invêz de irmos à praia, é ela que vem a nós; mulheres com cabaças trabalhadas — curiosa habilidade que já deveria ter emprestado fama à região — surgem aos magotes de dentro da noite e vêm negociar à bordo; tartarugas gigantes não acham compradores na viagem à montante, mas, os deliciosos melões que se podem comprar pelo equivalente de dois centávos, encontram pronta colocação. Dois novilhos foram guindados para abastecer a despensa de bordo. Então as mulheres, com suas cabaças pintadas somem-se de novo nas trévas, à medida que o “João Alfredo” rumava novamente para Oeste.

Depois de navegarmos mais setenta e cinco milhas, aportarmos a Óbidos, pelas sete horas da manhã seguinte. Nêste ponto toda a gigantesca massa líquida do Amazonas é comprimida em um estreito canal de 1892 metros, mas, em compensação é tão profundo como a Mancha. O Tenente Herndon, que em 1812 fez sondagens para o Almirantado Americano, encontrou logares onde a duzentos e quarenta pés (73,15 mts.) a sonda não tocou no fundo. Óbidos é o único ponto, no baixo Amazonas em que o raio de ação da artilharia de costa pode abranger a sua largura total, e, por êsse motivo existe, em uma eminencia, logo acima da cidade, um pequeno forte artilhado, apenas o suficiente para defender a passagem.

Á tarde do mesmo dia, embicamos à praia de Parintins, por alguns momentos e na manhã seguinte acor-

damo-nos com o barco literalmente amarrado 'à porta de uma venda de esquina, em Itaquatiára. A margem do rio eleva-se aí tão a prumo, do leito do rio, que até os transatlânticos podem dela aproximar-se sem perigo de encalhe. Em todos êsses pontos da escala, quando o nosso navio pára, vários barcos chegam-lhe ao costado pejados de papagaios, tartarugas, aves e frutas. A brevidade das paradas — tão rápidas de fato que nem se quer nos permite desembarcar — dão perfeita idéa da importância dêsses simulacros de portos, com relação ao comércio internacional.

Estivessemos nós em estudos de Botanica ou a colecionar insectos e poderíamos, como Bates, permanecer onze anos nêstes confins de mundo. O nosso objectivo, porém, força-nos a navegar sempre.

Manáos, a Capital do Amazonas está situada à margem do Rio Negro, a uma hora de viagem — varias milhas — de sua foz no Solimões, o nome que tem o Amazonas em seu curso superior. No apogêu da borracha, Manáos era a séde de riquezas fabulosas, vivendo vida tão faustosa que os campos auríferos de Yukon, mesmo no fastigio de seus melhores dias, comparados à capital da borracha, nada mais eram que pequenas vilas segregadas, na Nova Inglaterra. Hoje, após uma juventude dissipada, acha-se em estado de senilidade precoce; poucos logares haverá onde um homem de negócios possa ter descanso mais completo; raro o movimento, a não ser o das novas dócas flutuantes que sóbem e descem com a pulsação do caudal, cuja máxima diferença de nível vae a 12 e 14 metros em um ano. Comquanto tenha Manáos exportado, em 1921, um pouco mais de borracha que o Pará e mais ou menos a mesma quantidade de castanhas, à medida que o nosso automovel vae, a custo, vencendo estradas cobertas de capim e que em outras éras foram 'boulevards', tivemos a nítida impressão de que o mato se atira contra os aven-

tureiros audazes que efetuam êsses embarques, cada vez menores, para Liverpool e Nova York.

A única diferença sensível que existe entre os dois portos principais do Amazonas é que “no Pará chove todos os dias e em Manáos chove o dia todo”.

Percorremos um longo caminho, desde o início de nossa viagem, sobre cuja superfície o nosso rasto é ainda mais fugitivo que o do camelo sobre as areias quentes do Saara. Se tivéssemos consultado o diario de bordo poderíamos ter organizado uma tabela de distâncias mais ou menos assim :

	<i>Milhas</i>
De Porto Alegre ao Rjo Grande do Sul.	150
Rio Grande a Florianopolis.	400
Florianopolis a Paranaguá	145
Paranaguá a Santos.	190
Santos ao Rio de Janeiro	225
Rio de Janeiro a Vitoria.	300
Vitoria a São Salvador.	530
São Salvador a Maceió	300
Maceio a Recife.	135
Recife a Cabedelo.	75
Cabedelo a Natal.	85
Natal a Fortaleza.	280
Fortaleza a Tutóia.	285
Tutóia a São Luiz.	150
São Luiz a Belém.	425
Belém a Santarém.	530
Santarém a Óbidos	75
Óbidos a Parintins.	100
Parintins a Itaquatiára.	135
Itaquatiara a Manáos	125
Aproximadamente	4.640 milhas

Cento e cinquenta milhas na Lagôa dos Patos, três mil e quinhentas sobre o Atlantico e mil milhas no dôro do baixo Amazonas. O tempo mínimo em que se podia fazer essa viagem, em vapores costeiros, era de 25

dias, em 1922. Se às pessoas acostumadas à velocidade dos grandes transatlânticos, isso parecer muito tempo, que leiam para seu consolo, o que Bates escreveu em 1859 :

“Durante a estação seca, de Agosto a Dezembro, quando os aliseos sopram com maior intensidade e a correnteza é suave, uma escuna poderá cobrir as mil milhas que separam o Pará da boca do Rio Negro, em 40 dias ; na estação chuvosa, porém, de Janeiro a Julho quando os ventos de Leste se acalmam e a corrente Amazonica atinge o seu maior volume, são precisos três meses para se fazer a mesma viagem”.

O que prova que a distância nada tem que ver com o comprimento da estrada. O pequeno “João Alfredo” com u’a boa maquina para lhe impulsionar a helice, venceu a distância em quatro dias !

Portos de pequeno comércio

Apezar dessa formidavel viagem, repleta de nomes exóticos, não se vá pensar, nem de leve, que passamos em revista todos os portos brasileiros. Desconhecidos e inacessiveis a todos, a não ser ao nativo, em sua frágil montaria, guiado apenas pelo seu maravilhoso instinto de direção, existem inúmeros pequenos portos de onde se origina grande parte do comércio atribuido aos de maior importância.

Tomemos, por exemplo os dez graus de latitude que medeiam entre Maceió e Vitória. Nesse percurso, o nosso navio só parou em São Salvador. Não nos aventuramos à barra de Aracajú, Capital de Sergipe, cuja profundidade é de apenas 10 pés e onde frequentemente acontece que os navios que entram com a maré alta lá ficam bloqueados meses e meses pelos bancos de areia

movediça, da fóz do rio. Navios menores, porém, frequentam o porto e cêrca de sessenta embarcações tocam anualmente em Estancia. Ao Sul de São Salvador, existem os portos do Rio das Contas, Ilhéos, Canavieiras, Belmonte e Porto Seguro de onde partem os milhões de sacos de cacáu que na capital do Estado, são transbordados, com destino aos mercados consumidores que pouco se interessam pela sua origem, mas, dão grande importância à côr, ao aroma e à séca. Prado e Alcobça são suficientemente importantes para figurarem nas estatísticas federais do movimento marítimo, e do porto de Caravelas parte uma estrada de ferro rumo ao interior. Como se poderia ir a Viçosa, São José de Porto Alegre ou Barra de São Mateus, a não ser por via marítima? Ha o porto de Santa Cruz, mesmo ao Norte de Vitoria, sobre o qual o Sindicato Farquhar conseguirá um contrato de arrendamento por 99 anos se puder desenvolver a siderurgia em Itabira do Mato Dentro. Vêm depois os portos do rio Doce e do Rio São Francisco. São diversos os pequenos portos no Estado de Alagôas, ao Sul de Maceió. E, ao Norte do Rio das Contas, na Baía, ha o misterioso porto de Camamú! Talvez só uma pequena embarcação por mês, passe à vista daquele monumento do otimismo escossês — que custou um milhão de dolares — e que durante quarenta anos manteve silenciosas e mudas, como obeliscos, as chaminés de uma completa refinação de petroleo, sobre um chão que teimava em não revelar o precioso combustivel.

Portos de grande tonelagem

Estivemos, sem dúvida, vagando bem longe de tudo quanto pode despertar o interêsse de grandes navios como o que nos deixou no Rio de Janeiro. De que fór-

ma avalia, o comércio internacional, a importância e o valor das paragens que tocamos? Não pelo comércio de cabotagem que, por lei, está a cargo dos barcos brasileiros. O mundo exterior está apenas interessado no comércio externo do Brasil. Várias são as formas de considera-lo, mas, a tonelagem bruta, proporciona índice, tão seguro como qualquer outro, da importância econômica de um porto.

Um barco de doze mil toneladas de registro, pode carregar até vinte e cinco mil. No último ano de comércio normal — 1913 — o Brasil tinha nove portos cuja tonelagem bruta (i. e., a soma da tonelagem de importação com a de exportação) montava a mais de cem mil toneladas métricas. Esse mínimo, representa, portanto, quatro cargas de navios, com o deslocamento acima.

	<i>Toneladas métricas</i>
Rio de Janeiro	3.088.000
Santos	1.998.000
Recife	396.000
São Salvador	339.000
Belém	240.000
Rio Grande do Sul	240.000
Manáus	132.000
Porto Alegre	118.000
Paranaguá	116.000

Se tomassemos os dados relativos a 1921, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Paranaguá, Belém e Manáus, teriam que ser eliminados da lista. Por aí pode-se avaliar como o comércio sofreu com a guerra, — como sofreram as importações brasileiras!

	<i>Toneladas métricas</i>
Rio de Janeiro	1.958.000
Santos	1.252.000
Recife	281.000
São Salvador	154.000

Portos do futuro

Quais dêesses portos continuarão a manter posição de destaque no comércio internacional através do futuro? Como é sabido, para que um porto seja bom, precisa ser abrigado dos ventos e da furia do oceano; precisa ter um canal profundo, bastante espaço para ancoragem, lugar amplo para a atracação, terreno propício para construção da cidade, e, acima de tudo, é preciso que sirva uma zona interior, rica e populosa e com a qual tenha comunicação fácil e rápida.

O Departamento Hidrográfico da Marinha Norte-Americana forneceu-nos os seguintes dados que representam o calado máximo admitido dentro da area abrigada, do porto, para que o navio possa ancorar sem tocar no fundo. Em muitos casos, porém, ha profundidades menores no estuário, nas bacias e ao longo do cais :

	<i>Profundidade máxima</i> (em pés)
Rio de Janeiro	Qualquer calado
São Salvador	36
Rio Grande do Sul	32
Vitória	30
Montevideo	30
Santos	29
Belém	29
Buenos Aires	28
Paranaguá	26
Recife	25
Baixo Amazonas até Manáos	20 corrente normal (2).

(2) Atualmente, Nova York é o único porto Americano que tem canal suficientemente profundo para vapores com mais de 40 pés de calado. Os bostonianos falam de um canal de 45 pés para receber, não somente os atuais gigantes dos mares, más, ainda os maiores que possam surgir no futuro. Atualmente o canal de Boston tem 35 pés, profundidade essa equivalente aos de Filadel-

Aí temos a situação atual. A questão da profundidade, porém, não é tão importante como outros fatores que entram em jogo na determinação do valor de um porto de mar. Se houver comércio que justifique o trabalho, os estuários podem ser dragados. O calado dos navios que trafegam pela Costa Leste da America do Sul, será sempre determinado pela dificuldade de se manter desobstruído o canal de Buenos Aires. O estuário dêste porto tem atualmente 28 pés, mas está sendo aprofundado. Rio de Janeiro e São Salvador, jamais terão que se preocupar com êsse assunto. Santos é bastante rico para levar a dragagem de seu estuario a qualquer profundidade a que Buenos Aires possa atingir. Belém, Paranaguá e Recife podem facilmente abrir os seus canais para receber os maiores navios que forem lançados nas linhas Sul Americanas, se conseguirem desenvolver o seu comércio internacional ao ponto de atraí-los. Sòmente Porto Alegre, um dos grandes portos brasileiros, está condenado, pela sua pouca profundidade.

Vitoria tem profundidade, mas, nunca poderá tornar-se um grande porto porque falta-lhe espaço para ancoragem. Se a Farquhar abrir um canal através da barra de Santa Cruz, nada, a não ser a política, poderá evitar a sua utilização como porto de entrada, nem, tão pouco que Vitória cáia na mais completa obscuridade.

fia, Baltimore, Norfolk, Nova Orleans, e Seattle. Portos importantes como os de São Francisco, Oakland e Los Angeles, onde a profundidade original de parte do ancoradouro era de apenas 2 pés, têm agora 30 pés; neste caso está também Galveston. Charleston tem 28'; Savannah, 27'; Tampa e Mobile 26'. Nenhum outro porto Norte-Americano tem canal mais profundo".

— HUNTINGTON E CUSHING *Princípios de Antropogeografia*, pág. 116.

Manáos e Belém não poderão atingir posição elevada no comércio mundial antes que a Amazonia tenha população mais densa.

Por outro lado, o Rio Grande do Sul tomará novo impulso logo que seja construída a estrada de ferro de Sant'Ana do Livramento a Bagé, para canalizar toda a exportação de couros, gado e carnes que atualmente se escôa pelo Uruguai.

Paranaguá e Santos mantêm as suas posições, não pela facilidade de comunicação com o interior, mas, apesar das serias dificuldades com que lutam. A estrada de ferro que liga Santos a São Paulo funciona em um plano inclinado acionado por meio de cabos! Todavia, a riqueza das zonas que êsses dois portos servem, justifica a expectativa de que Santos será cada vez mais importante. Quanto a Paranaguá, porém, difficilmente se pode esperar que o planalto paranaense se desenvolva a ponto de alimentar comércio de interesse internacional, em menos de meio seculo.

São Salvador é o único porto brasileiro que goza de todas as vantagens apontadas. Se algum dia o governo se decidir a abolir os direitos de 20% sobre a exportação de cacáu, extinguir a febre amarela da capital e libertar da verminose a sua população, ampliar o sistema ferroviario e abrir boas estradas de rodagem, a Baía, dentro de pouco tempo, ocupará, na lista dos portos brasileiros, o lugar seguinte ao de Santos.

Nenhum outro porto, porém, na America do Sul, poderá usurpar ao Rio de Janeiro a primasia. Não se pode dizer que as suas comunicações com os grandes centros produtores do interior sejam fáceis, mas, as dificuldades foram vencidas por várias estradas de ferro e assim é que a preeminencia comercial do mais lindo porto de mar, de todo o mundo, está amplamente assegurada.

§ 2. CURSOS INTERIORES

Não só o Atlantico representa a única comunicação possível entre o litoral do Norte e do Sul do país, como ainda, a navegação interior constitue o único meio de ligação para cêrca de dois têrços do território brasileiro. Da mesma fôrma que os grandes lagos Ohio, Mississippi e Missouri, facilitaram, nos Estados Unidos, a obra dos desbravadores e dos missionários, assim os rios brasileiros intrigaram os curiosos, os aventureiros e os devotos, desde os primórdios da ocupação lusa. A partir de meados do seculo XVIII quando Manoel de Lima desceu o Guaporé e o Madeira, de Mato-Grosso ao Pará, e João de Souza atingiu o Amazonas pelo Arinos e pelo Tapajós, os grandes rios navegaveis do Brasil vêm sendo conhecidos e regularmente frequentados pela navegação apesar de que entre êles ainda existe muita terra completamente inexplorada. Nenhum dos rios de volume ponderavel que foram pela primeira vez estudados no seculo XX — o Gí-Paraná pelo General Rondon, o Roosevelt pela Comissão Roosevelt-Rondon e o Jamauchim por Mme. Emilia Snethlage (exploradora científica por todos os títulos merecedora de figurar ao lado dos nomes que acabamos de mencionar) — pode ser navegado a não ser em embarcações de dimensões reduzidas e com enormes despezas.

Os rios que dispõe de profundidade sufficiente para a navegação a vapor, são, como é natural, os únicos que hão de conservar o seu logar de importância na rêde de transporte nacional. Dentre êsses, o Amazonas pode ser navegado por grandes transatlanticos ao longo de todo o seu curso no Brasil, até Iquitos, na fronteira do Perú. Manáos é, em geral, o ponto terminal da navegação que vem dô Atlantico; sòmente na cheia um outro vapor de Liverpool vae além, a procura de um

carregamento de castanhas ou de borracha. Pelos principais afluentes do Amazonas, os vapores fluviais navegam ininterruptamente desde a foz até a linha das cachoeiras. (Um rápido exame do nosso mapa fisiográfico elucidará essa afirmativa). Daí, porém, não deve o leitor concluir que um vivo comércio agite a rede hidrográfica que serpeia sob a densa ramaria da floresta. Mesmo no baixo Amazonas, pode-se passar dois ou três dias sem se vêr um único barco a vapor.

Em segundo lugar, pela ordem da importância, vem o Rio Paraguai. Ótimos navios fluviais fazem com regularidade a carreira de Buenos Aires a Assunção; daí a Corumbá, trabalha outra frota; acima de Corumbá, navios menores fazem o transporte até Cuiabá e São Luiz de Cáceres; mesmo acima dessas cidades ha um serviço de lanchas a vapor com percurso de vários dias e que só não funciona na força da estiagem. Cada frota, das que descrevemos acima, á medida que se vai subindo o rio, é constituída de navios cada vez menores (e de muito menor conforto também) afim de atender ao menor calado do curso.

A navegação do Rio São Francisco vem depois da dos cursos amazonicos e da do Paraguai. Os barcos sobem o rio até Piranhas onde as mercadorias contornam a Cachoeira de Paulo Afonso por uma estrada de ferro. Acima da queda, o Rio é navegavel por embarcações fluviais de pequeno calado, até Pirapora, no Estado de Minas Gerais, apesar de que as duas principais linhas de navegação que operam no São Francisco, não vão além de Joazeiro.

Finalmente temos o Rio Paraná, o único rio navegavel que nos falta descrever. Da sua junção com o Paraguai, os navios sóbem até as cachoeiras de Sete Quédas. Acima dessas quédas gigantes, os navios brasileiros mantêm um serviço semanal até Jupjá onde cruza a estrada de ferro que vae para Mato-Grosso;

e daí em diante até as cachoeiras que barram a navegação, já no Triângulo Mineiro, ha um serviço de transporte em pequenas embarcações.

Comquanto o Amazonas e o São Francisco sejam os únicos dois grandes rios brasileiros que lançam suas águas no Atlantico, o curso inferior de vários outros rios menores tem consideravel importância econômica local. O Paraíba faculta a entrada dos navios até Campos, no Estado do Rio, onde vão carregar café ; assim também o Jequitinhonha, o Pardo e o Rio das Contas, servem de escoadouro ao cacáu, no Sul da Baía, apesar de que em nenhum dêles pode entrar embarcação maior que uma lancha. Nas mesmas condições existem ainda vários outros rios. (1)

Por mais importante que seja o navio a vapor e por maior relevancia que ainda possa adquirir na rêde hidrica que palpita através do sertão brasileiro, a embarcação que ingressou nas páginas da história e que mais destacado papel desempenhou no desenvolvimento do interior, foi a piroga, embarcação cavada, em uma peça única, num tronco de árvore. Em cada um dos milhares de cursos fluviais do Brasil, da mesma fórmula que nos grandes rios, acima do limite da navegação a vapor, existe um intenso trafego de canôas. Ainda mesmo nos cursos inferiores, é frequente a força muscular auxiliar o vapor. Em nenhuma outra região do globo é mais manifesta a influencia do meio. Ao longo da fronteira setentrional dos Estados Unidos e ao Sul do Canadá, o vidoeiro sugeriu ao homem a construção de embarcações com sua casca e, tão frageis e leves são elas que um só homem pode carregá-las na cabeça por 10 ou 15 quilometros sem nenhum esforço sobre-humano. A flo-

(1) Em 1921, existiam 356 embarcações no serviço de transporte fluvial, mas, com uma tonelagem total de apenas 73.387 toneladas. — Prof. H. G. JAMES, *Brazilian-American*, 21 de Julho de 1923.

resta, porém, sugeriu ao índio brasileiro da mesma forma que aos habitantes das florestas de outras regiões, a construção da piroga. Por todos os lados encontravam-se troncos apropriados, e, por toda a parte a piroga tornou-se o barco predileto. As embarcações ligeiras eram desconhecidas no Brasil; Spix refere-se às canôas de casca de jatobá, feitas pelos índios Caiapós, no Rio Grande, e que podiam ser facilmente transportadas de um rio para outro. Apesar disso, porém, foi sobre a embarcação mais pesada e desageitada que se fez o transporte de 99% do comércio fluvial brasileiro.

A piroga original, despida de melhoramentos, varia entre 30 cms. de largura por 3 metros de comprimento e uma embarcação de 18 a 20 metros por 1,80 cms. de largura e 0,90 de profundidade. E' revirada nas extremidades e reforçada por braçadeiras internas. O fundo das grandes pirogas é chato e tem de 7 a 10 cms. de espessura e apenas um palmo de quilha. O seu pêso é enorme e só responde ao leme com grande relutancia. Assim mesmo, viamos diariamente, no Rio das Contas, embarcações dessas descer as corredeiras aos gritos dos pilôtos, tão carregadas de cacáu cuidadosamente preparado, que a água chegava a 6 ou 8 centímetros da borda, e assim mesmo geralmente atingiam o termo da viagem sem acidentes. Dois homens geralmente manobram essas pirogas carregadas de forma que o centro de gravidade fique para a frente; o "vôga" é quem dá a direção. Nas corredeiras brasileiras, podem-se presenciar ousados feitos desse genero.

A capacidade de carga da piroga primitiva é por demais pequena para as águas do Amazonas e as ondas do caudal, por demais elevadas para êsse tipo de embarcação. Usando-a apenas como quilha de uma embarcação maior, os nativos costumam adatar arcos de madeira aos lados e armar sobre êles uma coberta que toma cerca de terça parte de embarcação. Antes do advento do

vapor, era comum encontrarem-se no Amazonas, embarcações dessas, com 40 remadores, subindo o grande rio. Hoje, apenas acima das linhas de queda de cursos poderosos como o Tocantins e o Tapajós, continuam elas veiculando o comércio.

Que prodígios de esforço despendem-se ainda hoje nessas vias fluviais! Com espaço de poucas milhas uns dos outros, correm, no planalto matogrossense, afluentes do Arinos e do Paraguai. A descida do Rio Negro, por exemplo, — cujo curso é profusamente atravancado de arvores mortas — até o Arinos e depois pelo Tapajós até Santarém, é um percurso de mais de mil milhas interrompido por um sem número de quedas e corredeiras; e, de todo êsse trajeto imenso, somente as últimas 150 milhas correm pela planície amazônica. A viagem requer entre seis semanas e dois meses; se porém, se tratar de subir o rio com uma embarcação carregada, dê-se de barato um ano para o percurso — um ano de sofrimentos contínuos, ora impulsionando o barco a varejão, ora puxando-o a mão; aqui transportando a carga aos ombros, numa cachoeira, para varar a canôa por terra, rolando-a sobre tóras de madeira; acolá vencendo a pulso o fervilhar de uma corredeira; e a tripulação suando, blasfemando, escorregando, ferindo-se e cantando. Ainda assim Chandless conta que quando estava em Diamantina, assistiu a passagem de uma embarcação carregada com 1500 arrobas, que veio de Santarém, fez a varação, no divisor das águas e desceu o Paraguai até a antiga Villa Maria (2). Hoje em dia, os vapores fazem o abastecimento de Mato-Grosso pela via sulina, e, assim, torna-se desnecessário que as canôas desçam além de Itaituba. Apesar disso, até agora, a menos que estejamos mal informados, as canôas das localidades goianas situadas

(2) H. H. SMITH, *Brazil, o Amazonas e o Litoral*, p. 251.

no alto Tocantins, fazem uma viagem de ida e volta por ano.

No Rio São Francisco, e especialmente em tributários seus como o Paracatú, encontram-se ainda as barcas do Rio Douro, em Portugal, introduzidas pelos colonos em princípios do século XIX. (3) Uma dessas barcas de tamanho médio, tem cerca de doze metros de comprimento por quatro de largura, calando de 3' a 5' quando carregada e com uma capacidade de carga de seis a sete toneladas. Existem, porém, embarcações desse tipo muito maiores. Têm o fundo chato e a prôa em forma de colher. A cabina, ora é à prôa, ora à ré e varia desde a coberta de sapé até a cabina de madeira com janelas de vidro. Aos lados, junto à borda existe um passadiço por onde a tripulação caminha ininterruptamente, impulsionando o barco com enormes varejões de seis metros "cavando buraco no peito" no dizer dos canoeiros. Remos e velas são também empregados quando possível, mas, a maioria do trajeto é feita dessa maneira penosa e primitiva. No geral não conseguem fazer mais que seis ou sete milhas por dia. Cada um adota um sistema todo seu em materia de navegação. O remo do Amazonas tem a pá redonda, mas, no Sul da Baía é comprido e resistente para servir de varejão; poucos são flexíveis como os do índio canadense. Todos os estilos, porém, todas as variedades e todos os rios exigem sempre formidável esforço muscular para a manobra dessas embarcações primitivas.

§ 3. CAMINHOS VELHOS

O atual sistema de transporte terrestre no Brasil, pôde ser mais facilmente compreendido se examinarmos as principais arterias comerciais trafegadas antes do ad-

(3) Sir RICHARD BURTON *O Interior do Brasil*, II, pág. 207.

vento das estradas de ferro, digamos em 1867. Pois, a genesis das estradas de ferro no Brasil é quasi a mesma que a das americanas: a anta rompia trilhos dentro do mato, o índio, em seu encalço, abria a picada; o português, com seus cargueiros, alargava-a; de raro em raro um carro de bois seguia o colono e abria, com suas rodas cortantes, colossais, dois sulcos paralelos a que chamavam "caminho"; mais tarde, o progresso estendeu as suas fitas de aço ao longo dos principais caminhos, e, finalmente, no seculo XX, o automovel fez surgir algumas estradas dignas dêsse nome.

Por diversos motivos tomamos o ano de 1867, como ponto de partida para o exame das antigas vias de comunicação. Em Julho dêsse ano foi aberta a navegação do Rio Amazonas aos países estrangeiros, e, portanto, data daí a história da conquista da Amazonia. Em Agosto de 1867 o primeiro vapor que navegou o dorso do São Francisco partiu de Penedo e atingiu o Porto das Piranhas. Em 1867, Sir Richard Burton iniciou sua viagem através de Minas e depois pelo São Francisco em demanda do mar tendo então produzido um dos melhores trabalhos existentes, sobre o Brasil daquele tempo. Em 1867 o único trecho de estrada de ferro que o Brasil possuia era a Estrada de Mauá, com 11 milhas de comprimento, que, partindo do Rio de Janeiro ia ter à fralda da Serra dos Orgãos; mas, — que a frase não se perca na noite do esquecimento, — essa estrada foi inaugurada por D. Pedro II com a ordem imperiosa "Á barra do Rio das Velhas!" Mil oitocentos e sessenta e sete foi o último ano em que se viajou para Minas pela pinturesca estrada de Petropolis. No ano seguinte a estrada de ferro chegava a Entre Rios.

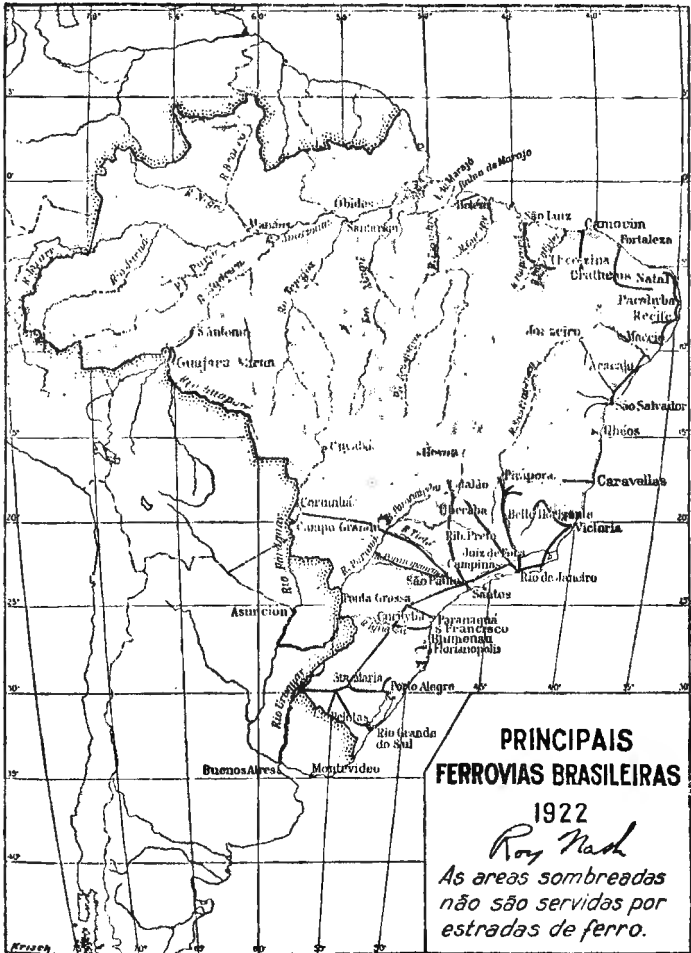
Da ponta dos trilhos da Estrada de Mauá, partia uma linha de carruagens que, por uma estrada macadamizada de 15% de declive e provida de parapeito, atingia Petropolis, a mais de setecentos metros acima

do nível do mar, constituindo, sem dúvida, um dos mais lindos passeios do mundo. Entre Petropolis e Juiz de Fôra o coche jogava na velocidade de quinze quilômetros por hora, índice expressivo do estado da rodovia. Os cem quilômetros de Juiz de Fôra a Barbacena tinham uma história bem diferente. A estrada era pessima durante o ano todo, mas, de Novembro a Abril nem dava passagem para veículos (1). De Barbacena em diante, se o viajante demandava pontos ainda mais distantes, era forçado a servir-se do lombo de um burro.

Os cento e sessenta quilômetros de estrada entre o Rio de Janeiro e Juiz de Fôra, constituíam, portanto, o único trecho que, partindo da Côrte, podia ser percorrido durante o ano todo. De São Salvador, a segunda cidade do Brasil, não se podia sair em veículo algum, nem a vinte quilômetros de distância. Nas circunvizinhanças de São Paulo, a terceira cidade do país, a situação era mais ou menos a mesma que nos arredores do Rio de Janeiro: uma boa estrada pavimentada pela serra abaixo, até Santos e outra em direção Noroeste, até Jundiáí, por onde transitavam as tropas que se dirigiam a Minas, Goiaz e Mato-Grosso. Não colhemos informações pormenorizadas com relação às cidades de menor importância. E' possível que em 1867 já existissem boas estradas na povoação germânica de Blumenau; trechos curtos, talvez, até Curitiba. Pelos Pampas do Rio Grande do Sul onde a natureza é a principal construtora das estradas, é possível que já existissem trechos mais longos, mas, talvez não estejamos incorrendo em exagero, afirmando que, em 1867, não havia em todo o Império Brasileiro oitocentos quilômetros de estradas de rodagem sobre que pudessem trafegar veículos de quatro rodas em qualquer época do ano.

(1) BURTON, Op. Cit. I, 57/8.

A trópa era o sistêma de transporte geralmente adotado no Brasil e, além das comunicações fluviais, a rêde de "trilhos" constituia o sistêma venoso por onde circulava o sangue econômico do país, mantendo a unidade do Império. Essas comunicações eram boas, más ou péssimas em função direta da clemencia ou inclemencia da natureza, na zona que cortavam. O homem não se sentia mais responsavel pela conservação dêsses caminhos que pela composição química da atmosfera: o ar êle o respirava, pelos trilhos êle caminhava, vadeava ou atolava-se com a mesma inalteravel serenidade. Através da mata virgem, na zona das grandes chuvas, as vias de comunicação brasileiras igualavam em precariedade, às peores do mundo. O casco das alimarias ia transformando a superficie instavel dos caminhos em terrível lamaçal. Caía mais chuva e o lamaçal se transformava em pantano. Cada vez mais o trafego ia baixando o nivel da estrada até que finalmente, com o leito mais baixo que as margens, aquilo que anteriormente era um caminho, passava a ser quasi um valo. Em certos logares, com a lama pela barriga, o animal carregado com cento e vinte quilos ou mais, tinha que despender a cada passo uma energia tremenda. Havia a "escada": buracos equidistantes, cavados a casco no caminho, onde as bestas de carga tinham que ir enfiando as patas para depois, passando-as penosamente por sobre o barranco de permeio, mete-la de novo em um poço de lama, logo à frente. Fóra do mato, felizmente, existiam grandes areas onde, para a abertura de um bom trilho, nada mais era necessário que o rasto dos animais. Uma delas era a zona dos pampas e a outra o Nordeste, durante a sêca. Mesmo, porém, no árido Ceará, havia épocas do ano, durante a estação das águas, em que se tornava quasi impossível locomover uma tropa pelo interior.



Do ponto de vista técnico, os trilhos brasileiros eram sempre mal traçados e mal construídos. Nem o cavalo e nem o burro são máquinas feitas para vencer ladeiras íngremes. Vinte quilômetros de caminhos coleantes em torno de uma montanha, mas em rampa suave, são mais fáceis para o animal que dois, em forte rampa, onde escorregue a cada passo. Assim mesmo, o gênio do português, da mesma forma que o do espanhol, não resistia à tentação de orientar os seus trilhos justamente pela crista de toda a elevação que se lhes deparasse na passagem. A única cousa que se pode dizer em seu abono é que nos pontos onde se tornava necessário, pavimentavam o leito da estrada com pedra bruta e também construíam algumas pontes — não muitas — sobre os cursos menores.

Assim mesmo como eram, os trilhos de tropeiros ligavam todas as povoações brasileiras situadas ao Sul da floresta Amazônica, e, um viajante bem montado podia ir para onde quizesse. De Montevidéo, podia subir ao longo da Banda Oriental e do Rio Grande do Sul, e, depois de atravessar os pinheirais do Paraná, atingir o Estado de São Paulo. Spix descreve o encontro da magnífica comitiva do bispo de Nova Cordoba que, acossado pelas revoluções políticas das colônias espanholas, de Montevidéo dirigia-se ao Rio de Janeiro. Já tinha quatro meses de viagem e ainda lhe restava percorrer trezentos quilômetros.

No Estado de São Paulo, Jundiá constituía o “porto sêco” dos tropeiros; daí, como informa Spix, partia um “caminho pavimentado” que, serpeando pela encosta Ocidental da Mantiqueira, ia ter a São João d’El Rey, em Minas Gerais, próximo a Barbacena onde paravam as carruagens que faziam a viagem do Rio de Janeiro a Minas. De São João d’El Rey, havia um caminho que ia à Sabará e ao Rio das Velhas; outro em direção Noroeste que se dirigia a Goiás e daí, para

Cuiabá e diversas outras localidades, no Estado de Mato Grosso. Outra estrada de importância, era a que corria pelo vale do Paraíba, abastecendo o Rio de Janeiro de gado e aves.

Ao Norte de Barbacena, o caminho de maior tráfego era o que se dirigia a Ouro Preto, Mariana, Diamantina e Minas Novas; a zona que demorava além desta última povoação, era antes tributaria de São Salvador que então se atingia por um caminho via Cachoeira, pelo vale de Paraguassú. De Diamantina havia uma estrada que se dirigia a Goiás, passando por Paracatú. "Caminhos naturais, traçados ao acaso, pelo pé descalço do caboclo, trilhos virgens do sulco das ródas, correm paralelamente a ambas as margens do Rio das Velhas e do São Francisco. Ambos são maus, mas, em geral, um está em melhores condições que o outro. Mesmo na seca, porém, a canôa é a condução preferida, mas, na estação das chuvas essas passagens tornam-se completamente intransitáveis" (3).

Cachoeira, à margem Ocidental da Baía de Todos os Santos, era o ponto terminal dos caminhos que irradiavam de São Salvador. O caminho rumo ao Poente, passava pelo Vale de Paraguassú, galgava a serra, atravessava o São Francisco abaixo de Senhor Bom Jesus da Lapa e daí seguia até encontrar a estrada Rio-São Paulo no lugar denominado Meiaponte; passava a vinte e seis leguas a Leste da cidade de Goiás. Havia uma passagem, dificilmente transitável, por Lençóis até a Barra do Rio Grande, mas, o melhor caminho para Barra, ia diretamente de Cachoeira e Jacobina e daí para o Poente. A estrada principal para o Norte passava por Vila Nova da Rainha e ia ter a Joazeiro; daí atravessava o rio e continuava até Oeiras, a velha Capital do Piauí; seguia para Caxias, o ponto inicial do tráfego

(3) BURTON, Op. cit., II, 227.

das canôas, no Rio Itapicurú que liga o Atlântico a São Luiz. Na época em que escrevemos, a balsa de Joazeiro transporta, anualmente, cêrca de 10.000 cabeças de gado e 1.300 de muares e cavalaes que vêm do Norte, em demanda dos mercados baianos, conforme Burton. O caminho que vinha do Ceará, cortava o São Francisco em Cabrobó e daí, rumava para Jardim e Crato de onde partiam diversas comunicações para o litoral.

Assim é que em 1867, havia uma rêde ininterrupta e bastante transitada que do Ceará e de São Luiz desciam pelo interior até o Rio da Prata a 6.000 quilometros ao Sul e de Pernambuco e da Baía, à beira do Atlântico, rumo ao Poente, até a fronteira boliviana, no Estado de Mato-Grosso, num percurso de 3.200 quilometros.

Os viajantes que percorriam êsses caminhos nunca tinham pressa. Um burro carregado com nove arrobas de algodão gastava de 3 a 4 mêses para ir do curso inferior do Rio das Velhas ao Rio de Janeiro e outros tantos para a volta. (4) No tempo de Gardner (1846) os comerciantes de Arias, em Goiaz recebiam mercadorias do Rio de Janeiro cada dois ou três anos, porque a viagem levava de seis a nove mêses; o juiz de Almas, porém, ia uma vez por ano fazer compras na Baía, viagem de mais de três mil quilometros com às longas voltas do trajeto. (5) Entre o Rio de Janeiro ou Baía e Cuiabá, em Mato-Grosso, uma tropa carregada gastava cinco mêses; mesmo assim, quando o correio mensal partia de Cuiabá para o Rio de Janeiro levava correspondencia que já tinha dois mêses de viagem: quarenta dias em canôa, do Forte do Principe da Beira, no Baixo Guaporé, a Mato-Grosso e mais

(4) JOHN MAWE, *Viagens pelo Interior do Brasil* (1812), p. 340.

(5) GARDNER, *Viagens pelo Interior do Brasil* (1846), p. 367.

vinte, em lombo de burro, até Cuiabá. (6) Em resumo, nem a distância, nem o tempo e nem o risco de confiar a um tropeiro o produto de vários anos de labuta, tinha muita importância para os antigos habitantes desses longínquos rincões brasileiros.

Essas viagens maltratavam menos aqueles homens de energia selvagem que os animais que cavalgavam ou tangiam. As caravanas eram bem organizadas. Uma tropa comum era composta de vinte a cinquenta muarres tendo um tropeiro montado como chefe. Sob sua direção iam ainda peões tomando conta de sete animais cada um. Ao longo de todos os caminhos de tropas, a determinados intervalos, existiam ranchos rudes com um grande pátio na frente onde fincavam inúmeros moirões a espaços de 3 ou mais metros, para nêles amarrem as alimarias. As outras acomodações consistiam em um pasto onde soltavam os animais à noite e o rancho para abrigar a carga. Não podendo alcançar nenhum desses pousos, faziam alto nalgum ponto onde houvesse capim, descarregavam os animais e soltavam-nos devidamente peiados, arrumavam a carga em forma de abrigo e dentro dêle os tropeiros acomodavam-se em couros de boi estendidos, à guisa de cama. Comquanto os homens que levam vida assim rude, jamais sejam notáveis pela ternura, os tropeiros brasileiros não são mais rudes que os seus colegas de outras partes, a não ser em dois únicos pontos: a sua ignorância e falta de habilidade. Como antigo oficial de artilharia, conheço a arte de acondicionar, da forma porque é praticada no exército, e, como silvicultor tenho vagado durante meses inteiros, com tropa, pelos caminhos de Idaho. Ao nosso vêr as cangalhas geralmente adota-

(6) *Exploração do Vale Amazônico*, pelos tenentes HERNDON e GIBBON (1854), Pt. II, pág. 276.

das no Brasil bem como os tropeiros do país, são os peores do mundo. E isso pode-se vêr pelo muito que sofre o lombo dos muares.

§ 4. ESTRADAS DE FERRO BRASILEIRAS

Tendo em vista êsse esbôço preliminar das antigas comunicações comerciais, é fácil perceber-se o sentido das estradas de ferro brasileiras, em 1924. Comquanto a profecia de Burton, de trens correndo a cem quilômetros por hora, ainda não se tivesse realizado (1), o transporte no Brasil acelerou e barateou formidavelmente desde 1867. O que se deu foi quasi que exclusivamente a substituição do caminho pelas paralelas de aço sem que houvesse a estrada de rodagem como estágio intermediário. Rio de Janeiro e São Paulo são os principais centros ferroviarios do país pelos mesmos motivos que, já no Império eram os seus principais mercados.

Do Rio de Janeiro, partem quatro troncos principais. Um vae em direção Nordeste, para Vitória e Rio Dôce, no Espírito Santo. O segundo segue o caminho velho para Minas, por Juiz de Fôra, Barbacena, Sabará e pelo vale do Rio das Velhas até Pirapóra, o ponto inicial da navegação fluvial do São Francisco. “Á Barra do Rio das Velhas!” foi a frase com que o Imperador inaugurou a primeira estrada construida em mil oitocentos e cincoenta e tantos. Quando estivemos em

(1) “A nossa viagem tem algo de interêsse geral; dentro de poucos anos terá o seu almanaque e constará do “Grand Tour do Seculo XIX”. E, chego até a prevêr que muitos dos que ainda hoje vivem ver-se-ão transportados à velocidade do tufão, fazendo cem quilometros (60 milhas) por hora nos trajetos em que a nossa penosa locomoção gastava quasi uma semana. Talvez até possam vôar — Quem sabe?”.

Pirapóra estavam tirando pedra para a construção da grande ponte que deverá franquear o rio naquele ponto, pois que a nóva geração já exclama "A Belém, via Tocantins!" O terceiro ramo já está quasi atingindo Catalão, no Estado de Goiaz. O quarto segue o caminho antigo de São Paulo, pelo vale do Paraíba. Entre essas quatro radiais, existe uma vasta rêde de ramais que não nos foi possível traçar em um mapa de escala reduzida.

O Estado de São Paulo, possui as melhores estradas de ferro do Brasil, e, nêste ponto, como em outros, pode ser classificado como um Estado moderno, altamente civilizado. A grande zona cafeeira a Noroeste da Capital, é cortada por um emaranhado de estradas. Ao Norte de Ribeirão Preto, um ramal se prolonga pelo Triangulo Mineiro, até o Estado de Goiaz, o alvo longinquo de muito bandeirante audacioso de antigamente. Outra linha segue o velho curso das canôas, pelo vale do Tietê, atravessa o Rio Paraná, em Jupιά, e continúa pelo Estado de Mato-Grosso até a fronteira Boliviana onde muitos milhares de paulistas foram ter, duzentos anos antes da estrada de ferro. Esta linha acompanhou antes a marcha das canôas que o curso de algum caminho antigo. Um terceiro braço de aço, recentemente construido, vae tambem atingir o Rio Paraná, em Porto Tibiriçá. E, em direção austral, parte uma estrada cortando os três Estados que lhe ficam ao Sul, até fazer ligação com a rêde Uruguaiana, em Sant'Ana do Livramento. Em cinco dias, cobrimos a mesma distância percorrida em perto de cinco mêses, entre fadigas e orações, pelo bispo fugitivo de Granada.

Essa arteria Norte-Sul, distende ramais para cinco portos: de São Paulo a Santos; de Ponta Grossa a Paranaguá, passando por Curitiba; de União da Vitória a São Francisco, atravessando o Estado de Santa

Catarina; e, finalmente, no Rio Grande do Sul aos portos de Porto Alegre e Rio Grande. Um ramal ocidental vae atingir a fronteira Argentina, em Uruguaiana, onde faz ligação com a estrada estrategica que corre paralelamente ao Rio Uruguai. Examinando-se o mapa, ver-se-á que essas ferrovias servem com eficiencia apenas quatro Estados brasileiros: Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul.

A distribuição das ferrovias fóra da rêde meridional que acabamos de descrever, obedece a traçados fragmentários, característicos da primeira fase da construção ferroviaria, em todos os países. Em Santa Catarina existem duas linhas isoladas: uma que transporta carvão para Imbituba e outra de apenas 70 quilometros entre Blumenau e Hansa. Na Baía uma linha ferrea com 275 quilometros de extensão, liga o insignificante porto de Caravelas a Ladainha. A linha que transporta cacáu de Itabuna e Água Preta, para o porto de Ilhéus tem apenas 84 quilometros.

Quatro outros trechos solitários transportam mercadorias a outros tantos pontos diferentes da Baía de Todos os Santos, sendo que em três dêles torna-se necessário fazer transbordo da carga, em chatas, para atingir São Salvador. De Nazareth sáe uma linha em direção Sudoeste que vae até perto de Jequié; a malicia deliberada do peor engenheiro do mundo não poderia ter dirigido a ponta dos trilhos dessa estrada para ponto mais inconveniente do litoral. De São Felix, ha uma estrada que segue pelo caminho velho, através do vale de Paraguassú, num percurso de 256 quilometros. De Cachoeira, atravessando o rio, mais 45 quilometros de estrada vão ter a Feira de Sant'Ana. Da própria capital do Estado — São Salvador — parte a linha que substituiu o caminho velho para Joazeiro, na barranca do Rio São Francisco; e, de Alagoinhas

parte o ramal que vae para Aracajú e depois à margem do São Francisco, em Propriá.

Só falta construir um trecho de 120 quilometros entre Propriá e Atalaia para completar a ligação de toda a zona litorânea do Nordeste entre São Salvador e Natal. Atualmente já existe ligação ferroviaria entre Maceió, Recife, Cabedelo e Natal, com pequenos ramais projetando-se para o interior.

No Ceará, duas linhas distintas partem do litoral em direção Sul. Para baixo de Fortaleza, deve haver cêrca de 650 quilometros de linha em trafego (em 1924), contando-se os ramais que se dirigem às Obras contra a Sêca. Do pequeno porto de Camocim, sâe outra linha de cêrca de 300 quilometros que vae a Crateus. A julgar pelo último mapa oficial, já está completa a linha de São Luiz a Terezina e além. Até ha muito pouco tempo Piauí não tinha uma única estrada de ferro e o Estado do Maranhão só tinha em trafego uns 80 quilometros entre Caxias e Terezina.

No Pará só ha uma estrada de 250 quilometros entre Belém e Bragança.

Os quatro últimos trechos a que ainda nos resta fazer referencia, servem para fazer o serviço de varação em tórno de cachoeiras intransponiveis, em rios onde existe navegação regular. Entre Piranhas e Jatobá, corre uma estrada de 110 quilometros em torno da Cachoeira de Paulo Afonso. Mais quarenta quilometros de trilhos, fazem a varação das quêdas do Tocantins, entre Alcobaça e Breu Branco. Uma linha de Porto Mendes a Porto Guaira, contorna o Salto das Sete Quedas, no Rio Paraná. E, finalmente, os 360 quilometros da Madeira-Mamoré que vão de Porto Velho a Guajará-Mirim.

Este último trecho de estrada de ferro tem uma história interessante para os nossos compatriotas. Foi

nessa empresa ingrata que o capital Americano a procura de colocação no estrangeiro, fez a sua estréa no Brasil. A construção foi penosissima. Quem quizer ter uma idéa nítida das dificuldades dêsse empreendimento em plena selva, procure lêr as "Lembranças de uma Malfadada Expedição" por Neville B. Craig. E' a história da primeira tentativa, feita em 1878, para a construção da Madeira-Mamoré, numa ocasião em que uma verdadeira coalição de inimigos — naturais, políticos e financeiros — derrotou os mais experimentados construtores ferroviarios Americanos e alguns dos melhores engenheiros da época. Um quarto de seculo mais tarde a empresa foi levada a efeito por outra geração de Norte-Americanos, mas, não sem a perda de muitos milhares de vidas. Quando estivemos em Manáos, em 1920, o gerente inglês dessa estrada, informou-nos que estava fazendo correr apenas um trem por semana e assim mesmo a Companhia tinha prejuizo.

A construção ferroviaria constitue sério problema em muitos pontos do territorio brasileiro. Em alguns trechos da planície costeira, bem como na parte ocidental do Rio Grande do Sul e no Estado de Mato-Grosso, foi fácil a construção de estradas de ferro. A escalada do planalto Central, porém, partindo do Rio de Janeiro, de Santos, de Paranaguá e de São Francisco, foi extraordinariamente penosa. A estrada inglesa que liga a rêde ferroviaria do Estado de São Paulo ao porto de Santos, é um dos trechos mais trabalhosos do mundo e a sua execução é a mais perfeita que se pode imaginar. Mesmo, porém, depois de ter vencido o talude maritimo do altiplano, o terreno, no interior de São Paulo, Minas, Paraná e Santa Catarina é tão talhado pela erosão que a construção ferroviaria nada tem de fácil. A natureza não dotou o territorio Brasileiro de planuras como as da Argentina e as dos Estados Unidos.

Bem avisado andou o Brasil construindo em primeiro lugar estradas de bitola estreita nas zonas de menor importância, para substituí-las mais tarde, quando o tráfego permitir, por bitola larga. Durante, o atual estágio de transição, porém, a necessidade da baldeação entre uma bitola e outra, em certos pontos, é cara e aborrecida.

O conforto que oferecem aos passageiros as estradas de ferro brasileiras, varia muito. Entre Rio e São Paulo os trens de luxo são iguais aos melhores da Europa; entre Rio de Janeiro e Belo Horizonte — a capital de Minas — são bons; e as melhores estradas de São Paulo nada deixam a desejar. O viajante que sáe porém, das arterias principais, é geralmente surpreendido por sensações inteiramente novas. O uso de lenha nas locomotivas é comum, devido ao elevado custo do carvão. Á noite a chuva de fagulhas oferece espetáculo interessante; mas, não se dispondo de um guarda pó a prova de fogo, antes do cair da noite, a roupa fica como se tivesse sido varada por um tiro de bacamarte. O leito das estradas ainda não proporciona aquela maciez que só se consegue com muito trabalho de conservação e tráfego pesado. Lembramo-nos de uma noite, quando viajavamos entre São Salvador e Aracajú, em um leito superior, em que o trem jogava tanto que tivemos de nos agarrar à armação da cortina para não despencarmos no corredor. Esse chocolejar, porém, nem sempre resulta da grande velocidade, pois, certa vez, em Mato-Grosso, tivemos a pachorra de contar a passagem de cinco marcos de quilometragem enquanto um cachorrinho caipira corria ao lado do "expresso", latindo sem perder o folego. Se não se tiver pressa, (e quem a tiver não deverá ir ao Brasil) não deixa de ser interessante desembarcar à noite em alguma cidadesinha do interior, pernoitar no hotel e seguir viagem no dia seguinte. A única desvantagem é que caso o trem esteja atrasado,

chega-se à estação de pouso tarde da noite e a partida dá-se, geralmente antes do nascer do sol (2).

§ 5. ESTRADAS DE RODAGEM

Em nenhum outro aspecto difere o Brasil tanto dos outros países de grande vastidão territorial, como no capítulo das estradas de rodagem. Tanto o Império Romano como o de Napoleão, tornaram-se famosos pelas magnificas rodovias que irradiavam das capitais em demanda dos mais longinquos recantos do país. Não exageramos muito dizendo que com exceção dos carros de estrada de ferro, a ródá — o magico presente que o mundo recebeu da Asia — não foi utilizada no Brasil antes do Seculo XX. Ao Sul do Amazonas, preferia-se em geral, o deslizar de uma canôa ou o trote de um burro, ao rodar de uma carruagem.

Em 1924 a situação é mais ou menos a seguinte. O Rio Grande do Sul possui boas estradas de superficie natural na zona mais sêca das campinas; estradas bem apreciáveis para uma região de pecuária. São mais ou menos iguais às que cortam as Grandes Planícies, nos Estados Unidos. Pode-se percorre-las confortavelmente em automovel. Nas partes mais humidas do Estado, porém, durante a estação chuvosa, as estradas

(2) A distância total percorrida pelas Estradas de Ferro brasileiras, em 1919, era de 29.925 quilometros assim distribuidos:

	kms.
Propriedade e administração da União	6.329
Propriedade da União e arrendadas a terceiro	8.697
Concessões estaduais com garantia de juros	3.648
Concessões estaduais com favores especiais	7.409
Concessões estaduais sem garantia de juros	2.084
Propriedade particular	1.758
	29.925

só são transitáveis por veículos tirados a 4 e 6 animais — da mesma forma que em grande parte da zona rural, no Sul dos Estados Unidos, durante a Primavera. Fizemos a viagem de Porto Alegre, por terra, num “Ford” até quasi à vista do mar, durante o período das águas, sem porém, dispensar o auxílio da clássica junta de bois.

Nas colonias alemãs de Santa Catarina, encontram-se as melhores estradas de superfície natural, em todo o Brasil. Jamais poder-se-á exagerar a sua descrição. São tão boas como as melhores no genero, em qualquer parte do mundo. E, os agricultores da região, sabem dar-lhes o devido valor: “Como teria sido possível realizar tão notável progresso” indaga o autor do relatório anual da Municipalidade de Blumenau, em 1919, “se não tivessemos planejado, construído e conservado o vasto sistema rodoviario que hoje possuímos?” Desde a criação do Município, em 1883, até 1919, nada menos que 63% das rendas da Prefeitura foram aplicados na abertura de estradas e na construção de pontes. O município possui atualmente 1.550 milhas (2.480 quilometros) de rodovias com quasi quatro metros de largura, transitáveis não somente por veículos de ródá dura, como também por automoveis, durante todas as épocas do ano, com exceção dos trechos situados em pontos mais remotos e durante o período das chuvas. Locomovemo-nos a cêrca de 50 quilometros a hora, por essas estradas, com facilidade e conforto.

Fóra dos Municípios de Blumenau e Joinville, Santa Catarina possui poucas estradas como as que ligam Lages, Curitiba e Campos Novos ao litoral; o resto do interior do Estado é cortado por estradas de boiada.

Nas estradas do Paraná pode-se viajar de automovel entre a maioria das suas cidades principais da zona Oriental do Estado. De Curitiba a Antonina, construiu-se

uma ótima rodovia de superfície dura, em 1912. Outras de qualidade mediana, lá pelos confins do interior, são constantemente transitadas pelos enormes carroções tol-dados, dos polonêses. E até mesmo a viagem da Capital às Cataratas do Iguassú, no extremo Sudoeste do Estado, pode às vezes ser feita em automovel; é verdade que o mesmo carro dificilmente poderá repetir a proesa.

São Paulo, como em muitos outros índices de civilização, também ocupa o primeiro lugar na construção de rodovias graças, em grande parte, ao Dr. Washington Luis. Pode-se viajar em automovel com todo o conforto pela região agrícola do Estado, pois já existem cêrca de 10.000 quilometros de rodovias em trafe-go e mais 1.500 em construção. (1) Das que estão em franco uso, as mais importantes são: a de São Paulo a Santos, pavimentada; a que vae de São Paulo a Ribeirão Preto, passando por Campinas e pelas mais importantes zonas cafeeiras; e a estrada atualmente em construção entre São Paulo e o Rio de Janeiro, passando por Mogí das Cruzes e Jacareí. Esta última, com cinco metros de largura e uma rampa máxima de 6%, deverá ter atingido Bananal, a última cidade do Estado de São Paulo antes de sair a lume o presente trabalho. A maioria destas "estradas de automoveis" é de superfície natural, mas de excelente construção. Existe ainda grande quilometragem de estradas transitaveis por veículos de tração animal, das quais, certos trechos, oferecem alguma dificuldade para veículos a motor.

O Estado do Rio de Janeiro, já não é tão bem servido de boas estradas. No momento em que escrevemos, não existe nenhuma, que, partindo do mar, estabeleça comunicação com o planalto. O efeito imediato da cons-

(1) *Brazilian-American*, 21 de Julho de 1923.

trução da estrada de ferro, foi o abandono da velha, mas, ótima estrada de rodagem que ia para Minas, e, assim é que hoje, não é mais possível ir-se do Rio a Petropolis, por estrada de rodagem. Uma vez galgada a Serra, encontram-se excelentes rodovias pelas cercanias de Petropolis e Terezopolis.

O Estado de Minas é o mais populoso da União Brasileira, mas, a extensão total de suas estradas de rodagem, é bem menor que a do Estado de São Paulo. Não sabemos da existência de nenhuma estrada pavimentada nêsse Estado. O carro de bois ainda é o único veículo que circula pelas zonas menos habitadas do Estado e, por nenhum esforço de linguagem poder-se-ia chamar "estrada" aos sulcos que no chão vão cavando as afiadas rodas dessa gritante almanjarra dos antigos Arianos.

O Estado do Espírito Santo possui ótima estrada de rodagem que vae da estrada de ferro às colonias alemãs de Santa Leopoldina e Santa Tereza e o Governo Federal construiu mais uns 50 quilometros através das florestas do Rio Doce, estrada essa que, partindo de um ponto oposto a Colatina, vae ter à reserva indígena (por sinal que essa viagem oferece ao viajante estrangeiro excelente oportunidade de contemplar uma mata virgem com todo o conforto). O Estado, porém, de resto, é em geral mal servido de rodovias.

Duas outras regiões brasileiras possuem boas estradas de superficie natural, mais por ter sido bondosa a Natureza-Mãe, que por ter sido ambicioso o homem que as construiu. Os que conhecem essas zonas, melhor que nós, dizem que existem bem boas estradas no semi-árido Nordeste; Alagôas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, (2) "construidas, não

(2) S. J. P. LUCAS, da "Reo Motor Car Company — O Movimento das Boas Estradas no Brasil, *The Brazilian-American*, Outubro, 21, 1922.

como as da Europa ou dos Estados Unidos, mas de bom material e bem prestáveis". Em Mato-Grosso existem também algumas estradas que, apesar de nunca terem sido construídas a propósito ainda assim prestam bons serviços. Os automóveis trafegam perfeitamente pelo trilho de gado entre o Rio Paraná e Campo Grande e até Conceição, no Paraguai. Encontramos, porém, em nosso caderno de notas, uma observação lançada às pressas quando estivemos em Campo Grande e assim redigida: "Lama até os joelhos durante as chuvas de Outubro a Fevereiro e pó muito bem distribuído durante o resto do ano." Por aí se vê que não são estradas de turismo.

Fóra as zonas a que acabamos de fazer referencia e que atacaram de rijo o problema, fazendo notáveis progressos no caminho de sua solução, (principalmente o Estado de São Paulo), pode-se ainda dizer que até agora o Brasil tem falta de boas estradas de rodagem. Com exceção do caminho para carros de bois, a única estrada de fato, de que tivemos noticia no Estado da Baía, — região essa de area três vezes maior que a Inglaterra e população de 3-1/2 milhões de habitantes — foi um trecho de cêrca de 50 quilometros que parte de São Salvador. A situação em Sergipe, Piauí, Maranhão, Goiás, é mais ou menos a mesma. Ao que conseguimos apurar, os únicos trechos de estrada em toda a bacia Amazônica (fóra das circunvizinhanças das cidades) são: um trecho de pouco mais de cem quilometros entre Macapá e o Rio Araguari; a que corta em curva a ferradura do Rio Xingú, entre o início da navegação a vapor e Altamira; e a estrada que sai do Lago Salgado, ao Norte de Obidos.

Antes de passarmos a tratar de outro assunto, sejam permitida uma rapida descrição do carro de bois e dos sulcos que cava no chão. E' um veículo desageitado, com duas pesadas rodas maciças, de madeira in-

teiriça, puxado por seis a dez bois. Não apresenta êle melhoramento algum sobre os veículos adotados pelas primitivas hordas Arianas que vagavam pelas florestas européas, antes da era Cristã. Sua única vantagem é a resistencia. Sobre as pedras do caminho ou sobre o leito fragoso dos rios, nas passagens à váu, vae saltando manhosamente ; e, o guincho estridulo proveniente da fricção do eixo de madeira contra o mancal sem lubrificação, ressoa por muitos quilometros, quebrando o silêncio do sertão. Os aros estreitos que guarnecem suas rodas maciças vão cortando fundos sulcos paralelos pelos caminhos, e, por aí pode-se avaliar o estrago que produzem êsses pesados veículos nas estradas do interior. Quando um trecho torna-se intransitavel, fazem um desvio lateral, por dentro do mato. Mas, destituídos de nivelamento, de pavimentação e de obras de arte, é preciso forçar-se por demais o significado do vocabulo para dar-se a êsses trilhos a denominação de "estradas".

§ 6. TRILHOS E PICADAS

Alem das estradas de ferro e das rodovias, que outras comunicações existem hoje? Precisamente os mesmos caminhos de tropeiros que existiam em 1867 ou mesmo em 1767. Essas antigas passagens não sofreram alteração ; a apparencia da tropa não melhorou ; as cangalhas são as mesmas. Ha trilhos novos, sem dúvida, mas o antigo sistema de construi-los continúa sendo religiosamente adotado. A viagem entre São Salvador e Ilhéos, que muitas vezes tivemos occasião de fazer, revela-nos com precisão até que ponto a estrada de ferro substituiu o primitivo sistema de transporte por meio de tópas.

Da última vez que fizemos essa viagem, a estrada de ferro ia até cêrca de 50 quilometros de distância de Je-

quie o velho centro zootecnico da Baía. Da ponta dos trilhos, sem que houvesse como transição, veículo algum a tração animal, passava-se para o estreito caminho do Jequié, em lombo de burro. Calculamos que, pelo menos, uma média de cem mulas carregadas, tivessem trafegado diariamente por essa passagem nos últimos duzentos anos. Em 1920, como em 1820, estava completamente esburacada e cheia de "escadas" onde os animais se atolavam na lama até a barriga; sobre vários riachos, não havia ponte, de maneira que boa parte do cacáu e do tabaco transportado pela trópa, humedecia e embolorava antes de chegar ao mercado; e, finalmente, havia nêsse caminho um morro tão íngreme e escorregadiço que fazia pena ver os animais se esalfarem para galga-lo. Apesar de nos termos na conta de bons cavaleiros e possuímos os melhores muarres de sela que o dinheiro podia comprar, difficilmente conseguíamos vencer êsse caminho, durante as chuvas sem que a nossa montaria tombasse. O caminho sóbe justamente o morro mais íngreme, para depois descer do lado oposto, muito embora a estrada de ferro esteja indicando o traçado mais comodo para se atingir a cidade. Além disso, êsse trilho não corre por dentro da mata virgem, mas acompanha-a pela fimbria, onde por deficiencia de humidade, o mato se degenera em capoeira. Justamente por êsse motivo, é melhor que os atalhos de dentro do mato.

De Jequié, costumavamos rumar para Leste, em direção ao litoral pelo caminho que margeia o Rio das Contas e depois por dentro do mato cerrado. Pela época das enchentes o caminho que passava pelo rio tornava-se completamente intransitavel. Mesmo quando era mediano o nível do curso fluvial, cruzando a desembocadura de riachos tributários, tínhamos que apaar meia duzia de vezes, em cada viagem, desarrear o animal, faze-lo atravessar a nado emquanto varavamos

por alguma estreita pinguéla ou embarcado nalguma piroga. Durante a sêca, conseguimos viajar comodamente pela barranca do rio ; quando, porém, o caminho enveredava para dentro do mato, fosse em que época fosse, sabíamos já que nos esperavam terríveis atoleiros.

Três dias de percurso ao longo deste caminho levam ao coração de uma grande zona produtora de cacáu. E' essa a principal cultura do Estado ; o cacáu é uma fava que precisa ser cuidadosamente sêca e que fãcilmente embolora quando humedecida. Deixando-se o Rio das Contas em qualquer ponto entre a desembocadura do Congogí e a do Pancada, e, atravessando-se a mata-virgem em direção à estrada de ferro de Ilhéus, encontram-se trópas e mais trópas pelejando, sob o peso de sua preciosa carga, ora no lamaçal onde consomem toda a sua energia, ora dentro d'água onde a mercadoria se estraga e desvaloriza. Dois dias de viagem até alcançar a estrada de ferro, dois dias de volta e duas semanas para descanso dos animais !

Se as trópas demandam a estação durante a sêca, os cascos das mulas, desalojando a terra nas ladeiras, vão estragando o caminho com maior rapidez do que o pode reparar qualquer turma de conserva. Raramente se viaja nessa estrada de ferro sem que o trem tenha de parar a espera de que uma trópa sáia da linha. E a companhia inglêsa, proprietaria da estrada, não ousa tomar medidas energicas que ponham termo a êsse abuso de receio que, no dia seguinte, encontrem trilhos arrancados e estações incendiadas pelos tropeiros. Essas duas estradas de ferro encurtaram o caminho sem ter em nada alterado a comunicação entre as localidades que lhe ficam nas pontas dos trilhos. A estrada de ferro representa o seculo XX penetrando no XVI, sob protesto.

No interior do grande sertão Amazonense não só faltam estradas de ferro e de rodagem como até mesmo os caminhos de trópa são quasi desconhecidos. Fóra do curso dos rios, as únicas passagens existentes são os trilhos de anta e as picadas dos índios. Quasi todos os que habitam essas indomitas paragens trazem, pendentes da cinta, o seu inseparavel facão de mato. E' com êle que o habitante da floresta, ou o seringueiro, vae podando os cipós e as trepadeiras que lhe atravacam a passagem. Quando esbarra, porém, em obstáculo que não pode vencer, desvia-se polidamente. Não perde tempo brandindo o machado ou a pá; a picada é o resultado do contínuo perpassar do pé caloso do caboclo, mais um golpe esporadico de facão aqui ou acolá. Por êsse motivo, é melhor que os caminhos por onde transitam animais.

Tais são os peores caminhos do sertão. Nem todos, porém, são tão ruins. Entretanto, vistos de conjunto os trilhos e caminhos, do Brasil atual, não podem ser comparados aos dos Incas, no tempo da Conquista.

CAPÍTULO VIII

CAMPOS DE CULTURA

“Bom povo, mas, as cousas nunca correrão bem na Inglaterra enquanto as mercadorias não forem de propriedade comum e enquanto houver “gentleman” e vilão. Por que direito são os que se intitulam “lords” melhores que nós? Como conquistaram essa posição? Porque nos mantêm em estado de servilismo? Se todos nós viemos dos mesmos pais, Adão e Eva, como podem eles provar que são melhores que nós a não ser por nos fazerem ganhar com o nosso suor o que eles esbanjam, com seu orgulho? Vestem-se de veludo e aquecem-se com peles e arminhos, enquanto que nós cobrimo-nos com trapos. Têm, sobre suas fartas mesas, vinho, especiarias e pão fino; nós comemos bolo de aveia e palha e só temos água para beber. Eles têm descanso e casas confortáveis; nós temos dôr e trabalho, a chuva e o vento dos campos. E ainda assim é com o nosso esforço e com as nossas penas que êsses homens mantêm o seu estado”.

— JOHN BALL (*Seculo XIV*)

A sementeira, a expectativa e a colheita. Esta é a mais simples e a mais importante das formas de relação entre o homem e a terra em que habita.

No Brasil a agricultura e a pecuaria ocupam posição tão preponderante na economia nacional, a ponto de nada ser mais importante que o estudo da utilização produtiva do seu solo.

A agricultura é praticada em variadíssimos gráus de intensidade e de habilidade conforme o temperamento e a necessidade dos que a ela se dedicam. No mais rudimentar estágio da agricultura manual, o homem despende pouca energia e ainda menos intelligencia. Utiliza-se de nesgas de chão, em estado natural.

onde possa fazer um buraco com a ponta de um páu, lançar uma semente e deixar o resto a cargo da natureza. Depois, vem um processo um pouco mais laborioso mas que ainda se enquadra no mesmo tipo mental, i. e., a agricultura nomade praticada nas regiões florestais de todas as zonas tropicais do mundo. Derubam as árvores mais finas, isolam as maiores, ateiam fogo ao mato durante a sêca, tiram duas ou três colheitas e depois abandonam o terreno e vão fazer nova derrubada mais adiante. O processo é o mesmo tanto nas Filipinas, como na Península de Malaca, na India, na Africa e no Brasil.

Quando um agricultor se estabelece em determinada area, em geral comete o erro de se dedicar a uma única cultura: daí extrair do solo sempre os mesmos elementos até chegar ao ponto em que a terra se recusa a produzir. A policultura, em substituição à monocultura, tende a ajustar as necessidades da agricultura aos recursos do terreno. Depois, o agricultor pensa em devolver ao solo, em fórmula de adubo os elementos dêle retirados pelas culturas. Nos países onde a agricultura está mais desenvolvida, como na China e no Japão, a adubação, o amanho da terra e a irrigação, tornaram-se artes de tal fórmula aperfeiçoadas, que lá se encontram campos continuamente cultivados ha mais de quatro mil anos, revelando decadencia menos pronunciada que certos trechos do hemisferio Oriental dos Estados Unidos onde o arado vem sulcando a terra ha dois seculos apenas. (1)

O desenvolvimento do Brasil, como país agrícola, comparado ao dos outros povos, pode ser avaliado por um pequeno detalhe histórico. Já tivemos ocasião de nos referir, no segundo capítulo, à prodigalidade com que foram distribuidas as propriedades territoriais durante

(1) Vide Prof. F. H. KING, *Agricultores de Quarenta Seculos.*

as guerras mouriscas. Por ocasião da descoberta do Brasil, a forma de exploração agrícola que prevalecia ao Sul do Tagus era a de grandes latifúndios onde imperava a escravidão. Ora esse método foi integralmente transplantado para a nova Colônia. As terras tinham lá tão ínfimo valor, que foram distribuídas entre os favoritos da côrte, em quinhões ultra generosos. Como resultado temos que o levantamento censitário de 1920 acusa 648.153 propriedades em todo o país, para uma população de trinta milhões de habitantes. (Em Portugal, o número de propriedades era, em 1908, de... 11.430.740, para uma população de 5.423.132. (1)

Jamais se poderia obter índice mais exato da distribuição da riqueza e da força política brasileira, que a estatística das propriedades agrícolas conforme os dados do último recenseamento.

A área total de terreno em mãos de 64.000 grandes proprietários, era de 135.200.000 hectares; e, 600.000 sítiantes possuíam apenas 40.000.000 hectares! (Como seria diferente a situação num país europeu!) Vinte e nove milhões e meio de brasileiros não possuem terra alguma.

Consta que a firma Costa Ferreira & Companhia, do Pará, concessionária de uma linha de navegação no Amazonas, e composta de apenas dois sócios, possui naquele Estado, uma propriedade maior que a Inglaterra, a Escóssia e a Irlanda reunidas. Um outro senhor, do Pará, é dono de área superior a de Portugal. (2)

O Brasil é, portanto, o país dos latifúndios. Apesar de tudo, porém, ainda existem enormes extensões de terras devolutas. A área total do país é de 8.511.189 quilômetros quadrados. A soma das propriedades par-

(1) AUBREY F. G. BELL, *Portugal e os portugueses* (1916), p. 30.

(2) Obtivemos esta informação do Sr. Henry G. W. Romer, de Waterlow & Sons, Londres.

PROPRIEDADES AGRICOLAS DO BRASIL

Recenseamento de 1920

AREA DA PROPRIE- DADE EM HECTARES	NUMERO DE PROPRIE- DADES	AREA MÉ- DIA DE CA- DA PRO- PRIIDADE (hectares)	AREA TOTAL (hectares)	PORCENTAGEM	
				Sobre o total de proprie- dades	Sobre a area total
<i>Pequenas propriedades</i>					
Menos de 40	317.785	19	6.000.000	49,0	3,5
de 40 a 100	146.094	66	9.600.000	22,5	5,5
de 100 a 200	71.377	146	10.400.000	11,0	6,0
de 200 a 400	48.877	288	14.000.000	7,6	8,0
TOTAL . .	584.133		40.000.000	90,1	23,0
<i>Grandes propriedades</i>					
de 400 a 1.000	37.705	640	24.000.000	5,8	13,6
de 1.000 a 2.000	13.186	1.440	18.800.000	2,0	10,8
de 2.000 a 5.000	8.963	3.200	28.800.000	1,4	16,4
de 5.000 a 10.000	2.498	7.200	18.000.000	0,4	10,2
de 10.000 a 25.000	1.207	15.200	18.400.000	0,2	10,4
de 25.000 e mais .	461	59.200	27.200.000	0,1	15,6
TOTAL . .	64.020		135.200.000	9,9	77,0

ticulares atinge a 175.200.000 hectares, sendo que desta cifra, cêrca de 28% são florestas, restando, portanto, 126.000.000 de hectares para as pastagens e terras de cultura de propriedade particular. Como é natural a pecuaria ocupa area muito maior que a agricultura, mas, o recenseamento não informa qual seja. Esses 126.000.000 de hectares constituem a parte principal do Brasil hodierno. A maioria do restante, é ainda mata-virgem que nem começou a desempenhar papel algum

na economia nacional; uma vasta possibilidade, riquíssima promessa, é verdade, mas, realidade ainda menos tangível, para a nação, que o luar prateando as vagas do oceano ou as recentes aperturas políticas da Europa.

Se sòmente existem 650.000 lavradores no país, como pode viver uma população agrícola de vinte e cinco milhões? A maioria dos que amanham o solo, trabalha de parceria. Páginas atrás frisamos o fato de ser comunista o conceito da propriedade territorial entre negros e índios, quando em seus "habitats" originais. E êsses elementos nunca se conformaram com a idéa da propriedade particular, que tem o português, muito embora fossem forçados a reconhecer a superioridade do senhor de terras. Pequenos grupos desarticulados, revoltados contra a instituição da propriedade particular, foram dilatando as fronteiras agrícolas do Brasil em todos os pontos atingidos pelo progresso. Aventureiros livres e fugitivos formaram sempre, e ainda formam hoje, em todas as comunidades agrícolas, uma franja tenue, apenas fóra do alcance habitual da lei.

Esta acoima-os de intrusos; êles denominam-se "ocupantes". A agricultura nómade é a sua fórmula de vida.

Quando êsses desbravadores ousados creavam, nas terras abandonadas, valores que só o trabalho persistente pode construir, vinha o proprietario legitimo proceder à ocupação, amparado pela lei. Não era, em geral, tão desassissado a ponto de expulsar êsses gansos que punham ovos de ouro. "Fique até quando quizer" dizia o fazendeiro; "Sendo eu, porém, o dono das terras, você terá que me pagar, com trabalho ou com parte das suas safras, o direito de cultiva-las". Estabelecia então um pequeno armazem e tornava-se o banqueiro do colono. Mais tarde era o padrinho de seus filhos, o patrão de suas festas e, finalmente o protetor que se interpunha entre o ocupante de suas pró-

prías terras e a lei — essa cousa tremenda, que para o caboclo analfabeto assume o aspecto de algo incompreensível e extraordinário, cuja única função é vingar e destruir os seus sonhos de prosperidade. O senhor de terras prendia-o, portanto por todas as fôrmas possíveis nas malhas de um regime verdadeiramente feudal. Compartilhava ingenuamente das tristezas do matuto; mas, por outro lado, associava-se não só aos seus momentos de prazer, como também à sua colheita. Essa geração, portanto, ficava escravizada às terras de sua eleição, mas, a nova, procurava outras paragens e levava a conquista um passo à frente.

Esse processo ainda pôde ser observado em qualquer das zonas fronteiriças do Brasil atual. Ha muito tempo, porém, que já conquistou os favores da lei. De feito, a legislação brasileira garante-lhe as bemfeitorias e as culturas feitas de sua própria iniciativa em terreno alheio, de fôrma que não pode ser daí expulso sem indenização. E aí da emprêsa estrangeira que não respeitar essa velha instituição do sertão! Toda a comunidade se revolta, aliás, com razão.

Se tal foi o processo pelo qual as terras de cultura foram conquistadas à floresta bravía, a “fazenda” foi a instituição que consolidou essa conquista. A palavra fazenda, no Brasil, significa qualquer propriedade rural, seja ela agrícola, pastoril ou florestal. Considerando o país como um todo único, sentimo-nos inclinados a considerar a fazenda, e não a família, como a celula social brasileira. Acompanhe-nos o leitor na visita que fizemos a duas ou três dessas propriedades rurais, durante esta terceira década do seculo XX.

A fazenda São Martinho, situada na Comarca de Sertãozinho, em São Paulo, com suas primorosas instalações, dá bem idéa do que seja o Brasil. Quando lá chegamos, em nosso “Fordinho”, veio-nos ao encontro, numa Rolls-Royce, o gerente da fazenda, Coronel Ribeiro, o tipo

acabado do “gentleman” envergando elegantissimo costume de montaria. Conduziu-nos amavelmente à séde — uma confortavel residencia de dois pavimentos, rodeada de magnificas varandas, assoalho encerado, luxuosos quartos de banho e uma bem sortida adega que atesta eloquentemente o fino paladar do Coronel. Depois do café, mostra-nos um mapa da fazenda em que se vê a seguinte discriminação das terras :

	<i>Hectares</i>
Matas virgens	5.640
Matas inferiores	1.480
Capões	680
Matas de segunda	800
Cafezais	3.800
Outras culturas	360
Reservado aos colonos	840
Campos, pastagens e invernadas	14.000
	27.600

Vinte e sete mil e seiscentos hectares de terra roxa, a melhor que existe no mundo para a cultura do café !

Pretendendo fazer apenas uma rapida visita, inspecionamos o cafezal em automovel : três milhões e meio de cafeeiros em um único bloco maciço ; pés de café em fileiras cerradas que se perdem no horizonte ; folhagem verde-escuro, florada branca, cerejas rubras ; lindo tão lindo como qualquer outra cultura bem cuidada, por êsse mundo além. As instalações onde se prepara o produto para o mercado são de iguais proporções — lavadores de concreto para lavar o café quando vem do cafezal ; vários hectares de terreiros ladrilhados para secagem ; e, finalmente a maquina de beneficio onde o café é descascado, limpo, separado por tamanho e ensacado para seguir para Santos. Depois de “navegarmos” por êsse verdadeiro oceano da estimulante rubiacea, o Coronel leva-nos a ver os seus passa-tempos prediletos : uma manada de 300 ou 400

cabeças de Hereford, dois enormes mangueirões repletos de finos suínos, para produção de banha e um bellissimo cavalo arabe, importado.

Calculamos em quinhentos o número de braços que trabalham nessa fazenda, na sua maioria italianos. Cada colono dispõe de uma casinha de barro, pasto para os seus animais, lenha e um pequeno terreno. O seu ganho é de 200\$000 por ano para cada mil pés de que trata; na colheita, ganha mais 1\$400 por sacco de café apanhado. Quando o salário é diario, ganha 3\$000. Existe uma farmacia na fazenda e assistência medica gratuita. Se não nos falha a memoria, existe uma escola para as crianças e uma capela para as almas. E' o feudalismo na sua mais suave modalidade, pois que os servos, se lhes convier, podem emigrar depois de terminado o contrato. Muitos dêles porém, tornam-se pequenos sitiantes.

Prosigamos, agora dez gráus ao Norte, até uma fazenda de cacáu, no Estado da Baía, justamente na desembocadura do Rio Congogí no Rio das Contas. Aí, porém, não podemos entrar em automovel. De Ilhéos temos que ir em lombo de burro, através da floresta, numa viagem de dois dias, ou subir o Rio das Contas em canôa. Escolhemos esta última via de acesso. Antes de atingirmos, porém, a estrada liquida, temos que descer, acompanhando a costa, durante dois dias, procurando as praias e depois, atingindo o rio, navegar outros dois. O Coronel Vasconcelos, vae nos esperar no porto com ar de dignidade, mas, em chinelas e num alvo terno de algodão. A séde da fazenda é uma casa de um só pavimento, feita de barro e caiada a branco, com todos os comodos assoalhados a exceção da sala principal. A hospitalidade do Coronel, porém, é tão cordial e sincera como a do fazendeiro paulista. Na sala de visitas, instalamos as nossas camas de campanha. Uma menina descalça nos traz uma bacia com

água quente. E' afilhada do Sr. Vasconcelos ; uma das muitas orphãs que recolheu para criar, aliás, uma bonita moreninha.

A ceia está servida. O coronel senta-se à cabeceira de uma longa mesa, com os hospedes ao seu lado. Além, senta-se o carpinteiro negro, construtor de canôas que ainda o ano passado recebeu uma flechada de índio, no peito (bem merecida, aliás), o empregado do armazem que aderiu à ceia, um visinho que ficou para pou-sar, uma criança branca filha de certo engenheiro es-trangeiro que quatro anos antes havia passado algumas semanas na fazenda, e meia duzia ou mais de filhos (me-ninos e meninas) do Coronel. Sua mulher não pára um instante, atendendo a tudo com solicitude. Já nem mais se lembra de sua viagem a Paris quando tinha apenas dez anos.

Tendo feito menção ao número de convivas reuni-dos em tórno de sua mesa generosa, o Coronel respon-deu-nos "Durante a revolução, o mês passado, tivemos sessenta pessoas em casa".

Em se tratando de ocasião solene, trás do armario a garrafa de cognac. Carnes de vaca, de porco, feijão, farinha de mandioca e doces variados, cobrem a mesa em abundancia.

· Não é assim tão fácil de se conseguirem dados com relação a esta fazenda. Quem sabe as suas dimensões exatas? Dois mil e quinhentos hectares, talvez! Ca-cáu? Duzentos mil pés, "mais ou menos". (Proceden-do, mais tarde, a uma avaliação da propriedade, che-gamos à conclusão de que essa cifra está bem próxima da realidade). Quando foi servido o café, o Coronel contou-nos que, ha vinte anos passados, êle e seus ca-pangas armados, defenderam Pontal contra os que lhe disputavam a posse. Seus títulos ainda não estão perfeitamente livres, mas, êle já fez acôrdos com os que reclamavam a sua parte como legítimos herdei-

ros de um dos Governadores Gerais do Brasil, do Século XVI.

Temos que inspeccionar a fazenda a cavalo. Duzentos metros adiante da séde, o caminho mergulha em plena mata virgem. De vez em quando encontra-se uma clareira onde cresce uma plantaçao de cacáu. Ha cincoenta ou mais dêsses furos na floresta. Aí não existe método na plantaçao, não se faz seleçao de sementes, nem se experimentam novas variedades. Vae sendo feita como sempre; ainda assim o negócio caminha. Quanto à quantidade esta região da Baía é considerada a segunda zona produtora de cacáu, com exceçao da Costa do Douro.

Perto de cada talhão, móra o homem que o plantou. Habita uma cabana de barrote da mais absoluta simplicidade. Nunca sentiu o contato confortavel de um cobertor, em toda a sua vida. Sua alimentaçao resume-se na farinha que faz da mandioca por êle mesmo plantada, feijão preto e carne sêca. O tragico de tudo isso é que a carne sêca é importada de quasi mil e quinhentos quilômetros de distância, lá dos pampas do Rio Grande e o feijão, dos confins de Minas Gerais. Ambos poderiam ser de produçao da fazenda, se não fosse a tradiçao da monocultura que asfixia toda a região. O *morador* presta fidelidade de corpo e alma ao Sr. Vasconcelos. Nenhum peão da Europa Medieval, jamais pertenceu tão completamente ao seu cavaleiro de cota-de-malha, como êste homem do século XX. O Coronel é o chefe político do rio, um *poderoso*, emfim; sua palavra é lei. Sua proteçao é o melhor beneficio a que podem aspirar os seus homens. Sem ela a vida nessa região seria tão precaria como é a seis leguas pelo Congoy acima, fóra da sua influencia.

E' este o tipo de fazenda que durante quatro séculos vem consolidando as conquistas feitas ao sertão.

Na terceira propriedade que vamos visitar, permaneceremos apenas o suficiente para sorvermos uma xícara de café. É no Ceará, cinco gráus abaixo do Equador. Toda a propriedade do João da Providencia não excede de vinte e cinco hêctares. Uma roça de mandioca, alguns prodigiosos pés de algodão que produzem anos e anos consecutivamente, com insignificante resultado financeiro, uns vinte caprinos e só. Não tem certeza sobre os seus títulos de propriedade e mais que provavelmente, será desalojado se fôr construído o grande reservatório e o terreno subir de preço. Caso contrario a sêca o acossará de dez em dez anos. A independencia do pequeno proprietario, no Brasil, empresta-lhe alguma liberdade, mas, muito pouco conforto. Sua cultura pouco difere da do aborigene ou da do africano dos quais desce diretamente. Arranca do solo uma subsistencia tão precaria que nem se pode dizer que viva.

As duas primeiras propriedades descritas, as fazendas grandes, devem ser consideradas como o tipo principal da propriedade agrícola no Brasil. Observada de conjunto, não se pode dizer que a agricultura em grande escala tenha lá produzido melhores resultados que na Russia e no Sul dos Estados Unidos. Em todo o mundo ela tem-se resumido a uma fórmula de tirar a nata do solo virgem. Até mesmo com o café, a melhor cultura do Brasil, foi isso que se deu. Causa pesar ao silvicultor ver as enormes extensões de mato derrubado para o plantio de cafezais posteriormente abandonados. Até os dias em que vivemos a adubação é assunto que pouca atenção merece do agricultor brasileiro; mesmo em São Paulo, porem, ainda existe muita mata virgem; a pressão da população sobre os recursos naturais, ainda é por demais pequena para exigir a pratica da agricultura intensiva.

316 Pontos de Antropogeografia

A produção agrícola brasileira foi pela primeira vez avaliada com precisão por ocasião do recenseamento de 1920, quando se publicaram os dados relativos à safra 1919/20.

São os seguintes os dados oficiais :

DADOS RELATIVOS AOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS Safra 1919/20

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE	VALOR EM MIL-RÉIS
Café	Tons. metricas	78.488	1.025.034:530\$
Milho	" "	4.999.697	999.939:540\$
Algodão	" "	332.338	664.676:400\$
Arroz	" "	831.495	415.747:550\$
Açúcar (*)	" "	455.522	273:313:740\$
Feijão	" "	725.069	253:774:290\$
Farinha de Mandioca	" "	658.114	164.528:725\$
Fumo	" "	73.647	110.470:800\$
Cacáu	" "	66.883	80.259:200\$
Aguardente	Hectolitros	1.463.759	43.912:770\$
Batatas	Tons. metricas	145.985	43.795:590\$
Trigo	" "	87.180	43.590:350\$
Polvilho	" "	66.527	26.611:080\$
Vinho de uva	Hectolitros	480.139	24.006:950\$
Mamona	Tons. metricas	42.957	12.887:340\$
Tapioca	" "	24.397	12.442:623\$
Alcool	Hectolitros	43.005	2.709:315\$
Mel de cana	"	504.081	2.520:405\$
Maniçoba	Tons. metricas	1.330	2.262:530\$
Vinhos de outras qua- lidades	Hectolitros	5.084	305:040\$
TOTAL			4.202.788:768\$

(*) Esta cifra representa apenas o açúcar fabricado nos engenhos (estabelecimentos rurais); além dessa quantidade as usinas (refinações) produziram mais 239.739 toneladas metricas.

Muitos dêstes principais produtos agrícolas caracterizam a vida e a cultura de diferentes regiões ; outros encontram-se em toda parte. A distribuição da produção agrícola brasileira elucida a distribuição da fôrça política no país. São Paulo e Minas Gerais juntos constituem a maior zona produtora de café de todo o mundo ; Rio de Janeiro e Espírito Santo seguem-nos em terceiro e quarto logares na escala dos Estados cafeeiros.

Minas, São Paulo e o Rio Grande do Sul, produzem três quartos da safra brasileira de milho.

São Paulo é ainda o produtor de quasi um terço do algodão que consta no censo agrícola de 1920 ; seguem-no na lista, completando a produção total brasileira, os Estados da zona Nordestina, semi-árida.

São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, são os principais produtores de arroz.

Pernambuco, Minas, e Rio de Janeiro produzem mais da metade do açúcar brasileiro.

São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul suprem mais de dois terços da safra nacional de feijão.

Baía, Rio Grande do Sul e Pará são os pioneiros da produção de farinha de mandioca.

Sòmente a Baía, produz dois quintos do fumo de procedencia brasileira ; seguem-no imediatamente os Estados do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais.

Baía — mas apenas uma restrita zona do Estado — produz nove decimos do cacáu brasileiro ; Pará e Amazonas seguem-lhe à distância, ocupando o segundo e o terceiro logares respetivamente.

O trigo é quasi que exclusividade do Rio Grande do Sul.

Comquanto tenhamos indicado os principais centros de produção de cada artigo, não nos devemos esquecer de que muitos dêles são encontradiços em quantidades apreciaveis em quasi todos os Estados da União, principalmente arroz, milho, feijão fumo e mandioca.

Na produção agrícola mundial, o Brasil ocupa o primeiro lugar com o café. Produz de fato muito mais que o resto de mundo reunido. Com o cacáu ocupa o segundo lugar depois da Costa Dourada; na produção de milho ocupa o segundo lugar depois dos Estados Unidos. A Rússia e os Estados Unidos são os únicos países que ultrapassam o Brasil na produção de fumo. Também na produção mundial de açúcar o Brasil ocupa o terceiro lugar depois de Cuba e da Índia Inglesa.

Outro aspecto interessante sob o qual é necessário observarmos o país, é no que respeita ao maquinário agrícola adotado no amanho do solo. A agricultura mais desenvolvida tem um ponto comum às mais rudimentares modalidades de exploração agrícola i. e., ambas são trabalhadas quasi que inteiramente a mão. O índio, em suas plantações primitivas, aplica a musculatura o menos que pode; na Ásia os hortelãos e jardineiros trabalham todas as negas de chão aproveitáveis, como o mesmo cuidado do escultor quando modela o seu material. Entre esses dois extremos, porém, existe o arado a tração animal, empregado pela maioria dos camponeses europeus e norte-americanos; depois deste instrumento rudimentar vêm os arados mecânicos, as máquinas para colheita, as batedeiras automáticas, os tratores e outros modernos auxiliares da agricultura extensiva, largamente empregados nas grandes planícies dos Estados Unidos e do Canadá.

É surpreendentemente insignificante o número de animais de tiro aplicados no Brasil. Até o século XX o arado era lá quasi desconhecido. Muitos tratos de terra receberam a primeira aração há cerca de dez anos e já pelos modernos processos mecânicos. Nas nossas longas viagens pelo interior do Brasil, só vimos a aplicação de esterco e aração consecutiva, a tração animal, nas colônias germânicas e polonesas do Sul. Historicamente falando, pode-se afirmar que a grande maioria

do trabalho agrícola do Brasil foi executado a mão e com o auxílio dos mais rusticos implementos. Em 1926, a grande maioria do milho, da mandioca, do algodão, do fumo, das batatas, do feijão e da cana de açúcar, representa cultura feita apenas com auxílio da enxada e da foice. O café e o cacáu, são plantados sem destocar o terreno.

Nova éra, porém, já vem surgindo. Um dos indices mais auspiciosos com relação aos métodos agrícolas brasileiros, temo-lo no número de maquinas agrícolas vendidas durante os últimos 10 anos. A idea vae ganhando terreno. E, esta espécie de revolução, pode operar-se no Brasil, da noite para o dia. Lembramo-nos do caso de um agente comercial que representava determinado tipo de carroção, de rodas largas. Durante um ano, não tinha conseguido vender um único veiculo. Um vendedor norte-americano, convenceu-o, porém, da conveniencia de mandar um dos carroções em demonstração numa grande fazenda de açúcar em Campos. Aí carregaram um carro de bois com a carga máxima que três juntas podiam puxar. E, quando o vendedor demonstrou que apenas dois animais podiam facilmente tirar o carroção, com a mesma carga do carro de bois, o fazendeiro comprou todos os veiculos que havia em estoque.

Mais um ponto interessante com relação a agricultura brasileira atual, consiste em examinarmos qual a parte que se assenta sobre as plantas indigenas e qual a que se baseia em vegetais importados de outras paragens. Pela ordem de seu valor econômico, é a seguinte a enumeração dos produtos agrícolas brasileiros: Café, milho, algodão, açúcar, feijão, farinha de mandioca, fumo, cacáu, batatas e trigo. Dêsses, o milho, o fumo, o cacáu e as batatas eram cultivados pelo selvagem antes do advento do branco; os restantes foram importados. A cana de açúcar era a principal riqueza da Ilha da Madeira, por ocasião do descobrimento do Brasil e

para aí foi transportada durante o segundo quartel do século XVI. Spix afirma que as diversas variedades de feijão, vermelho, preto, rajado e o mundubi foram levadas das colônias africanas e que as duas espécies que mais comumente se cultivam no Brasil são também plantadas pelos Kafirs e pelos Hotentotes (4). O Brasil deve ao primitivo comércio português com a África a introdução de diversas culturas de valor, inclusive a ervilha, o gengibre, várias qualidades de melão e a manga. A fruta pão constitui também um elo que o liga aos mares do Sul.

Quando a Corte portuguesa chegou ao Brasil e foi fundado o Jardim Botânico do Rio, fizeram-se diversas tentativas para a introdução sistemática de plantas alienígenas. Importaram da China o chá e camponeses especializados para cultivá-lo, porém, essa erva jamais adquiriu importância comercial no país. A canela, o tamarindo e outras, foram igualmente plantadas sem que nenhuma delas conseguisse destacar-se, industrialmente. Dia virá, porém, em que algumas dessas plantas e ainda muitas outras, representarão papel relevante na economia agrícola brasileira. Não há razão, por exemplo, para que o Brasil não seja um grande exportador de côcos. Poderia produzir mil vezes mais que a Costa Rica ou as Filipinas — mas, simplesmente não produz. Talvez não existam cinco milhões de coqueiros em todo o Brasil” (5)

(4) SPIX E MARTIUS, Obra citada, I, pág. 175.

(5) C. S. BONTECOU “A cultura do Coqueiro no Brasil”, *Brazilian-American* 17 de Julho de 1920. Este autor diz: Se usamos a palavra cultura, é porque o coqueiro não é selvagem, mas, cultura de fato, no sentido que se entende na Índia, em Porto Rico, nas Filipinas e em Costa Rica, isso não existe. Não têm a ideia do plantio simétrico das árvores, em fileiras; não têm o bom senso de selecionar as sementes ou de tratá-las convenientemente, nem empregam os mais rudimentares cuidados na organização dos “viveiros”.

Em proveito dos nossos amigos que são forçados a viver em Nova York e dos baianos que deveriam estar tirando vantagem dessa desgraça, ocorre-nos mencionar uma fruta que o Brasil cultivava mas que não apresenta aos mercados externos. Nunca experimentamos laranja alguma, cultivada nos Estados Unidos, que se pudesse comparar às melhores baianas - as ancestrais da laranja de umbigo da California. Amadurecem justamente quando já não mais existem as frutas da California e da Florida; mesmo assim, porém, não são cotadas no mercado de Nova York (6).

Comquanto não se possa com precisão classificar a agricultura brasileira em geral, como intensiva, científica ou previdente, nem assim temos ainda todos os contornos do quadro. Sem dúvida, pode-se apreciar este tipo de agricultura, nas pequenas chacaras ao redor das grandes cidades, como, por exemplo os arrozais japoneses em São Paulo. A irrigação começa a ser introduzida no Ceará. Existem, portanto, promessas no horizonte. No momento atual, uma grande parte da população rural brasileira está passando por um período de transição entre tradições vindas do tempo da escravatura e modernos processos de cultura.

A seguinte é a opinião do Dr. P. H. Rolfs, fundador e diretor da Escola Agrícola de Viçosa, Minas Gerais : (7)

“Não existe na população rural de Minas, atualmente, maior quantidade de erros e superstições que entre as dos Estados do Sul dos Estados Unidos ha 25 ou 30 anos atrás. Cheguei à Florida em 1891 e lá trabalhei quasi continuamente até 1921, de maneira que sei o que é ser reformador em materia de ensino agrícola. Em 1891, quasi tudo o que se sabia em matéria de agricultura era o que se vinha recebendo na fórmula de tradição de uma geração para

(6) Vide o artigo do Sr. P. H. ROLFS “Transformando laranjas em ouro” no *Brazilian-American*, de 6 de Janeiro de 1923.

(7) Extraído de uma carta particular ao autor, datada de 22 de Março de 1922.

outra e isso mesmo eivado de erros. Antigamente, por exemplo, tinha-se como certo que o gado de puro sangue não podia resistir às variações de clima. Nos últimos três anos, os puro-sangues da Florida e da Georgia têm levantado grandes championatos nas Feiras de Chicago. Todo o mundo achava também que o algodão era a única cultura que se podia fazer com resultado no Sul dos Estados Unidos. Custou muito trabalho e uma paciência infinita para dissipar essas concepções errôneas.

Dentro dos últimos seis anos, Minas Gerais fez grandes progressos na passagem da monocultura para a policultura. Nenhum país do mundo, nem mesmo a parte Suleste dos Estados Unidos, conseguiu manter-se permanentemente prospera produzindo exclusivamente um artigo. Nos anos de prosperidade o algodão foi rei e governou com mão liberal. Durante as épocas de preços baixos, porém, a grande maioria da população sofreu dificuldades indescritíveis. E, essas condições desfavoráveis só foram remediadas quando se passou para a policultura. Semelhantemente, Minas Gerais tem progredido mais rapidamente e a sua população vai se sentindo cada vez melhor desde que começou a cultura extensiva do arroz, do milho e a criação de porcos. Enquanto permanecia com o café e a cana de açúcar como suas culturas únicas, a prosperidade era apanágio de alguns, enquanto que à maioria cabiam as aperturas da vida, principalmente nas ocasiões em que o mercado baixava. Existe pelo menos uma vintena de outras culturas a que o Estado de Minas pode-se dedicar com vantagem. Póde, por exemplo, produzir uma ilimitada quantidade de frutas, especialmente, laranjas, mangas e peras. O algodão pode ser produzido em muito maior escala que atualmente. Existem aqui diversas variedades de palmeiras oleaginosas que podem ser economicamente exploradas, com grande resultado financeiro.

Em nenhum outro ponto, Minas revela maiores vantagens que na produção em larga escala, devido à pequena quantidade de braço que requer. Existem dezenas de milhares de hectares de milho magnifico, cultivado apenas com o auxílio da foíce e da enxada. A mesma cousa pode-se dizer com relação à cultura da cana. Apesar de adotar êsses métodos primitivos de cultura, o fazendeiro mineiro ainda pode concorrer com vantagem com os de outros países como Cuba e Java, onde se empregam os mais modernos métodos e maquinarios agrícolas. E isso é possível graças à excellencia de seu solo e de seu clima.

Maquinismos e utensílios modernos estão sendo importados e distribuidos aos milhares. Dentro de dez anos, indo nesse andar, pode-se com segurança prevêr uma verdadeira revolução na produção agrícola".

CAPÍTULO IX

ZOOTECNIA

“Examinando-se a situação do suprimento mundial de carne em face da sua crescente procura, tem-se a impressão de que dentro de algum tempo haverá falta do produto, não só devido à expansão que se verifica nas populações brancas e na melhoria do padrão de vida, como também em consequência direta da Guerra Mundial. Calcula-se que, enquanto ha cincoenta anos passados o mundo tinha 300 milhões de consumidores de carne, tem hoje 587 milhões.

O aumento de consumo da carne congelada aqui (na Inglaterra) e no Continente é, em parte, igualmente devido ao fato dos soldados terem adquirido o habito de consumí-la, em campanha e agora, depois da desmobilização, procurarem-na de preferencia à carne fresca. A Guerra fez dissipar os ultimos preconceitos que ainda existiam aqui contra o consumo da carne congelada ; e no Continente, fez trabalho equivalente ao de vinte anos de paciente propaganda.

As estatísticas, comquanto incompletas, mostram que a população zootecnica mundial não se tem expandido desde os primórdios do seculo atual. Diversos países parecem ter atingido à sua capacidade máxíma de exportação, tais como os Estados Unidos, o Canadá, e, em menor escala, a Australia. As novas fontes de suprimento, na America do Sul (fóra da Argentina), no Sul da Africa e em outros continentes, não são suficientes para contrabalançar as que se acham em decadencia ou paralizadas (1).”

NEM sempre são sangrentas as revoluções. Qual o norte-americano que poderia prever, entre 1895 e 1904, quando os Estados Unidos contribuiam com três quintos da carne exportada por nove nações diferentes, que

(1) 33.ª *Revista Anual do Comércio de Carnes Congeladas*, 1920, por W. Weddel & C^o., Ltd., de Londres — a voz mais autorizada da indústria frigorífica mundial.

em 1912 a Argentina estaria fornecendo quatro quintos do suprimento mundial de carne congelada? Ou ainda que antes da Grande Guerra os Estados Unidos teriam cessado a sua exportação e preferido o sabor da carne vinda dos pampas? Entre as novas fontes de suprimento, na America do Sul, a de maior importância potencial é sem dúvida o Brasil. Seus rebanhos orçam por trinta e quatro milhões, quando a Argentina tem apenas vinte e sete. Estaremos de novo a ponto de assistir a perda da hegemonia portenha, da mesma forma que assistimos à dos Estados Unidos? Porque teria o Brasil exportado em 1921 apenas 62.000 toneladas de carnes congeladas quando a sua irmã do Sul exportou 436.000 toneladas?

A resposta nos leva ao estudo da mais interessante das atividades produtivas brasileiras.

Z O O T E C N I A

Censo de 1920

ESPECIE	NUMERO DE CABEÇAS	VALOR MÉDIO EM MIL RÉIS	VALOR DO REBANHO
			mil réis
Bovinos	34.271.324	113\$	3.872.512:993\$000
Suinos	16.168.549	65\$	1.055.864:320\$000
Cavalares	5.253.699	131\$	686.237:289\$000
Muares e asininos	1.865.259	199\$	370.359:987\$000
Lanigeros	7.933.437	16\$	123.076:549\$000
Caprinos	5.086.655	15\$	75.694:318\$000
			6.183.745:456\$000

§ 1. BOVINOS

Tendo em vista a história do gado nos Estados Unidos, é fácil ao americano do norte estudar a indústria zootecnica brasileira. No seculo XVIII os currais americanos estavam situados nas emaranhadas pastagens do Sul; daí os vaqueiros vieram tangendo os seus escassos rebanhos até Charleston, Filadelfia e Nova York, Logo depois da independencia, os Estados Unidos começaram a importar gado "Shorthorn" e o sangue dessa variedade espalhou-se pelas pastagens azues do Kentucky antes do ocaso do Seculo XVIII. Em 1817, cem novillos "Shorthorn" de primeira engorda passaram por Alleghenies a caminho de Filadelfia e no ano seguinte a primeira ponta de gado do Oeste viajou do Kentucky para Nova York, uma distância de mil e trezentos quilometros que foi coberta em 10 semanas (1).

Outra ponta de gado caminhou de Lexington para Charleston, na Carolina do Sul, a quasi mil quilometros de distância. Depois a zona Leste recebeu gado de paragens tão distantes como Iowa; e assim mesmo ainda nos falta mencionar o recorde estabelecido por um lote de algumas centenas de cabeças que do Texas foi levada a Nova York, tendo gasto no trajeto quasi cinco mêses. (2).

A maioria dêsse gado podia ser tudo, menos o que hoje se entende por gado de côrte. Quando os Estados Unidos anexaram o Texas ao seu territorio, as manadas americanas foram aumentadas por diversos milhões de gado de chifre longo, descendente dos troncos espanhóis originalmente introduzidos no Mexico. Havia tão pou-

(1) ALVIN H. SANDERS, *Gado Shorthorn*, (Chicago, 1918), p. 184.

(2) H. W. VAUGHAM. *Tipos e Classes comerciáveis de Gado em pé*. (5.ª ed.) p. 74.

SITUAÇÃO INTERNACIONAL DA ZOOTECNIA BRASILEIRA

Pelas cercanias de 1920. (*)

PAÍS	NUMERO DE CABEÇAS	PAÍS	NUMERO DE CABEÇAS
<i>Bovinos</i>		<i>Caprinos</i>	
1—Índia	129.591.000	1—Índia	33.165.000 (**)
2—Estados Unidos	66.811.000	2—Turquia (Europa e Asia)	20.269.000
3—Russia	50.000.000	3—União Sul Africana	8.019.000
4—Brasil	34.271.000	4—Brasil	5.087.000
<i>Suínos</i>		<i>Lanigeros</i>	
1—Estados Unidos	59.368.000	1—Russia	95.000.000
2—Russia	19.000.000	2—Australia	75.554.000
3—Brasil	16.169.000	3—Estados Unidos	48.615.000
<i>Cavallares</i>		4—Argentina	45.767.000
1—Russia	33.000.000	5—União Sul Africana	29.305.000
2—Estados Unidos	20.142.000	6—Turquia (Europa e Asia)	27.095.000
3—Argentina	8.324.000	7—Reino Unido	24.161.000
4—Brasil	5.254.000	8—Nova Zelandia	23.285.000
<i>Muares e Asininos</i>		9—Índia	21.984.000
1—Estados Unidos (muares só)	5.451.000	10—Espanha	20.522.000
2—Espanha	1.967.000	11—Uruguai	12.000.000
3—Brasil	1.865.000	12—Italia	11.754.000
		13—Jugo-Slavia	9.772.000
		14—França	9.372.000
		15—Bulgaria	8.600.000
		16—Brasil	7.933.000

(*) Com relação ao Brasil adotamos as cifras do recenseamento de 1920; Para os Estados Unidos, "o Gado nas Fazendas em 1920". Os dados sobre lanigeros, bovinos e suínos, dos países exportadores, foram tirados da *Revista do Comércio de Carnes Congeladas, de 1921*, — W. Weddel & Co. Ltd., Londres; o restante das cifras tiramo-las do *World Almanac*, de Nova York, (1923), p. 755. Os números relativos aos cavallares e caprinos, foram extraídos do *Annuaire International de Statistique Agricole* (Roma, 1917/8). As cifras vão, portanto, de 1917 a 1922, faltando-lhes, assim, a necessária precisão. Os dados relativos à Russia Sovietica abrangem tanto a parte Européa como a Asiática.

(**) Esta cifra não inclui os caprinos dos Estados nativos.

ca colocação para êsses animais que grande parte deles foi abatida apenas pelo couro e pelo sêbo sendo as carcassas abandonadas ao relento. Já pela quinta década do seculo passado, porem, os criadores de maior visão começaram a levar touros "Shorthorn" do Kentucky e do Missouri, para faze-los cruzar com vacas "Longhorn". Os mormons levaram consigo gado desta raça para o Utah e muitos exemplares "Devon" e "Shorthorn" palmilharam os caminhos de Oregon e Santa Fé com os farejadores de ouro (3).

Não foi, porém, senão depois da Guerra da Secessão que se abriram as grandes invernadas do Oeste e que os Estados Unidos começaram a criar gado em quantidade. As manadas originais dessas criações eram "Longhorn" que aos milhões começaram a derivar do Texas para as pastagens ao Norte de Thirty-six. (4) Por essa época a criação de gado não era nem ciência e nem indústria, era jogo. Quando se punha a caminho um lote de bovinos ninguem podia dizer quando alcançaria a ponta dos trilhos mais próximos e nem quantas cabeças chegariam ao destino: tão pouco, se podia profetizar qual seria a taxa de frete ou a presteza com que as deficientes ferrovias de então forneceria transporte; nem era possível avaliar qual seria o resultado econômico da venda. Eram tantos os riscos e as surpresas, que ninguem jamais pensava em seleção ou preparo do gado para o mercado. Em 1870, porem, a situação começou a modificar-se. Por essa época os frigoríficos instituíram a praxe de negociar a dinheiro no mercado de carne e as raças de córte já haviam se definido, na zona Léste. Foi também por essa ocasião que os pri-

(3) ALVIN H. SANDERS, *A História do Hereford*, cap. XVI.

(4) Vide *Cincoenta Anos na Velha Fronteira*, por J. H. COOK (New Haven, 1923) e EMERSON HOUH, "Ao Norte de 36".

meiros reprodutores "Hereford" foram soltos nas invernadas do Colorado.

E' êste, ao nosso ver, precisamente o ponto da história zootecnica que o Brasil atingiu recentemente.

Os primeiros bovinos foram levados a São Vicente pela expedição de Martim Afonso de Souza, pouco depois de 1530. (5) Quando a capital da Colonia foi instalada em São Salvador, o rei de Portugal fez para lá remetter gado, éguas reprodutoras, carneiros e cabras das Ilhas de Cabo Verde e de Portugal. De maneira que a pecuaria no Brasil é tão velha como o próprio país. E' anterior à do Paraguai, à do Uruguai e à da Argentina.

Entre os primeiros especimens bovinos levados pelos portuguezes devem ter ido exemplares de chifres longos e curtos. Os de longas aspas eram identicos aos introduzidos no Mexico pelos espanhóes. Essa raça nunca se distinguiu pela produção de carne, mas, tinha outras qualidades que compensavam. Não nos devemos esquecer de que os pampas e os pantanais da America do Sul, da mesma fôrma que as extensas invernadas do Mexico, eram paragens rusticas por aquelas priscas éras. Os felinos regosijaram-se quando viram a primeira vaca fugir dos conquistadores e embrenhar-se pelo mato a dentro. E, portanto, um bom par de chifres, valia tanto para o bovino de então, quanto o 44 passou mais tarde a valer para o vaqueiro, e, precisamente, pelos mesmos motivos. Esses animais eram dotados de bom porte, sendo que alguns dêles atingiram proporções notáveis e grangearam fama legendária. Como animais de tiro, difficilmente encontravam concorrentes. As qualidades, porém, que mais lhes valeram, no meio em que tiveram que evoluir — e que também na America contribuíram para aclimação do gado — foram, o atila-

(5) SOUTHEY, I, 35.

do instinto que os habilitava até a conhecer o tempo e a notável faculdade de que eram dotados, de achar água e capim onde ninguém imaginava que houvesse. Lutavam até a morte pela propria subsistencia. ! Ultimamente, quando o sangue do gado de córte misturou-se nos campos, era sempre o escanzelado touro de longos chifres que orientava as manadas em suas migrações, com arrojo e disciplina suficientes para estourarem ao fim de uma viagem de mil quilometros. Reconheçamos a verdade e afirmemos sem reбуços que foi mais devido à resistencia do gado que a inteligencia do homem, que, tanto o Brasil como os Estados Unidos encontraram milhões de cabeças em estado selvagem com que começar a trabalhar quando pensaram em criar gado de córte. O de chifres longos (franqueiro, na denominação do caboclo paulista (N. do Trd.) foi o bandeirante do mundo bovino. !

Aventamos a hipotese de uma importação remota de gado de chifres curtos, pelos portuguezes devido à vasta disseminação da raça a que os brasileiros denominam "curradeira". E' uma vaca pequena, bem proporcionada, de ossos pequenos e chifres curtos. Thomas Canty acha que êsse gado sofreu condições de vida ainda peores do que o "franqueiro" seria capaz de suportar. Talvez tivesse achado tão difícil a vida no Brasil que nem se pudesse dar ao luxo de usar chifres compridos.

! Com as entradas dos bandeirantes, êsse gado foi disseminado por toda a parte. O descobrimento do ouro atraiu multidões para Minas, Goiaz e Mato-Grosso, e, com elas, foram transportadas manadas inteiras para alimenta-las. Com o desenvolvimento da cultura da cana de açúcar na Baía e em Pernambuco, os sertões do São Francisco e do Piauí ficaram povoados de bovinos, de maneira que, logo ao início do seculo XVIII, todas as grandes fazendas brasileiras de criação tinham

apenas gado selvagem ou semi-selvagem, de origem portuguesa.

Esses invasores quadrupedes exigiam do novo meio apenas três cousas : capim, água e sal, e, na sua luta pela consecução desses elementos, tiveram muito pouco auxílio do homem. De feito, escolhendo os melhores touros para o córte, os colonizadores contribuíam para o abastardamento dessas manadas selvagens e não para sua melhoria. Capim e água, porém, abundavam por toda a parte, no Sul do Brasil, a exceção das florestas virgens, e, assim é que a Natureza estava perfeitamente aparelhada para criar bom gado — apenas não fornecia o sal. E, enquanto os pioneiros cavavam a terra à procura de ouro, os bovinos também fossavam-na em pó o sal. Onde não conseguia encontrá-lo, a manada sofria sériamente. (6).

Muitos logares existem no Brasil, — á semelhança do Vale do Rio Salgado, no Arizona, e do Rio Grande, no Mexico, — em que o sal da água satisfaz os animais a ponto de não darem atenção ao que se lhes serve em separado. Através da árida zona que margeia o curso do São Francisco e na bacia do Rio Salitre, bem como em outros sitios no interior da Baía, encontram-se depositos de sal resultante da evaporação de antigos lagos. Em outros logares a barrela de cloreto de sódio

(6) "As vacas leiteiras e os laníferos revelam grande necessidade de sal ; para a engorda de cavallares e de gado vacum, quer seja ou não para o córte, esse elemento é menos indispensável ; os suínos consomem-no em pequena quantidade. Os criadores do Oeste, porém, calculam que em média, uma vaca deve consumir mais ou menos 10 libras de sal por ano, um cavallo seis e um carneiro duas ou três. Essas cifras, porém, variam consideravelmente, conforme a natureza do terreno em que estão situadas as pastagens. No verão, nas altitudes elevadas e com alimentação verde e bastante água, o sal é mais necessário que nas outras estações". H. W. Vaughan, Lente de Zootecnia da Universidade, de Minnesota, em carta particular ao autor.

e de magnésio que se desprende da cálc, fórma o que os brasileiros chamam barreiros. São depósitos de lama em que a camada de substratum reteve suficiente quantidade de alcalis para que se formasse uma especie de "lambedouro" onde as antas, os veados, os porcos selvagens, os tatús e os felinos fazem "rendez-vous", da mesma fórma que o bufalo e outros animais menores das Grandes Planícies dos Es. Us. se reuniam em torno dos nossos lagos salgados. O General Rondon diz :

"Na região delimitada pelos Rios Taquarí, Negro e Paraguai, existem planícies onde se encontram lagos salgados, tesouros ainda mais preciosos que os simples barreiros. Aí os animais se desenvolvem livremente de acôrdo com a lei natural, sem a intervenção humana nem sequer para lhes suprir o sal cuja falta é tão sensível nos planaltos".

A verdade, entretanto, é que nas maiores fazendas brasileiras de criação (em contraposição às invernadas de engorda) o gado cresceu "sem a intervenção humana, nem sequer para lhes suprir o sal" quer fosse ou não esse elemento encontradiço no solo. Tivemos ocasião de ver barreiros que exibiam a aparência de terem sido trabalhados por uma cavadeira mecânica e onde a porcentagem de cloreto de sódio era tão pequena que o animal tinha que lambe quasi uma tonelada de barro para conseguir meio quilo de sal em escavações onde enterrava a cabeça toda, no esforço desesperado de obter aquilo por que a sua natureza tão fortemente clamava. Essa ingestão de barro faz mal ao animal. Advem-lhe a inflamação gastro-intestinal, perde o apetite e as crias revelam logo sinais de sub-alimentação. O gado que de ha muito não come sal, frequentemente ataca as pessoas suarentas e nem todas escapam tão facilmente como o Coronel Roosevelt que, acampado em Mato-Grosso, foi surpreendido à noite, em sua barraca por um novillo que lhe devorou as roupas íntimas. Ainda mesmo hoje, muitos criadores do sertão, acham

que é suficiente ministrar sal ao gado duas vezes por ano : uma vez no início das chuvas e outra alguns meses mais tarde. Essa fórmula, entretanto, de dar sal ao gado a intervalos tão espaçados não faz bem ao animal, pelo contrário, age como purgativo.

A grande maioria do sal consumido no Brasil, vem sendo produzida pela evaporação da água do mar nas salinas do Cabo Frio, Sergipe, Ceará e Rio Grande do Norte. A imposição de pesados tributos sobre artigo de tão grande necessidade, constitui pura insensatez ; ha cem anos passados, porém, ainda era peor. O sal era sobrecarregado com direitos mais pesados que os que recaiam sobre artigos importados com exceção apenas do ferro. (7)

Outros fatores que impediram o Brasil de tornar-se o verdadeiro paraizo do gado foram : a presença de certas pragas, e, no Nordeste, o flagelo das sêcas. Existe uma mosca que deita ovos na parte resequida do cordão umbelical ; as larvas picam dentro de poucas horas e provocam uma ulceração que, se não fôr tratada a tempo, mata o bezerro. Os carrapatos (que o digam os Americanos do Texas) abundam nos pastos mal cuidados, e, em certos logares, são responsaveis por sérios prejuizos. A mosca do berne ainda é peor. Produz uma larva da grossura de um dedo, que se desenvolve sob o couro do animal e produz inflamação, deixando, ao sair um orificio que leva muito tempo para fechar. (8) E' comum encontrarem-se couros que pa-

(7) JOHN MAWE, Obra citada, pág. 307.

(8) É interessante a biologia do berne (*Dermatobia cyaniventris*) foi descoberta pelo Dr. Adolfo Lutz. A varejeira apanha pequenas moscas que sugam o suor dos animais, agarra-as num demorado amplexo, enquanto nelas deposita seus ovos. Essas moscas vôm depois, com os ovos presos ao abdomen. Quando estão maduros, o calor do animal onde a mosca pousa, fa-los picar e as larvas, caindo, penetram, no couro do mamifero onde se desen-

recem ter sido usados para alvos de tiro. As regiões isentas dessa praga desfrutam de enorme vantagem em contraposição às pastagens por ela infestadas. Dr. Moraes Barros afirma que o planalto ao Sul de Campo Grande, em Mato-Grosso não sofre essa desvantagem; o General Rondon diz o mesmo com relação às planícies do Paraguai; nós também tivemos ocasião de ver gado perfeitamente sadio tanto no Ceará como na zona Leste da Baía. As sêcas do Nordeste são também responsáveis por verdadeiros extermínios periódicos das manadas. (9)

A estimativa do Serviço Geologico Brasileiro atribúe aos campos, pantanaís, caatingas e outras formações não florestais, uma porcentagem original de 41% de toda a area territorial brasileira, i. e., cêrca de 348 milhões de hectares. Quasi toda essa enorme superficie foi aproveitada como pastagens de diversas espécies. Fosse qual fosse a area original, em 1500, a atual só pode ser maior porque a expansão agrícola brasileira deu-se quasi que exclusivamente em detrimento da floresta e não dos campos. Vasta extensão de mataria foi ainda convertida em invernadas para a engorda de gado. E' interessante indagar-se qual a capacidade dessas pastagens nativas, e, como termo de comparação, pode-se perfeitamente tomar as invernadas do "Far West" Americano.

volvem até a fase ninfal. Sáem, então expontaneamente e procuram o solo para a formação da pupa.

Vide *Da Vida dos nossos Animais*, Dr. R. von IHERING, pág. 244 (N. do Trd).

(9) A sêca de 1915 esteve muito aquem das peores que têm assolado o Nordeste, mesmo assim, porém, o Barão Studart, Consul Inglês em Fortaleza calcula os prejuizos sòmente do Estado do Ceará em 680.000 bovinos, 2.441.000 lanígeros e caprinos, 211.000 cavalares, 112.000 asininos e 243.000 suínos. Trata-se de méra estimativa e que nos parece exagerada.

A capacidade de uma invernada, só pode ser determinada pela prática (diz Hitchcock). A pastagem deve ser de muito boa qualidade para comportar uma cabeça por dois hectares, e para que se encontrem invernadas com tal capacidade, é necessário que se procurem nas zonas menos aridas das Grandes Planícies, onde o capim é abundante (11).

O veterano vaqueiro, Murdo Mackenzie, bem conhecido tanto no Brasil como nos Estados Unidos, referindo-se a tais "manchas" das planícies e às formações rústicas como as invernadas do Matador, no Texas, diz :

"Para que o gado Hereford se dê bem durante todo o ano, é necessário que disponha pelo menos de seis hectares por cabeça e de água abundante a distâncias que não excedam de 6 kilometros entre os bebedouros". (12).

Os dados que damos a seguir, com relação ao Brasil, são muito remotamente aproximados, por dois motivos. Em primeiro lugar os criadores não gostam de se expandir muito sobre o assunto e em segundo, é tão grande a extensão territorial do país que os vaqueiros em geral só falam em leguas quadradas. Além disso uma legua quadrada não representa em todas as latitudes brasileira a mesma area de terreno. No Rio Grande do Sul, ela mede 6.660 metros em quadro o que equivale a 4.435 hectares. Em outras paragens os boiadeiros dão para a legua quadrada apenas seis quilometros em quadro, o que corresponde a 3.600 hectares. Tal parcimonia, porém, não convem a um país que dispõe de Estados da extensão dos brasileiros, e, portanto, nas conversões a que procedemos (para "acres" americanos — N. do T.) adotamos a legua maior, a legua grande, a velha legua, a legua que existia antes do nascimento do metro (13).

(11) A. S. HITCHCOCK, *O guia das pastagens* (Nova York, 1914), p. 25.

(12) SANDERS, *A História dos Herefords*, pág. 776.

(13) E' interessante notar-se como ainda prevalecem as antigas medidas agrárias introduzidas pelos portugueses. A braça mé-

Nas melhores invernadas do Rio Grande do Sul, distribuem 50 a 60 cabeças de gado por quadra (87,12 hectares) o que equivale a uma média de apenas 1,6 hectare por cabeça, mas isso, em pastagens extraordinariamente boas. O que elles denominam "campo da serra" mantem apenas de 25 a 40 cabeças, durante o ano todo, equivalendo portanto, a uma média de 2 a 3,6 hectares por cabeça (14).

Em Capão Bonito, Estado de Mato-Grosso e nas zonas semelhantes que se estendem sobre o planalto ao Sul de Campo Grande, calculam 800 cabeças por legua quadrada o que equivale a 5,6 hectares por cabeça. (15) As melhores pastagens das planuras do Paraguai, porém, suportam 2.100 cabeças por legua quadrada, i. é., uma cabeça em cada dois hectares.

Em Minas, calculam 2,4 hectares para cada cabeça, nas invernadas que circundam a cidade de Barbacena (16). Á medida, porém, que nos aproximamos das paragens semi-áridas do Nordeste, a capacidade das invernadas decêe bruscamente. A região marginal ao Rio Paracatú, talvez não possa sustentar mais que 400 cabeças por legua quadrada, i. e., 14 hectares por cabeça.

Mais para o Norte ou para Leste, atingem-se regiões onde o problema cifra-se principalmente pela existência de cacimbas e na distância que as separa. Pelo

de 2,2 mts. Em lugar do hectare, medida precisa, usam em Minas o alqueire, 100 braças em quadro, ou sejam 4,84 hectares. Em São Paulo, no Paraná e no Rio Grande do Sul, o alqueire méde exatamente metade dessa area. Além disso, no Rio Grande do Sul, adotam a quadra que equivale a 87,12 hectares e a legua quadrada contem 50 quadras; uma sesmaria equivale a três leguas quadradas.

(14) Sr. S. T. LEE, Consul Americano em Porto Alegre.

(15) Dr. P. DE MORAIS BARROS, Presidente da Sociedade Rural Brasileira, *The Brazilian-American*, 10 de Junho de 1922.

(16) Sir RICHARD BURTON, op. cit., I, 93.

numero de cabeças que cada sêca periodica extermina, seria ousadia afirmar-se que o Nordeste pode manter pecuaria mais desenvolvida que a de atualmente.

As cifras acima, apenas indicam o que pode o solo fazer com o capim que Deus plantou. Nessas bases, as invernadas do Rio Grande do Sul, podem ser consideradas totalmente povoadas; existem, porém, ainda tão vastas extensões de pastagens vazias em Minas, em Mato-Grosso e no Amazonas que, ao nosso ver, uma população bovina de setenta e cinco milhões de cabeças não seria demasiada para os recursos naturais do país. Quem sabe o que seria possível fazer além disso, se cultivassem e conservassem cuidadosamente as invernadas?

[Nenhum outro país possui as possibilidades de que dispõe o Brasil com relação à pecuaria.]

A tecnica da conservação dessas invernadas naturais resume-se na aplicação periodica da queimada. Depois de uma vigorosa safra de capim, as hastes tornam-se tão rijas e altas que o gado nem lhes toca. Passando-se-lhe então uma queimada rapida, dentro de duas a três semanas já o animal tem o que pastar. Depois procede-se à queimada de mais uma parte, e, assim sucessivamente, até que toda a invernada tenha sido renovada em um ano. Naturalmente que esta operação só pode ser feita quando o capim está sêco, e o problema consiste em conservar sempre um capim succulento e nutritivo que o gado aprecie. Pouca gente poderá afirmar que êste método não traz inconvenientes ao solo, pois, é fora de dúvida que a estrutura fisica da terra fica prejudicada pela perda do humus queimado. Entretanto, não se conhece nenhuma outra maneira econômica de se libertarem as invernadas dessas manifestações naturais de exuberancia.

O estudo da faina diaria, nas invernadas põe-nos em contacto com um dos capítulos mais interessantes

da vida sertaneja : o vaqueiro. Ao nosso vêr o gaúcho é o tipo mais curioso do Brasil rural. E' em geral um indivíduo vigoroso, que ainda come carne com couro. (17) Seus irmãos espalham-se pelo Uruguai e pelos pampas da Argentina, mas, no Brasil, o gaúcho é peculiar ao Rio Grande do Sul.

Antes do advento do branco, essas planícies eram habitadas por caçadores de guanaco, que estacavam a carreira dos ruminantes e das emas selvagens com as suas "bolas" sibilantes. Depois deu-se o conubio entre invasores e oprimidos, e, o gaúcho de hoje orgulha-se tanto de sua origem selvagem, como do sangue português que lhe corre nas veias. Processou-se também a amalgama das respectivas culturas. Logo que o branco surgiu, montado a cavalo, o índio deixou de andar a pé : conservou, porém, as bolas. Em logar nenhum e em tempo algum, jamais se viu contacto mais íntimo entre o homem e sua montaria. O gaúcho chegava a pescar a cavalo ; tirava água do poço, sem apear ; trazia, já atadas ao arreo, a caneca e a corrente com que guindava água para beber ; quando tinha que mexer argamassa, fazia o cavalo andar para deante e para trás, na betoneira ; ouvia missa escarrapachado sobre a séla, à porta da igreja. Só o jogo e o sono faziam-no apear.

A pecuaria, como atividade produtiva, veio-lhe, portanto a calhar. Em sua tenda, o chifre servia-lhe de copo. Era frequente ser essa a única vasilha de que dispunha para fazer caldo à mulher enferma — carne e água dentro dum chifre e brasas ao redor. Como cadeiras, dispunha pela casa, craneos embranquecidos de bois e cavalos. Para cercar sua rustica morada, fazia pilhas dos mesmos adôrnos macabros, de maneira que

(17) Carne com couro é prato que deveria constar dos cardápios de Chicago.

os chifres formavam motivos decorativos simétricos. Um couro de boi, esticado sobre quatro estacas ou simplesmente estendido no chão, era a sua cama. Quando o gaúcho provou o sabor da carne, gostou ; daí em diante tornou-se carnívoro. Ridicularizava como afeminado, o indivíduo que se alimentava de vegetais ou fazia uso de leite. Carne e chimarrão através dos anos.

Menino ainda, o gaúcho recebia de seu pai uma longa e afiada faca. Ia logo experimentar o fio num novilho. Cortava uma bôa posta de carne, espetava num páu e assava ao brazeiro. Para comer, segurava um bocado com o dente e talhava o restante à faca, com cuidado para não levar também a ponta do nariz. Feita a refeição, limpava a boca com as costas da faca, como faziam os mais velhos. Aos dez anos, aprendia a secionar a jugular da rez, de um só golpe. Alguem, na fazenda tinha que abater uma rez quasi que diariamente, pois que carne não se conserva por muito tempo e os gaúchos só comem os melhores pedaços. Além disso, a matança é um divertimento. Que outra cousa pode um homem fazer senão matar e esfolar?

Tornava-se, portanto habil no manejo da faca. Castrava com a habilidade de um cirurgião. Às vezes, um pouco exaltado, passava a faca no pescoço de um companheiro, mas, nem por isso perdia noites tomado de arrependimento. O sangue humano não é mais vermelho que o da rez e nem o fedor de sua carcassa em putrefação poluía os pampas.

Os padres que lá foram ter com os conquistadores perguntaram ao gaúcho se não se envergonhava de andar nú. Enrolou então um poncho sobre o peito, arrebanhou uma das pontas por entre as pernas e assim nasceu a primeira bombacha. (A costura constitúe inovação). Atire-se sobre os ombros outro poncho de lâ fina, sobre a cabeça um chapelão preto com uma ju-

gular sob o queixo e ter-se-á um gaúcho vestido pelo último figurino dos pampas.

A sua tecnica de lidar com gado é simples. Para apanha-lo à distância usa o laço de couro crú. (As bolas quebraram tantas pernas de animais que, desde que o cavalo subiu de preço, a maioria dos criadores proibiu o seu uso. Os vaqueiros ainda carregam-nas, para seu divertimento quando fóra das vistas do capataz). As sélas que adota, são desprovidas de cabeçote em que apoiar o laço. A ponta da corda é atada a uma argola, ao lado direito dos arreios e é ela que suporta o tranco, no momento de dar o golpe e derrubar a rez. Sobre as pernas usa um avental de couro para evitar que o laço lhe fira quando o apoia sobre a cocha para estica-lo. Se não tiver laço, o gaúcho derruba o touro pelo rabo.

Nesta rapida descrição do vaqueiro do Sul, usamos os verbos em dois tempos. Isso corresponde à realidade. O gaúcho existe ainda, mas já vai saindo da moda. Ainda senta-se ao pé do fogo, canta lamentando-se da infidelidade da amada e exaltando a ligeireza do seu corcel, mas, o seu cantar de hoje é a todo momento interrompido pelo apito de uma locomotiva ou pela busina de um automovel. Será pena que desapareça de todo.

As caatingas do Nordeste produziram tipo de vaqueiro completamente diverso: o sertanejo por excelencia. Seu gado pasta em vegetação tão densa que quando uma rez tresmalha, êle tem que segui-la a mui curta distância para não perde-la de vista. A caatinga é povoada de espinhos e os galhos tortuosos de arbustos tacanhos, immobilizam-nos, às vezes, em plena carreira. O sertanejo veste-se de couro da cabeça aos pés: chapéu largo de couro grosso, com jugular; jaqueta do mesmo; uma espécie de babador, também de couro; e, finalmente, calções de couro de boi ou de cabra. Também êle adota um laço curto, mas, o seu instrumento inseparavel é o ferrão, lança de quasi três metros de compri-

mento com ponta de ferro. O ferrão propriamente dito — a ponta de ferro — é encastado de couro, deixando apenas meia polegada livre afim de não penetrar muito fundo no couro do animal. Essa lança pode ser usada nos logares em que a vegetação não lhe dá espaço para abrir o laço. A sua ciência é a mesma do be-duino: consiste conhecer os aguadouros, os sinais do tempo e saber perfurar poços. Por ocasião das sêcas, tem necessidade de cortar forragem para seu gado moribundo; vae colhe-la ao joazeiro eternamente verde. Da mesma fôrma que o gaúcho, sua arma predileta é a faca, e o vaqueiro do Nordeste possui as mesmas ativas qualidades que exornam o pampeiro do Sul.

Também êle é um fanatico, apenas de fôrma diferente do gaúcho. O sertanejo das caatingas tem alimentado as mais nefastas fôrmas de fanatismo coletivo, da história brasileira. Por duas vezes, durante o seculo XIX houve carnificina no sertão por causa da volta do Rei D. Sebastião, morto numa ousada expedição contra os mouros em 1578. Muitos chapéus de couro cobriam cabeças decapitadas quando as tropas federais arrasaram a povoação de Canudos, na Baía. (18).

Sua Méca é ainda hoje o Bom Jesus da Lapa. Não ha probabilidade do desaparecimento imediato dêste rustico personagem das caatingas, e, caso isso viesse a acontecer, o país sentiria falta de suas qualidades maleáveis e de sua ousadia. O Brasil, porém, seria mais feliz sem as condições que geram êsse fanatismo: isolamento e analfabetismo.

Nas planícies do Alto Paraguai, além dos vaqueiros de todas as procedencias, encontram-se ainda índios autenticos, como peões e muitos paraguaios com meio

(18) Para se ter idéa da fantastica história de Antonio Conselheiro e seus asseclas sertanejos, vide R. B. CUNNINGNAME Graham, *Um Místico Brasileiro* (Nova York, 1920).

sangue selvagem. Estes gosam da fama de serem os mais habéis laçadores da America do Sul e já tivemos ocasião de ouvir de "cowboys" americanos, que de fato não têm competidor. Na fazenda de Descalvados — uma invernada de quasi um milhão de hectares, de propriedade da Farquhar e dirigida por Norte-Americanos — pode-se apreciar bem o trabalho d'esses vaqueiros.

Era uma segunda-feira de manhã. Trinta peões em fila, seguidos de uma carroça que transporta farinha de mandioca e sal, deixam a séde. Não levam tendas, nem cobertores. Vão descalços, apoiando o pé no estribo, apenas pelo polegar.

Cada homem leva um laço de 20 metros de couro crú e é preciso ser homem de fato, para manobra-lo com desembaraço. Vão tangendo três ou quatro rezes mansas que hão de formar o núcleo da boiada. Avistando a manada de gado selvagem, o vaqueiro atira-se em seu encaço, abre o laço, apanha uma rez e estica-o na cincha. Outro peão ata-lhe as patas trazeiras e espicha o animal. Os vaqueiros deixam então os cavalos sustentando os laços, serram os chifres do animal prostrado, deixando apenas uns tocos de 8 a 10 centímetros. Se é touro e muito bravo, castram-no e juntam-no à boiada. Á tarde os cavalos estão todos sarapintados de vermelho: são as estocadas que lhes dão os bois recentemente laçados, com os tocos de chifres que lhes restam e ainda sangram.

Até aqui tudo é fácil. Mas, se o vaqueiro tem que perseguir a rez por três ou quatro quilometros longe dos companheiros e vê-se só quando consegue deitar-lhe o laço, o jogo é bem diferente. Começa que, desajudado, não pode aparar-lhe as aspas. Não pode conduzi-lo. Não pode recorrer ao instinto da manada porque está longe dela. O único recurso é laçar o boi e irrita-lo até que ataque. Foje então o cavaleiro à frente da rez enfurecida, em direção à boiada, até que o

bicho canse e empaque. Depois vae recolhendo e enrolando o laço até aproximar a montaria a curta distância das armas da rez e, com seu chapelão de couro, põe-se a abanar a cara do animal estafado, ao mesmo tempo que atira ditos ferinos, ridicularizando-lhe a coragem. Quando os insultos calam no animo do boi e este resolve reagir, a vida do vaqueiro passa a depender da rapidez do seu corcel. E' preciso ser peão de verdade para fazer brincadeiras dessa ordem.

À noite fazem uma fogueira, abatem uma rez e banqueteam-se. Quando tangem a boiada sob a soalheira infernal do sertão, vão cantando canções monotonas ao sabor do gado; algumas resumem-se em sons graves ou palavras sem sentido que só o boi e o vaqueiro entendem :

E cou mansão . . .

E cou . . . é cão ! . . . (*)

Para o repouso noturno, estendem a pele de carneiro e a manta de couro que cobrem o arreo. Por distração têm o miar das onças. Ao fim da semana, levam para o curral da fazenda de trezentas a quinhentas cabeças de gado. Terminado o mês recebem seu salário de cinquenta mil réis.

— Então, isso é a mesma cousa que o Texas de 1860?

Exatamente. A descrição de Santo Antonio do Sul ha cem anos passados e a marcha da boiada pelos trilhos do sertão, revivem ainda hoje as mesmas sensações das interminaveis viagens do Texas ao Nebraska, em 1870, com exceção dos ataques dos índios.

E' grande a distância entre as invernadas de criação e os mercados. (Referimo-nos agora às invernadas do centro do Brasil; o Rio Grande do Sul é um mundo à

(*) EUCLIDES DA CUNHA, *Os Sertões*, pág. 128, 6.ª ed. (Nota do Trad.)

parte). Até o início da Grande Guerra o Brasil não constava da lista dos exportadores de carne congelada. Seus mercados eram exclusivamente os internos. Em cada cidade brasileira, abate-se, pela manhã a carne a ser consumida no dia seguinte. A refrigeração ainda é novidade. Nunca vimos um refrigerador num açougue. O Rio de Janeiro consome cêrca de setecentas cabeça diariamente; São Paulo, duzentas e cincoenta e as outras cidades, proporcionalmente. E' um país de carnívoros. Além da carne fresca, os brasileiros consomem grande quantidade de xarque "carne do vento" e "carne do sol". Essas preparações são feitas em todas as fazendas e também nos matadouros. Mata-se a rez, corta-se a carne em postas de três centímetros tão compridas quanto possível, esfrega-se um pouco de sal e penduram-se os pedaços ao sol e ao vento. Farinha de mandioca, feijão e xarque constituem o triumvirato que, em geral, encabeça o cardápio do brasileiro.

Para atender a essa grande procura, tiveram que aumentar e desenvolver as estradas de boiadas. De cada cidade, parte um trilho; cada povoação tem seu atalho. São Paulo atraíu para os seus mercados, gado do Paraná, de Mato-Grosso, de Minas e de Goiaz. Uma das passagens mais movimentadas do Rio Paraná é Porto Taboado para onde convergem os rebanhos de Mato-Grosso e de Goiaz. Os que vêm de Leste (do Estado de Goiaz) têm que atravessar a nado o Paranaíba e o Rio Grande, além de inúmeros outros cursos de menor porte. A influencia do mercado paulista irradia-se até Paracatú, ao Norte de Minas Gerais. A maioria do gado abatido no Rio de Janeiro, vem de Minas. A velha São Salvador recebe gado de distâncias tremendas: de Minas as boiadas vão para o Norte, via Conquista e Jequié; todo o centro de Goiaz remete o seu gado por uma estrada de mais de mil quilometros; do Piauí o gado atravessa pela balsa, no Joazeiro e vem para o Sul,

em demanda dos mercados baianos. Todas as antigas vias comerciais, eram precipuamente estradas de boiada. As mais longas são comparáveis, em distância às que iam do Kentucky a Filadelfia e a Nova York e, em obstáculos, às que cortavam o Rio Vermelho, o Rio Canadense e o Rio Arkansas. Houve boiadas que, partindo de Mato Grosso a caminho dos mercados de Leste, dispenderam um ano inteiro em viagem; a maioria desses percursos, porém, pode ser coberta em dois e três meses. Uma média de três leguas por dia — dezoito quilometros — é considerada bôa marcha para o gado, no Brasil.

Ao fim dessas intermináveis caminhadas o gado em geral está abatido; em alguns casos só tem pele e ossos. Precisa então descansar em uma bôa invernada de três a seis meses antes de atingir o ponto de córte. Os campos de engorda devem estar localizados ao termino das viagens; antigamente eram próximos às cidades, hoje devem estar perto dos pontos de embarque, nas estradas de ferro. As pastagens cultivadas são sempre situadas em terras virgens. Queimam o mato e semeam o capim. Duas são as principais variedades de capim preferidas para os campos de engorda: o jaraguá e o gordura. As vantagens de cada um são assim apreciadas pelo Sr. Murdo Mackenzie: (19)

“Não sendo o capim jaraguá destrutivo pelo fogo, torna-se mais econômico plantar essa variedade e queimar o mato anualmente, três anos consecutivos, até que o pasto fique consolidado. O jaraguá cresce melhor em terreno baixo e humido e constitue excelente alimento para engorda. Não concordo com a afirmativa de que o capim gordura não produz uma engorda solida. A experiência que tenho, é de que a carne produzida em pastagens de capim gordura é superior à de qualquer outra procedencia no pais. A gordura do gado não só é dura como de muito boa côr. Tivemos gado tratado com capim gordura, abatido na proporção de 61%, o que

(19) extrato de uma carta particular ao autor, datada de 12 de Dezembro de 1923.

é magnífico. Não queremos diminuir a excelência do jaraguá, mas a gordura do gado alimentado com êle tem um tom amarelado, e, para exportação, a côr tem muita importância.

O capim gordura, porém, dá-se bem em terreno alto e não resiste às geadas, como o jaraguá. Consequentemente, numa fazenda grande, é necessário ter-se dos dois capins. Na zona de Barretos a geada nunca chega a atingir a raiz do capim gordura e a topografia da região é bastante propícia a essa variedade de graminacea. À margem dos rios e nas baixadas, o jaraguá dá-se melhor”.

Outra vantagem que oferece o capim gordura é que se pode deixá-lo crescer trinta ou quarenta centímetros para acumular forragem, enquanto que o jaraguá, a essa altura já não serve mais para o gado. Dos grandes campos de engorda de atualmente, os de Porto Real, Curvelo e Cordisburgo, em Minas Gerais são principalmente plantados com jaraguá: os de Três Corações, Passos e Santa Rita de Cassia, ainda em Minas, e, de todos os mais importantes — os de Barretos, no Estado de São Paulo — são de capim gordura. As novas pastagens que estão sendo agora abertas em terras virgens, ao longo da E. F. Noroeste, no Estado de São Paulo e às quais está reservado futuro assaz promissor, logo que esteja construída a ponte sobre o Rio Paraná — são todas de capim jaraguá. A proveniência do capim gordura é duvidosa, mas, já se encontra no Brasil ha mais de duzentos anos. É uma dessas variedades de capim que parece acompanhar o homem em suas peregrinações pelo mundo, seguindo-lhe as pégadas pelos caminhos e ocupando as terras abandonadas. Se o jaraguá não for nativo, pelo menos ao Sul de Goiaz regiões existem onde, a dar-se credito ao selvícola, êle sempre vicejou. Mais além, passaremos a examinar uma curiosa resultante dessa lenda.

Dispondo de invernadas quasi ilimitadas e de campos de engorda próximos aos mercados principais, nada mais falta para a produção de carne de primeira qualidade

a não ser um detalhe insignificante, quasi nada : a raça do gado.

Comquanto a ideia da seleção artificial só tenha encontrado abrigo no Brasil pelas cercanias do seculo XX, desenvolveu-se no país uma raça extraordinariamente semelhante às de gado de córte. Chamam-lhe Caracú. Thomas Canty oferece uma explicação perfeitamente plausível sobre a origem dessa raça. A corrida do ouro, no seculo XVIII, levou o gado curraleiro até às cabeceiras do Rio Paracatú em Goiaz. Os mineiros derrubaram o mato, colheram duas ou três safras e plantaram capim gordura. Exauridas as jazidas de minerio, debandados os exploradores, as cêrcas logo caíram de pôdres e o gado espalhou-se pelas selvas emquanto o ambicioso capim gordura foi cada vez mais se alastrando pelos campos. Tendo o gado engordado demais e adquirido grande pêso, e, uma vez que a carne tinha caído de preço, os melhores touros não mais foram abatidos, mas, deixados a pastorear as manadas. Foi assim que, da mirrada vaquinha curraleira evoluiu uma raça de grandes proporções, carnuda, pernas e chifres curtos com uma curvasinha carateristica na ponta. Esta explicação de sua origem pode ser ou não exáta, não o sabemos ; o certo, porém, é que com grande surpresa de todos, a nova variedade foi descoberta pelos fins do seculo passado. Trouxeram-na para a civilização, e, atualmente muitos criadores tentam fazer do caracú uma raça genuinamente brasileira. Para isso fundaram uma associação e o "Caracú Herd Book" já conta com duas mil vacas e cêrca de duzentos touros.

Até o seculo XX não havia razão para o brasileiro preocupar-se com raças e seleção. Era apenas uma questão de saber quantas cabeças — que nada custavam a criar — podiam ser vendidas a qualquer preço. O paladar britânico, porém, apurou-se de tal fórma durante o seculo XIX que hoje em dia todo o mundo re-

conhece como padrões de gado de córte as raças : "Shorthorn", "Polled Shorthorn", "Hereford", "Polled Hereford", "Aberdeen-Angus" e "Galloway". Quando os Estados Unidos e a Argentina compreenderam a vantagem de cruzar o gado selvagem com reprodutores importados da Inglaterra e da Escóssia, em cincoenta anos, tornaram-se os maiores fornecedores de carne no mercado mundial. Os Norte-Americanos foram os pioneiros da indústria frigorífica, e, logo que se tornaram mestres, em seu proprio país, estabeleceram-se no Rio da Prata, à órla dos pampas. Tanto no Uruguai como na Argentina, podiam obter, em quantidade, os melhores tipos de gado de córte.

O Brasil, porém, seguiu diretriz própria. Durante a ultima decada do seculo XIX, alguns criadores de Uberaba, no Triangulo Mineiro, começaram a importar da India, gado Zebú e Guzerat ("Bos gaurus", espécie distinta da "Bos taurus") e cruza-los com o franqueiro, o crioulo, o curraleiro, o caracú, o junqueira e com quantas outras raças havia. Muito se tem falado sobre a conveniencia dessa orientação (20). Seja porém como fôr, o fato é que pelo início da Grande Guerra, na população bovina do Brasil, preponderava o Zebú mestiço.

O único Estado em que as raças de córte já começavam a se impôr era o do Rio Grande do Sul. Isolado

(20) O Zebú mestiço oferece vantagens inegaveis assim resumidas pelo Sr. Tippet, gerente da "Brazilian Meat Company"; "Atualmente 60% do gado do Brasil central é mestiço de zebú, produto comparavel ao nosso "longhorn" ou ao gado do Colorado. Essa raça é dotada de longas orelhas, têm um calombo nas costas, é arisca, tem pernas compridas e corre mais que um cavalo; é um tanto selvagem, mas, imune à grande maioria das molestias que atacam o gado. Animal muito vivo e realmente admiravel para os países novos, comquanto a sua carne não possa concorrer, nos mercados europeus, nem em preço nem em qualidade com as provenientes de países onde se criam as raças já conhecidas como de córte.

da civilização do Brasil central pelos pinheirais do Paraná, o Rio Grande do Sul tem sido muito influenciado pela cultura dos povos platinos. Os gaúchos perceberam a diferença de preço que alcançavam as raças apuradas nos mercados de Buenos Aires e Montevidéo. O "Hereford" foi o gado que mais rapidamente penetrou no Rio Grande; dentro de pouco tempo os bois de cara branca, de envolta com alguns "Red Polled" e "Short-horns", começaram a povoar as pastagens sulinas.

Se, por um lado eram de qualidade inferior os rebanhos brasileiros, ao início da Conflagração Mundial, por outro, eram bastante numerosos. O recenseamento de 1920, revelou a existência de trinta e quatro milhões de cabeças. A Índia e a Rússia têm pecuária muito mais desenvolvida, mas, consomem a produção dentro de suas próprias fronteiras. Apesar de que na mesma época as manadas Norte-Americanas orçavam por sessenta e sete milhões de cabeças, ainda assim atendiam apenas escassamente aos reclamos do consumo. Com uma população de apenas trinta milhões de almas, era, portanto, natural que o Brasil dispuzesse de um excesso exportável bem acima de qualquer outra nação do mundo.

Entretanto, entre o mugir do gado nas invernações e as carcaças penduradas nas camaras congeladas de um navio moderno, deve haver como élo indispensável um bem aparelhado frigorífico, amplo e bem cuidado. Isso não possuía o Brasil; nem havia, jamais, exportado uma partida de carne congelada. As firmas Rio-grandenses e as companhias brasileiras, em geral, estavam apenas aparelhadas para trabalhar com produto de qualidade inferior, carne enlatada, xarque e carne seca. Ingressou, portanto, o Brasil nos mercados mundiais, durante a Grande Guerra, desprevenido e desaparelhado.

Saiu-se, porém, da luta comercial com nove frigoríficos cuja capacidade total montava a seis mil cabeças

diarias : três no Rio Grande do Sul, um no Rio de Janeiro e cinco em São Paulo. Como resultado das montagens iniciadas durante a Guerra possui agora o país, frigoríficos modernos de propriedade das maiores companhias do mundo : Cia. Armour, Wilson, Swift e Vestey Brothers, da Inglaterra. A Armour, empatou dez milhões de dolares no maior frigorífico da America do Sul, com uma capacidade de mil e quinhentas cabeças diarias, cinco mil porcos e dois mil carneiros. (21)

Para o Brasil, foi uma verdadeira revolução industrial. Sua exportação de carnes congeladas que, em 1916, não passava de seis toneladas, saltou repentinamente para 66.000 em 1917, mantendo-se mais ou menos em torno dessa cifra até 1921. Os boiadeiros dos sertões de Mato-Grosso e de Goiaz, nem podiam acreditar — o mundo inteiro reclamava as suas rezas velhas e magras e pagavam-nas a dinheiro. Nunca mais a poeira dos caminhos assentou-se de todo, durante êsses anos de gloria e de sangue em que, na França, toda uma geração se sacrificava ao Deus da Guerra. Foi uma guerra maravilhosa para quem pôde dispôr de umas dez mil cabeças de gado.

(21) CAPACIDADE APROXIMADA DOS PRINCIPAIS FRIGORÍFICOS

C O M P A N H I A	CAPACIDADE DIARIA	
	bovinos	suínos
Armour Co., São Paulo	1.500	5.000
Swift & Co., Rio Grande do Sul.	1.000	—
Wilson & Co., São Paulo	800	—
Brazilian Meat Co. (Vestey Bros.) Rio . . .	600	100
Rio Grande Meat Co., (Vestey Bros.) Pelotas	400	—
Cia. Mecanica, Barretos, São Paulo	200	100

A desilusão, porém, não se fez esperar. Logo que o soldado das trincheiras deixou de comer às expensas do governo, a carne teve que procurar mercados mais exigentes. Ninguém mais a não ser os italianos, queria carne de zebú, mas, êstes não tinham dinheiro para comprar o suficiente para as suas necessidades. O relatório "Weddel", de 1921, diz textualmente: "A qualidade da carne brasileira é considerada inferior ao padrão exigido pelo mercado britânico". A Cia. Armour abriu em Janeiro de 1921, um matadouro gigante, mas, antes do fim do mesmo ano já o tinha fechado sem ter jamais atingido a sua capacidade diaria. Cerrou as portas de suas instalações de dez milhões de dolares e reduziu o pessoal a um guarda-noturno e um vice-presidente. "Duvidamos que pudessemos hoje comprar em todo o Estado de São Paulo quantidade suficiente de gado de exportação para mantermos as nossas instalações em funcionamento por uma única semana", foi o que declararam os diretores ao fecharem o frigorífico. A febre aftosa arrazou as invernadas paulistas, como que para provar que o zebú não era imune à peste; a sêca veio e completou a obra.

A razão fundamental, porém, do completo colapso da indústria frigorifica brasileira, em 1921, foi o fato do Brasil não produzir as melhores qualidades de carne, sendo, portanto, o primeiro fornecedor a ser riscado da lista dos compradores europeus logo que o mercado entrou em crise. Nêsse particular, a sua situação é mais ou menos analoga à da União Sul Africana. (22)

Do ponto de vista técnico a situação não oferece dúvida. Dispondo de aparelhamento frigorifico perfeito, o Brasil não precisa preocupar-se com a apresentação do produto aos mercados externos, pois essas firmas co-

(22) Vide a 34.^a *Revista Anual do Comércio de Carnes Congeladas*, de 1921, dos srs. Weddel & Co. Ltd. Londres, p. 17.

nhecem perfeitamente o seu "metier", mas, o que é necessário é que o país aumente aos milhões os seus rebanhos de gado de primeira, afim de se pôr em condições de concorrer ao mercado mundial. A Inglaterra domina atualmente o comércio exportador de carnes. Antes dos meados do seculo em que vivemos, o Brasil poderá talvez até vender para os Estados Unidos. O que êsses dois países querem é bem sabido: "Nem sempre encontra-se um produto de boa qualidade em carcassas de peso inferior a 800 libras. O consumo prefere as de rezes entre 1200 e 1400 libras". (23)

E' uma ambição legitima, a do Brasil, não só de tornar-se um dos fornecedores do mercado mundial de carne, mas, ainda, o principal dêles; pois, como já tivemos ocasião de dizer em capítulo anterior, são ótimas as suas condições naturais.

O Rio Grande do Sul é maior em territorio, que o Uruguai e as suas condições são identicas. O Estado mais meridional do Brasil não deve descansar um único instante enquanto não ultrapassar, na produção de carne fina, a antiga Banda Oriental. Os gaúchos já estão, porém, nesse caminho; com quatro milhões de "Durhams", "Hereford", "Angus", "Devons" e "Red-Polled" os seus rebanhos melhorarão rapidamente. Ninguem precisa preocupar-se com o futuro do Estado.

O ponto, porém, que ainda resta averiguar é se o Brasil central poderá criar gado de córte, e, sobre êle, os marchantes Norte-Americanos residentes no Brasil, — diversos dos quais são autoridades no assunto, — são todos unanimes em achar que sim. A aceitação das idéas dêsses lideres do comércio de carne, pelos criado-

23) "Tipos e classes comerciaveis de gado de córte" (5.ª ed.) cap. II. O peso médio das 3.700.000 de cabeças recebidas pela Union Stock Yard, de Chicago, em 1918, foi de 941 libras; nessa média estão incluídas todas as qualidades de carne desde a mais fina, destinada aos hotéis até as mais baratas do mercado.

res brasileiros, é de tão grande alcance que, mesmo correndo risco de entediar o leitor, vamos transcrever as suas opiniões.

A "Land, Cattle & Packing Co." importou 3.000 cabeças de "Shorthorn" e "Hereford". A respeito dessa compra o Sr. Murdo Mackenzie exprime-se da seguinte fórmula :

"Sou um entusiasta da melhoria da pecuaria brasileira pela introdução do sangue "Hereford" nos rebanhos nativos. Quando assumi a gerencia da "Brazil Land, Cattle & Packing Company", em 1912, a minha primeira providencia foi a importação de mais de 900 cabeças de gado "Hereford" e "Shorthorn". Quando os invernistas do país souberam dessa importação, riram-se da idéa e afirmaram que eu não conseguiria trazer viva para o Brasil, nem metade dessa quantidade e, que ainda que o conseguisse, outra metade morreria, atacada pelo carrapato, pelas febres e pelas condições climatericas. Eram tão fortes os argumentos contra mim que comecêi a sentir-me nervoso, comquanto tivesse eu conseguido — cruzando os "Longhorn" do Texas com touros "Hereford" — a melhor raça de côrte do mundo, no meu modo de vêr.

Quando chegou a Paranaguá o primeiro carregamento de gado, fui recebe-lo em companhia de alguns incrédulos amigos brasileiros. Depois de indagar do capataz de bordo sobre o estado sanitario dos animais, animei-me a perguntar quantos morreram em viagem. "Cinco, inclusive um, varrido do tombadilho pelas ondas" !

No segundo carregamento, o prejuizo foi de apenas 7% sobre 400 cabeças, em um ano a contar da partida dos Estados Unidos. Para encurtar a história, foi um sucesso a importação dêsse gado, apesar de ser a primeira; mais tarde foi êle remetido do Paraná para as nossas invernadas de Arapuá e Capão Bonito, no Estado de Mato Grosso.

Os bezerros filhos de vacas zebú e touros "Hereford" são lindos : têm em geral a cara branca, a côr e a conformação do pai. São vivos e ousados, e, no meu entender, vieram provar as possibilidades da pecuaria no Brasil".

A Cia. Armour, importou Herefords com "pedigree", tanto da Inglaterra como do Uruguai :

"O gado Hereford, do Uruguai, veio da zona dos carrapatos e, em todos os casos, tem patenteado a sua imunidade contra essa

praga, nestas zonas brasileiras (Estado de São Paulo). Devido à semelhança de condições encontradas na parte Sul do Brasil Central, a Armour recomenda de maneira especial a importação de gado "Hereford" do Uruguai, para cruzamento. Em nossa Fazenda Anastacio, temos mestiços "Hereford-zebú", e "Hereford-crioulo" de seis meses de idade, com os caraterísticos e a côr do "Hereford" e que já demonstram superioridade sobre o gado nacional da mesma idade. Os nossos bezerros "Hereford" puro sangue, nascidos no Brasil, desenvolvem-se bem rapidamente nas invernadas de catingueiro e de capim jaraguá.

Nos dois últimos anos (1921) diversas centenas de rezes mestiças de sangue "Hereford" e "Shorthorn", foram negociadas em São Paulo com lucro bastante interessante para os criadores. Essas rezes pesavam em média vinte e uma arrobas, com 4 anos de idade, i. e., 693 libras".

O Sr. Tippet, gerente Norte-Americano do maior frigorífico inglês, no Brasil, foi igualmente claro em seu parecer :

"Algumas companhias inglêsas e americanas introduziram touros "Hereford" e "Shorthorn" para cruzar com vacas mestiças, obtendo resultados maravilhosos. Os produtos de tais cruzamentos têm quasi todos os caraterísticos e a conformação do touro e, nas magnificas pastagens que aqui temos, êsses animais, com três anos de idade, atingem de 600 a 750 libras".

Seja-nos permitido terminar êste ligeiro exame da indústria da carne, com a opinião de um homem que gosa do melhor conceito possível no Brasil, o Dr. Paulo de Moraes Barros, presidente da Sociedade Rural Brasileira :

"A presente baixa do preço da carne, é universal. Apesar disso, porém, o Brasil pode aproveitar-se da lição que lhe custou a falencia da industria frigorífica e a repulsa mundial pela carne de zebú. Foi, para nós uma lição humilhante, mas poderá ser-nos util se soubermos dela nos valer. Se foi o zebú a causa da falencia da exportação brasileira de carne e se a peste que está pondo em risco a saúde dos rebanhos nacionais (a aftosa) ataca de preferencia essa raça, façamos a substituição dos nossos bovinos por outros de raças estrangeiras. O momento atual oferece maravilho-

sa oportunidade para isso, pois o preço do gado está baixo por toda parte, na Argentina, no Uruguai e em outros países. A indústria pecuária no Brasil pode ser construída em grande escala, dentro de vinte anos" (24).

DISTRIBUIÇÃO DA PECUARIA NO BRASIL

Recenseamento de 1920

ESTADOS	N.º DE CABEÇAS
1. Rio Grande do Sul	8.489.496
2. Minas Gerais	7.333.104
3. Goiaz	3.020.769
4. Mato Grosso	2.831.667
5. Baía	2.698.106
6. São Paulo	2.441.989
7. Piauí	1.044.734
8. Maranhão	834.596
9. Pernambuco	745.217
10. Pará	615.482
11. Santa Catarina	614.202
12. Rio de Janeiro	581.203
13. Ceará	580.028
14. Paraná	539.765
15. Paraíba	444.928
16. Alagoas	388.371
17. Rio Grande do Norte	318.274
18. Sergipe	311.239
19. Amazonas	238.449
20. Espírito Santo	161.160
21. Distrito Federal	23.367
22. Territorio do Acre	15.178
TOTAL	34.271.224

(24) De um discurso traduzido e publicado pela *Brazilian-American*, de 10 de Junho de 1922.

§ 2. CAVALARES

As raças cavалares atualmente conhecidas parecem derivar de pelo menos três troncos selvagens principais : o primeiro, um animal baixo, entroncado e peludo que habitava as florestas do Norte da Europa ; depois o tronco Asiatico, equino rustico, lembrando o "tarpan" das estepes, e, finalmente o cavalo do deserto, da Africa Setentrional. Tudo quanto pode haver de belo e ligeiro, em materia de cavalo, não sómente no Brasil como por quasi todo o mundo, deve-se ao potro Libanês, o "papa-vento" ninguem pode dizer com segurança, em que época da historia, o sangue dêsse doceis corceis do deserto começou a salpicar as manadas da Península Ibérica. O que não deve ser passível de dúvida, porém, é que Hanibal, cuja cavalaria era em grande parte conquistada aos nómades arabes, tenha contribuido para um grande cruzamento, lá pelo ano 219 A. D. (1) Os negociantes de animais importaram-no através de Gibraltar por mais de um milenio. Depois os Sarracenos, invadindo a Peninsula, disseminaram pelos seus quatro cantos o sangue do que se pode classificar como o melhor cavalo do mundo, o Barbo e seu nobre parente, o Arabe.

Foi maior a quantidade dêsse sangue do deserto, que se infiltrou ao Sul da Peninsula, que ao Norte, a Andalusia e a Estremadura, na Espanha, e, em Portugal vale do Tagus, saturaram-se de sangue Barbo. Todas as trópas da peninsula sofreram a influencia dêsse cruzamento. Ao Sul o que resultou dessa amalgama foi um tipo quasi puro de cavalo do deserto cuja côr domi-

(1) No que respeita à história antiga do cavalo, seguimos as pégadas de Sir WM. RIDGEWAY, *A Origem e a Influencia dos Cavalos de Puro Sangue*. (Série Biologica de Cambridge, 1905), pp. 254-61.

nante era o baio ; os famosos "jennets" eram reservados aos Reis. A história mirabolante das eguas de Plínio que produziam crias para o vento do Poente — a fábula mais fantástica que os antigos poderiam ter inventado — prova que a raça do deserto estendeu-se em território português, pelo menos até Lisbôa e o Tagus.

Na região Noroeste, onde a infusão de sangue do deserto foi menos abundante, temos, como resultado do cruzamento dos cavalos africanos com um tipo menor, do Norte, os equinos das Astúrias, Galícia, Minho e Trás os Montes. Não são tão grandes como os da Andaluzia, nem tão ligeiros e nem tão belos ; como animais de montanha, porém, são vivos e resistentes.

Muitos têm uma espécie de manta parda sobre o dorso.

Ambos êsses grupos de equinos foram transportados para o Brasil, logo no início do século XVI. Entre os especimens reprodutores para lá levados pelos primeiros Capitães e os posteriormente remetidos pela Corôa, podemos estar certos de que havia representantes das melhores raças de Portugal, bem como cavaleiros das Ilhas do Cabo Verde e do Norte de Portugal. O sangue dos ótimos cavalos da Andaluzia, penetrou também livremente por via clandestina.

Quando D. Pedro de Mendoza recebeu por doação um trato de terra que ia do Rio da Prata ao Estreito de Magalhães, fez para lá transportar por sua conta própria, mil homens e cem cavalos e eguas. Houve um mal entendido entre os membros da delegação que lá chegou em 1534 e alguns dos homens comeram uns tantos cavalos. Foi então que os restantes dos briosos corceis andaluzes fugiram e fundaram as manadas selvagens que dentro em pouco seriam vistas aos milhares, pastando pelos Pampas. A ação combinada do cavalo, do capim e do aborígene levou êsses quadrúpedes às planícies paraguaias antes do advento do europeu e

foi por isso que os primeiros pesquisadores de ouro que foram ter a Mato-Grosso, depararam com grandes tribus de índios equestres cavalgando descendentes dos rebeldes garranhões andaluzes. (2).

A maioria dos cavalos brasileiros de hoje, descende dessas duas correntes raciais, ligeiramente modificadas pelo homem. A seleção artificial e o apuro das raças têm sido muito pouco praticados no Brasil. A castração dos animais indesejáveis não é regra geral. O resultado é que a maioria dos cavalos brasileiros é hoje de estatura inferior a 14 mãos (1,43 mts.) e a nossa impressão é que existe maior numero de animais pardos no Brasil que de qualquer outra côr.

O brasileiro de todos os tempos, tem dado ao cavalarião duas aplicações principais: a primeira, como animal de sela e a segunda como produtor muars. Em toda a parte onde se usam animais para vencer distâncias (em contraposição à equitação, como esporte) os de andar comodo têm preferencia sobre o trotador. O Major-General Carter assegura-nos de que durante a occupação Romana na Inglaterra, e por mais 1.000 anos a seguir, o andar favorito dos animais de sela era o passo lento, então comumente denominado "amble" (marcha) (3) Certo escritor seiscentista assim se expressa com relação aos cavalos irlandeses: "Eram, na maioria, marchadores, e, portanto, muito comodos como animais de sela, para viagem". Os "Jennet" (3-A) eram marchadores e os pequenos cavalos asturianos (astu-

(2) O General Rondon diz que uma vez abandonada a velha capital do Estado de Mato Grosso, apareceram novamente cavalos selvagens nos pantanais do Rio Guaporé, egressos da fazenda "Casalvasco".

(3) "A História do Cavalo", *National Geographic Magazine*, Nov. 1923, p. 539.

(3-A) Raça de cavalos hespanhois de pequena estatura. (N. do Trd.)

riones) eram famosos pelo seu passo. Muito depois de terem os animais de passo, saído da moda na Inglaterra, as colonias americanas começaram a importá-los e foi de um cruzamento com êsse tronco, que se originaram os cavalos de séla Americanos, dos diversos passos que constituíram a delícia do Kentucky, por quasi um seculo.

Os passos de animais de séla são tão conhecidos no Brasil como na Virgina e no Kentucky, e, ao que conseguimos saber, foi êste o único ponto em que os criadores anteriores ao seculo XX, fizeram alguma seleção. O que Dobrizhoffer diz com respeito aos cavalos do Paraguai, pode-se também dizer com relação aos do Brasil :

“Dá-se muita importância ao andar. Ha os marchadores, que às vezes são chamados “asturiones”, porque os asturianos eram famosos em ensinar êsse andar aos seus corceis. Se não nascem com êsse passo, ensinam-lh'o atando as patas deanteiras às trazeiras com correias do comprimento exato do passo desejado ou prendendo às patas trazeiras uma pedra pontuda de fórmula a bater nas mãos, caso o animal alongue demais o passo. Nêsse comodo andar — tão comodo que se pode levar um copo cheio d'água, na mão, sem entorná-lo — faz-se facilmente 12 quilometros por hora. Fóra da estrada batida, porém, não é seguro. Os “trotones” ou trotões, são mais firmes e os de “Passi-trote” (passo trotado) ou Marchadores — cujo andar está entre o passo e o trote — são os preferidos para viagem”.

O que o bom sacerdote denomina marchador é evidentemente o que o Norte-Americano chama de “running walk” ; e, o andar no qual um cavallo de pequena estatura pode fazer 12 quilometros por hora sem derramar a água do copo, na mão do cavaleiro, não deve ser o passo ligeiro que é um andar rustico e desconfortavel, mas talvez a andadura.

Tais eram os animais que serviram o homem no Brasil durante quatrocentos anos. Dificilmente se poderá exagerar a importância do papel que desempenharam na história do Brasil. Num país de distâncias imensas,

cujo único sistema de rodovias, até ainda ha pouco, consistia em uma rede de trilhos, era difficil viver-se sem animais de sela e de carga ; nem teria sido possível desenvolver a pecuaria, em campos abertos, sem os rapidos cavalos boiadeiros. Pode-se presumir que os melhores animais de sela — coletivamente falando possuiam os mesmos passos das montarias americanas. O Brasil, provavelmente ainda continuará a usar animais de sela por tempo mais dilatado que qualquer outra região do Hemisferio Ocidental. Tendo em vista os jumentos com que o Rei da Espanha e La Fayette apresentaram George Washington e o serviço que os seus descendentes prestaram aos Estados Unidos, permitimo-nos sugerir que um dos melhores presentes que este país poderia fazer à sua irmã do Sul — e cujos beneficios estariam em nível igual ao da Missão Naval — seria o de um lote bem escolhido, dos incomparaveis descendentes de jumentos dinamarquêses que tão justa fama emprestam ao Kentucky. Garanhões de sela americanos, cruzados com as melhores eguas de passo, dentro em breve dariam ao Brasil uma raça de animais de montaria que faria o coração do fazendeiro pular de alegria. Aqui ocorre-nos um fato curioso : as éguas de passo que se encontram no Brasil, têm todas o andar natural, de vez que lá não se acertam femeas, pois, nenhum brasileiro trabalha ou monta numa égua, tendo um cavallo que usar — preconceito esse herdado, ao que parece, dos antigos guerreiros.

Os freios adotados no Brasil, para esses dóceis animais, são bastante grosseiros. Blunt afirma que o “Beduino jamais usa freio ou bridão de qualquer espécie : aplica uma corrente fina em volta do focinho. Os espanhóis, pelo contrário, preferem sempre freios recurvos que constituem a mais nociva variedade de quebra-queixos ; freios com bocados altos e longas barras que facilmente ferem a boca do animal. Além desses freios,

usa-se no Brasil uma focinheira serrilhada sobre o nariz. No Sul, essa peça é de tal fôrma conjugada com o bocado que quando se puxam as redeas, ambas atuam simultaneamente ; no Nordeste (pelo menos no Ceará) ela é usada com duas cabeçadas, como usamos o freio e o bridão ; nêsse caso as redeas do bridão são presas diretamente à focinheira dentada do nariz. Tão barba instrumental de tortura não indica, por certo, um elevado estágio de desenvolvimento.

Ha um outro ponto ainda em que a equitação brasileira manteve-se na retaguarda da do resto do mundo. Em diversas regiões do interior os animais são ferrados com um tipo de ferradura comum nos primórdios do Cristianismo : ferradura inteiriça, fechada na parte posterior e dotada de um rompão único e muito alto, de maneira que o espigão do animal não pode crescer e acaba degenerando. (4) Os cavalarios brasileiros e os civís das grandes cidades, usam em seus animais ferraduras abertas, e, dentro de algum tempo, êsse sistêma será também adotado no sertão.

As sélas brasileiras são medianamente pesadas, acolchadas e com cabeçote largo, geralmente enfeitado com trabalhos em prata ou metal branco. Sobre o lombo do animal, usam mantas de feltro ou de algodão e couro de porco do mato ainda com os pelos. Sobre os arreios, atada por uma sobre-cilha, colocam um ou dois pelegos de carneiro e finalmente, uma manta de couro macio. Com êsses apetrechos o cavaleiro está habilitado a instalar uma confortavel cama, caso a noite o surpreenda em viagem. No interior, as mulheres ainda usam o cilhão, com espaldar como cadeira de braços ; em caminhos ruins, porém, êsse arreio constitue não

(4) RIDGEWAY, op. cit., descreve ferraduras semelhantes, na antiguidade. p. 503.

só uma ameaça à segurança da amazona, como verdadeiro suplício à cavalgadura.

Apenas uma molestia fóra do comum chamou-nos a atenção, no Brasil. Nas planícies de Mato-Grosso os animais são atacados pela peste das cadeiras, molestia que lhes impede de se apoiarem nas patas trazeiras.

Não deve o leitor esquecer-se de que, comquanto tenhamos, nas linhas acima, tentado descrever os cavalos brasileiros, em geral, não nos seria possível abrangê-los em sua totalidade; o viajante que só visitasse as cidades brasileiras, nada veria do que acima descrevemos. Ainda nêste ramo da zootecnia, o Rio Grande vem marchando em paralelo com a Argentina e o Uruguai onde se criam cavalos tão bons como os melhores do mundo. E' nêsse Estado que se acham um milhão e meio, dos cinco que constituem a população equina do Brasil. Aí encontram-se diversos harras de animais puro-sangue ótimos cavalos pesados para tiro e os corceis rio-grandenses começam a exhibir já, maior porte e característicos mais definidos que no resto do Brasil. A maioria, dentre os mais finos corceis da cavalaria brasileira, vem atualmente daquele Estado, emquanto que antigamente era importada da Argentina. O hipismo é tão popular no Rio de Janeiro que os melhores animais de puro sangue adquirem, no Brasil, popularidade identica a de seus colegas de outros países. Existe um criador em São Paulo, que está já começando a criar "Hackneys".

Tirante, porém, os harras de cavalos de corrida, pode-se contar nos dedos de ambas as mãos, o número de criadores notáveis de qualquer outra raça. Os corpulentos cavalos de tiro, são inteiramente desconhecidos: em três anos de viagem não conseguimos ver um único "Suffolk", "Clydesdale", "Shire", "Belga" ou "Percheron". O "Hunter" é lá tão raro como a girafa. Nem

criou o brasileiro algum tipo peculiar de animal de sela ou de tiro. Todo o trabalho de carga recae com tal exclusividade sobre o lombo dos muares, e tão intimamente está ligado o transporte sobre rodas, a essa espécie de animais, que deles trataremos "sem orgulho de linhagem, nem esperança de posteridade".

§ 3. ASININOS E MUARES

Quando chegar o dia em que os burros de carga possam ombrear com os políticos e os parasitas da sociedade, a mula terá direito a uma cesta de flores e uma fala do trôno.

Quasi todos os trabalhos que, nos Estados Unidos dependem de veículos, no Brasil, como na Europa medieval, são ainda executados a lombo de burro. As tropas constituem sistema de transporte caro e prejudicial à conservação da mercadoria, mas, têm a vantagem de poder ir a qualquer lugar. A mula tem sido a coluna vertebral da tropa, no Brasil. Só os Estados Unidos e a Espanha é que lhe dão aplicação ainda mais ampla.

Todas as mulas que vimos no Brasil seriam classificadas, no mercado de São Luiz como "mulas para algodão", i. e., animais que variam de 1,37 a 1,57 mts. de altura e pesam entre 350 e 500 quilos, sendo que a maioria, agrupa-se perfeitamente na extremidade inferior da classificação. Isso provêm tanto das pequenissimas éguas que empregam na produção de muares, como dos jumentos. O Brasil importou magníficos asnos italianos, espanhóis e franceses; duvidamos, porém, que em todo o país exista um único representante da chamada raça Americana, alguns dos quais atingem a 1,62 mts. ou mais e pesam tanto como 520 quilos;

nem tão pouco o tipo de mulas Americanas entre 1,67 mts. e 1,75 mts. que pesam entre 725 e 770 kgs. (1)

Ha pouco mais de um seculo passado, o centro da produção de muares era o Rio Grande do Sul e de lá, a partir da fronteira meridional do Estado, grandes tropas eram tangidas para mercados situados ainda além do Rio São Francisco. Hoje, o centro de produção foi deslocado para os Estados de Minas, São Paulo, e Baía que, englobadamente, produzem metade dos muares empregados no país.

Comquanto a trópa desempenhe papel bastante saliente na vida comercial do interior do Brasil, não podemos deixar de lavar aqui o nosso protesto em favor da mula paciente. Como tivemos ocasião de dizer paginas atrás, classificamos as cangalhas e os tropeiros brasileiros como os peores do mundo. Expliquemo-nos agora. Para se manter um peso morto de 120 kgs. ou mais, sobre o lombo de um animal, durante dias e dias consecutivos, sem pisa-lo, é preciso muita técnica na construção do arreio e na arrumação da carga. E' necessário que o animal tenha uma proteção muito comoda e que o peso seja perfeitamente balanceado. Além disso é indispensavel um amarrilho que mantenha a carga sempre na mesma posição, e, todos nós sabemos que o tipo mais comum dessa peça de arreio é o chamado diamante (diamond hitch). Qualquer tropeiro habil sabe que o "aparejo" constitúe a melhor proteção que até hoje se inventou para o lombo do burro. Pois bem, examinamos cuidadosamente várias centenas de animais de trópa em Minas, na Baía, no Rio Grande do Norte e no Ceará e não conseguimos ver um só dêsses 'aparejos' e nem um único amarrilho do tipo acima descrito. A única cousa que se vê é a cangalha da conformação

(1) VAUGHAN, *Tipos e classes comerciaveis de Gado em Pé*. Pág. 468.

a que já nos referimos anteriormente, e, para segurar a carga, uma corda de meia polegada passando pela barriga do burro e apertada na cangalha por meio de um páu, em torniquete, que a estica brutalmente até quasi cortar o couro do animal. E' o mais extraordinário exemplo de completa degenerescencia de uma arte que se pratica diariamente. Dizemos degenerescencia, porque o "aparejo" é uma velha peça de arreio, adotada na Espanha e é justamente nêste país, bem como em Portugal e na America Latina, que se encontram os mais habéis tropeiros. (Desnecessário será frisar que essa observação não se aplica ao exercito brasileiro).

Não é só o trabalho de trópa que a mula vem desempenhando no Brasil, mas, ainda quasi todos os outros serviços em que se empregam animais, principalmente a tração de veículos tanto nas cidades como no campo, especialmente no Paraná e no Rio Grande do Sul. E' verdade que, ultimamente, o cavallo a vem substituindo nêsses Estados, mas, a mudança é ainda muito recente; encontram-se frequentemente parêlas mixtas. A guarnição de um veículo nêsses Estados do Sul, é inteiramente diferente de tudo quanto temos visto até agora. Uma guarnição comum, consiste em uma parêla no varal e mais cinco animais atrelados à guia, lado a lado. Essa atrelagem dos polacos no Paraná bem como a guarnição de sete animais no Rio Grande do Sul, constituem vivas reminiscencias dos transportes "Conestoga" que, antes do advento da estrada de ferro, faziam o serviço de carga, através do Alleghenies, de Filadelfia ao Vale do Ohio.

§ 4. SUINOS

O estado atual da pecuaria brasileira é comparavel ao desenvolvimento que teve nos Estados Unidos, em 1870, mas, a sua criação de porcos, só pode ser posta

em paralelo à da America do Norte, em 1860. Antes dessa época os suínos locomoviam-se por suas próprias forças. Grandes varas eram tangidas por centenas de quilometros, em demanda do mercado. Era necessário que os pobres animais tivessem constituição atletica para suportar tão longas caminhadas. Um capado para banha, não podia tomar parte nessas Maratonas, da mesma forma que não o podem os felizardos que se fazem transportar ao longo das praias de Atlantic City em cadeirinhas de rodas. Já por 1860, não mais conduziamos suínos a pé, através de longas distâncias, como quanto ainda não tivessemos chegado a perfeição a que hoje atingimos, de leva-los para a estação em automovel. Dessa época em diante começamos a cultivar cereais a maquina bem como a selecionar suínos, para produção de banha e toucinho.

Hoje no Brasil, como nos Estados Unidos de então, um porco é um porco, sem se cogitar qual a sua raça. Mas, desde do advento das companhias frigorificas, novas raças de suínos vem sendo introduzidas no país, tanto pelas Companhias, como pelo Governo Federal. A Cia. Armour importou e criou, em suas fazendas, mais de mil cabeças de "Poland-China", "Duroc-Jersey" e "Berkshire", que vendeu pelo custo aos criadores brasileiros com o fim de melhorar as raças. Essa politica, porém, ainda não teve tempo para revelar os seus efeitos, mas, já se encontram em São Paulo e no Paraná pequenas varas de suínos de qualidade.

O seu futuro é brilhante — se é que se pode assim expressar-se com relação a um animal cujo destino consiste em enriquecer o cardapio dos glutões. O Brasil é tão propício ao cultivo de cereais que, quando lá adotarem a cultura mecanica, será o paraíso dos suínos.

§ 5. LANIGEROS E CAPRINOS

· Não conseguimos saber qual a razão do Brasil estar tão atrasado em ovinotecnia. No interior, nota-se tão acentuado preconceito contra a carne de carneiro, que não se consegue fazer um caboclo dela servir-se. O clima da maior parte do Brasil não é de fôrma alguma hostil a essa indústria, pois, atualmente, a melhor lã do mundo vem das calidas regiões australianas. No Brasil existe a praga chamada "tornado"; o mais leve ferimento inflama e produz elevada mortalidade; mas, evidentemente não está aí a explicação do preconceito que existe contra o animal e sua carne.

Muito mais de metade dos rebanhos lanigeros brasileiros, encontram-se nos Estados do Sul. Aí, vêm-se constantemente, carneiros pastando de envolta com gado vacum — promiscuidade essa em nada recomendavel.

A maioria dos rebanhos do Rio Grande do Norte, da Baía e principalmente de Pernambuco, degenerou de tal fôrma que, atualmente, os carneiros não produzem mais que 8 a 9 quilos e a sua lã não passa de um pêlo rustico.

Por outro lado os caprinos dão-se perfeitamente nas regiões semi-áridas desde a Baía até Piauí e Ceará, onde proliferam em número suficiente para colocar o Brasil em quarto lugar depois da Índia, Turquia e Africa do Sul, nêsse ramo da Zootecnia. A ovinotecnia, porrem, é passível de grande expansão, no Brasil.

§ 6. OS CAMELOS DO CEARÁ.

Não podemos terminar esta sucinta descrição dos rebanhos brasileiros sem pelo menos uma ligeira referencia à malograda tentativa de introdução do camelo no

Ceará. Lá por 1801, o Dr. Camara, distinto botânico, lembrou-se de que o Nordeste talvez constituísse meio propício para o desenvolvimento do camelo da Arabia e do Norte da Africa. (1) Em 1859, alguns Ministros do Império pediram consentimento para levar a efeito a tentativa. Vieram então da Argelia para Fortaleza 14 dromedários. Já ao desembarcar, um dêles morreu, ao contemplar o cenario de sua futura morada. Os treze restantes ficaram na capital, enquanto os "dandys" da época não se cançaram de fazer passcios elegantes sobre as esturdias alimarias; depois, foram banidos para o interior.

O leitor deve lembrar-se daquela passagem da historia onde se lê que Círo, o persa, conseguiu espantar os cavalos da Líbia, quando a cavalaria de Cresus estava a ponto de esmagá-lo, com o simples expediente de pôr-lhes um camelo à frente. Foi identica a consternação do sertão cearense, à vista dos camelos. Trópas e cavalos de montaria, fugiam espavoridos desde Fortaleza até Quixeramobim.

Dizem que os dromedarios se reproduziram. Cada vez que um filhote vinha à luz, havia festas de esplendor oriental para exhibição dos rebentos do deserto. O formalismo de Fortaleza, porém, entristeceu-os e a bebedeira que presenciaram no sertão, chocou-os. Sete anos depois, existiam apenas quatro camelos.

(1) SOUTHEY, *História do Brasil*, III, 790.

CAPÍTULO X

EXPLORAÇÃO MINERAL

O capricho do acaso, que revela aqui uma pepita de ouro e acolá um veio amarelo, demonstrou ser o Brasil possuidor de portentosa riqueza mineral. Em minério de ferro, é o “*primus inter pares*”. Branner afirma que as jazidas ferruginosas de Minas Gerais são as mais importantes do mundo. Mas, o carvão necessário para reduzi-lo — o de Santa Catarina — é de qualidade inferior e está situado muito longe. Experiências recentes, porém, têm revelado que, quando empregado por processos especiais, pode ser utilizado como perfeito coke metalúrgico. Os xistos betuminosos já foram há tempos descobertos. São do Brasil as maiores jazidas de manganês, na América do Sul, sendo que os Estados mais ricos nesse minério são a Baía e Minas Gerais. Mica, de boa qualidade, acha-se espalhada por todo o território da nação. As areias monazíticas, concentradas pelo mar no litoral da Baía e do Espírito Santo, constituem a maior fonte de sais de thorium e zirconium, em todo o mundo. A zona produtora de cromo, na Baía é a única de importância que se conhece na América do Sul. (2) Os mineralogistas afirmam que o barro para porcelana existente perto de Ouro Preto; em Minas, é igual ao de Sèvres. E, nas rochas arqueológicas do Brasil, existem muitas riquezas semelhantes até hoje inaproveitadas.

(1) BRANNER, *Geografia Elementar*, p. 293.

(2) J. E. SPURR, *Geologia Política e Comercial, e Os recursos Minerais do Mundo*.

A exploração d'esses tesouros, entretanto, ainda não atingiu proporções de vulto para o povo brasileiro. As dificuldades de transporte têm até aqui impedido a mobilização das reservas ferruginosas brasileiras. A primeira metalúrgica para redução de ferro guza, em fornos elétricos, começou a funcionar em Ribeirão Preto, em 1923. (3). Essa tentativa, poderá marcar o início de grande desenvolvimento, mas, até agora, as únicas riquezas minerais que produziram efeito profundo na vida brasileira, foram o ouro e as pedras preciosas. A estes já nos referimos no Capítulo IV.

(3) Vide *Boletim da União Pan-Americana*, Nov., 1923.

CAPÍTULO XI

DESTRUIÇÃO DA VIDA

ALÉM de poder o homem prejudicar de maneira irreparável os seus semelhantes, com uma exploração inadequada das riquezas minerais, também lhe é fácil tornar o mundo inteiramente inhabitável, tanto para si próprio, como para os mais nobres representantes do reino animal, pelo desperdício das criaturas sob o seu domínio.

A vida, sobre o globo terreal, constitue um todo único, indivisível: verdadeiro tecido de forças entrelaçadas — forças fundamentais, comparáveis à luz, à gravidade e à ocorrência das marés. Entre elas existe, sempre, perfeito equilíbrio. Muitas seriam capazes de sobrepujar, dominar e devastar a terra pela sua propria pletóra e exuberancia, não fossem elas compensadas pelas que lhe são naturalmente antagonicas. Comquanto à primeira vista, o espetáculo da natureza nos dê a impressão de luta ciclopica, em que legiões de fêras procurassem entredevorar-se, a verdade é que os participantes dessa formidável tragédia universal, foram selecionados por processos que se vêm apurando através de milhares de seculos e que resultaram numa estrutura de complexidade tal, que excede em muito a tudo de quanto o homem tenha conhecimento.

Para dentro dêsse mecanismo, infinitamente mais delicado que qualquer maquina saída de mãos humanas, o homem não hesita um único instante sequer, em atirar uma ferramenta bruta, apenas pelo prazer de ve-la

estalar. Pode-se alegar que também êle faz parte da natureza, tanto quanto os símios ou qualquer outro animal e que, portanto, os seus atos, por mais impensados que pareçam, igualmente se enquadram no plano geral da natureza como o inconciente pastar e o reproduzir instintivo das alimarias.

De certo ponto de vista, porém, o homem fez-se quasi um deus e substituiu em grande parte o seu eterno "fiat" pelo próprio processo de evolução que o produziu.

Ao nosso ver, pouca gente existirá talvez, que, depois da Grande Guerra, ainda considere tão fácil devolver à sociedade dez milhões de homens, como o foi tira-los de seus lares e jogá-los uns contra os outros no delírio da matança. Quantos, porém, em todo o mundo, saberão quão mais difícil é formar uma floresta que destruí-la! Quantos que avaliam a catástrofe em que implica o extermínio de uma espécie! Quantos que se compenetram de que o homem vae limitando, cada vez mais, o número das que deverão subsistir nos mares ou marchar ao seu lado, na terra, sem se preocupar um momento, siquer, com as consequencias que hão de provir dentro de quatrocentos ou quinhentos anos? Quem, além dos silvicultores alemães, já organizou planos concretos de reflorestamento com antecedencia de seculos? E, apesar disso, que representam quatro gerações de uma floresta setentrional ou dezesete gerações humanas?!

E' preciso que se faça nítida distincção entre as maneiras de nos utilizarmos dos recursos que a natureza nos põe ao alcance das mãos, sem a idea de devastação. Nos casos em que a reprodução natural de qualquer fôrma de vida, dá-se em proporções ilimitadas, nem se deve falar em extermínio, por maior que seja a sua destruição pelo homem. Nos outros, porém, em que essa devastação redunde em escassez, em prejuizo à sua propria espécie, ou extermínio de certa creatura, existe motivo para viva preocupação de ordem social; e, sem

medo de errar, pode-se antecipadamente contar com catastrofes sobre catastrofes.

Comquanto sejam grandes as responsabilidades do homem primitivo neste setor, é ao civilizado, — incomparavelmente mais “eficiente”, pelo esplendor de sua técnica industrial, — que cabe a maior soma de culpa. Nós, norte-americanos, nos consideramos altamente civilizados, entretanto, não encerra exagero de monta, a afirmativa do Professor Giddings: “Durante trezentos anos, nada mais fomos que u’a manada de asnos selvagens no sertão”. De maneira que a ninguem constituirá surpresa saber que, em certos pontos e em determinadas épocas de sua história os brasileiros agiram de maneira igualmente impensada.

§ 1. DEVASTAÇÃO DAS MATAS

Além da devastação decorrente de um sistema de exploração agrícola que vae cada vez mais reduzindo a fertilidade do solo, a outra forma de destruição das matas que mais se evidencia no Brasil, é a queimada. Três decimos das florestas existentes em 1500, já desapareceram, conforme os estudos do Departamento Geológico. As do Rio Grande do Sul, foram reduzidas à metade. Em São Paulo, também, porção igual já se foi. Sem dúvida que, em se tratando do aproveitamento agrícola do solo, essa devastação representa benefício consideravel para a sociedade; mas, as grandes areas atualmente cobertas de vegetação secundária, completamente destituida de utilidade, representam prejuizo total. Não existe mais a floresta verdejante que, em tempos, marginava o oceano, do Cabo São Roque ao Rio São Francisco; os cimos das montanhas cearenses e nordestinas acham-se hoje totalmente despídos de seu manto farfalhante. Cincoenta e oito por cento do território

Brasileiro eram cobertos de matas, em 1500 ; em 1910 essa area caiu para 40%. Tudo destruido pela queimada ! A madeira utilizada no Brasil, de então até hoje, não representa sequer um decimo milésimo da que foi encinerada. A vista de tão enorme devastação, torna-se pertinente indagar da natureza d'esses incendios.

As queimadas podem ocorrer expontaneamente, como cataclismos naturais e independentes da iniciativa do homem, isso, porém, em geral, só se dá em zonas bastante restritas. Nos bosques de pinho do Paraná, interpolados de touceiras de bambú, onde o sólo fica literalmente coberto de tócos resinosos, pode-se conceber que uma faisca electrica ateie um incendio, depois de largo período de sêca ; o mesmo pode-se dizer com relação às caatingas. Consta, por exemplo, que foi tal a estiagem em Mato-Grosso, entre 1744 e 1749 que, em torno de Cuiabá, o mato incendiou-se expontaneamente. (1) Fóra das caatingas, porém, as queimadas expontâneas ocorrem tão raramente que pode-se, com segurança, pôr de lado a hipotese dos incendios expontâneos. Na mata virgem, porém, é que jamais ocorrem.

Ainda assim, se se pudesse vagar sobre o territorio brasileiro na carlinga de um balão e ter uma visão de conjunto das suas enormes extensões florestais, ao fim da estiagem, poder-se-iam ver inúmeros rôlos de fumo subindo continuamente para as nuvens através dos anos e dos seculos. A agricultura pelo fogo — fórmula instavel de exploração agricola — é tão adotada pelos nómades dos sertões brasileiros como pelos "Fangs" do Congo. Explicamos, em capítulo anterior, que a floresta foi sempre considerada como propriedade comum a que todos tinham direito de depredar, queimar e abandonar. Basta um pouco de imaginação para se compreender porque êsse interminavel monstro verde que

(1) SOUTHEY, *História do Brasil*, III, 360.

perpetuamente barra a luz solar, assumia, ao povo ingenuo de antigamente, o aspecto de inimigo inexorável — arapuca sempre armada para colher os incautos em suas fauces verdejantes; insidioso exercito vegetal que na calada da noite, enquanto o colono exausto dormia, invadia-lhe a horta e as plantações, assenhoreando-se de tudo. Abaixo a floresta!

E, com certo gráu de precisão, pode-se mesmo afirmar que a capacidade de reprodução da mata virgem é tão grande que não será com os poucos recursos de tão mesquinhos inimigos que ela se deixará abater. Entretanto, ainda mesmo no Amazonas, existem restrições a êsse conceito, como prova a região devastada que demora entre o Rio Guamá e o litoral (2).

Se fôr pequena a clareira feita na floresta — como geralmente o são as que se abrem para a agricultura nômade — serão necessários dois anos para que o mato afugente o agricultor em demanda de outras paragens onde derrubar novo trecho. Volte-se, porém, ao mesmo sítio, depois de dez anos e procure-se localizar a antiga clareira, olhando do alto. Já tem a apparencia de floresta e só o colorido diferente da folhagem demarca vagamente o lugar. Se se tentar, porém, penetrar no matagal, encontrar-se-ão cadáveres de antigos monarcas da floresta, apodrecendo no chão e trancando a passagem. Por sobre êles, vae proliferando a mais nefasta multidão de trepadeiras e de cipós, de envolta com arbustos já formados que se insinuam em meio a essa balburdia vegetal. Pouquissimos dêsses novos troncos, porém, serão das mesmas espécies comerciaveis que os originalmente destruidos. Da mesma fôrma que na região norte-americana dos Grandes Lagos a cerejeira, o vidoeiro e outras

(2) *Mapa Florestal*, Serviço de Pesquisas Geologicas, pgs. 76 e 77.

espécies vulgares sucedem à queimada, também no Brasil é o mato atôa, sem valor que resurge das cinzas.

Pelo menos cem anos serão necessários para que a natureza refaça o estrago causado pelo homem afim de tirar do solo apenas duas magras safras de mandiôca ou de milho. Outras vezes, como veremos adiante, o dano é irreparavel. Não raramente a clareira abandonada é ocupada, não por arvoredos de espécies diferentes, mas, por uma praga difficil de ser exterminada : a samambaia.

Sòmente quando se considera a soma total dessa destruição florestal é que o problema assume aspecto grave. O Sr. Hugh Curran, que por muitos anos dirigiu uma propriedade florestal de 28.000 hectares, na Baía, onde havia diversas centenas de sitiantes nômades, acha que essa fórmula de exploração agrícola destróe anualmente, 40 ares de mato por pessoa. E talvez suba a dois ou três milhões o número de individuos que, no Brasil, se dedicam a êsse barbaro processo de exploração agrícola. Calculando-se a 5.000 pés cubicos de madeira por acre (40,46 ares), média bem baixa para o genero de floresta que exploram, teríamos uma encineração anual de dez milhões de pés cubicos, i. e., quasi todo o consumo anual de madeira dos Estados Unidos.

Às vezes essas queimadas, inicialmente ateadas pelo homem, não se apagam onde e quando ele quer.

"Além (escreve Gardner) existe uma cadeia mais alta, denominada Itacolumi (Minas Gerais)... Essa cordilheira era antigamente coberta de florestas, mas, ha cerca de 40 anos, (i. e., em 1800) foram acidentalmente destruidas pelo fogo. (3).

A ser exata a informação que obtivemos, a floresta do Itacolumi jamais se refez.

(3) *Viagens pelo interior do Brasil*, p. 484,

O ponto do território brasileiro em que a devastação das matas mais se acentuou, foi no Estado de Minas Gerais. Seus sete milhões de habitantes fazem dêle a unidade mais populosa da União. Comquanto a maioria dos trabalhos de exploração aurífera fosse levada a efeito nas regiões campestres, os mineiros do século XVIII em pouco tempo reduziram a cinzas, consideráveis matos florestais que se desenvolviam ao norte da Mantiqueira.

"A madeira usada (em Diamantina) vinha de 10 ou 12 leguas e a lenha era, em 1799, tão cara como em Lisboa, onde se preferia consumir coque inglês a queimar a lenha que crescia ao alcance da vista, nos arredores de Lisboa: os pinheirais de Alem-Tejo. Esse inconveniente começou a se fazer sentir em todos os núcleos mais populosos de Minas Gerais; era causado pela forma desordenada de exploração florestal: o fazendeiro não hesitava em fazer tamanha queimada que deixasse espaço vazio de 15 a 20 quilômetros em redor de sua miserável cultura". (4)

Já em 1735 eram tão clamorosos os danos, que Gomes Freire de Andrada, grande estadista de então, vendo ameaçado o futuro das minas, fez o possível para pôr cobro ao abuso. Seus esforços, porém, foram baldados. Quando estivemos na capital de Minas, em 1920, encontrava-se nos mercados de madeira, pinho da Australia ou da Noruega, mas, difficilmente se achavam madeiras do país à venda, e, a menos que se fosse milionario não se podia pagar os preços pedidos.

A madeira deveria ser tão barata no Brasil que a ninguém fosse vedado adquiri-la na medida de sua necessidade. Isso, porém, presuppõe a existência de florestas nas proximidades dos mercados, mas, de que adianta ao brasileiro saber que no Amazonas existem vastissimas reservas florestais? Para êle tanto se lhe dá que estejam naquela distancia, como em regiões planetarias.

(4) SOUTHEY, *História do Brasil*, III, 825.

De fato, Louisiana, a Noruega e a Austrália, estão hoje comercialmente mais próximas de Belo Horizonte, a Capital de Minas, que as soberbas florestas do Rio Doce no mesmo Estado. E, ao invés de ser a madeira no Brasil, artigo de preço modico, ao alcance de todas as bolsas, os nacionais, habitando o país mais densamente vestido de matas, de todo o mundo, têm de pagar pela que consomem, preço ainda mais elevado que os que pagam os pastores dos desertos Australianos.

Não nos impressiona tanto a devastação da seringueira ou o fato do índio derrubar um gigante da floresta, apenas para colher o mel de páu que nêle se aninha e nem mesmo o desperdício de se abater arvores de trinta metros de altura em troca de alguns alqueires de castanhas, para o mercado americano. A agricultura nômade é que constitue problema que o Brasil terá que encarar com energia, em defêsa de seus próprios interesses.

§ 2. DESTRUIÇÃO ANIMAL

Não é fácil a caça nas florestas brasileiras. Nas regiões em que as matas são tão densas a ponto do caçador precisar aproximar-se a 40 ou 50 metros de distância para avistar a caça, ou onde os passaros pousam na cópa de árvores que se projetam a 20 e 30 metros acima da cabeça do atirador, não se pode dizer que tanto os mamíferos e como as espécies aladas corram risco iminente de extermínio. Ao que conseguimos apurar, a única ave brasileira cujo número vem sendo seriamente reduzido pela perseguição que se lhe move é a garça real — graças às senhoras! Nenhum mamífero, porém, parece correr êsse risco, nem mesmo remotamente. E' principalmente sobre as espécies aquáticas que o ataque dos homens tem sido um tanto desavisado.

As águas brasileiras, tanto doces como salgadas, são riquíssimas em quelônios. A desóva constitue lá, um fenômeno das massas; as enormes tartarugas d'água doce, no Amazonas, fazem dessa função maternal verdadeiro acontecimento social. Nas águas rasas, próximas aos bancos de areia, reúnem-se os quelônios de 30 quilômetros ao redor, como Batistas em reunião campal. Quando os astros mostram-se propícios, êles surgem das águas em legiões. Bates diz que várias fêmeas depositam seus ovos no mesmo buraco e cada uma põe de cem a cento e cinquenta unidades, de maneira que em uma única cóva, podem-se encontrar 400 ou 500 óvos. Ao fim de quinze dias, o banco de areia está literalmente recheado de ovos, fãcilmente localizaveis pela sondagem que se faz com uma varinha na areia fôfa. Semanas, antes da desóva, porém, já havia sentinelas atentas. Terminada a festa das tartarugas, começa a do caboclo que, em grandes grupos, colhe os ovos e os reduz a "manteiga de tartaruga". Adicione-se a essa colheita de óvos o grande número de exemplares adultos abatidos a tiro e apanhados nas lagôas rasas que se empocam quando as águas do Amazonas refluem para o seu leito e ainda as fêmeas mortas para extração das tão apreciadas óvas e concluir-se-á que, se perdurar por muito tempo êsse ataque assim violento, a espécie correrá perigo de extinção. Nos últimos cinquenta anos, nota-se que vem sendo sensível o desaparecimento da tartaruga no Amazonas. Se a escassíssima população de que dispõe, a Amazonia já produziu tão contristador resultado, não é preciso que se seja profeta para pre-dizer o desaparecimento total do quelonio como genero a'imenticio, se algum dia o Amazonas abrigar em seu territorio uma população de densidade apenas moderada. (1)

(1) Para se conhecerem as fôrmas de extermínio dos quelônios, consulte-se BATES, *Um Naturalista no Amazonas* (1884), 285-7;

O mesmo desprezo absoluto à verdade fundamental de que a sociedade é uma entidade de existência contínua e que os nossos descendentes de mil anos, dependerão ainda das mesmas fontes de materia prima de que dependemos, nota-se em todos os mercados de peixe do Brasil. Referimo-nos à matança de filhotes. A primeira infancia, constitue na vida das espécies ictiológicas, período tão crítico como na do "homo sapiens". Em regra geral, todos os animais crescem rapidamente até a adolescencia; depois, vem um período em que não é mais economico prolongar a vida dos que se destinam ao consumo do homem. As condições de vida das regiões tropicais, cada vez mais tendem à utilização dos peixes novos que ainda não passaram o período de crescimento. Peixe é peixe, para o paladar de muita gente, e poucos se incomodam que um quilo de pescado seja constituido por um único exemplar adulto ou por cinquenta filhotes tarrafados em água rasa.

Sobre êste ponto temos o testemunho técnico do Professor G. W. Field, convidado pelo Governo Brasileiro, em 1920, a dar parecer sobre o assunto. Nenhum outro nome contemporâneo merece maior consideração entre os que se entregam à industria da pesca.

"Um pouco de raciocínio e bom senso econômico, por parte dos pescadores e do público, serão suficientes para evidenciar o efeito destrutivo da pesca, tanto dos filhotes como dos especimens reprodutores, de qualquer espécie. Ainda assim, no Brasil, destroem-se por essa fórmula, quasi todas as variedades ictiológicas que apresentem algum valor alimenticio ao homem. Esse sistema equivale ao de se apresentarem ao consumo pintos de uma semana de idade, assim necessitando de um grande número dêles para fazer peso. Esse habito, aliado à destruição de peixes adultos constitue tributo por demais pesado à espécie e, se for mantido indefinidamente, resultará em sério distúrbio ao equilíbrio da natureza bem como

sobre as tartarugas marítimas, consulte-se HARTT, *Geologia e Geografia Física do Brasil* (Boston, 1870) pp. 107-112.

em escassez e consequente aumento de preço das espécies mais procuradas pelo consumo" (2).

Outra forma de destruição da vida animal que se pratica livremente no Brasil é a pescaria desregrada dos Clupeideos, dos quais as variedades principais são a sardinha, a anchovia, etc. Nas águas brasileiras, ao contrário da Costa Norte-Americana do Atlantico, os peixes da superfície são economicamente mais importantes que os do fundo. Os peixes da tona água, como o albacora — da família dos Escombrideos, bastante numerosa no Brasil, — o serra e outras variedades procuradas, apreciam os Clupeideos tanto quanto o próprio homem. Os grandes peixes seguem as espécies menores de que se alimentam, e, assim sendo, não é conveniente afasta-los das proximidades dos mercados consumidores, pela destruição daquilo, precisamente, que torna tais paragens atraentes aos peixes finos, de maior porte.

Comquanto os quelônios e certas espécies ictiológicas constituam as vítimas principalmente visadas, nessa destruição em massa, algum cientista sentimentalista poderia ainda acrescentar que o extermínio dos índios, na escravatura, também contribuiu fortemente para a extinção de um mamífero caracteristicamente brasileiro do qual ainda existem alguns raros especimens nas regiões onde a fase venatoria não está definitivamente encerrada para esse genero de caça.

(2) Extrato de uma carta ao Almirante Inspetor de Portos e Costas, Rio de Janeiro, 1 de Outubro de 1920.

LIVRO III

ALGUNS DOS FATORES
ESSENCIAIS À FELICIDADE
HUMANA

CAPÍTULO XII

LIBERDADE DE COMÉRCIO

O globo terraqueo gira sobre seu próprio eixo, na direção Leste-Oeste e os Aliseos nos roçam pelas faces, em direção contrária. E, qualquer que seja o barco — náu, caravela ou veleiro de longo curso, — que lhes acene com suas brancas velas, êles prontamente o transportam para o outro lado do mar. Abençoados ventos são êles : levam água fresca para as terras resequidas. Verdadeiros rondas que afugentam os pernalongos dos litorais assolados pelas febres e, com seu halito refrigerante, proporcionam ao homem o benefício inestimavel do sono, ainda nas mais cálidas noites do Estío.

Portadores alados dos adeuses que aos seus irmãos bronzeados enviam as hordas negras da Africa Ocidental ; que aos povos amarelos da Asia acenam os Incas e os Aztecas ; que as Índias das Especiarias enviam à Costa Oriental da Africa. São brizas bemfazejas os Aliseos !

Não menos beneficas são as arterias por onde circula o comércio. Interminaveis fileiras de camelos carregados de sêda transportando a sabedoria asiatica através da bacía do Tarim, da Samaria até Damasco e ao Império Romano. Caravanas pejadas de marfim que levavam as saudações dos negros aos povos morenos do Mediterrâneo e voltavam orgulhosas transportando Cristo e Maomé. Caravelas mercantes trafegavam incessantemente através do vasto Atlantico, até que Lima tornou-se apenas um suburbio de Madrid, e Manila,

visinha do Panamá. A lata de querozene vazia constitue o élo comum entre os produtores de arroz da Asia, o fazendeiro de cacáu, da Baía e os mais tisnados povos que no recesso da Africa colhem frutos oleaginosos das palmeiras.

Que tremenda e fecunda influencia mutuamente se exercem os povos diferentes quando se encontram; cada um com seus métodos diversos de trabalhar as mesmas materias primas! Um escarnece do outro e enaltece o seu sistêma; mesmo assim, porém, depois do choque inicial cada qual aprende invariavelmente o que o outro tem de aproveitavel, e, com o correr do tempo, surge uma fórmula única, melhor. O patriota apaixonado deseja ver o seu país forte, rico e o resto do mundo fraco e pobre; o comerciante, porém, deseja que todos sejam abonados, pois é da prosperidade universal que deriva o seu progresso e bem estar. Que beneficio para o mundo as arterias do comércio!

Nem os Aliseos, porém, nem as vias comerciais, destinavam-se a servir os intuitos egoistas do monopólio. O comércio, na sua mais ampla acepção circula tão livremente como os Aliseos. Nos países em que, como na Inglaterra, o homem lhe deitou mão com menos violencia, produziu os resultados mais animadores. Os Estados Americanos desde o Maine à California são unidos porque em toda essa vasta extensão territorial não existem fronteiras econômicas; nenhuma das quarenta e oito unidades americanas jamais teve permissão de crear barreiras comerciais em suas fronteiras. Os estados que ficam entre Cork e Constantinopla são desunidos e vivem cada um agarrado à garganta do outro, porque naquela região existe uma duzia ou mais dessas barreiras. Cada país trata de se "proteger" contra essa corrente bemfazeja, com a mesma teimosia com que um sitiante de Dakota se "protege" contra a saúde, fechando cuidadosamente todas as janelas, para evitar que

entre o ar fresco em seu dormitório. O proteccionismo é o principal obstáculo à unidade universal, verdadeira espora no tacão dos homens de estado que com ela espicam constantemente a ilharga das nações, tirando-as da marcha suave que as leva confortavelmente sobre a estrada da vida, para a corrida louca que se chama guerra.

Para as classes governamentais dos países de língua Portuguêsa, o comércio tem sido sempre uma gorda vaca pastorejada clandestinamente por um vaqueiro cuja única obrigação consiste em ordenha-la em proveito das primeiras, todas as vezes que estas se acercem do curral. Na teoria dessa gente, o interêsse do estadista no comércio, resume-se em saber em quantos currais podem ordenhar a vaca sem que lhe seque a ubre. Os antigos reis de Portugal déram aos judeus permissão de negociar, com a condição de fornecerem dinheiro à côrte e de deixarem-na negociar livremente com a nobreza agraria. Quando Portugal tornou-se o vasto Império colonial que foi na éra quinhentista, o monopólio comercial constituiu o seu lema, o único ideal que norteava os seus esforços, as suas lutas.

O entrave ao comércio brasileiro, começou com a ordem de D. Manoel, no seculo XVI, para que todas as especiarias cultivadas na nova colonia fossem arrancadas para não fazer concorrência ao comércio oriental. Comquanto a natureza tropical torne totalmente inócua uma ordem dessas, serve ela para ilustrar a mentalidade econômica da época. No seculo seguinte os batavos aniquilaram o monopólio Português, pela fôrça, e, pelo tratado de paz de 1661, insistiram no seu direito de continuar a commerciar com o Brasil. Os ingleses conquistaram privilegios semelhantes pelo tratado de casamento de Carlos Segundo. Ambos, porém tiveram que assistir à postergação dos seus direitos. O volumoso comércio que espontaneamente se desenvolveu, entre

o Rio de Janeiro e o Rio da Prata foi suspenso em 1693, por acôrdo entre os reis de Portugal e Espanha, e, logo que a produção aurífera começou a se avolumar, pelo início do seculo XVIII, as portas da colonia foram fechadas para os estrangeiros, com todo o rigor que facultava o poderio português de então, tendo Portugal, em ostensiva quebra do tratado que com ela mantinha, negado à Holanda o direito de commerciar com o Brasil, confiscando as embarcações que transgredissem a proibição.

O monopólio official do comércio creou e estimulou a estirpe magnífica de piratas que elevou a sua arriscada profissão, no seculo de Drake, ao mesmo honrado nível que a bancaria no seculo de Morgan e Stillman. Farejando o aroma do ouro amarelo, da mesma fórma que o colibrí aspira a fragancia das flores, a irmandade da bandeira negra infestava tão completamente as águas brasileiras, que, durante a primeira decada do Seculo XVIII Portugal impôs 10% de direitos sobre todas as importações brasileiras para custear as operações de repressão à pirataria; a história não nos informa, porém, se a profilaxia portugueza produziu algum resultado. A necessidade das frótas anuais persistiu até que Mazagão, a última cidadela portugueza no Norte da Africa, caiu em poder dos Mouros Marroquinos, em 1765. Com o termino da longa guerra contra o Islam, Pombal compreendeu que cessariam as sortidas dos barbaros, como se acabaram as dos corsarios. Decretou então que tão logo voltassem do Rio e da Baía as frotas portuguezas, o trafico com êsses portos fosse feito por navios escoteiros, comtanto que portuguezes; pois, mesmo a aguda inteligencia pombalina, segundo afirma um diplomata inglês de seu tempo, adotava o lema de que "O comércio para ser prospero não pode ser livre".

A Carta Regia de 18 de Fevereiro de 1808, que abriu os portos brasileiros às nações amigas e admitiu o Bra-

sil no concerto das nações livres, não obedeceu a inspiração da elite governamental portuguesa. Foi imposição inglesa, pura e simples, feita no momento em que o destino da Metropole dependia exclusivamente da vontade do soberano inglês, e, o tratado comercial negociado no Rio, por Lord Strangford, em Fevereiro de 1810, conferiu à bandeira inglesa, maiores privilegios, nos portos lusos e coloniais, que os de que gosava o próprio pavilhão português. (2)''.

Se estava algemado o comércio exterior do Brasil colonial, o interno arrastava cadeias não menos pesadas. Tendo fracassado todos os esforços no sentido de reduzir a proporções cavalheirescas o contrabando de ouro, foram as minas cercadas e protegidas por todas as fórmulas de restrições que a Corôa pode imaginar. Qualquer pessoa podia ir de Minas a Baía, — negociar em gado, mas, se desejasse trazer um piano ou um escravo, tinha que dar uma volta de quasi mil e quinhentos quilometros e entrar pelo Rio de Janeiro.

Certo tropeiro riograndense que foi ao Norte vender muares, teve, ao passar por Minas, recepção identica a de quem tenta penetrar em acampamento militar depois de meia-noite. Em cada fronteira provincial barlavam-lhe a passagem com um brado: "Alto! quem vem lá?"

"Um homem com uma besta".

"Que chegue o homem e pague a passagem da mula" era a formula economica.

Ha um seculo atrás podia-se comprar uma boa mula no Rio Grande do Sul, por 1\$000 ou 2\$000 (*). Paga-

(2) SOUTHEY, III, 589.

(*) Não nos devemos esquecer da crescente desvalorização por que vem passando o dinheiro através da história. A tabela de conversão monetaria elaborada pelo Dr. ROBERTO SIMONSEN para a sua *História Economica*, registra êsse declínio desde o ano 1128. Segundo essa mesma tabela um real valia, — no período com-

va-se, naquela província, uma taxa de 1\$000 de registro; mais 3\$500 em Sorocaba, na Província de São Paulo. Minas Gerais cobrava um terceiro imposto igual à soma dos dois primeiros. Nessa progressão, um animal destinado a Mato-Grosso ou Goiaz, ao chegar à fronteira do seu destino, tinha pago, em impostos internos, cêrca de 8 vezes o seu custo. (3). Esse regime veio até o seculo XX, sem alteração. O Brasil não representa, ainda em 1926, unidade econômica mais coêsa que ha um seculo passado. Cada Estado tem o direito de servir-se de todos os sacos de mandioca e tirar um bife de cada rez que lhe atravessa a fronteira, vindos de outro Estado qualquer; e, é preciso que se diga, êsse direito é exercido com ferocidade formidavel. Nunca nos esqueceremos de que nos custou 15\$000 para "importar" do Espírito Santo para Minas Gerais, um volume contendo uma séla velha, do exercito, um par de sapatos rotos e uma bombacha de montaria já bem sovada. Deus tenha misericórdia dos compradores interestaduais de coisas velhas, no Brasil! (4)

preendido entre 1799 e 1826, — \$078 em poder aquisitivo de 1937. Assim sendo, comquanto ainda barata, a mula custaria no Rio Grande, ha um seculo atrás, entre 78\$000 e 156\$000, em dinheiro atual. Por aí pode-se avaliar a exorbitancia das taxas cobradas sobre a mula. (Nota do Trd.)

(3) SOUTHEY, III, 854.

(4) Confronte-se com o relato acima, os lamentos de Alfred Russel Wallace nos tempos imperiais:

"Apesar de viajarmos em uma pequena embarcação, rio acima, na mesma provincia, não nos deixaram partir do Pará sem passaportes, despachos Alfandegarios e tantas dificuldades e delongas como se estivessemos entrando em país estrangeiro com um navio de duzentas toneladas. E' essa, porém, a legislação brasileira e nem o comércio interno está isento dela. As guias a serem preenchidas, as assinaturas e contra-assinaturas nas diferentes repartições, as solicitações, os empenhos e as formalidades a serem observadas são tão numerosas e complicadas que, a um estrangeiro, torna-se impossível satisfaze-las; e se não fosse o Sr. Lea-

Outra panacéa econômica da Idade Média que o Brasil ainda mantem, são os elevados direitos de exportação cobrados pelos Estados e que alteram a situação comercial do artigo de uma para outra unidade da União. Tomemos por exemplo o cacáu, cultura florestal que tivemos ocasião de estudar com algum detalhe. Tudo indica que as condições naturais da Baía são tão favoráveis ao seu cultivo que êsse Estado poderia produzir chocolate ainda mais barato que a Costa Douro, Ceilão, Java e outros centros produtores. Ao invés de se valerem dessas vantagens naturais para conduzir o Estado da Baía, no mercado de cacáu, ao mesmo nível comercial que São Paulo conquistou com o café, as autoridades, municipais e estaduais, taxam a saída do produto de tal fôrma que o total dos impostos monta a cêrca de 20% do preço de exportação em São Salvador e deixa que Acrá, na Costa Douro, mantenha-se no primeiro lugar em volume de produção. Muitas das soberbas vantagens que a natureza conferiu ao Brasil são malbaratadas pelos políticos que o governam e assim é que, grande parte do capital que para lá poderia ir a procura de colocação, não o faz pelo justo receio de que, tão logo uma indústria qualquer adquira situação de prosperidade, será proibitivamente sobre-carregada de impostos pelos seus estadistas que parecem decididos a impedir que o país se torne um grande centro produtor.

E' inacreditavel a série de absurdos a que pode levar uma teoria absolutista de restrição comercial. A borracha talvez seja o mais típico dos produtos brasileiros — a "Hevea Braziliensis", — mas, ha pouco mais de meio seculo, era ainda desconhecida fóra das espessas florestas amazonenses. Um colecionador inglês levou

vens' providenciar tudo isso para nós, provavelmente teriamos sido forçados a desistir de nossa projetada viagem, devido a essas dificuldades. *Viagens ao Amazonas e ao Rio Negro* (Nova York, 1889), p. 36.

algumas sementes da "Hevea" que foram plantadas no Jardim de Kew, transplantadas para Calcutá, cultivadas e guardadas até que se desenvolvessem em árvores adultas e produzissem as sementes com que os Ingêleses fizeram as suas plantações no Oriente e desbancaram a indústria selvagem da borracha nativa, na Amazonia. A única fôrma de combater essa concorrência de que se lembrou o Governo do Pará, foi proibir a exportação da semente — i. e., fechar a porta depois do cavalo ter sido roubado — proibição essa tão absurda e impossível de ser observada como a ordem de D. Manoel para extirpação de todas as especiarias cultivadas no Brasil. Ha três anos passados, um silvicultor norte-americano querendo fazer experiências com a borracha, na Baía, tentou obter sementes no Pará. Lá esbarrou com a velha proibição estadual e, se quiz obter as sementes, teve que contrabandeá-las de um Estado brasileiro para outro com a conivencia de um cientista amigo.

Se a borracha cultivada é mais barata que a selvagem, é fóra de dúvida que a única fôrma de poder o Brasil combater as culturas orientais, será estabelecer plantações racionais no "habitat" original da "Hevea". No momento, só se poderia conseguir a execução de um tal plano, estabelecendo condições suficientemente interessantes para atraír os capitais estrangeiros que contrólham o comércio da borracha crúa, principalmente ingêleses, holandêses e norte-americanos. Existe um caso classico, que explica perfeitamente uma das razões pelas quais o país de onde a borracha é originária, não possui uma única plantação industrializada, emquanto que as Ilhas do Mar do Sul e a Peninsula de Malaca, vão asfixiando a indústria da borracha nativa, no Brasil. A "Questão Guimarães" foi objeto de negociações entre a Secretaria de Estado, americana, e o Governo Brasileiro durante tantos anos, que nenhum de seus

pontos principais padecem mais dúvida de qualquer natureza. Em resumo, são elles os seguintes :

Em 1905, quando o Sr. Barros era presidente do Estado de Mato-Grosso, uma grande companhia norte-americana que de então para cá tornou-se a principal produtora de borracha, tanto em Sumatra como na Peninsula de Malaca, a General Rubber Company, (agindo por intermédio de um cidadão americano de nome Guimarães e da American Commerce Company) conseguiu uma concessão de vinte anos para a exploração dos seringaais nativos e das florestas "situadas à margem direita do Rio Jurena, afluente do Tapajós, bem como ás margens dos tributários da direita daquele rio, desde a sua nascente principal até a junção com o Rio Arinos". Ambos êsses principais formadores do Tapajós ja eram conhecidos dos exploradores e geógrafos brasileiros desde a éra aurífera de Mato-Grosso, i. e., ha quasi duzentos anos. A concessão compreendia uma area de cêrca de 33.000 milhas quadradas de sertão bruto e a companhia tinha opção para compra. (Não entramos aqui na indagação da prudencia do Governo em fazer tão vasta concessão e nem na da companhia em esperar que um tal governo respeitasse qualquer natureza de contrato). O ponto de capital interesse para a econômia brasileira, consistia em que uma das maiores companhias americanas de borracha, perfeitamente aparelhada para financiar e executar operações de proporções ciclopicas, decidiu-se a interessar-se em grandes plantações de "Hevea", no Brasil. O sucesso da exploração da borracha nativa, muito provavelmente leva-la-ia a fixar as suas culturas no próprio país de origem.

Um ano depois de feita a concessão, o Coronel Ponce promoveu um movimento revolucionario e "elegeu-se" presidente do Estado de Mato-Grosso por métodos que infelizmente ainda se acham em plena voga, nos Estados mais atrasados. O ex-presidente Barros foi as-

sassinado em 1906. Um mês depois o próprio Coronel Ponce e um tal Americo Vieira, apresentaram-se como pretendentes à compra de dois grandes tratos de terras devolutas do Estado, situados ao longo do Rio Cravari que corria justamente por dentro da concessão da General Rubber Company. A espera de que Ponce, seu socio, se valesse de suas prerogativas presidenciais para regularizar a posse das terras, Vieira pôz-se a expulsar de "sua" propriedade, o pessoal e o gado da Companhia.

Deu-se então uma dessas cenas de sertão em que entram Winchesters, ameaças de morte, pranchadas de facão e a "liquidação" de um capataz estadual numa prisão imunda culminando numa divertida injunção do tribunal que acabou pondo uma pedra sobre o caso.

Um pouco fóra do comum, porém, foi a reforma geográfica do Estado de Mato-Grosso pelo Coronel Ponce, logo que assumiu a presidencia. Pela substituição pura e simples do nome de Rio Jurena, pelo de Rio do Sangue, sobre o mapa, êle abocanhou três quartos da concessão da General Rubber Company. O caso tornar-se-á mais compreensível ao leitor norte-americano transferindo-se as suas circunstancias para território mais conhecido: suponhamos que houvesse uma concessão abrangendo toda a região do Estado de Iowa, compreendida entre o Rio Mississippi e o Des Moines; se um governador de Iowa proclamasse oficialmente que o Cedar River era o Des Moines, é evidente que o concessionário perderia uma boa parte de seus campos. O Coronel Ponce já morreu ha muito tempo e ha também muito tempo que o Governo Federal devolveu aos velhos rios seus antigos nomes, mas, já vae também longe o tempo em que os grandes capitais que a General Rubber Company, destinou à produção de borraça, foram empregados no Oriente e não no Brasil.

Os direitos de importação cobrados pelo Governo Federal, têm pelo menos a vantagem de serem iguais para

todo o país. O Brasil adota a política das tarifas elevadas. Os funcionários do governo adotam a política das multas, parte das quais lhes vae ter ao bolso para compensar a mesquinhês dos ordenados ; e, pelo menos os estrangeiros, reclamam amargamente contra os abusos alfandegarios.

Em resumo, ao observador estrangeiro, parece que o mundo official suga por demais avidamente e com excessiva frequencia, as tetas do comércio, tanto que a ubre da velha vaca, parece ameaçar de secar. O comércio livre, no Brasil, não atinge a grandes proporções e nunca atingirá antes que o governo se decida a reduzir o pêso de suas mãos e se convença de que um imposto pequeno sobre um grande volume de negócios produz renda muito maior que uma taxação elevada sobre um comércio insignificante.

CAPÍTULO XIII

RELAÇÕES DOMÉSTICAS

“A teoria androcentrica consiste em colocar o sexo masculino em primeira plana e o feminino em segunda, na escala orgânica, girando tudo em torno do macho enquanto que a fêmea, apesar de necessária à execução do plano da natureza, constitue apenas o meio de perpetuação da vida, sobre a terra, e, portanto, fator acessorio, incidente no resultado geral...”

LESTER F. WARD, *Sociologia Pura*.

DAS idéas acima expostas, poucos brasileiros discordarão. Comquanto o Professor Ward, devotasse as cinquenta ou sessenta páginas seguintes à demolição da teoria androcentrica, produzindo uma das mais brilhantes e profundas apreciações jamais elaboradas, sobre a posição da fêmea no plano biológico, parece que os brasileiros nunca foram além do tópico transcrito. Pois, não existe no mundo nenhum outro campo social onde a florescencia da mentalidade masculina se desenvolva tanto e nem exhiba colorido e perfume tão luxuriantes como lá.

A variedade brasileira constitue especimen botânico digno de dissecação. Pois, dos fatores que contribuem para êsse fugitivo ideal que é a felicidade humana, a perfeita relação entre os sexos paira em primeiro lugar. Ninguém poderá jamais consagrar a sua pena à discussão de tése mais solene ou fundamental. Ela interessa à continuação e ao aperfeiçoamento da raça, à dignidade de metade da humanidade e à renúncia do despotismo pela outra metade. As relações entre os sexos que

prevalecem no Brasil durante esta terceira década do século XX, serão mais facilmente compreendidas se evocarmos as suas origens. O brasileiro de hoje contribuiu menos que os mouros para o atual estado das relações matrimoniais. Com exceção de um número insignificante de indivíduos ultra-modernos, saturados de cultura européa, a maioria das fases da vida doméstica brasileira constitue ainda remanescente de antigos costumes plebeus. Aqui focalizaremos de preferencia a nossa atenção.

Para quasi todas as instituições sociais brasileiras, os três principais elementos étnicos do país contribuíram com idéas próprias que mutuamente se modificaram. A maioria das tribus indígenas dava pouca importância à virgindade e condenava o celibato; ambos os sexos perdiam a primeira tão logo atingiam a adolescência e evitavam o segundo, casando-se um ou dois anos depois. Em certos clans, os curandeiros mantinham a tradição de exigir noivas virgens porque o "jus primae noctis" pertencia ao pagé. O habito, porém, de emprestar uma espôsa ao hospede, indica o pouco respeito em que tinham os princípios enfeixados no código da moral cristã. A poligamia era privilegio dos chefes, dos curandeiros e das classes elevadas, em geral; e, muito frequentemente, era bem recebida pelas mulheres, como auxilio ao peso intoleravel do trabalho. Tanto o contrôle da natalidade, como o sacrificio dos nascituros, eram conhecidos entre os selvagens. O casamento por servilismo, por consideração, por negócio, e, em algumas tribus, o verdadeiro comércio de meninas, provam que o amor romantico não florescia no Brasil antes de 1500. (1).

(1) WESTMARCK, *A História do Matrimônio* (5.^a ed.; Nova York, 1922), I, 193, 225, 535; II, 230, 360, 378; III, 87.

Os negros, importados de diferentes regiões africanas, trouxeram consigo toda a gama das relações domésticas primitivas, desde a mais completa liberdade prenupcial até a mais estrita modalidade de monogamia. A poligamia era tão comum entre os negros quanto entre os selvícolas brasileiros.

Nem índios e nem negros tinham, até então, introduzido parcela considerável de idealismo no amor natural. Nenhum deles considerava indissolúvel a união conjugal. Ambos viviam sob regimens androcentricos, tratando a mulher como animal de carga, sem direito algum sobre si mesma, sobre sua próle ou sobre o produto de seu trabalho.

Os portugueses levaram para o Brasil um código deturpado da moral católica romana e impuseram-no sobre o regime selvagem de ambos. Até certo ponto a alteração representou progresso. Enquanto a Igreja não se tornou a força dominante do Continente Europeu, a situação da mulher era pouco melhor que na África ou no Brasil selvagem; de fato, tinha pouco mais dignidade que uma escrava. Antevendo claramente o formidável aumento de poder que lhe adviria da regulamentação do matrimonio e da solução das inúmeras questões pertinentes à instituição, a Igreja decretou que cada homem se satisfizesse com uma única mulher e a ela se ligasse por vínculo indissolúvel; e foi compensada pela fervorosa devoção da classe a cujo estado emprestou tanta dignidade. Ao mesmo tempo, porém, excluindo a mulher do sacerdocio e de todas as posições de mando, com exceção da chefia dos governos monarquicos a Igreja a ela impôs um regime de procriação irrestrita ou o voto de castidade perpetua e a vida conventual para constituirem os espinhos do dilema feminino. A primeira condição foi emprestada dignidade tal como jamais tinha desfrutado. "Prézo a instituição do matrimonio" disse São Jeronimo "principalmente

porque é dela que provêm as virgens". Até o próprio clero concluiu pela vantagem de submeter-se ao celibato.

Portanto, os três ideais católicos que mais diretamente contrariavam a moral africana e a selvagem eram: a monogamia, a indissolubilidade do vínculo matrimonial e o celibato do sacerdócio.

Dissemos, linhas atrás, que os portugueses levaram para o Brasil um código "deturpado" da moral católica. Quais as deturpações introduzidas? Em primeiro lugar pairava o exemplo dado por muitos daqueles que se consagravam à guarda e conservação da doutrina religiosa. Foi longo o período da história europeia em que constituiu regra — e não exceção — viverem os padres com mulheres que passavam por suas irmãs e com as quais tinham filhos naturais, sem que isso constituísse escândalo.

A segunda modificação foi a inevitável evolução do conceito matrimonial na Espanha e em Portugal durante os cinco séculos de domínio sarraceno. Maomé negava categoricamente o exagerado valor emprestado à castidade. Ao invés de glorificar o ascetismo e a pureza, cantava louvores à poligamia, impondo sua prática aos "fieis" na vida terrena e prometendo infinitos meios de desfrutá-la, na de além-túmulo. Na mentalidade confusa de muitos católicos portugueses, a concepção cristã do Paraíso misturou-se com a maometana: resuscitar dentre os mortos, nú mas sem pêjo, para encontrar à sua espera, um camelo alado com arreios de ouro; passar incólume sobre a ponte de Al-Sirat, em formato de espada e beber a felicidade nas águas do Al-Cawthor; mergulhar no chão perfumado de almiscar, ao pé de um rio cujas águas deslisavam sobre leito de rubis e esmeraldas e lá esperar pelos Houris de mocidade perene que, de suas tendas feitas de perolas ôcas, vinham recebê-los trazendo em

seus amáveis semblantes, a sedutora doçura da felicidade eterna. Durante quinhentos anos os portugueses, antepassados do brasileiro hodierno, foram governados por príncipes tismados que, vivendo na esperança de tão brilhante porvir, chafurdavam-se na volúpia luxuriosa de um presente igualmente brilhante e em cujos serralhos muitas donzelas cristãs encontraram delicioso abrigo. Será, portanto, estranhável que a austeridade da concepção católica da monogamia indissolúvel soresse certas modificações práticas, das quais nunca mais se libertariam totalmente os países de línguas portuguesa e Espanhola?

Uma terceira e poderosa força que contribuiu para as modificações sofridas pelo código da moral católica foi o público exemplo dado pelos mais ilustres reis e fidalgos de Portugal. Para quem conhece a história lusa, basta enumerar o rol dos seus mais nobres defuntos. A bela e talentosa mãe do primeiro rei de Portugal, cujas virtudes foram exalçadas através dos tempos, a proporções divinas, foi Tereza, a filha ilegítima de Afonso VI. O tratado de Windsor, ratificado por Henrique IV, em 1403 foi selado pelo consorcio da filha bastarda de João I de Portugal com Ines Pires. Folhemos a história um ou dois seculos mais tarde e leremos :

“Com grande surpresa de Felipe, outro concorrente à corôa, D. Antonio, Prior do Crato, proclamou-se rei, em Santarem... Esse Don Antonio era filho de D. Luiz, Duque da Beja, o segundo filho de D. Manoel “o venturoso” e de Violante de Gomes, cognominada “Pelicano” uma das mulheres mais lindas de seu tempo. D. Antonio alegou que seu pai se casou secretamente com D. Violante e lembrou o povo, em uma proclamação, que, mesmo que o casamento não fosse legal, um dos maiores dentre os grandes reis de Portugal, o vencedor de Aljubarrota, tinha também sido bastardo” (2).

(2) STEPHENS, *Portugal*, p. 281.

E a bela dama cuja história de amor tem sido celebrada em milhares de canções, Inês de Castro, era dama de honra da noiva de D. Pedro antes de se tornar sua amante — o mesmo Pedro que deu dois reis a Portugal : um de sua mulher legitima e outro de Tereza Lourenço, — o mesmo Pedro que, subindo ao trono, fez desenterrar o cadaver de sua amante assassinada para corô-la solenemente rainha de Portugal, no Convento de Alcobaça. Quem conhecer a história de Portugal poderá encher páginas e mais paginas com a enumeração de bastardos illustres, amasias e espôsas extra-numerárias, para não se mencionarem patriarcas, dignatários, bispos e arcebispos que tambem foram grandes amantes. Poderosos precedentes êsses, para as irregularidades domesticas do Brasil atual.

Quem conhece bem Portugal, sabe que existem ainda hoje recantos dêsse país sonolento onde pairam vestigios da velha concepção de que a mulher, não é uma cidadã do país, mas sudita de um espôso soberano ; sabe tambêm que é aterrador o número de crimes passionais impunes, dando a impressão de que essa espécie de delitos encontra a tolerancia da sociedade em que ocorrem.

Tais foram algumas das tradições que os portugêses impuzeram sobre as relações domesticas, no Brasil. E como é fácil de se compreender, a moral católica soffria ainda mais profundos desvios quando exposta ao sol causticante da America tropical. Fosse qual fosse o regime domestico estipulado em lei, o fâto é que o que predominou entre os lusos, os mestiços e as índias e negras, durante os seculos dezeseis, dezeseite e dezoito, foi a mais franca poligamia. Até a abolição da escravatura, em 1888, eram poucos os senhores de escravos que não tinham concubinas de côr, alem da espôsa legitima. Nem achavam os adeptos do sistêma que vivessem imersos no pecado, como o prova um incidente ocorrido no

Maranhão pelas cercanias de 1700. Quando Fr. Timoteo do Sacramento foi nomeado para a diocese, pôs-se a ordenar prisões sobre prisões de indivíduos que viviam em estado de concubinação; mas, na reação que se seguiu vemos o Bispo prisioneiro em sua própria residência, a portas pregadas, pelos pecadores impenitentes. (3)

Se neste ponto o leitor quiser discutir a influencia da história antiga sobre o Brasil de hoje, remete-lo-emos à tremenda generalização do biologista:

“A Ontogenia é a recapitulação da Filogenia” e repetiremos ainda uma vez que não existe no mundo, outro campo social em que a florescencia da teoria androcentrica se desenvolva tão livremente e nem exhiba colorido e perfume tão luxuriantes como lá. Paixão existe no Brasil, em profusão, mas, a igualdade e o espírito de camaradagem entre os sexos, são muito ténues. Além de uma estreita faixa, à margem do progresso, que já conquistou os privilegios das mais adeantadas europeas, a mulher brasileira, em geral, ainda ocupa situação de indifereçavel inferioridade. A posição de uma intelectual, apanhada entre as engrenagens e polias de um tal sistêma, nada tem de invejavel.

Se, porém, o ambiente social brasileiro não é favoravel ao máximo desenvolvimento da intelectualidade feminina, por outro lado, tolera perfeitamente a prostituição. De fato a situação que desfrutam essas infelizes é sui-generis. A cortesia do cavalheiro brasileiro não o abandona ainda mesmo quando trata com essa classe decaída. Existe um tal decôro nos cabarets e nas casas de jogo das grandes cidades brasileiras, uma finura de trato para com as cortezãs, que difficilmente se encontraria mesmo em Paris. Fizemos inúmeras viagens em navios costeiros brasileiros e à bordo sempre havia hori-

(3) SOUTHEY, III, 35.

zontais ; nunca, porém, percebemos um mau trato para com elas, da parte de qualquer passageiro, homem, mulher ou criança ; ninguém jamais teve um gesto rude ou faltou-lhes com a caridade, recusando sentar-se ao seu lado na mesa ou dirigir-lhe a palavra, em conversa. Nos logarejos mais afastados do sertão, não raro vêm-se pela manhã mulheres dessa espécie darem seu dedinho de prosa com respeitáveis senhoras casadas, suas vizinhas. Nas grandes cidades, porém, o meretricio é quasi sempre segregado e "regulamentado". (4) Ruas inteiramente destinadas a casas de tolerancia, projetam-se lateralmente dos mais distintos "boulevards" do Rio de Janeiro ; e a instituição gosa de uma "dignidade" certamente proveniente da situação definida que desfruta e sobre a qual bem leve é o estigma que pesa. Poucos são os moços brasileiros da mais elevada classe, que logo à adolescencia não tenham sido iniciados nos mistérios sexuais por mulheres dessa ordem.

Passando do aspecto atual das relações domesticas, para o legal, vamos encontrar fixada em 16 anos para o rapaz e 14 para a moça, a idade minima para o casamento, limites êsses que se nivelam aos que vigoram no Texas e na Carolina do Norte. O Brasil já evoluiu até o contracto prenupcial que permite à mulher conservar a posse e domínio de suas propriedades se, porém, o matrimonio fôr celebrado sem condições, pressupõe-se a comunhão de bens.

Até agora, porém, a corrente de liberalismo que tanto modificou a situação social da mulher na Europa e na America do Norte durante os últimos cincoenta anos tendo dado à França, ao Portugal republicano, ao Uruguai e a Yucatan, legislação divorcista tão liberal como

(4) Quanto às minucias de regulamentação e sua relação com a saúde pública, vide *A Prostituição na Europa*, por ABRANAM FLEXNER (Nova York, 1919).

a dos países protestantes, ainda não lançou raízes na intelectualidade brasileira. Lá, em 1926, o vínculo matrimonial continúa indissolúvel. Duas crianças que, na maioria dos Estados Americanos, estariam ainda frequentando escola, podem contrair matrimonio legal. O rapaz pode ser sifilitico ou louco ; pôde ofender a pessoa física ou a moral de sua esposa com adulterios diários ; pôde delapidar, no jogo e na crapula, os meios necessários à subsistencia da família ; abandonar sua mulher entre as penas e os trabalhos de uma próle sempre crescente ; ela, por sua vez, pode lançar-se a todos os vícios de seu sexo, igualmente capazes de degradar a instituição do matrimonio a uma mostruosidade tal que a sua continuação implique no sacrificio de todos os valores sociais e individuais ; mas, o que não é possível é que se lhes conceda o divorcio antes que a morte libertadora deponha aos pés de Deus, como a mais elevada oferenda que um cristão católico possa levar dêste mundo : a miseria de sua vida íntima.

Se, não obstante essa situação, as relações domesticas da grande maioria das famílias brasileiras, afinam-se pelo mesmo diapasão que nos outros países, é porque, em toda a parte, existe grande número de pessoas melhores que as instituições sob cujo império vivem. A nós nos parece haver, nos lares brasileiros que tivemos a honra de frequentar, tanta felicidade quanta se possa encontrar nas famílias norte-americanas ; um sentimento de solidariedade familiar, que abrange ainda os mais afastados parentes ; um carinho para com os filhos ilegítimos e suas respectivas genitoras, que se enquadra perfeitamente dentro das normas da caridade cristã ; uma atmosfera em que as crianças só muito raramente são castigadas ou coagidas ; uma reverencia filial que encanta, comquanto às vezes seja imerecida.

Apesar de tudo, porém, o espírito da lei ainda é mais importante que ela própria, e, o espírito das relações domésticas brasileiras, é suave, tolerante, condescendente, caridoso. Ocorre-nos uma cena que, ao nosso vêr, abrandava em muito os inconvenientes que vemos na doutrina católica do matrimonio.

Passávamos alguns meses numa fazenda, em pleno sertão brasileiro. A paróquia a que pertencia era tão vasta, que o paroco só conseguia visitar os seus pontos mais afastados, uma vez por ano, ou ainda mais raramente. Certa ocasião, em Julho, faziam-se grandes preparativos para uma festa em que o bom sacerdote deveria comparecer.

Espanaram a imagem do padroeiro local, prepararam grande quantidade de comestíveis, improvisaram um altar na tulha nova e despacharam uma canôa rio abaixo para trazer o padre. Todos os paroquianos de dez leguas em derredor, reuniram-se no sítio. Por toda a vasta comunidade rural, só se falava em batismos, casamentos e resas para os mortos. Foi então que presenciámos uma cerimônia que, como estrangeiros que somos, impressionou-nos bastante como sendo talvez a mais tocante e curiosa de quantas nos foi dado observar em terras estranhas. Diversos casais, terminada a cerimônia de seu casamento, apresentaram uma ou duas crianças para serem batizadas! Parecia que a vida no sertão tinha continuado a trilha serena de ha muito traçada pela Natureza-Mãe, ainda mesmo que o padre estivesse longe demais para desempenhar as suas funções com pontualidade. Soubemos depois que muitas outras uniões, fadadas a curta duração, tinham-se consumado e rompido no intervalo das visitas paroquiais, sem que sobre elas pousasse a benção ou a censura da Igreja que tão discreta se mostra quanto ao comportamento de seus filhos.

CAPÍTULO XIV

EDUCAÇÃO

“Em qualquer país, mais que no progresso de sua indústria, mais que na prosperidade de seu comércio, mais que pela abundância da riqueza privada, mais que pela excelencia de sua situação financeira, o seu gráu de desenvolvimento se estampa no estado de seu sistêma educacional. A porcentagem de analfabetos constitue o índice mais justo e razoavel para se avaliar as forças que contribuem para a vida e o gráu do progresso de um país. Em cada nação, a preminencia de seu corpo político varia inversamente ao número de analfabetos — não ao quadrado, como no fenômeno cosmico da gravitação, mas de acôrdo com fôrça muito superior”.

FLORIANO BRITO.

NA Arabia, quando se referem às éras anteriores ao Islamismo, dizem “No tempo da Ignorancia”. No Brasil, o profeta ainda não nasceu. A difusão do saber não constitue caraterístico predominante dos povos de língua portugûesa. Em Portugal, de mil pessoas, 750 são analfabetas; (1) no Brasil, em quatro indivíduos, três não sabem distinguir entre um livro escrito em sua própria língua e outro em Sanscrito e assinam seu nome de cruz. (2) De maneira que, o estudo da instrução, no Brasil, deve cingir-se em primeiro lugar, a uma estimativa

(1) Censo 1911, referido por A. F. G. BELL *Portugal dos Portugûeses*, (Nova York, 1916) p. 67.

(2) Anuário Estatístico do Brasil (Rio, 1916), p. XXIX; *Diario Oficial* (Rio, 21 de Fevereiro de 1922), págs. 3887/3890. Os dados censitarios de 1920 com relação ao analfabetismo não haviam sido publicados até a época em que compunhamos o presente trabalho.

da importância do analfabetismo na vida de uma república do século XX e à avaliação da eficiência de uma população rural ignorante, como fundamento de uma textura social rústica.

Á medida que os nossos antepassados vieram se arrastando pelo interminável corredor do tempo, crianças curiosas puzeram-se a esboçar desenhos na areia molhada da praia em vez de perseguirem caranguejos pelo ôco das pedras. Os rabiscos representavam idéas aos rapazes de intelligencia mais atilada que a de seus tardos pais ; tomavam-nos como símbolos. Assim nasceu a linguagem escrita que tornou possível a preservação das duras experiências humanas, em proveito da posteridade, sem que a cada antropeide que se punha a andar erêto, fosse novamente necessário iniciar a longa série de experiências e erros por que já haviam passado os seus ancestrais. Elimine-se, se possível, a faculdade que tem o homem de se aproveitar da experiência de sua raça, transmitida através da linguagem escrita e a sua superioridade sobre o restante dos mamíferos, já não será tão remarcada. E' verdade que tem o dom da fala, mas, a língua dos mais primitivos selvagens não differia muito do grunhido dos simeos que saltitavam sobre as suas cabeças. Quanto a nós, preferimos a companhia do nosso cão, à de um Dyak, (selvagem do Bornéu, N. do Trd.). Não nos resta dúvida de que a nossa égua de montaria tem mais senso que muitos Hotentotes e a intelligencia dos equinos não prima pela elevação.

A invenção da linguagem escrita, porém, pouco benefício poderia trazer às massas, antes da descoberta do prélo. Antes de Gutenberg, toda a instrução descia do pulpito. Os conhecimentos transmitiam-se de boca em boca, mas, nunca por via ocular. Tempos magníficos para a arte oratoria, mas, para o desenvolvimento do saber humano, era por demais frígida a atmosfera. Todos os

governos antigos, com exceção do da China, achavam que podiam passar perfeitamente bem sem uma numerosa classe alfabetizada. A posição do indivíduo na sociedade, é sempre relativa, e, assim é que, entre um milheiro de analfabetos, o que sabia lêr era tido quasi como um Deus. Poderia não ter maior instrução que uma criança de escola, mas, os analfabetos lhe tiravam o chapéu e chamavam-lhe "Doutor" como se de fato êle se tivesse doutorado em filosofia. A humilhação dos ignorantes, seu sentimento de inferioridade ante os que possuíam o magico saber da leitura, facultava a êstes uma ostentação de sapiencia que tocava às raias do ridiculo. A ignorancia das massas creou divisas sociais tão nítidas como entre os senhores de terras e os feudatários, entre os ricos e os desherdados da fortuna, entre os homens livres e os escravos. Até a propria escravatura definiam de fórma erudita.

O Supremo Tribunal da Carolina do Norte, assim se manifestou, em 1829, com respeito à escravatura :

"A finalidade do cativo é o proveito do senhor, sua segurança e a segurança da sociedade. O escravo é condenado, em si e na sua descendencia, a viver sem instrução, sem a capacidade de reter a posse de qualquer cousa e a esfalfar-se para que outros colham o fruto de seu trabalho".

Eram honestos os filhos da Carolina, naquelas obscuras éras. Nessa definição, porém, quatro palavras existem das quais tudo o resto é consequencia : "a viver sem instrução".

A ignorancia da maioria, animava os senhores a proclamar publicamente aquilo que sempre constituiu o apanagio da aristocracia : o monopólio da instrução ; o trabalho barato e uma multidão desarticulada, fácil de ser conduzida. "Graças a Deus não existem escolas livres, nem imprensa, e, espero que não as tenhamos dentro dos próximos cem anos" disse o Governador

Berkeley, da Virginia, sem dúvida referindo-se à aristocracia agrária de seu tempo.

Surgiu, porém, o prélo para confusão dessa filosofia miope, do mundo antigo. O baixo custo dos livros, tornou acessível o saber a todos os alfabetizados; abriu as portas ao ideal democratico de um mundo em que todo o cidadão pode constituir parcela ativa, — informada e consultada — na sociedade para cujo destino êle também pode inteligentemente cooperar.

Tentemos agora encaixar o Brasil no quadro. A situação da instrução pública não impressiona o estrangeiro logo à primeira vista. Sem dúvida quando o Sr. Elihu Root, Secretário de Estado, Americano, desembarcou em São Salvador onde o esperavam centenas de políticos de cartola e vestidos com o mais rigoroso apurmo, não teria idea de que pisava o solo de um Estado onde 87% de seus filhos em idade escolar não dispunham de escolas. Como poderia um diplomata, contemplando a magnificencia dessa recepção de estadistas, imaginar que havia já dois anos que os professores primários da Baía não recebiam seus vencimentos — e que mesquinhos ordenados! Mas, se nos demormos no país e observarmos-lo com cuidado, veremos que a cartola e o título de Doutor são apenas exterioridades que servem para distinguir o alfabetizado do analfabeto. Floriano Brito tinha razão quando afirmou “é a classificação fundamental”.

— A distância que separa o Brasil do ideal democratico ainda é muito grande e as razões para tanto são bem evidentes. Durante o decurso do Séclo XVIII a Igreja exerceu domínio tão absoluto em Portugal, que nenhum movimento intelectual pode subsistir às escancaras; certa instituição beneficente de cegos, detinha o monopólio de todas as publicações. (3) Nenhum prélo pode

(3) GEORGE YOUNG. *O novo e o velho Portugal*, p. 186.

subsistir no Brasil senão depois do regresso da Côrte ; no início do Séclo XIX a situação brasileira era como se a imprensa ainda não tivesse sido inventada. A ignorancia formava ainda o grosso da herança que em 1889 o Império havia legado à República ; a tradição imperial consistia em manter a direção do país em mãos de uma elite instruída, que não passava de 10% deixando o resto imerso na mais absoluta ignorancia.

Falando-se francamente, o analfabetismo no Brasil parece ser uma sobre-vivencia da filosofia escravocrata ; a crença enradicada de que os latifundios e o trabalho cativo constituem sistêma econômico proveitoso. A idéa não é de origem brasileira. A ignorancia das massas constituiu ideal, na Europa, antes da Revolução Francêsa. O Sul dos Estados Unidos defendeu essa idéa com muito mais vigor que o Brasil. Em 1834 a Carolina do Sul impôs a penalidade de 50 chibatadas a quem ministrasse instrução, mantivesse escola ou ensinasse a ler ou escrever qualquer escravo ou homem livre, de côr. No Estado do Mississippi costumava-se cortar o polegar direito dos negros que aprendiam escrever. Ainda hoje, no Sul, a classe dominante defende publicamente essa tese com respeito aos seus cidadãos de côr. Seja qual fôr a sua idéa íntima, nenhum estadista brasileiro ousaria divulgar tais sentimentos. Ainda assim o resultado é o mesmo. O analfabetismo no Brasil, é maior que em nossa zona rural do Sul.

Nós porém, não somos também tão sentimentalistas a ponto de admitirmos que os homens ajam ao arrepio do que êles acham constituir o seu interêsse immediato. O interêsse econômico constitúe, em grande parte, a causa determinante das ações humanas. Aos que ainda se apegam a tais idéas, diríamos que a ignorancia das massas não é economicamente proveitosa. As grandes fortunas norte-americanas não estão no Sul onde o trabalho é barato ; pelo contrário, estão no Norte onde

a diária comum é de dois e meio dolares ou mais e onde quasi todos os operarios têm pelo menos instrução primaria. Não constitue mais segredo do capitalismo moderno, o axioma de que uma intelligencia dotada de vontade esclarecida é mais proveitosa que a ignorancia emperrada. Henry Ford, pagando salários de seis dolares por dia aos operarios de valor — mais que os proventos de muitos burocratas brasileiros de cartola — accumulou fortuna ainda maior que cincoenta latifundiários brasileiros, com seus milhares de alqueires, sua ignorancia e seus colonos de meio dolar. Serão, porém, a indústria e a agricultura, atividades comparaveis? Os pequenos sitiantes alfabetizados da França e da Alemanha de antes da guerra, estão na mesma plana que o caboclo dos grandes estados brasileiros. No primeiro caso temos uma estrutura social cuja solidez não encontra simile em nenhuma outra parte do mundo; no outro, uma contextura doentia, de produtividade baixa e infimo padrão de conforto, fácilmente manejada pela manha dos políticos; despida de ambição e de esperança; hostile à applicação da ciência que lhes bate à porta gritando “Deixe-me entrar e lhe construirei um mundo melhor!”

“Tem havido países em que uma elite governamental, pequena e prospera, vivendo do trabalho de seus inferiores, tem conseguido brilhante successo no cultivo das artes e das letras, aqui, porém, nada disso encontramos. U’a massa ignorante oprimiu o país como a geleira enregela o ar do vale sobre que paira”. (4)

Ou, no dizer de Lord Bacon :

“A instrução de poucos, é despotismo; a instrução das massas é liberdade”.

Examine-se o aspecto quantitativo da instrução brasileira, de qualquer ponto de vista que se queira e ter-

(4) Lord BRICE, *America do Sul* (Nova York, 1920). p. 479.

se-á que lhe apôr o carimbo "I & C" usado no exercito americano, "Inspeccionado e Condenado". E a respeito da qualidade, afirmemos sem restrições e com toda a enfase possível que os melhores estabelecimentos de ensino do Rio de Janeiro e de São Paulo podem ser equiparados aos melhores da Europa; que as escolas rurais das colonias alemãs são excelentes; que as das grandes cidades como Belo Horizonte, Curitiba e diversas no Rio Grande do Sul, são boas; e que existem casos isolados, — como por exemplo a Escola Domestica, em Natal, — aos quais nenhum elogio seria demasiado, mesmo comparando-os aos mais modernos estabelecimentos congeneres. Quando, porém, o viajor percorre o sertão, vencendo distâncias prodigiosas e ouve o côro desafinado das crianças na escola, cantando as lições para decora-las, — segundo as regras da pedagogia medieval, — ministradas por professores semi-analfabetos e miseravelmente pagos que lhes impingem páginas e mais páginas de história errada e alguns problemas de matemática, tem a impressão de que vae encontrar numa dessas classes, Pedro o Ermitão, ou então, que se acha submerso nas trévas aterradoras das nossas zonas rurais do Sul.

As professoras que regem essas escolas rurais são verdadeiras abnegadas. Ganham, em geral, 200\$000 por mês (cincoenta dolares ao cambio normal). Dêsses poucos vencimentos têm geralmente que pagar o aluguel da sala de aula e prover o mobiliario da classe. As escolas têm tal frequencia que, quasi sempre são obrigadas a desdobrar as aulas em dois períodos de fôrma que um único professor possa tentar lecionar cem crianças por dia; são tão atulhadas de fato essas escolas que o Estado de São Paulo, rico e prospero, desejando aumentar rapidamente a sua capacidade escolar afim de reduzir ao mínimo o analfabetismo antes das festas do

Centenario abreviou o curso primario de três para dois anos.

Realizou-se uma "Conferencia Internacional de Ensino Primario" à qual compareceram os professores J. M. Mello e Souza e Orestes Guimarães, como delegados brasileiros, para dissertar sobre a escola rural no Brasil. (5) Esses competentes educadores que, para desempenho de sua missão dispuzeram de todas as facilidades que sóe crear o prestigio do governo, concluíram que no Brasil, em geral, 71% das crianças em idade escolar não dispunham de escolas de espécie alguma; e que no Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe, Baía, Goiaz e (extraordinário!) no Estado do Rio de Janeiro, de 83% a 95% das crianças não tinham escola que frequentar.

Nenhum rio pode elevar-se a nível superior ao de sua nascente, e, até agora, não é elevado o manancial da instrução brasileira. Em todo o mundo de língua portuguesa, contam-se apenas três universidades: a de Coimbra, fundada por D. Diniz em 1300; a de Lisbôa e a do Rio de Janeiro. De Coimbra saiu tudo quanto Portugal teve de bom, desde Camões e Pombal até os revolucionários de 1910.

Com a chegada da côrte ao Brasil, em 1808, pensou-se em dar à nova monarquia uma universidade; elaboraram-se planos e grande foi a celeuma em torno da localização da mesma; seria no Rio de Janeiro ou em São Paulo? (6). A Universidade do Rio de Janeiro, só foi fundada em 7 de Setembro de 1920, pela reunião, — sobre papel, — da Escola Politécnica, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e da Faculdade de Di-

(5) "Conferencia Internacional do Ensino Primario", *Diario Oficial*, 21 de Fevereiro de 1922, pp. 3887-90.

(6) SPÍX E MARTIUS, *Viagens etc.* I, 152.

PORCENTAGEM DAS CRIANÇAS BRASILEIRAS EM
IDADE ESCOLAR E DESPROVIDAS DE ESCOLAS

(Dados oficiais publicados no *Diario Oficial* de 21/2/22).

	%		%
Goiaz	95	Espirito Santo	78
Piauí	95	Pernambuco	75
Alagoas	94	Paraná	74
Maranhão	92,4	Paraíba do Norte	74
Amazonas	91	Mato Grosso	71
Ceará	89	Minas Gerais	64
Baía	87	São Paulo	56
Rio Grande do Norte	85	Rio Grande do Sul	44
Pará	85	Santa Catarina	43
Rio de Janeiro	84	Distrito Federal	41
Sergipe	83	BRASIL	71

reito, sendo primeiro Reitor o Dr. Ramiz Galvão. E é esta a única Universidade brasileira, falando-se em linguagem moderna. A chamada "Universidade do Paraná", por exemplo, não tem o aparelhamento nem sequer de escola de segunda ordem. Nem o Conselho Superior do Ensino faz a menor tentativa de se imiscuir nêsse assunto.

São várias as escolas de engenharia, medicina e direito, existentes no Brasil, nenhuma das quais, porém, pode ser comparada aos padrões norte-americanos e europeus. O país está agora tratando da organização de escolas agrícolas donde algum dia ha-de provir orientação técnica para as suas colossais possibilidades agrarias. Por motivos patentes, porém, ainda não é êste o momento azado para se exaltar o empreendimento. A frequencia das escolas agrícolas nos Estados Unidos foi sempre muito reduzida até que as escolas públicas conseguissem ministrar pelo menos uma educação primaria a toda a população rural das circunvisi-

NUMERO DE ALUNOS DAS ESCOLAS PRIMARIAS BRASILEIRAS

De acordo com o recenseamento de 1920

ESTADOS BRASILEIROS	POPULAÇÃO	ALUNOS PRIMARIOS		POPULAÇÃO	EST. AMERICANOS
		Brasil	U. S. A.		
São Paulo	4.592.188	271.600	652.476	4.663.228	Texas
Minas Gerais	5.888.174	248.815	703.560	5.759.394	Ohio
Rio Grande do Sul	2.182.713	136.599	344.699	2.348.174	Alabama
Distrito Federal	1.157.873	112.955	178.910	1.296.372	Nebraska
Rio de Janeiro	1.559.371	58.286	182.147	1.449.661	Maryland
Baía	3.334.465	52.194	404.928	3.155.900	New Jersey
Pernambuco	2.154.835	47.959	304.665	2.028.283	Oklahoma
Santa Catarina	668.743	37.854	102.876	646.872	N. Dakota
Ceará	1.319.228	28.987	162.750	1.356.621	Washington
Pará	983.507	27.884	126.189	868.470	Florida
Paraná	685.711	26.140	91.322	636.547	S. Dakota
Maranhão	874.337	21.033	94.312	783.389	Oregon
Paraíba do Norte	961.106	19.816	121.353	939.629	Colorado
R. G. do Norte	537.135	16.328	71.513	548.889	Montana
Espírito Santo	457.328	16.032	71.611	449.396	Utah
Alagoas	978.748	13.183	93.615	768.014	Maine
Sergipe	477.064	11.535	51.544	443.083	N. H.
Mato-Grosso	246.612	8.845	27.336	223.003	Dlaware
Goiáz	511.919	8.571	38.962	437.571	D. C.
Amazonas	363.166	7.513	52.829	360.350	N. Mexico
Piauí	609.003	4.442	74.872	604.397	R. I.
Territorio do Acre	92.379	1.280	65.102	431.866	Idaho
	30.635.605	1.180.842	4.017.571	30.299.109	

nhanças ; e o desenvolvimento agrícola não se esboçou antes que conseguíssemos formar agrônomos às dezenas de milhares. O de que é preciso cuidar é da instrução primária ; das escolas normais para o preparo de professores e de universidades que sejam Universidades de fato, afim de constituírem o fôco, a coluna vertebral, a fonte e a inspiração de uma campanha que deverá ser longa e árdua e levada a efeito por idealistas incansáveis com perfeita visão de sua finalidade precípua.

Tradições enraizadas não se dissipam de um momento para outro. A mocidade compete acelerar a marcha da evolução. A geração idealista que surgiu depois da abolição da escravatura e do ocaso do Império, tem por obrigação sufocar os últimos alentos desses remanescentes das antigas éras.

Passemos agora a pena a uma das muitas educadoras que se tem dedicado a essa esplendida tarefa, para que com chave de ouro encerre este capítulo ; à brilhante autora da "Renovação", Maria Lacerda de Moura :

"E, que teremos que fazer para remediar essa situação ?

O que será necessário para a nossa felicidade de amanhã ?

Pouco, senhores. Instrução popular ; eis a chave de todos os mistérios. A escola é a religião, a influencia irresistível dos precusores. Aí está a solução dos mais obscuros enigmas.

Não a escola como a conhecemos atualmente, não o inflexível dogmatismo do mestre-escola, não a escola da antiguidade, mas a escola nova, renascida dos princípios antigos, a escola idealizada pelos sonhadores de outrora, a escola de Ferrer, la Ruche, Montessori — onde existe o sentimento de fraternidade, onde a liberdade é celebrada no hino da vida, onde a igualdade é lei natural".

CAPÍTULO XIV

COOPERAÇÃO

“No estado atual da sociedade, “trabalhar para os outros” embrutecete extraordinariamente o indivíduo e o verdadeiro português da velha escola, prefere passar necessidade a fazer qualquer coisa que se pareça com suprir as necessidades de seu visinho. Todas as escolas do Império deveriam afixar em seu frontispício o lema dos cantões livres: “Um por todos e todos por um”.

Sir RICHARD BURTON (1).

COMTE disse algures que o mais fundamental atributo da espécie humana é a tendencia de fazer a sociedade prevalecer sobre a personalidade. No Brasil, tivemos, às vezes, a impressão de que a verdade residia na afirmativa aposta. Para que os norte-americanos compreendam perfeitamente o que queremos dizer com isso, a maneira mais fácil de explicar-lhes, será recordar certas passagens de sua história.

Quando começou a imigração européa para os Estados Unidos e os adventícios esbarraram com a rusticidade da natureza, o que se deu foi a dissolução de uma sociedade complexa, desenvolvida sob a atmosfera de uma população relativamente densa, em grupos sociais de simplicidade extrema. Dificilmente se exaggeraria, afirmando que o círculo da família tornou-se nos Estados Unidos e em certos núcleos isolados, os lindes extremos da consciencia racial. O sertão, sem peias e sem limites, gerou o mais intenso individualismo. Creou

(1) *O Interior do Brasil* (Londres 1869), I, 58.

um tipo de homem tão rebelde a qualquer forma de organização social, como o animal selvagem ao freio e à sela: homens que definiam a liberdade como sendo a ausência total de lei e de autoridade e consideravam toda a forma de impostos como o primeiro estágio da tirania. A tendência do sertão era para criar e estimular o desenvolvimento de uma grande classe anti-social. (2). E o sertão constituiu o capítulo principal da história americana durante trezentos anos..(3).

Também nos Estados Unidos, o sertão foi o paraíso das classes anti-sociais e a matriz onde se desenvolviam e cristalizavam elementos não-sociais. (Não se deve confundir com os criminosos, os indivíduos ativos, individualistas independentes, aos quais parecia mais natural resolver as suas dificuldades a punho ou com auxílio da faca e do 44, que recorrer aos tribunais — aí está a diferença entre Andrew Jackson e Jesse James. Lá os máus encontravam atmosfera propícia. Lá proliferavam os valentões, os ladrões de gado e os “desperados”; os ladrões de cavalo e seus coiteiros, alternavam-se ante as barras dos tribunais primitivos, mas, ainda assim achavam que a vida era simples e boa. Quando êsses elementos exaltados tornavam-se por demais insuportáveis, ou se congregavam em bandos, eram combatidos por outros igualmente destituídos de lei, como os “regulators” das Carolinas, os “vigilantes” da Califórnia e os partidários da lei de Lynch, pelos “ranchos” dos vaqueiros.

Foi exatamente o que aconteceu no Brasil. Condições semelhantes produziram resultados semelhantes. Apesar de todos os esforços desenvolvidos no sentido

(2) Para uma definição mais apurada das classes sociais, vide GIDDINGS *Princípios de Sociologia* (3.ª ed.; Nova York, 1896), pp. 126/7.

(3) Vide *O Sertão na história americana*, por FREDERICK J. TURNER (Nova York, 1921).

de restringir a colonização à costa, a existência de terras sem limites, no interior do país, convidando à aventura uma raça de ousados, agiu como dissolvente a toda a sorte de restrições trazidas do ambiente europeu, roubando colonos às povoações nascentes e criando núcleos patriarcais, nas grandes fazendas, como marcos avançados da consciencia racial, em grande parte do sertão brasileiro. O mais absoluto e agressivo individualismo campeava pelas lavras de Minas e de Mato-Grosso, bem como pelas invernadas isoladas do Piauí. Goiás e Rio Grande do Sul, constituindo o verdadeiro orgulho da vida. A solidariedade humana era cotada abaixo do par se não inteiramente banida do mercado. O humilde camponês do Minho ou de Tras-os-Montes, tornou-se o arrogante "cidadão" do sertão, de pistola na cinta, faca enterrada na bota e porrete ao ombro. Os descendentes dos dominadores portugueses, tornaram-se os valentões do interior, chegando alguns a ter 400 ou 500 capangas armados à sua disposição. Os centros mais civilizados, do litoral, pouca pressão podiam exercer contra êles. O interior era tão rustico como o sertão americano e oferecia livre campo aos criminosos que viviam do assalto à sociedade. Não vemos, porém, na classe anti-social do Sul do Equador, o mesmo novelesco encanto dos nossos "brabos" do Oeste. Talvez seja uma questão de tradição racial, mas o fato é que as façanhas de Robin Hood e Dick Turpin chegaram até nós envoltas em um halo lendário que não encontra simile nas histórias dos *cabras* da península. A nós, quer-nos parecer que preferiríamos entregar a bolsa ao herói que penetrava no botequim atopetado de gente, espatifava garrafas, tombava mesas e depois punha-se a fazer sua coleta, como homem, a ser traiçoeiramente apunhalado pelas costas nalgum caminho deserto, como frequentemente se dá no Brasil. Com exceção dessa diferença de técnica, o banditismo no sertão

brasileiro, constitúe fenômeno identico ao que medrou também no interior dos Estados Unidos.

No ultimo caso, porém, fala-se no passado, mas, no primeiro ainda nos referimos ao presente. Os mesmos elementos insubmissos que constituiram o desassossêgo do "Wild West" americano entre 1850 e 1860, proliferam ainda hoje no coração do Brasil. Durante a nossa limitada permanencia de três anos, presenciámos o "trabalho" de um salteador que tinha o pinturesco apelido de *Bigode de Ouro* e que andava roubando gado, assaltando tropas e fazendo tropelias de toda a sorte, sem que a policia do Estado da Baía conseguisse, por largo tempo, agarrá-lo; de outra feita fomos forçados a dar longa volta afim de evitar um bando de 200 cangaceiros que infestava a zona cacauêira, próxima a Ilhéos, invadindo cidades de três e quatro mil habitantes com Winchesters atravessadas nos arreios e submetendo, a toda sorte de violencias, a população daquela rica zona rural; em 1920, tivemos que desistir de nossa viagem pelo São Francisco abaixo, porque a região estava em pé de guerra por ordem de um "Poderoso" do sertão que dispunha de poderio suficiente para vencer as eleições, em opposição à fôrça de um grande Estado e impedir que trafegassem os vapores do governo; assistimos a uma aggressão a tiros, durante um baile, e outra a faca, numa estrada de ferro. Ainda na mesma occasião, capangas assalariados, sob as ordens de um chefe político carregaram sobre a fôrça que apoiava seu irmão, o Governador, na Capital do Espirito Santo. Nada disso passa, porém, de exaltação de animos da que predomina no interior. Existem zonas nos Estados de Mato-Grosso e Amazonas que, ainda hoje, são tão destituídas de lei como qualquer "rancho" ou campo aurífero americano nos meados do seculo XIX. O 38 ou a 44 ainda constituem arbitros soberanos, ou rusticos liquidantes de processos judiciaes. Muitos *cabras* valentes que acham

por demais acanhadas para as suas bravatas, as nossas planícies cercadas, encontram, em Mato-Grosso, campo livre para um genero de atividade que nos Estados Unidos já não é mais possível.

Poder-se-ia levar ainda muito além o paralelo entre as condições reinantes nas zonas sertanejas do Brasil e dos Estados Unidos. O índio, por exemplo, considerado como inimigo comum, constituiu elemento unificador, tendente a reduzir o individualismo e estimular a união, em ambos os continentes. Os pesquisadores de ouro não cobriam com maior facilidade o longo percurso de São Paulo a Mato-Grosso -- a não ser em grandes grupos unidos pelo laço de um perigo comum -- que as caravanas de carroções dos nossos exploradores, atravessando as Grandes Planícies ou o caminho de Santa Fé, ha um seculo passado.

São, porém, as diferenças e não as semelhanças que mais nos revelam o Brasil. A primeira entre elas, a diferença fundamental entre o sertão americano e o brasileiro é a que tivemos ocasião de mencionar quando tratamos da exploração aurífera. Nos Estados Unidos a zona sertaneja era principalmente constituída por uma linha onde se dava o embate da onda humana que, das regiões colonizadas, avançava rumo ao Oeste, num período de tempo que se prolongou por trezentos anos. Nos nossos trabalhos censitarios, foram elas consideradas como o limite das zonas cuja população tinha densidade superior a dois habitantes por milha quadrada, e, em 1890 foi oficialmente declarada como inexistente. Essa linha acusou um avanço regular, ordenado, sem nenhuma solução de continuidade, através dos tempos, até 1849, quando a corrida do ouro, na California transportou de chofre, num único e formidavel salto, o limite da vaga humana, às praias do Pacífico, muito tempo antes de ter passado a fase inicial de colonização das Grandes Planícies e das Montanhas Rochosas. Mas,

no Brasil, já em 1700, o descobrimento do ouro partia em milhares de pequenos fragmentos essa zona fronteira, — entre a parte colonizada e o sertão desconhecido, — projetando a população sobre um território imenso, como pelo efeito de formidável bombardeio aereo. A julgar pela densidade de população (de duas pessoas por milha quadrada), a maioria do interior brasileiro ainda é sertão. Mesmo, porém, nos logares em que o povoamento de ha muito ultrapassou éssa a densidade, o ambiente continua sendo o mesmo. E, pode-se ainda afirmar que até os albores do seculo XX, era assim o país inteiro, com exceção apenas de uma estreita franja de civilização, debruando a costa.

A segunda diferença revela alguma cousa muito mais fundamental que méro acidente geografico. Pode ser que não nos tenhamos aprofundado bastante em nossa observação, o fato porém, é que, durante as nossas viagens pelo interior do Brasil, não conseguimos perceber por lá o equivalente à parte social da vida de fronteira, norte-americana e que é tão importante quão pinturesca. O individualismo dos desbravadores Norte-americanos e canadenses não era tão acentuado ao ponto de se recusarem a viver em grupos: ao contrário, desenvolveu-se nêsses indivíduos uma grande capacidade de associação voluntaria e de auxílio mútuo. Quando se faz uma derrubada no mato, é claro que um homem desajudado, não pôde remover os grandes gigantes tombados. Nos Estados Unidos a necessidade de transportar as tóras deu origem ao “log-rolling” (operação de fazer rolar os troncos) a que se associava toda a visinhança de várias milhas em redor para, em conjunto, executar êsse serviço pesado, mas, suavizado em muito pelo ambiente festivo; no Brasil, os grandes troncos são simplesmente abandonadas no chão. Nos Estados Unidos, a construção de casas, a colheita do milho e do linho, o alvejamento do açúcar, a póda das macieiras e as asso-

ciações de colonos nas zonas desbravadas do sertão americano, revelam uma tendencia social que, a menos que estejamos totalmente enganados, é muito mais pallida, no Brasil. Certo pioneiro americano do "Middle West", em correspondencia com um amigo de Leste, pelos meados do seculo XIX, terminava sua carta com a seguinte frase que retratava perfeitamente o ambiente norte-americano : (4)

"E' regra geral, por aqui, todos ajudarem-se mutuamente nos momentos de apuro e cada um cuidar por si só dos seus interesses".

No Brasil, um missivista igualmente fidedigno, teria escrito do sertão :

"E' regra geral, por aqui, cada um cuidar sózinho do que é seu".

Tivemos ocasião de observar várias vezes a attitude do caboclo que se recusa a reparar um trecho de estrada ou uma ponte mesmo em frente de sua casa, porque não é só êle que dela se utiliza. Por isso não podemos deixar de notar a enorme diferença que separa o Brasil dos Estados Unidos, no capítulo da cooperação. Dificilmente se poderia exagerar a importância das funções sociais que, nos Estados Unidos são desempenhadas pelo concurso voluntário de grupos associados. Núcleos de cidadãos que se reúnem para trabalhar em conjunto orientam todas as iniciativas de importância e o Governo acompanha-os com relutancia. No Brasil, a absorção de todas as funções sociais pelo Estado, o habito de apelar para o governo a propósito de tudo quanto interesse a mais de duas pessoas, desenvolveu um individualismo renitente. E' significativo o fato do Dr. Warbasse, em seu recente estudo sobre o cooperativismo pelo mundo todo, nem sequer fazer menção ao Brasil. (5)

(4) TURNER, *O Sertão na história americana*, p. 248.

(5) J. P. WARBASSE, *Democracia Cooperativa* (Nova York, 1923).

A incapacidade de cooperar já foi observada como característico da raça portuguesa, por Antonio Vieira, quando escreveu, em meados do século XVII :

“Finalmente, os batavos têm a sua indústria, seu esforço, seu desejo de ganhar dinheiro, sua unanimidade, e seu amor pelo bem-estar comum : nós, temos a nossa desunião, nossa inveja, nossa presunção, nossa negligencia, e a nossa atenção eternamente voltada para o interesse individual”. (6)

Em resumo, parece-nos que as classes não sociáveis abrangem uma assustadora porcentagem da população brasileira ; que os elementos anti-sociais dominam a maioria do sertão ; que a classe pseudo-social dos mendigos, às portas das igrejas é bastante grande ; e que a quantidade de indivíduos sociáveis nos quais o espírito de classe se revela já bastante desenvolvido, é infelizmente reduzidíssima se considerarmos o número de coisas que no Brasil poderiam ser feitas sem auxílio de outra ferramenta que a união de vontades. E, como poderia ser de outra forma? Um avançado espírito de classe e uma atilada visão social, não costumam nascer em cerebros embotados pelo analfabetismo.

Grandes cousas foram feitas, no Brasil, em determinadas épocas, por grandes indivíduos. O dia, porém, em que o Brasil ha-de enviar uma centelha de energia pelos sertões a dentro e um golpe de misericórdia sobre o medievalismo, o dia em que o país ha-de dar o primeiro grande passo no caminho do Poder, será o dia em que a intelligencia, a mocidade e o idealismo aprenderem a marchar ombro a ombro e constituirem frente única contra as forças reacionárias ; a confraternizarem-se e a cooperarem para as grandes finalidades sociais.

(6) SOUTHEY, II. 226.

CAPITULO XVI

SAÚDE

A doença é uma das forças mais democráticas e internacionalistas, do universo. Sem olhar as castas ; desprezando pigmentações ; preferindo a companhia das massas, sem entretanto desdenhar as classes ; afetando a vida antes do berço ; pairando na atmosfera, nos momentos supremos da humanidade, juntamente com a fome e a guerra, calcando inexoravelmente as palpebras do moribundo, — a doença proclama com eloquencia a unidade do genero humano. Enquanto todos os homens, em conjunto, a ela não declararem guerra, nenhum deles, isoladamente, poderá evita-la totalmente.

Se a Africa continuar a produzir livremente seus vermes malignos, haverá sempre meios de transporta-los à Asia. Se à Baía for permitido dar guarida à febre amarela os navios que de lá vão a Boston, correm o perigo do contagio. A gripe espanhola, desenfreada, ataca ao mesmo tempo um soldado na trincheira francêsa, um cidadão em São Francisco, um "coolie" na India e toda uma Capital no Brasil.

Aqui tocamos no ponto vital do problema da conquista dos Tropicos e esta nossa tésese foi amplamente comprovada pelo Diretor Regional do Conselho Internacional de Saúde no Brasil, Dr. L. W. Hackett, durante as várias semanas em que o acompanhamos numa inspeção aos postos de combate à verminose, pelo interior : "A não ser três ou quatro molestias das chamadas "tropicais" nenhuma das outras geralmente classificadas

sob essa rubrica, é peculiar aos Tropicos; são essencialmente endemicas nas regiões atrasadas”.

A lepra foi, no seculo XIV, mais comum na Inglaterra que hoje na Palestina. Que terriveis devastações causou a variola na Asia e no Norte da Europa durante a Idade Média! Já nos esquecemos de que a febre amarela appareceu em carácter epidémico, durante o seculo passado, em Quebec, no país de Gales, na Italia, em Montevidéu e em Valparaiso, i. e., bem longe dos Trópicos, e que mais de treze mil pessoas perderam a vida no vale do Mississippi, na epidemia de 1878. A Malaria infesta tanto a costa do Atlantico como os Estados do Golfo e as planícies alagadas da Amazonia, e, qualquer habitante do Vale do Sacramento, na California mostrar-se-ia indignado se alguem lhe dissesse que a maleita é molestia tropical. Nenhuma região norte-americana é tropical, entretanto, a verminose avassala a zona rural sulina da mesma maneira que o Brasil e a Africa. A historia não registra epidemia alguma que, nos trópicos, tenha causado número relativamente maior de vítimas que a chamada Peste Negra, do seculo XIV que vitimou vinte e cinco milhões de europeus e treze milhões de chinsês, segundo Hecker. A última guerra européa é a única hecatombe que se lhe pode comparar, em extensão.

Agora, deveremos nós, com o desprezo característico dos *parvenus*, pela classe de onde provieram, descurar das regiões mais tardias, no aproveitamento dos progressos da Higiene? Pois, êsses progressos são tão recentes! O Major-General Gorgas diz:

“O exército (americano) que foi para Santiago sofreu tanto com a febre amarela e outras molestias tropicais como qualquer outra expedição militar anteriormente enviada aos Tropicos, e, se lá tivesse ficado, o número de baixas teria sido tão elevado como o do exército francês, de iguais proporções, que foi exterminado no Haiti, exatamente um seculo antes. (1)

(1) GORGAS, *O Saneamento do Panamá* (Nova York, 1918). p. 4.

É isso se deu no ano de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1898. O quadro descrito pelo maior official sanitario que o mundo até hoje conheceu — officiais e soldados norte-americanos desesperados, chorando por não poderem voltar pelo primeiro vapor — é bem diferente da cêna de contentamento dêsses mesmos homens, três anos depois em Havana “a cidade mais limpa e saudavel do mundo”. Nêsse interim, a Comissão Reed, tinha, num dos mais audazes golpes de intelligencia jamais desferidos pelo homem, comprovado acima de qualquer dúvida, a têse do velho Dr. Finley, de Havana, segundo a qual a fêmea do stegomia, (hoje cientificamente denominado *Aedes Aegyptus*, Linn.) era o único portador da febre amarela. Foi apenas em 1895, isto é, ontem, que a ciência conseguiu identificar o “anopheles” como portador da maleita. A verminose nunca despertou muita atenção antes da terrível irrupção da “molestia do tunel” em 1882, quando os italianos perfuravam o tunel “S. Gothardo”; e a técnica de combate-la nas grandes massas, é invenção do seculo XX. Já corria o ano de 1908 quando se atribuiu ao rato a responsabilidade da peste bubonica. Dr. Carlos Chagas só conseguiu classificar a molestia que lhe perpetuou o nome, mais ou menos pela mesma época, quando se processava a construção da Central do Brasil, para Minas. Nem se pode dizer que esses acontecimentos são de ontem, na história da humanidade: são de hoje, pois que os seus resultados não poderão ser colhidos, plenamente, senão amanhã.

Da mesma fôrma que o Indio, o Negro e o Europeu contribuíram para a cultura brasileira, cada um dêles também para lá transportou a sua contribuição patológica. Todos tinham desenvolvido *especialidades* em seus “habitats” originaes. Cada um, isoladamente, tinha vivido tão longo tempo em meio de certas molestias, a ponto de já ter, seu organismo, adquirido uma imuni-

dade natural que ainda faltava aos outros dois ; a sífilis que a tripulação de Colombo levou das Índias Ocidentais para a Europa, propagou-se pelo mundo todo com velocidade incrível ; (2) a verminose do africano avassalou os glóbulos sanguíneos do europeu e do ameríndio com rigorosa imparcialidade ; e, finalmente, a contribuição variolosa do branco teve efeitos extraordinariamente desastrosos para o aborigene.

Sir Harry Johnston afirma que

“A Africa é a principal cidadela do “verdadeiro” Demonio... Aí o Belzebú, rei dos mosquitos, comanda o seu exército de vermes e antropodos, — insetos, carrapatos, etc. — que, mais que em qualquer outro continente ataca a pele, o sangue, os intestinos ou a medula espinhal do homem e de outros vertebrados, levando-lhes os micro-organismos que causam molestias debilitantes, deformantes e até mesmo mortais”. (3).

Acredita esse autor, que o negro tivesse levado para o Brasil a molestia do sono, a hemoglobinúria, a elephantiasis e o anquilostomo.

O branco, porém, não pôde alardear originalidade em materia de molestias ; levou as que lhe são peculiares, do berço da humanidade, na Asia. E' como veículo, que o branco nómade se destaca ; a êle deve o Brasil a malária, a tuberculose, a variola, a peste bubonica, a disenteria o tifo e a febre amarela.

E, ainda hoje, discute-se se a febre amarela grassava ou não entre os índios antes do advento do europeu, mas, o General Gorgas acha que o fôco original da molestia estava situado nas proximidades de Vera Cruz, no Mexico. (4) Essa afirmativa encontra êco em documentos

(2) DRAPER, *Desenvolvimento Intelectual da Europa* (Nova York, 1875), II 23, 232 ; ROSENAU, *Medicina preventiva e higiene*(1920) ; *Jornal da Associação Médica Americana*, de 12 de Junho de 1915, LXIV, 24, p. 1962.

(3) JOHNSTON, *O Negro no Novo Mundo*. Prefácio.

(4) GORGAS, *Saneamento do Panamá*, cap. VIII.

Maias da éra pre-Colombiana, ultimamente trazidos à luz pelo Dr. Herbert Spinden. (5). A distribuição geográfica da molestia de Chagas proclama a sua origem Americana e a malária, possivelmente, constitue no Novo Mundo, tradição ainda mais remota que Colombo e Cabral, (6) comquanto seja ela uma molestia européa intimamente ligada à decadencia da Grecia e do Império Romano, da mesma fôrma que a febre amarela está, muito provavelmente, presa à tragedia racial dos Maias(7).

Em suma, de onde veio não é o que importa saber, mas, sim para onde vai; e, não poderemos fazer uma idéa clara do futuro do país, se não tivermos uma noção bastante exata dos problemas sanitários brasileiros ainda, a espera de solução.

Ninguém poderá, contudo, ter uma visão de conjunto do assunto, sem se despojar dos preconceitos que atulhavam o cerebro, mesmos das pessôas mais esclarecidas, até os primórdios do seculo em que vivemos. “Durante várias noites, antes de irromper a febre, a atmosfera se apresentou espessa, carregada de uma neblina escura, exalando forte máu cheiro que passava de uma rua para outra”. Essa era a “mãe da febre amarela”; não pela mentalidade de algum indivíduo su-

(5) SPINDEN *Febre Amarela — Primeira e Ultima —* WORLD'S WORK, Dez. 1921.

(6) Dr. L. O. HOWARD, “Perda economica de individuos nos Es. Us. causada pelos insetos portadores de Molestias. *National Geographic Magazine*, Ag. 1909, p. 737.

(7) O Dr. HENRY CARTER (do Conselho Internacional de Saúde Pública) está escrevendo a história da febre amarela, e, para isso teve de compulsar grande quantidade de crônicas de antigas expedições de hespanhões, portuguezes e inglêses onde se encontram referencias à luta que tiveram com essa molestia, neste hemisferio. Está victivo de que a febre amarela veio da Africa; a malária foi trazida para o Novo Mundo pelo branco; a sífilis, porem, era molestia Americana desconhecida na Europa antes da viagem de Colombo”. — Dr. L. W. HACKETT, em carta pessoal ao autor.

persticioso da Idade Média, mas, segundo a mentalidade dos cientistas do século XIX. O homem teme tudo quanto escapa à sua compreensão e, sob a inspiração do medo que infundiam as terríveis epidemias que se não podiam eficientemente combater, os mais cultos aceitavam a fantasia dos ignorantes. Quando foi da epidemia de febre amarela no Pará, em 1850, o governo mandou disparar peças de artilharia nas esquinas para purificar o ar. Colega nosso, do Serviço Florestal das Filipinas, assistiu um padre passar a noite toda na praça publica, regendo a banda da vila, para espantar o colera e fazendo preleções nos intervalos, contra as medidas que os Americanos tomavam para combater-o: — o veneno que recebiam por via auricular era ainda peor que o que lhes atacava as viceras.

E, a sociedade onde tais cousas se davam achava que “os Tropicós eram antros pestilentos”.

Outra deveria ser a sua opinião: “A ignorancia do homem é a única molestia fundamental”.

Por outro lado, como poderia, um espírito lógico, chegar a qualquer outra conclusão — a não ser a de que os trópicos eram antros pestilentos — antes do século XX? Desde o momento em que a população se tornou suficientemente concentrada, no litoral, para servir de pasto, as epidemias, — provavelmente desde o início do século XVII — ondas e mais ondas de variola, colera e peste bubonica varreram a costa brasileira desde Santos até o Pará com a furia destruidora de um deus vingativo. Só nos meados do século XIX foi que a febre amarela olhou com seus olhos biliosos para o Brasil, tão lindo e, num único amplexo mortífero, estreitou Belem, Baía, Rio e Santos. Corria já a segunda década do século XX quando conseguiram sacudir o seu jugo na maioria desses portos: mas, na Capital da Baía ela reclama ainda o seu noivo. Quando surgiu o século

XX, a peste bubonica assolava São Paulo, Santos e Rio de Janeiro. Não é de se admirar, portanto, que se olhasse para os Trópicos como para um lugar maldito.

E' extraordinário vêr-se como a situação se transformou em apenas vinte anos. E, a maior mudança operada, foi tão somente no modo de ver as cousas. Durante seculos e seculos a medicina só cuidou de curar; foi na nossa geração, que, pela primeira vez, ela pensou em prevenir. Além de doutores em medicina, Harvard, Johns Hopkins e Yale estão agora formando médicos sanitarios. A nova situação e o novo ponto de vista, requerem uma estimativa nova da possibilidade de conquista dos Trópicos, inteiramente diferente do que se poderia esperar apenas ha um quarto de seculo atrás.

Se fizermos nítida distinção entre os fatores que, ao ambiente tropical são inerentes e fixos, dos mutáveis e que já se acham sob o contróle do homem, os fantasmas que assombram essas paragens começarão a se dissipar. O calor e a humidade continuam sendo fatores predominantes na climatologia da bacia amazônica. Na maioria do Planalto Central do Brasil, um ou outro desses dois elementos eclipsa-se durante boa parte do ano, proporcionando condições climatericas semelhantes às do Sul da California onde vivem perfeitamente bem, indivíduos de todas as raças. Duvidamos que a temperatura suba tanto, em qualquer ponto do anfiteatro amazônico, como em Nova York, pelo verão. Jamais soubemos de um único caso de insolação ou febre termica por essas paragens. Sem dúvida, o abrigo da canicula, nos Trópicos, constitue problema muito menor que o agasalho contra o frio, nas zonas erroneamente denominadas temperadas.

O Dr. Fisk do "Life Extension Institute" de Nova York, tratando do calor, assim se exprimiu quando afirmou que o indice de mortalidade nos Esados Uni-

dos, era, em 1920 de 14,6 por mil, em Fevereiro, e de 6,8 em Agosto : (8)

“O clima quente é vitima de u'a má reputação que não merece. E' justamente a estação de mais baixa mortalidade. Tanto a porcentagem de óbitos como a de molestias, são menores em Julho, Agosto e Setembro que durante os outros meses do ano. Devemos bater nas costas do clima quente e considerá-lo como amigo do homem. Isto pôde parecer irritante aos que se sentem mal nos dias caniculares ; apesar disso, porém, temos que dizer a verdade com respeito a essa lenda do clima quente. Muita gente deve surpreender-se ao saber que é maior o número de pessoas que morrem tocadas de raio, que de insolação. E, o saldo contra o raio, seria ainda maior, se os casos de insolação fossem registrados com propriedade. Muitos dos pseudos casos de insolação, provêm de molestias cardiacas, disturbios renais ou qualquer outra molestia organica séria, que para o desenlasse fatal, estava apenas a espera do calor, do frio, de algum acidente ou dum ligeiro esforço. Não se pôde negar que a porcentagem de óbitos nas zonas tropicais ou semi-tropicais seja maior, mas, não é devida ao calor. E' antes motivada pela superabundancia de vida nessas regiões. Grande parte dessa vida é prejudicial ao homem ; por exemplo, os insetos portadores de molestias”.

Pode perfeitamente dar-se que o indice de mortalidade devido às várias fôrmas de disenteria, atinja elevadas proporções nos logares onde se dê a coincidência da humidade e da alta temperatura. (9) Aí, o mundo dos insetos prolifera de maneira impetuosa. E' esta a primeira pecha que temos de admitir contra a humidade e o calor : os insetos se multiplicam muito mais do que manda o preceito Biblico. Existem os que se insinuam pelos pés do caboclo, formando pustulas inflamadas ; formigas, mosquitos e moscas de inumeras variedades, vôam em miríades ; insetos que picam, que ferrôam, que furam, que devoram, proclamando, todos,

(8) *Como viver*, Agosto de 1923.

(9) FREDERICK L. HOFFMAN “O Clima e as Condições Sanitarias na Região Tropical Sul Americana *Monthly Weather Review*, Janeiro de 1922.

a maravilhosa fecundidade da natureza. Quando se limpa o terreno, porém, o número dessas pragas diminua consideravelmente.

O segundo inconveniente que temos de admitir com relação a humidade e ao calor é que a abundancia da transpiração e a frequencia dos banhos reduz a espessura da epiderme e aumenta a sua vulnerabilidade. (10) Pequenos ferimentos e picadas de insetos infeccionam mais fàcilmente e custam mais para sarar que nos climas setentrionais, como pôde testemunhar qualquer pessoa que já tenha vivido em ambos os climas. Este fator afeta a quasi todos e, por isso, é de consideravel importância.

Jamais poderemos nos livrar dos insetos, nem evitar a transpiração abundante. Não obstante, porém, a imajoria dos fatores que contribuem para a pestilencia dos Trópicos é passível de modificação, pelo homem dotado dos conhecimentos necessários. Ponhamos a prova esta verdade, num rapido exame das principais molestias encontradas no Brasil.

No que respeita à gravidade do problema da saúde pública, as molestias venereas pairam em primeira plana. Se só levarmos em linha de conta o número de pessoas atacadas, será mais ou menos a seguinte a enumeração das molestias endemicas, por ordem de importancia: verminose, maleita, tracoma, ulceras tropicais, molestia de Chagas e lepra. As molestias endêmicas mais importantes são: o tifo, o para-tifo, as disenterias, a febre amarela, a bexiga e a peste bubonica, mais ou menos na ordem de sua preeminencia. Estas, como a tuberculose, são molestias precipuamente urbanas, porque necessitam de população relativamente densa para atingirem proporções epidêmicas. Os hospitais

(1) COUNCILMAN AND LAMBERT, *Relatório Medico da Expedição Rice ao Brasil*.

brasileiros do interior, estão repletos de portadores de molestias venereas, tuberculose, leishmaniose, maleita e disenterias.

Quanto à verminose, dispomos de informações precisas. Quando o Conselho Internacional de Saúde Pública começou os seus trabalhos, em 1917, da Baía para o Norte, 100% das populações rurais estavam atacadas; e essa zona de infecção total, estendia-se para o Sul, pelo baixio litorâneo do Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. A porcentagem caía para 85% na região das lagôas do Rio Grande do Sul, já bastante distanciadas dos trópicos; desaparecia completamente nas zonas elevadas do extremo Sul e geralmente diminuía, tanto em vastidão como em intensidade, à medida que se deixava a zona tropical, no planalto sulino. No Estado de São Paulo onde o Conselho Internacional procedeu a estudos mais rigorosos, não examinou um único caboclo que não fosse portador de verminose. E assim tem sido desde o século XVI, quando os negros trouxeram a molestia da Africa. Piso, escrevendo sobre as condições sanitarias brasileiras, em 1582, assim se exprimiu:

“Uma molestia de fígado havia, que era tão corrente entre a gente mais pobre, como a gota entre os ricos. Era mais frequente durante os meses humidos; os doentes eram afligidos por uma fome insaciável e seu aspecto era de abatimento e desfiguração”. (11).

Para o iniciado, isto basta.

A própria distribuição geografica, esboçada, acima parece contradizer a têsé de que as molestias tropicais atacam de preferencia os meios atrasados. A verminose prolifera nos climas quentes e humidos e, perece, nos frios; isso porém, não invalida a generalização.

Aqui somos forçados a entrar em assunto desagradavel, mas, o que está em jogo é o bem-estar de vinte

(11) SOUTHEY, II, 327.

e cinco milhões de brasileiros. A verminose espalha-se com facilidade entre as populações descalças, devido ao mau habito dessa gente defecar pelo chão, em qualquer lugar, pois, o parasita, mais tarde, vae fazer novas vítimas penetrando pelos póros do pé descalço.

“É raro encontrarem-se, em qualquer centro de população não civilizado, da Africa, logares especialmente separados para o deposito de lixo (escreve JOHNSTON). Consequentemente, as cercanias das cidades africanas são, até certo ponto, fétidas. (12).

Isso basta para retratar o Brasil rural. Descreve também os habitos de pelo menos dois milhões de brancos, no Sul dos Estados Unidos, e, ainda de acôrdo com o mesmo autor de

“... pelo menos dez milhões de ingleses, senhores de terras e camponeses, que não querem se servir das nossas latrinas de fossa”.

Se fôr necessário aduzir mais provas à nossa argumentação, iríamos busca-las na rudimentarissima prescrição para a extinção da verminose — duas doses de *chenopodium* e a construção de uma fossa — e na maneira pela qual o Brasil luta com esse problema desde que o Conselho Nacional de Saúde Pública revelou a fórmula de combate-lo (assunto êste de que já tratámos em outro lugar) (13)

Essa molestia é produto direto do analfabetismo e da ignorancia. O trabalhador dos Trópicos, em geral, e especialmente o Negro, grangeou a reputação de vadio e indolente. E só Deus o sabe como, de fato, o é. Não existe, porém, homem algum de raça alguma das que perambularam por esta nossa esfera perdida no espaço, desde o homem Neanderthal até o Nordico, que possa

(12) JOHNSTON, *O Negro no Novo Mundo*, p. 18.

(13) NASH, “Combate à Verminose no Brasil”, *Current History*, Março de 1923, pág. 1021.

abrigar em seus intestinos trezentas lombrigas, pelo espaço de dez anos, sem que se torne anêmico, preguiçoso e indolente.

De acôrdo com a opinião do Dr. Pena, o Diretor do Serviço Federal de Profilaxia Rural, cêrca de 40% da população de Minas Gerais, o mais populoso Estado do Brasil, são atribulados pela malária, de caráter endêmico ou em surtos periodicos ; e, não nos devemos esquecer de que em sua maioria, o território mineiro é montanhoso. Nos pantanais ribeirinhos, a incidencia da molestia seria muito maior. O combate a essa endêmia é mais difficil, mas, não é impossivel. A prova, temo-la no Panamá (14). E' verdade que não seria possível combater a malária em todas as zonas brasileiras infestadas pelo pernilongo, mas, por outro lado, é perfeitamente possível extinguir o mosquito dentro de uma area igual ao seu curto raio de ação em tôrno de qualquer habitação ou cidade. Em vários países agrícolas, os camponeses vivem em vilas e vão diariamente ao campo, para a sua faina quotidiana. E' assim que se faz, por exemplo na Ilha de Majorca, (15) e em muitas regiões da China, do Japão e das Filipinas. O mosquito transmissor da maleita tem habitos noturnos. Inculque-se no espírito de qualquer povo, a necessidade de residir em vilas imunizadas, ao invés de morarem em palhoças disseminadas pelo campo e o fantasma da malária se dissipará. Tudo se resume, portanto, num problema educacional. E, como bem disse Gorgas, algures : não é mais caro ao trabalhador tropical o combate à malária que ao camponês de Dakota do Norte o combate ao frio. Não se trata de mera teoria ; veja-se o que se conseguiu no Panamá, o maior centro de molestias trans-

(14) Vide GORGAS *O Saneamento do Panamá*, e LE PRINCE & ORENSTEIN *O combate ao mosquito no Panamá*.

(15) BRUNHES, *Antropogeografia*.

mitidas por mosquitos, que poderia existir sobre a face da terra.

Quanto ao longo caminho que mesmo as classes educadas ainda têm de percorrer, no sentido de se subtraírem à ação nefasta do inseto, a medida, temo-la nas instalações de muitos hospitais brasileiros. Tivemos ocasião de visitar vários dêles, não só nas zonas pobres do país, mas também em cidades como São Paulo, Santos e Curitiba, onde não vimos uma única janela telada. Eram necessárias, em geral, duas enfermeiras para servirem as refeições: uma delas apenas para espantar as moscas, êsses onipresentes portadores do tifo! (16).

Todo o homem inteligente sabe atualmente que a febre amarela é molestia transmitida por mosquitos, mas, milhões de analfabetos que habitam as regiões tropicais, ainda ignoram essa verdade. Quando foi da descoberta da America, se é que o General Gorgas está certo, o "vomito negro" achava-se circunscrito entre as praias meridionais do Golfo do Mexico e as banhadas pelo Mar das Antilhas. Mais tarde a doença foi descendo lentamente, até atingir a costa brasileira e enfestar o Amazonas. Só em 1846 foi que ela se tornou endêmica em Belém, no Rio e em Santos; e, ainda trinta ou quarenta anos mais tarde, foi que fixou residencia em Manáus. São Salvador, como era natural, foi mais facilmente presa do terrível mal. Constituia verdadeiro horror tocar então, nêsses portos. Muitas vezes em Santos, como em Havana, os navios ficavam imobilizados no porto: a bordo só havia cadaveres.

Esses tempos, felizmente já se foram. Reed e Gorgas contam-nos como foi conjurado o mal em Havana, em

(16) Vide L. HOWARD "Contribuição para o Estudo da Fauna Insetologica do Excremento Humano" (com especial referencia à disseminação da febre tifoide pela mosca) *Preleções feitas na Academia de Ciências de Washington*, II, 541-604.

1901. Dr. Adolfo Lutz foi o primeiro facultativo brasileiro a aplicar a nova descoberta : saneou São Paulo. Dr. Oswaldo Cruz grangeou fama, obtendo resultados identicos no Rio de Janeiro ; e, depois de verificar que em 1909 e 1910, mais nenhum caso de febre amarela ocorreu no Rio de Janeiro, êsse grande higienista brasileiro voltou as suas vistas para o Norte e saneou Belém.

A maior vitória dêsse genero foi, ao mesmo tempo, a mais espetacular. Guaiaquil, no Equador constituia provavelmente o peor antro da febre amarela em todo o mundo. Em 1918 as autoridades municipais convidaram o Conselho Internacional de Saúde Pública para cooperar com o serviço sanitario oficial no combate à febre. Apenas seis mêses depois de ter o Dr. M. E. Connor (atualmente no Mexico, exercendo o cargo de diretor da seção especial de febre amarela, do Departamento Mexicano de Saúde Pública) chegado a Guaiaquil, desapareceu o último caso de febre amarela, e, isso tudo, com um dispendio insignificante.

E' curioso como a Guerra Européa veio a constituir importante fator de exito nessa campanha sanitária. O doente que escapa da morte pela febre amarela, está imune, e, quasi todos os que vivem por mais de dez anos em zona infestada, são atacados pela febre, quer se tenham disso apercebido ou não. (Pelo menos é essa a teoria sobre que os higienistas apoiam os seus trabalhos). O mosquito tem curta duração. Se não houver um contínuo afluxo de individuos não imunizados, na zona infestada, a febre amarela sucumbe por falta de novas vítimas de que se alimentar. Foi isso que aconteceu em vários pequenos portos, inclusive alguns da Ilha de Cuba, La Guaira e Maracaibo, na Venezuela, Cartagena na Colombia e Corinto na Nicaragua, onde o comércio e a imigração cessaram quasi que completamente durante o periodo da Grande Guerra. Esse isola-

mento temporario do resto do mundo, limpou também, muitos portos brasileiros, de segunda ordem, que não dispunham de recursos para proceder ao seu próprio saneamento e parece ter eliminado completamente a febre amarela de todo o curso do Amazonas.

A situação sanitaria que o mundo apresentou depois da Guerra foi que sugeriu ao Conselho Internacional de Saúde Pública aquela proposta a um tempo sublime e ousada e que algum dia a Liga das Nações ha de esposar : fazer um ataque simultâneo contra todos os focos de febre amarela (hoje relativamente poucos) ainda restantes na America Central, na America do Sul e na Costa Oriental da Africa, varrendo assim, de uma vez para sempre, êsse terrível mal da face da terra. O plano era e ainda é perfeitamente exequível. Revela o traço poetico do internacionalismo. Apenas uma cidade brasileira retardou : São Salvador. Ultimamente, porém, a Baía conheceu a luz e parece estar decidida a livrar-se do estigma de constituir a última cidadella da febre amarela, no Hemisfério Ocidental.

Outra terrível molestia epidêmica — a variola — o Brasil já conseguiu controlar de maneira assaz satisfatoria, pela vacinação compulsoria, apesar de que ainda em 1919, ocorreram cêrca de cinco mil casos em São Salvador. Comquanto a peste bubonica seja endêmica e de vez em quando surja um caso ou outro em São Luiz, no Ceará, em Pernambuco e ainda mais raramente em Porto Alegre, os negros tempos das epidemias de "peste" felizmente já se foram. A campanha que fez cair a mortalidade pela bubonica, no Rio de Janeiro, de 360 casos em 1903, para 0 em 1912 constitue mais um capítulo glorioso da história sanitaria brasileira. Nenhum porto existe, banhado pelo Atlantico, onde a defêsa contra os ratos seja tão perfeita como em Santos e no Rio de Janeiro. A febre tifo é comum em Porto Alegre, mas, pelo Brasil afôra, as epidemias jamais

assumem proporções sérias, devido à fórma benigna dessa molestia, nos Tropicos. Além disso são excelentes as águas de Santos e do Rio de Janeiro. As disenterias constituem ainda problema sério no Brasil. O Colera é capítulo morto.

Em São Paulo e em Pernambuco encontra-se frequentemente o tracoma. As ulceras tropicais são bastante comuns, por toda a parte: Baurú, na zona Oeste do Estado de São Paulo é considerada como a séde da Leishmaniose cutanea; esta molestia, porém, também ocorre na Baía, e, em certa proporção por todo o Norte. Da terrível filha da choupana de barro — a Molestia de Chagas — já tratamos no capítulo dedicado às habitações rurais.

Deve ser interessante aos Norte-Americanos, conhecer o destino tropical de amigos seus que para lá se aventuram. A escarlatina não existe em logar algum sob os Trópicos; a difteria é comum, porém, benigna; a coqueluche e outras molestias próprias da infancia têm mais ou menos a mesma incidencia que nos Estados Unidos; a paralizia infantil é rarissima. Nem constituem problema importante as molestias provenientes da desnutrição: o beri-beri, existe em Mato-Grosso e da Baía para o Norte; o raquitismo, encontra-se às vezes nas cidades, porém, a pelagra e o escorbuto primam pela ausencia.

Certas insignificancias em materia de regime alimentar e de habitos correntes são muito mais importantes, do ponto de vista da saúde pública, que qualquer uma das molestias mencionadas. O habito de escarrar é um dêles. Sir Richard Burton observou:

“O habito de escarrar é comum entre a gente do povo, tanto no Brasil como nos Estados Unidos. A maioria dos homens fá-lo instintivamente; alguns, quando assobiam, por falta de idéa; outros porque acham higienico e assim mantêm constante, um habito util; outros ainda para abrir o apetite ou provocar séde. A con-

clusão a que cheguei é que o cuspir é natural, por assim dizer ; o que é artificial é privarmo-nos de o fazer, habito éste imposto pelos assoalhos encerados e pelos tapetes custosos”.

Os médicos da Escola de Medicina Tropical, de Harvard, enxergaram mais longe, nêsse assunto, que o genial tradutor das “Mil e uma Noites” e dos Lusíadas de Camões.

“O catarro sobre as mucosas das vias respiratorias, dando em resultado o tossir, o escarrar e o cuspir, parece ser comum comquanto sejam raras as infecções de caráter sério, nêsses órgãos. Nos vapores é comum ver-se uma lagôa de cuspo sob as rêdes. O que não se sabe, porém, ao certo, é até que ponto êsse habito desagradavel constitue apenas habito ou até que ponto é êle provocado pela irritação continua do fumo. O fato de não se verem estrangeiros praticando ação tão condenavel, depõe em favor da tése de que é mero habito” (17).

Esses dois distintos observadores devem também ser ouvidos com relação a um outro assunto. Comquanto tenham êles visitado apenas o va'e amazônico, a sua observação applica-se também ao resto das populações bebedoras de cachaça, pelo Brasil afóra :

“Quer-nos parecer que se tivéssemos de frisar qual a molestia que maior degenerescencia física produz e a que fornece condições propicias para várias infecções, destacaríamos o alcoolismo”.

A pecha recáe mais pesadamente sobre o branco que habita os Tropicos, que sobre o elemento indigena. Os melhores indivíduos nem sempre gravitam para as regiões mais isoladas ; aí as regras sociais são mais frouxas, os salarios e o lazer, maiores que em seus países de origem. O resultado é que os Americanos e Europeus tornam-se verdadeiras esponjas e os *cocktails* roubam o tempo ao exercício físico. Até que esta situação se

(17) COUCLIMAN & LAMBERT, *Relatorio Medico da Expedição Rice ao Brasil*. (Cambridge, Mass., 1918), 105, 106.

modifique, não é prudente generalizar-se muito afoitamente, acêrca da impossibilidade do branco viver lá.

A nossa opinião pessoal, e pelo que já temos visto pelo mundo, é que o brasileiro não é assim tão bebedor. Gardner disse que viu mais bebedos no domingo em que desembarcou em Liverpool que durante os cinco anos em que perambulou pelo sertão brasileiro. Um borracho é fenômeno raro de se ver nas ruas das cidades brasileiras. No interior vimo-los em maior número. Podemos até mesmo dizer que todas as discussões, tiros e facadas que presenciamos, ou de que tivemos notícias, estavam invariavelmente ligadas ao alcoolismo.

A menos que os modernos higienistas estejam inteiramente enganados com respeito à importância de uma alimentação pobre em proteínas, quer-nos parecer que é de muito maior monta — do ponto de vista da saúde pública — o problema alimentar brasileiro que o da cachaça. Em nenhum outro recanto do planeta terá a espécie humana se tornado tão carnívora como em certas regiões brasileiras. Durante as nossas viagens, não nos ocorre à memória termos sentado uma só vez à mesa sem que os nossos olhos pousassem sobre três ou quatro pratos de carne; e, na refeição pesada do meio dia, serve-se também o feijão preto — igualmente rico em proteínas. Na classe pobre, êste prato constitue o forte do seu regime alimentar. O Dr. Hackett é de opinião que o abuso das proteínas e as disenterias andam sempre de mãos dadas.

Qualquer série de fatos, porém, isolada de seu meio natural, causa impressão por demais impressionante. De fôrma alguma desejamos inculcar ao leitor a idéa externada em discurso pronunciado por um grande médico brasileiro e que ecôou pelos quatro cantos do país, em 1916: "O Brasil é um vasto hospital!" mas a verdade é que o problema da saúde pública no Bra-

sil é tão grave, que levou o Dr. Belisario Pena, Chefe do Serviço Sanitário Rural a assim se expressar :

“Quanto às classes laboriosas brasileiras, a sua capacidade de produção está reduzida em mais de dois terços. Pessoas vigorosas, dotadas de eficiencia normal, são em quantidade lamentavelmente pequena ; calculamos que cincoenta por cento ou mais não têm mais que metade da eficiencia normal e 25% estejam completamente invalidos pela molestia de Chagas, ulceras, lepra, sífilis, anemia, etc. . . . Quando pensamos que com exceção de grande parte do Rio Grande do Sul e até certo ponto, de São Paulo, é essa a triste situação do Brasil — e que ainda é muito peor em certas regiões — temos a sensação de termos nascido em uma terra maldita” (18).

Uma tal situação constitue verdadeiro desafio à ação. E que tem feito o Brasil nêsse sentido ?

A completa extirpação das epidemias, constituia sem dúvida a primeira tarefa que se apresentava à medicina sanitaria brasileira, e, com que admiravel perfeição foi ela executada, como vimos páginas atrás.

O estabelecimento do Quartel General que haveria de dirigir o combate à molestia, seria a segunda. Com a fundação do Instituto Oswaldo Cruz o Brasil creou um centro de pesquisas medicas que orienta e inspira a medicina brasileira, pois, de fato, é um dos mais bem aparelhados laboratórios de pesquisas, em todo o mundo. As suas publicações atraem a atenção dos círculos científicos de todas as nações civilizadas, pois, os trabalhos mais importantes são publicados em quatro línguas. Das “Memórias” do Instituto, constam as contribuições dêsse fecundo e infatigavel veterano da medicina brasileira que foi o Dr. Adolfo Lutz. O “Relatório da descida do Rio Paraná até Assunção” pelos Drs. Lutz, Souza Araujo e O. da Fonseca, em 1918, e os valiosos “Estudos da Schistosomiasis” feitos no Norte pelos Drs. Lutz e Oswino Penna, são apenas dois

(18) BELISARIO PENA, *Conferencias* (Rio, 1919) p. 68.

dos inúmeros trabalhos importantes dêsse sábio, que se podem ler em inglês. O trabalho do Dr. Figueiredo Rodrigues "Beriberi Experimental e Beriberi no Homem", bem como a contribuição do Dr. J. P. Fontenelle no campo da higiene são ambos admiráveis. Com relação aos estudos feitos no amago do sertão pelos Drs. Artur Neiva e Belisario Pena, assim se expressou Frederick Hoffman: "Nunca se fez nos Estados Unidos investigação mais perfeita sobre a lepra, principalmente com relação à parte sulina de Lousiana onde, fóra de dúvida, o mal é endêmico". A relação das grandes obras de pesquisas executadas por medicos cariocas, poderia ser indefinidamente dilatada. E, dizer-se que as pesquisas constituem apenas uma das finalidades do Instituto, pois essa benemerita instituição fornece serum contra difteria, tetano, meningite, etc., para o Brasil todo!

São Paulo não fica atrás. O Instituto Butantan constitue a fonte onde o mundo todo vae se abeberar de informes sobre o ofidismo e adquirir serum com que curar as picadas de víboras; os magnificos trabalhos do Dr. Vital Brasil são publicados em francês. Com respeito ao relatorio sobre a epidemia da gripe, publicado pelos Srs. Meyer e Teixeira, Hoffman diz: "Não existe, com relação a nenhuma região Americana, investigação mais completa sobre esta importantissima molestia". (19).

A fonte do saber medico, no Brasil, é portanto, pura e abundante. Não se pode, porém, afirmar sem certa dose de lisonja que as escolas de medicina, brasileiras, sejam comparaveis aos mais modernos padrões de outros centros ou que a profissão medica, nas zonas rurais

(19) "Conservação da Saúde e Estatísticas Sanitarias das Republicas Americanas ao Sul do Mexico", por FREDERICK L. HOFFMAN, Vice-presidente e estatístico da "Prudential Insurance Company" (Companhia de Seguros "Prudencia") *Boletim da União Pan-Americana*, Outubro de 1921.

seja adequada ao meio. Muitas pessoas, entretanto estudam medicina ou fazem cursos de aperfeiçoamento, depois de formados, na Europa e nos Estados Unidos, e, sob a orientação de tais cientistas a situação vai melhorando rapidamente. A extinção das epidemias, como ficou dito acima, foi obra de médicos exclusivamente brasileiros. E, se a verminose já se vai encaminhando para a sua final extinção, deve-se ao entusiástico apoio emprestado pela classe médica do país ao Conselho Internacional de Saúde Pública. Atualmente, muitos estados brasileiros estão tomando a iniciativa da campanha, por sua conta própria.

A profissão de enfermeira, foi, até muito pouco tempo, monopólio das Irmãs de Caridade católicas que estavam longe do moderno padrão de enfermagem, por falta de conhecimentos técnicos. A primeira escola desse gênero, em moldes modernos, foi instalada no Rio de Janeiro, em 1922.

Pode-se dizer que em geral o serviço de Saúde Pública a cargo do Governo Federal, como seja, a inspecção de navios que entram e o estabelecimento de quarentenas contra molestias infecciosas, tanto com relação aos indivíduos como aos animais, é desempenhado com eficiência.

Quanto aos Governos estaduais, varia em muito a forma por que cada unidade da União vêla sobre a saúde pública, desde o excelente Serviço Sanitário mantido pelo Estado de São Paulo até as fraquíssimas instituições congeneres de diversos Estados do Norte. As funções municipais, tais como o fornecimento de água, esgotos, a fiscalização dos mercados e a limpeza pública, são executadas com geral indiferença, a não ser nas melhores cidades brasileiras; e dentre estas, o Rio de Janeiro, que é tão asseada e bela como qualquer outra no mundo que possa ser asseada e bela; muito mais limpa que a maioria das cidades americanas de igual importância.

**INDICE DE MORTALIDADE DAS CIDADES
BRASILEIRAS EM 1920**

(Dados fornecidos pela *Inspetoria de Estatística Demografo-Sanitaria*,
do Departamento Nacional de Saúde Pública).

CAPITAIS BRASILEIRAS	INDICE POR 1000 HABITANTES	TERMO DE COMPARAÇÃO
		Bombaim 46,7
		Madras 41,2
		Cairo 39,84
		Calcutá 38,81
Fortaleza	36,27	20 cidades da America
Recife	32,52	Central, da America do
Maceió	28,21	Sul e das Antilhas, em
Niterói	27,48	1917 24,0
Natal	25,99	20 estados da America
Vitória	24,92	Central, da America do
Aracajú	24,06	Sul e das Antilhas, em
Porto Alegre	23,12	1916 22,0
S. Salvador	22,24	
S. Luis	21,95	
Rio de Janeiro	18,92	
São Paulo	18,24	Trieste 18,4
Manáos	16,80	
Belém	16,51	
Florianopolis	15,45	Viena 15,14
Curitiba	15,03	
		Paris 14,43
		Copenhague 13,5
		Nova York 12,93
		Chicago 12,70
		Dresden 12,45
		Hamburgo 12,13
		Cristiania 11,5
		Stockholm 11,07
		Antuerpia 10,5
		Amsterdam 34,04
		ALEMANHA 16,3
		ESTADOS UNIDOS 13,1
		Branços 12,8
		Negros 18,4
		INGLATERRA E PAÍS DE
		GALES 12,4

Gostaríamos de poder encerrar o capítulo com esta nota otimista, dando a impressão de que o índice da mortalidade está a ponto de cair 10 pontos ; essa candura, porém, não nos é permitida, pois que no Brasil o campo da medicina é disputado pelo curandeiro, que ainda ocupa grande parte do terreno. O *habitat* intelectual do charlatão pôde ser perfeitamente compreendido por quem quer que conheça bem o interior da Carolina do Norte. Aí o diagnostico das molestias é fácil e ingenuo. As doenças de crianças são apenas duas: o sarampo e a dor de garganta. Existe o sarampo graúdo, o sarampo interno e o sarampo comum ; o graúdo é sempre fatal ; o interno é aquele que não causa erupção. A dôr de garganta compreende tudo o que os "bobos dos medicos" chamam de difteria, bronquite, amigdalite, etc., e o tratamento consiste em fazer passar a criança pela coalheira de uma mula branca. No interior da Carolina, a principal "causa mortis" é "perishing to death" (sucumbir à morte).

O curandeiro é uma instituição social que veio através dos seculos da história brasileira, acumulando tradições, senão conhecimentos e dotada de ética profissional tão rigida como a dos seus rivais, os cientistas. Grande parte do lado pinturesco da vida ser-nos-ia roubado se êsse importante personagem desaparecesse do cenario quotidiano. Aprás-nos rememorar a sua figura grave, sentado à porta da igreja, aos domingos de cem anos atrás, fazendo analyses de urina muito antes de existirem laboratorios para êsse fim. O pai ou o marido aflito fazia às vezes longas viagens, a galope, para trazer ao curandeiro um chifre cheio do líquido, cuidadosamente transportado através de centenas de quilometros. O curandeiro tomava o vaso sem fazer pergunta alguma com relação ao doente, derramava um pouco do conteúdo sobre a palma da mão, examinava-o em direção à luz e atirava-o para cima. Repetia pacien-

temente a experiência, diversas vezes, por escrupulo, observando com atenção a ver se caía em pingos grandes ou pequenos. Assim podia saber se a doença era quente ou fria e receitar de acôrdo.

Comquanto a história não tenha registrado todo o seu receituário, os conhecimentos contemporâneos nos habilitam a preencher essa lacuna. Remedio infalível para mordedura de cobra, por exemplo são as seguintes palavras magicas :

S A T O R
A R E P O
T E N E T
O P E R A
R O T A S

Cada uma delas deverá ser escrita em um pedaço de papel separado e depois enrolado em fôrma de pilula, devendo os cinco pedacinhos serem ministrados ao paciente, homem ou animal, o mais logo que fôr possível depois da mordida. O meio infalível de se saber o prognostico de um caso de tosse rebelde, consistia em apanhar um peixe chamado *maiú*, fazer o doente cuspir na boca do peixe e solta-lo de novo no rio. Se o *maiú* subisse correnteza acima, o doente sarava; se ao contrário êle descesse, o doente morria. O curandeiro possui uma técnica — ainda não compediada em livro — à qual bem se poderia dar o título de “O Parto simplificado”. Aí encontrar-se-ia um capítulo mais ou menos assim :

“Se a mulher, em trabalho de parto, trocar a camisa com seu marido, vestindo-as, ambos, no avesso, e sentar-se ela com o chapêu dêle, numa bacia de 20 litros, dará á luz muito mais facilmente. Para extrair a placenta, deve cortar o cordão umbelical e prende-lo pelo lado de dentro da perna direita. Coloque-se então um chinelo, com a sóla para fóra, sobre o cordão e amarre-o com fita vermelha”.

O alcoolismo não constitue problema para o curandeiro. Coloca um pedaço de pão na axila de um moribundo; a menor particula dessa fatia, administrada ao alcoolatra, sem seu conhecimento, produzirá cura rapida e perfeita.

Será melhor não continuarmos, para não termos de entrar em obcenidades, onde se acotovelam deturpações da Religião Católica, a técnica do pagé e a macumba africana; três elementos faceis de serem identificados até a sua remota origem, no berço milenario das respectivas raças. O que acima ficou dito não é disparate puro e simples, pois o curandeiro corresponde a uma patetica necessidade pública. Existe uma cidadezinha apenas a vinte e poucos quilometros de São Paulo, com uma população rural de quasi 10.000 almas onde não se encontra um único medico. Se se empreendesse uma viagem de Manáus a Bogotá, num percurso de quasi mil e oitocentos quilometros, não se encontraria um medico sequer em todo o caminho; mas, achar-se-ia muita gente doente, necessitada de assistencia. Os curandeiros constituem a fina flôr dessas paragens longinquas; proliferam nos meios repletos de ignorancia e analfabetismo. Gozam de tão solida reputação que muitas vezes chegam a esvaziar os consultorios gratuitos do Conselho Internacional de Saúde Pública. Vivem nas grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro onde são protegidos por gente rica, da mesma fórma que no sertão, onde cobram por uma consulta, um leitão, uma quarta de feijão ou um jacá de frangos. A princípio ouve-se dêles falar entre risos e chacotas, mas, depois que se vem a saber o que de fato representam para o Brasil, tem-se vontade de chorar.

Sentimos também um nó nos travar a garganta, ao tomarmos um belo panfleto publicado pela Liga Pró-Saneamento do Brasil contendo instruções para evitar a maleita e a verminose ou a molestia de Chagas. Lo-

na capa lê-se "Folheto para ser distribuído gratuitamente ao povo" ; mas, o povo do Brasil rural não sabe ler ! Sabendo-se que setenta e cinco por cento ou mais da população brasileira é de analfabetos e que os alfabetizados habitam de preferencia as cidades, de que póde valer o folheto ?

Com as premissas acima, pode-se enunciar o problema da saúde pública, no Brasil. E não se trata apenas de um problema brasileiro. E' antes a questão básica de todos os países tropicais. O problema consiste em educar a população — cuja ignorancia é tamanha a ponto de não saber que está doente — até que consiga compreender o alcance e fazer uso dos princípios elementares da higiene moderna.

E, a respeito do branco que móra nos Trópicos ?

Até 1900, as regiões mais fecundas na produção de generos alimentícios estavam ainda fechadas à raça dominante de bípedes consumidores. As endemias e não o clima, eram o que lhes barrava o ingresso. Com o saneamento do Panamá, ficou provado que o branco póde viver, trabalhar e progredir mesmo nos baixios quentes e humidos das regiões tropicais. Em artigo recente, sobre o que êle chama "Investigações Antropologicas na História 'não sentimental' da Humanidade" o Dr. Herbert J. Spinden habilmente estoura os balões da ilusão insuflados pelos Nordicos com a superstição de que sòmente um clima desagradavel, gelado, e extremado, é que pode produzir um homem agradável, alegre e civilizado. (20) Desejamos aqui mencionar apenas uma das suas conclusões : "Que o loiro do Nordico causa poucos inconvenientes e nenhum beneficio — com exceção do de natureza social — e que o campo de competição para todas as grandes raças do globo,

(20) SPINDEN, "A Civilização e os Tropicos Humidos", *World's Works*, Feb. 1923.

estende-se por toda a superfície da terra". A mesma questão é tratada do ponto de vista da política aplicada, no "Relatorio da Sub-Comissão, sobre a possibilidade de ocupação permanente da Australia Tropical, por uma sadia raça branca, indigena" (21) O relatorio examina os dados relativos aos residuos da guerra, estatísticas atuariais e aos exames escolares no Norte da Australia; faz interessantes sugestões sobre a proibição do alcool, sobre habitações, vestuario, regime alimentar e educação sanitaria, concluindo com a afirmativa de que já se pode sepultar de vez a superstição de que a Australia branca não poderia desenvolver o seu país tropical pelo seu esforço próprio. Se assim é com o branco, quão mais facil será às raças de côr, viver, trabalhar é progredir até mesmo nos baixios quentes e humidos das regiões tropicais!

O que torna possível a todas as raças — preta, branca, parda e amarela — sonharem com a verdadeira conquista dos trópicos, é que hoje em dia, a ciência sabe exatamente como resolver cada um dos mais sérios problemas sanitarios que ainda preocupam o Brasil. Na linguagem da Ciência Nova, a febre amarela é transmitida pelo "Aedes Aegyptus" e evitada pelo contrôlo do mosquito. A maleita é veiculada pelo "Anopheles" e combatida pela guerra ao pernilongo. A Molestia de Chagas é produzida pelo "barbeiro" e guerreada com a construção de casas de paredes compactas e lisas. A Peste bubonica é contaminada pela pulga e combatida com a extinção dos ratos. A verminose é o castigo de um habito imundo e cura-se com chenopodium e latrina. O tifo e o para-tifo, podem ser evitados por meio de vacinas e cuidado no fornecimento de água das cidades. Foi por essas fórmulas que se combateram essas

(21) *Boletim de Molestias Tropicais*, Vol. XVII, N.º 3, 5 de Abril de 1921, p. 223.

Molestias durante a Guerra Mundial, pois que, antes do serviço profilático, era maior o número de vítimas por doença, entre os recrutas, que o de mortos nas batalhas. A disenteria e o colera, podem-se evitar, fervendo a água que se vai beber. As molestias venereas são controladas pela profilaxia, como o provam todos os exercitos do mundo. E, finalmente, de acôrdo com a Ciência Nova, o habito de cuspir por toda a parte não constitue a fórma ideal de combater a tuberculose.

Qualquer homem, armado com os recursos da Ciência Nova, pode cruzar o Brasil em todas as direções sem perigo para sua saúde, ainda mesmo hoje que as infecções e os contágios ameaçam-nos de todos os lados. Se um único indivíduo pode fazê-lo, o problema de conseguir que todos o façam, torna-se apenas uma questão de intelligencia. As dificuldades não são de ordem climatericas; são problemas de alimentação, vestuario, habitação e habitos pessoais. Obstaculos fáceis de serem vencidos por populações de média intellectual relativamente baixa, como a Alemanha, a França ou os Estados Unidos. Nada do que atualmente ameaça o homem nos Trópicos é permanente, fixo e inalteravel. O problema, em si, é simples, o que é preciso é atacá-lo; os resultados são de alcance incalculavel. Os Trópicos deixarão de ser antros pestilentos, se o seu saneamento fôr considerado como problema educacional. O que se não pode fazer, porém, é aspirar a Ciência Nova numa seringa de injeção e applica-la no cerebro do analfabeto. A ignorancia é a principal molestia dos Trópicos.

CAPÍTULO XVII

O CERRAR DA CORTINA

“O mundo Latino em todos os seus aspectos, político, social, literario, científico, moral e econômico, é infelizmente governado por normas e ditames de uma sociedade antiquada na qual a mais imoderada aspiração de desigualdade e privilegio, constitue o principio dominante da vida nacional”.

MARIO PINTO SERVA.

BRASIL, imenso, fantastico, verde, sêco e pardacento. Florestas onde o silêncio é sepulcral. Igaritês sulcando rios vagarosos, imensos; alas de cafeeiros que se perdem no horizonte. Ouro no cascalho, ouro no cacauero, ouro na frondosa côpa do ipê. Por tudo um tom melancolico. E depois, a marcha continua de legiões de homens contra as fôrças hostis da natureza...

“Marcha de soldadinhos de chumbo, contra fôrças de proporções ciclopicas!” dirá o cético, ironicamente. “Não se diga que essa gente pôde sentar-se no banco da igualdade, ao lado das Potencias da zona temperada. Se é analfabeto um povo, na proporção de 750 por 1.000, assolado por molestias endêmicas, incapaz de cooperar para as grandes finalidades sociais; seu elemento feminino jungido ainda ao complexo de inferioridade da Idade Média; seu comércio algemado por todas as fôrmas que governos tacanhos podem conceber; vivendo em casas de barrote, porque têm preguiça de abater as grandes árvores que crescem ao alcance de suas mãos; contentando-se em viajar por caminhos e trilhos que teriam feito a desgraça da Europa medieval; lavran-

do o sólo com o auxílio exclusivo da enxada, como se o arado ainda não tivesse sido inventado ; criando gado “corcunda” que o resto do mundo se recusa comprar ; guardando as suas reservas naturais, como manada de asnos no sertão — e que ha mais a dizer? Onde está a sua teoria da “fraternidade universal”? — “Não o que o homem é, mas, o que êle faz é que convida a deferencia. Disse-o Stuart Mill. Você mesmo é quem está condenando esse povo”.

— Não senhor !

Existe no Brasil uma massa desarticulada a que chamarei “Povo”. E’ completamente analfabeta. Por isso, não tem padrão próprio de agricultura, zootecnia ou arquitetura. Essa gente nunca viu uma estrada larga, pavimentada, com pontes franqueando rios. Nunca viu um campo arado e adubado. Não sabe se existem outras raças de gado a não ser as que pastam em seus campos. Nunca contemplou um fogão com chaminé para puxar a fumaça. Tem muito vaga idéa do resto do mundo a que alguns chamam englobadamente de “París”. Não toma parte na administração pública. Desprovida de terras ; em sua maioria, trabalhando por conta de outrem : o patrão ou o chefe político.

Existe, porém, outra classe altamente articulada a que chamarei de “Traidores do Povo”. São letrados, capazes de compôr frases sonoras. Por terem cultura, foram a Europa e estão ao par dos mais aperfeiçoados métodos agrícolas, zootecnicos e arquitetônicos. Construíram magnificas estradas pavimentadas com belas obras de arte, que partem das capitais, para que os seus automoveis tenham por onde deslizar suavemente. Nas suas excursões pelo Velho Mundo viram milhares de campos adubados, arados e irrigados. Na exposição de Palermo, em Buenos Aires, viram o melhor gado do mundo. Conhecem o conforto das moradias arejadas. Sabem muito mais a respeito do resto do mundo que

de seu próprio país. O governo é a missão para a qual julgam ter nascido. Retêm a posse do solo e de tudo o que está sobre êle, pois são os patrões, os doutores, e os políticos.

Do Povo diremos apenas duas cousas. “Essa gente é bôa e simples ; pode ser amoldada a tudo o que dela se quizer fazer”, é esta a sóbria opinião de um americano que conhecia bem a humanidade, Theodore Roosevelt : (1)

“Observando-se a maneira por que foi feito o trabalho, a bôa vontade, a resistência e a fôrça de boi dêsses camaradas, além da intelligencia e do esforço incansavel dos feitores, não se podia deixar de pasmar ante a ignorancia dessa gente que nem ao menos sabe a fôrça e a energia que têm e que podem ser tão fâcilmente desenvolvidas — êsses homens dos Tropicos”.

— Se o povo é ignorante, doentio, pobre e inculto, a quem cabe a culpa? A resposta só pode ser uma : culpa dos Traidores do Povo que desgovernam o Brasil, ou antes que o vêm desgovernando desde que puzeram o pé na America. E' culpa do regime escravocrata que instituiram desde 1530 até 1888. A responsabilidade é dos que glorificam a posse de cargos governamentais desde os gloriosos dias de Gôa até hoje. E' por causa do regime latifundiario que data dos idos tempos da conquista do Alemtejo aos Mouros. E' devido àquele mesquinho artigo do credo hispano-português, que condena o trabalho braçal. E' o produto da glorificação da fé e da negação da ciência.

Quando uma limitada classe consegue enfeixar em suas mãos toda a fôrça, todo o saber e toda a riqueza, tem direito de exigir que os laureis da gloria nacional ornem sòmente as frentes dos de sua grei. De direito, portanto, todas as glorias como todas a ignominias de-

(1) Através do Sertão Brasileiro *Through the Brazilian Wilderness*) pág. 254.

vem sobre ela recair. E, se não houver gloria de que se ufanar, terá que sofrer a ignominia. ~

Poder-se-á concluir, dos quatrocentos anos de história brasileira, que a miscegenação de raças grandemente dispare, implica em degenerescencia? Que o filho do futuro nasceu morto e deve, portanto, ser sepultado? De fórma alguma. A condenação de uma classe governamental, de um sistêma econômico, de uma falsa filosofia, não implica na condenação do povo. As classes passam. O "ancien régime" nada mais é hoje em França, que vaga reminiscencia. Os privilegios individuais estão se desvanecendo. Uma grande nação já deu por terra com o capitalismo. Quem poderá prever se os ideais de um passado já bem morto sobreviverão, no Brasil, mais que uma geração? Já se nota dentro do casulo desta atualidade medieval que tentamos descrever, a crisálida de um vigoroso e clarividente idealismo que ha-de romper o involucro e conduzir o país à conquista de seu próprio meio para integra-lo no concerto da civilização universal.

Muitos são os brasileiros que sabem melhor que nós, dos esforços em vão dispendidos em quatrocentos anos para construir uma civilização duradoura, com o frágil barrote entretecido de escravidão, doenças e ignorancia; brasileiros que sabem que é com os tijolos requemados do trabalho livre, da saúde pública, da educação popular e da cooperação que se ha de construir o Brasil do futuro.

Ouçamos a voz autorizada de um dêles: (2)

"Ha um seculo vivemos politicamente em pleno sonho... O grande movimento democratico da revolução francêsa; as agitações parlamentares inglêsas; o espirito liberal das instituições que regem a Republica Americana, tudo isto exerceu e exerce sobre os

(2) F. J. OLIVEIRA VIANA, *Populações Meridionais do Brasil* (São Paulo, 1920), Prefácio, pp. IX - XII.

nostros dirigentes, políticos, estadistas, legisladores, publicistas, uma fascinação magnetica, que lhes daltoniza completamente a visão *nacional* dos nostros problemas. Sob esse fascínio inelutavel, perdem a noção objetiva do Brasil real e criam para uso delles um Brasil artificial, e, peregrino, um Brasil de manifesto aduaneiro, "made in Europe" - sorte do cosmorama extravagante, sobre cujo fundo de florestas e campos, ainda por descobrir e civilizar, passam e repassam cenas e figuras tipicamente europeas.

Demais, esse feitiço ingenuamente ditirambico, com que acarinhamos o nosso melindroso patriotismo e para o qual o "nosso céu tem mais estrêlas e a nossa terra mais amores", nos tem entretido uma radiante teia de presunções sobre as nossas aptidões e grandezas, muito caprichosa e bela na sua trama de prata e ouro, não ha dúvida — e não fôra ela trabalhada por poetas! — mas que as duras realidades, com que temos que defrontar dentro em breve futuro, hão de romper com impiedade e bruteza, se não tivermos a providencia de nós mesmo espanjá-la quanto antes, no desejo muito honesto de ver claro o que se passa dentro de nós e em torno de nós para maior segurança da nossa própria existência coletiva.

Porque o que a mais superficial observação assinala, no campo da concorrência internacional, é a preponderancia absorvente dos povos que se organizaram sob critérios objetivos, das raças nutridas pelo senso das realidades, dos homens que não se pagam de teorias, nem de ficções, e que sabem encarar, com serenidade e frieza, a vida como ela é nas suas fealdades e egoismos, nos seus instintos e paixões — porque crêm no poder transfigurador da vontade, quando aplicada com tenacidade, continuidade, energia na obra da própria salvação. Os povos sentimentais e imaginativos, as raças idealistas que não crêm na força desse poder incalculável, que, como a fé, abala montanhas, esses fecham os olhos às realidades para não as ver, quando elas dizem das suas insuficiencias, das suas miserias: — e preferem ser como os sepulcros caídos da Escritura.

Esses povos, que assim praticam o culto consciente e sistemático da própria ilusão, estão condenados a perecer. Quem os vae eliminar são esses rijos manipuladores de fatos e realidades, esses povos práticos e experimentalistas, cujo esplendido senso objetivo das cousas da vida os escuda contra as sugestões e as insidias de um certo otimismo, que, ao envés de aceitar as verdades cruéis ou dolorosa para corrigi-las ou elidi-las, preferem dissimula-las, recobrando-as do recamo florejante das ficções amáveis.

Sonoros, coloridos, brilhantes embora, esses otimistas só o são aparentemente. Sondae-lhes bem o fundo da alma — e o que en-

contrareis, sob os aspectos vistosos da confiança, do entusiasmo e da fé nos destinos da pátria, é a vasa má do mais desalentado pessimismo. Eles temem apontar um defeito do seu povo ou assinalar uma incapacidade da sua raça, porque não crêm que o homem se possa refazer a si mesmo pela ação da própria vontade. São fatalistas a seu modo, fatalistas insubmissos, que não se resignam, como o mussulmano, à fatalidade, mas a iludem, a falsejam, a colorem de idealidades e esperanças. Como os fumadores de opio, gosam a volupia dos paraizos artificiais e encontram nessa ilusão procurada a sensação eufórica da força, da grandeza e do triunfo.

Ha um seculo estamos sendo como os fumadores de opio, no meio de raças ativas, audazes e progressivas. Ha um seculo estamos vivendo de sonhos e ficções, no meio de povos práticos e objetivos. Ha um seculo estamos cultivando a política do devaneio e da ilusão diante de homens de ação e de prêa, que, por toda a parte, em todas as regiões do globo, vão plantando, pela paz cu pela fôrça, os padrões da sua soberania.

Nêsse contacto, que se torna cada vez mais estreito, o nosso destino já está pretraçado. E' o das panelas de barro do apolôgo, que giram e regiram no mesmo remanso ao lado das panelas de ferro e que estas acabam, num choque, espedaçando.

Dêsse destino e da sua fatalidade só escaparemos por um caminho : o tomarmos a sério, a resolução corajosa de mudar de métodos — métodos de educação, metodos de política, métodos de legislação, métodos de governo. O problema da nossa salvação tem que ser resolvido com outros critérios, que não os critérios até agora dominantes. Devemos doravante jogar com fatos, e não com hipoteses ; com realidades, e não com ficções ; e, por um esforço de vontade heróica, renovar nossas idéas, refazer nossa cultura, reeducar nosso caráter".

LIVRO IV

COM VISTAS AO FUTURO

CAPÍTULO XVIII

RODOVIAS

“Neste Império, fadado a ser um dia poderoso e magnífico, as comunicações significam prosperidade, progresso, tudo. São ainda mais importantes para o bem-estar da nação que escolas e imprensa, pois, estas irão onde forem ter as primeiras. E os viajantes que desejarem o bem do país, devem sempre insistir nesta tecla”.

Sir RICHARD BURTON, *O Interior do Brasil*, (1869).

COMO viajantes que desejam o bem do país que muito lhes deu, reiteramos a inteligente observação do ex-consul de Sua Majestade, em Santos. Os homens se misturam em razão direta da facilidade de comunicação, e, somente assim é que se pode urdir uma forte contextura nacional.

Ocorre-nos à lembrança, certa ilha perdida no Arquipelago Filipino e que não tinha mais de trinta milhas de extensão. Com o auxílio de bons camaradas, conseguia-se varar as suas picadas quasi intransitaveis. Chegando-se porém, ao outro lado, nem os próprios camaradas conseguiam se entender com os habitantes da ilha. Língua diferente, odios e desavenças separavamos. Depois que os americanos rasgaram uma estrada macadamizada atravessando a ilha, pôde-se perfeitamente perceber o rápido desaparecimento do antigo isolamento.

O Brasil precisa urgentemente de boas estradas de leito natural e caminhos nivelados, afim de eliminar a solidão, a ignorancia a superstição e o medievalismo do sertão.

Numa das mais chuvosas regiões do Sul da Bafa, ficou demonstrado o quão simples é a construção de estradas niveladas, mesmo em plena mata. Como já tivemos ocasião de frisar, páginas atrás, o que caracteriza os caminhos do interior é a erosão. Já não são mais estradas, são valos. Com um pequeno movimento de terra que pouco custaria, poder-se-ia evitar que o animal tivesse que se chafurdar em verdadeiros fossos de lama, cavados pelos seus próprios cascos. Os silvicultores ingleses, franceses, holandêses e americanos construíram milhares e milhares de quilômetros de boas estradas em regiões tropicais tão ingratas como as peores das matas virgens brasileiras.

Por estrada de leito natural, queremos dizer caminhos sem revestimento ou apenas recobertos por uma camada de areia e terra, mistura muito barata que pode-se conseguir em qualquer lugar. Trata-se um tipo de estrada bem econômico. E' o adotado em pelo menos nove decimos das estradas norte-americanas o termo médio entre a estrada de leito revestido de pedregulho, pedra britada, concreto, tijolos ou asfalto e os trilhos de carro-de-bois a que nem se póde dar o nome de caminhos. As estradas pavimentadas são caras e desnecessarias a não ser nas linhas tronco que têm de suportar o trafego pesado de automóveis; lembremo-nos de que apenas cêrca de 6% das estradas americanas são de piso revestido e que o Departamento Americano de Estradas de Rodagens calcula que 85% dêsses caminhos permaneceriam indefinidamente com o seu leito natural.

Os brasileiros às vezes queixam-se de excesso de chuva, como se constituísse impedimento intransponível à construção e conservação de boas estradas. Isso, entretanto, nada representa em comparação ao problema anual da neve e do degelo que se processa em mais de metade do territorio americano, segundo a opinião dos

engenheiros familiarizados com as condições de ambos os países.

O que parece difícil de compreender, aos povos agricultores do hemisfério ocidental, é que a abertura de uma estrada é o menor trabalho que com ela se tem.

Na conservação reside o segredo das boas rodovias. A estrada é como o amor, só se consegue manter à custa de uma devoção constante. Nas regiões húmidas a turma de conserva, tem de trabalhar doze meses por ano se se quizer manter em boas condições qualquer estrada.

CAPITULO XIX

POLITICA FLORESTAL

QUE magníficas barbas ornavam o rosto dos homens quando a terra era jovem! Que luxuriantes e loiras barbas pendiam do queixo dos Barbaros — impenetráveis florestas capilares que lhes varriam o peito quando falavavam e aparavam as migalhas que caíam. Apenas vagamente podemos fazer idéa de sua exuberancia pelos raros exemplares que até nós chegaram. Um dia, o homem descobriu o espelho. Podou e derrubou a barba. Barbeou-se. Não tocou, porém, nas sobrançelas e nem nos cabelos. Mas, o problema que ainda preocupa os inquietos bipedes que giram com o mundo em tórno de seu eixo, consiste em saber se o homem deve ou não continuar a devastação, pondo abaixo o cabelo e as sobrançelas ou se deve deixar que em certas regiões da cabeça continue o cabelo a crescer em flagrante contraste com a lisura do rosto.

Pensamos ser o primeiro cientista a frisar que a solução do dilema depende apenas de uma questão secundaria, sem importância, i. e., do que decidirá o homem fazer com as florestas. Pois, pode-se facilmente demonstrar que a pelugem do homem está diminuindo “pari passu” com a devastação das matas. De maneira que, mesmo para os que nunca em sua vida se acharam, por um momento sequer, em plena selva — e isto provavelmente se pode dizer com relação a mais de metade da humanidade — o exame do problema florestal desperta íntimo e particular interesse.

Quando a terra era jovem — e não muito mais do que é agora — as florestas eram tão exuberantes como a barba dos Barbaros. Grandes matas de coníferos quebravam a rudeza do vento frio do Norte, que soprava do Alaska sobre o Labrador. Cedros gigantes e a sequoia milenaria, proliferavam pela Costa do Pacífico até abaixo de São Francisco, ligando, num enorme amplexo, no tempo, a crucificação de 1914 à de Cristo, através de uma cadeia de recordações, acumuladas que se perdia na noite de dois mil anos passados, quando o Salvador feito Homem, perlustrava a terra. Várias espécies de pinheiros revestiam o sopé das “Sierras” e dos “Rockies”. A Leste das Grandes Planícies, reapareciam os pinheirais sem fim — palio imenso cujas pontas se prendiam, de um lado à margem dos Grandes Lagos e de outro, às montanhas da Nova Inglaterra, como se fôra ali colocado para indicar os lindes máximos das geleiras continentais. Depois, um ramalhete também de pinheiros, adornava o continente, do Texas a Nova Jersey. Do outro lado do Atlantico os pinheirais se estendiam, com ligeiras interrupções, da Península Escandinava, pela Finlândia, Rússia Européa, e pela Sibéria afôra, até as margens do Pacífico, onde Nordicos e Mongoes discutiam se eram ou não a mesma gente, os imigrantes de Leste e os de Poente.

Acompanhando os pinheirais, para o Sul, as matas da zona temperada ocupavam já, sólo de qualidade melhor, mas, ainda não cobriam grandes extensões: florestas bondosas, caprichosas, femininas, que mudavam a roupagem três vezes ao ano. Quando a Primavera vinha desperta-las de seu sono hibernal, elas vestiam-se com todos os artificios de flores e folhagens que u'a mãe indulgente e engenhosa podia conceber. A sua *toilet* do meio-dia consistia em uma folhagem leve, ligeira, para os dias ensolarados do verão. Quando se aproximava, porém, a hora do jantar, no Outono, que

riquíssima policromia, que magníficos braços roliços, gesticulando, prateados pelo plenilunio! Florestas garulas, ataviadas, que se escarneciam de suas irmãs setentrionais pobrememente trajadas com um único vestido verde para todas as estações.

As matas virgens, tropicais, formavam a terceira faixa: sacrário de silêncio que abrigava os dons espirituais da Asia, desde o sopé do Himalaia sagrado, até a extremidade da Península de Malaca e ia depois sombrear Sumatra, Bornéu e as Filipinas. Mais rica ainda — pelas dezenas de milhares de espécies diferentes — que os mais custosos dosseis de príncipes orientais, as florestas das baixas latitudes cobriam grande parte da Península Indiana. Na Africa, triste como a vegetação tacanha das regiões geladas e derramando as lagrimas negadas ao Saara, as matas tropicais chegavam desanimadas a Angola, contorcida sobre a iniquidade do Congo Belga; daí passavam para a Africa Equatorial Francesa e depois, ao longo da costa da Guiné, para a Gambia. As mais vastas extensões de florestas tropicais cobriam, porém, como ainda hoje, a America do Sul, e, especialmente, o Brasil. A floresta Amazonica e as matas contiguas, das Guianas e da Venezuela, cobrem nada menos que setecentos milhões de hectares e compreendem no mínimo 5.000 bilhões de pés cubicos de madeira (1).

“Inconcebíveis, ilimitadas, inexauríveis” eram as florestas que cobriam a face da terra, quando ela era jovem.

Espera-se que o mundo continue a girar ainda por alguns anos. Nem parece próximo o fim da humanidade; um organismo que pode atirar na dansa macabra de uma guerra, trinta milhões de homens, é sinal que está forte. Entretanto, ninguém, a não ser um igno-

(1) H. N. WHITFORD *As Florestas brasileiras*, (em preparação).

rante, diria hoje que são ilimitadas, inexauríveis as reservas florestais do mundo. Só quatro países da Europa ainda têm madeira suficiente para atender ao seu próprio consumo: Noruega, Suécia, Finlândia e Rússia Sovietica. A maior parte da China, já está tão depilada como uma criança recém-nascida. A Espanha, a Italia e a Grecia já raspam as sobrançelhas sem conseguir melhorar o aspecto da fachada. E o que se deu nas margens do Mediterrâneo está habilmente resumido na seguinte entrevista do Professor Patric Geddes: (2)

“Tenho me interessado de maneira particular em acompanhar, na história dos países e dos povos Mediterrâneos, a influencia que exerceu, no ocaso de Roma, e, mais modernamente, da Hespanha e da Turquia, o progressivo enfraquecimento de suas terras”.

“Em que sentido?”

“Principalmente pela devastação das mata que não só alterou a feição do solo, mas, ainda o clima dos países banhados pelo Mediterrâneo. E' claro que todos têm interêsse em derrubar árvores, de modo que, no interêsse de lucros immediátos, sacrificam-se o futuro em pról do presente. Durante as grandes civilizações marítimas dos Fenicios aos Venezianos, o país foi impiedosamente despido de sua vegetação. Os camponeses, abriam clareiras para culturas, os pastores, a procura de pastagens. Depois, vieram as chuvas torrenciais de cada Outono e Primavera, varreram o solo e desnudaram os taludes de maneira tão completa que hoje vemos rochas estéreis onde outróra o solo era fertil”.

A esta altura o Professor nos exhibiu diversas fotografias curiosas, da ilha de Chipre, onde a devastação das matas, aos poucos desnudou a rocha. O serviço de reflorestamento desta ilha e do Oriente, em geral, será, naturalmente lento, mas, como diz o Professor, uma batalha constante, sagrada, uma luta de seculos, trará de novo a riqueza, a saúde e a felicidade aos povos de pauperados e degenerados do Oriente.

Os mapas florestais do Canadá e da Siberia, accusam manchas intermináveis de verde; mas, quando se pen-

(2) *British Weekly* (Semanao Inglês) 8 de Julho de 1897.

sa que as reservas setentrionais do interior do continente são muito ralas e que são precisos trezentos ou quatrocentos anos para que uma árvore dessas regiões adquira porte regular, a mancha verde do mapa empalidece aos nossos olhos e quasi desaparece. A ilusão de que os Estados Unidos poderão valer-se indefinidamente de seu visinho do Norte, é sonho de que já se vae despertando a indústria americana de polpa de madeira.

Em resumo, as duas faixas florestais do Norte, estão hoje tão reduzidas que a area combinada dos pinheirais, mais as florestas da zona temperada, mal atingem a extensão das matas virgens, tropicais que ainda estão quasi intactas. (3) A situação do mundo é tal que, no Hemisferio Ocidental, dentro de cincoenta anos, o centro da produção de madeiras se deslocará inevitavelmente dos Estados Unidos para o Brasil. E' aí que se encontra a mercadoria. No Brasil existe maior quantidade de madeira em condições de ser prontamente exportada, que em qualquer outra região do globo. Pode-se ter a certeza de que os madeireiros norte-americanos, como lobos sobre uma manada de caribús, cairão sobre elas tão logo tenham liquidado com a carcassa das últimas Sequoias, cedros de Douglas e pinhos do Sul. Que fará então o Brasil. A ocasião de se darem ordens de batalha é antes da partida do exercito.

Duas fórmulas existem de se jogar essa partida. Uma delas é seguir as normas de sua irmã do Norte, os Estados Unidos da America. Tratar a floresta como u'a mina e não como cultura de safras contínuas. Aceitar o odio do lenhador à floresta, como filosofia nacional. Considerar a mata simplesmente como inimigo do lavrador, do pastor e dos povoados ; coisa a ser destruída pela ação do fogo se não puder ser abatida a golpes de machado. Negar que a sociedade, como entidade de

(3) ZON & SPARHAWK, *Recursos Florestais do Mundo*, I, 14.

existência continua, tenha qualquer direito ou interesse que colida com a exploração da propriedade particular. Fazer uma concessão florestal a cada político agregado à sucia dos poderosos. Alienar a propriedade pública até que todas as grandes reservas de madeira tenham gravitado para as mãos avidas dos graúdos. Depois, isolar o dorso desnudo das Montanhas Rochosas e as pastagens pedregosas onde os rebanhos em vão procuram seu sustento, dando-lhes o pomposo nome de "Florestas Nacionais". E, finalmente quando as últimas reservas florestais já estiverem situadas a distâncias fabulosas e a madeira tiver subido tanto de preço a ponto de constituir sério impedimento às construções, começar a recomprar aos lenhadores as terras já exploradas e queimadas para — a um custo colossal para os cofres públicos — começar o trabalho secular de reflorestamento em uma zona que nunca deveria ter sido completamente despida de seu revestimento vegetal.

Então poder-se-à fazer um pomposo relatório, à feição do que dirigiu o Silvicultor Chefe ao Governo dos Estados Unidos : (4) tendo arrasado dois terços da vegetação que cobria o território Americano quando Colombo aqui veio ter, e às portas da mais completa escassez de madeiras, estamos talhando fundo o nosso *capital* florestal para atender a três quartos do consumo anual ; que 52.000 incendios de matas, ocorridos em 1922, destruíram 3.200.000 hectares de florestas ; que, para cada proprietario que inicia o reflorestamento de suas terras existem centenas de vândalos que abatem e queimam o mato pelo mesmo velho e criminoso sistema de seus antepassados ; que ao passo que o Governo comprou, nestes últimos anos, cêrca de 1.200.000 hectares de terras devastadas e abandonadas pelos le-

(4) W. B. GREBLEY, Chefe do Serviço Florestal Americano, "Balanco das Reservas Florestais). *American Forestry*, Dec. 1923.

nhadores de Leste, cêrca de 30.000.000 de hectares de terras virgens ao Sul e a Oeste do país, foram da mesma fôrma depredados e inutilizados.

“Asnos selvagens em pleno sertão”.

A segunda fôrma de se jogar a partida florestal consiste em partir de princípios diametralmente opostos. Teremos que nos convencer de que o quadro que entrar em campo, daqui a cem anos, terá direito de encontrar o gramado bem conservado, apesar de que, nesta magnifica tarde de outono, perdemos o tempo “chutando em goal”, com os nossos pesados sapatões de esporte. Teremos que nos lembrar de que a humanidade de daqui a 10.000 anos — os nossos descendentes, — irá depender das mesmas fontes de materia prima de que hoje dependemos : sólo que lhes produza generos alimenticios e pastagens, minas, mananciais e florestas.

“Porque não cultivar quanto mais terras pudermos? indaga o lenhador afiando o seu machado. “Poderão os nossos descendentes comer pinho ou peroba?”

Mesmo a essa pergunta sarcastica, não se pode dar uma negativa categorica à vista das últimas experiencias de se administrar ao gado serragem hidratada. Mas, a idéa do lenhador, não é exequivel, porque ha muito terreno no mundo que não serve para a agricultura e que, no entanto, pôde produzir excelentes florestas. Muitas terras existem, de conformação tão acidentada que, se lhes arrasar o mato, o diabo terá que arcar com as consequencias. As cabeceiras dos rios precisam ser mantidas sempre à sombra das florestas, para que não lhe seque a nascente e para que as águas, desgovernadas, não estraguem as terras, arrancando de sob os pés dos homens, a própria fonte da vida, para deposita-la no fundo estéril do oceano. Antes do homem pensar em culturas sistemáticas, provou que podia viver em regiões densamente cobertas de matas ; mas ainda não nasceu o agricultor capaz de alimentar por muito

tempo uma terra densamente povoada de homens e totalmente despida de mato.

De fôrma que, o primeiro ato inteligente de um povo medianamente interessado no futuro, será a delimitação das "terras exclusivamente florestais". São êssas areas que, pelo que se pôde prevêr, hão de ter à sociedade do porvir, maior utilidade, como florestas, que como terras de cultura, ou regiões desnudas. Se existirem propriedades privadas dentro de tais zonas, deverão ser desapropriadas, extintas, completamente aniquiladas! Regiões das quais depende a própria existência da coletividade não podem permanecer dentro da categoria de propriedades particulares. Outro princípio fundamental de tal política florestal, deve ser o de que ainda por algum tempo, será necessário que se disponha de suprimento regular, abundante e barato de madeiras para todos os fins; aplicações industriais e combustivel. Será também agradável ter-se um pouco de sombra onde descansar à tarde, um pouco de solidão para onde se retirar, quando a população das cidades tornar-se por demais densa. Mas, para que as florestas possam prestar ao homem os serviços enumerados, não podem estar elas situadas longe das zonas habitadas. Pequenas extensões de matas situadas perto das cidades e espalhadas por entre as zonas agricolas, são de muito maior utilidade que vastas extensões florestais na lua — e, no momento histórico em que vivemos, a maioria das matas virgens da Amazonia, em nada mais contribuem para atender as necessidades terrenas, que a mataria por ventura existente no nosso satelite prateado. A delimitação de tais "areas de produção florestal", implica na avaliação do consumo, provavel, com um seculo de antecedencia, da mesma fôrma que a dona de casa prudente, providencia os preparos para o jantar do domingo, antes que os armazens se fechem no sabado. Sem dúvida, ha de haver erros de previsão,

e, por êsse motivo, deve-se fazer uma revisão na avaliação, pelo menos uma vez cada cincoenta anos, à luz de conhecimentos mais recentes. A produção de florestas deve ser organizada de acôrdo com os princípios de silvicultura que visam a reprodução, bem como a colheita, a safra florestal.

A palavra "reprodução" remarca a diferença fundamental que existe entre o silvicultor e o lenhador. Ao contacto do último, ávido de lucros, a floresta abate-se, séca, some-se, desaparece. Do outro lado, porém, uma certa dóse de dedicação social e amor ao meio em que vive, leva o silvicultor a se utilizar e fazer reproduzir de maneira contínua, aquilo que o lenhador saquêa uma única vez.

Essas duas categorias de florestas, as de reserva e as de produção, conservadas de acôrdo com os princípios da Silvicultura moderna, representam um esteio permanente a qualquer organização nacional sólida. Quanto à proporção das terras produtivas que devem ser mantidas à sombra de florestas, só podemos falar de maneira geral. A França e a Alemanha dispõem das melhores florestas artificiais em todo o mundo. Na França, as matas ocupam 18% do territorio nacional, na Alemanha 24%. Nenhum dos dois países, porém, produz madeira suficiente para seu próprio consumo; ambos têm que importar grandes quantidades. Seria imprudência, se um país como o Brasil não conservasse coberto de florestas, pelo menos um terço da extensão total de suas terras produtivas. Assim teria 60% para culturas e pastagens e 7% para as aplicações improdutivas do solo.

Uma vez estabelecidas as "reservas florestais" e as florestas produtivas, a primeira questão a se decidir seria: a quem caberia a propriedade?

A isso responderemos sem hesitar: à União, aos Estados e às Municipalidades. Não existe uma zona

comum onde se possam conciliar os interesses antagônicos dos particulares e os da sociedade, com relação à posse das matas. Se fossemos donos de uma boa floresta (e esperamos conseguir uma concessão antes que o Brasil ponha em prática a nossa sugestão) estaríamos naturalmente interessados em reduzi-la a sólidos e redondos dolares americanos, tão rapidamente quanto a serra mecânica desse conta e como faria qualquer madeireiro sensato. Que interesse teremos nós, como particulares, em plantar uma nova floresta que só poderá ser comercialmente explorada, quando os nossos ossos estiverem brancos, no tumulto? Se se pode tirar alguma conclusão da história Americana, prova-nos ela que cada vez que o Governo abre mão de seus direitos sobre uma região coberta de matas, assina mais uma sentença de morte. Nesse sentido, será muito melhor que o Brasil tome o Canadá como paradigma.

No Brasil, depois de se terem separado essas duas categorias de florestas permanentes, restará ainda uma grande área de matas que terá de ser convertida em terras de cultura. Aí poderão os políticos localizar as suas concessões e com elas favorecer os seus amigos; são essas as terras que se devem vender aos lenhadores americanos; aí pode-se deixar que os agricultores nômades saqueem e queimem à vontade, durante as duas ou três gerações que se terão de passar, antes que esses nefastos hábitos possam ser definitivamente soterrados em uma cova bem funda. O Brasil, porém, deve escolher com bastante cuidado e defender energicamente as matas que quizer conservar para a comunidade de amanhã, antes que o vendaval da exploração capitalista desabe sobre o seu solo.

Mas, que medidas já tomou o Brasil nesse sentido? Onde terá que procurar luzes e orientação? Qual a próxima parada da partida?

Três foram os passos hesitantes que o Brasil tentou no caminho de uma política florestal inteligente. O primeiro foi em 1735, quando o Governador Gomes Freire de Andrade quiz garantir o fornecimento regular de madeira para a exploração mineral que então se processava em Minas Gerais, contra opinião dos mineiros complacentes que estavam malbaratando as matas na fralda ocidental da Mantiqueira. (5) Os mineiros venceram e lá se foram as matas. O segundo passo foi tentado em 1911 quando a Comissão de Investigações Geológicas publicou um mapa florestal em que se procurava discriminar as regiões originalmente revestidas, das que não apresentavam vestígios de o terem sido jamais. O último foi a promulgação, em Dezembro de 1921, da lei que estabeleceu o Serviço Florestal Brasileiro e traçou as suas diretrizes. Pelo que conseguimos apurar (em 1923) essa lei continúa sendo méra folha de papel sem expressão. O Governo brasileiro até agora nada fez para que um silvicultor de fáto entrasse em contacto com as selvas do país. O Brasil, portanto, acha-se actualmente no mesmo ponto em que se achava a India Inglesa, ha sessenta anos, quando o Governador-Geral convidou Dietrich Brandis para organizar o Serviço Florestal Indú.

E, é para a India que aconselhariamos o Brasil a voltar as suas vistas com relação ao problema. Nenhuma outra história, como a da India, encerra lições tão proveitosas ao Brasil com respeito à política florestal.

Em 1805 o Almirantado Inglês descobriu, para espanto seu, que dentro em pouco o carvalho só existiria nas baladas dos antigos poetas. O Rei indagou da India se podia contar com a Costa de Malabar para um fornecimento contínuo de téca. Daí resultou ser nomea-

(5) *História do Brasil*, SOUTHEY, III, 825.

do um Capitão da Polícia Inglesa, como primeiro Zelador das Florestas Indianas. Dentro de poucos anos essa autoridade alienou todos os direitos particulares dos indígenas sobre as florestas de Malabar-Travancore, com o simples expediente de pô-los inteiramente de lado. (6).

Por essa época começou, então, a tomar corpo a idéia de que a sociedade poderia atingir as suas altas finalidades pelas mãos calósas dos lenhadores ávidos de dinheiro. Se o Brasil conseguir aprender, sem sofrer as consequências, o que aprendeu a Inglaterra durante êsse meio seculo de exploração florestal inconciente, terá se livrado de 200 anos de arrependimento. A lição que teve a Inglaterra naquela região, consta da seguinte confissão de um alto funcionário inglês que permaneceu largo tempo na Índia: (7)

“Depois do periodo de arrendamento de matas a empresas particulares, seguiu-se uma política que falhou tanto em Madras como em Burma e na Províncias Centrais com relação à teca; nas acessíveis florestas das Províncias de Noroeste e nas matas do Himalaia, com relação ao “deodar”. Vastas extensões florestais de valor inestimavel foram abatidas por mercadores que não se interessavam pelo futuro da floresta; nem ao menos o Governo conseguiu renda equivalente à quantidade de madeira extraída. Exemplos desta natureza, abundam na história de muitas florestas européas, mas, a Índia não tirou proveito da lição, e, durante muitos anos as autoridades do país emprestavam a sua boa fé ao desastroso sistema de se arrendarem florestas a capitalistas, na esperança de que êstes fariam o necessário para que fossem plantadas novas árvores, em lugar das derrubadas. A esperança foi tão falaz na Índia, como no resto do mundo. Esse método sempre implicou e implicará, na destruição desapiedada e em ruina inevitável”.

(6) B. RIBENTROP, Inspetor Geral das Florestas junto ao Governo da Índia *A Silvicultura na Índia Inglesa* (Calcutá, 1900), p. 65.

(7) E. P. STEBBING, *As Matas Indianas* (Londres 1920), II, 511

Em 1852 deu-se a anexação de Pegú. A téca tinha sido sempre objeto de monopólio real na Baixa Burma e o principal artigo de exportação em Ragoon, de maneira que foi fácil estender o domínio público sobre todas as florestas, logo que a região caiu na posse da Inglaterra. A anexação foi a morte do capital. Propriedade pública era sinonimo de carne para os carnívoros. Os lobos do comércio de madeiras, puzeram-se imediatamente a prêar sobre os flancos da manada. A exploração capitalista, em pouco tempo atirou para a estrada de Mandalay tantas carcassas putridas de vegetais depredados, que Lord Dalhousie viu-se forçado a estabelecer uma política florestal destinada a salvaguardar o interêsse público.

E assim se fez, não porque a cabeça dura de John Bull manifestasse simpatia pelas idéas comunistas ou porque fosse dada à contemplação de filosofias utópicas, mas porque chegou à conclusão de que a propriedade ou a exploração particular das matas, redundava em sua extinção. Infelizmente só chegou a êsse resultado depois de um período de cincoenta anos em que tentou harmonizar a sua política de "laissez faire" com a continuidade do suprimento de matéria prima para o Império.

Quando a Inglaterra decidiu-se a pôr mãos à obra e pôr ordem em seu arranjo domestico, fê-lo da mesma maneira teimosa e radical que em tudo caracteriza o seu modo de agir. O despacho do Governador Geral, ao Secretário de Estado, datado de 1.º de Novembro de 1862, é de leitura proveitosa para o Brasil, e, ao nosso vêr, de significado ainda mais profundo para os Estados Unidos :

"Em primeiro logar é preciso que externemos a nossa convicção de que em caso algum será possível que o interêsse particular se harmonize com o público, na exploração florestal, a não ser sob um regime de tão severa fiscalização que reduzisse o particular à

situação de méros agentes do poder público... Aachamos que a idéa de dar a qualquer indivíduo particular a posse de uma floresta, deve ser posta de lado visto como tais direitos quasi que invariavelmente redundam na completa destruição das matas; em resumo, o interesse particular, nas condições atuais, não é apenas incompatível com o interesse público, é mais, inteiramente antagônico.

Aachamos também, que todas as florestas do Governo devem ser cuidadosamente separadas e consideradas inalienáveis; naturalmente, nos casos em que o direito particular já existia, ou tenha sido concedido por tempo limitado, deve ser êle respeitado, comquanto talvez fosse de boa política aliená-lo em condições razoáveis todas as vèzes que possível...

Não se pode dizer que toda as matas atualmente consideradas necessárias, ou dignas de serem conservadas, assim o serão indefinidamente, mas, são tão grandes as facilidades para a destruição das florestas, tão enormes as dificuldades para substituí-las e tão generalizada a crença do povo de que a devastação das matas constitue melhoramento necessário, que torna-se imprescindível estabelecer limites florestais e protegê-los da maneira mais formal e rigorosa...

Tendo-se conseguido fazer compreender, o quanto possível, que os limites assim estabelecidos deverão ser respeitados e tendo-se feito o levantamento de mapas e procedido ao reconhecimento de todas as matas, ter-se-á conseguido uma sólida base sobre que estabelecer uma administração florestal eficiente, cuja finalidade suprema seja a de se obter a maior quantidade possível de madeira, sem prejuizo de sua utilidade permanente... Florestas assim organizadas entrariam para a lista dos departamentos produtivos dos governos e o bom ou máu desempenho de sua administração se evidenciaria logo no orçamento florestal".

Depois de algumas observações palmares sobre a necessidade de pessoal bastante prático, o despacho continúa :

"Para que a organização seja de valor real e permanente, não deve assentar exclusivamente, e nem principalmente, sobre o fator pessoal; a organização deve ser tal que funcione com o auxílio de pessoas de capacidade comum, sob a direção dos melhores de sua categoria. E isto é o que se dá de maneira particular com a administração de florestas. Os resultados são difíceis de se conseguirem e a ruina, pronta em ocorrer, devido à inobservancia de princípios fundamentais, por indivíduos cuja ação isolada deve ser cerceada, tanto quanto possível, pelas autoridades administrativas locais".

Oh! a sabia e previdente Inglaterra! Em sua mesa de trabalho, numa Secretaria de Estado, em Londres, havia um estadista que podia, não só compreender a força dêsse argumento, mas, ainda enxergar com perfeita clarividencia que, de início, a política florestal indiana acarretaria despesas tais que nem sempre poderiam ser compensadas no mesmo exercício: compras de terras, plantações, abertura de estradas, obras de arte que deveriam ser consideradas como empate de capital, tão necessário e sólido, como a construção de uma grande barragem para irrigação.

Respondendo à proposta acima para fundação do Serviço Florestal Indiano, o Secretário de Estado assim se expressou:

“Para evitar a destruição das atuais florestas, torna-se necessária a estabilidade de uma administração consolidada que as mantenha em condições e extensões capazes de garantir o suprimento das gerações futuras. De um governo permanente, só se pode esperar que aguarde a oportunidade de auferir os proventos decorrentes de um artigo que leva de oitenta e cem anos para atingir a maturidade. A estabilidade, portanto, no limite do possível, é da maior importância, em qualquer organização administrativa florestal, e, portanto, o Governo de Sua Majestade aprova inteiramente a proposta de V. S. para o estabelecimento de um departamento independente em Calcutá”.

Nem recuou a Inglaterra ante uma completa inversão de sua política e o divorcio absoluto das teorias econômicas que prevaleciam no Seculo XIX.

“É-me bastante grato saber que V. S. chegou a conclusões idênticas às do Governo de Sua Majestade, i. e., que não se pode confiar a particulares a administração florestal, visto como o interesse individual, em muitos casos é oposto ao interesse público...”

No que respeita a considerações de ordem financeira, direi que, comquanto seja de se esperar e esteja eu convicto de que se não de fruir bons lucros das matas, uma vez postas sob a orientação permanente de uma administração prática e cuidadosa, ainda assim, o lucro não é o único ponto que se deve ter em mira, e, no estado em que atualmente se encontram muitas florestas, talvez não seja

possível delas tirar proveito imediatamente. Pode ser que em alguns casos seja até mesmo necessário fazer gastos, e, a meu vêr, sempre que de fato, isso se torne necessário, deve-se atender a essas despesas. Outra vantagem da administração permanente está em que se terá sempre a certeza de que, no futuro, tais despesas serão compensadas. Devo também frisar que os administradores florestais devem ter à sua disposição, pessoal suficiente, pois que de outra forma ser-lhes-à impossível, principalmente de início, impôr o regulamento e proporcionar proteção eficiente às matas sob sua guarda". (8).

Assim foi que a Inglaterra deitou o seu beneplacito sobre a silvicultura e a propriedade pública das florestas indianas. E, dentro em pouco, veremos como não havia motivo de preocupação quanto aos possíveis resultados econômicos das mesmas.

A primeira dificuldade foi encontrar homens capazes de dar execução a essa política radical. Quando Lord Dalhousie quiz por côbro à espoliação de Pegú, procurou uma pessoa que entendesse de florestas e que soubesse como dispensar-lhes tratamento científico.

Por essa ocasião, não existia um único silvicultor em todo o Império Britânico, mas, em compensação a Inglaterra não se achava aferrada a nenhuma forma de preconceito ou de falso orgulho. Sem hesitação, voltou as suas vistas para a Alemanha, em 1856, mandou vir Dietrich Brandis, silvicultor de grande tirocinio, para ser o primeiro superintendente florestal em Pegú, Tenasserim e Martaban. Os oito anos de trabalho, que dispendeu na Baixa Burma, revelaram suas qualidades de cientista e administrador, tendo sido depois transferido para Calcutá onde foi o primeiro inspetor geral das matas. Seu primeiro problema foi o do pessoal, i. e., o mesmo com que o Brasil se vê a braços atualmente. Brandis foi a Europa e de lá remeteu dois jovens silvicultores que haviam sido preparados para o servi-

(8) STEBBING, *As Matas Indianas*, I, 520-30.

ço florestal Alemão — Schlich e Ribbentrop — que mais tarde o sucederam no posto de inspetor geral. Ao mesmo tempo, antes de iniciar o seu serviço no mato, tomou providencias no sentido de assegurar um suprimento constante, comquanto limitado, de silvicultores técnicos, remetendo para as escolas florestais da França e da Alemanha, bacharelados escolhidos nas Universidades Ingêlsas. Ninguém, destituído de preparo técnico especializado, estará em melhores condições de formular um plano inteligente de reflorestamento, que um inspetor de transito, de calcular as fôrças da ponte de Brooklyn. Por outro lado, uma floresta perfeitamente administrada, apresentará, em cada rodísio, menor quantidade de mato e maior porcentagem de espécies uteis, adquirindo pôrte com maior rapidez que no estado natural. O silvicultor que não conseguir melhorar os processos naturais de uma mata virgem, não é eficiente. A floresta tropical, por excelência, é tão complexa que se fôr orientada por pessoas inexperientes, sobrevirá a ruína de maneira quasi tão inevitavel como se fôr entregue aos carinhos de um lenhador comum. A Inglaterra percebeu-o claramente. Durante muitos anos mandou preparar em Nancy, na França, os seus silvicultores. Schlich que era inspetor geral, foi então convidado a organizar a escola florestal no "Royal Indian Civil Engineering College" em Cooper's Hill, posteriormente transferida para a Universidade de Oxford.

Tendo-se providenciado para uma formação constante de cerebros, restava tratar do suprimento de olhos, ouvidos e braços: pessoal para os logares subordinados. Depois de algumas tentativas de se valer de leigos, fundou-se em Dehra e Dun, em 1878, a Escola Florestal para trabalhadores nativos. Havia ainda um curso semelhante, de dois anos, em língua Hindustanica, em Dehra Dun, e outro, em língua de Burma, em

Tharrawaddy, além de um curso anual, em inglês, na escola de Madras.

Durante os últimos vinte anos, tem constituído verdadeiro axioma, no Serviço florestal Indiano, a idéa de que nem mesmo os guardas da floresta podem ser leigos, se se quizer que desempenhem com eficiencia as suas funções. Para todos os postos, desde o de simples guarda da floresta, até o inspetor geral o funcionário recebe instrução condizente com seu cargo e o seu desenvolvimento.

Essa organização dada ao Serviço Florestal Indiano, tem provado a sua eficiencia de todas as fórmulas. Se, financeiramente não tivesse dado resultados, já teria sido certamente abandonada de vez. Durante os primeiros cinco anos de organização, em que se não esperavam lucros, Brandis conseguiu um saldo anual de £ 90.000. Quando Schlich succedeu-o na Inspeção Geral, o saldo do exercício 1884/5 foi de £ 207.000. Quando Ribbentrop, — o último inspetor geral alemão — aposentou-se, em 1900, tinha conseguido elevar o saldo líquido anual para £ 600.000. E, em 1920 os silvicultores ingleses que dirigiram o Serviço Florestal Indiano no século XX, puderam apresentar proventos anuais de £ 1.584.000. (9)

(9) A esta altura já se pode chamar a atenção do leitor para um ponto que este relato demonstra cabalmente. Cada reorganização e cada aumento de pessoal, — com conseqüente aumento de despesas — feitos para o desenvolvimento das florestas, eram rapidamente seguidos por considerável aumento, tanto nas rendas brutas como nas líquidas. Se houvesse maior liberalidade nessas questões, em épocas anteriores, parece não haver dúvida de que os resultados de hoje poderiam ser muito maiores. Por exemplo, durante o quinquênio de 1864 a 69, a receita bruta anual montou a Rs. 37.40.000. as despesas a 23.80.000 e os lucros líquidos a Rs. 16.30.000; durante o período de 1884 a 89, a receita bruta foi de Rs. 116.70.000, as despesas de Rs. 74.30.000 e os resultados líquidos de Rs. 42.40.000; durante o quinquênio de 1894 a 99 a receita bru-

A política da propriedade e administração governamentais das florestas, adotada pelo Serviço Florestal indiano ficou comprovada pela completa falencia da política contrária, a da exploração particular. Brandis foi tão violentamente atacado pelos que se julgaram prejudicados em seus interesses, que as florestas de Pegú foram de novo confiadas aos arrendatários. As matas de Tharrawaddy, ao lado das primeiras, continuaram em poder do governo e foram trabalhadas pelo sistema de contrato. Resultado: nas florestas de Pegú, o governo sofreu pesadas perdas enquanto que nas de Tharrawaddy auferiu sempre lucros vultosos e constantes. (10)

O Serviço Florestal Indiano provou a sua capacidade de manter supridos os mercados de madeira. Além disso, os silvicultores conseguiram reflorestar as áreas exploradas, apresentando hoje matas mais produtivas e uteis ao homem que quando Brandis assumiu a sua direção, em 1864.

Habil foi a forma por que conseguiu transmutar a agricultura nômade, de malefício que era, em benefício inestimável. Tendo persuadido muitos desses vândalos hereditários a semear téca juntamente com o seu arroz fez com que o sistema que desde o berço da raça vinha devastando as matas, se convertesse em criador de verdadeiras plantações de téca, a um custo muito inferior ao de uma plantação regular.

ta foi de Rs. 172.00.000, as despesas de Rs. 98.00.000 e os lucros líquidos de Rs. 79.20.000. Em 1919/20 esta última cifra foi triplicada. STEBBING *As Matas Indianas*, prefácio, Vol. II. p. vi.

Comunicando a aposentadoria do Sr. B. Ribbentrop, o Governador Geral frisou que "Durante a sua gestão a receita bruta das florestas subiram de 102 "lacs of rupees" em 1884/5, para 190 "lacs" em 1898/9 e o produto líquido de 31 "lacs" para 90". Idem II, 615.

O "lac" é igual a 100.000 rupias, e, pela lei de 1897, a rupia foi fixada na razão de 15 para uma libra esterlina.

(10) RIBBENTROP, *A Silvicultura na Índia*, p. 74.

Tão bem provou o Serviço Florestal Indiano que os seus funcionarios foram chamados a iniciar obra semelhante em todas as matas onde a Inglaterra tinha interesse, desde Sião até o Sul da Africa. Resolveram a maioria dos problemas que ainda afligem o Brasil atual, em condições perfeitamente identicas. E, a prova de que essas soluções satisfizeram o espírito materialista do inglês, temo-la no fato de ter sido o Sr. Dietrich agraciado com títulos honoríficos britannicos.

O próximo passo que o Brasil tem a dar, é evidente. Antes de proceder ao isolamento das florestas nacionais, terá que fazer um completo reconhecimento das que já estão sob domínio público, tanto da União como dos Estados, e, isso só pode ser feito por silvicultores experimentados em florestas tropicais. No momento, não existe brasileiro algum com as credenciais necessárias para a organização de um serviço florestal; nisso também o Brasil deve seguir o exemplo da Inglaterra: mandar buscar técnicos de fóra. Os serviços florestais da Índia, França, Holanda e Filipinas, dispõe de pessoal competente e abundante para que recorrer.

Para auxiliar os trabalhos de reconhecimento a serem executados pelos especialistas, devem-se indicar moços de boa cultura e físico adequado, de cada um dos Estados florestais brasileiros. Os que demonstrarem aptidão para o trabalho agreste e vocação inequivoca para a vida rustica, — isto é, a antitesse do brasileiro burocrata — deveriam ser enviados a Nancy, Oxford ou Yale para se prepararem em silvicultura tropical. Quando êsses primeiros técnicos brasileiros tiverem levado de volta para a Patria, os conhecimentos adquiridos na Europa e na America do Norte, se não antes, deve-se providenciar para a fundação de um curso de silvicultura na Universidade do Rio de Janeiro. Além dêsse curso, deve haver pelo menos cinco outros destinados a operarios: um, nos pinheirais do Paraná;

outro, nas matas paulistas ; outro, nas florestas litorâneas do Rio Doce, ou Sul da Baía ; mais um, nas regiões Nordestinas, e, finalmente, um na bacia Amazônica. Uma vez funcionando essas escolas, os Estados poderiam organizar os seus serviços florestais sob a superintendencia geral do Serviço Florestal da União que faria a centralização dos trabalhos e as pesquisas por todo o territorio da grande República.

O solo onde a silvicultura devera lançar as suas primeiras raízes, não é o do Amazonas e sim o das florestas proximas aos centros civilizados : São Paulo, Paraná, Santa Catarina, as florestas do Rio Doce e do Sul da Baía. Minas já avançou demais no caminho da devastação de suas matas : São Paulo, também já não poderá separar matas de propriedade do Estado, e, a continuar no passo que vai, dentro de mais um quarto de seculo, não existirá mais uma única tóra para serrar entre Santos e a Bolívia.

O problema florestal brasileiro assume aspecto ainda mais grave, pelo fato de quasi todas as terras de propriedade do Estado terem passado para mãos de particulares. Se, entretanto, os Estados ricos em matas, convencerem-se de que a política florestal foi creada na India, em Java e nas Filipinas com fins lucrativos, para produzir uma renda constante ; se se persuadirem de que só com a mobilização dos seus recursos florestais, poderão êles atingir o mesmo nível econômico dos grandes Estados agrícolas ; se conseguirem perceber na silvicultura, a mais eficiente das armas para a conquista do baixio Amazônico, a solução do problema não será mais fácil no Pará, no Amazonas e em Mato-Grosso que em São Paulo.

O estadio está totalmente ocupado pela élite do mundo ocidental. O prélio, u'a maratona, dessas tão apreciadas na America do Norte desde que Zev fugiu do vencedor do Derby e Dempsey abateu o "tôro de los

Pampas". Agora, porém, a corrida é para a determinação do mais inteligente aproveitamento florestal. A distância é de duas milhas : cada milha um século. As probabilidades são de 10 a 1 em favor daquele belo rapagão loiro e musculoso com duas iniciais "U. S." dispendidas sobre o peito. São poucos os que dão alguma cousa pelo corredor tostado, o brasileiro.

Ao tiro de partida, todos largam, mas, com tal diferença de velocidade que o brasileiro parece chumbado ao solo. O favorito anglo-saxão faz a primeira volta em tempo recorde ; passa pelo marco do século XIX com a velocidade de uma corça assustada. Por essa ocasião, a deanteira já é tamanha que os apostadores já vão se encaminhando ao "guichet" para receber o produto de suas pules. "Alto lá"! A assistência eletriza-se. Não pôde haver atleta, por mais vigoroso que seja, capaz de manter essa velocidade, numa corrida de resistência. Pelo marco de 1950 êle já está exausto. Sobre o desastre ; parte-se o último galho de madeira indígena, em seu arcabouço alquebrado. Um fremito de surpresa sacode a assistência.

"E, se o Latino-Americano tiver a tática de economizar as suas forças e conquistar a vitória a passo?"

Aí está o problema do Brasil : fazer o percurso calmamente e não na velocidade de um exprinter.

O segredo consiste no seguinte :

As florestas de coníferos e as matas das zonas temperadas, não poderão suprir o mercado mundial ainda por muito tempo. O dia das florestas tropicais já vem nascendo.

A Índia, a China, o Mediterrâneo e os Estados Unidos, demonstram à saciedade que não pode haver banco, por maior que seja, em que se possam sentar, a exploração capitalística das matas e a produção contínua, sem atulhar. A silvicultura é função da coletividade. A desnudação de terras que deveriam estar cons-

tantemente à sombra de vicejantes florestas, constitúe uma fôrma de pilhagem pela qual a sociedade terá que pagar preço escorchante. Se se quizerem apenas algumas semanas de pandega, adote-se a fôrma comum de exploração das matas e cáia-se na farra ; se, porém, se quizer um casamento duradouro, escolha-se a outra mulher. A poligamia estraga o temperamento de ambos.

Se se adotar a bôa política florestal do domínio official sobre as matas, o Brasil terá que demarcar nada menos que um terço de sua area total e confiá-la à administração de pessoal competente.

E a fôrma de se conseguir pessoal capaz bem como de se administrar uma floresta, pode-se aprender no Serviço Florestal Indiano.

Tudo quanto se possa fazer para que a silvicultura, nas zonas temperadas, seja produtiva, nos Trópicos produzirá frutos dobrados ou triplicados. A despeito dos resultados que o calor e a humidade constantes possam ter sobre o homem, o fato é que proporcionam condições excelentes para o desenvolvimento das matas. Custa tanto tirarem-se três safras de mogano em um seculo, como uma única de carvalho. De outra fôrma não atingirá, a conquista do Brasil, a sua expressão máxima para o brasileiro.

CAPÍTULO XX

PODE A AMAZONIA SER CONQUISTADA?

“Quantos colonos hão de perecer nos países novos, simplesmente por não compreenderem a necessidade de congregar os seus esforços !”

— PRINCIPE KROPOTKIN, *Mutual Aid*.

(Auxílio Mutuo)

POUCAS situações tão intrigantes encontrará o viajante pelo mundo, como a de ficar ancorado ao largo de Nossa Senhora de Belém do Grão Pará : a boca do caudal imenso, em cujo cálido seio o degelo das neves andinas se aquece. As luzes cintilantes das boias do canal e a garrulice dos navios presos às ancoras.

Ao poente, trévas e silêncio. Como isso impressiona o coração do viajante ! Índios nús pelas praias do Xingú, jacarés arrastando-se pela lama. Passaros de ricas plumagens ; frutos desconhecidos. As águas escuras do Rio Negro esgueirando-se, apertadas, entre a corrente barrenta do Amazonas e a barranca do rio. Pastagens, pestilencia e poesia. Mansão verde onde habita a fantasia de Hudson. As trilhas sem fim que La Condamine foi o primeiro a cartografar. Cupolas reconditas onde o sol raramente penetra, mas, onde ainda se aprazem em vagar, os fantasmas de Bates, Wallace e Agassiz.

Tudo isso nos atráe o espírito com a fôrça da primeira paixão.

Entretanto, existe algo no Amazonas que repele como a mão gelida da morte. O mapa das águas é tão cheio de linhas quão despido delas, é o demografico. Vazio como as areias do Saara, ou de Gobi, ou as vastas capoeiras Australianas. Tão vazio como as alvas planícies da Siberia.

Porque será que na mesma região onde, ha cento e vinte e cinco anos passados, Alexandre Humboldt imaginou cidades prosperas e civilização florescente, a população é de apenas uma pessoa por milha quadrada, em extensão igual à de quinze Estados do Vale do Mississippi?

Porque será que as suas matas, que em tempos idos estavam no espirito do homem, tão intimamente ligadas à idéa da borracha, como a fórmula esferica à bola, — florestas capazes de cobrir toda a região que vae das Montanhas Rochosas aos Appalachians — produziam em 1926, menos borracha que uns poucos seringais na Sumatra?

Porque será que o porto de Belém, servindo metade do continente Sul-Americano, é menos importante que o de Providencia, alimentado apenas pela Rodhe Island?

Porque será que todos os profetas do otimismo, a partir de Humboldt, arruinaram a sua reputação ao escreverem sobre o Amazonas?

Porque será que a mata continúa crescendo, serenamente, sobre o tumulto dos anões que vêm tentando domina-la, durante quatro seculos? O fato é inegavel. Não foi sem razão que certo autor brasileiro chamou as florestas do Amazonas de "Inferno Verde".

Antes de descermos aos círculos desse enigma infernal, vamos construir um portal para demarcar o ponto da nossa penetração, pois, muita gente que se aventurou no labirinto da especulação amazônica, mais habeis que nós, talvez, jamais de lá voltou. Plantemos dois

pilares bem solidos : no da esquerda, afixaremos cartazes em letras grandes, com tudo o que se puder dizer em favor da Amazonia ; no da direita, o inverso. Espreitando, desconfiada, entre as duas colunas, talvez se consiga distinguir à distância, uma luzinha piscando por entre a ramaria.

Depois de quatro anos na Amazonia, Alfred Russel Wallace saiu tão entusiasmado, como Humboldt. Afixaremos algumas de suas palavras ao Pilar do Otimismo :

“Constitue erro vulgar dizer-se que a vegetação luxuriante dos Tropicis aniquila o esforço do homem. A verdade reside justamente na afirmativa oposta : em nenhum outro lugar, são a natureza e o clima tão favoráveis ao trabalhador.

Que inestimáveis vantagens oferece uma região em que o inverno jamais interrompe as atividades agricolas . . . onde quanto menos roupa mais conforto e onde centenas de pequenas necessidades dos climas frios são inteiramente superfluas. Com relação ao clima, repito, que o homem pôde aí trabalhar tão bem como durante o verão na Inglaterra e que se trabalhar apenas três horas pela manhã e outras tantas à tarde, terá produzido muito mais elemento de conforto e necessidade que em doze horas, na Inglaterra.

Afirmo sem receio de errar que as florestas primevas destas regiões, podem perfeitamente ser convertidas em ricas pastagens, prados, terras de cultura, hortos e jardins, contendo as mais variadas espécies de produtos e tudo isso, em menos de metade do tempo que seria necessário no meu país, apesar de que lá teríamos terreno limpo para iniciar a cultura, ao invés de florestas virgens.

Afirmo agora, sem hesitação, que, duas ou três famílias, com meia dúzia de homens e rapazes laboriosos e inteligentes, capazes de mobilizar um capital de cincoenta libras, poderiam em três anos, ter tudo a que acima me referi” (1).

Wallace escreveu em 1853. Seduzidos por essas informações super-otimistas, cêrca de duzentos compatriotas nossos, desgostosos com o desfecho da Guerra da Secessão, para lá emigraram formando uma co-

(1) *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*, (Londres, 1853).

lonia perto de Santarém, na fóz do Tapajós, afim de pôr à prova as teorias de Wallace. Muitos dêles eram aventureiros irresponsaveis, de Mobile, mas, êsse punhado de americanos foi logo aniquilado. As famílias que Herbert Smith visitou em 1874, satisfiziam a todas as condições ditadas por Wallace, mesmo assim, porém, a colonia americana estava reduzida a cincoenta pessoas. E era gente do Tennessee, Mississippi e Alabama, que conhecia a vida do sertão; homens esguios e resistentes, com suas mulheres e filhos, que para lá tinham ido de vez. Essa experiência terá que ser afixada à coluna do Pessimismo. Depois de sete anos de luta, Smith encontrou-os sobre-carregados de dividas, em condições miseraveis, com o físico abatido e o espírito desanimado. (2) O nosso adido comercial do Rio de Janeiro, que ultimamente visitou a região, na qualidade de chefe do serviço de investigação da borracha, informa-nos hoje (1926) que dêsses americanos, só restam doze ou quinze, inclusive a segunda geração! O único Norte-Americano dessa colonia, que se pode dizer vencedor foi o que começou com capital consideravel.

Ainda na coluna da direita, teremos que pendurar a lista das pragas que atormentam o homem e destróem o produto de seu trabalho. (3)

Também ao lado pessimista do portico, pertencem duas declarações bastante claras do Coronel G. E. Church, que conhecia a America do Sul tão bem ou melhor que qualquer outro Americano:

“Afirmou-se, algures, que as tribus do Amazonas não têm as qualidades mentais necessárias para emergirem do seu atual estado de selvageria; mas, também pode-se perguntar, que foi que fez o civilizado durante os quatro seculos em que tem estado de pos-

(2) H. H. SMITH, *Brazil, Amazonas e litoral*, p. 141.

(3) Vide Capitulo III § 6.

se do vale? Será que também a êle faltam os atributos necessários para combater as forças da natureza, mobilizar e desenvolver os recursos do anfiteatro, tornando-o a morada do maior dos povos? A verdade é que, com todas as vantagens de que dispõe, é ainda peor alimentado que os seus antepassados aborígenes" (4).

A segunda é ainda mais surpreendente, mas, talvez igualmente verdadeira :

"... talvez não existam 25 milhas quadradas de culturas em toda a bacia (Amazonica), exceto as pequenas e rudimentares plantações situadas nas montanhas, à cabeceira dos rios, e, portanto, inacessíveis ao comércio. As exportações do vale são constituídas quasi que exclusivamente de produtos da floresta" (5).

Encimando o nosso portico, coloquemos uma trave ligando a solida coluna do Otimismo ao bem fincado pilar do Pessimismo. Sobre ela escreveremos em letras bem visíveis a palavra CHUVA. Pois, tudo que o homem fizer no Amazonas ficará tão molhado como ficaria sêco no Saara. Humido, fumegante, embolorado na estação "sêca". Na época das águas, tudo escorregoso, o barro mole; os rios transbordantes, bramando; a gente molhada, desanimada, afogada. Tal é a projeção dessa realidade irreductivel, que estamos inclinados a condensar o problema fundamental da conquista do Amazonas numa única interrogação : Pode o homem ser feliz na chuva?

Ainda que a zona cultivada fosse dez vezes maior que 25 milhas, — seria necessário afirmar-se que tão vasta região como a bacia Amazônica continuaria destituida de agricultura? Resultados tão insignificantes escapam à nossa capacidade de observação. Se a atual geração de amazonenses ainda é peor alimentada e abrigada, que os índios nús nas malocas, no comunismo pri-

(4) Os aborígenes da America do Sul. pp. 13-14.

(5) Enciclopedia Britanica, artigo sobre o Amazonas de C. E. CHURCH.

mitivo (e nós o crêmos) ; se a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, que faz correr um fremito de civilização pela espinha do imenso aranhól hídrico, difficilmente consegue manter um trem por semana, sobre um leito que teima em reverter à selva, pode-se afirmar que em quatrocentos anos, o luso-brasileiro não conseguiu nem ao menos praticar um leve furo na casca dêsse enorme queijo verde. Na coluna do credito, quatrocentos anos de remo em punho, subindo e descendo o rio; do lado do debito a eliminação quasi completa da população aborigene e a mutilação de algumas seringueiras.

A castanha é mesmo dura de abrir. Não se deve entretanto esquecer de que às vezes, o que é difficil para uma geração, pode ser fácil para outra. Ante o Zulú despido e armado de uma azagaia primitiva, o leão parece uma féra temível ; mas, deante do inglêss armado de rifles de alta potencia, muitas vezes tem-se a impressão de que o rei dos animais não passa de um tímido gatinho. Quantas gerações pasmaram-se deante da prodigiosa fôrça do Niagara, amesquinhadadas pela imensidade de suas proporções. Entretanto, os modernos engenheiros electricistas já atrelaram êsse monstro poderoso, ao carro do progresso. No calor e na humidade do Amazonas reside uma fecundidade, uma tão impetuosa fertilidade, que, comparada a dos campos sulcados pelo arado, nas zonas temperadas, está na mesma proporção que o Niagara para o Hudson. Fôrça tão monstruosa, que até agora, no Brasil, o homem não conseguiu sequer produzir o menor sinal de sua presença, na mata-virgem. Não nos é possível, porém, contemplar as culturas e as populações de Java, Sumatra e das Filipinas, sem que a certeza nos venha, de que, dia virá em que uma geração de homens ousados e fortes, ha-de contrôlar os prodígios de fertilidade e de fôrça que sem dúvida existem no anfiteatro amazônico, da mesma forma que o Niagara obediente, trabalha hoje a serviço do

homem. E, à vista do completo fracasso que empanou as glórias proféticas do nosso ilustre predecessor, aventuramo-nos a vaticinar que a conquista do Amazonas dar-se-á um dia.

Atravessemos agora o pórtico que construímos e adornamos com a palavra dos sábios.

No terceiro capítulo dêste livro descrevemos a planície Amazonica vista de cima, de antes da linha das cachoeiras. Aqui, porém, torna-se necessário fazer-se nítida distinção entre a terra firme do baixio e os pantanais alagadiços da Amazonia. Esta faixa barrenta sempre, humida, varia entre quinze milhas e mais de cem de largura, margeando o caudal desde a foz até quasi ao sopé da Cordilheira dos Andes. Estende-se também pelos flancos dos cursos inferiores de seus afluentes. E' êsse o terreno de aluvião, recentemente formado pelas correntes. Jamais se eleva além de algumas polegadas acima da enchente máxima e grande parte da aluvião, permanece inundada durante o ano todo. Á medida que o Equador se desloca para cá e para lá, sob o sol a pino, produz uma pulsação tal, no regime torrencial, que origina os deluvios periódicos da Amazonia. No curso inferior do gigante, abaixo de Óbidos, a enchente máxima nunca excede a 12 metros sobre a jusante mínima. Em Tefé, porém, no Alto Amazonas, são duas as convulsões anuais do rio-mar: uma de apenas 5 metros em Novembro e Dezembro e outra de 15, em Junho. As arterias entumecidas da região do Purús, elevam-se de 20 metros quando o caudal se enraívece.

A zona alagadiça do baixo Amazonas encerra vastas extensões de campos, que são alternadamente cobertas pelo lençol líquido das águas, ou fustigadas pela soalheira causticante, distribuidas em manchas que se unem umas às outras por discretas faixas de mata virgem. No Alto Amazonas, essa região alagadiça é, em sua maioria, co-

berta pelo eterno tapete verde da floresta. Durante a enchente, pode-se navegar em canôa por dentro do mato por centenas de milhas, tocando em troncos que, na vazante estariam a 10 metros acima de nossas cabeças.

A terra firme demora à retaguarda do babado alagadiço e tem bastante altura para jamais ser atingida, ainda pela mais alta enchente. Também, esparsas pelo pantanal, encontram-se ilhas e montanhas de terra firme.

E' precisamente essa faixa alagadiça, a de mais difícil acesso, a menos saudavel e a mais flagelada pelas pragas, em toda a calha Amazonica. Lá o gado tem capim luxuriante quando o rio está baixo, mas, quando a água sóbe, as manadas perecem aos milhares. Também para a população humana, a vida aí, cifra-se numa alternativa de abundancia e de miseria. E, entretanto, a ação do homem só se tem feito sentir na margem dos rios. Atualmente, toda a população branca do vale, acha-se empoleirada nessas pequenas ilhas de terra firme que aqui e alí se sobelevam ao terreno encharcado. Duvidamos que aí o homem consiga progredir mais em mil anos do que já prosperou em quatrocentos.

Á medida, porém, que nos afastamos dos rios, as condições se revelam inteiramente outras. A terra firme da planície é infinitamente melhor, para a habitação humana que os pantanais da faixa alagadiça, e, progressivamente as terras elevadas que demoram além da borda da calha Amazônica, são incomparavelmente melhores para o homem, que as terras firmes do baixio.

Para que a conquista do Amazonas seja alguma coisa mais que méra curiosidade de viajante ancioso por voltar ao aconchego de seu lar setentrional, é preciso que o ataque ao vale venha do Sul, do Planalto Central e não dos pantanais maleitosos que debruam o leito dos rios. Deixem-se os alagadiços aos saurios. A única via de acesso é pelo Sul.

E, a arma com que iniciar a ofensiva não deve ser o individualismo sertanejo, mas, o coletivismo moderno armado com as armas percucientes do saber.

O Norte-Americano tem, na conquista do Oeste, uma analogia perfeita. Quando os nossos antepassados atingiram as aridas terras dos Montes Rochosos, não foi possível a conquista sem o auxílio oficial, sem a ação cooperativa e sem grandes somas de capital. "Em uma palavra, a propria província fisiográfica determinou que esta nova fronteira seria social e não individual" (6) i. e., precisamente da mesma fôrma que o Amazonas exige a ação social ao invês da individual.

O comunismo primitivo constituiu a arma com que o índio enfrentou a Natureza no seio dêsse Império das Aguas. Viu como o porco do mato se transforma em inimigo temível, quando atacado pelo jaguar, pela simples manifestação de solidariedade de toda a vara. Estudou os habitos sociais do papagaio. Aprendeu com o macaco a significação do auxílio mútuo. E, perguntamos nós, em que pôde o individualismo do desbravador brasileiro, ser considerado superior ao comunismo primitivo do índio se, como frisou o Coronel Church, o sertanejo de hoje é peor alimentado que seus antepassados das selvas?

Da mesma fôrma, o coletivismo moderno constitúe a arma única de que se poderá valer o brasileiro, para vencer o selvagem no cenário Amazônico, Tocamos aqui na principal diferença entre a civilização Anglo-Saxonia e a Latino-Americana. (7)

E o Brasil terá que se valer de todas as fôrmas de ação coletiva: associações espontaneas, extra-legais; todo o poderío da ação governamental; a fôrça social

(6) FREDERICK TURNER, *O Sertão, na Historia Americana*, p. 257.

(7) Vide LESTER F. WARD, *Sociologia Pura*, p. 567.

de grandes organizações dispondo de largas somas de capital além de outros recursos a serem ainda descobertos.

Imaginamos a conquista do Amazonas como a continuação, no tempo e no espaço, da conquista de Goiaz e de Mato-Grosso. Quando uma população densa e inteligente, capaz de cooperar, se tiver desenvolvido no Planalto Central, onde nascem os afluentes sulinos do grande rio, o limite entre a civilização e a barbarie irá se deslocando lentamente, decada por decada — seculo por seculo, talvez — até finalmente rolar pelo talude abaixo e assenhorear-se do baixio Amazônico. Não será, porém, pelo processo de atirar-se um degredado para dentro do mato na esperança de que escape às garras de seus inimigos. Será antes uma batalha. Cada nova arrancada deverá ser planejada com infinitos cuidados. A engenharia sanitaria de um governo clarividente, fará o reconhecimento do terreno antes do choque da tropa, cujas perdas serão de qualquer maneira, bastante elevadas. Cada palmo de terreno conquistado, terá que ser ocupado por um exercito de agricultores, boiadeiros e mecânicos. O fruto do seu trabalho não terá que saltitar furiosamente sobre a pororóca de mil corredeiras, para depois arrastar-se sobre as margens paludosas dos grandes rios; irão para o Sul sobre as paralelas de aço que hão de ligar o Amazonas à civilização paulista e mineira, tão intimamente como um porco-espinho às suas agulhas.

Saber-se se êsse ataque será ou não levado a efeito antes que os vanguardeiros volvam suas vistas para o maior rio do mundo, contorcendo-se no pantanal como enorme sucurí empanturrada, não é coisa que se possa precisar. Depois que se tiver conquistado o Planalto e as terras firmes do baixio, ainda haverá tempo bastante para se pensar na conquista do pantanal. Durante a próxima centuria, pelo menos, em que o baixio

continuará sendo acessível apenas pelas vias fluviais, será maior a produtividade da Amazonia, se fôr ela considerada como região precipuamente florestal. E' indispensavel, porém, que lá se estabeleça o maior número possível de individuos produtores de generos alimentícios e criadores de gado. Mas, antes que as estradas de ferro do Planalto atinjam os desembarcadouros dos rios amazônicos, é necessário que o silvicultor — e não o agricultor — seja o conselheiro, o braço direito dos estadistas ribeirinhos.

CAPÍTULO XXI

POSSIBILIDADES DEMOGRAFICAS

“Nenhuma tésé foi jamais tão debatida como a de Malthus, de que a espécie humana tende a se multiplicar além das suas possibilidades de subsistênciã. . . Nas discussões de ha meio seculo, ambas as correntes partiam do princípio de que a super-população é um mal e sómente um mal. Sabemos, porém, agora que sómente as populações em que se nota o maior índice de natalidade é que determinam o progresso. A riqueza, a arte, o saber e a finura, pressupõem uma certa densidade demográfica e uma certa emulação. Onde prevalecerem essas condições, a luta pela vida desenvolverá o seu rigor pleno. A simpatia social e a capacidade de pensar de maneira abstrata, só surgiram quando os homens tiveram que se ombrear, uns aos outros e aprender a viver com os recursos de sua própria intelligencia, e, êsse inicio de sabedoria só veio à luz quando o número de indivíduos começou a fazer pressão sobre a subsistencia — não sobre os recursos, nem sobre a subsistencia potencial, mas, sobre a subsistencia de fato, que se consegue pelos métodos industriais em voga em cada época”.

GIDDINGS, *Democracia e Império*.

No mapa demografico, (1) certas areas aparecem em branco : menos de três sêres humanos por milha quadrada. A Australia inteira, com exceção da órla oriental e da Nova Guiné, está em branco. Em branco os desertos da Mongolia, as estepes da Siberia, a Arabia, o Saara e a parte Sudoeste da Africa. Na America do Norte, a baixa California, a maioria das Grandes Planícies e quasi todas as regiões que demoram ao Norte do 15.º paralelo. Na America do Sul, a Argentina me-

(1) Vide, por exemplo, BRUNHES, *Antropogeografia*, p. 72 ; e também o mapa demografico brasileiro, pág. 163 .

ridional, o Chaco, na zona Norte dêsse mesmo país, o Paraguai ocidental, os desertos do Chile e a Bolívia. Depois, segue-se uma grande mancha branca que cobre quasi três quartos do Brasil, abrangendo a totalidade da bacia Amazônica.

Esta distribuição da humanidade, não é, de fôrma alguma, definitiva. Na Asia e na Europa, tem havido população bastante e por tempo suficiente, para pôr à prova as regiões capazes de sustentar grandes massas humanas. Isso, porém, ainda não se deu na America do Norte. A America do Sul, então é, que jamais sentiu a menor pressão da população sobre os recursos naturais. A atual distribuição, nada mais representa que o caminho do menor esforço.

Se forem exatas as nossas idéas com relação às possibilidades de conquista da Amazonia — quando sujeita à pressão de uma grande população, dotada dos recursos vulgares da ciência Européa e Americana — a humanidade verá que ha menos terras inaproveitaveis na baixada Amazonica que em qualquer outra região do globo.

Vivemos em um mundo em processo de reintegração econômica ; processo tão rapido que a palavra soberania está perdendo o seu significado. As soberanias Sul-Americanas, que ainda hesitam entre a Igreja e o Estado, bem fariam em voltar às suas vistas para o fato de terem, certas potencias da Zona Temperada, conseguido um contacto muito mais íntimo entre Comércio e Estado. Um mundo atulhado, saturado, materialista.

Por melhor, porém, que seja o processo de povoamento e de luta, sob o ponto de vista cultural, os indivíduos apanhados pela engrenagem da maquina, sentem-se sempre esmagados. Os meninos que batem bola na rua não se convencem de que não devem ocupar os terrenos vazios. Os indivíduos que começam a sentir a

pressão da vida, sentem-se cada vez mais inclinados a emigrar para terras livres.

Desde a última arrancada dos Barbaros, sobre a Europa Ocidental, o grosso da população da Terra, os milhões de asiaticos, têm estado encurralados em seu continente. A "Noite de São Bartolomeu" que os espanhóes celebraram nas Filipinas, serviu de aviso aos chins, de que aquelas deliciosas paragens eram vedadas à imigração asiatica. Logo que os japonêses se mostraram inclinados pelas Ilhas do Hawai, os Estados Unidos revelaram as suas pretenções pela mesma região. Desde que construimos a Estrada de Ferro Union-Pacific, com "coolies" chinêses, o interior da America do Norte tem constituido tabú. Um indú é tão bem recebido no Canadá, como o ex-Kaiser no Palácio de Buckingham. Psicologicamente falando, a Australia é tão branca como o Polo Norte. O Sul da Africa é notoriamente pro-asiatico. A Asia é um vasto tonel em fermentação; 900 milhões de homens apanhados entre os dentes da maquina, sentem-se já triturados.

Durante o seculo XIX, os que se sentiam esmagados na Europa, emigravam livremente para os Estados Unidos. Com exceção dos asiaticos, démos agasalho a todas as raças distribuindo aos imigrantes propriedades de 160 acres, de terras devolutas. Pelas restrições impostas à imigração, depois da Grange Guerra, percebe-se que os Estados Unidos chegaram à conclusão de que podem desenvolver o seu domínio com apenas o progresso natural de sua população. Na bilheteria já está pendurado o cartaz: "Só para a próxima sessão". Espera-se que a sua população atinja 200 milhões ainda êste seculo. Logo que se tiver atingido essa cifra, haverá quem sinta sobre si a pressão da subsistencia. Os indivíduos que a sentem tornam-se desejosos de emigrar. E, será difícil segurar o Americano, se êle entender de o fazer.

O europeu hodierno que deseje lançar raízes onde haja largueza, pode ainda escolher, fóra dos Trópicos, entre a Nova Zelandia, Australia, Canadá, Africa do Sul, Chile, Argentina, Paraguai, Uruguai e Sul do Brasil. A capacidade de absorção de todos êsses países reunidos, é porém, ainda menor que a dos Estados Unidos no seculo XIX. A Australia é por demais sêca. A Nova Zelandia não é grande e nem a Africa do Sul está abaixo do Capricornio. A maioria do territorio canadense é setentrional demais para a agricultura e para o conforto da humanidade. A America do Sul, não póde abrigar grandes populações abaixo do 14° paralelo, mas, qualquer cêgo poderá ver que — tirante o regime político e as atuais condições sociais — no que respeita aos elementos naturais, — o clima e o solo —, a America do Sul, tem, entre o 20° e o 40° paralelo muito mais o que oferecer à humanidade migratoria, que qualquer dos domínios do Império Britanico.

Dissemos ainda linhas atrás que, a única fórmula de se conseguir a conquista da Amazonia é concentrar-se uma população densa no Planalto, ao Sul da baixada. Deixando-se porém, de lado, o Brasil tropical, é bem verdade que mesmo os seus Estados mais populosos são ainda sub-habitados. Bôa parte das zonas rigorosamente temperadas, dos Estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina continuam ainda hoje tão virgens como em 1500. Terras lindas, ricas, frescas, altas, deliciosas, irrigadas. Deveriam ser colonizadas logo.

Sob todos os pontos de vista, seria de desejar que, para aumento de sua importância política, o Brasil recebesse o mais logo possível grandes massas de imigrantes. Ainda hoje poderá êle escolher os seus hospedes na Europa e na Asia. Se, porém, isso não se fizer com maior rapidez, que durante os primeiros quatro seculos, é perfeitamente possível que pelo ano 2.000, o país tenha que aceitar os que para lá queiram ir. E porque

não? Existem hoje no mundo várias nações que, em relação ao Brasil, são mais fortes que Portugal de 1500, em relação a Santa Cruz. E a Doutrina de Monroe? Mas, que será das Americas se também o fiel cão pastor, que ha seculos vem arreganhando as suas presas temiveis aos lobos da Europa, tornar-se agressivo, como Portugal no seculo XVI? Quem poderá prevêr até onde irá o delirio que se apoderou da Alemanha ultimamente? Quem poderá imaginar onde irá parar a tendencia que revelam os Estados Unidos, de cada vez mais se emiscuirem nos assuntos mexicanos e nos das Antilhas? Quem poderá prevêr o que fará uma nação de 200 milhões de habitantes, pelo ano 2.000 se o poderío econômico continuar a gravitar para as suas mãos?

O Brasil é o único país Latino-Americano que possui condições físicas capazes de coloca-lo em situação de igualdade com os Estados Unidos. Nós, pessoalmente falando, gostaríamos de ver plenamente aproveitado todo êsse potencial.

Quanto aos meios, apraz-nos constatar que o Brasil tem mantido as suas portas sabiamente abertas aos asiaticos, os melhores agricultores do mundo. E' possível, entretanto, que continue a receber imigrantes, principalmente dos povos fâcilmente assimilaveis, do Mediterrâneo e que se esforce por conseguir indivíduos alfabetizados em proporção cada vez maior. O número porém, é de importância capital para o Brasil, se, quizer levar a termo a sua própria conquista.

Como poderá o país conseguir quantidade suficiente de imigrantes? Indagando-se qual o chamariz mais atraente para o forasteiro, pergunta-se inevitavelmente porque as grandes correntes migratorias da Europa dirigiram-se de preferencia às regiões temperadas, nos domínios de língua inglêsa, deixando de lado as abençoadas paragens, também temperadas do territorio latino? Maior liberdade de comércio. Maior liberdade

de religião. Melhores escolas. Universidades oficiais. Mas, o maior trunfo com que se poderia acenar a uma população que começava a sentir a pressão do meio, eram os 160 acres de terra com que o Tio Sam presenteara, durante o século XIX cada camponês europeu que tivesse fibra suficiente para pleiteá-los. Lar aos desamparados. Terras aos párias.

Fossemos nós, algum estadista brasileiro de projeção, insistiríamos sem cessar sobre a necessidade de se proceder a uma rápida demarcação das terras devolutas do Estado e de se fazerem leis que, sem alarde ou formalidade, colocassem nas mãos de cada imigrante capaz, as mesmas possibilidades de que atualmente dispõem os grandes latifundiários. Tendo-os instalado em regiões ligadas aos núcleos civilizados por meio de boas estradas, cuidaríamos de ajudá-los a melhorar a sua saúde e dar aos seus filhos educação melhor que a dê-les mesmos. Depois, quando saíssemos, em nosso corcel bem cuidado, a inspecionar o rápido desenvolvimento do país, olhariamos com desprezo para as hordas encurraladas do Oriente e para as nuvens negras do Setentrião, pois que a igualdade é condição que todo o mundo respeita.



O prototipo do homem da floresta.



A' esquerda: adolescentes aborígenes com seus adornos labiais característicos. Note-se o cabelo "à la garçon". A' direita: uma índia e seu filhinho.



Uma família selvagem. Note-se a zarabatana e a flauta nazal.



(Fotografia da Comissão Geo. e Geologica de S. Paulo).

SUCURI — Oídio gigantesco que infesta aguas e matas no Brasil. Os exemplares que acima se vêm, foram apanhados no Rio Grande, Estado de S. Paulo.



O resultado de uma caçada feliz: uma anta, uma capivara, um mutum — de carne tão saborosa como a do Perú selvagem — e, finalmente, um macaco.



Santa Cruz do Espírito Santo. A rua central é gramada, notando-se aos lados, trilhos de terra batida, abertos pelos pés descalços dos viandantes. As casas caladas são coladas, uma às outras, e construídas no alinhamento da rua. Esse é o tipo caraterístico de inumeras povoações do interior do Brasil.



Jumentos como estes são geralmente empregados no Brasil para o transporte de água e, mais raramente, na tração de veículos.



Os carros de bois do sertão são geralmente tirados por 6 ou 8 bois.



A' esquerda: a embarcação que tão importante papel desempenhou na historia do Brasil: a piróga, cavada num tronco de arvore.

A' direita: nas principais estradas do interior existem balsas para franquear os grandes rios



Batelão de carga no Rio São Francisco. A propulsão dessas pesadas embarcações, rio acima, a varejão, "cava um buraco fundo" no peito, como dizem os caboclos dessas paragens.

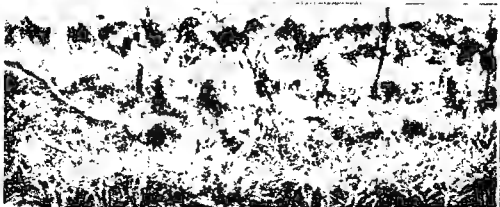


Uma balsa em Joazeiro, no Rio São Francisco.



(Fotografia da Comissão Geografica e Geologica)

Todo um ano de luta a varejão, a corda e a pulso, varando a carga em torno das cachoeiras, arrastando as pesadas embarcações contra corredeiras intermináveis ou por terra, sobre róis de madeira, suando, blasfemando, escorregando, cantando.



Em cima, á esquerda: Novilho Guzerat de 7 meses. E' evidente que um touro desta conformação terá que produzir descendencia muito diferente das raças conhecidas como de córte. O gado concunda de procedencia indiana, tem, até aqui, constituído o grosso da importação brasileira. Em baixo, á esquerda: a ilustração mostra o desenvolvimento do capim Jaraguá, no 1.º ano onde não ha gado pastando e a necessidade da queima.

Em cima, á direita: uma ponta de gado em viagem dos sertões da Baía e direção ao mercado, pela velha estrada de Jequié. Note-se o touro de chifres longos que vem á frente e as vaquinhas curraleiras que o seguem. Esses exemplares bovinos não denotam a presença de sangue zebú em suas veias.

Em baixo á direita: uma pastagem de capim jaraguá, plantado. Qualquer gado magro, ai adquire peso entre 2 e 6 meses.



Um comprador de gado, gaúcho, tomando chimarrão. Carne e mate não raro constituem os únicos elementos do regime alimentar do gaúcho, no rancho.

Um sertanejo do nordeste, vestido de couro da cabeça aos pés, como proteção contra os espinhos das caatingas.



Gaúchos, os vaqueiros do Rio Grande. Usam bombachas de fazenda leve e avental de couro para evitar que o laços lhes córte.



O gaúcho é bom cavaleiro. L'á mantas de pele de carneiro (pelegos) e, sobre os arreios uma manta de couro, com cujos apetrechos faz a sua cama à noite.



Este estranho arreo, para carga, encontra-se no Rio Grande do Norte. Consiste em um colchão que cobre o animal por inteiro — das orelhas à cauda e numa corda de meia polegada cortando o peito do quadrupede.



Engenhos primitivos como estes, encontram-se nos sítios mais pobres do país.



Abrindo o fruto do cacáu que constitue a maior produção agrícola da Bala.



Analfabetismo e Amarelão



Carroções cobertos adoptados pelos polacos no Estado do Paraná. Reminiscencias dos carretões do Conestoga, que faziam o transporte de mercadorias de Philadelphia a Alleghenies. Ao fundo vêm-se os pinheiros do Paraná.